comissão do

IV centenário

da cidade de são paulo

JOSÉ DE ANCHIETA, S. J.

POESIAS

Manuscrito do séc. XVI, em português, castelhano, latim e tupi. Transcrição, traduções e notas

de

M. DE L. DE PAULA MARTINS

são paulo 1954

COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO
SERVIÇO DE COMEMORAÇÕES CULTURAIS

POESIAS

JOSÉ DE ANCHIETA

POESIAS

Manuscrito do Séc. XVI, em português, castelhano, latim e tupi.
Transcrições, traduções e notas

de

M. DE L. DE PAULA MARTINS

Boletim IV — Museu Paulista — Documentação Lingüística, 4

Ven. P. Joseph de Anchieta
Brasiliae Apostolus
Novi Orbis
thaumaturgus

FIG. 1

Anchieta — óleo de Oscar Pereira da Silva. Coleção do Museu Paulista.

ÍNDICE

Apresentação XVII
Prefácio XXI
Agradecimento XXVII
Siglas 1
Indicações Bibliográficas 1
Notas Prévias 9

PRIMEIRA PARTE: REPRODUÇÃO DIPLOMÁTICA

		Orig.	
+	.....	+	17
I —	+	2	18
II —	Outra	2v	19
III —	O peccador ao minino Naſcido	3v	21
IV —	Outra de Vita X̊	4	22
V —	Otra	6v	27
VI —	Do ſ^{mo} ſacram^{to}	9	31
VII —	De ſ. Mauricio	11	35
VIII —	Cantiga	12	37
IX —	Outra	12v	38
X —	Otra	13	39
XI —	Outra. / ſ. tomedemira.	13	39
XII —	Outra	14	41
XIII —	Outra	14v	42
XIV —	Outra	15v	44
XV —	Outra	16	45
XVI —	Outra	16v	46
XVII —	Outra	17v	48
XVIII —	Outra	18	49
XIX —	Outra	18v	50
XX —	Outra	19	51
XXI —	Recebimẽto, q̃ fezeraõ oſ Jndioſ/ de guarapari ao P^{e} Prouĩ=/cial Marçal Belliarte	21	53
XXII —	Dãça de dez / mininoſ.	24v	58
XXIII —	Cãtiga por / o ſen Vẽtura / a N. Sõra	25	59
XXIV —	Cãtiga & querẽdo o alto Dſ	25v	60
XXV —	Cãtiga &/ el ſin Vẽtura	26	61
XXVI —	Da Aſsũpçaõ	26	61
XXVII —	Dia da Aſsũpçaõ, quãdo leuaraõ / ſua jmagem a Reritiba	27	63
XXVIII —	Outra	28	65
XXIX —	Outra	29	67
XXX —	Outra	29v	68
XXXI —	Outra	30	69
XXXII —	+	32	72
XXXIII —	qñ no ſpũ ſanto ſe recebeo huã reliquia daſ / 11 mil Virgenſ	33v	75

XXXIV	— Doſ Miſterioſ do Rozairo / de noſsa ſaĩ..	37	82
XXXV	— Del niño Jeſu // y deſumadre.	38v	85
XXXVI	— +	39v	87
XXXVII	— Da reſurreiçaõ	40v	89
XXXVIII	— +	41	90
XXXIX	— +	42	91
XL	— De Aſsumptione B Mariæ / Virginiſ	44	92
XLI	— Dialogo de X̃ comp.º diaz	53v	101
XLII	— +	56v	107
XLIII	— +	57	108
XLIV	— Na feſta de .ſ. Lçº	60	111
XLV	— Dança que ſefez na &ciſsaõ / de ſaõ Lourenço de / 12 mininoſ.	92	175
XLVI	— Mira Nero	94	178
XLVII	— ſobre el ciegoamor	94v	179
XLVIII	— Outra pola mesma toada / Eſta ſecantou eſtando S. / L.çº naſ grelhaſ.	95	180
XLIX	— Eſtaſ ſe fizeraõ na feſta / do P.e Ignacio dazeuedo / E ſeuſ Companhei / roſ.	95v	181
L	— +	97	184
LI	— outra	98	186
LII	— +	98v	187
LIII	— aliud	98v	187
LIV	— +	100	188
LV	— por graci gco gte	131	250
LVI	— +	132	251
LVII	— De Noſsa ſõr	132v	252
LVIII	— Outra	133	253
LIX	— +	133v	254
LX	— +	135	256
LXI	— Dança Doſ Reÿſ	143	274
LXII	— Da Conceiſaõ de Noſsa ſãr	146	276
LXIII	— por graci gco gte	147v	279
LXIV	— +	148	280
LXV	— +	158	300
LXVI	— Carta da Compa de Jeſuſ pera / o ſeraphico ſ. Fr.co	166	310
LXVII	— +	167	312
LXVIII	— +	167v	313
LXIX	— polo Moleiro	169v	317
LXX	— dança	170v	319
LXXI	— Outra	171	320
LXXII	— +	171v	321
LXXIII	— Da Conceiçaõ de N. ſa / por graci gco gte	171v	321
LXXIV	— Dança	172v	323
LXXV	— Outra	173	324
LXXVI	— +	173v	325
LXXVII	— +	174	326
LXXVIII	— Doſ Jrmaõſ Martyreſ	175v	329
LXXIX	— +	176v	331
LXXX	— +	177	332

LXXXI — + ... 177v 333
LXXXII — + ... 178 334
LXXXIII — Hũ peccador à Uirgẽ parida 181v 337
LXXXIV — Hum peccador ao / Minino naſcido 185v 341
LXXXV — Repueſta do Minino / naſcido al peccador.. 187v 343
LXXXVI — Na Viſitaçaõ de ſ. Jſabel 200 346

SEGUNDA PARTE : REPRODUÇÃO CRÍTICA

+ 361

Textos :

A — Poesias em português

1 — Do Santíssimo Sacramento 366
2 — De São Maurício 373
3 — Em Deus, meu criador 377
4 — Como vem guerreira ! 379
5 — A Santa Inês 381
6 — Ao P. Costa 385
7 — Quando, no Espírito Santo, se recebeu uma relíquia das Onze Mil Virgens 389
8 — Da ressurreição 398
9 — O pelote domingueiro 399
10 — Carta da Companhia de Jesus para o seráfico São Francisco..... 409
11 — Ao P. Bartolomeu Simões Pereira 412
12 — Ao P. Bartolomeu Simões Pereira 414

B — Poesias em castelhano

1 — El buen pastor 418
2 — Jesus e o pecador : I — O menino nascido ao pecador II — O pecador ao menino nascido 421
3 — De uita Christi 425
4 — Desconsolada 432
5 — Cantiga 435
6 — Venid 437
7 — Por te dar mi amor 438
8 — São Tomé de Mira 440
9 — ¡ No ! 442
10 — ¿ Quién verá al pastor? 443
11 — ¡ Enhorabuena ! 447
12 — Campanas 449
13 — En el huerto 452
14 — Enamorados 454
15 — Del niño Iesú y de su madre 456
16 — Prima 459
17 — Diálogo de Cristo com Pero Dias 460
18 — A Inácio de Azevedo 464
19 — Ao Irmão Manoel 466
20 — ¡ Mira Nero ! 469
21 — Sobre el ciego amor 471

22 — Cantiga 472
23 — Por graciar Iesú Cristo 474
24 — Corona de rosas 476
25 — De Nossa Senhora 477
26 — ¡ Por ti muero ! 478
27 — Iesú 480
28 — A Pero Dias 481
29 — Dos Irmãos Mártires 483
30 — A Inácio de Azevedo 485
31 — São Cristóvão 487
32 — ¡ Desdichado pecador ! 489
33 — Um pecador à Virgem parida 494
34 — O pecador e o menino : I — Um pecador ao menino nascido II — Resposta do menino nascido ao pecador 499
35 — Na visitação de Santa Isabel 505

C — Poesias em latim

1 — Ladainha 531
2 — De Assumptione Beatae Mariae Uirginis 533

D — Poesias em tupi

1 — Cantiga por o sem ventura a Nossa Senhora 552
2 — Cantiga por querendo o alto Deus 554
3 — Cantiga por el sin ventura 556
4 — Da Assunção 558
5 — Dia da Assunção, quando levaram sua imagem a Reritiba 561
6 — Pitangĩ 573
7 — Tupána kuápa 576
8 — Trilogia 578
9 — Dos mistérios do rosário de Nossa Senhora 581
10 — Pitangĩ porangeté 590
11 — Oú, tubixá katú 595
12 — Da Conceição de Nossa Senhora 596
13 — Na aldeia de Guaraparim 601
14 — A Nossa Senhora 639
15 — Polo moleiro 646
16 — Dança 652
17 — Da Conceição de Nossa Senhora 654
18 — Tupansý, Santa Maria 658

E — Poesias polilíngües

1 — Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao Padre Provincial Marçal Beliarte (*português-tupi*) 663
2 — a) Na festa de São Lourenço (*castelhano-tupi-português*) 681
b) Na festa do Natal (*tupi-castelhano-português*) 747
3 — Brasil (*português-latim*) 773
4 — Aliud (*latim-português*) 774
5 — Na Vila de Vitória (*castelhano-português*) 775
6 — Dança dos Reis (*tupi-português*) 831

Resumo 833

ou AUTO DA PROPAGAÇÃO UNIVERSAL

ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 — Anchieta — óleo de Oscar Pereira da Silva. Coleção do Museu Paulista. IX

,, 2 — As primeiras fôlhas do caderno de Anchieta. A nota inicial deve ser de Antonil. 8-9

,, 3 — As pp. 202v e 203, em autógrafo de Anchieta, parcialmente destruídas 10-11

,, 4 — A última página do caderno de Anchieta (*autógrafo*). A nota final deve ser de Antonil. 12-13

,, 5 — Táboa a óleo, muito antiga, que se supõe representar Anchieta. Pertence ao Colégio São Luís, da Companhia de Jesus, em São Paulo (*anônimo*). 358-359

,, 6 — Aspecto atual da Igreja do Rosário, de Vila Velha, à qual se teria destinado "Na visitação de Santa Isabel". 506-507

,, 7 — *Ao alto*: O Convento da Penha, em Vila Velha, no Espírito Santo. *Em baixo*: O santuário primitivo e a pequena gruta que, dizem, serviu de abrigo a Frei Palácios, seu fundador. 520-521

,, 8 — Aspectos de Anchieta, antiga Reritiba, no Espírito Santo. 562-563

,, 9 — *Em cima:* Aspecto atual do Convento Anchieta, em Anchieta, antiga Reritiba, no Espírito Santo. *Em baixo:* O mesmo Convento segundo gravuras antigas. 566-567

,, 10 — Aspecto atual da cela onde morreu o Venerável P. José de Anchieta. Constitui hoje um pequeno museu religioso. 568-569

,, 11 — Fragmento, considerado autêntico, de um osso de Anchieta, conservado em sua cela, em Anchieta, no Espírito Santo. 570-571

,, 12 — Certificado referente à autenticidade do fragmento ósseo conservado na cela de Anchieta. 570-571

,, 13 — A imagem de Nossa Senhora da Assunção, que se conserva na cela onde morreu o P. José de Anchieta e que seria a mesma a quem dedicava os seus arroubos poéticos. 572-573

,, 14 — Aspecto atual da igreja de Guaraparim, restaurada pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional. Nela se teria representado parte da peça "Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao P. Provincial Marçal Beliarte" 602-603

,, 15 — A "Fonte dos Padres", em Guaraparim, onde, ainda hoje, se abastecem as lavadeiras. 602-603

,, 16 — Ruínas da igreja iniciada em princípios do séc. XVII, em Guaraparim, e destinada a substituir a velha, dos jesuítas 602-603

,, 17 — A Capela de São Lourenço, no morro do mesmo nome, em Niterói. 680-681

,, 18 — Distribuição topográfica dos textos E 2 a e E 2 b 746-747

,, 19 — O antigo Colégio dos Jesuítas (*a*), hoje Palácio do Govêrno (*b*), em Vitória, no Espírito Santo. 776-777

,, 20 — A antiga Igreja de Santiago, em Vitória, no Espírito Santo, hoje Secretaria da Educação. Nela se teria representado "Na Vila de Vitória". 780-781

,, 21 — A lápide de Anchieta, conservada no Palácio do Govêrno de Vitória, no Espírito Santo, em compartimento reservado e recentemente decorado. 830-831

,, 22 — Anchieta — tela existente em Tenerife, sua terra natal. 834-835

Apresentação

A comovedora e edificante figura de Anchieta é a mais representativa da cristianização do Brasil. É também a de um dos maiores contribuidores para a formação de uma unidade cultural cada vez mais distinta: a cultura brasileira. Cartas, "informações" e outros escritos do insigne jesuíta são subsídios para a historiografia. Sua "Arte de Grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil" é a primeira tentativa de sistematizar o estudo de uma língua indígena desta terra e continua sendo fonte preciosa para o conhecimento do tupi antigo. Sua "Informação dos casamentos dos indios do Brasil" constitui um dos mais importantes documentos etno-sociológicos de sua época. Na literatura sôbre os nossos índios, certas das suas observações relativas à organização de parentesco têm similares só em alguns trabalhos recentes.

Também a presente obra é rico manancial científico. Seus fac-símiles abrem aos estudiosos acesso direto a reproduções do vernáculo brasileiro quinhentista mais fiéis à realidade do que a "Arte de Grammatica" talhada em molde latino. Ouso dizer que os textos de tupi destinados a serem ouvidos pela população indígena satisfazem mais às exigências da lingüística moderna do que todos os outros documentos sôbre idioma do Brasil daquele tempo. E para mais ainda aumentar o seu valor confiou-se sua publicação e anotação a uma especialista de tão reconhecida competência como a Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins.

Mas, o estudioso das coisas brasileiras encontrará, neste volume, ainda muitos dados de outra espécie, informações sôbre a vida de então, seus aspectos culturais, sociais e materiais. E penetrará cada vez mais na compreensão da personalidade do venerável apóstolo que, justamente por ocasião da comemoração do IV centenário de fundação da cidade de São Paulo, está mais vivo que nunca no coração de seus inúmeros admiradores.

* * *

A fim de legalizar convenientemente a presente publicação, dirigi a Sua Reverendíssima, o Padre Provincial da Companhia de Jesus no Brasil Central, o seguinte ofício:

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
MUSEU PAULISTA
Diretoria

N.º 61

São Paulo, 28 de fevereiro de 1953.

Reverendíssimo Provincial:

Tendo o Museu Paulista merecido a honra de ver incluída na Biblioteca do IV Centenário da Cidade de São Paulo, a publicação de textos poéticos de Anchieta, elaborados pela Sra. Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins, dêste Museu, venho respeitosamente à presença de Vossa Reverendíssima para expor e solicitar o seguinte:

a) Os originais dos textos citados pertencem à Companhia de Jesus e se encontram em seus Arquivos, em Roma, onde foram, há tempo, fotocopiados pelo Revmo. P. José da Frota Gentil, S. J.

b) Os documentos sôbre os quais se baseiam os trabalhos dêste Museu são reproduções das fotocópias obtidas pelo referido P. Frota Gentil, algumas fornecidas por êle próprio ao Prof. Dr. Plínio Ayrosa e as demais confiadas pelo Revmo. P. Armando Cardoso à Sra. Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins, para estudos na Cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, estudos que, posteriormente, por transferência daquela Sra., prosseguiram na Secção de Documentação Lingüística do Museu Paulista.

c) Embora, com o conhecimento e consentimento da admirável Companhia de Jesus, tenham já sido parcialmente divulgados, em publicações da Faculdade e do nosso Museu, alguns dêsses textos ("Na festa de São Lourenço", "Na vila de Vitória", "Na visitação de Santa Isabel"), cumpre-me, no momento em que deverá sair a lume o conjunto dos textos, solicitar a autorização oficial da Companhia de Jesus para a publicação integral do caderno de Anchieta.

Eu desejaria, ainda, solicitar a Vossa Reverendíssima, como prefácio da publicação, uma nota da Companhia, explicando a procedência dos documentos que, tão generosamente, cedeu. Nesse sentido, queria lembrar quão valioso seria o testemunho do P. Frota Gentil, que os obteve e deve estar a par dos problemas de sua origem.

Certo de que Vossa Reverendíssima, pela proximidade da comemoração do IV Centenário da Cidade de São Paulo e, portanto, da data prevista para a publicação, não deixará de considerar a urgência do meu pedido, apresento à Companhia de Jesus, tão dignamente representada por Vossa Reverendíssima, os meus melhores agradecimentos pela oportunidade que foi concedida ao Museu Paulista de proceder a estudos sôbre os mais extensos textos de tupi antigo até hoje conhecidos e outros documentos quinhentistas.

Valho-me da oportunidade para apresentar a Vossa Reverendíssima os protestos da minha mais elevada estima e distinta consideração.

(a) *Herbert Baldus*
Diretor em exercício

A Sua Reverendíssima, o Padre Provincial da Companhia de Jesus
Rua de São Clemente, 226
Botafogo
Rio de Janeiro

Sua Reverendíssima teve a bondade de me enviar a seguinte resposta:

IHS
R. P. PROVINCIAL
Da Província do Brasil Central

Rua São Clemente, 226 — Botafogo
Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 4 de março de 1953

Exmo. Sr. Dr. Herbert Baldus
DD. Diretor do Museu Paulista

Acuso o recebimento de seu honroso ofício n.º 61, de 28 de fevereiro último, no qual V. Excia. pede o devido consentimento, em nome da Companhia de Jesus, para que sejam publicados por êsse Museu textos poéticos do Venerável Padre José de Anchieta, fotocopiados em Roma pelo P. José da Frota Gentil, S. J. e elaborados pela Exma. Snra. Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins. Requer, outrossim, V. Excia., que o mesmo Padre José da Frota Gentil possa prefaciar a coletânea, que ora sai a lume como parte da Biblioteca do IV Centenário da Cidade de São Paulo, publicada por êsse Museu.

Cabe-me, antes de tudo, agradecer a V. Excia., como Diretor de tão notável instituição, a delicada atenção e a auspiciosa notícia, a mim comunicada.

Concedo, de todo coração e com ânimo reconhecido, a autorização que se pede, em nome da Ordem por mim representada, e de boa mente permito que o Padre José da Frota Gentil, a quem já notifiquei o seu indeclinável convite, redija o prefácio solicitado.

Reiterando a V. Excia. os sentimentos de sincera gratidão, em nome da Companhia de Jesus, e a expressão de minha profunda admiração, subscrevo-me

de V. Excia.
humilde servo em Jesus Cristo,

(a) *P. J. B. Rocha, S. J.*
P. João Bosco Rocha, S. J.
Prep. da Prov. do Bras. Centr.

Exmo. Sr.
Dr. Herbert Baldus
Museu Paulista
Secretaria de Educação
São Paulo

* * *

Cumpre-me, pois, agradecer ao Reverendíssimo Padre Provincial da Companhia de Jesus a amabilidade e boa vontade demonstradas em sua carta, aos Reverendíssimos Padres José da Frota Gentil e Hélio Viotti a colaboração e, last not least, *à minha prezada colega Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins, os grandiosos esforços aplicados a uma publicação que, sobremaneira, honra o Museu Paulista.*

HERBERT BALDUS

Prefácio

Sob os auspícios da Comissão do IV Centenário da Fundação de São Paulo, apresenta o Museu Paulista à luz da publicidade, pela primeira vez integralmente, esta coletânea de poesias anchietanas, primeiro monumento literário do lirismo e da arte dramática no Brasil. Boa parte, efetivamente, do Livrinho de várias poesias do Venerável Padre José de Anchieta, — *título que se lê na nota prévia aposta ao original —, mormente a sua produção em castelhano, permanecia até agora inédita.*

Até fins do século XVIII, como consta do catálogo dos Scriptores Provinciae Brasiliae, *sòmente a sua gramática tupi, o poema da Vida de Nossa Senhora, as "Piae Laudes" e algumas cartas em português e latim haviam sido publicadas. Restavam inéditos não poucos dramas sagrados, o poema dos Feitos de Mem de Sá e a História dos Jesuítas no Brasil* (Gesù, Colleg. *20, f. 9; S. Leite, I, 533). Excetuados os poemas e as "Piae Laudes", das poesias de Anchieta apenas as dramáticas vêm explìcitamente mencionadas nesse catálogo assaz incompleto, levantado já após a supressão da Companhia de Jesus — seguramente posterior a 1780 — por algum membro da antiga Província do Brasil.*

Afora poucas poesias avulsas, estampadas em livros e publicações periódicas, só em 1923 aparece a primeira coletânea. Por feliz iniciativa de Afrânio Peixoto, logrou nesse ano a Academia Brasileira de Letras reunir e publicar, em pequeno volume intitulado Primeiras Letras *e com o subtítulo de* Cantos de Anchieta, *uma parte de suas composições poéticas em português e tupi. Estas últimas, na versão por demais infiel do Padre Dom João da Cunha. Colhidas aliás, tôdas elas, em cópias manuscritas bastante imperfeitas, obtidas em Roma por Franklin Massena, em 1863, que se guardam no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; e algumas, pelo Barão de Arinos, que as cedeu a Melo Morais Filho e por êste foram estampadas, em apêndice, no seu* Curso de Literatura Brasileira *(Rio, 1882).*

À competência científica, ao diuturno e devotado empenho da Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins, que, à frente da Secção de Documentação Lingüística do Museu Paulista, havendo já publicado (Boletim *n. I, 1948 e n. III, 1950) algumas peças anchietanas,*

traduziu agora inteiramente os textos da língua tupi, transcreveu e anotou o precioso códice do Arquivo da Companhia de Jesus em Roma (Opp. NN. 24), *fica hoje a dever a cultura nacional — bem como às entidades supramencionadas — um inestimável serviço.*

Se nenhum outro mérito possuíssem estas Poesias *de Anchieta, o fato só de constituírem um documento pràticamente único no seu gênero pertencente ao século XVI, verdadeiro pórtico da literatura brasileira, justificaria o alvorôço com que hão de saudar o aparecimento desta obra todos aquêles a quem a ilustração mental, o amor ao passado de sua pátria, o justo aprêço pelas manifestações culturais de nossos antepassados concedem a capacidade de avaliar a significação do acontecimento. Não fôssem estas* Poesias *mais um legado de quem, merecidamente, vem sendo apontado como um dos forjadores da nacionalidade!*

Acresce ainda que, embora nem tôdas as composições desta coletânea apresentem o mesmo quilate, quer quanto à forma, quer quanto à substância artística das idéias e dos sentimentos, é de justiça reconhecer a existência nela de autênticas jóias literárias. Evidentemente que o tema invariàvelmente religioso-parenético não é de molde a satisfazer todos os paladares. Cabe, porém, ao crítico sobrepor-se à própria ideologia e aos pendores pessoais, para julgar com isenção se, dentro das concepções e do ambiente em que viveu, da meta a que visou, conseguiu ou não o artista realizar, de maneira mais ou menos perfeita, a sua obra de arte.

Interêsse constante e já agora secular vêm mantendo nossos homens de letras, tupinólogos, historiadores e literatos em tôrno destas poesias anchietanas. Além dos que acima mencionamos, poderíamos indicar ainda Joaquim Norberto, Batista Caetano, Couto de Magalhães, Pereira da Silva, Sílvio Romero, Luís Gonzaga Cabral, S. J., Eugênio Vilhena de Morais, Celso Vieira, Armando Cardoso, S. J., Carlos Sussekind de Mendonça e quantos se têm ocupado com as origens do teatro no Brasil. O mesmo se diga de tôdas as mais altas instituições culturais do país. A Academia Brasileira de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Arquivo Nacional, a Universidade de São Paulo, disputariam, temos certeza disto, ao Museu Paulista, a honrosa iniciativa.

Com a presente edição integral, se não perfeita — tal é a condição de tôdas as obras humanas —, pelo menos realizada com a preocupação do rigor científico e da maior objetividade, abre-se, finalmente, para o público em geral e principalmente para os mestres da boa arte literária, a oportunidade de estabelecer criticamente o valor de Anchieta como poeta lírico e dramático, dentro do cenário do nosso quinhentismo colonial. E, se no Brasil sua posição, para a época, é absolutamente ímpar —, qual o seu pôsto, segundo critérios que se não limitem às nossas fronteiras, no panorama mais vasto da literatura universal.

* * *

Minha tarefa, ao empreender êste prefácio, em colaboração com o Padre José da Frota Gentil, S. J., e por delegação da Companhia de Jesus, possuidora, em seu arquivo central de Roma, do precioso documento, é sobretudo comprovar-lhe os caracteres de indiscutível autenticidade. Através de provas extrínsecas de ordem histórica e de argumentos intrínsecos fornecidos pela materialidade do próprio documento, não será difícil, — em refôrço da análise feita pela ilustre anotadora e tradutora dos textos brasílicos —, traçar-lhe a trajetória de quase quatro séculos, das mãos de Anchieta para as dos eventuais leitores destas Poesias.

No Archivum Romanum Societatis Jesu, *na Cúria dos Jesuítas, em Roma, examinou o Padre José da Frota Gentil, S. J., em 1929, em busca de documentos relativos ao Venerável Padre José de Anchieta, o códice aí guardado sob a cota* Opp. NN. 24, *dêle obtendo, no ano seguinte, boa reprodução fotográfica, que trouxe para o Brasil, ao regressar em fins dêsse mesmo ano de 1930. Notemos de passagem que outros arquivos dos jesuítas, em Roma, além dêsse, possuem documentação de interêsse para o Brasil e para a história de Anchieta: o "Arquivo da Pontifícia Universidade Gregoriana" e o da "Postulação Geral" das causas dos servos de Deus da Companhia de Jesus. Possui êste último, por exemplo, cópia caligráfica dêste mesmo códice (S. Leite, VIII, 29).*

Para o arquivo central da Ordem entrou, com alguns mais, êste documento, entre 1731 e 1733, enviado que foi para Roma, para a revisão dos escritos de Anchieta, exigida em vista de sua beatificação pela Sagrada Congregação dos Ritos. Sem tal circunstância providencial, teria seguramente perecido, como tantos outros, no ruinoso descalabro dos "cartórios" jesuíticos do Brasil e de Portugal, que se seguiu ao decreto de banimento da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal. Se ainda em 1788 sobreviviam, no antigo Colégio da Bahia, segundo o testemunho de Domingos Alves Branco (R. I. H. G. B., XIX 48, 55, 56, 59), Cartas *jesuíticas em dois copiadores diferentes, manuscritos vários e até um* Discurso *de Nóbrega, — que é feito hoje de tudo isto? À traça alia-se a incúria e a inconsciência...*

A 26 de agôsto de 1730 escrevia o Arcebispo da Bahia, D. Luís Álvares de Figueiredo, à Sagrada Congregação dos Ritos, anunciando terem-se encontrado no Colégio dos Jesuítas na Bahia os opúsculos, manuscritos e a Arte, "o que tudo, juntamente com o... auto sôbre as diligências executadas, envio a essa Sagrada Congregação, enfeixado em um volume envôlto em sêda verde, perfeitamente fechado e lacrado com o carimbo de nossas armas, claramente impresso em dois lugares" (Responsio ad novas animadversiones, Sum. Objectivum n. 3, p. 5, Romae, 1735).

Entre os opúsculos manuscritos, enumerados no Decreto de 26 de março de 1733 da Congregação dos Ritos, citam-se, sob o n. 2, "uma coleção de poesias sacras, hinos e composições em honra e louvor de Deus, da Virgem Ssma. e dos Santos"; sob o n. 4, "um auto por ocasião de se admitir na Companhia um noviço"; sob o n. 5, outro

auto "por ocasião da transladação das relíquias de santas Virgens"; e sob o n. 8 e último, "um livro completo em que se contêm várias obras espirituais e poesias sagradas, escritas em língua portuguêsa e brasílica" (Positio super dubio, *Romae, 1733,* Summ. Additionale, *p. 2*).

O exame do auto ("processiculum"), com que se acompanhou a remessa para Roma, feita pelo Arcebispo da Bahia, dos opúsculos manuscritos de Anchieta, poderá decidir claramente sob qual dos itens *acima enumerados, se o n. 2 ou o n. 8, estava contido o códice* Opp. NN. 24. *Entretanto, pela menção que sob o n. 8 se faz de composições na língua brasílica, parece-nos que é com êsse último* item *que o devemos identificar. O fato de se não mencionarem expressamente as composições em castelhano não pode estranhar. Fora da Península Ibérica, em Roma, mormente naquela época, pouca atenção se deveria dar à distinção entre o português e o espanhol.*

Nesse caso o item *n. 2 designaria o códice* Opp. NN. 23, *preparado, segundo parece, para publicação, pelo Padre João Antônio Andreoni, e que constitui uma seleção de poesias em português e castelhano, às quais dera o título de* El Canarino del Cielo. *Tal códice pertence igualmente ao* Archivum Romanum Societatis Jesu. *Compõe-se de duas partes: a* Doutrina do Venerável Padre José de Anchieta *e* El Canarino del Cielo, *que abrange vinte e cinco composições líricas, cada qual com seu título apropriado, transcritas por mão de Andreoni, como insinua a página de rosto e fàcilmente demonstra o cotêjo com autógrafos seus.*

* * *

Muito antes disso, em 1643, dava notícia o Provincial Manuel de Oliveira, em carta que publicamos no Jornal do Comércio *de 31 de maio de 1953, dirigida ao Geral Múcio Vitelleschi, da existência, nos arquivos da Província, de poesias de Anchieta, não só as latinas, mas também as portuguêsas. Simão de Vasconcelos, então Vice-reitor do Colégio da Bahia, se dispunha a pôr em forma tais poesias para a publicação. E a carta pede expressamente para isso a licença do Geral* (Bras. 3(1), 237).

Na sua Vida do Venerável (*Lisboa, 1672*), *bem como na* Crônica (*Lisboa, 1663*), *mais de uma vez alude Vasconcelos às poesias líricas e dramáticas de Anchieta, "que ainda hoje andam de sua mesma letra"* (Vida, *l. 1, c. V, n. 6*). *Referências igualmente explícitas encontram-se no* Agiológio Lusitano (*III, 608, Lisboa, 1666*) *e na* Vida do Padre José de Anchieta, *escrita em 1605-1606, por Pero Rodrigues* (Anais da Bibl. Nac., *XXIX, 208-210 etc.*). *Mas já em 1598, na* Breve Relação, *consignara Quirício Caxa essa atividade poética de Anchieta* (Op. cit. *1934, 14*).

Inúmeros, por outra parte, são os depoimentos dos Processos *para a beatificação de Anchieta, em que a isso se referem as testemunhas. A propósito de suas* Cantigas, *declara Baltasar de Horta,*

tê-las cantado "sendo moço..., em companhia de outros, pelas ruas e praças". De si atesta João de Sousa Pereira que Anchieta "lhas dava escritas e as fazia cantar". Narra êste último, mas também o filho de Jerônimo Leitão, Padre Francisco da Silva, e os irmãos Aleixo e Pedro Leme terem tomado parte, como atores, em diversos de seus autos.

Que muitas destas poesias anchietanas se destinassem para o canto, um exame atento dêste códice deixa perfeitamente comprovado. À pág. 95, nota-se, por exemplo: "Outra pela mesma toada. Esta se cantou *estando São Lourenço nas grelhas". Tal disposição artística de Anchieta para utilizar a música como fator de educação moral e religiosa, era sem dúvida uma tendência de sua formação familiar. Parente seu indubitàvelmente foi o Maestro da Capela Real, D. João de Anchieta, compositor e poeta, de Urrestilha, na Guipúscoa, donde emigrou para as Canárias o pai de José de Anchieta. Em Tenerife, dois irmãos seus, sacerdotes, — diz o depoimento de André do Sim —, ensinaram "uns irmãos dêle, testemunha, também sacerdotes, a tanger cravo e órgão"* (Proc. Apost. do Rio de Janeiro, 83v).

* * *

Frisa a Nota prévia do códice Opp. NN. 24 *que o fato de ser o Venerável Padre José de Anchieta o autor das várias poesias contidas no livrinho de 208 folhas numeradas era* fama antiga e constante *entre os jesuítas do Brasil. De resto, a mais ligeira análise da matéria da maioria das composições dêste códice — as escritas em tupi desde logo, tôdas as de caráter dramático, outras muitas, cujo conteúdo, explicita ou implìcitamente envolve assunto relativo da mesma forma ao Brasil ou aos jesuítas do Brasil — não deixa a menor dúvida de que o documento tem que forçosamente inserir-se no ambiente histórico do nosso país no século XVI. Quanto a outras poesias em castelhano, o fato de ser Anchieta espanhol lhe confere precedência indisputável nessa indagação de autor.*

Excluído, aliás, o autor português da Prosopopéia, *poemeto impresso em Lisboa em 1601 e cujo tema se prende à batalha de Alcácer-quibir, embora respeite igualmente ao Brasil, — que outro nome de poeta quinhentista em nossa terra foi até hoje documentadamente apontado, dentro ou fora da Companhia de Jesus, além daquele, cuja celebridade de santo, missionário e poeta, proporcionou ao jesuíta baiano Padre Francisco de Almeida assunto para um poema latino em verso heróico e juntamente o título, altamente sugestivo, de* Orfeus Brasilicus, *obra impressa em Lisboa em 1737 (S. Leite, VIII, 6)?*

Argumento irrefutável, nem um sequer foi até hoje aduzido, que nos imponha admitir autor diferente, daquém ou dalém-mar, para qualquer destas poesias. No artigo já citado, no Jornal do Comércio *de 31 de maio de 1953, o deixamos demonstrado a respeito de ligeiras reservas para duas composições anchietanas em*

português, reservas dubitativamente *apresentadas por Serafim Leite, S. J. (História, VIII, 184). Nem há por que voltar a êste ponto. Histórica e cientìficamente, portanto, tôdas as peças contidas neste códice, sem discrepância, continuarão sendo atribuídas ao Padre José de Anchieta.* Poesias de Anchieta *é bem o título que convinha a êste livro.*

* * *

Cedidas, como foram, para cópia, as fotografias do códice Opp. NN. 24 *do* Archivum Romanum Societatis Jesu, *pela Companhia de Jesus ao Museu Paulista — do que oficialmente dão fé os documentos que vão incluídos neste volume — e depois do benemérito e pacientíssimo labor da Dra. Maria de Lourdes de Paula Martins, hoje, finalmente, se efetua o que os antigos jesuítas Padre Manuel de Oliveira, Simão de Vasconcelos, João Antônio Andreoni outrora almejaram fazer: entregar ao público estas poesias de Anchieta.*

E aqui tem o leitor, na medida em que nos foi possível, traçada a trajetória desta obra. Longa foi ela até aqui. Maior será para o futuro. Para glória de Anchieta, auguramo-lo confiantes, e regozijo de sucessivas e sempre mais numerosas gerações de brasileiros.

Pe. Hélio Abranches Viotti, S. J.

Agradecimento

Muitas pessoas contribuíram para que se desse à publicidade o presente volume.

Quase tôdas, por diferentes modos, procuraram favorecê-lo. Agradeço-lhes profundamente.

Algumas tentaram obstar-lhe a execução. Estimularam, de certa forma, o meu esfôrço.

Devo, porém, consignar especial referência à ação decisiva de três nomes ilustres: Embaixador José Carlos de Macedo Soares, que não hesitou em abrigar o meu trabalho no Museu Paulista; Prof. Fidelino de Figueiredo, que o amparara nobremente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo; e Sérgio Buarque de Holanda, que acompanhou o seu desenvolvimento até final publicação pela Comissão do IV Centenário.

A todos, muito obrigada.

M. de L. de Paula Martins

São Paulo, maio de 1954.

SIGLAS

A — poesias em português
B — poesias em castelhano
C — poesias em latim
cf. — confronte
D — poesias em tupi
E — poesias polilíngües
fcs. — facsímile
ms. — manuscrito
NI — Nota Inicial (da peça, IIª)
NP — Notas Prévias
ns. — números referentes às peças do manuscrito
p.,pp. — página, páginas
sgs. — seguintes
v. — verso da página
V.,VV. — verso, versos
( ) — nota de rodapé
* — indicação do original manuscrito
\+ — sem título, sem número ou sem autor
Iª — primeira parte
IIª — segunda parte

As demais siglas referem-se a obras constantes das Indicações Bibliográficas.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

	OBRA	EDIÇÃO	AUTOR
A	Anchieta	Pequena Biblioteca de Literatura Brasileira, I. Editôra Assunção Limitada. São Paulo. (1946)	José de Anchieta, Resenha por M. de L. de Paula Martins.
AG	Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil	Edição da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1933.	José de Anchieta
AM	Anchieta e a Medicina	Biblioteca Mineira de Cultura. Edições Apolo. Belo Horizonte. 1935.	Lopes Rodrigues
BFF-XXIV	Contribuição para o estudo do teatro tupi de Anchieta (Diálogo e Trilogia)	Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, XXIV. Etnografia e Língua Tupi-Guarani, 3. São Paulo. 1941.	José de Anchieta. Tradução e notas de M. de L. de Paula Martins.

	OBRA	EDIÇÃO	AUTOR
BFF-LI	Poesias Tupis (Séc. XVI)	Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, LI. Etnografia e Língua Tupi-Guarani, 6. São Paulo. 1945.	José de Anchieta. Tradução e notas de M. de L. de Paula Martins.
BMP-I	Auto representado na festa de São Lourenço. Peça trilíngüe, do séc. XVI, transcrita, comentatada e traduzida, na parte tupi.	Boletim do Museu Paulista, I. Documentação Lingüística, 1. Ano I. São Paulo. 1948.	José de Anchieta. Transcrição, comentários e tradução de M. de L. de Paula Martins.
BMP-III	Na Vila de Vitória e Na Visitação de Santa Isabel. Peças em castelhano e português, do século XVI, transcritas e comentadas.	Boletim do Museu Paulista, III. Documentação Lingüística, 3. Ano II-III. São Paulo. 1950.	José de Anchieta. Transcrição e comentários por M. de L. de Paula Martins.
BRJ	A Baía do Rio de Janeiro	Segunda Edição. Rio de Janeiro. Tipografia Militar de Costa & Santos. 206, Rua do Hospício. 1882.	Augusto Fausto de Sousa
C	Cartas (1549-1560)	Rio de Janeiro. Imprensa Oficial. 1886.	Manuel da Nóbrega
Ca	Cânticos do P. Anchieta	Diário Oficial da União. Números de 15 a 20 de dezembro de 1882. Rio de Janeiro.	Batista Caetano de Almeida Nogueira
CA	Cartas Avulsas, 1550-1568.	Publicação da Academia de Letras, 1931. Oficina Industrial Gráfica. R. da Misericórdia, 74. Rio de Janeiro.	
CB	Corografia Brasílica ou Relação Histórico-geográfica do Reino do Brasil, composta e dedicada a Sua Majestade fidelíssima por um presbítero secular.	Na Imprensa Regia. Rio de Janeiro. MDCCCXVII.	Aires de Casal
CI	Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões (1554-1594).	Civilização Brasileira, S. A. Rua do Lavradio, 160. Rio de Janeiro. 1933.	José de Anchieta
COB	Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas	Impresso em Lisboa, na oficina real Deslanderina, com as licenças necessárias, no ano de 1711. Novamente impresso no Rio de Janeiro. Em casa de Sousa & Cia. Rua dos Latoeiros n.º 60. 1837.	André João Antonil

	OBRA	EDIÇÃO	AUTOR
Cr.	Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil	Lisboa. Em casa do Editor A. J. Fernandes Lopes. Rua Áurea, 132-134. MDCCCLXV.	Simão de Vasconcelos
DAB	Dicionário dos Animais do Brasil	Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo.	Rodolfo von Ihering
DB	De Beata Virgine Dei Matre Maria	Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Arquivo Nacional. Vol. XXXVII das Publicações. Rio de Janeiro. Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional.	Armando Cardoso, S. J.
DES	Dicionário de Etnologia e Sociologia	Companhia Editôra Nacional. São Paulo. 1939.	Herbert Baldus e Emílio Willems
DLB	Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Brasileira	A Noite editôra. Praça Mauá, 7. Rio de Janeiro.	Laudelino Freire
DSB	A Dinastia dos Sás no Brasil	Agência Geral das Colônias. Divisão de Publicidade e Biblioteca. Lisboa. MCMXLIII.	Luís Norton
HCJB	História da Companhia de Jesus no Brasil	Livraria Portugália. Rua do Carmo, 75. Lisboa. Civilização Brasileira. Rua 7 de Setembro, 162. Rio de Janeiro. 1938.	Serafim Leite, S.J.
HSC	História de Santa Catarina	Editôra proprietária Companhia Melhoramentos de São Paulo. Rio. 1930.	Lucas A. Boiteux
JO	Jakaré-Ouassou ou Les Tupinambás, chronique Brasilienne	Paris. 1890.	D. Gavet e P. Boucher
MAB	Os mapas mais antigos do Brasil	*In* Revista do Instituto Histórico de São Paulo. 1902. VII: 227-254.	A. Orville Derby
MDH	Memória Histórica e Documentada das Aldeias de Índios da Província do Rio de Janeiro	*In* Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Rio de Janeiro, 1894. XVII: 71-532.	Joaquim Norberto de Sousa e Silva
MH	Memórias Históricas do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro. 1822.	José de Sousa Azevedo Pizarro e Araújo
NB	Notícia do Brasil	Livraria Martins Editôra. São Paulo.	Gabriel Soares de Sousa

	OBRA	EDIÇÃO	AUTOR
NPM	Nossos Peixes Marinhos. Vida e Costume dos Peixes do Brasil.	F. Briquet & Cia. Travessa do Ouvidor, 11. Rio de Janeiro. 1952.	Eurico Santos
PL	Primeiras Letras	Edição da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro. (1923)	+
RAM	Revista do Arquivo Municipal	Departamento de Cultura. Prefeitura do Município de São Paulo.	
REA	Revista da Exposição Antropológica Brasileira	Tipografia de Pinheiro & C. Rua 7 de Setembro n.º 157. Rio de Janeiro. 1882.	Melo Morais Filho
RGMS	De Rebus Gestis Mendi de Saa Praesidiis in Brasilia	Ms. inédito dos Arquivos da Companhia de Jesus	José de Anchieta
SFA	Les Singularitez de la France Antarctique	Paris. Maisinneuve & Cia. Libraires - éditeurs. 25, Quai Voltaire. 1878.	André Thevet
SGRB	Storia delle guerre del regno del Brasile accadute tra la corona di Portogallo, e la Republica di Olanda.	Anno MDCXVIII, in Roma, nella Stamperia dell'Eredi del Corbelleti.	Gioseppe di S. Teresa, Carmelitano Scalzo.
SL	O Auto de São Lourenço. Uma peça teatral de Anchieta, em tupi, castelhano e português.	Separata da Revista Verbum. Tômo VII. Fasc. 2. Junho de 1950. Universidade Católica do Rio de Janeiro.	A. Lemos Barbosa
SR	Sacra Rituum Congregatione Emo & Rmo D. Card. Imperiali Brasilien, Seù Bahyen Beatificacionis, Et Canonizationis Ven. Servi Dei P. Josephi De Anchieta Sacerdotis Professi Societatis Iesu	Romae, MDCCXXXIII. Ex Typographia Reuerendae Camarae Apostolicae Superiorem Facultate.	+
TP	História da Paixão de Cristo e Táboa de Parentescos em Língua Tupi	Viena. Impr. I.E.R. do Estado. 1876.	Nicolas de Yapuguay

TT	Teatro Tupi (Restituição de uma peça de Anchieta)	*In* Revista do Arquivo Municipal. Departamento de Cultura. S. Paulo. 1947. CXIV: 233-251.	M. de L. de Paula Martins
TTGB	Tratados da Terra e Gente do Brasil	Editôres J. Leite & Cia. Rua Regente Feijó, 12. Rio de Janeiro. 1925.	Fernão Cardim
VH	Vera Historia y descripcion de un pais de las salvages desnudas feroces gentes devoradoras de hombres, situada en el nuevo mundo America.	Buenos Aires. Imprensa y Casa Editôra "Coni". 684, Calle Perú. 1944.	Hans Staden. Tradução e comentários de Edmundo Wernicke.
VJA	Vida do Venerável Padre José de Anchieta	Instituto Nacional do Livro. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1943.	Simão de Vasconcelos
VLB	Vocabulário na Língua Brasílica. Manuscrito português-tupi do séc. XVII.	Coleção Departamento de Cultura. Prefeitura de São Paulo. XX. 1938.	+ Coordenado e prefaciado por Plínio Airosa.
VTB	Viagem à Terra do Brasil	Livraria Martins. São Paulo. 1941.	Jean de Léry

NOTAS PRÉVIAS

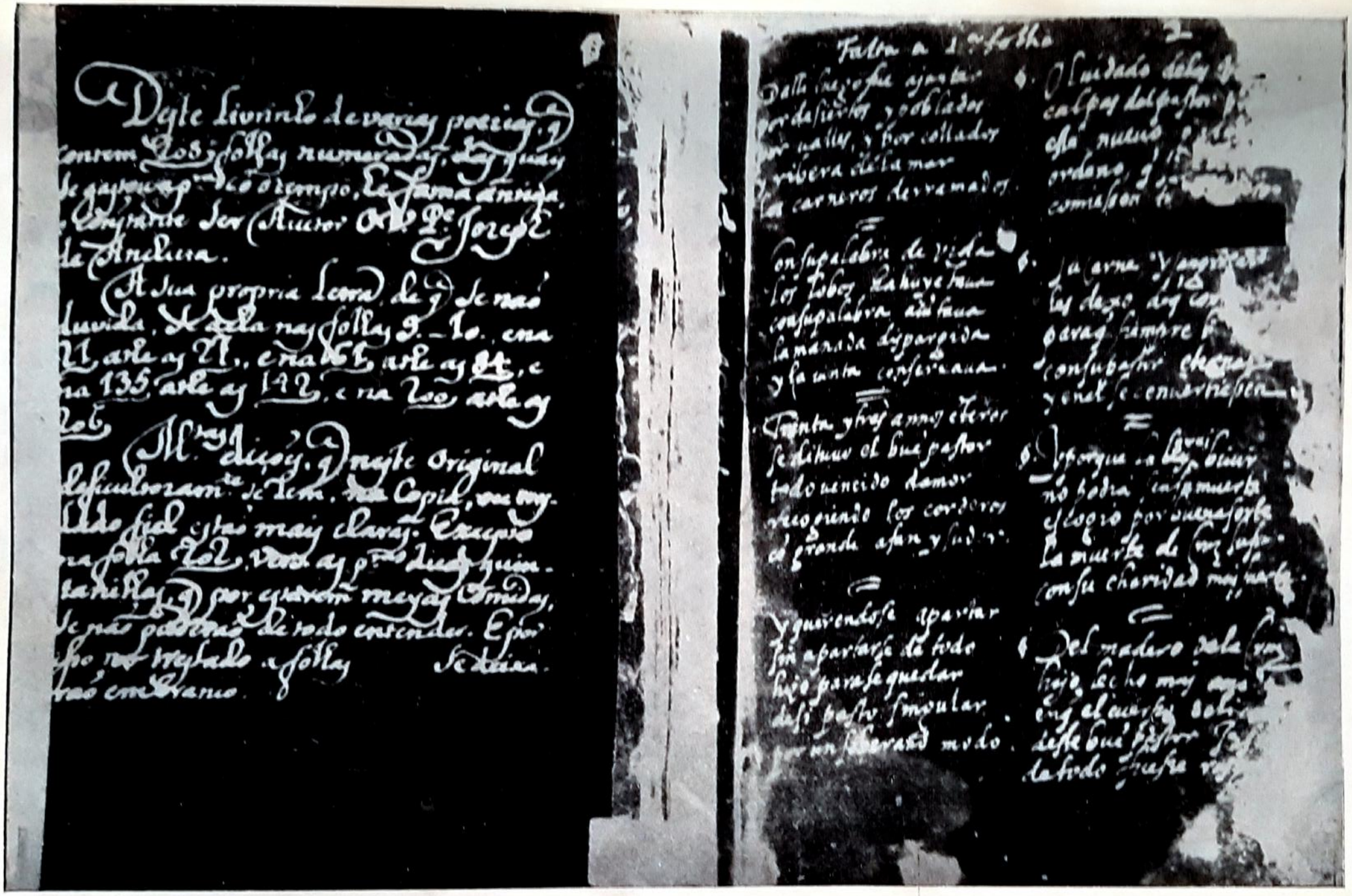


Fig. 2

As primeiras fôlhas do caderno de Anchieta. A nota inicial deve ser de Antonil.

NOTAS PRÉVIAS

1. Há, nos Arquivos da Companhia de Jesus, em Roma, um caderno de poesias do século XVI, cujo texto manuscrito é, em grande parte, do punho de Anchieta (1). A primeira e a última páginas do caderno contêm notas de outra letra. Segundo consta, elas seriam de Antonil (2). De fato, a nota inicial do manuscrito dá o exemplar por muito prejudicado, pelo que se havia tirado dêle cópia fiel, onde alguns versos, já então ilegíveis, teriam ficado incompletos, mas onde se lia com mais facilidade. Sabe-se que existe cópia do referido caderno tirada por Antonil (3).

2. Não dispondo dessa cópia, precisei completar as lacunas do manuscrito, certamente mais numerosas agora, e êle menos legível para reprodução. Assim, os versos que, na cópia, devem estar incompletos, aparecerão aqui restituídos conforme me pareceu plausível. A consulta da cópia mencionada poderá corrigir ou confirmar o restante das minhas suposições, anotadas, em qualquer caso, em itálico.

3. A numeração do manuscrito refere-se a fôlhas, não a páginas, razão por que a desdobrei com a indicação "v" (verso). Segundo a anotação da página de rosto do caderno, ela é original. Com efeito, parece anterior às notas, pois estas indicam 208 páginas, embora a última esteja assinalada 206, número que não é, realmente, exato (4).

---

(1) — José de Anchieta nasceu em S. Cristóvão de La Laguna, capital de Tenerife, nas Canárias, em 19-3-1534. Foram seus pais: Juan de Anchieta, biscainho de Guipúzcoa, e D. Mência Dias de Clavicko Llarena. Entrou para o Colégio dos Jesuítas, em Coimbra (1551). Por razões de saúde, foi enviado, com outros missionários, para o Brasil (1553). Chegou a S. Vicente em dezembro dêsse ano e assistiu o P. Manoel da Nóbrega na fundação oficial do Colégio de São Paulo (25-1-1554). Dedicou-se à catequese dos indígenas, para o que aprendeu a sua língua, que fixou em uma gramática (AG), em poesias e peças de teatro destinadas aos catecúmenos. Consta ter composto, em língua tupi, diálogos catequéticos e um vocabulário, ainda hoje não identificado, mas que deve ser o excelente VLB. Com Nóbrega, apresentou-se em Iperoig (1563), obtendo a aliança dos tamoios. Tomou parte ativa na expulsão dos franceses do Rio de Janeiro (1567). Até o ano de 1577 exerceu vários cargos administrativos em S. Vicente. Em 1578 recebeu, na Bahia, patente de Provincial. Visitou Pernambuco, voltou até S. Vicente e passou a residir no Rio de Janeiro. Em 1585, doente, depos, na Bahia, o cargo de Provincial. Voltou ao Rio (1586), mas foi enviado ao Espírito Santo, fixando-se em Reritiba, atual Anchieta. Exerceu ainda o cargo de Superior até a chegada do P. Pero Soares. Tornou, então, a Reritiba, para ali permanecer até a morte (9-6-1597). Dedicara ao Brasil 44 anos de santo sacerdócio.

O caderno de poesias de Anchieta ora publicado foi fotocopiado em Roma pelo Revmo. P. José da Frota Gentil, S. J., e confiado, por generosa interferência do Revmo. P. Dr. Serafim Leite, S. J., pelo Revmo. P. Dr. Armando Cardoso, S. J., para estudos na Cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, onde havia sido iniciado o estudo e publicação de algumas páginas tupis, únicas até então conhecidas em autógrafo de Anchieta e pertencentes ao arquivo do Prof. Dr. Plínio Airosa, sob cuja orientação o trabalho vinha sendo executado (Cf. BFF, XXIV e LI). A elaboração dos documentos prosseguiu, posteriormente, na Secção de Documentação Lingüística, então criada no Museu Paulista, pelo qual vão agora a lume. No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro, existem cópias manuscritas de parte dêsse caderno (Lata 120, ms 2105), obtidas por D. João Franklin Massena, em 1863.

(2) — André João Antonil, pseudônimo do P. João Andreoni, cuja admiração pelo P. Anchieta o fêz declarar, no início de "Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas" (COB), que a empreendia para ofertar a Deus uma dádiva em prol da canonização do "Santo do Brasil". Estêve no Brasil, onde terminou seus dias. Era Provincial em 1680. Cf. figs. 2 e 4.

(3) — HCJB, II, 559, alude a ela, nem sempre *ad literam*, conforme se declara na nota inicial no texto (Cf. fig. 2). As quintanilhas referidas podem ser observadas na fig. 3 e em sua restituição em LXXXVI, VV. 232-242

4) — Os números 19, 20, 21, 22 são de página, não fôlha, e a 141 repete-se, o que perfaz o total 208, indicado na nota citada.

4. O caderno está incompleto. Falta-lhe a primeira fôlha, o que deixa a poesia inicial sem as primeiras estrofes. É provável que a perda seja de, no máximo, 40 versos, o que corresponderia a uma página manuscrita, com disposição idêntica à de p. 2 e, possìvelmente, em forma de vilancete, como se observa em todo o caderno repetidas vêzes (5).

5. Observando-se o conjunto das poesias, notam-se certos temas — Natal, Semana-Santa, Festa dos Mártires, Circuncisão — repetidos, o que faz supor celebrassem, em anos diferentes, as mesmas festividades. Exemplo : a poesia XX repete-se, com variantes, na XXXIX ; a XXXIV, na LXXVII.

Isto parece indicar que o caderno reune composições de determinado período de anos e que sua seqüência pode, talvez, auxiliar a fixação das datas de composição. Assim, devendo a primeira poesia, sem título e sem início no original, prender-se a assunto de Natal, como as XIII, XXVIII, XXXV, LX, LXXXIV e LXXXV, fixar-se-ia para início do caderno um fim de ano, e sabendo-se que a última peça dêle data de, provàvelmente, julho de 1595 (6), seria interessante indagar de que dezembro dataria a poesia inicial.

Por outro lado, aparece à p. 60 um auto que foi representado em 1583 ou pouco antes (7). O caderno teria, pois, início num dezembro anterior a 1583. Precedem êsse auto, a p. 53v e seguintes, três poesias referentes aos mártires do Brasil. Tendo suas comemorações sido iniciadas em 1574, na Bahia (8), aquelas peças, anteriores a 1583, seriam posteriores a 1574. Assim, a parte do caderno de Anchieta que vai de p. 53v a 206 pertenceria ao período intermediário a 1574-1595.

6. É possível que a ordem das peças, no caderno, não seja exatamente a ordem cronológica das composições. Há, numeradas embora, páginas em branco (9), e não seria de estranhar que, em certos pontos, tivessem sido aproveitados espaços para se intercalarem poesias avulsas, posteriores, talvez, às que lhes ficaram a seguir. Seria êsse o caso da peça XXI, sem dúvida posterior a 1587 (10) e, portanto, à XLIV (11).

Além disso, algumas poesias se repetem. Exemplo : a XX e XXXIX são idênticas, salvo pequenas variações (12), como a XXXIV e LXXVII. Partes de poesias são aproveitadas, exemplo : a poesia XVII e o final da XXXIII. A peça LX é um resumo, individualizado com partes autônomas, da peça XLIV. A peça LXIV contém partes das XLIV e XXI. Isto complica, de certa forma, a fixação da data das composições.

7. Em todo o caso, o exame das primeiras poesias revela, de maneira geral, época em que o autor parece essencialmente lírico e subjetivo. São peças curtas, meditativas, escritas quase sempre em castelhano, sua língua natal.

---

(5) — Cf. II, III, LXVII, em que há motes de quintilha glosada no último verso de cada duas estrofes ; VIII, onde os dois últimos versos da primeira estrofe se repetem, o primeiro dêles como terceiro da terceira e da sétima estrofes e ambos no final da quinta ; X e XIII, onde a glosa é variável, etc.

(6) — BMP 3, 127.

(7) — BMP 1, 15.

(8) — HCJB, II, 264.

(9) — Pp. 30v, 42v, 43, 43v, 59, 59v, 99, 99v, 134v, 145, 145v, 165v e 189v a 199v.

(10) — HCJB, I, 242, cf. TT, BMP 1 ; E 1, NI.

(11) — Cf. (7).

(12) — IIª, B 13, -VV. 6, 9, 32, 37, 41, 44, e 47.

Fig. 3

As pp. 202 v. e 203, em autógrafo de Anchieta, parcialmente destruídas.

Anchieta anseia por martírio :

"Haz que yo muera por tí,
¡ oh pastor muy amoroso !" (13)

"Tú naces, ¡ y yo no muero !
No vivo, ¡ y tú morirás,
niño, príncipe de paz !" (14)

Tortura-se com a ingratidão do homem ao seu criador :

". . . gáname, que me perdí.
(¡ Y tú perdiste la vida
por me dar la vida a mí !) (15)

Precisa resistir a tentações, que o afligem :

"Siempre anda batallando
la carne con la razón.
Pero, vence la pasión . . .
Así, miserable, ando
sin paz ni consolación." (16)

Comove-se carinhosamente diante do Menino Jesus :

"Digo que ser tuyo quiero . . .
¡ No sé que te diga más !" (17)

Sofre com a Virgem Maria :

"¡ Oh corazón maternal, por culpa mía
con cuchillo de dolor todo rasgado . . ." (18)

É apaixonado, ardente. Ao Santíssimo Sacramento, diz :

" . . . ar fresco de minha calma,
fogo de minha frieza,
fonte viva de limpeza,
doce beijo

mitigador do desejo
com que a vós suspiro e gemo,
esperança do que temo
de perder." (19)

E exagera como um bom espanhol :

"¿ Cómo puedo yo vivir,
pues que se muere mi vida ?
Y, con muerte tan sentida,
¿ cómo vivo sin morir ?" (20)

características, sem dúvida, de uma sensibilidade extremamente jovem.

---

(13) — IIª, B 1, VV. 61-62.
(14) — IIª, B 2, VV. 56-58.
(15) — IIª, B 1, VV. 56-58.
(16) — IIª, B 2, VV. 81-85.
(17) — IIª, B 2, VV. 59-60.
(18) — IIª, B 4, VV. 77-78.
(19) — IIª, A 1, VV. 173-180.
(20) — IIª, B 5, VV. 21-24.

8. À medida que o caderno avança, menos subjetivas se tornam as poesias. Elas perdem o aspecto meditativo para se tornarem didáticas, servindo a celebrações religiosas e festivas :

"Onde vais tão apressado,
periquito tangedor?" (21)

Abandonam o castelhano pelo português, de preferência, a princípio, e pelo tupi, depois. Procuram ser objetivas e cômicas, desenrolando-se, afinal, em longas peças teatrais catequéticas e eruditas, onde se confundem mitologia e cristianismo (22) e se exibe variedade de línguas, nem sempre exatas, mas ricamente baralhadas, enfeitadas com trocadilhos e agudezas à moda da época (23).

O poeta tornou-se soldado de Loiola. Usa do metro para não usar a chibata ; distrai, com um teatro, os catecúmenos, para mantê-los aldeados. Bem sabe que não é definitiva a conversão dêsses selvagens, mas está certo, com a Inquisição, de que é preciso fazer morrer em graça, porque a justiça de Deus será inflexível:

"Él que muere en el pecado,
sin arrepentirse de él,
éste tal, es excusado
campanas doblar por él." (24)

10. No final do caderno, Anchieta envelheceu. A longa vida, que lhe faz a letra trêmula (25), ensinou-lhe a tolerância inteligente. Suas peças revelam novo aspecto de bondade, de confiança serena :

"Yo soy el manto del mundo,
que sus pecados cubrí." (26)

"¿Quién me llama, que no alcance
remedio para sus males?" (27)

11. Estas observações fazem supor que o caderno acompanhou Anchieta por muito tempo e até os últimos momentos. Faltando-lhe várias de suas composições poéticas conhecidas — o "De Rebus Gestis Mendi de Saa", o "De Assumptione Beatae Uirginis Mariae" e, em particular, o célebre auto da "Pregação Universal" (28), parece necessário admitir que datasse de época posterior à dessas composições. Sendo elas de entre 1563 (Iperoig) e, provàvelmente, proximidades da morte de Mem de Sá (1572), pode-se admitir que o caderno percorreu o período intermediário a 1572-1595. Mas, considerando que até 1577 Anchieta estêve em São Vicente, a que não fazem referência as poesias do caderno, passando, então, a residir no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1586, quando se fixou definitivamente no Espírito Santo, campo principal e quase total da obra contida no caderno aqui apresentado, parece razoável concluir que ela esteja compreendida no período 1578-1595.

12. É possível duvidar da autoria de Anchieta em certas poesias desta coletânea (29). Surpreende, em obra tão volumosa, não se encontrar uma única

(21) — IIª, A 12, VV. 1-2.
(22) — IIª, C 1, V. 20 ; C 2, VV. 242, 255, 271.
(23) — Cf. BMP 1, (16). As inexatidões de Anchieta refletem-se, ainda, nas variantes ortográficas, fàcilmente observáveis na transcrição diplomática dos textos.
(24) — IIª, B 12, VV. 1-4.
(25) — Fig. 4.
(26) — IIª, B 35, VV. 496-497.
(27) — IIª, B 35, VV. 501-502.
(28) — Várias vêzes citado por Nóbrega, Simão de Vasconcelos, etc. Cf. VJA, I, 34.
(29) — Cf. BMP 3, 11, § 5.

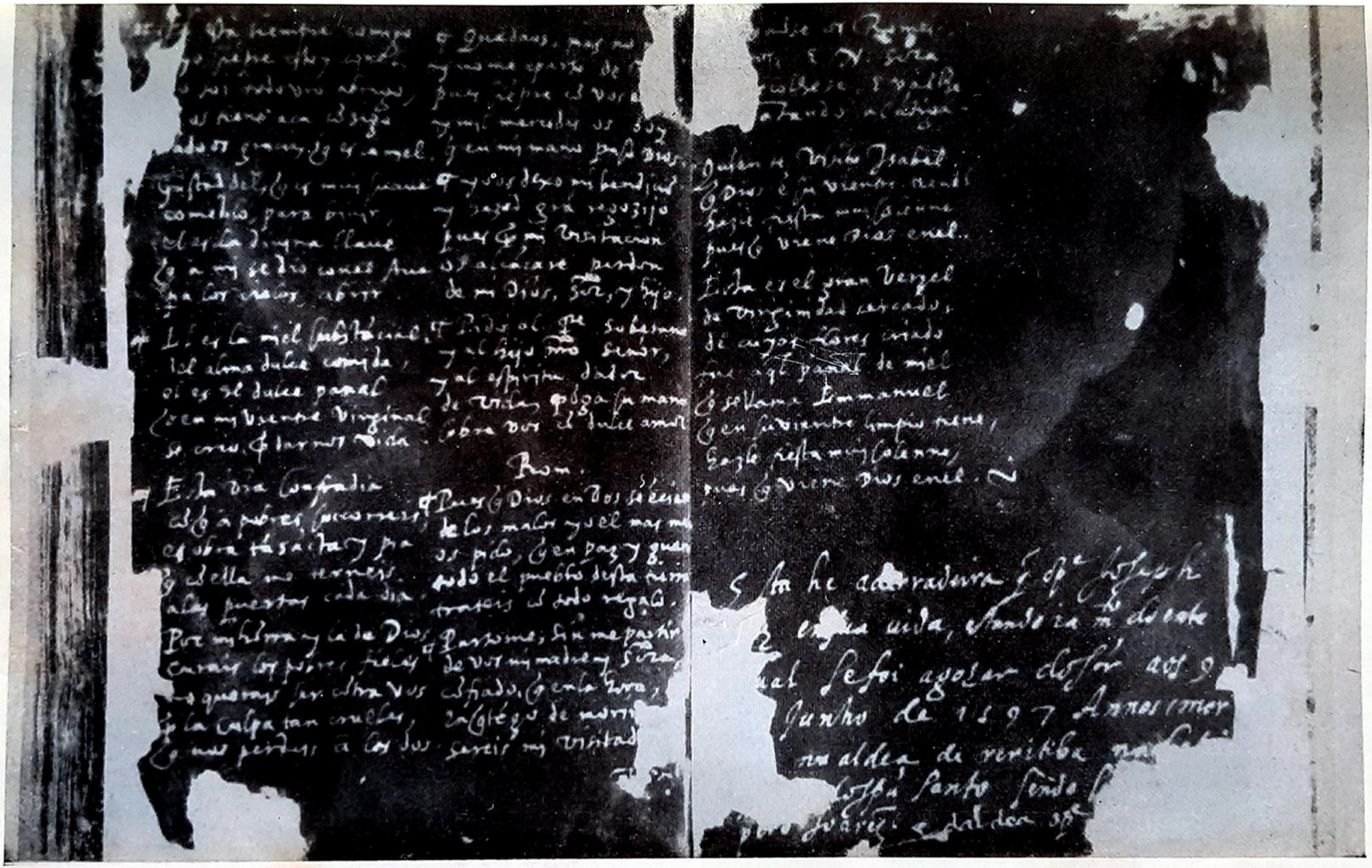


Fig. 4

A última página do caderno de Anchieta (*autógrafo*). A nota final deve ser de Antonil.

assinatura do autor. Fora de dúvida está que, mesmo nas peças em que a composição é seguramente de Anchieta, foram aproveitadas peças já existentes, mas é indubitável também que êsse processo, freqüente no aproveitamento das próprias peças do autor (30), seria habitual e admitido, principalmente se levarmos em conta que não tinham intenção literária e muito menos preocupação de originalidade, mas pretendiam celebrar festivamente meros acontecimentos do dia, muitas vêzes inesperados. Nota-se, por exemplo, que em determinados pontos, reescrevendo uma peça já composta, Anchieta esqueceu o original e recriou o trecho, com pequenas alterações vocabulares (31). Isto indica, de um lado, a urgência dos preparativos, de outro, percurso de tempo capaz de apagar da memória a composição já feita. Finalmente, sugere que o caderno ora apresentado não constituiria exatamente um caderno, mas fôlhas avulsas e esparsas, reunidas por Antonil, talvez, com mais probabilidade, porém, por alguém anterior a êle.

13. Algumas poesias do caderno já foram publicadas (32). Esta edição apresenta-as no seu conjunto, dividida a obra em duas partes. Na primeira, são reproduzidos os textos acompanhados de seus facsímiles, mantida a ordem e distribuição em que se encontram no manuscrito. Na segunda, êsses mesmos textos são divididos em cinco grupos: poesias em português, castelhano, latim, tupi e polilíngües. Em cada grupo aparecerão os textos modernizados (33) e comentados, traduzidos os em latim e tupi e mantidas as referências entre primeira e segunda partes, para que possam ser esclarecidas dúvidas e se facilite o confronto crítico-diplomático. Esta separação permitirá que se evitem repetições de poesias, como se observará na primeira parte do trabalho (34) e que se reunam partes evidentemente relacionadas, mas separadas, nos originais (35). Além disso, as abreviações do manuscrito são desenvolvidas na segunda parte, razão por que a numeração dos versos, na primeira, nem sempre pôde ser feita por linha, incluído, como se verifica na segunda, o seu desenvolvimento real (36).

14. Das poesias que figuram no caderno, nem tôdas trazem título e muitas têm títulos iguais (37). Por êsse motivo, sempre que possível, foram intituladas, na edição crítica, por palavra ou frase em evidência no texto, ou, finalmente, por forma que parecesse expressiva relativamente ao tema (38).

15. A parte tupi do manuscrito constitui, sem dúvida, a mais importante do volume, pois representa extenso e fidedigno documento do tupi da costa em fins do séc. XVI. Grafado em ortografia hispano-lusitana, representa a língua tal como foi ouvida, entendida e empregada pelo colonizador. Destinada a festas

---

(30) — XLV e LX.

(31) — XX e XXXIX.

(32) — Cf. (1) e PL, BFF XXIV e LI, TT, A, BMP 1, BMP 3.

(33) — Foram modernizadas na ortografia e pontuação, esta rara em documentos do séc. XVI e aquela irregular na época e no autor. Desta atualização ortográfica, indispensável num trabalho destinado a divulgação, resultam várias inevitáveis incoerências. Por exemplo: embora se tenham mantido sem alteração os arcaismos do texto, variações como *pera, para* tiveram de ser uniformizadas. Das divergências ortográficas atuais entre o português, espanhol e tupi (grafia adotada pela Cadeira de Língua Tupi-Guarani, Cf. (1), com leves alterações), decorrem variações como: *vila* (port.), *villa* (esp.); *guaçu* (port.), *guasú* (tupi); *Jesus* (port.), *Jesú* (esp.), *Iesu* (lat.). Por outro lado, palavras portuguêsas que, introduzidas no tupi puderam ser mantidas sem variação, foram necessàriamente modificadas quando se acomodaram à língua, exs.: *rainha, pecado, rei* (port. e tupi) e *raíñamo, réjamo* (tupi).

(34) — Cf. (12).

(35) — Cf. XLIV, XLV e XLVIII.

(36) — Cf. Iª, IV e IIª, B 3.

(37) — "Outra", "Otra" é título das poesias II, V, IX a XVIII, etc. Não têm títulos as poesias XXXII, XXXVI, XXXVIII, XXXIX, etc. As poesias LXII e LXXIII distinguem-se apenas por um subtítulo indecifrado cf. (39).

(38) — Cf. IIª, B 4, 16, 26, etc. e IIª, B 1, 14, etc.

populares e a espetáculos teatrais, deve aproximar-se de sua forma real, porquanto do contrário não seria entendida pela população indígena a que se dirigia. Finalmente, sendo quase tôda essa parte em autógrafo de Anchieta e sabendo-se que êle foi grande língua, pode merecer consideração como documentário próximo da realidade lingüística tupi, hoje passível apenas de reconstituição teórica.

16. Às poesias em latim e tupi pareceu conveniente acrescentar, na segunda parte do trabalho, tradução portuguêsa. Algumas delas já foram publicadas em monografias (39), cujos resumos figuram como nota inicial da peça, condensada e ajustada ao processo adotado para as ainda inéditas. Mas nem sempre as dificuldades de versão e localização histórica puderam ser superadas. Pequenos problemas permaneceram, sem lograr solução cabal (40). Na interpretação da parte tupi há dificuldades por ora irremovíveis, tanto que acompanha o texto diplomático a reprodução facsimilar do manuscrito e a tradução é apresentada em notas, sem caráter definitivo. Tratando-se de uma primeira edição de autógrafos da poesia polilíngüe de Anchieta, e, portanto, de uma tentativa inicial de interpretação fiel de textos arcaicos, na maioria em língua exótica, estou certa de que as dúvidas e inexatidões de que não pude eximir as notas serão corrigidas pelos que, depois de mim, se dedicarem ainda a esta tarefa encantadora, mas complexa, que eu pude iniciar apenas.

17. De qualquer forma, o conjunto do caderno fornecerá uma visão sucinta dos recursos culturais da época, do esfôrço catequético da Companhia de Jesus, dos acontecimentos e celebrações da colônia, do alcance intelectual dos catecúmenos, e, principalmente, da extraordinária operosidade, perseverança e piedoso zêlo do Venerável P. José de Anchieta.

É de esperar que, através dêle, se possa ter mais clara e mais completa idéia do bondoso missionário, que a tradição nos ensinou a admirar frágil e velhinho, de bordão na estrada, aureolado de santo, mas não bem conhecido ainda em alguns aspectos de sua personalidade humilde, apaixonada, às vêzes sonhadora, quase sempre, porém, objetiva, prática, laboriosa, enérgica, pujante e, sobretudo, habilidosa e capaz.

---

(39) — BFF, XXIV e LI ; BMP 1 e 3 ; A. ; TT.

(40) — Exemplos : a abreviatura "g^{co} g^{te}", que figura a pp. 131, 147v e 171v. ; a correspondência exata do tratamento "*pai*" dado aos sacerdotes, aos brancos em geral e ao próprio Deus, o qual só pôde ser traduzido por "Senhor", mas que, na realidade, significa «reverendo», «digno», «alto», etc.

PRIMEIRA PARTE

REPRODUÇÃO DIPLOMÁTICA

Deſte livrinho de variaſ poeziaſ, q̃ contem 208 folhaſ numeradaſ, daſ quaiſ ſe gaſtouap.ra cõ o tempo, he fama antiga, e coñſtante ſer Auctor O V. P.e Joſeph de Anchieta. [1]

A ſua propria letra, de q̃ ſe naõ duvida, ſe acha naſ folhaſ 9.-10., e na 21 athe aſ 27, e na 61 athe aſ 84, e na 135 athe aſ 142, e na 200 athe aſ 206.

M.taſ diçoẽſ, q̃ neſte Original deficultozam.te ſe lem, na Copia, ou *treſ*lado fiel eſtão maiſ claraſ. Excepto na folha 202, verſ. aſ p.raſ duaſ quintanilhaſ, q̃ por eſtarem meyaſ Comidaſ, ſe naõ puderaõ de todo entender. E por iſso, no treſlado afolhaſ . . . (2) ſe deixaraõ embranco.

p. 1

(1) — Falta, no ms., a primeira fôlha. O número 1, que se lê nesta, está riscado. Cf. fig. 2.
(2) — Espaço em branco. Cf. NP, § 1.

I (1)

Falta a 1.ª folha (2)

2

1. §. Dalli luego fue ajuntar
por deſiertoſ y pobladoſ
por ualleſ, y por colladoſ
y ribera dela mar
loſ carneroſ derramadoſ.

6. §. Conſupalabra de vida
loſ loboſ ahuyẽtaua (3)
conſupalabra aiũ taua
la manada diſpargida
y la iunta conſer*u*aua.

11. §. Trinta y treſ annoſ ẽteroſ
ſe dituuo el buẽ paſtor
todo uencido damor
recogiendo loſ corderoſ
con grande afan y ſudor.

16. §. Y querendoſe apartar
ſin apartarſe de todo
hizo para ſe quedar
deſi paſto ſingular
por un ſoberano modo.

21. §. Oluidado delaſ *Vieja*ſ
culpaſ delpaſtor pr*imero*
eſte nueuo g*anadero*
ordeno, q̃ ſ*u*ſ *oveja*ſ
comieſsen ſu *cuerpo* ẽtero.

26. §. ſu Carne y ſangr*e real*
leſ dexo deq̃ c*omieſsen*
paraq̃ ſiempre b*iuieſsen*
conſupaſtor eter*nal*
y enel ſe conuertieſsen.

31. §. Yporque la grei (4) biuir
no podia ſinſu muerte
eſcogio por buenaſorte
la muerte de Cruz ſufrir
conſu charidad muj fuer*te*.

36. §. Del madero dela Cruz
hijo lecho muj *amado*
enq̃ el cuerpo delic*ado*
deſte buẽ paſtor Jeſ*u*ſ
detodo fueſse r*aſgado*.

p. 2

(1) — IIª, B 1. Fig. 2.

(2) — Faltando a primeira fôlha, fica a poesia sem as primeiras estrofes. A numeração corresponde, portanto, à parte apresentada. Sôbre a observação, cf. NP, § 1.

(3) — Riscado *h-* (*h*ahuyẽtaua).

(4) — Corrigenda (*grei*), sob a qual se lê, riscado, *ley*.

41. §. Enelquiſo q̃ ſe abrieſsẽ
cinco fuenteſ perenaleſ
y cinco rioſ caudaleſ
p.or *q̃ de*ſed no morieſsen
*ſu*ſ *oueja*ſ racionaleſ.

46. §. El *pa*ſtor perdio la uida
po*la*grey q̃ ſeperdio
y el pecho roto dexo
*pa*raquefoſse garida
del ganado q̃ gano.

51. §. Pueſ buſcãdome rõpiſte (5)
buen paſtor el ça^m^arron (6)
de la carne q̃ veſtiſte
y tupecho y coracion
pera my garida abriſte.

56. §. Ganame q̃ meperdi *2v*
y tuperd'ſte la vida
por medar la vida am*j*
Yo ſoy la oueja perdid*a*
q̃ deti ſiempre huj.

61. §. Haz q̃ yo mueraporti
O paſtor muj amoroſo
pueſ tu ſendo tan hermoſo
mureſ por amor de my
con tormento tanpenoſo.

(5) — Riscado (-*e*).
(6) — Borrão -*a*- (*ça*). O *m* está emendado.

II (1)

Outra glo∫sa

1. F Yo na∫ci porq̃ *tu* muera∫
porque biua∫ morire
*por*q̃ ria∫ llorare
y e∫pero porq̃ e∫pera∫
*por*que gane∫, perdere.

6. §. Por tu amor ∫oy niño tierno
y tuuida e∫ elpeccar
mira q̃ para e∫capar
dela muerte del infierno
la muerte deue∫ bu∫car.

p. 2v

(1) — IIª, B 2.

11. §. Muere ati ſin maſ tardar
porq̃ amī biuaſ deueraſ
porq̃ ſibien conſideraſ
eneſte pobre lugar
yo naſci por que tu mueraſ.

16. §. Lacarne q̃ me veſti (2)
paſsara mui cr*u*da muerte
porque deſeo tenerte
ſiempre biuo pardemi
preſo con amor muj fuerte.

21. §. Eſta vida *y* buena ſorte
eſ de charidad y fee
mira à quanto me obligue
que por biuo poſseerte
porque biuaſ morire.

26. §. ſime ueſ eſtar llorando,
lloro, porque tu no llore*ſ*
porque tuſ guſtoſ y amore*ſ*
ya te eſtaõ aparejando
triſteſ llantoſ y dolore*ſ*.

31. §. Porque eſcapeſ detemblore*ſ*
tiemblo agora, y temblare
quando ſangre ſuda*re* 3
y enla Cruz cõ mil do*lore*ſ
porque riaſ (3) llorar*e*.

36. §. Deſeſpero de hallar
deſcanſo ſino enunpalo
y tu ſiendo todo malo
eſperaſ de te ſaluar
biuiẽdo entodo regalo.

41. §. Veſme entre beſtiaſ eſ tar
y ere*ſ* peor q̃ fieraſ
peccando de mil manera*ſ*,
q̃ puedo de ti eſperar
deſeſpero porq̃ eſperaſ.

46. §. Tu haſ el cielo perdido,
y loſ infernoſ ganado,
yo enpajaſ acoſtado
eſtoy tan empobre*ſ*cido,
abatido y humillado.

51. §. Porperdido reputado
de todo el mundo ſere
maſ porque determine
q̃ ſeaſ rico y honrado
porque ganeſ per*d*ere.

p. 3

(2) — Corrigenda (*me veſti*) sôbre riscado (*ueſ en mi*).
(3) — Emenda (*ri*) sôbre borrão (*biu*).

III (1)

O peccador ao minino Naſcido *3v*

56. F Tu naſceſ y yo no muero
no biuo, y tu muriraſ
niño principe depaz
digo q̃ ſer tuyo quiero.
noſe q̃ te diga maſ.

gloſsa

61..§. Eſte nueuo naſcimento
eſ, paraq̃ muera yo
alpeccado, q̃ me dio
vida, cõ que deſcõtẽto
alſõr, que me crio.

66..§. Tanto conſigo meato
q̃ enel ſiempre biuir quiero
y aũ q̃ niño uerdadero
O mi dioſ te ueo yo
tu naſceſ, y yo no muero.

71..§. Nomuero, porq̃ mi vida
eſ hazer mi voluntad,
maſ en hecho de uerdad
no biuo, porq̃ eſperdida
ſi no amo tu bondad.

76..§. Maſ tu cõ tu caridad
taleſ extremoſ haraſ,
q̃ pormi padeſceraſ,
y yo amãdo la maldad
No biuo, y tu moriraſ.

81..§. ſiempre anda batallando
la carne cõ la razon
pero uence lapaſsion
aſsy miſerable ando
ſinpaz, ni conſolacion

86..§. Maſ tugracia y bendicion
puede entodo mucho maſ
y pueſ niño te medaſ,
dapaz ami coracion (2)
niño principe depaz.

91..§. No podra depaz gozar
quien contraſi no guerre*a*
dame luz conq̃ yo uea
como puedapelear
porquel ciego malpele*a*.

p. 3v

(1) — IIª, B 2. Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em IIª, B 2, onde aparecem numa única peça os ns. II e III.

(2) — Riscado o *-i-*.

96. . §. ſiquereſ q̃ tuyo ſea,
y dexe el ſõr prim^{o}
paraq̃ aſsỳ todo intero
ati ſum̃o bien poſsea,
digo queſer tuyo quiero.

101. . §. Digo q̃ ereſ todo bueno,
Digo q̃ ereſ Criador,
Digo q̃ ereſ Redentor,
Digo q̃ ereſ damor lleno
Digo q̃ ereſ todo amor.

106. . §. Digo q̃ ereſ mi ſõr, 4
Digo q̃ muerto ſeraſ
Digo q̃ daſ uida ypaz
Digo q̃ eſ ſinfim tuhonor
Noſe que tedigamaſ.

IV (1)

Outra de Vita $\overset{o}{X}$

1. Pueſ veniſ arreſgatarnoſ
buenſeñor.
No dexeiſ alpeccador
Mal tratar noſ.

5. F Deſcendiſteſ aſa^{l}uarnoſ (2)
delaſ alturaſ del Cielo,
y tomaſteſ ſin recelo
Carne, cõ que reſcatarnoſ
pueſ queſiſtiſ tanto amar noſ
buenſeñor ∾.

p. 4

(1) — IIª, B 3. A numeração dos versos indica o seu desenvolvimento normal. Cf. IIª ,B 3.
(2) — Emenda (*l*) sôbre borrão (*ua*).

13. § *N*ela Virgen ſendo dioſ
*o*ſ quereiſ, hombre hazer
para loſ hõbreſ boluer
Dioſeſ vnidoſ con uoſ.
pueſ quereiſ auoſ atarnoſ
con amor ∾.

21..§. Naſciſteſ ſin corrupciõ
de Vrã bendita madre
paraq̃ noſ tome elp^e/
& hijoſ de bendicion
pueſ quiſiſteſ procurarnoſ
tal honor ∾.

29..§. Quiſiſteſ Circuncidado
Vrã Carne laſtimar
para en noſsotroſ cortar
el deleite delpeccado
Pueſ quereiſ eneſto darnoſ
tal fauor. ∾.

37..§. Deſcobriſteſ aloſ Reyeſ
Vrã ſũma deidad
porquela gentilidad
ſeſuiecte aurãſ leyeſ
Pueſ auoſ quereiſ lleuarnoſ
*Rede*mptor. ∾.

45. §. Enel templo oſ preſentaſ*te*ſ (3) *4v*
y al Juez contalpreſente
loſ ojoſ profundamente
del Juſto furor cegaſteſ
Pueſ aſsẏ quereiſ quitarnoſ
el temor. ∾.

53..§. A Egypto vaiſ huyẽdo
porque urã fee y amor
ſu diuina luz y ardor
vaya luego deſcubriendo
Pueſ quereiſ aſsẏ alũbrenoſ
reſplandor ∾.

61..§. Vrã madre muj quer*ida*
oſ perdio en Je^ruſalem (4)
porq̃ halleiſ ô ſuño bẽ
la oueja q̃ eraperdida
Pueſ aſsy quereiſ buſcar*no*ſ
buenpaſtor. ∾.

69. § A Joſeph con urã mad*re*
fueſteſ ſiempre muj ſub*iecto*
porque por urõ re*ſpecto*
ſiru*a*moſ aurõ *padre*
pueſ q*uerei*ſ *ex*emplo *darno*ſ
ſeru*idor*. ∾.

p. 4v

(3) — Restituição conforme os VV. 29, 37, 48, 109, 112, 240, 245, 247 e 248.
(4) — Emendado (*ru*).

77. . §. ſin mancha dalgũ peccado
*uo*ſ quiſeſteſ bautizar
para deſpueſ ſe limpar
laſ manzillaſ delganado
pueſ aſsy quereiſ mudar noſ
la color. ∾.

85. . §. Enel deſierto ajunaiſ
entre feraſ muj contento
porq̃ quedeiſ maſ hãbriento
paraque noſ engullaiſ
*pue*ſ aſsj quereiſ tragarnoſ
tragador. ∾.

93. §. Predicaſteſ tal doctrina
conque todo peccador
llegue con temor, y amor
auer la cara diuina.
pueſ quiſiſteſ enſeñar noſ
buen doctor. ∾.

101. § *Para*que ſiempre oſ *am*emoſ
*mui*grande amor noſ tuuiſteſ
*y u*rõ cuerpo noſ diſteſ
q̃ a cada dia comemoſ.
*pue*ſ quereiſ deuoſ hartarnoſ
con dulçor. ∾.

109. §. Ante! ſũmo p.e oraſ*teſ* (5) 5
entrando en urã paſ*sion*
y cõ gran tribula*cion*
Copioſa ſangre ſuda*ſteſ* (6)
pueſ oraiſ por aiudarnoſ
con ardor. ∾.

117. . §. A Anaſ, y Caiphaſ *atado*
oſ preſentã oſ ſay*oneſ*
elloſ oſ dan bofetoneſ
y depo ſoiſ negado
pueſ tal ſufriſ por librarno*ſ*,
ſin rancor. ∾.

125. . §. Herodeſ burla de uoſ
con ropa blanca ueſtido
y por bobo *ſoi*ſ tenido,
no por hom*bre*, nipor dioſ
pueſ aſsy quereiſ moſtrarnoſ
lo mejor. ∾.

133. . §. Vrã diuina perſ*ona*
con açoteſ eſ raſ*gada*
y en urã cabeça *trãçada*
deſpinoſ una Corona
pueſ quiſeſteſ corona*roſ*
contal flor. ∾.

p. 5

(5) — Cf. (3).
(6) — Cf. (3).

141. . §. Vroſ açoteſ, y eſpinaſ
q̃ urõſ miembroſ raſgarõ
todaſ laſ culpaſ pagarõ
de nrãſ almaſ meſquinaſ
pueſ aſsy quereiſ pagarnoſ
nrõ error. ∾.

149. . §. Al Caluario caminaiſ
conla Cruz peſada acueſtaſ
eſtaſ ſon laſ triſteſ fieſtaſ
q̃ enelpeccador hallaiſ
pueſ carga quereiſ hecharnoſ
la menor. ∾.

157. . §. Pieſ, y manoſ en la Cruz
oſ enclauan cruel mente
y moriſ ſiendo Jnnocẽte
por miſ culpaſ buẽ Jeſuſ.
Pueſquereiſ aſsẏ enclauarnoſ
contemor. ∾.

165. . §. Pediſ agoa, y dãuoſ hiel.
maſ conla ſed, q̃ ſentiſ
deſaluarnoſ, recebiſ
eſte xaraue Cruel
pueſ bebeiſ por aduçarnoſ
amargor. ∾.

173. . §. Vra madre conſolaiſ *5v*
por ſuſ hijoſ noſ dexando
y alp^e urã alma dando
con grandolor expiraiſ
pueſ paſsaiſpor aliuiarnoſ
tal dolor. ∾.

181. . §. La Carne de urõ Lado
con cruel lança eſ abier*ta*
y del cielo abriſ lapuer*ta*
cerradapor el peccado
Pueſ quereiſ alla enſalçar*no*ſ
conloor. ∾.

189. . §. Vrã ſangre precioſa
diſteſ por nrõ reſcate,
y con muerte diſtiſ mate
ala ſierpe põçoñoſa
pueſ derramaiſ por ſanarnoſ
tal liqor. ∾.

197. . §. La ſentencia eſtaua dad*a*
contra noſ otroſ de muer*te*
maſ por uoſ benino y fuer*te*
con clemen*ſ*ia fue muda*da*
y pueſ quiſiſteſ Juſgar*no*ſ
ſin furor. ∾.

p. 5v

205. .§. Laſ iniuriaſ q̃ paſsaſteſ
anoſ otroſ fuerõ gloria
y ganaſteſnoſ uictoria
quando vencido quedaſteſ
pueſ ſuffrirteſ por honrraſnoſ
deſhonor. ∾.

213. §. Quãdo la muerte abraçaſteſ
de la temeroſa Cruz
luego alpunto buen Jeſuſ
ala uida noſ tornaſteſ
pueſ quiſiſteſ tanto amarnoſ
Amador. ∾.

221. §. Lleuan alaſepultura
urõ cuerpo enbalſamado
y conel queda enterrado
nrõ mal y deſuentura
pueſ aſsy quereiſ tirarnoſ
lopeor. ∾.

229. § Reſuſcita altercer dia
Vrõ cuerpo ia Jmmortal
y daiſ uida al deſleal
q̃ laculpa muerto auia
pueſ quereiſ reſuſcitar noſ
vencedor. ∾.

237. .§. ſobre el Cielo leuantaſteſ 6
Vrã ſancta humanidad
y nrã Captiuidad
captiua con uoſ lleuaſteſ
pueſ cõ uoſ quereiſ ſẽtarnoſ
gran(7) ſeñor. ∾.

245. §. Colaſ lenguaſ q̃ embiaſteſ
del Cielo, como defuego
deſteſ lumbre al mũdo ciego
y lagracia confirmaſteſ
pueſ quiſiſteſ embiarnoſ
tal Calor ∾.

253. §. Boluereiſ Juez muj fuerte
y dareiſ por deſpedida
al bueno ſin muerte vida
almalo muerte, ſin muerte
para deltodo librarnoſ
delfuror
no deixeiſ alpeccador
mal tratar noſ.

p. 6

(7) — Riscado *b*-.

V (1)

Otra *6v*

1. F. No ſabe alq̃ dolerſe entriſteſcida
la madre piadoſa deſconſolada
Viendo ya deſfalleſierſse ſu dulce vida
Configura laſtimoſa, y afeada.

5. Conſuſpiroſ doloroſoſ ſolloçando
Miraua ſu amor JEſVſ q̃ ſe moria
Y con ojoſ lagrimoſoſ lamentando
Ala muy penoſa Cruz triſte dizia.

9. O Cruz aſpera, o madero deſcomedido
porque mataſ ſin razõ al Jnnocente
y manſsiſsimo Cordero de Dioſ Vngido
Con tormentoſ y paſsion tan cruelm.te

13. O Hijo de mi dolor mi Benonj
raſgaſseme el Coraçon en uer dolerte
Quien me dera mi amor, q̃ agorapor ti
Yo ſufrieſse tu afflicion y cruda muerte

17. ſi loſ braçoſ de la Cruz te dan tormẽto

p. 6v

(1) — IIa, B 4

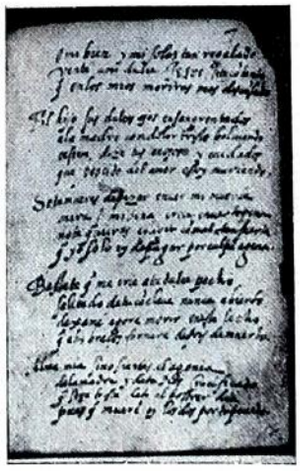
O mi bien y mi ſolaz tan regalado
Vente ami dulce JEſUſ ſite cõtento
q̃ enloſ mioſ moriraſ maſ deſcãſado

21. El hijo ſuſ dulceſ ojoſ enſangrentadoſ
ala madre condolor triſte boluiendo
ceſsem, dize tuſ enojoſ y cuidadoſ
que vencido del amor eſtoy muriendo.

25. ſetemureſ depezar enuer mi muerte
mira q̃ mi pena crece enuer tupena
notequieraſ afligir cõ mal tanfuerte
q̃ yo ſolo ey depagar por culpa agena.

29. Baſtate q̃ me crie a tu dulce pecho
ſaliendo detu cõ claue nunca abierto
dexame agora morir eneſte lecho
q̃ atuſ braçoſ tornare depoiſ demuerto.

33. Alma mia ſino ſienteſ el agonia
delamadre y detu Dioſ Crucificado
q̃ ſera triſte detiſelpoſtrer dia
pueſ q̃ muerẽ oy loſ doſ por tupeccado.



p. 7

37. LLegado el fin deſuſ penaſ y doloreſ 7v
la cabeça inclino pera la madre
eſgotadaſ ia laſ venaſ deſuſ licoreſ
con gran boz el almadio alſũmo p.e

41. Jarecibe enſu regaço el Cuerpo ſancto
y con lagrimaſ lo rego la Madrepia
y apretado entre ſuſ braçoſ cõ graue llãto
dulceſ bezoſ enſuſ llagaſ imprimia

45. O amor de miſ entranhaſ le dizia
quede Vrã gran beleza y cõpuſtura
quien cõ penaſ tã eſtrañaſ ô gloria mia
afeou urã lindeza yhermoſura

49. Que calor à ſido aquel tan ſin medida
q̃ oſ hizo tan marchito lyrio diuino
O cabeça imperial fuente de uida
Eſta Corona Cruel donde oſ vino.

53. De uinagre y triſte hiel veo abrebada
Vrã boca aquê mi leche dio grã dulçura
O diuina ſuauidad tan mal guſtada
Quien echo enpanal de miel tal amar
gura.

p. 7v

8

57. Vraſ manoſ (2) pieſ y lado eſtã hendidoſ
Echoſ fuenteſ deſalud apeccadoreſ
urõſ dilicadoſ miembroſ tã mal heridoſ
q̃ todo ſoiſ untreſlado de doloreſ.

61. Quien aſi oſ deſtemplo ſalterio mio
q̃ laſ cuerdaſ de mi pecho à deſtemplado
pueſ fuerça deamor cauſo taldeſuario
no dexeiſ mi coraçõ deſconſolado.

65. (3) Nome *h*abla urã lingoa uerbo delpadre
no me mirã urõſ ojoſ oluz del Cielo.
Como dexaiſ ental mengoa aurã madre
ſin amparo ſin tutor y ſin conſuelo.

69. ſiquereiſ dar refrigerio amiſ enojoſ
cõ morir ſe acabara mi grã fatiga
pueſ oſ uirã expirar miſ triſteſ ojoſ
da*d*me licencia mi dioſ q̃ muerta oſ ſiga

73. Y ſino lleuad conuoſ al monumento
mi llagado coraçõ depenaſ lleno
noſe aparte urõ amor *ſolo* ũ momẽto
q̃ mi alma oſ goardara *den*tro en ſu
ſeno.

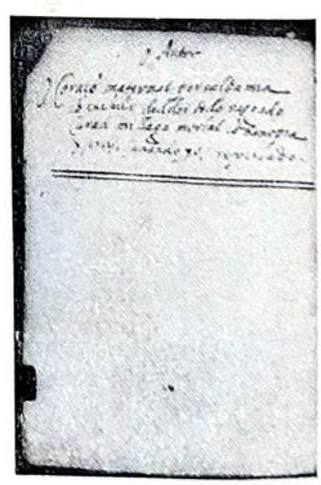
p. 8

(2) — Riscado *y*.
(3) — Dêste ponto em diante há trechos quase apagados.

O Autor

8v

77. O Coraçõ maternal por culpa mia
cõ cuchillo dedolor todo raſgado
Curad mi llaga mortal cõ manopia
y ſereiſ, ſanando yo, refocilado.



p. 8v

VI (1)

Letra do V.P.
Joſ. Anchieta. Do ſ^{mo} ſacram^{to} 9

1. O q̃ paõ o q̃ comida
o q̃ diuino manjar
ſe noſ da no ſãcto altar
Cada dia

5. Filho da Virgem M^{a}
q̃ Dſ̃ P^{e} qua mãdou,
E& noſ na cruz paſsou
Crua morte

9. E p^{a} q̃ noſ cõforte
ſe deixou no ſacram^{to}
p^{a} darnoſ com augmẽto
ſua graça.

13. Eſta diuina fogaça
hee mãjar de lutadoreſ,
galardaõ de vencedoreſ
Eſforçadoſ.

17. Deleite de namoradoſ
q̃ coo goſto deſte paõ
deixaõ a deleitaçaõ
Trãſitoria.

21. Quẽ quiſer auer victoria
do falſo cõtentamẽto
goſte deſte ſacram^{to}
Diuinal.

25. Eſte daa vida jmmortal,
eſte mata toda fome,
pque nelle Dſ̃ ehome
ſe cõtem.

29. Hee fonte de todo bem,
daqual quẽ bẽ ſembebeda,
naõ tenha medo da queda
do peccado.

33. O q̃ Diuino bocado
q̃ tem todoloſ ſaboreſ,
Vinde pobreſ peccadoreſ
A comer.

37. Naõ tendeſ, deq̃ temer,
ſenaõ de voſsoſ peccadoſ,
ſe forem bem cõfeſsadoſ
Jſso baſta

41. Queſte mãjar tudo gaſta,
& que hee fogo gaſtador
q̃ cõſeu Diuino ardor
tudo abraſa.

45. Hee paõ doſ f^{oſ} deCaſa,
cõ q̃ſempre ſe ſuſtẽtaõ
Evirtudeſ acrecentaõ
De cõtino.

p. 9

(1) — IIª, A 1. Sôbre a observação inicial, cf. NP, § 1.

49. Todo al hee deſatino
ſenaõ comer tal vianda,
cõq̃ aalma ſẽpre anda
ſatiſfeita.

53. Eſte mãjar a&ueita
pª vicioſ arrãcar
e virtudeſ arraigar
Naſ entranhaſ

57. ſuaſ graçaſ ſaõ tamanhaſ
q̃ naõ ſe podem cõtar,
maſ ben ſe podẽ goſtar
de(2) quẽ ama.

61. ſua graça ſe derrama
noſ deuotoſ coraçoĩſ,
eoſ(3) enche de bençoĩſ
Copioſaſ.

65. O entranhaſ piadoſaſ
de voſso diuino amor!
Ó meu Dſ̃, e meu ſõr
humanado!

69. Quẽ Voſ fez tã namorado
de quẽ tãto vos offende?
quẽ voſ ata? quẽ voſ prẽde
com taiſ nooſ?

73. Porcaber dentro de noſ
voſ fazeiſ tã piquinino,
ſem o voſso ſer diuino
ſe mudar.

77. Para voſso amor prantar *9v*
dẽtro em noſso coracaõ
achaſteſ tal jnuençaõ
De manjar.

81. Em o qual noſso paadar
acha goſtoſ differenteſ
debaixo doſ accidenteſ
Eſcõdidoſ.

85. Hũſ ſaõ todoſ encendidoſ
do fogo do voſso amor
outroſ cheoſ de temor
Filial.

89. Outroſ coo celeſtial
lume deſte ſacramẽto
alcançaõ conheſcimẽto
De quem ſaõ.

93. Outroſ ſentem compaixaõ
de ſeu Dſ̃, q̃tãtaſ dooreſ
& noſ dar eſteſ ſabореſ
Quiſ ſoffrer.

97. E deſejaõ de morrer
& amor deſeu amado
viuendo ſem ter cuidado
Deſta vida.

101. Quem vio nũqua tal comida
que hee ſũmo etodo bem?
ay de noſ, q̃ noſ detem?
Que buſcamoſ?
Como

p. 9v

(2) — Borrão (-e).
(3) — Borrão (e-).

105. Como naõ noſ enfraſcamoſ
noſ deleiteſ deſte *paõ*
cõ q̃ noſſo coraçaõ
Tem fartura

109. ſe buſcamoſ fermoſura
nelle eſtaa toda metida
ſe queremoſ achar vida
Eſta hee.

113. A qui ſe refina a fee,
poiſ debaixo do que vemoſ
eſtar D̃ ehomẽ cremoſ
ſem mudãça.

117. Acrecentaſe a eſperança
poiſ na terra noſ hee dado
quãto noſ ceoſ guardado
Noſ eſtaa.

121. A charidade, q̃ laa
ha deſer perfeiçoada
deſte paõ hee confirmada
Em pureza.

125. Delle nace a fortaleza,
elle daa perſeuerãça,
paõ de bemauenturãça.
Paõ de gloria

129. Deixado p^a memoria
da morte do redemtor
teſtimunho deſeu amor
Verdadeiro.

p. 10

133. O mãſiſsimo Cordeiro, 10
o minino de Belem,
o Ieſu todo meu bem
Meu amor.

137. Meu *eſpoſo* meu ſõr
meu ami*go* meu jrmaõ,
centro de meu coraçaõ
D̃ e pai.

141. Poiſ cõ entranhaſ de maÿ
quereiſ de mi ſer comido
roubai todo meu ſentido
Para vo*ſ*.

145. Prendeyme *cõ* forteſ nooſ
Ieſu filho de D̃ viuo,
poiſ q̃ſou voſso catiuo
Que cõpraſteſ

149. Coo ſangue, q̃ derrama*ſteſ*
cõ a vida, q̃ perdeſteſ,
cõ a morte, que quiſeſteſ
Padecer.

153. Morra eu, &que viuer
Voſ poſsaiſ dentro de mi,
ganhaime, poiſ me perdi
Em amarme,

157. Poiſ q̃ p^a encorporarme
emudarme em Voſ de todo,
cõhũ tam diuino modo
Me mudaiſ,

161. Quãdo na minhalma entrai*ſ*
edella fazeiſ ſacrario
de voſ meſmo ereliquario
Que voſ guarda,

165. Em quãto a preſẽça tarda *10v*
do Voſso diuino roſto,
o ſabroſo e doce goſto
Deſte paõ

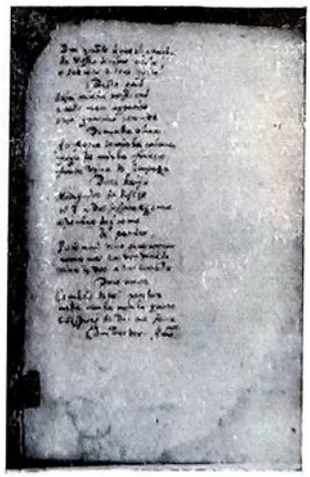
169. ſeja minha refeiçaõ
etodo meu appetite
ſeja gracioſo conuite
De minha alma.

173. Ar freſco de minha calma,
fogo de minha frieza,
fonte viua de limpeza
Doce beijo

177. Mitigador do deſejo
cõ q̃ a Voſ ſuſpiro egemo,
eſperãça do q̃ temo
de perder.

181. Poiſ naõ viuo ſem comer
coma uoſ em voſ viuẽdo
Viua a voſ a voſ comẽdo
Doce amor

185. Comẽdo detal penhor
nelle tenha minha parte
edeſpoiſ de Voſ me farte
Com Voſ ver. Amẽ.



p. 10v

VII (1)

De ſ. Mauricio 11

1o

1. §. O Mauricio Capitaõ
Cuja glorioſa fama
reſplãdece como flãma
que lume ſẽ dilaçaõ,
portodaſ parteſ derãma.

6. Voſsa vida e morte clama
noſsaſ almaſ deſpertando
pª q̃ uiuaõ hõrrando
a Dſ q̃ tanto noſ ama
ſua ſancta ley goardando

2o.

11. §. Qñ o Emperador daterra
aſeuſ Deoſeſ quiſ honrrar
obrigou aſacrificar
oſ ſoldadoſ q̃ nagerra
con elle auiaõ dentrar.

16. Maſ Voſ pera gloriadar
a Dſ todo poderoſo
voſso eſquadraõ animoſo
fezeſteſ logo apartar
detrato taõ perniciosſo.

3o

21. .§. ſe quiſereiſ hõrrater
mta omũdo &metia
maſ auoſsa fidalguia
ſoo daquele eterno ſer
do ſũmo Dſ depẽdia

26. Poriſso cõ alegria
o vaõ mũdo deſprezaſteſ
cõ oqual noſ enſinaſteſ
fazer dele zombaria
como voſ dele zõbaſteſ.

4o

31. .§. Voſsoſ ſeiſ mil eſeiſcẽtoſ
eſeſẽta eſeiſ ſoldadoſ
poruoſ foraõ animadoſ
pera ſerẽ cõ tromentoſ
e cõ morte Coroadoſ.

p 11

(1) — IIa, A 2.

36. Peraſerẽ degollado∫
Cadahũ queria∫er
oprim º ſen temer
(2) o∫ cutelo∫ aguçado∫
cõ furia de Lucifer.

5º

41. §. O valerozo e∫quadraõ
O gẽte victorio∫a
O victoria glorio∫a
O forti∫sª legiaõ
O Companha genero∫a,

46. Vo∫sa morte precio∫a
hee hõrra do grã Je∫u
e daque∫ta uilla vo∫sa
defen∫aõ mui podero∫a
e e∫pãto de Ber∫ebu.

6º

51. .§. Vo∫sa vida ∫.Mau.
edo∫ uo∫so∫, q̃ perde∫te∫
qñ polafee morre∫te∫
foy hũ uiuo ∫acrificio
conq̃ ad∫ engrãdece∫te∫,

56. Cõ tai∫ morte∫ merece∫te∫ *11v*
triumpho∫ mui glorio∫o∫
eq̃ vo∫so∫ forte∫ o∫so∫
q̃ defender naõ qui∫e∫te∫
∫eiaõ defen∫ore∫ no∫so∫.

7º

61. .§. O diuino∫ baluarte∫
q̃ nũca fo∫te∫ rendido∫
po∫toque muj cõbatido∫
cõ mujta∫ força∫, earte∫,
morto∫, ma∫ nũca uẽcido∫

66. Pedimo∫ ∫er recebido∫
cõ amor dentro de uo∫
porque o imigo ferroz
deq̃ ∫omo∫ per∫eguido∫
∫eia uencido de no∫.

8º

71. O peccado no∫ daguerra
entodo tempo elugar
epoi∫ qui∫e∫tes morar
ne∫ta no∫sa pobre terra
aiudaja∫en∫e∫sar

p. 11v

(2) — Os VV. 39, 40, 44, 45 e 49 lêem-se difícilmente.

76. porque ceſsando opeccar
ceſsaraõ muitoſ reuezeſ
cõ q̃ oſ herejeſ francezeſ
noſ poderaõ apertar
e Lutheranoſ Jngreſeſ.

9º.

81. §. Martyreſ mui eſforçadoſ
poiſ ſoiſ noſsa defenſsaõ
defendeẏ cõ uoſsa maõ
voſsoſ foſ eſoldadoſ,
q̃ ſaõ idoſ ao ſertaõ,

86. Poiſ uaõ cõ boa intençaõ
abuſcar gente perdida
q̃ poſsa ſer conuertida
a Jeſu de Coraçaõ
eganhar a eterna vida.

10

91. .§. Procurainoſ aſaude
cõ q̃ aDſ̄ ſeruir poſsamoſ
e no coraçaõ tenhamoſ
o puro amor dauirtude
eſẽ peccado viuamoſ

96. Daſ nouidadeſ ſejamoſ 12
*prouido*ſ ſẽ careſtia
*E uo*ſ*sa* Capitania
liure doq̃ arreceamoſ
*vo*ſ *honrre* cõ alegria.

VIII (1)

Cantiga

1. §. Mil ſuſpiroſ dio M^a^
porſe eſtar Jeſuſ finando,
quien conel fuera expirãd*o*
pueſ muere la uida mia

5. §. Tan grandeſ ſuſpiroſ dio
q̃ loſ Cieloſ lo ſintieron,
y luego ſentriſtecieron
conel ſol, q̃ ſe eclypſo,

9. Maſ viendo lamadre pia
ſu hijo eſtarſe finando
quiẽ conel fuera expirãdo
cõ mil ſuſpiroſ dizia.

13. §. pueſ la vida mo lleuo
conel morir mequiſiera
y muriendo conel fuera
maſ biua, q̃ muerta yo.

p. 12

(1) — IIª, B 5.

17. O q̃ terrible agonia
de Dioſ q̃ ſe eſta finãdo
quiẽ conel fuera expirãdo
pueſ muere la uida mia.

21. §. Como puedo yo biuir
pues q̃ ſe muere mi vida?
y cõ muerte tanſintida
como biuo ſin morir?

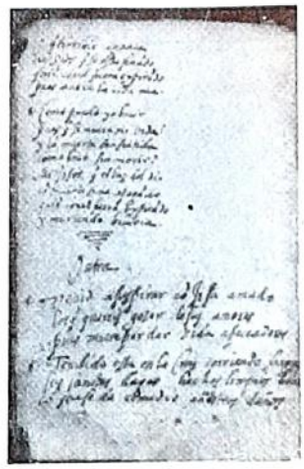
25. Mi Jeſuſ, q̃ el luz del dia
cõ muerte ſe ua apagãdo
quiẽ conel fuera expirãdo
y muriendo biuiria.

IX (1)

Outra.

1. §. Venid aſuſpirar cõ Jeſu amado
loſq̃ quereiſ gozar deſuſ amoreſ
pueſ muerepor dar vida apeccadoreſ

4. §. Tendido eſta en la Cruz corriendo ſangre
ſuſ ſanctaſ llagaſ hechaſ limpioſ baño ſ
cõ queſe da remedio an^{ue}ſtroſ(2) daño ſ



p. 12v

(1) — IIª, B 6.
(2) — Corrigenda (*ue*) sôbre borrão.

7. §. Venid q̃lbuen paſtor y adio ſu uida
conq̃ libro de muerte ſu ganado
Jdale debeber aſu Coſtado.

X (1)

Otra

1. §. Jeſu buenpaſtor
Como andaiſ penado !
ando mal tratado,
por te dar mi amor.

5. §. Andaiſ penſsatiuo
Jeſuſ paſtor bueno
de cuidadoſ lleno
maſ muerto, q̃ biuo

9. hizeme Captiuo
ſendoſũmo ſõr
ando mal tratado
por te dar mi amor

13. §. Depel deCordero
Voſ. ueio cubierto
eneſte deſierto
alpie dũ madero

17. O Jeſu Ouejero
quien oſ ha mudado
el amor q̃ meda cuidado
detedar mi amor

21. §. Eſ unmaltan fuerte
el amor q̃ tiengo
q̃ degrado uengo
aſofrir la muerte

25. O dichoſa ſuerte
lademi ganado
pueſ por elſoi Crucificado
por le dar mi Amor.

XI (1)

§.

Outra

ſ. tomedemira.

1. O dioſ infinito
por uoſ (2) humanado
Veoſ tan chiquito
q̃ eſtoy eſpantado

p. 13

(1) — IIª, B 7.

(1) — IIª, B 8.
(2) — Engano provável (=*no*ſ).

5. Eſtaiſ ençarrado
enlugar eſtrecho
porque en nr̃o pecho
quereiſ ſergoardado

9. Hame enamorado
vrã gracia y nõbre
pueſ uoſ come elhõbre
dũſolo bocado

13. ſoiſ Jhũſ llamado
perenal hartura
vida y hermoſura
ypan conſagrado

17. Eſto ha enuẽtado
O Jeſu bignino
Vrõ amor diuino
de amor forçado

21. Pueſ ſoiſ eſtreichado
contangrande aprieto
quien contal ſecreto
noſera eſpantado

25. Pan y Vino Veo
guſto pan y Vino
maſ ſin deſatino
otra coſa creio

29. Por eſso peleo
Contra mi ſentido
porquelo Comido
eſ Dioſ q̃ no ueo

33. ſolo enel empleo
la fee conque biuo
hagome Captiuo
ſin uer lo que Creo.

37. Deſte mepro ueio
para mi camino
eſte pan diuino
harta mi deſeo.

p. 13v

XII (1)

Outra 14

1. Quien murio pordarnoſ Vida
muchaſ uezeſ me llamo
maſ yo dixole deno, no, no, no, no,

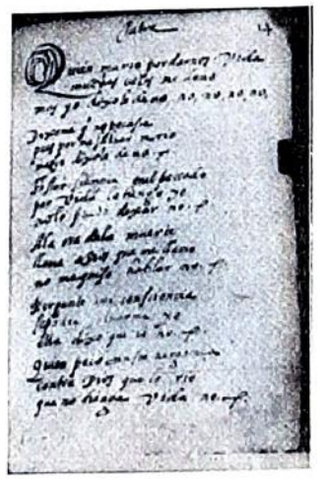
4. Dixome q̃ no pecaſse
pueſ por me ſaluar murio
maſ yo dixole de no. ∞.

7. Eſtar ſiempre enelpeccado
por vida lo tiengo yo
nolo puedo dexar no. ∞.

10. Ala ora dela muerte
llame aDioſ que me llamo
no mequiſo hablar no ∞.

13. Pergunte ami conſciencia
ſepodre ſaluarme yo
ella dixo que ia no. ∞.

16. Quien pezo tanſin uergoença
contra Dioſ que lo Crio
que no tienga vida no. ∞.



p. 14

(1) — IIª, B 9.

19. Al que no, ſiempre dizia
alque ſiempre le llamo
q̃ tambien le diga no, no. ∾. *14v*

XIII (1)

Outra

1. Quien uiral paſtor
ueſtido defieſta
ſu ſamarra pueſta
Viralo *la* (2) paſtora.

5. Quiẽ viralpaſtor
q̃ vino del Cielo
veſtido de amor
tendido enel ſuelo
por nrõ conſuelo
ſeuiſtio defieſta
ſu ſamarra ∾.

12. Entantapobreza
lo uio lapaſtora
q̃ defrio llora
laſũma riqueza
maſ cõ la baxeza
haze grande fieſta. ∾.

19. Porquelaſ oueja ſ
ojeſsen meior
la boz delpaſtor
yanopor ſemejaſ
hizo depelejaſ
ſamarron defieſta
lindo y muj apueſta. ∾.

27. Yo lo ui naſcido
por noſ dar perdon
con un ſamarron
de Carne veſtido
de amor vencido
ſe vestio defieſta
∾.

34. ſu madre le hadado
Capotin de grana
ſale deſomana
blanco y colorado

p. 14v

(1) — IIª, B 10. Cf. Iª, IV, (1).
(2) — Restituído conforme o V. 104.

huelgaſse elganado
viendolo de fieſta
ſu çamarra ∾.

41. Embueluele enpañoſ
Como pobreſico
maſ el como fzico
quita nrõſ daño ſ
danoſ bueno ſ año ſ
y dia defieſta. ∾.

48. ſu Camiſa blanca
delinho texida
ſera bien cortida
como fina olanda
ſupadre le manda
que ſalga defieſta. ∾.

55. Çapatoſ de co^{e}ro (3)
le quiſo calçar
para predicar
paz como Cordero
todo plazentero
ſe veſtio defieſta. ∾.

62. Dale de mamar 15
la paſtora y madre
aſsi dize el padre
q̃ lean de criar
contan buen manjar
haze grande fieſta. ∾.

69. El Cielo le adora
de Carne veſtido
alpaſtor naſcido
hijo depaſtora
aũ que el niño llora
haze grande fieſta. ∾.

76. Oy ſale herido
y Circũ cidado (4)
maſ Jeſu llamado
ſaluador naſcido
con tal appelido
haze grande. ∾.

83. Ieſu medeanero
leponen por nõbre,
porque eſ Dioſ y hõbre
leon y Cordero

p. 15

(3) — Emenda (*e*).
(4) — A leitura dos VV. 76 e 77 está prejudicada por várias manchas.

pareſce ouejero
q̃ ſale defieſta
ſuſamarra pueſta ∾.

90. Depueſ de Crecido (5)
le daran ſombrero
por el carnicero
deſpiñoſ texido
agora naſcido
haze grandefieſta
ſu. ∾.

Par

97. Para dar guarida
a todo el ganado
tomara Cayado
alfin dela vida
con ropa teñida
y la Cruz acueſtaſ
ſu ſamarra pueſta
Viralo lapaſtora

15v

(5) — Borrão (-*ec*-), emendado o -*i*-.

XIV (1)

Outra

1. F. Naõ ay couſa ſegura
tudo quanto ſe uee
ſeuai paſsando
auida naõ tẽ dura
obẽ ſe uai gaſtando
toda criatura
paſsa uoando

8. En dſ meucriador
eſtaa todomeubẽ
eeſperança
meugoſto emeu amor
Ebẽ auẽturãça
quẽ ſerue atalſõr
naõ faz mudança

p. 15v

(1) — IIª, A 3.

15. Contẽte aſsỳ minha alma
do doce amor de dſ
todaferida
omũdo dexa ẽ calma
buſcando aoutra vida
naqual dezeja ſer
toda abſo[r]bida (2)

22. Dopee doſacro monte
meuſ olhoſ leuantando
ao alto cume
vi eſtar abertaafonte
do uerdadeiro lume 16
q̃ aſ treuaſ de meupeito
todaſ conſume .

29. Corrẽ doceſ liquoreſ
daſ grãdeſ aberturaſ
dopenedo
leuantanſe oſ erroreſ
leuantaſseo degredo
etiraſse a (3) amargura
dofruito azedo.

(2) — Emenda (*r*).
(3) — Emenda (*a*).

XV(1)

Outra.

1. Como uẽ guerreira
amorte eſpantoſa
como uẽ guerreira
etemeroſa.

5. ſuaſ armaſ ſaõ doença
cõ que atodoſ acõmete
por qualquer lugar ſemete
ſẽ nũ capedir L^ça
tantoqueſe daſentença
da morte eſpãtoſa. ∾.

13. Por m^to poder q̃ tenha
ninguẽ pode reſiſtir
da mil uoltaſ ſẽ ſentir
maiſ ligeira q̃ huã azenha
quando mãda dſ q̃ venha
amorte eſpantoſa. ∾.

21. A hũſ caça quando Comẽ
sẽ q̃ engulaõ o bocado
outroſ mata nopeccado
ſen q̃ (2) goſto nele
tomem

p. 16

(1) — II^a, A 4. Cf. I^a, IV, (1).
(2) — Riscado (*nele*).

quando menoſ teme homẽ
amorte eſpantoſa ∞.

29. A ninguẽ quer dar auiſo
porque vẽ como ladraõ
ſenaõ acha contriçaõ
entaõ mata maiſ deliſo
quando toma de improuizo
amorte ∞.

37. Quãdo eſperaſ de uiuer
longa uida muj cõtẽte
ella entra de repẽte
ſẽ deixarte apreceber
quando moſtraſeupoder
amorte ∞.

45. Tudo lhe ſerue deeſpada
cõ tudo pode matar
entodoſ acha lugar
pera dar ſua eſtocada
aterriuel bombardada
damorte eſpantoza ∞.

53. Aprimeira morte mata
o corpo cõ quanto tem
aſegũdaquando vem
aalma eo corpo rapa
co inferno ſe cõtrata
amorte eſpantoſa
como uem guerreira
e temeroſa.

16v

XVI(1)

Outra

1. Cordeir(i)nha(2) linda
como folga opouo
porque uoſsa uinda
lhe dalume nouo.

5. Cordeirinha ſancta
de Jeſu querida
voſsaſancta vinda
o Diabo eſpanta
por iſso uoſ canta
comprazer opouo
porque uoſsa vinda
lhedalume nouo.

p. 16v

(1) — IIª, A 5. Cf. Iª, IV, (1).
(2) — Emenda (*i*) sôbre borrão.

13. Noſsa culpa eſcura
fugira depreſsa
poiſ uoſsa cabeça
uẽ con luz taõ pura
voſsa fermoſura
honrrahe dopouo ∾.

21. Virginal Cabeça
polafee cor tada
cõ uoſsa chegada
ia ninguẽ pereça
vinde muj depreſsa
aiudar aopouo
poiſ cõ uoſsa vinda
lhe daõ(3) lume nouo.

29. Voſ ſoiſ Cordeirinha
de Jeſu fermoſo
maſ *o* uoſso eſpozo
iauoſ fez rainha
tambẽ padeirinha
ſoiſ de noſso pouo
poiſ cõ uoſsa uinda
lhe daiſ lume nouo.

37. Naõ he dalentejo
eſte voſso trigo
maſ Jhũ amigo
he uoſso dezejo
morro porque uejo
q̃ eſte noſso pouo
naõ andafaminto
deſte trigo nouo.

45. ſanta padeirinha
morta cõ Cutelo
ſẽ nhũ farelo
he voſsa farinha
ella he menzinha
cõ queſara opouo
q̃ cõ uoſsa uinda
tera trigo nouo.

53. Opaõ q̃ amaſaſteſ
dentro enuoſso peito
he o amor perfeito
cõ q̃ adſ amaſteſ
deſte uoſ fartaſteſ
deſte daiſ aopouo
porque deixe ouelho
polo trigo nouo.

17

p. 17

(3) — Engano provável (=*daiſ*), cf. V. 36.

61. Naõ ſe uende ẽpraça
eſte paõ de vida
porque he comida
q̃ ſe da degraça
opricioſa maça
oq̃ paõ taõ nouo
q̃ cõ uoſsa uinda
quer d/ dar aopouo.

69. O q̃ doce bolo (4)
queſe chama graça
quẽ ſẽ elle paça
he muj grande tolo
homẽ ſem miolo
qualquer deſtepouo
q̃ naõ he faminto
deſte paõ taõ nouo.

(4) — Riscado (q̃).

XVII (1)

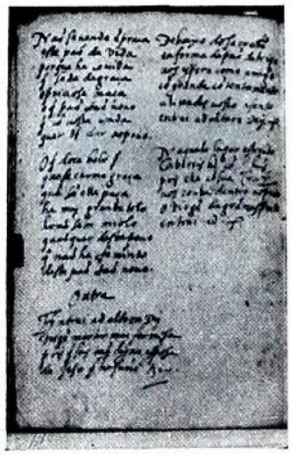
Outra (2)

77. Entrai ad altare Dej
Virgẽ martir mui fermoſa
poiſ q̃ ſoiſ taõ digna eſpoſa
de Jeſu q̃heſũmo Rey.

17v

81. Debaixo doſacramto
enforma depaõ detrigo
uoſ eſpera como amigo
cõ grande cõ tentamento
ali tendeſ uoſso aſento
entrai adaltare Deẏ. ∾.

90. Naquele lugar eſtreito
Cabereiſ bẽ cõ Jhũſ,
poiſ elle cõ ſua Cruz
uoſ coube dentro nopeito
O Virgẽ degrã reſpeito
entrai ad. ∾.



p. 17v

(1) — IIª, A 5.

(2) — Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em IIª, A 5, onde aparecem numa única peça os ns. XVI e XVII. Cf. IIª, A 5, (1) e Iª, IV, (1).

XVIII (1)

Outra 18

1. Pueſ pariſteſ aDioſ uiuo
Virgẽ madre Galilea
nuerabuenaſea.

4. En Nazare cõcebiſteſ
flordetoda galilea.

7. Quiẽ no cabe ẽ todo el mũdo
todo ẽ voſ Virgẽ ſe ẽplea.

10. Embelẽ Virgẽ pariſteſ
noble Ciudad de Judea.

13. Elq̃ mueue todo el mũdo
toma ẽſi nrã pelea.

16. Obẽdito tal Caudillo
q̃ por noſ tambiẽ guerrea.

19. Viſtiſse de nrõ trage
por noſ dar leal librea.

22. pornoſ dar ſu hermoſura
toma nrã carne fea.

25. Maſ naſcido deuoſ Virgẽ
nrã vida hermoſea.

28. Por ueſtirnoſ deſugloria
viſtoſse de uil librea.

31. Por librar aloſ Captiuoſ
depriſioneſ ſe rodea.

34. Como dieſtro bõbardero
q̃ ſueſpera biẽ bornea

37. En loſ pechoſ deſup^e^
todoloſ tiroſ emplea

40. O q̃ Aguila Diuina
q̃ tambiẽ toma laplea

43. Plega ael por ſu clemẽſia (2)
q̃ mi almaſua ſea

46. Y cõ Voſ ſenhora mia
yo ſu roſtro ſancto vea
nora buenaſea.

p. 18

(1) — IIa, B 11. Cf. Ia, IV, (1).
(2) — Borrão (-e-).

XIX (1)

18v

Outra

1. El q̃ muere enelpeccado
ſin arrepentirſe del
eſte tal eſ eſcuſado
Campanaſ doblar por el.

5. Mancebinho roſagante
porlaſ calleſ ſepaſea
y todo el pueblo rodea
mirãdo atraſ, y delante
la muerte cõ ſu mõ tante
da deſubito conel
eſte tal ∞.

13. Embiuido enſu ſnoṙa
aquien ama el deſdichado
mil uezeſ enel peccado
ſedeleita cada ora
Viene la muerte traidora
conſueſpada y broquel
eſte ∞.

21. Elſiempre biue riendo
endeleiteſ embiuido
alli tiene ſuſentido
mil peccadoſ comittiendo
entra la muerte corriẽdo
alleuarlo de tropel.
eſte ∞.

29. Pienſsa el loco enel peccado
biuir mucho aſuplazer
olgar, comer, y beuer
ypeccar mui deſcançado
dale la muerte un bocado
maſ amargo q̃ la hiel
eſte ∞.

37. Ni Coreſma ni Carnal
dexaſuſ delectacioneſ
ni le baſtã confiſsioneſ
paraſalirſe del mal
maſ la ſentẽcia final
enel fuego daconel
eſte ∞.

45. ſi le hablaſ enel Cielo
pera donde fue Criado
el dize q̃ enel peccado
tiene todo ſu conſuelo
ſe deſi no tiene duelo
quien terna memoriad*el*
parale doblar Camp*anaſ*
ni ſalmoſ rezar por el

p. 18v

(1) — IIª, B 12. Cf. Iª, IV, 1).

53. ſele dizeſ q̃ ſe emmiẽde
por Jeſuſ(2) y ſuſ doloreſ
el dize q̃ andar damoreſ
eſ mejor y nieſso entẽde
el ſõr aquiẽ offẽde
tal vengança tomadel
q̃ detodo eſeſcuſado
doblar, ni rezar porel.

61. Como la muger ſin cura
q̃ biue enla mãcebia
paſsa el malo noche y dia
cõ la Carne yſu blãdura
mereceſu vida impura
q̃ ſe muera enel burdel
eſte ∞.

69. Anda ia tan eſtragado
como ceſto todo roto
aldiablo ha hecho uoto
deſtar ſiempre amãcebado
cõ el ha capitulado
deleſer ſieruo fiel(3)
eſte tal eſ eſcuſado
Campanaſ doblar porel.

77. No puede dormir cõtẽto 19 (4)
ſi primero nopecco
al Diablo ſe entrego
confirme conoſcimiento
hale echo Juramento
deleſer ſieruo fiel (5)
yo te juro q'eſ debalde
reſponſoſ rezar por el.

XX(1)

Outra

1. Traſ del rio deloſ ciedroſ
el buẽ Jeſu ſe ſalia
cõ pauor y grã triſteza
aorar como ſoler(2) azia
enel huerto.

6. Poſtrado ſobreſuroſtro
ante elp^e ſeponia
cõſuſpiroſ entrãnableſ
eſtapalauraſ le dizia
e nel huerto(3)

p. 19

(2) — *Jeſuſ*, têrmo quase completamente apagado.
(3) — Repetido em V. 82, por provável engano de cópia. A letra não é de Anchieta. Cf. (5).
(4) — O ms. não traz p. 19v.
(5) — Cf. (3).

(1) — IIª, B 13. Cf. XXXIX.
(2) — Emenda (*ſoler*) sob a qual se lê *ſaper*.
(3) — Várias palavras destas duas estrofes estão quase completamente apagadas.

20(4)

11. Padre mio ſi mi muerte
eſcuſar noſepodia
hagaſse perfectamte
tu volũtad y nola mia
Enel huerto.

16. Orando porlixamente
pueſto en mortal agonia
ſudauagotaſ deſangre
q̃ haſtalaterra del corria
E nel huerto.

21. Miſ grãdeſ maleſ ſõ eſtoſ
o buẽ Jeſu vida mia
q̃ te hazẽ ſudar ſangre
y cauſã tal agonia
E nel(5).

26. En anguſtia tã eſtrãna
q̃ al ſõr cercado auia
entraſe el traidor de Judaſ
cõ ſu infernal Comp^a
E nel huerto.

31. Pren dẽ al mãço Cor*dero*
q̃ recebir loſ ſalia
Vna ſoga ala gargãta
el cruel ſaion le ponia
E nel.

36. Eſcupẽ ſuſanta Cara
q̃ enel Cielo eſ al*egria*
atã ſuſ ſagradaſ manoſ
cõ q̃ el Cielo formado *auia*
E nel.

41. Aluerbo del padre(6) eterno
hijo dela Virgẽ pia
de Coſseſ ybofetoneſ
Cadaqual leuapor fia
E nel huerto.

46. Aſi pagaſ tuſin culpa
buen Jeſu la *cul*pa*mia*
y laque elprimer pad*re*
Comittio cõ gran oza*dia*
E nel huerto(7).

p. 20

(4) — O ms. não traz p. 20v. Cf. NP, (4).
(5) — Quase completamente apagados os VV. 19-24 e 25.
(6) — Emenda (*l*).
(7) — A página tôda está prejudicada por borrões.

XXI(1)
†
IHſ M^a

21(2)

Eſte he caracter
do P. Anchieta.

Recebimẽto, q̃ fezeraõ oſ Jndioſ
de guaraparĩ ao P^e Prouĩ=
cial Marçal Belliarte

Hũ jndio ao deſẽ-
barcar no porto ∾.

p. 21

1. F Vinde paſtor deſejado
Viſitar voſſo curral,
poiſ & ordem diuinal
p.^a noſ ſoiſ qua mãdado
do reyno de Portugal

6. A majeſtade real
do ſõr omnipotente
ordenou muj sabiamẽte
q̃ cõ peito paternal
venhaiſ ver tã pobre gẽte.

11. F Vinde ver pay amoroſo
oſ f.^oſ q̃ tãto amaiſ
cuja ſaluaçaõ buſcaiſ
e cõ peito piadoſo
a vida lhe &curaiſ.

16. Por mar e terra paſsaiſ
trabalhoſ & cauſa noſsa
ſem q̃ acharidade voſsa
cõ q̃ tam aceſo eſtaiſ
em voſ apagar-se poſsa.

21. F Vinde ſabio regedor
reger oſ deſordenadoſ
p.^a q̃ & voſ guiadoſ,
no caminho do ſõr
eſcapemoſ doſ peccadoſ.

26. Eſtamoſ deſcõcertadoſ
maſ voſ trazeiſ o cõcerto
p.^a q̃ noſ maiſ de perto
por Voſ bẽ encaminhadoſ
achemoſ o ceo aberto.

31. F Vinde defenſor muj forte
defender oſ cõbatidoſ
& que naõ ſejaõ rendidoſ
da Culpa, q̃ cauſa morte
infernal aoſ vencidoſ

36. ſe formoſ fauoreſcidoſ
de voſ P^e Belliarte
ſeremoſ & toda parte
ſeguroſ e recolhidoſ
como em forte baluarte

41. F Vinde Vigairo de X̊
ao qual quem obedede
ser coroado merece
e cõ Dſ eſtar bẽ quiſto
q̃ por ſõr reconhece.

46. Com ouuir uoſ o bem crece
poiſ ſoiſ do Rey eternal
logo tente Prouincial
cuja graça reſplandece
Em voſ noſso pay Marçal

(1) — II^a, E 1. Sôbre a observação inicial, cf. NP, § 1.
(2) — O ms. não traz p. 21v. Cf. NP, (4).

22 (3)

51. *F* Eſta noſsa pobre aldea
de Guaraparī chamada
hee deleitoſa morada
da ſõra Galilea,
que &ſua à tem tomada

56. Para nella ſer amada
cõ jnteira deuaçaõ
e de todo coraçaõ
ſer detodoſ venerada
ſua limpa Conceiçaõ

61. F Neſte tam pobre lugar
ella mora muj cõtente
poiſ ſeu f.º omnipotente
nũ palheiro quiſ eſtar
nacido mui pobremẽte

66. Porq̃ a fee da noſsa gẽte
p.ª Dſ hee doce leito
aqual cõ amor ſujeito
deſeja ſer jnnocente
deixando o mal, & bẽ feito.

71. F Hũſ ſaõ velhoſ moradoreſ
outroſ nouoſ do ſertaõ
maſ todoſ de coraçaõ
deſejaõ ſer amadoreſ
da Virgẽ da Cõceiçaõ

76. Porq̃ nella à redençaõ
obrou ſeu filho Ieſuſ
e cõ ſua graça e luz
noſ deu vida e ſaluaçaõ
ſendo morto nũa Cruz

81. F E poiſ ſoiſ tã namorado
doſ ſõreſ f.º E maỹ
noſso bem noſ &curai
tendo de noſ o Cuidado,
q̃ ſe eſpera de tal pai.

86. Eſta aldea(4) cõſeruai
p.ª q̃ cõ paz moremoſ
epoiſ ja na fee viuemoſ
todo remedio noſ dai
cõ q̃ todoſ noſ ſaluemoſ

~ fala agora aoſ
jndioſ ~

91. F Pejori
yanderuba rura ri
peroribamo pecoapa
pe apicicamo(5) cori
co cecou mamo çui
ou parana raçapa.

97. Angire
tiande poreauçubume
taceçaĩ yãde retama
ara momorãganhe
jmaendua cece
yãde ruba angaturama

103. F Ae co paigoaçu
pai Ieſu recobiara
ae teco monhangara
ae co yãde rauçu
ae tecocatu jara.
Toço

p. 22

(3) — O ms. não traz p. 22v. Cf. NP, (4).
(4) — Borrão (-*e*-).
(5) — Sob o -*c*- (*ca*) lê-se -*g*-.

108. Toçopa teco ãgaipaba
yande retama çui
tocanhẽ teco poxi
Tupã teco monhangaba
timopo meme yepi.

~ Na igreja fala
hũ Diabo cõtra
oſ Brãcoſ ~

113. F Que Padreſ ora qua vem
meterſe no meu lugar?
logo ſe podem tornar
q̃ nenhũa medra tem
poiſ tudo eſtà à meu mãdar.

118. Eu cõ hũa volta dar
quãto elleſ tem ganhado
lhe tenho todo roubado
e muj m.to a ſeu pezar
trago tudo dũ bocado.

123. F E naõ tenho maiſ cuidado
p.a iſto executar
q̃ qualquer brãco chamar
doſ que tenho(6) à meu mãdado
eme ſeruẽ ſem faltar.

128. Porq̃ eſteſ taiſ ſẽ ceſsar
reuoluem todalaſ caſaſ
diſcretoſ pa enganar,
ligeiroſ pa peccar
q̃ parece, q̃ tem aſaſ.

~ Outro Diabo cõtra 23
o prim.o fala cõ=
tra oſ jndioſ ~

133. F Olhay o Cara de Caõ
quẽ te fez o cãpo frãco
pa neſta prociſsaõ
vireſ dizer mal do Brãco
Sem nenhũa cõcluſaõ?

138. Iſso laa
na villa naõ faltara
quẽ lho diga mto bem
agora tratemoſ qua
doſ q̃ neſte lugar haa
doſ Braſijſ, q̃ amor me tẽ.

Ĩ

144. F Aani, Mairae
xenho xenheẽg apia
xe nheẽga rupinhe
oicomemoamo meme
omonhangara reia

2o

149. F Anhe ipo
Caraiba amo amo
yãgaipa ndererobia
nde reco poxi pota
omonhãgara reco
abiabo, ceitica pà

155. F Apiabare opacatu
Co guaraparĩ iguara

p. 23

(6) — Borrão (*-ho*).

xe reco rupi tecoara
xenho xenheẽg endu
xenho cemierobiara.

160. F Ey tenhe
abare Tupã rece
cerobag(7) potaraupa,
eri, oçaang yepe
xete xerapiarete
opiape xe rerupa.

166. F Xe po guiripe areco
cunumigoaçu ãgaipaba
tunhabaẽ cacuaba
oyepe yombe anho
nomoangaipabi co taba

171. F Naxereroiroĩ goaibĩ
Cunhã ciguaragibora
aipopoar, ayapitĩ
cunhamucu taba pora
xe piapupe anhomĩ.

1º

176. F Auge ipo
oyepegoaçu tiaico
angire mochi reitica.

2º

Augebete tiaço
oca rupi yapipica
yãde ratape imõbo.

p. 23v

~ Anjo daldea ~ *23v*
cõtra of Diabof.

182. F Peroritenhe yã*du*(8)
co taba rõ pepuama
Tupã raira retama
açarõ potacatu
nitibi perẽbiarama.

187. F Aicobe pemõdoarama
pemocema
maẽ co xe itãgapema
xepope ndoicoi tenhe
pemobocaõma e.
Doguerobiari moema
ico xerairete.

194. F Angari
abare goaçu cori
aroguata cerecobo
paranagoaçu rupi.
peneĩ tauge peçobo
co guaraparĩ çui.

200. F Oguba rece anho
apiaba nhemboririj
pecoa penhana, *pe cij*,
penhemõgatu mamo
xe çuj, nopoapij.

Diabo 2.º

205. F Acaigue(9).
Arecopotarãga
co taba xepopenhe

Anjo

Ecoa que çui tauge
Dia-

(7) — Borrão (-*g*).
(8) — Quase ilegível (-*du*).
(9) — Borrão (-*e*).

Diabo

Taçone, xe abanga
nde abaitecatu çupe.

~ Vayſe o Diabo
e day a hũ pedaço
torna, ediz ~

211. F Co aico, ajuribe
xeroriba mõbeguabo
açonhe moropeabo
tecopochi pupenhe
apiaba mõdecatuabo([10]).

216. F Eytenhe xe ãgaguabo
abare
xe mõdopota tenhe
xe recoatiba çui,
eri, xerẽbia meme
co tabiguara rece,
pai Tupã raçara ndi.

223. F Ociquij bite page
Caruara
Nopabi moropotara,
teçainãna, mara e
mõdarõ, moema abe
cetanhe xe rauçupara
co guaraparĩ pupe.

Vem hũ jndio cõ
hũa eſpada emba=
gada cõtra elle ~.

Indio 24

230. F Tete marã eyabo mã.
Dejuraruguai eicobo,
co xe ruri ndemõdobo
eremoirõ pai Tupã
Jco taba rapecobo.

235. Nãde amotaretei
Xe anama tapijara,
oyoya ibitiriguara
nandererobiaribei
nitibi nderauçupara.

240. F Quecenheĩ Tupã ci
nde reitici nde peabo
ae xembou cori
co aico nde acãga cabo
nde yerobiara çui.

245. Neĩ eyemoçacoi
tayopune marãdoera.

Quebra-lhe a cabeça

Te, ajuca Macaxera
omanõgatu mochi.
Anhangupiara, xe rera.

p. 24

([10]) — Emenda (-*c*-) sôbre -*g*-.

XXII (1)

~ Dãça de dez
minino∫. ~

1º

250. F Xeretama mooripa
ereju xerubigoe
xe abe nderobaque
aju uijẽborimboripa

2º

254. F Co xe anama ruri pa
nde rapepe nderepiaca
xe abe xemoyeguaca
nde moori catu pota.

3º

258. F Tapuij pepira guabo
xe ramuya poracei
xe Tupã reco ayucei
xeruba reco peabo.

4º

262. F Xe ruba xemonhãgara
nde rauçu xe jrumobe
Endete xe rubate
pay Je∫u recobiara.

5º

266. F Coi cotaba rerupa
oroicocatu beĩ
cerapoã guaraparĩ
Tupã oca rerocupa.

24v

6º

270. F Guaraparĩ cerumuana
oroitic pota yxuj
∫ãcta Maria coí
iporãg jmoerapoana.

7º

274. F Tupã ci morauçubara
ore anga oipicirõ
nde abe ereipitibõ
ore anga mboeçara.

8º

278. F Peccado amotareĩma
açauçu Pai Ie∫u
taxepitibõgatu
opia pupe xe mima.

9º

282. F Ecegijucarume
Ique çui xeretama
toicopabẽ xe anama
Tupana reco rece.

10º

286. F Iori pay Maraça
ico taba mõgatuabo
Pai Iesu mõgetabo
ixupe çauçubuca.
Cãt.

p. 24v

(1) — Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em E 1, onde aparecem numa única peça os ns. XXI e XXII.

XXIII (1)

~ Cãtiga por
o ſen Vẽtura
a N. ſoã. ~

1. F Tupã ci porãgete
oropab oromanomo
ore moĩgobe yepe
nde membira monhiromo
inõgatuabo
ore raromo
ore anga piçiromo.

8. F Ejori ore rece
nde mẽbira mõgetabo
toroecatu tauge
anhãga rauçupeabo
jmomocema
jmomochiabo
yangaipaba mõburuabo.

15. F De porãgatu rauçupa
teco aiba oromombo
nde rece meme oroico
nde roba repiacaupa
nde rapecobo
nde çu nde çupa
ore ybijme ndererupa.

22. F Morauçuberecoçara
oroe pabẽ endebo
jori nde porauçubara
moyaoyaoca orebo
ore rauçupa
ore mboebo
ore anga reçapebo.

29. F Emoyerecoab orebo 25
Ieſu ndemẽbiporãga
teicatu ore anga
cerobia, çauçubetebo
imõbeguabo
are arebo
jndibe nde moetebo.~

p. 25

(1) — IIa, D 1.

XXIV (1)

~ Cãtiga & querẽdo o alto D*i* ~ *25v*

canhemiré=Kanhem-iré (Navarro, 2004, p. 86)

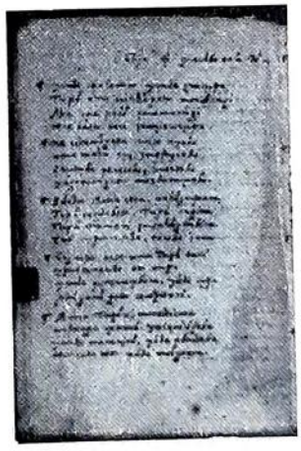
1. F yande canhemira yande rauçupa
Tupã amo cunhãgatu monhangi(2)
Aba çoçe pabẽ jmomorãgi
teco catu rece ymoyecoçupa.

5. F Xe ciramõgatu toico oyabo
amo cunhã çuj jmoingoebo
Çauçuba rerecobo, jmoetebo
yãgaturãgatu moeburuçuabo.

9. F ſãcta Maria cera, anhãgupiara
Tupã rendabete, Tupã ragira,
Tupã cirama ri jmonhãgimbira
Teõ rupiaranhe, tecobe iara.

13. F Cig uepe oeterama Tupã tarî
ypuc eimenhe oa oupa
yande poreauçuboca, yãde çupa
pitãgamõ gatu cecopotari.

17. F Maria Tupãci, moroiticara
anhanga çumarã, yxiquicigeba
yande maranjrũ, yãde abaiteba
teco catu rece yãde moïgoara.



p. 25v

(1) — IIª, D 2.
(2) — Borrão (-*h*-).

21. F Tiaçauçu pabẽ ſãcta Maria.
yande pia pupe ceco mõdepa
topoar anhanga ri, muru mõbepa
ceco poxi çui yande regija.

XXV (1)

Cãtiga &
el ſin Vẽtura

1. F yanderubete Ieſu
yande recobe meẽgara
oimõboreauçucatu
yãde amotareimbara
anhãga aiba
morapitiara
yãde anga iucaçara

8. F yãde anga rauçupape
ibira pupe omanomo
yãde repimeẽgape
anhãgape oyemoiromo
yãde rauçupa
yãde raromo
yãde anga piciromo.

15. F Ejori Paí Tupã
xe anga moingocatuabo
tarojrõ tecomemoã
anhanga rauçupeabo
toroauçune
de mõbegoabo
denho ndemoetecatuabo.

22. F Açopota nde retame
Deporãgatu repiaca
eique cori xe nhiame
xe queranama mõbaca
xe momaemo
xe moobaibaca
de coti xererobaca.

XXVI(1)

~ Da Aſsũpçaõ . ~ .

1. F Ara angaturamete
oa yandebo cori
peneĩ taperori
Tupã ci reõ rece.

5. Oço co ara pupe
Tupã roripape ocema,
yande reõ mocanhema,
yande moĩgobebonhe.

9. F De mẽbira roripape
ereço co ara ri
toroauçune Tupã ci
de moingobo xepiape

p. 26

(1) — IIa, D 3.

(1) — IIa, D 4.

13. De porauçubacatuape
naxere*r*oiroĩ yepe
de maendua meme
x*e* re*ce* xerauçupape.

17. F Derej*a*r erimbae
co ibipe ndemẽbira
de rece cerocipira
yapicicatu ete

21. Derepiaca potanhe
ya*eú* quepe çui
de recoporanga ri
oyemomota meme

25. F Tupana repiacaupape
ereyaceo yepi
dererog*e*upi cori
demembira ogoripape.

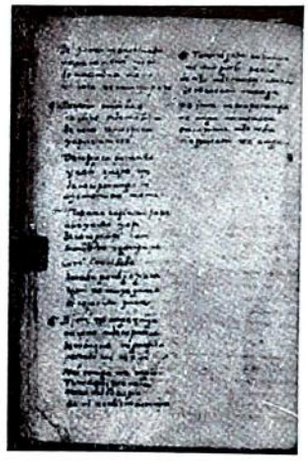
29. *C*ori Caraibebe
deroba porãgepiaca
ejori xe moyeguaca
de recocatu pupe.

33. F Ejori xe angequija
taçone nderopecica
derobaque uiguapica
peccado çui uixija.

37. Neĩ tauge xe regija
Toroaquipoereca
taxemõdoçapia
de ri xenhemboririja.

41. F Taroirõgatu anhanga *26v*
xe reco pochi peabo
denho nderauçucatuabo
derecocatu raanga

45. Xe jara repiaporanga
xe anga toimomota
tacepiane nde roba
tiapicicatu xe anga.



p. 26v

XXVII(1)

~ Dia da Aſsũpçaõ, quãdo leuaraõ ſua jmagem a Reritiba. ~ 27

Anjo no caminho.

1. F Ejori Virgẽ Maria
Tupã ci co taba çupa
mamo anhãga mõdija
teicatu nde rauçupa
de rece oyẽboririja.

6. Eipeapa maraara
tacuba, teicoarugui
tigueaiba, uu aci
toyerobia tapijara
Tupã nde membira ri.

Diabo.

11. F Aani, ereju tenhe
taba çuj xe peabo
oyemomota pabẽ
tapijara xe rece
xe recopotacatuabo

16. Ecoayebi nde recoape
naipotari nde reique
ybitiriguara e
areco co xe rupape
naçoribi nde rece.

Anjo.

21. F Tete marã eyabo mã
ybytiriguara abe
oçauçu pai Tupã.
ecoa ea(2) tata pupe.

25. Yxe co taba raroana
oromõdonhe ixuine
oique Tupã ci corine.
Queixeçou nderepenhana.

Diabo

29. F Xeporeauçubete mã
oipicirõ Tupã ci
xe retama xe çui
Tupã ci xe çumarã.

~ fala cõ ſeuſ
cõpanheiroſ ~

33. F Tiaço taba pobu
yande mõdo yanõde.

Diaboſ

Neĩ tiaço tauge.
angaipaba amo reru.

p. 27

(1) — IIa, D 5.
(2) — Borrão (*ea*).

~ ſeiſ ſaluagẽſ
q̃ dãçaõ oſ ma=
chatĩſ. ~

.1.

37. F ſarauayamo oroico
caape oroyemonhãga
oroju nde momorãga
ore aiba reropo.

2

41. F Dejrumobe toroço
Tupã retame *oro*iquebo
ejori oremboebo
toroina(3) nde reco.

3.

45. F Caapitera çuj
aju nderura repiaca
ejori xe rerobaca
de recocatu co*t*i.

4

49. F Coi nde rura rece
xe aiba aitic ipane
arobic Tupã ete
inheẽga rerobiane.

5

53. F Co aico nderobaque
xe igouareropepa
ejori nde xe mõdepa
xe recocatu pupe.

6.

57. F Acejarumã caa
de rerapoana rece
xerauçucatu yepe
xepoxi reitica pa.

Dãçaõ douſ, e(4)
em pª doſ do
ſertaõ dizem

.1.

61. F Jbitiripe uitecobo
bae naicuabetei
coi aroporacei
xe anama çerecobo.

65. Aicuabumã Tupã
Demẽbira Tupã ci
emonanamo cori
aroirõ bae memoã.

2

69. F Jco xe anamete
Marataõa iguaroera
oicuacatu nde rera
cenõya yepi meme.

73. Oroicotebẽ pabẽ
Pay maraari
ejori nde Tupã ci
imõboerapa tauge.

p. 27v

(3) — Quase ilegível.
(4) — Borrão.

ndepitibõmo(5)

77. § Co aico depicirõmo
tupana xembouçape
aju ndeanga rarõmo
teinhe nderete omanomo
nde anga toço cecoape

82. § Pai Jeſu mõbegoape
Vuba ereiporara
Jori cepirãma ra
Caraibebe rupape

86. § ſ. ſebaſtiaõ nderera
Ndemoete pay JEſV
ndemoerapoãgatu.
Deibõ ybõagoera

90. § Nderece cotabigoara
toriba monhang oicobo
tupã oca rapecobo
Emonanamo co ara
momorangi cerecobo

95. § Anguire co taba çupa
tereju meme yepi
Anhanga reco çuj
Tapijara cuacupa

99. § Emoingo pabẽ apiaba
Tupana reco rupi
Cunha, Goaibĩ, Corumi
Toçopa tecoangaipaba
Cotaporanga çuj

XXVIII(1)

Outra

I

1. § orerauçuba iepe
pitanguĩ pay JEſV
toroico pabẽ gatu
ndereco catu pupe

p. 28

(5) — Corrigenda (*ndepitibõmo*).

(1) — IIa, D 6.

2º

5. § Pitanguinamo ereico
tupanamo eycobobe
Naçopotari mamo
ndepiri guitecobonhe.

3º

9. § Ibaca çuy ereiur
xeanga picirõçape
Eingatu xepigape
xejarĩ pay JEſV

4º

13. § Xeanga mõgaturõmo
tupã tuba ndebouri
Emonanamo xerurj,
nderece guiiepigciromo.

5º

17. § Pitangĩ repiacaupa
ajur xeroca çuj
Ejori xejara cig
xeanga pupe çerupa.

6º

21. § Yandemonhãgaranhe
Erenoin ndegibape
Xeabe çauçucatuape
tarur xepigâpupe.

7º

25. § Emaẽ gatu oreri
tupã cig ſ.ta Maria
Jori Anhãga mõdija
ore moauge çuj.

8º

29. § Morauçubarecoçape
aceanga erejoçub
Eimoinge pai JEſV
nde membira xepig*ape*

9º

33. § Tupã cig, xecig abe
aroirõ tecopoxi
açauçub demembirĩ
xepeaume yepe.

p. 28v

No manuscrito (talvez erro de cópia mesmo) açapiga

10

37. § Oroauçub catu guitecobo
xerecobe yacatu
xeyequime terejur
ybate xereraçobo

11o

41. § Amo ae tubixacatu
nderece oierobia
coxereçou dereca
xerubĩ pay JEſV.

12

45. § Derecocatupota
aroirõ xerecopoera
Iporangatu derera
Ejori xerauçuba.

XXIX(1)

Outra

1. Tupana Cuapa
coiaçauçu
xejara JEſV ∞ (2).

29

4. § Acoeime guimanomo
Anhanga eçapiga
xeanga ajuça
peccado irumomo(3)
ae reroirõmo
Coi açauçu. ∞.

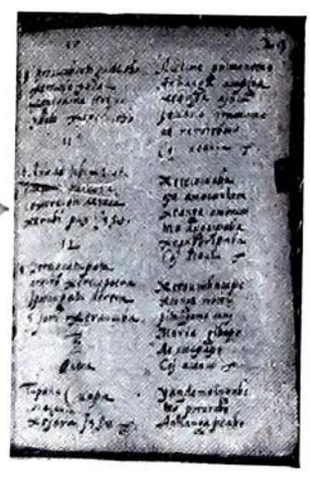
ajuca (no manuscrito)

11. § Xetecocuaba
opa amocanhem
xeanga omonem
teco angaipaba
xeangoripaba
Coj açauçu. ∞.

18. § Xerauçubaçape
xeanga motenj
pitangamo cenj
Maria gibape
Ae cuapape
coj açaucu. ∞.

25. § Yandemoingobe
teõ porarabo
Anhangapeabo

Deve ser coxerecou, pois o que parece um ç deve ser o ~ da palavra rubĩ.



p. 29

(1) — IIa, D 7, cf. Ia, IV, (1).
(2) — Suprima-se o ∞.
(3) — Borrão (-u-).

§(4) teõ recebe
Aipo recenhe
coi açauçu
xejara Jeſu ∞(5)

32. § Opa oguguj
meengui omanomo
yande pigcirõmo
Anhãga çuj
Aipobae ri
coj açauçu ∞.

39. § Pejo pabenhe
JEſV momoranga
çauçuba raanga
xeirũnamobe
JEſV mbae ete
pej peçauçu
xejara JEſV
xeruba JEſV.

XXX(1)

Outra

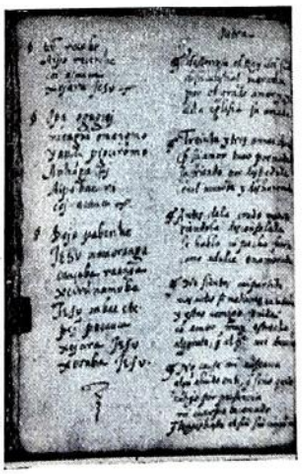
1. F deſterroſe el Rey del Cielo
deſu celeſtial morada
por el grãde amor y zelo
dela igleſia ſu amada

5. F Treinta y treſ annoſ de uida
& ſu amor tuuo por nada
ſuffriendo por deſpedida
Cruel muerte y deſhonrrada.

9. F Anteſ dela cruda muerte
viendola deſconſolada
le hablo cõ pecho fuerte
como adulce enamorada

13. F No ſientaſ mipartida
maſ anteſ ſi metieneſ en tupecho
y eſtaſ comigo vnida
cõ amor muy eſtrecho
alegrate, q̃ alpe uoi derecho

18. F No cauſe mi auſencia
algũ oluido enti, q̃ ſino quedo
cõtigo por preſencia
mi cuerpo teconcedo
q̃ tengaſ haſta el fin ſin ningũ miedo



p. 29v

(4) — Suprima-se.
(5) — Suprima-se.

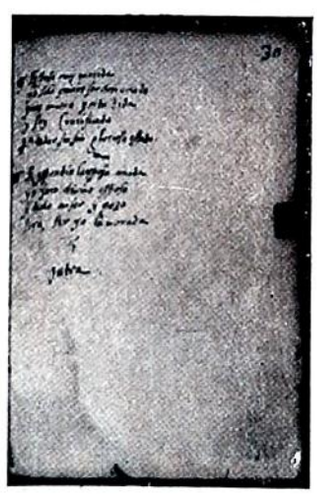
(1) — IIa, B 14.

23. F Eſpoſa muj querida 30
yo ſolo quiero ſer deti amado
pueſ muero portu Vida
y ſoy Crucificado
pª te dar ſin fin glorioſo eſtado.

28. F Reſpondio la eſpoſa amada
yo Juro diuino eſpoſo
q̃ todo miſer y gozo
ſera, ſer yo tu morada

XXXI (1)

Outra



p. 30

(1) — IIª, D 8. Falta o início desta poesia (p. 30, parte, e 30 v em branco). A numeração dos versos corresponde à parte apresentada.

Paratij

1. F Xeparatij çui
aiu tupãci repiaca
guinhemoyegoayegoaca
xeroribaõamari.

5. Çori catu xe ibija
Jporangatu rece
çoriba xe yabe
xeruba tupuna(2) quija. *

9. Arobicatupeca
iporang epia catuabo
Jaço cori ymõbegoabo
goaibĩ moeçaỹ ãba(3).

Oraçaõ

13. Tupã cig porangete
xeanãma nderauçu
toçarõ paj IEſV
xeretama nde abe.

Reritiba

17. F Rereritiba(4) xeretãma
taba angaturãgatu
xeanãma xembou
tupã cig repiacarãma.

21. Iporang co tupã oca
gegoacabeta rerupa
augete co anga andupa
aceja quece xer*oca*
copupe miſsa rẽdupa.

Oraçaõ

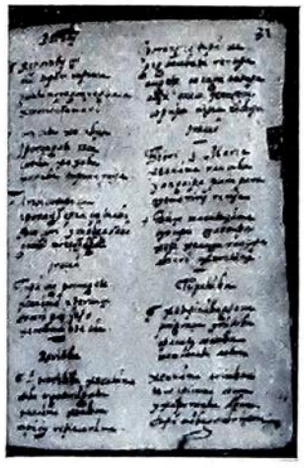
26. Eiori ſ. Maria
xeanãma rauçuba
yangaipa para para
oyemoririj ririja

30. *f* Tiaço marataoãme
oyoupe oyobaupa
xete xeanga rauçupa
abiarĩ xeretãme.

Tupitãba(5)

34. F Xetupinãbagoaçu
paigoaçu yrũdiba
opacatu caraiba
xemõbaete catuu(6).

38. Xeanãma erimbae
teco ipiramo cecou
yxuperanhe Abare
tupã mõbegoabo ixou.



p. 31

* é tupinaquija mesmo = tupiniquim em português

(2) — Engano provável (= *tupiana*).
(3) — Sob o *-b-* lê-se *-g-*.
(4) — Engano provável (= *Reritiba*).
(5) — „ „ (= *Tupinãba*).
(6) — „ „ (= *catu*).

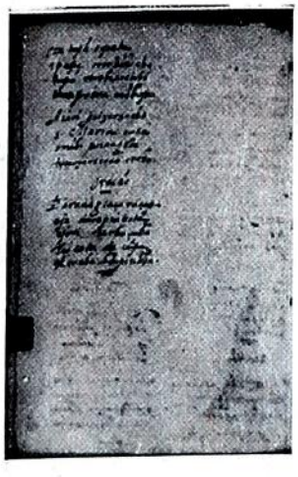
42. Ore tupã ogueta oqueta *31v*(7)
ipupe oronhẽboebo okz + etá
tupã rerobiaretebo
tecopoera mõbopa

46. Aiurĩ guiyerurebo
ſ. Maria çupe
omẽbi porangete
tomoyerecoab orebo.

Oraçaõ

50. Paranagoaçu raçapa
aju derepiapota
ejori orerauçubâ
Tej catu de cu[a]pa(8)
Xeruba Tupinãba.

oqueta = okz + eta
conferido na cópia
maior. BOLETIM LI-nº6
de 1945 USP.



p. 31v

(7) — O resto da página está em branco.
(8) — Emenda (*a*).

XXXII(1)

Ī

1. § *V*oſsa uinda bõ paſtor
detodoſ taõ dezeiada
doſõr foi ordenada
porqueſoiſ conſolador
*de*ſ*t*apiquena manada

6. § Dez eja ſer conſeruada
noſeupi queno curral
con uoſso amor paternal
defendida, e ajudada
e liure de todo mal.

2

11. § Poiſ queuindeſpai benino
*vo*ſsoſ fºſ uiſitar
deuemonoſ dalegrar
e cõ ofauor diuino
*V*oſsa uinda feſtejar

16. § pera*q* todopezar
ſeia de noſ deſterrado
rogai uoſ pai mui amado
q̃ nũca tenha lugar
en noſ omortal pecado

3

21. § Vieſteſ meſtre e(2) doutor
doſ rudoſ e inoranteſ,
pera ſermoſ maiſ conſtãteſ
*no ca*minho doſõr,
e cõ X̊ triumphanteſ.

26. § ſomoſ fracoſ caminhãteſ
maſ peraq̃ naõ canſemoſ
voſsa doutrina ouuiremoſ
e correndo maiſ q̃ danteſ
abõ porto chegaremoſ.

§

4ª (3)

31. Vinde grande Capitaõ
defender uoſsoſ ſoldadoſ
poiſ eſtamoſ infeſtadoſ
de noſso Jmigo ſathã
edeperigoſ cercadoſ

36. § poiſ queſomoſ taõ coitadoſ
aiudainoſ neſta gerra
naõ ſeiamoſ mal tratadoſ
oprimidoſ eauexadoſ
doſ moradoreſ daterra.

Ī

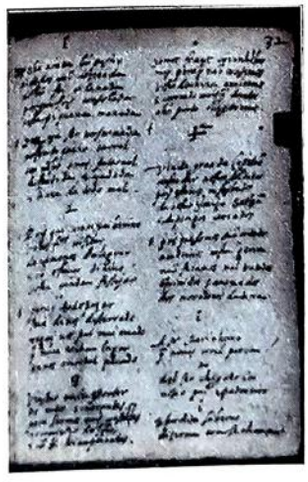
41. A N Marinheiro
q̃ nouaſ corrẽ porca?

2

dizẽ ſer chegado ia
noſso pai epadroeiro.

Ī

45. Epor dita ſaberaſ
dizerme comoſe chama?



p. 32

(1) — IIª, A 6.

(2) — Sob o *e* lê-se *ſ*.

(3) — Engano provável (= *4º*). As mulheres não tomavam parte no teatro catequético. As figuras femininas (Cf. E 2, E 5) eram representadas por homens fantasiados de mulher.

2.

Hũ pai q̃ mto noſ ama
como por obra veraſ

1

49. quẽ quereſ ſignificar
cõ eſta tua repoſta

2

Op^e N da Coſta
que noſ uẽ auiſitar

1

53. E q̃ noſ ha defazer
conſua uiſitaçaõ?

2

deſterrar aLucifer
denoſsa pouoaçaõ

3º

57. Etẽ elle coraçaõ
contra taõ brauaſerpẽte

2

ſi que he mto ſapiente
e ualente Capitaõ

3

61. Deq̃ armaſ uẽ armado
contra taõ forte imigo

2

o bõ Jhũ traſ conſigo
no Coraçaõ ençarrado.

3º *32v*

65. Deſse nome poderozo
naſce toda afortaleza
conquſe uence afereza
deſte dragaõ furiozo

4º

69. E pera bẽ peleijar
deq̃ modo uſa dele

2

de Coraçaõ crendo nele
e amandoo ſẽ ſeſar

3º

73. E anoſ deque feiçaõ
nagerra noſ ha darmar

2

por palaura ha denſinar
oq̃ traſ no coraçaõ

3

77. E iſso de q̃ maneira

2

Jnſinandonoſ acrer
e amando aDſ correr
por ſuaſancta Carreira

1º

81. Naõ foi ſem cauſa eſcolhido
de Dſ por noſso paſtor.

p. 32v

2º

Bẽ no moſtra no amor
e zelo taõ encendido

4

85. Para pagar tal amor
quefaremoſ companheiroſ

3

q̃ ſeiamoſ bonſ Cordeiroſ
poiſ temoſ taõ bõ paſtor

4

89. E detaõ ſabio doutor
aley de Dſ aprẽdamoſ
peraq̃ ſempre oſiruamoſ
con reuerencia etemor

1º

93. Poiſ talpai noſ uẽ auer
bẽ ſera q̃ ofeſtejemoſ

2

por ſerto q̃ lho deuemoſ
ſe filhoſ queremoſ ſer

4

97. poiſ uem cõ grande fadiga
da praya q̃ lhe faremoſ

2 33

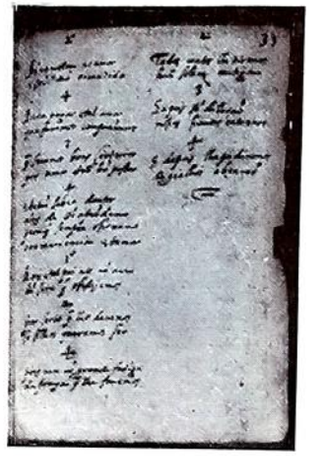
Todoſ iuntoſ lhe diremoſ
huã ſolene cantiga

3

101. Eapoiſ ſẽ dilaçaõ
noſsaſ frautaſ entoemoſ

4

E depoiſ lhepediremoſ
de giolhoſ abençaõ



p. 33

XXXIII(1)

qñ no ſpũ ſanto ſe recebeo huã reliquia daſ *33v*
11 mil Virgenſ Diabo

1. Temoſ embargoſ dõzela
aſerdeſ deſte lugar :
naõ me queiraiſ agrauar
q̃ cõ eſpada erodela
uoſ ey defazer uoltar

6. ſela na batalha do mar
mepizaſteſ
qñ aſ onze mil jũtaſteſ
q̃ fizeſteſ en d/ crer
naõ ha agora aſin deſer
ſeentaõ de min triũfaſteſ
oie uoſ ey de uencer.

13. Naõ tenho contradiçaõ
entoda a Capitania
anteſ ella ſem profia
de baixo de minha maõ
ſe rendeo cõ alegria

18. Cuido q̃ arraſteſ auia
eoſol tomaſteſ mal
tornaiuoſ aportugal
q̃ naõ tendeſ ſol nẽ Dia
ſenaõ anoite enfernal.

23. Depeccadoſ
enq̃ oſ homenſ enſopadoſ
auorecẽ ſempre aluz
ſelheſ falardeſ na Cruz
daruoſ aõ muy agaſtadoſ
nopeito cũ arcabuſ.

a qui deſpara hũ arca*buſ*

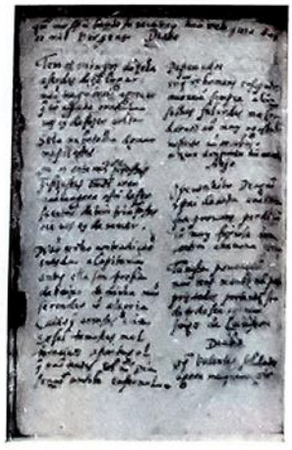
Anjo

29. Opeçonhẽto Dragaõ
epai detoda amentira
que procuraſ perdiçaõ
cõ muy furioſa ira
contra ahumana geraç*ão*

34. Tu neſta pouoaçaõ
naõ tenſ mando nẽ pod*er*
poiſ todoſ pretendẽ ſer
de todo ſeu coraçaõ
Jmigoſ de Lucifer.

Diabo

39. Oq̃ valenteſ ſoldadoſ
agora mequero rir



p. 33v

(1) — IIª, A 7.

(2)mal^me(3) podẽ resistir
oſ q̃ fracoſ(4) cõ peccadoſ
naõ fazem ſenaõ cair

Anjo

44. ſe caẽ logo ſeleuantaõ
E outroſ ficaõ enpee
oſ quaiſ cõ armaſ da fee
te reſiſtẽ e te eſpantaõ
porque Dſ cõ elleſ he

49. q̃ cõ exceſſiuo amor
lheſ mandaſuaſ eſpozaſ
onze mil Virgenſ fermozaſ
cujo contino fauor
dara palmaſ glorioza ſ.

54. E perate(5) dar maior pena,
a tua ſoberba inchada
quer q̃ ſeia derribada
pro huã molher piquena.

Diabo

58. O q̃ cruel eſtocada
matiraſte
qñ amolher nomeaſte
porque molher me matou
molher meu poder tirou(6)
E dando comigo ao traſte
acabeça me quebrou.

Anjo

65. Foiſ agora eſsa molher
traſ conſigo eſtaſ molhereſ
q̃ neſta terra aõ deſer
aſ q̃ lhe alcançaõ poder
pera uencer teuſ podereſ.

Diabo

70. Ay de mim deſuẽturado
. . . . . do(7)
acolheſe ſathanaſ

Anjo

O traidor aqui iaraſ
depieſ emaõſ amarrado
poiſ que perturbaſ apaz
deſte Pueblo ſoſegado(8).

Diabo

75. O anjo deixameja
q̃ tremo deſta ſor̃

p. 34

(2) — Riscado (*bẽ*).
(3) — Emenda (*me*).
(4) — Emendado (*oſ q̃ fracoſ*) sôbre *aqueleſ q̃*, riscado.
(5) — Emenda (*te*).
(6) — Êste verso foi acrescentado na entrelinha.
(7) — Riscado (*depeſ emaõſ amarra*).
(8) — Quase ilegível. No original está riscado um *ſſo* (*ſſoſoſegado*).

Anjo

Cõ tanto q̃ teuaſ fora
E nunca maiſ torneſ ca.

Diabo

Oraſeia na ma ora

Jndoſe diz aopouo.

80. Ou, deixaiuoſ deſcançar
ſobre eſta minha&meſsa
eu darei uolta depreſsa
auoſaſ caſaſ cercar
equebraruoſ acabeça

Villa

Mote.

85. Maiſ rica meuejo agora
q̃ nunca danteſ me ui
poiſ que teruoſ mereci
Virgẽ Martyr por ſnoſra.

Gloza

89. O ſõr omnipotente
mefez grande beneficio
dandome aquella excellẽte
legiaõ daeſforçada gente
do grãde Martyr Mauricio.

94. Neſte dia *34v*
ſe dobra minha alegria
con uoſsa uinda ſãr
epoiſ a Capitania
oje tẽ maior valia
maiſ rica me ueio ag*ora*

100. Cõ aprepetua memoria
de uoſsa mui ſancta uida
eda morte eſclareſcida
cõ q̃ alçanſaſteſ (9)vitoria
morrendo ſẽ ſer uẽcida
105. ſerei maiſ fauorecida
poiſ uindeſ morar en *mi*
. . . . . (10)

porque tendouoſ aqui
fico maiſ enrequicida
q̃ nunca danteſ *me*(11)uj.

110. Daſaſ̃ da Victoria
Victoria ſou nomeada
epoiſ ſou de uoſ amada
donze mil Virgenſ naglo*ria*
eſperoſer coroada.

115. Poruoſ ſou aleuantada
maiſ doq̃ nunca ſobi

p. 34v

(9) — Engano provável (= *alcanſaſteſ*
(10) — Riscado (*porque tendouoſ aqui*).
(11) — Borrão (*m-*).

*p*eraq̃ ſobindo aſi
naõ ſeia maiſ derubada
*p*oiſ que teruoſ mereci.

120. Meuſ fºſ ficaõ onrradoſ
enuoſ terẽ por princeza
porque de(12) ſua baixeza
*por*uoſ ſeraõ leuantadoſ
*auer*adiuina alteza

125. Tudo temoſ
poiſ q̃ tendo auoſ teremoſ
a Dſ q̃ cõ uoſco mora
elogo deſ deſta ora
todoſ uoſ recoⁿlhecemoſ(13)
Virgẽ martyr por ſnõor.

~ hũ co*m*pa*n*heiro de
ſ. M*a*or. uẽ ao cami
nho a uirgẽ ediz

131. Toda eſta Capitania
Virgẽ Martir glorioſa
eſta chea dalegria

poiſ recebe(14) neſte dia
huã may taõ piadoza

136. Noſ ſomoſ ſeuſ padroeiroſ
cõ toda noſsa legiaõ
doſ teb*a*noſ caualeiroſ
ſoldadoſ ecompanheiroſ
de Mauricio Capitaõ

141. Elle eſpera ia por uoſ
etem preſteſ apouſada
pera cõ voſsa manada
ſerdeſ como ſomoſ noſ
deſte lugar auogada.

Vrſula

146. Pera iſso ſou mãdada
e cõ uoſsa companhia
faremoſ mui groſsa armada
cõ q̃ ſeia bẽ goardada
anoſsa Capitania.

Ao entrar daigreja
falaſ Mauricio
cõ ſ Vidal.
E diz

p. 35

(12) — Emenda (*de*) sôbre, riscado, *por*.
(13) — Emenda (*n*) sôbre, errado, *l*.
(14) — Riscado -ſ.

Mauricio

151. Naõ baſtaõ força ſ humana ſ
naõ digo pera louuar
ma ſ nẽ pera bẽ cuidar
a ſ merce ſ taõ ſoberana ſ
q̃ cõ amor ſingular

156. D ſ eterno
Abrindo opeito paterno
fa ſ atodo e ſte lugar
paraq̃ po ſsa e ſcapar
do bra*u*o fogo do inferno(15)
e ſaluaçaõ alcançar

162. Ditoza Capitania
q̃ o ſumopai e ſõr
abraça cõ tanto amor
augmẽtando cadadia
ſua ſ graça ſ e fauor.

Vital.

167. Di*t*o ſa por ſertohee
ſenaõ for de ſconhecida
ordenando ſua uida
de modo q̃ iũte afee
cõ caridade encẽdida

172. porque a ſ merce ſ diuinai ſ
entaõ ſaõ agradecida ſ
quando o ſ coraçoĩ ſ leai ſ *35v*
ordenaõ bẽ ſua ſ uida ſ
conforme a ſ lei ſ cele ſ tiai ſ

Mauricio

177. Bẽ dizei ſ Jrmaõ Vita*i*
epor i ſso o ſ ſabedore ſ
dizẽ q̃ obra ſ ſaõ amore ſ
cõ que ſ eupeito leal
mo ſ traõ o ſ bon ſ amadore ſ

Vit.

182. E de ſte ſ quanto ſ cuidai ſ
q̃ ſe achaõ ne ſta terra

Mau.

Muito ſ ha ſebẽ olhai ſ
q̃ contra o ſ uicio ſ mortai ſ
andaõ enperpetua gerra
187. e goardãdo cõ . . . .(16) cuidado
alei de ſeu criador
mo ſ traõ bẽ ofino amor
q̃ tẽ nopeito en cerrado
deJe ſu ſeu ſaluador.

Vital

192. E ſte ſ tai ſ ſempre teraõ

p. 35v

(15) — Emenda (*do inferno*) sôbre, riscado, *Jnfernal.*
(16) — Riscado *grã.*

lembrança do beneficio
deterẽ por ſeu patraõ
cõ toda noſsa legiaõ
auoſ Capitaõ Mauricio.

Mau.

197. Aſim tem
Epor iſso oſũmo bẽ
lheſ manda aquelaſ ſnor̃ſ
onze mil uirgenſ q̃ uem
pera connoſco tambem
ſerẽ ſuaſ goardadoraſ.

Vital.

203. Taõ glorioſaſ donzelaſ
merecem ſer mui honrradaſ.

Mau.

E con noſco agaſalhadaſ
poiſ que ſaõ virgẽſ tã bellaſ
de martirio coroadaſ.

recebẽdo a Virgẽ diz

208. Vrſula grandeprinceſa
doſumo D/ mui amada
boa ſeia auoſa entrada
grande paſtora ecabeça
detaõ fermoſa manada

Vrſula

213. ſalue grãde Capitaõ
Mauricio de D/ quirido
eſtepouo he defendido
por uoſ euoſsa legiaõ
e noſso D/ muj ſeruido
218. ſou dele agora mãdada
aſer uoſsa Companheira

Mau.

Defenſsora epadroeira
deſta gente taõ onrada
q̃ ſegue noſsa bandeira.
223. Noſ deleſ ſomoſ onrradoſ,
elleſ goardadoſ de noſ
porque naõſeiamoſ ſoſ
ſeraõ agora aiudadoſ
con noſco tambẽ de uoſ

Vrſ.

228. ſe oſ noſsoſ portugueſeſ
noſ quiſerẽ ſempre onrrar
ſintiraõ poucoſ rebeſeſ,
ede Ingreſeſ efranſeſeſ
ſeguroſ podẽ eſtar(17).

p. 36

(17) — Tôda a página está bastante apagada.

Vital

233. Quẽ leuantara pendaõ
contra ſeiſ mil caualeiroſ
✝ de noſsa forte legiaõ,
econtra o grande(18)eſcoadraõ
deuoſsoſ onze milheiroſ.

Vrſ.

238. Oſ treſ inimigoſ dalma
começã adeſmaiar
epoiſ tẽ eſte lugar
nome de Vitoria epalma
ſempre deue (19)triũphar.

Vit.

243. Jſso he oq̃ Dſ quer
goardẽ elleſ ſeu mãdado
q̃ noſ teremoſ cuidado
degoardar eengrãdecer
eſte noſso pouo amado.

Mau.

248. ſequereiſ (20)
aqui ficar poderei ſ
nẽ tendeſ milhor lugar
q̃ aquele ſancto altar
no qual cõ noſco ſereiſ
veneradaſẽ ſeſsar.

Vrſula

254. ſeiaaſi
recolhamonoſ ahi
con noſso ſõr IEſVſ
por cujo amor padeci
abraçada com a Cruz
enq̃ elle morreo por mim

Leuandoa aoal*tar*
lhe cantaõ ∾.

260. Entrai ad altare De*i*
Virgẽ martyr muj fer*moſa*
poiſ q̃ ſoiſ taõ dina eſpo*ſa*
de *J*hũ q̃ he *ſũ*mo Rey

264. Naquele *lug*ar eſtreito
caber*eiſ* *b*ẽ con JEũſ,
poiſ elle cõ ſua Cruz
uoſ coube dentro nope*ito*

268. Ouirgẽ degrã reſpeito
entrai ad altarei(21) Dei
poiſ q̃ ſoiſ taõ diina eſpoſsa
de JEũ q̃ heſumo R*ey*

p. 36v

(18) — Emenda (*o grande*), sôbre, riscado, *o forte*.
(19) — Riscado (*de-*).
(20) — Riscado (*aqui*).
(21) — Engano provável (= *altare*).

XXXIV (1)

Doſ Miſterioſ do Rozairo de noſsa ſaĩ

1. O Virgem Maria
tupã ci ete
Abap arapora
Oico nde yabe

Gozoſoſ

5. H Nde mõbaete
Tupã derauçupa
Deibijã pupe
Pitangamo oupa
Tupana rerupa
ypo nde rigue
Abape ∾.

13. F ſ. Joaõ pitanguĩ
Tiguepe oendape
nderura andupape
opo oporĩ
Jeſu oyarĩ
Cuapa aunhenhe
Abape ∾.

21. F Nitibi tugui
nde membiraçape,
Ende ndegibape
Ieſu ereçupi
Ipoỳa mirĩ
nde camapupe
Abape ∾.

29. F Ojara reca
Reya bacẽbape
y yetanongape
Çori ndepia
Pitanga roba
ceçaĩ yxupe
Abape ∾.

37. F Ndepope ogoapica
Oço cunumi
Tupã tuba ri
nde reroyaibica
nde moapicica
oguba rece
Abape ∾.

p. 37

(1) — IIª, D 9. Cl. Iª, LXXVI e IV, (1).

45. F Teõ rerobica
Ciaytecatu
Çugui turuçu
y anga apipica
ibipe ocirica
Mitima pupe
Abape arapora ∞.

53. F Y aipopoaratã
ymoangaipapa,
Çugui momucapa
yainupã nupã,
Oboc nde nhiã
Çauçuba rece
Abap ∞.

61. F Oique jugoaçu
yacanga cutuca
opa imõbupuca
oimomboreauçu
xejara Ieſu
coçang(2) porece ∞.

69. F O atijbari
Cruça oçupi
Membeca çuj
Ieſu ceroari,
cece abapoari
ndereçape nhe
Abape ∞.

77. F Y aipo açaça
ypi recebe
Cruça çoce nhe
Xejara moja
oique itapigua
nde angapupe
Abap arapora
oico nde yabe.

37v

p. 37v

(2) — Riscado *-a*.

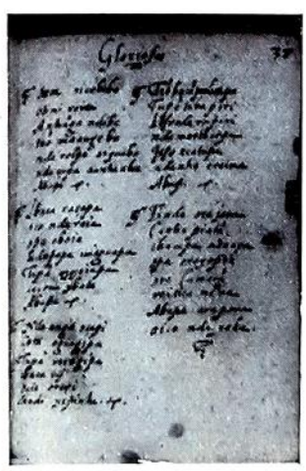
85. F Ocem oicobebo
otimi roire
Anhãga ndibe
teõ moaugebo
nde roc^{u}pe (3) oiquebo
ndeçupa aunhenhe
Abape ∾.

93. F Ibaca raçapa
oço ndereia
opa oboia
ndepope imoguapa
Tupã mojoiapa
cecou ybate
Abape ∾.

101. *F* Nde anga oçapi
Çata oguegipa
Tupã rerogipa
ibaca çuj
Ocic oreri
Cendi yepinhe. ∾.

109. F Teõbacẽb*a*pe(4)
Tupã tuba piri
Iefu nde rupiri
nde moete çape
Iefu ecatupe
ndenho ereime
Abap. ∾.

117. F Ende ore jara
Cunha piatã
ibacupe ndoara
opa ereyopoã
ore Çumarã
reitica meme
Abape arapora
Oico nde yabe.



p. 38

(3) — Emenda (*u*).
(4) — Riscado -*pa*- (Teõbacẽ*pa*bape).

XXXV (1)

Del niño Jeſu // y deſumadre. *38v*

Mote

1. Q̃ ſepodia pegar
à tal hijo detal madre,
y atal hija detal padre

Del hijo.

4. H A el della ſepego
Carne pª ſe abaxar
porque el maſ baxo lugar
ella peraſi tomo.

8. Oy naſcio
tan chiquito, y no curo
dela alteza
q̃ porſu naturaleza
deſupadre heredo.

13. H Daqui vino
q̃ con grãde deſatino
del amor dela baxeza
oy apoca ſu grandeza
pormoſtrarnoſ el camino
dela humildad y pobreza.

19. Oy niñjto
le uemoſ tan pequeñito
q̃ ſẽ buelue en una faja
y duerme en peſebre y paja
ydeſpueſ mui maſ chiquito
Eſtara en una migaja

25. ♯ Ella chica
tan humilde y pobrezica
puſo al hijo en tal andar
q̃ ſe quiſeſe eſtrechar,
y en una ſola gotica
de vino todo en cerrar

31. Que maſ ſepudo apretar
el uerbo delſũmo padre?
Juzga, ſi ſabeſ juzgar
q̃ ſepodia pegar
atal hijo detal madre

p. 38v

(1) — IIª, B 15.

36. Eſta del hijo q̃ eſ Dioſ
heredo tal dignidad
q̃ eſ fuente depiedad
derramada ſobre noſ
y eſpejo deſu bondad.

41. La grandeza
deſu Virginal pureza
todo ſobra
quien penſo deuertal obra(2)
como aqueſta
porlaqual la uida honeſta
q̃ era perdida ſe cobra?

48. ſuſ virtudeſ ſoberanaſ
a ella ſele pegaron
de manera q̃ ſobraron
todaſ lafuerçaſ humanaſ
y loſ angeleſ paſsaron.

53. Ella eſpura
maſ q̃ toda criatura
eſ menor
enſuſ ojoſ, maſ major
ante aquel
q̃ hizo della uergel
deſu miſmo Criador

60. ♯ Deſer madre del q̃ da
a todaſ laſ coſaſ ſer
ſe le pego tal poder
q̃ todo quanto querra
haſu hijo de hazer.

65. Si loor(3)
le quereiſ dar y ualor
q̃ le quadre,
eſ hija, Virgẽ, y madre
ſingular,

70. q̃ ſe podia pegar
atal hija detal padre?

39

p. 39

(2) — Emenda (*obra*) sôbre, riscado, *coſa*.
(3) — Emenda (*o-*) sôbre borrão (*c-*).

XXXVI(1)

39v

ſ Fr^co

1. Qum℞ tibi dñuſ plagaſ impreſsit Jeſuſ
Hæc grauiſ amborũ vulnera fecit amor

ſ. Barbara

3. Turribuſ incluſã te uincit amator Jeſuſ.
Vt uincaſ hoſteſ Barbara victa tuoſ.

ſ. Vrſula

5. Quæ tegiſ ĩnumeroſ materno tegmine natoſ
(2)Me pia ſub penniſ Vrſula conde *tujſ*

X̊ in Cruce

7. Filiuſ ecce tuuſ, Mulier, ne deſpice natũ
Nõ decet ò mulier cor muliebre fur*or*

ſ. ſteuaõ

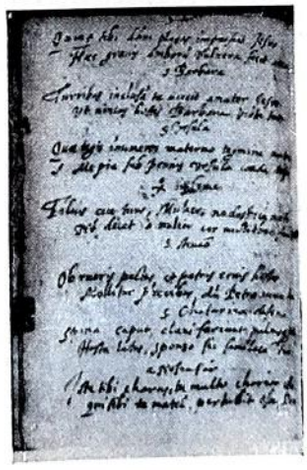
9. Obrueriſ pectuſ ℭ petriſ eruiſ hoſteſ
Mollitur precibuſ dũ Petra uiua *tuiſ*

ſ. Chatarina deſena

11. ſpina caput, claui feriunt palmaſ℞ pede*ſ*℞
Haſta latuſ, ſponſo ſic ſimilare tuo.

a Noſsaſaĩ

13. Jſte tibi charuſ, tu multo charior illi,
qui ſibi te matrẽ, pertuit *I*eſu, Puer



p. 39v

(1) — IIa, C 1.
(2) — Lê-se, parece, um -ſ.

X̊ digiolhoſ ∾.

15. Ante Patrẽ ſupplex flexo procũbiſ Jëſu
Poplite, poſt tergũ condar ut ipſe tuũ.

ſ. Lço

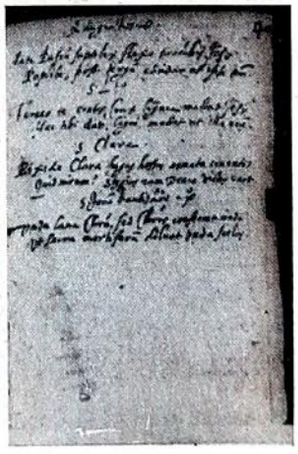
17. Ferrea te crateſ, Crux lignea mactat Jëſũ
Hæc tibi dat, ligni mactet ut illa neçẽ.

ſ Clara.

19. Pixide Clara fugaſ hoſteſ armata cruentoſ
Quid mirum? ſtygiuſ iam Draco victuſ erat.

ſ. Joaõ bautizãdo a X̊

21. Vnda laua Chrũ, ſed Chrũſ conſecrat undã
Vt ſacra mortiferũ diluat vnda ſceluſ.



p. 40

XXXVII (1)

Da reſurreiçaõ *40v*

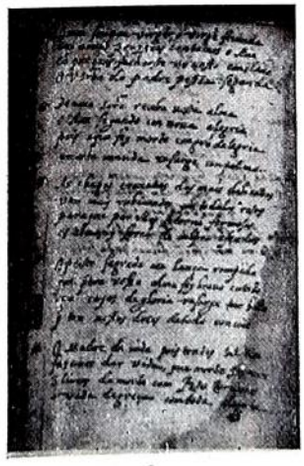
1. ♯ O maĩ ſempre Virgẽ, o Virgẽ fecunda
Con nouoſ prazereſ cantamoſ o Aue
Cõ que quiſ fecharſse no uoſso conclaue
o Verbo do padre peſsoa ſegunda.

5. ♯ De nouo ſorã receba uoſsa alma
o Aue ſegundo con noua alegria
poiſ oque foy morto congrã dalegria
amorte uencida reſurge compalma.

9. ♯ Aſ chagaſ cruentaſ daſ maõſ dilicadaſ
vem maiſ rubicundaſ que todalaſ roſaſ
paraque por ellaſ ſetornẽ fermoſaſ
aſ almaſ q̃ foraõ da culpa afeadaſ

13. ♯ O peito ſagrado con lança rompido
que pera voſsa alma foy brauo cutello
com rayoſ de gloria reſurge tam bello
q̃ tem uoſsaſ doreſ detodo uencido

17. ♯ O Madre de uida poiſ tendeſ tal dia
fazeinoſ dar vida, que mortoſ Jazemoſ
e liureſ da morte com Jeſu tornemoſ
ẽvida degraça comtoda alegria.



p. 40v

(1) — IIª, A 8.

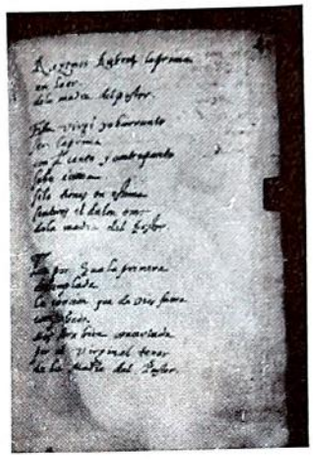
XXXVIII(1)

41

Rezemoſ Ruben(2) laprima
en loor.
dela madre delpaſtor.

4. Eſta Virgẽ yo barrunto
ſer laprima
con q̃l canto y contrapunto
ſube acima
ſila tieneſ en eſtima
ſentiraſ el dulce amor
dela madre del paſtor.

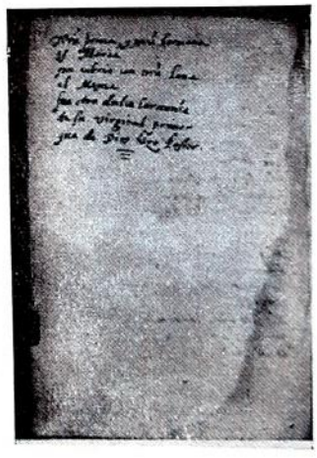
11. Ee por Eua la primera
deſtemplada
la cancion que de Dioſ fuera
compaſsada
Maſ ſera bien concertada
por el Virginal tenor
de la Madre del Paſtor.



p. 41

18. Nrã prima, y Nrã hermana
eſ Maria
que cubrio con nrã lana
al Mexia
fue tan dulce larmonïa
deſu Virginal primor
que de Dioſ hizo Paſtor.

41v (3)



p. 41v

(1) — IIª, B 16.
(2) — O -*n* é um -*m* cortado.
(3) — O resto da página está em branco.

XXXIX (1)

42 (2)

1. Traſ del rio deloſ ciedroſ
elbuen Jeſu ſe ſalia
conpauor y gran triſteza
aorar como ſiempre hazia
Enel huerto.

6. Proſtrado ante ſu roſtro
ante elpadre ſeponia
cõ ſuſpiroſ entrãnableſ
eſtaſ palabraſ dizia
Enel huerto

11. Padremio ſi mi muerte
eſcuſar no ſepodia
hagaſse perfectamente
tu voluntad, y nola mia
enel huerto.

16. Orando prolixamente
pueſto en mortal agonia
ſudaua gotaſ deſangre
q̃ haſta la tierra del corria
Enel huerto.

21. Miſ grandeſ maleſ ſon eſtoſ
obuẽ JEſV vida mia
q̃ te hazen ſudar ſangre
yte cauſan tal agonia
Enel huerto

26. En anguſtia taneſtraña
q̃ el ſeñor cercado auia
entraſe el Traidor de Judaſ
conſu enfernal compãnia
Enel huerto.

31. Prenden al manço cordero
q̃ arreçebir loſ ſalia
Vnaſoga ala garganta
el cruel ſayon le ponia
Enel huerto.

36. Eſcupen ſu ſancta cara
q̃ del cielo eſ alegria
atan ſuſ ſagradaſ manoſ
conq̃ el cielo formado auia
Enel huerto

41. Al uerbo del ſũmo padre
hijo dela Virgen pia
de coceſ ybofetoneſ
cadaqual le daua a&fia ∞.

46. Aſsy pagaſ tu ſin culpa
buen JeſuſS la culpa mia
y laq̃ el primer padre
cõmitio cõ gran oſadia
E nel huerto.

p. 42

(1) — IIª, B 13. Cf. Iª, XX e IV, (1).
(2) — As pp. 42 v, 43 e 43v estão em branco.

XL (1)

De Aſsumptione B Mariæ 44
~ Virginiſ ~

1. ſuper celoſ eleuariſ
Virgo Virginũ præclara
Virgo clemenſ Deo chara
Chriſti mater.

5. Illi, cui Deuſ eſt pater,
mater eſ, ⁊ dignitatiſ
Taliſ, ut ſiſ Trinitatiſ
Viuũ templũ

9. Tibi nulla dat exemplum
Virtutiſ ⁊ honeſtatiſ,
ſed totiuſ ſanctitatiſ
Eſ magiſtra.

13. Tibi quæcunq; miniſtrat
menſ, perte fiũt (2)verecunda
Virgo mater rubicunda
Pluſ quã roſa.

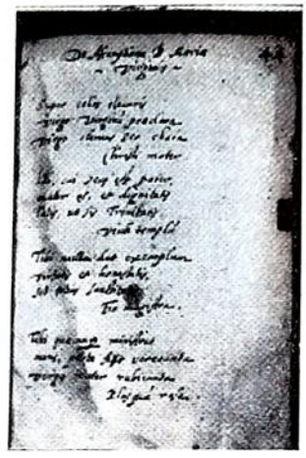
17. ſuper omneſ ſpecioſa, *44v*
Fonſ ſignatuſ, floſ hortorꝝ
Quæ candorem liliorꝝ
Antecelliſ.

21. Iam reciperiſ in cœliſ,
Aſtra ſupra(3) exaltariſ
⁊ ſuper choroſ locariſ
Angelorꝝ

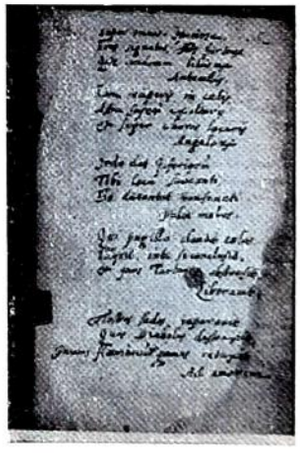
25. Ordo dat Jnferiorũ
Tibi locũ subeunti,
Et decantat tranſeunti
Dulce meloſ.

29. Qui pugillo claudit cœloſ
Inquit, inte ſe concluſit,
et quoſ Tartaruſ abſtruſit,
Liberauit,

33. Noſtraſ ſedeſ reparauit
Quaſ Diaboluſ deſtruxit,
Genuſ Hominũ (4)reduxit
Ad amorem.



p. 44



p. 44v

---

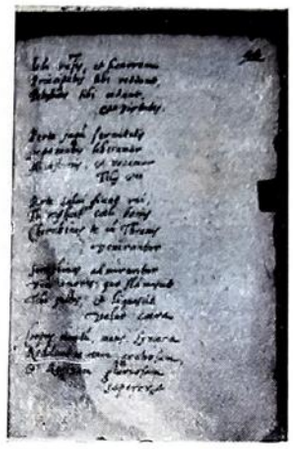
(1) — IIª, C 2.
(2) — Emenda (-*ũ*-) sôbre, riscado, -*e*-.
(3) — Sob *ſupra* lê-se *ſuper*.
(4) — Riscado *genuſ*; o *Genuſ* inicial foi acrescentado.

37. Inde trãſiſ, ⁊ honorem 45
Principatuſ tibi reddunt,
Poteſtateſ tibi cedunt,
⁊ virtuteſ.

41. Perte jugũ ſeruitutiſ
Deponenteſ liberamur
Ab inferniſ, et vocamur
Filij Dei

45. Perte ſalui fiunt rei,
Et replent' cœli boniſ
Cherubineſ te cũ Throniſ
Venerantur

49. ſeraphineſ ad mirantur
Vim amoriſ quo flãmeſcit
Tibi pectuſ, ⁊ liqueſcit
Velut cœra

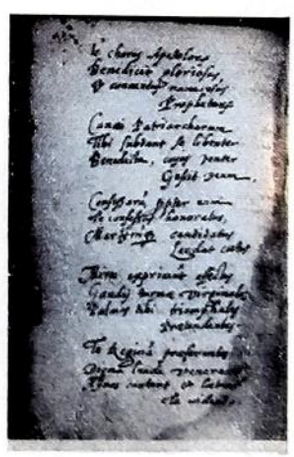


p. 45

53. Corpuſ mundũ, menſ ſyncera
Reddunt te tam gratioſam,
⁊ Reginam glorioſam
ſuperor⸗

57. Te choruſ Apoſtolor⸗ *45v*
Benedicit glorioſuſ,
et conuentuſ numeroſuſ
Prophetar⸗

61. Cunei Patriarcharum
Tibi ſubdunt ſe libenter
Benedicta, cujuſ venter
Geſsit Deum.



p. 45v

65. Confeſsorũ &pter eum
Te confeſsuſ honoratuſ,
Martyrũ ꝗ candidatuſ
Laudat cœtuſ.

69. Miroſ exprimũt affectuſ
Gaudij turmæ virginaleſ
Palmaſ tibi triumphaleſ
Prætendenteſ.

73. Te Reginã præferenteſ
Digna laude venerant'
Hÿnoſ cantant et lætant'
Te uidendo.

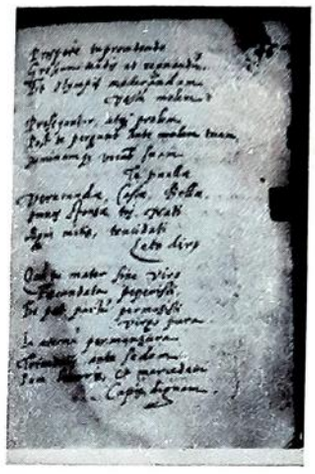
77. Proſpere tuprocedendo
Greſsum tendiſ ad regnandũ, 46
Et Olympi(5) moderandum
Vaſtã molem.

81. Proſequntur atq̃ prolem
Poſt te pergunt ante (6)tuam,
Dominam q̃ vocãt ſuam
Te puellæ

85. Verecundæ, Caſtæ, Bellæ,
Omneſ ſponſæ tuj Nati
Agni mitiſ, trucidati
Leto diro

89. Quẽ tu mater ſine viro
Fæcundata peperiſti,
Et poſt partũ permãſiſti
Virgo pura.

93. In æternũ permanſura
Trinitatiſ ante ſedem.
Iam locariſ, et mercedem
Capiſ dignam.



p. 46

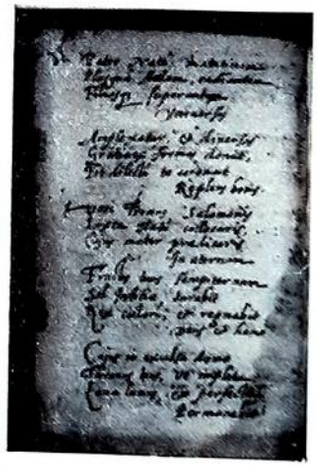
97. Pater Natã, matutinam 46v
Pluſquã ſtellam, radiantem,
Filiaſ q̃ ſuperantem(7)
Vniuerſaſ

101. Amplexatur, & diuerſaſ
Gratiar⸗ formaſ donat,
Et dilectã te coronat
Replenſ boniſ.

h

105. Veri Tronuſ(8) ſalomoniſ
Iuxta Natũ collocariſ,
Cujuſ mater prædicariſ
Jn æternum

109. Fructuſ tuuſ ſempiternum
ſol Juſtitiæ durabit
Rex cœlorũ, et regnabit
Deuſ & homo



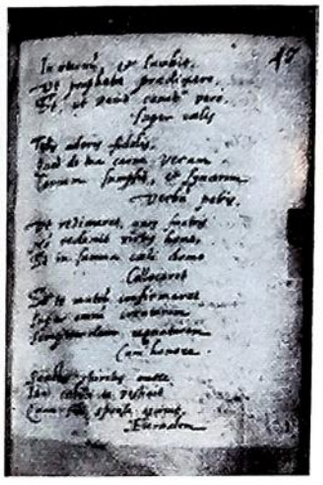
p. 46v

113. Cujuſ in excelſa domo
Thronuſ tuuſ, vt impleta
Luna lucenſ, & perfecta
Permanebit

(5) — Sob o -*i* lê-se -*u*.
(6) — Riscado *molem*.
(7) — Sob o -*m* lê-se -*ſ*.
(8) — Emenda (*h*).

117. In æternũ, ⁊ lucebit, 47
Vt prophetæ prædixere,
Et, ut Dauid canit vere
ſuper cœliſ

121. Teſtiſ aderiſ fideliſ.
Quod de tua carne veram
Carnem ſumpſit, ⁊ ſynceram
Verbũ patriſ,



p. 47

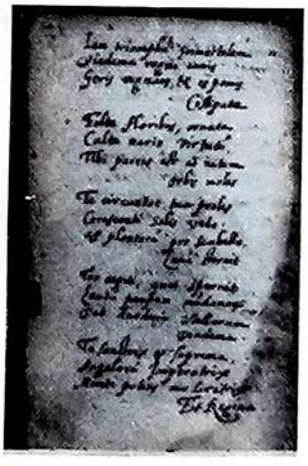
125. Vt redimeret, quoſ fratriſ
Nõ redemit virtuſ homo,
Et in ſumma cœli domo
Collocaret

129. Et te matrẽ confirmaret
ſuper omnẽ creaturam
ſempiterno(9) regnaturam
Cum honore.

133. ſanctuſ ſpirituſ amore
Iam cœleſti te veſtiuit.
Quam ſibi ſponſã aſciuit
Æternalem.

137. Iam triumphũ Jmmortalem *47v*
Diadema regni comiſ
Geriſ regnanſ,& eſ pomiſ
Coſtipata

141. Fulta floribuſ, ornata
Cultu uario virtutũ,
Tibi parenſ eſt ad nutum
Orbiſ moleſ



p. 47v

145. Te circundat tua proleſ
Coruſcanti ſoliſ velo,
⁊ plantarũ pro ſcabello,
Lunã ſternit

149. Tuo capiti, quod ſpernit
Laudũ pompam mũdanar⁄.
Dat duodecim ſtellarum
Diadema.

153. Tu ſanctor⁄ eſ ſuprema,
Angelorũ Jmperatrix
Mundi potenſ moderatrix
Et Regina.

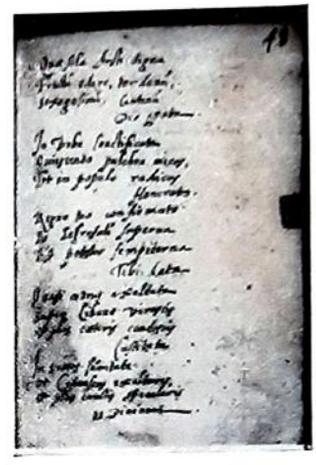
(9) — Emenda (*o*) sôbre, riscado, *-am*.

157. Quæ ſola fuiſti digna
Fructũ edere, ter denũ,
ſexageſimũ, Centenũ
Deo grata.

161. Jn Vrbe ſanctificata
Quieſcendo pulchra micaſ,
Vt in populo radicaſ
Honorato.

165. Regno tuo confirmato
In Ieruſalẽ(10) ſuperna
Eſt poteſtaſ ſempiterna
Tibi data

169. Quaſi cedruſ exaltata
ſuper Libano vireſciſ
& pluſ cœteriſ candeſciſ
Caſtitate



p. 48

173. Jn ſioniſ ſũmitate
vt Cypreſsuſ exaltariſ,
& pluſ cunctiſ ſpeculariſ,
Oſ Diuinum.

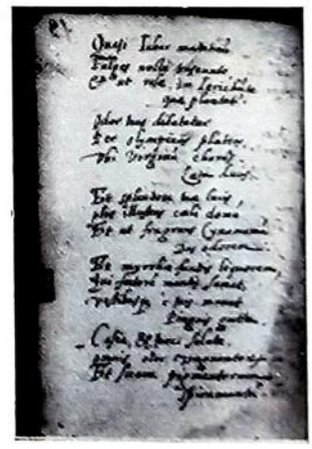
48v

177. Quaſi Iubar matutinũ
Fulgeſ nocte trãſeunte,
& ut roſæ, in Ierichũte
Quæ plantãt'.

181. Odor tuuſ dilatatur
Per olympicaſ plateaſ,
Vbi Virginũ choreaſ(11)
Læta duciſ.

185. Et ſplendore tuæ luciſ
pluſ illuſtraſ cœli domũ
Et ut fragranſ Cynamomũ
Daſ odorem.

189. Et myrrhæ fundiſ liquorem,
Qui fœtorẽ mentiſ ſanat,
veſtibuꝫ è tuiſ manat
Pinguiſ gutta,



p. 48v

193. Caſia, &tura ſoluta,
Omniſ odor vnguentorꝝ
Et ſuaue pigmentorum
ſpiramentũ.

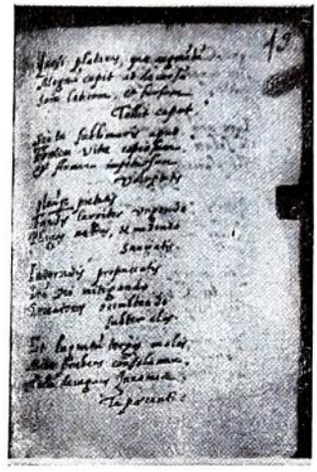
(10) — Riscado um -ſ- (Ieſr-)
(11) — Emenda (*a*).

197. Quaſi platanuſ, quæ augmẽtũ 49
Magnũ capit ad de curſũ
ſata laticum, ⁊ ſurſum
Tollit caput,

201. ſic tu ſublimariſ apud
Fontem vitæ copioſum,
⁊ flumen impetuoſum
Voluptatiſ

205. Oleũ ꝑ pietatiſ
Fundiſ largiter vngendo
Plagaſ noſtraſ, & medendo
ſauciatiſ.

209. Intercediſ propeccatiſ
Irã Dei mitigando
Peccatoreſ occultando
ſubter alaſ.

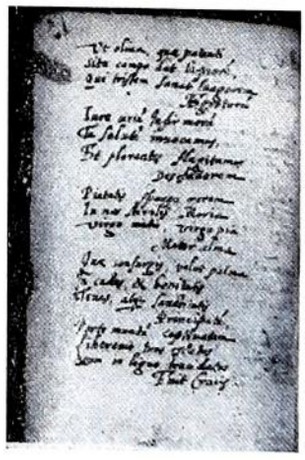


p. 49

213. Et lugentũ tergiſ maloſ,
Mite præbenſ conſolamen,
Nulli denganſ Juuamen
Te poſcenti.

217. Vt oliua, quæ patenti 49v
ſita campo dat liquorẽ,
Qui triſtem ſanat langorem
Ægrotorũ

221. Iure certã Jnfir morũ
Te ſalutẽ inuocamuſ,
Et plorante ſ flagitamuſ
Deſfauorem.



p. 49v

225. Pietatiſ ſparge rorem
In noſ ſterileſ Maria
Virgo mitiſ, Virgo pia
Mater alma

229. Quæ conſurgiſ, velut palma
Jn cadeſ([12]), & bonitatiſ
Teneſ, at ꝑ ſanctitatiſ
Principatũ.

233. Perte mundũ captiuatum
Liberauit tuuſ Natuſ
Dum in ligno trucidatuſ
Fuit Cruciſ.

([12]) — Engano provável (= *coelos*). Cf. o mesmo vocábulo, quase ilegível, nos VV. 270, 276 e 277.

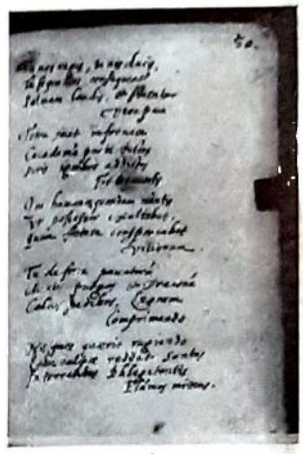
237. Tu noſ regiſ, tu noſ duciſ, 50
Te ſequenteſ conſequent'
Palmam laudiſ, et fluentur
Verapace.

241. Tetra jacet infornace
Cacodemõ perte victuſ
Diriſ ignibuſ addictuſ
Et tormentiſ

245. Qui humanæ quondam mentiſ.
Vt poſseſsor exultabat,
Quam fœtore conſporcabat
Vitiorum.

249. Tu defæce peccatorũ
Menteſ purgaſ et Draconẽ
Calcaſ pedibuſ, Leonem
Comprimendo

253. Ne quoſ quærit, rugiendo
Labe culpæ reddat ſonteſ
Jn torrenteſ Phlegetontiſ
Flãmaſ mittenſ.



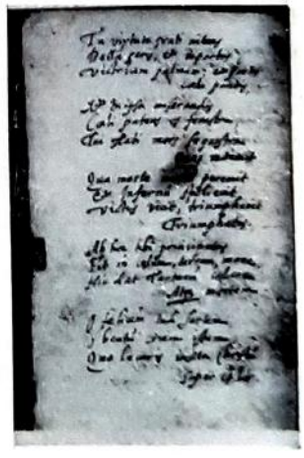
p. 50

257. Tu Virtute Nati nitenſ *50v*
Bellũ geriſ, et reportaſ
Victricem palmam, ꝗ portaſ
Cœli pandiſ,

261. ꝗ tu ipſa miſerandiſ
Cœli patenſ eſ feneſtra,
Tui Nati morſ ſequeſtra
Quoſ redemit

265. Qua morte mortẽ peremit
ꝗ Jnfernũ ſpoliauit
Victuſ vicit, triumphauit
Triunphatuſ.

269. Ab hoc tibi principatuſ
Fit in cœlum, terram, mare,
Hic dat Tartarũ calcare
Atq̃ mortem



p. 50v

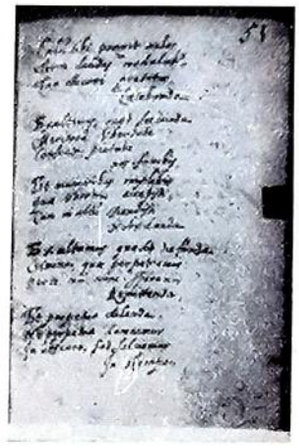
273. O felicem tuã ſortem
O beatũ Diem iſtum,
Quo locariſ iuxta Chriſtũ
ſuper cœloſ.

277. Cælũ tibi pangit meloſ, 51
Terra laudeſ modulat',
Tuo decori gratatur
Lætabunda.

281. Exultamuſ, quod fæcunda
Meritorũ vbertate
Conſueta pietate
noſ fouebiſ,

285. Et muneribuſ implebiſ
Quæ vbertim accepiſti,
Cum in altũ aſcendiſti
Nobiſ danda

289. Exultamuſ quod(13) nefanda
Crimina, quæ perpetramuſ,
per te mr̃ nunc ſperamuſ
Remittenda,



p. 51

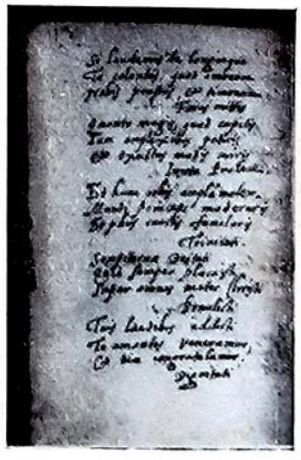
293. Et perpetuo delenda,
Ne perpetuo damnemur
Jn obſcuro, ſed ſaluemur
Jn Olympo.

297. ſi laudemuſ de longinquo *51v*
Te colenteſ, quod amorem
Nobiſ præſtaſ, et timorem
Foraſ mittiſ

301. Quanto magiſ, quod cupitiſ
Iam amplexibuſ potiriſ
et exultaſ modiſ miriſ
Iuxta Prolem,

305. Et hanc orbiſ amplã molem
Mundi princepſ moderariſ.
Et pluſ cunctiſ famulariſ
Trinitati.

309. ſempiternæ Deitati
Quia ſemper placuiſti
ſuper omneſ mater Chriſti
Benedicti



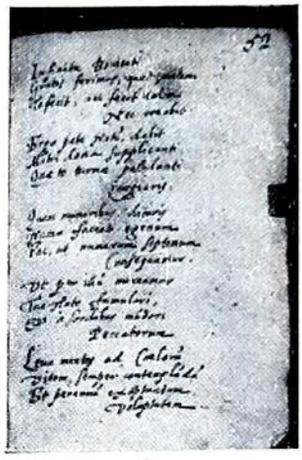
p. 51v

313. Tuiſ laudibuſ addicti
Te amanteſ veneramur,
& tuæ congratulamur
Dignitati

(13) — Riscada uma última letra, ilegível.

317. Infinitæ Bonitati 52
Grateſ ferimuſ, quod qualem
Tefecit, nec fecit talem
Nec creabit.

321. Ergo pete Natũ, dabit
Matri dona ſupplicanti
Quæ te turmæ poſtulanti
Largiariſ.



p. 52

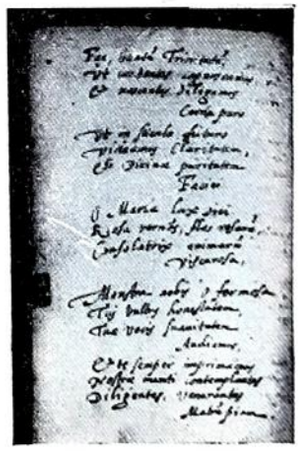
325. Quem muneribuſ ditariſ
Nemo faciet egenum
Fac, ut numerum ſeptenum
Conſequamur.

329. Vt per illũ mereamur
Tuo Nato famulari,
et à ſordibuſ mũdori(14)
Peccatorum

333. Leua menteſ ad Cœlorũ
Vitam ſemper contemplãdã
Et perennẽ exoptandam
Voluptatem.

337. Fac, beatã Trinitatẽ *52v*
Vt credenteſ cognoſcamuſ,
& noſcenteſ diligamuſ
Corde puro

341. Vt in ſeculo futuro
Videamuſ Claritatem,
et Diuinæ puritatem
Faciei



p. 52v

345. O Maria lux Diei
Roſa vernãſ, floſ roſarũ,
Conſolatrix animarũ
Viſ et roſa,

349. Monſtra nobiſ Ò formoſa
Tuj vultuſ honeſtatem,
Tuæ vociſ ſuauitatem
Audiamuſ,

353. et te ſemper imprimamuſ
Noſtræ menti contemplanteſ
Diligenteſ, veneranteſ
Matrẽ piam.

(14)— Engano provável de cópia (= *mundari*).

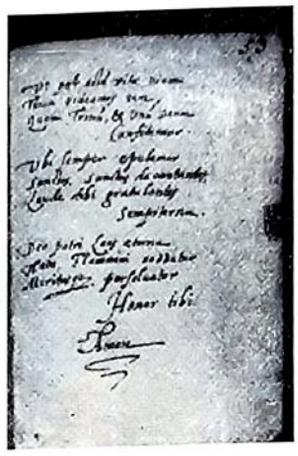
357. Vt poſt actẽ vitæ viam
Tecum videamuſ eum,
Quem Trinũ, & vnũ Deum
Confitemur. 53

361. Vbi ſemper epulemur
ſanctuſ, ſanctuſ decantanteſ,
Laude tibi gratulanteſ
ſempiterna.

365. Deo patri Lauſ æterna,
Nato, Flammini reddatur
Merituſ ℣ perſoluatur

Honor tibi

Amen



p. 53

XLI (1)

1. Dialogo de X̊ comp.º diaz *53v*

Petre rogaui &te patrẽ ut
non deficiat fideſ tua.

3. Chriſto, Pedro di que aſ perdido?
P Lo que luego hallare.
C. Perdiſte quiça lafie?

P. No que con todo ſentido
por guardarla trabage.

8. C Quien te dio fuerça, y ualor
cõ que la fe no per diſte?

P Tu ſeñor, que me quiſiſte
dar tu gracia y fuerte amor
conel qual me preueniſte.

13. C. Como aſi tu nopodriaſ
ſin eſso creer en mi?

P No ſõr, q̃ ſe crei,
fue, porque tu me haziaſ
q̃ creyeſse ſolo enti.

p. 53v

(1) — IIª, B 17.

18. Por que ſenti nẽ penſar
yo podria coſa buena

C. ſegũ dizeſ, eſ agena
la fe, q̃ te quiſe dar
debalde cõ mano llena?

23. P. Confieſso q̃ tuia eſ,
y deſsa uerdad no huyo,

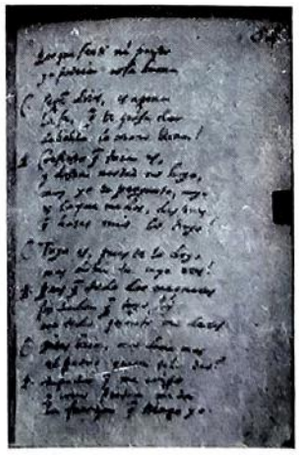
maſ yo te pergunto, cuyo
eſ loque me daſ, deſpueſ
q̃ hazeſ mio lo tuyo?

28. C. Tuyo eſ, pueſ te lo doy,
maſ dime tu cuyo ereſ?

P. Pueſ q̃ todo dar mequereſ
ſin duda q̃ tuyo ſoẏ
con todo quanto me dereſ.

33. C. Dizeſ bien, maſ dime maſ
elpedro quien telo dio?

P. tupoder q̃ me crio(2)
y como piedra me da
la fuerça q̃ tiengo yo.



p. 54

(2) — Riscado, depois do *-i-*, um *-y-* (cri*y*o).

38. porque de mi nada tengo *54v*
ſino ſiempre deſmajar

C. por eſso quiſo rogar
à mi padre, de quien uengo,
para tu fe nofaltar

43. H q̃ demi q̃ piedra ſoy
te uiene ſer pedro fuerte

P. Muy di choſa fue mi ſuerte
pueſ por tuſ pizadaſ voy
haſta paſsar cruda muerte.

48. C H Como uiſte miſ paſsadaſ
para por ellaſ andar?

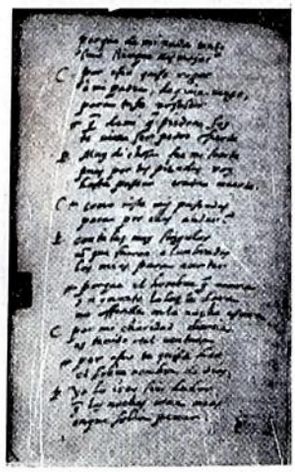
P. Con tu luz muy ſingular
cõ que fueron alumbradaſ
laſ miaſ para acertar

53. H porque el hombre q̃ camina
Enquanto la luz le dura
no offende enla noche eſcura,

C por mi charidad diuina
aſ tenido tal uentura

58. H por eſso te quiſe dar
el ſobre nombre de diaſ,

P Yo lo creo ſin dudar
q̃ laſ nocheſ eran miaſ
enque ſolia peccar.



p 54v

63. H Maſ eſ clareſcendo el dia
q̃ tu ereſ, vime ami,
y ſin maſ tardar perdi
la uida con alegria
viendote morir ati.

68. C H Como dizeſ, q̃ eſ perdida
la uida, que no teniaſ,
quando enpeccado biuiaſ?

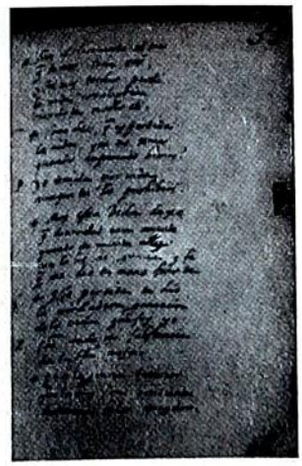
P Yo teniala por uida
aunque tu lo prohibiaſ.

73. H Maſ eſsa vida dexe
q̃ deuerdad era muerte
quando tu muerte mire
con la luz de gracia y fe
q̃ me dio tu mano fuerte

78. C H Eſsa perdida te dio
la uerdadera ganancia
dela vida queſoẏ yo.

P. ſõr toda mi ſubſtancia
de tuſpũ naſcio.

83. H Qu'eſ la gracia Jnterior
que lo maſ ſon accidenteſ
del mundo falſo traydor.



p. 55

C Eſse dapena y dolor 55v
Eternal aſuſ ſeruienteſ.

88. H Maſ quando al mũdo moriſte
ſe começo tu biuir

P. ſy, que tu uida ſeguir
eſ la uida, q̃ me diſte
para nunca maſ morir

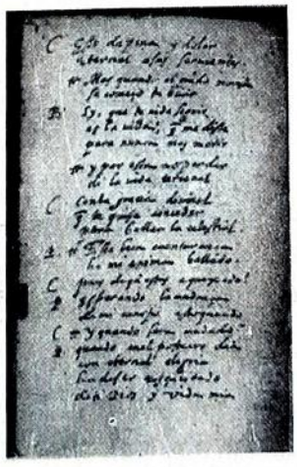
93. y por eſta noperder
di la uida terrenal

C Conla gracia diuinal
q̃ te quiſe conceder
pera hallar la celeſtial.

98. P. H Eſsa bien auenturança
ha mi anima hallado.

C pueſ dequ' eſtaſ aquexado?
P Eſperando la mudança
de mi cuerpo eſtoqueado

103. C H Y quando ſera mudado?
P. quando enel poſtrero dia
con eternal alegria
ha deſer reſçucitado
deti Dioſ y vida mia



p. 55v

108. C. H ya me tienes respondido
a lo que te pregunte
mas no digas hallare
lo que tenia perdido,
antes di, ya lo halle.

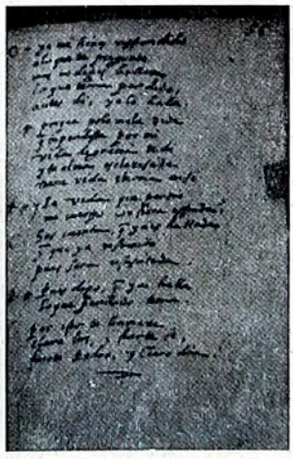
113. H porque pola mala vida
q̃ tuperdiste por mi
vida degracia te di
y tu alma esclarescida
tiene vida eterna en si

118. P. H y la vida que perdio
mi cuerpo con fiera espada?

C. Has cuenta, q̃ ya es hallada
y que ya resçuscito
pues sera resuscitada.

123. P. H Pues digo, q̃ ya halle
loque perdido tenia.

C. Por eso te llamare
clara luz, y fuerte fe,
fuerte Pedro, y Claro dia.



p. 56

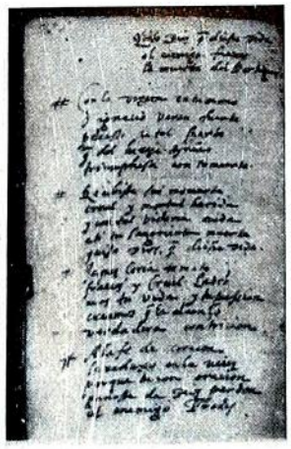
Quiſo Dioſ q̃ dieſse vida
al enemigo franceſ
la muerte del Portugueſ.

4. ♯ Con la Virgen en tu mano
O' ignacio varon fuerte
peleaſte detal ſuerte
q̃ del hereje tyrãno
triumphaſte con tu muerte.

9. ♯ Recibiſte ſin mouerte
cruel y mortal herida
y con tal victoria auida
ati tu ſangrienta muerte
quiſo Dioſ, q̃ dieſse vida.

14. ♯ Jaquez Çoria te mato
franceſ y Cruel Ladrõ
maſ tu vida y tupaſsion
creemoſ q̃ le alcanço
verdadera contricion.

19. H A la fe de coraçon
ſe reduxo enla ueiez
porque tu con oracion
ganaſte de Dioſ perdon
al enemigo Fran^{c}eſ(2)



p. 56v

(1) — II^{a}, B 18.
(2) — Emenda (*c*)

24. H Como teniaſ por guia
a Jeſu Crucificado
q̃ à bozeſ perdonpedia
para el pueblo, q̃ lo auia
enel madero enclauado

29. *H* Le ruegaſ muy inflamado
por tu matador franceſ
El quiere por ti aplacado
q̃ gane uida el culpado
la muerte del portugueſ.

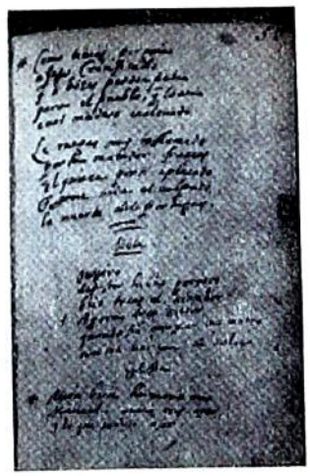
XLIII (1)

Mote.

1. Ouejero
depaſtor hecho gerrero
bien tocaſ el atambor
† Agora toco meior
quando ſin quexar me muero
con tal fuerça de dolor

Gloſsa

7. H Mira bien hermano mio
Manuel, quien ereſ ayer,
y lo que ueniſte aſer



p. 57

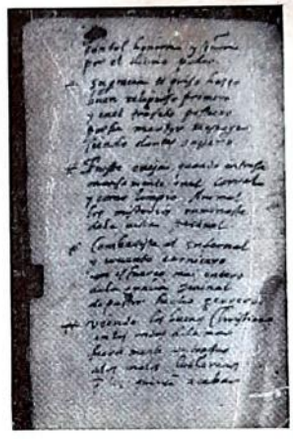
1) — IIa, B 19.

contal honrra y ſeñorio
por el diuinopoder. *57v*

12. H ſugracia te quiſo hazer
buen religioſo primero
y enel trãſito poſtrero
por ſu martyr te eſcoger
ſiendo dante ſ ouejero.

17. H Fueſte oueja, quando entraſte
manſamente enel corral
y como limpio Animal
loſ miſterioſ ruminaſte
dela uida perẽnal.

22. H Combatiſte al enfernal
y cruento carnicero
con eſ fuerço mui entero
dela gracia Diuinal
depaſtor hecho gerrero.



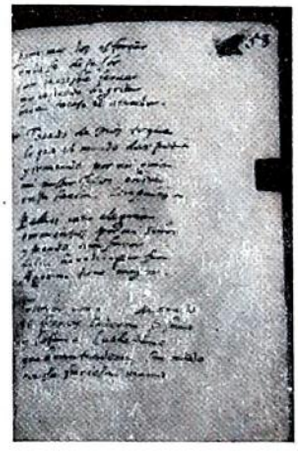
p. 57v

27. H Viendo loſ bueno ſ Chriſtianoſ
en laſ ondaſ dela mar
fuerte mente con traſtar
aloſ maloſ lutheranoſ
q̃ *loſ* quierẽ acabar.

32. H para maſ loſ eſforçar *58*
en la fe de tuſõr
con increjble feruor
no ceſsando de gritar
bien tocaſ el atambor.

37. H Tocado de Dioſ toque
lo que el mundo dar podia
y tomando por mi guia
mi paſtor Jeſuſ entre
enſu ſancta Compañja.

42. Padeci con alegria
tormentoſ por mi ſeñor
y tocado confuror
dela hereticapor fia
Agora toco mejor.



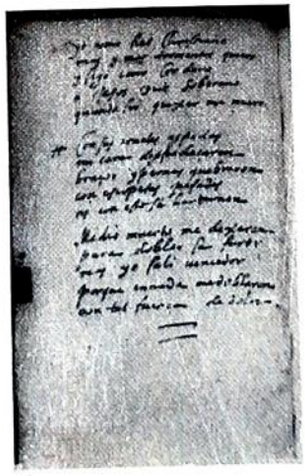
p. 58

47. H Tocome congran denuedo
el franceſ ladron & fano
y Coſsairo Lutherano
quebrantandome ſin miedo
conſu furioſa mano

52. Yo como fiel Chriſtiano *58v*(2)
maſ y maſ tormentoſ quiero
y ſigo como Cordero
a Jeſuſ Dioſ ſoberano
quando ſin quexar me muero.

57. H Con ſuſ cruleſ eſpadaſ
mi cara deſpedaçaron
braçoſ ypernaſ quebraron
con eſcopetaſ peſadaſ
nj con eſtoſe hartaraon

62. Medio muerto me dexaron
para doblar ſu furor
maſ yo ſali uencedor
porque ennada medoblaron
con tal fuerça de dolor.



p. 58v

(2) — As pp. 59 e 59v estão em branco.

XLIV (1)

Letra do V. P. † Joſeph de Anchieta 60

Ieſvſ.

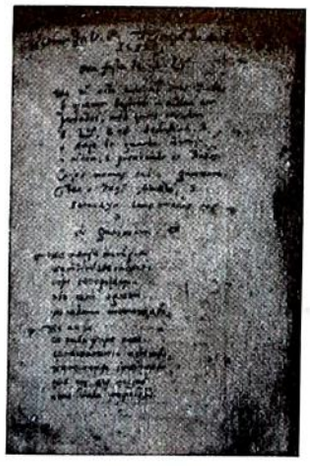
Na feſta de .ſ. L^ço.

No 2º acto entrao treſ Diaboſ
q̃ querem deſtruir à aldea com
peccadoſ, aoſ quaiſ reſiſten
ſ. L.^ço e .ſ. ſebastiaõ e
o Anjo da guarda liurãdo
a aldea, e prendendo oſ Diaboſ.
Cujoſ nomeſ ſaõ. guaixara,
q̃hee o Rey, Aimbire, e
ſarauaya ſeuſ criadoſ~

~guaixara.~

21. F Xe moaju marãgatu
xemoirõetecatuabo
aipo tecopiçaçu.
aba çerã ogoeru
xe retama momoxiabo.

26. F Xe anho
co taba pupe aico
çerecoaramo uitecobo,
xereco rupi imoingobo,
que çuj *a*ço mamo
amo taba rapecobo.



p. 60

(1) — II^a, E 2 a. Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em E 2 a, onde aparecem numa única peça os ns. XLIV, LXV e XLVIII. Para os VV. 1-21, cf. XLVIII e II^a, E 2 a, NI. Parte desta peça repete-se em LX, cf. LX, (1). Sôbre a observação inicial, cf. NP, § 1. Cf. I^a, IV, (1).

32. F Aba çerã xe yabe? *60v*
Yxe çerobiaripira,
xe anhanguçu mixira
Guaixara çeribae
quepe imoerapoanimbira.

37. F Xe reco iporang ete,
naipotari aba çeitica,
naipotari aba imombica,
aipotacatu tenhe
opabĩ taba mondica.

42. F Bae ete caugoaçu
caõy moyebiyebira,
aipo çauçucatupira,
aipo anhe yamombeu,
aipo imomorangimbira.

47. F Çerapoan co moçacara
ycaõyguaçubae,
caõy mboapiarete
ae maramonhangara
marana pota meme.

52. F Moraçeyae ycatu
yeguaca, yemopirãga
çamõgi, yetimãguanga,
yemouna, petimbu,
caraimonha monhanga.

p. 60v

57. F Yemoirõ, morapiti, 61
you, tapuija rara,
aguaça, moropotara
manhana, çiguaragi
naipotari aba çejara.

62. F Angari
ayoçub aba coti,
taxererobiar, uyabo.
Outenhe xe peabo
abare yaba cori
Tupã reco mombeguabo.

68. F Oicobe
xepitiboanamete
xe piri mara tecoara
xe irunamo ocaibae
tubixacatu Aimbire
apiaba moangaipapara.

ſentaſe nũa cadeira
evem hũa velha achora=
lo, e elle ajudaa, como
fazem oſ Jndioſ, eella
deſpoiſ de o chorar a=
chandoſe enganada diz.

~ Velha. ~

74. F Ju, Anhanga pico ri !

p. 61

xe moajute inema mã,
xe menduera ipo reĩ
Piracaẽ amirĩ
aeco ixupe biã.

fala cõ elle.

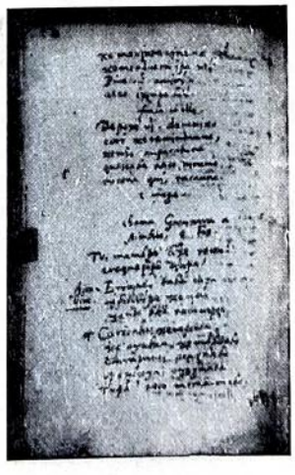
79. *F* De poxi uĵ, dereuixo
cori xereminduune,
xenho aupacatune
que*i*çebe naco airumo
taçone gui, tacaune.

e foge.

chama Gauixara(2)a
Aimbire, e diz.

84. *F* To, mamõpe ãhe recou?
erequepipo ejupa?
Aim. Erimae taba çupa
bire ybitiripe xe çou
yande boja rerocupa

89. F Çoricatu xerepiaca,
xe ayuban, xemõbitabo
coarapucui ocaguabo
oporaçeya, oyeguaca
Tupã reco momburuabo.



p. 61v

(2) — Engano provável (= *Guaixara*).

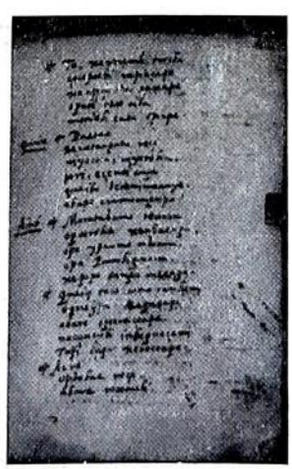
94. F Te, xe reçemõ toriba
ceco pochi repiacape
xe apiçicatu çecoape
opabĩ teco aiba
mondebi catu opiape.

99. guaix. F Daetee
Deratangatu reçe
uiyecoca, uiyerobia.
jori, eçenoĩ anga
queibo deremimoauye.
abape eremoangaipa?

105. Aimb. F Marataõame tecoara
ogoerobia xenheenga,
opa ypaume ndoara,
opa Paraibiguara.
xepope oanga meenga.

110. F Quciçe raco amo canhemi
ogueijpa Magueape
abare ogoeraçoape.
naçauçubi in*h*eguaçemi
Tupi çupa xerecoape.

115. F Aere
opitabae reçe
abare recoaubi



p. 62

yque çeru potanhe,
erĩ aani amorãbue,
opa xenheengendubi.

121. Guaix. F Moçangape ereipuru
tureimaõamari?

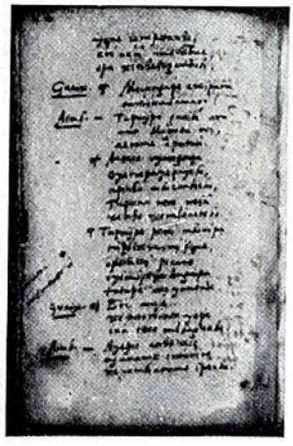
Aimb. -- Tapuijpe guaibĩ aru
amo Maguea çuj,
aereme aputuu.

126. F Aeraco yangaipa
Oyemopayepayebo,
apiaba mboemboebo,
Tupana reco rejâ
xenho xemõbaetebo.

131. F Tapuijpe poxi mboripa
tupotareimi ique,
oporaçei piçare
oyemopaye angaipa
tatape oço yanonde.

136. Guaix. F Eri, auye.
xe mooricatu yepe
inã teco mõbeguabo.

Aimb. — Ayepic anhe çece,
yanama caturire
xe rembiaramo ipeabo.



p. 62v

142. F Maene, Tupināba
Paraguaçupe ndaroera,
ytupã ocibae puera
opacatu yamomba
nitibet*c*i çembiroera

147. F Yaupa Moçupiroca,
Yequej, guatapitiba,
Nheterõya, Paraiba
Guayayo, Carijo oca
Pacucaya, Araçatiba.

152. F Opaumã Tamũya çou
ocaya tatape oupa,
moconho Tupã rauçupa
co taba pupe çecou
oyepiçiromo ocupa.

157. F Co Temimino poxi
yande reco ogoeroirõ

guaix. — Ejori çaanga rõ
Totupãnheengabi,
tocau, tomondarõ.

162. F Toporepenhan oicobo,
toipuru teco poxi,
toço co taba çuj
*e*jori muru moingobo
yande nheenga rupi.

p. 63

167. Aimb. F Yabai xebo çaanga, *63v*
çerecoara yabaete
xemõdija (Guaix.) Abapae?

Aimb. Lourenço ſancto poranga
Tupã piri oicobae.

172. Guaix. F Vmã? aco rorẽ caẽ
yande rapixa mixira?

Aimb. Aeco. (guaix.) Deputuẽ
naçatangatui Maira,
coribe timocanhẽ.

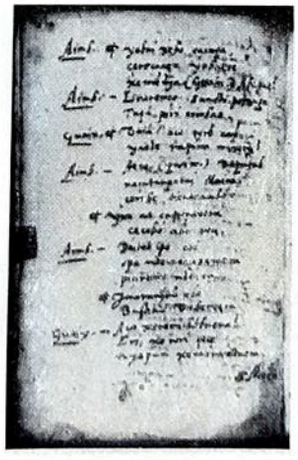
177. F Yxe ae çapiçaroera
çecobe abe reçe.

Aimb. Deitee ipo coi
opa nderauçuparoera
piçiromo nde çuj.

182. F Jmaranjrũ abe
Baſtiaõ vuboroera.

Guaix. — Aco xeremiibõbuera?
Eri, xe rori çoçe
toyepun xemaranduera.

F Mocoïbe



p. 63v

187. F Mocoîbe oçij cori 64
xerepiaca rupibene.

Aimb. — Namoangi, de moauyene.

guaix. — Eyerobiate xeri
amõdij cori nonene.

192. F Abatepe oico xe oya
Tupã tiruã mõburuabo?

Aimb. Deitee Tupã depeabo
aepueripe tata
auyerama nderapiabo.

197. F Acepiac erimbae
guaixara maranuçu
ygara çeta catu
ereipitibõ yepe
eri aani, ocij muru.

202. F Caraiba naçetai,
ſ. ſebaſtiaõ ae
omondic tata çeçe
imondija, nopitaï
amo aba maranape.

207. guaix. F Caraibae ipo
noico angaipa piribi.

p. 64

auye co Temimino
doguari Tupã reco,
doçauçubi, nomotibi

212. F Ecoãi moxi mboa
yande yuçana pupe,
yanga toa tauye
omonhangara rejâ
robia yande reçe.

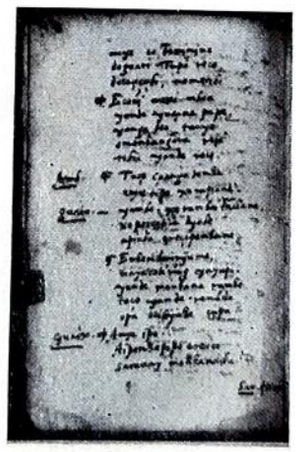
217. Aimb. F Taço çaanga tenhe
eye tipo xe rapiane.

guaix. — yambe, xe ranhe tacoane,
xe poroitica yabe
apiaba ereçepenhane.

222. *Aimb.* F Enhemboririjume,
tiayecotirũg yayupa.
Yande manhana ranhe
toço yande renõde
opa ocibijnha çupa.

227. Guaix. F Auye ipo.
Aiponhepipo ereico
ſarauay manhanaiba?

Sar.(3) Oicobe



p. 64v

(3) — Segue-se em borrão, riscado, um *F*.

ſarauaya. — Oicobe xe taigaiba
eneĩ taço mamo,
Yxe ſarauay oriba.

233. F Yxe ſarauayuçu.
Marapipo moranduba?

Guaix. — Aipotaretecatu
ocibijnhe nde yxuçuba
yxubire tereju.

238. F Taço cori nderejape
apiaba piçica pa

ſarau. — Ye, taçone xemõdoape.
memetixe xepiape
emona teco pota.

243. F Xerapixa ſarauaya
apiaba xepocua,
çeçe nhe ayecotia
taraço co igaporaya
xepotaba caõy ra.

248. guaix. F Neĩ tereço tauye,
Deapoan. (ſarau.) anhãgatune

~ fica paſseando cõ
Aimbire, e diz ~.

p. 65

guaix. — yayebi yebi ranhe
ſarauaya rurire
yamõba taba yãdune.

~ Torna ſarauaya
ediz Aimbire ~

253. Aimb. F Que muru ruri obebo?

guaix. Jrõ niateimangai.
Erejupe ſarauay?

ſarau. — Eẽ, yande moetebo
apiaba nhemoçarai.

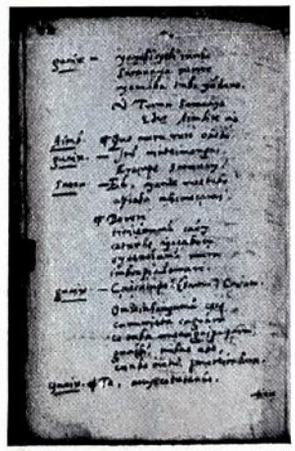
258. F Derori
tiniçemumã caõy
cetanhe, igaçabuçu
oyoenoĩumã muru
imboapiaõamari.

guaix. — Çaicatupe? (ſarau.) Çaicatu.

264. *F* Onheinhangumã çeçe
cunumieta caguara
co taba moangaipapara,
guaibĩ, tuibae abe,
cunhamucu jmoreimbara.

269. Guaix. F Te, auyecatutenhe.

tiaço



p. 65v

tiaço begue yapuama
tixapi moxi retama.

~ Vem .ſ. Lço cõ
douſ Companheiroſ
ediz Aimbire ~

Aimb. Que aba recou ãhe
xerenopuapuama.

274. F Cai, Rorẽ caẽ piã?

ſarau. — Ae. Baſtiaõ abe.

Aimb. — Aepe que amboae?

ſarau. — Caraibebe çerã
co taba raroanete.

279. Aimb. F Xe re*itic* corine mã,
Yabaete çepiaca yxebo.

guaix. — Aanixo? ndepiatã
ejori tixepenhan
imoçiquiyequiyebo.

284. F Yamõgua moxi ruuba
yxupe yayemoitiamo.

Aimb. Que turi yande nupamo
aririj, opa xe uba
xecij oyemoatamo.

Xecij ver páginas 264 deste livro
ou página 139 do manuscrito
impresso neste livro, e
698.

p. 66

289. ſ.L.^{ço} F Abapende?
guaix. guaixara caguara ixe,
boitininguçu, jaguara,
moruara, moroapiara,
andiraguaçu bebe
anhanga morapitiara

295. ſ.L.^{ço} F Aepico? SOKÓ
Aimb. Xe giboya, xe coço
xe tamuyuçu Aimbire
Çucuriju, taguato
tamandoa atirabebo
xe anhanga morope.

301. ſ. L^{ço} F Baetepe peçeca
co xeretama pupe?

Guaix. — Apiaba rauçupanhe
ore rapiara pota
oreputupa çeçe.

306. F Ombaenipo açe
opia pupe çauçubi.

ſ. ſebaſtiaõ — Abatepe erimbae
pembaerama reçe
apiaba meẽgaubi?

Tupã *ae*

p. 66v

311. F Tupã ae
o caraiba pupe
yanga, çete monhãgi.

Guaix. — Tupã tenipo anhe
çeco te ipoxi ete
çeco ae niporangi.

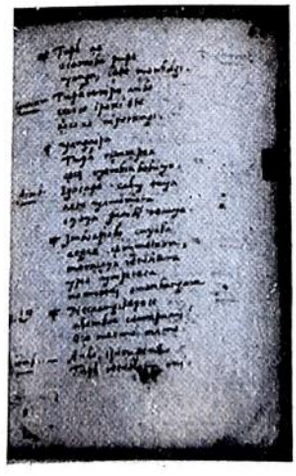
317. F Yangaipa
Tupã oçauçu pea
çeçe oyerobia bebuya.

Aimb. — Igaçape caõy tuya
aere yamomota
oyoya guaibĩ recuya.

323. F Jmboapiaba cuyaba
angae çemimotara,
moraçeya rerobiara
ypia yaiporaca
nomoetei omonhangara

328. ſ. L.ço F Noçaangitepaco
nhemboe coarapucuj ?
Oço meemo mamo.

Aimb. Anhe, ijurupenho
Tupã rerobiara ruj.



p. 67

333. ſarau. F Deitee opia pupe
oyemõgetãgetabo
Tupã mõburucatuabo,
çeça piço aupee
Tupã xerepiaca? oyabo.

~ ſ. ſebaſtiaõ cõ ſarau. ~

338. ſ. ſeb. F Guabiru ruã pico?
Conipo çariguey nema?
piçare çerã ereico
arinhama mocanhema,
apiaba mõdiabõ?

343. ſarau. F Yanga upota e
piçare naquerãgai.
guaix. — Auye enheeng ſarauai.
ſarau. — Xerenoĩume yepe
Yxupe, naxejucaj

348. F Xemĩteyepe yxui
demanhanamo toicone.
*go*aix. Doromõbeuixone,
enhemĩ dequirirĩ
coriẽ toromõdone.

ſar. Aye

p. 67v

353.	ſarau.	F	Ayemĩgatupe ca auyete naxerepiaci.	68
	ſ. ſeb.	—	Tayibone, eyepea Ecoa que çuj raa. oquerĩ, deremõbaci.	
358.		F	Piçare co iquereimi apiaba pobupobu?	
	ſarau.		Aipo ere, çupicatu.	
			~ Açoutao guaixara e diz ~	
	guaix.	—	Marãpe nderenhemimi? ereipotape nde u?	
363.	ſarau.	F	Acaigua. Marape xeri erepoa? ayemingatu co uitupa.	
			~ Aimbire cõ .ſ. ſebaſtiaõ ~	
	Aimb.	—	Ãhe, pecoa eçapia xemoanhe co xe boia yei xerepiacaupa	

p. 68

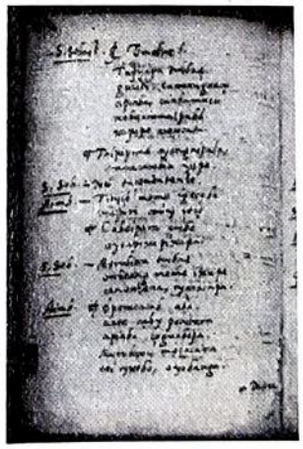
369. ſ. ſebaſt. F Vmabae?
Aimb. Tapijara tuibae
guaibĩ, cunumiguaçu
apiaba, cunhamucu
xeboiaramo pabẽ
xepope arecocatu.

375. F Taipapane yangaipaba,
taxererobia yepe.
ſ. ſeb. — Neĩ taçendutenhe.
Aimb. — Tinicẽ meme igaçaba
niapori caõy reçe

380. F Çabeipora çuibe
oyoapixapixapa.
ſ. ſeb. Morubixa tuibae
onheeng meme ixupe
çenonhena, yacacapa.

385. Aimb. F Oporacacab aba.
aete caõy poaitara
apiaba çoguabopa.
Morubixa, moçacara
tei yxebo, oyabanga.

F Deitee



p. 68v

390. F Deitee cunumiguaçu
morubixaba oçoguape
oiquebo meme caguape
aepe cunhamucu
repenhana, jpotaçape.

395. ſ. ſeb. F Emona çeco çui
aracaya çapecou,
mũdepe iporeraçou.

Aimb. — Aracayate ombori
oyoya marã çecou

400. ſ. ſeb. *F* Oyepe yombe nipo
Yangaipab amomee.

Aimb. — Namoangi, çetanhe
xe ae aporomoingo
moropotara reçe.

405. Guaix. F Yãbe, toropitibone,
oyoaoao guaibĩ,
oyoamotareĩ
marã e nopicixone,
marã ejara omboribĩ.

410. FYangaipa co quenaĩ
ei moema monhanga
moçanga raaraanga
oauçuba oipotarĩ
oyemomoramoranga.

p. 69

415. Aimb. F Aepe cunumiguaçu *69v*
cunha oimomocẽbae
miauçuba potanhe
caraibocupe catu
onheguacema meme?

420. Guaix. F To, aipo nipapaçabi,
coaracimo oique yepemo
opa taba moangaipabi.
Aimb. — Anhe nitecocuabi,
yande mõburu meemo.

425. ſ. L^{ço} F Oicobe yemõbeu
moçãga moeirabijara
aba anga maraara
ipupe opoeiracatu,
çaquipueri Tupã rara.

430. F Oeco moaçirire
aba çou yemõbeguabo,
xecatupe ca, oyabo
oçobaçab abare
Tupã monhirõgatuabo.

435. Guaix. F Angaipabeimame
onhemõbeucatu
auye cunumiguaçu
oecoaibete

oyomĩ,

p. 69v

oyomim, oicuacu 70

440. Aimb. F Çemõ yepe
teõ rerobicae
xe angaipatubixagoera
amoçene, eynhe

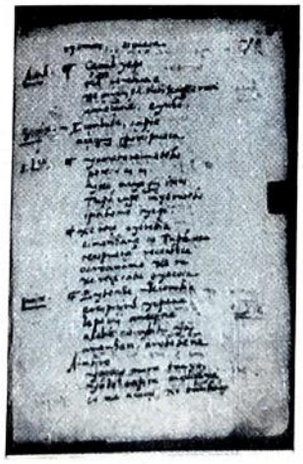
Guaix. — Eçendute, çupie
açequij ipoxipuera

446. ſ. Lſo F Yamotareimetebo
pereco ai ai
Yxe nayegij ixui
Tupã çupe uiyerurebo
ipitibomo yepi.

61. F Xe reçe oyerobia
oimonhang co Tupã oca
tecopuera recoaboca
oaroanamo xe ra
xe reçe catu oyecoca.

456. guaix. F Eytenhe ndererobia
ereipiçirõ yepene
depo çui anoçene
abebe co ybitu ya,
anonhan, arobebene

461. *F* Aimbire
yaraço muru tauye,
yãde roipira moeçaya,
co xe acuçu, xe ranhãya



p. 70

Aimb. — Ye, cobe xepoapẽ
xe raibucu(4), xe tiãya. *70v*

raaibucu (no original)
Veja página 271

467. Anjo. F Napeapiçai yandu
ico taba apamonana,
aicobenixe çaroana
ſ. ſebaſtiaõ jrũ
ſ. L^ço pitiboana.

472. F Peporeauçu corine,
pemoirõ pay Ieſu
co taba pobu pobu,
perapi tata endine.

~ fala cooſ ſãctoſ ~

peĩ peipoa muru.

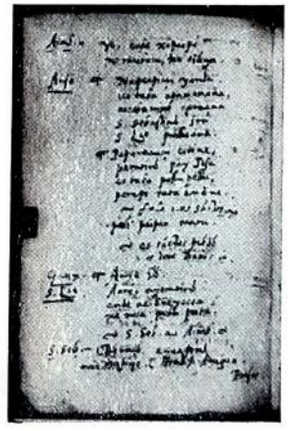
~ oſ ſãctoſ prẽdẽ
oſ douſ Diaboſ ~

477. Guaix. F Auye *b*õ.
ſ. L^ço. Aani, ayemoirõ
ende ae ereyecoa
xe roca pobu pota.

~ ſ. ſeb. ao Aimb. ~

ſ. *ſeb.* — De racẽ, eyeapirõ
oropicjc. (Aimb.) Acaigua.

Preſoſ



p. 70v

(4) — Borrão antes do *-a-*.

Preſoſ eſteſ douſ fala o
Anjo ao ſarauaya, q̃
ficou eſcõdido. e diz.

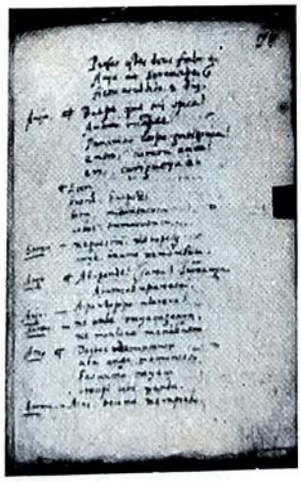
483. Anjo. F Baepe que tuj opica?
Andira ruãpee.
Panama, coipo guaiquica?
ener*o*, cururu açica?
eri, çarigueya e.

488. F Ejori
baenẽ baepoxi
b*o*ra, mi*a*ratacaca
ceboi, tamarutaca
ſarau — Xepoeirai, xeropecij
auye, teume xemomba*ca*.

494. Anjo. F Abapende? (ſarau.) ſarauaya,
Ajurujub upiaroera.
Anjo. Aiponho pipo nderera?
ſarau. xe ab*e*(5) tayaçugoaya,
xe manhana manẽbuera,

499. Anjo F Deitee nderuumuçu
aba anga momoxiabo
baeuuma tayaçu
oroapi cori yandu.

ſarau. Acai, teume xerapiabo.



p. 71

(5) — Uma primeira letra (-*a*) está riscada.

504 F Tameene pira ruba *71v*
endebo uiyepimeenga,
erejuçeipe uipuba?
ereipotape itajuba?
Anjo — Nacendubi denheenga

509. F Deremimimbuera anhe,
Vmamepe ndemonda?
Aba *ro*cupe erecoa
tanhemimianonde?
ererureta cerã.

514. ſarau. F Aani, moçapinho
Caraibocupe uitecobo
xepopenhote araço,
uiporabiquiabo uixobo,
niporibei xe ajo.

519. F Jrũbuera acoeimebe
caõy repirama ri
aimeeng aba çupe
caõyaya uçeya e,
opacatu amboapi.

524. Anjo. F Iori, tereiaceco
taçepi nde mõdagoera.
ſarau. — Aanumene, açabeipo,
ocaube xeraixo
guaibĩ, mara çerã çera.

F xeribit

p. 71v

529. F Xeribit denhirõ xebo,
xeraçi, xemaraa
cobe xe rembiareta
tameene amo endebo
yacanga terejoca.

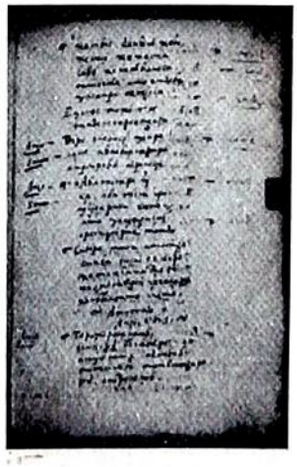
534. *F* Eyeroc moxi rece
tandererapoangatu.
Anjo — Bipe erebaçẽ xupe?
ſarau. — *A*ique nhãibiarapupe
angaipaba aipocoçu.

539. Anjo F Abarairape uj
ſarau. Çe, aba raira ipo.
yijça pucu camo.
amo yaçanguçui
oporaquipue mondo

544. F Cotipe muru amoinge
cunha jucai cecoape
xemanhaneimete
naquerangai çecaçape
xerẽbiaramo meme.

~ Amarrao o
Anjo, e diz. ~

549. Anjo F Depoxipotaraub,
tereço rõ de ratape,
auyerama terejub
morauçuba monhangape.
jrõ, oropocoçub.



p. 72

554. ſarau. F Aimbire. *72v*
Aimb. — Oi (ſarau) xe picirõ yepe
xe piçic co macaxera
Aimb — Xe abe ygibõbiruera
Baſtiaõ xemoauye
nitibi xe abaetepuera.

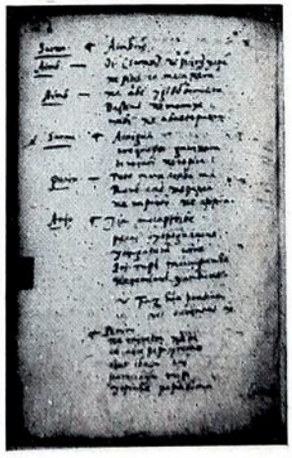
560. ſarau. F Acaigua
erequepe guaixara
derejuri xerepica?
guaix. — Tete marã eiabo mã
Rorẽ caẽ xepopoa
xe rapiabo xe apipica.

566. Anjo F Jia moçapiribe
pecai oyepeguaçune,
Yangaturã coire
Pai tupã rauçupanhe
Xeremiarõ yandune.

~ Faz hũa pratica
aoſ ouuinteſ ~

571. F Perori
xe raireta xeri
co aico pepiçiromo
aiur ibaca çui
perocibijã rupi
yepinhe pepitibomo.

F Co taba



p. 72v

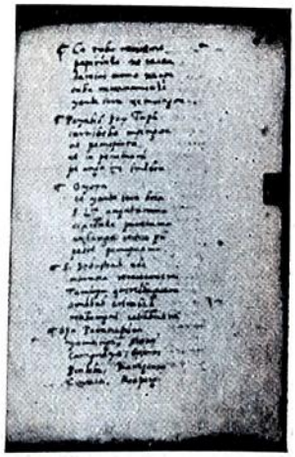
577. F Co taba renireme 73
pepirinhe xe recou
daroiai mamo xeçou
taba raroanamonhẽ
yande iara xemoingou.

582. F Peyabiõ pay Tupã
caraibebe moingou
ae pemopiatã,
ae co peçumarã
pe anga çuj imõdou

587. F Oyoya
co yande iara boia
ſ. L^{ÇO} angutarama(6)
oçaronhe peretama
anhanga reitica pa
peẽte pemopuama.

593. F ſ. ſebaſtiaõ abe
marana rerecoaroera
Tamũya quireĩbagoera
omõbab eri*m*bae
nitibangai çetãbuera

598. F Opa Paranapucu
Yacutinga, Moroi
*Ç*arigueya, *G*uiriri
Pindoba, *P*arigoaçu
Curuça, Miapeig.



p. 73

(6) — Engano provável (= *angaturama*).

603. F Jabebiraçic tapera *73v*
aqueime niporetai,
yauye muamaroera,
oyoibiri çcombuera
parana ibiri ycoai.

608. F Çauçupara Aiuruiuba
mocaba ogoeru tenhe
yabaete muru çupe
ſ. ſebaſtiaõ ruuba
ſ. L$^{\varsigma o}$ piribe.

613. F Memetenipo peanga
amota, iporauçuboca,
coarapucui ipococa,
imoaiçobo, imomoranga
tecopuera recoaboca.

618. F Mene anhanga popoari
peri çembiapotaçape,
peatõya noipotari,
peanga rauçucatuape
oboiaramo pe rari.

623. F Peteume
pepoxiramo angire,
tocanhẽ perecopuera,
cau, aguaça nembuera,
temoema, marã e
yoapixaba, maranduera.

F Peçauçu

p. 73v

629. F Peçauçu pemonhangara, 74
peimoete Pay Ieſu,
çeco angaturangatu
peretama rerecoara
ſ. Lſo anhe oipuru.

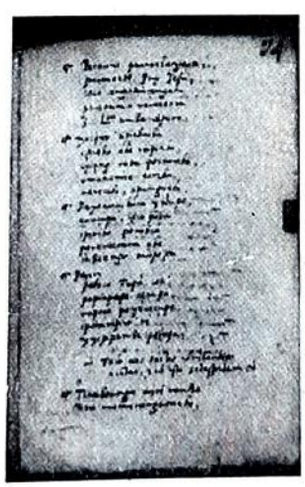
634. F Yacear apiabaiba
çecobe abe rapiabo,
çoçang tata porarabo,
omanorire toriba
rerecobo, oputuguabo.

639. F Peyeauçubuca yxupe,
çauçupa, çeco pota
ipiribe perobia
pererecoara abe
inheenga mopo pa

644. F Pejori
pebaca Tupã coti,
pepiapupe çerupa,
tapeço peyecoçupa
ipotaripira ri
yyipipenhe pejupa.

~ Fala cooſ ſãctoſ cõuidandooſ
acãtar, e cõ iſto ſedeſpedem ~

650. F Tianheenga miri ranhe
ara momorangatuabo,



p. 74

anhanga piçicire 74v
taçaçi muru çupe
taçaçem oyeceguabo.

~ Leuaõ preſoſ oſ Diaboſ, oſ
quaiſ na vltima repetiçaõ
da cãtiga choraõ ~

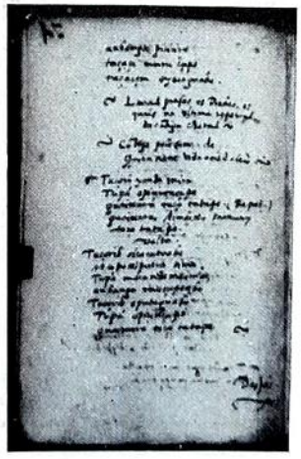
~ Cãtiga polo tom de
Quien tiene vida enel cielo ~

655. F Taçori yande raira
Tupã opiçironçape
guaixara toço tatape. (Repet.)
guaixara, Aimbire, ſarauay
toço tatape.

Volta.

661. *F* Taçorib oicocatuabo
tecopoxipuera tima,
Tupã mocanhe meima,
anhanga rauçupeabo
Taçorib oputuguabo
Tupã opiçirõçape
guaixara toço tatape ~

Deſpoiſ.



p. 74v

~ Deſpoiſ de ſ. L^co
morto naſ grelhaſ
o anjo fica em ſua
guarda, e chama oſ
douſ Diaboſ Aimbire
e ſarauaya, q̃ venhaõ
afogar a Decio, e
Valeriano, q̃ficaraõ
ſentadoſ en ſeuſ
Thronoſ ~ .

671. Anjo. F Aimbire
ejori xerobaque,
deapoan, enhan eju.

Aimbire. Jrõ be, irõ yandu,
xe piçicpotaribe
çerã co guiragoaçu.

677. Anjo. F Derembiaramae
oicobe morubixaba
ſ. L^co jucare
tocai nderata pupe
taçepi muru angaipaba.

682. Aimb. F Ye, aipo xemoitarõ
xerembia çeçe corine
araço muru çeçene
taipuru xenhemoirõ,
auyeramanhe ç*a*pine.

p. 75

687. Anjo. F Neĩ tauye yayubica, *75v*
toçepiac ibeume
coaraçi, neĩ tauye
derata pupe çeitica
penheinhang pabẽ çeçe

692. Aimb. F Neĩ taço
aiponheenga mopo,
xe boia reinhang etabo.
ſarauai jori ecaguabo
aere cori yaço
tubixaba acanga cabo.

698. ſarau. F Ycaõygoaçu pipo
xeramũya jaguaruna?
eneĩ taçobeipo, → taçobeipo
eri, auyete paco
ayeguac uinhemouna

703. F Çeco auyepe Guaitaca,
coipo guayana raira?
To, Temimino çerã,
auyebete taupa
yacareguaçu pepira

~ Ve o anjo, e eſpã=
taſe dizendo ~

708. F To, añe, baepeque
caninde obi yaçoara?
Doyabij muru arara.

Caraib

p. 75v

Aimb. Caraibebe ac
morojubica poaitara.

713. ſara. F Aco xejubicaroera
tataurana, tamãdoa!
xejubic benhe pota,
darobiari macaxera,
açope uinhemima ca.

718. Aimb. F Ejori
Xeçuumo mariguĩ
onharõ moxi, xe une
aciquiye, arirỹ,
eç*a*piate xe miri
xe mocõ cori yandune.

724. F Doporomeengi aba
oaira cuacupa,
aemo ojubic uca,
ãhe teume çerobia,
cemoẽ oyobaupa.

729. Aimb. F Epita, caguapenho
daratangatu pota!
manemuçu ambua

p. 76

ſarau. Acaigua, nẽi taço
deirumo taxerembia.

734. Aimb. ſar. F Abape yauraene?
ſ. Lourẽço rupiaroera
Aco tubixa nembuera?
ayeroc cori ceçene,
tacetacatu xe rera.

739. Aimb. ſara. F Yia muru, ipiapuera
xepotabamo toico.
xe cori ipia çoo.
tou yande roipiroera
çeçe pabẽ tiaixoo.

~ chama .4. Cõpa=
nheiroſ. q̃ ajudẽ. ~

744. F Tataurana
eru que nde moçurana.
Vrubu, Iaguaruçu
ingapemabe peru.
Cabure jori enhana
tobajara tiau.

Acodem

p. 76v

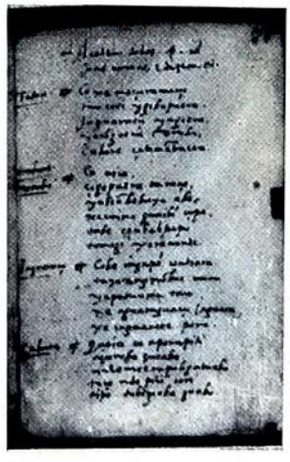
~ Acodem todoſ .4. cõ
ſuaſ armaſ, edizem.~

750. Tatau. F Co xe moçuranuçu
tau cori ygibapuera.
Jaguaruçu yugoera.
yacãgoera Vrubu,
Cabure çetimãbuera.

755. Vrubu(7). Co aico
F çigepuera taraço,
ynhiãbebuya abe,
xeraixo guaibĩ çupe,
oube çenhaẽpepo
tomogĩ xerenonde.

761. Iaguaruçu F Cobe ingapẽ coatiara
tayacang mõbuc muru
Yaputuuma tau
xe aguaraguaçu jaguara,
xe iaguarete *i*poru.

766. Cabure F Queice co aporapiti
ajurujuba jucabo
uinhemoerapoãgatuabo
taço nde piri cori
aipo tubixaba guabo.



p. 77

(7) — Sôbre *Urubu* lê-se, riscado, *Cabure*.

771. ſarau. F Napeandubi, peiaibic *77v*
taçoane perenonde
pemanhanamo ranhe
yacepenhan, yaipiçic
yapiçic eimebe

taçoane
t'a-kûa-ne
Hei ole ir (passar)

~ Vaõ todoſ agachadoſ
p.ª Decio, q̃ eſtaa
praticando cõ Va=
leriano. ~

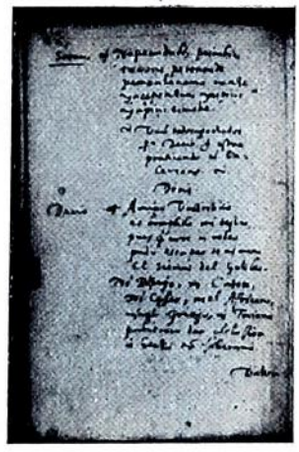
Decio.

776. Decio F Amigo Valeriano
eſ cumplido mi deſseo,
pueſ & arte ni rodeo
pudo eſcapar de mi mano
el ſieruo del Galileo.

q̃ = por

781. *F* Ni Põpejo, ni Caton
Ni Ceſar, ni el Africano,
ningũ Griego, ni Troiano
pudieron dar cõcluſion
à hecho tã ſoberano.

Valeria



p. 77v

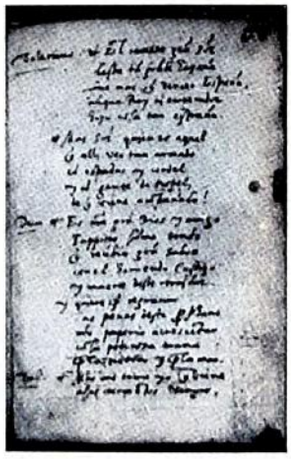
786. Valeriano. F El remate grã ſõr
deſta tã grãde hazaña
fue maſ q̃ vencer Eſpaña,
nũqua Rey ni emperador
hizo coſa tan eſtraña.

791. F Maſ ſõr quien eſ aquel
q̃ alli veo tan armado
cõ eſpadaſ y cordel
y cõ gente de tropel,
de q̃ viene acõpañado?

796 Decio F Eſ nr̃o grã Dioſ y amigo
Iuppiter ſũmo ſeñor
q̃ recibio grã ſabor
conel horrendo Caſtigo
y muerte deſte traidor.

Y quiere & regraciar
laſ penaſ deſte &phano
nr̃o jmperio acreſcẽtar
cõſu poderoſa mano
& la tierra y &lamar.

6. Val. F Maſ me temo yo q̃viene
aſuſ tormẽtoſ vengar,



p. 78

y anoſotroſ ahorcar, 78v
Ò q̃ mala cara tiene,
ya yo comienço à tẽblar.

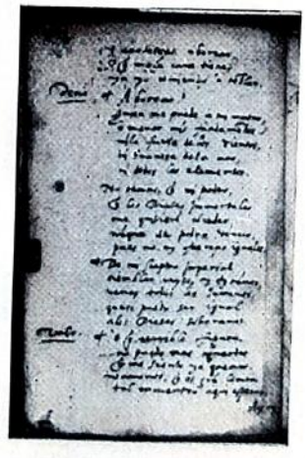
811. Decio. F Ahorcar?
Quien me puede à mi matar,
o mouer miſ fundamẽtoſ?
nila furia deloſ vientoſ,
ni braueza dela mar,
ni todoſ loſ elementoſ.

817. No temaſ, q̃ mi poder,
q̃ loſ Dioſeſ jmmortaleſ
me quiſierõ cõceder,
nũqua ſe podra vencer,
pueſ no ay fuerçaſ igualeſ.

822. F De mi ſceptro jmperial,
tiemblan reyeſ, y tyrãnoſ,
venço todoſ loſ humanoſ,
quaſi puedo ſer igual
aloſ Dioſeſ ſoberanoſ.

827. Valr. F Ò q̃ terrible figura,
no puedo maſ aguardar
q̃ me ſiento ya quemar,
Vamonoſ, q̃ eſ grã locura
tal encuentro aqui eſperar.

Ay ay



p. 78v

832. F Ay, ay, q̃ grãdeſ caloreſ,
no tengo ningũ ſociego.

Decio

Ay, q̃ terribleſ doloreſ
ay, q̃ feruienteſ ardoreſ,
q̃ me abraſan como fuego.

837. F O paſsion
Ay de mi, q̃ eſ el Pluton
q̃ viene del Acherõte
ardiendo como tizon
a lleuarnoſ de rondon
al fuego del Phlegetõte.

843. Ò cuitado
q̃ me quemo. aq̃l quemado
me quema cõ grã furor
ò mohino emperador
todo me veo cercado
depenaſ y de pauor.

849. Quel Diablo
armado cõſu venablo
y laſ furiaſ jnfernaleſ
viene a caſtigar miſ maleſ
ya no ſe lo que me hablo
con anguſtiaſ tan mortaleſ.

p. 79

855. Vale. F O Decio cruel tyrãno 79v
yapagaſ, y pagara
cõtigo Valeriano
&que lorenço chriſtiano
aſsado noſ aſsara.

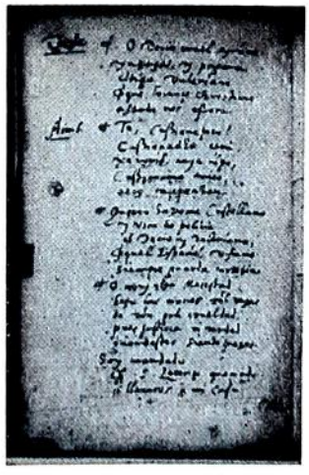
860. Aimb. F To, Caſsiana pico?
Caſsianañhe çerã.
xerorib, auye nipo,
Caſsianamo taico,
aere taçepenhan

865. F Quiero hazerme Caſtellano
y vſar de policia
cõ Decio y Valeriano,
& quel Eſpañol vfano
ſiempre guarda cortezia.

870. O muj alta Majeſtad
bezo laſ manoſ mil vezeſ,
de Vr̃a grã crueldad,
pueſ juſticia ni verdad
guardaſteſ ſiendo juezeſ.

875. ſoy mandado
& .ſ. Lorenço quemado
a lleuaroſ a mi caſa

Dõde



p. 79v

donde ſea cõfirmado
Vrõ jmperial eſtado
en fuego, q̃ ſiempre abraſa

881. *F* Ò q̃ thronoſ, y q̃ camaſ
oſ tengo ya aparejadaſ
en miſ eſcuraſ moradaſ
de biuaſ y eternaſ llamaſ
ſin nũqua ſer apagadaſ.

886. Vale. F Che, acay.
Aimb. Veniſteſ del Paraguai
q̃ hablaiſ en Carijo?
todaſ laſ lenguaſ ſe yo
Eçepenhan ſarauay,
co ndemõboitaba, co.

892. Vale. F Auye xe juca yepe
naçetai xe angaipaba
ejate xe rubixaba.
ſara. Aã xepotaba nde
De xerẽbiapotaçaba

897. Decio F O miſerable de mi
q̃ ni baſta ſer tyranno,
ni hablar en Caſtellano.
q̃ eſ del mãdo en q̃ me vi?
queſ del poder de mimano?

p. 80

902. Aimb. F Ieſu grã Dioſ ſoberano *80v*
q̃ tu traidor perſeguiſte,
te dara ſuerte mui triſte,
entregandote en mi mano
a quien maluado ſeruiſte

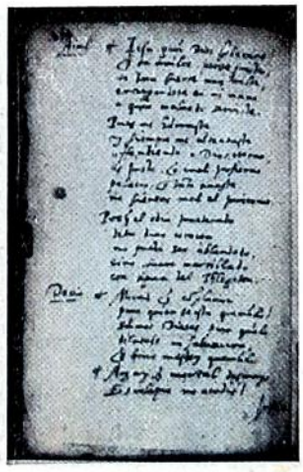
907. *F* Pueſ me hõrraſte
y ſiempre me cõtentaſte
offendiendo a Dioſ eterno,
eſ juſto. q̃ enel jnfierno
palacio, q̃tãto amaſte
no ſientaſ mal el jnvierno.

913. *F* Porq̃ el odio jnueterado
detu duro coraçon
no puede ſer ablandado,
ſino fuere martillado
con agua del Phlegeton.

918. Decio F Mirad q̃ cõſolacion
para quien ſe eſta quemãdo!
ſũmoſ Dioſeſ para quãdo
dilataiſ mi ſaluacion,
q̃ biuo meſtoy quemãdo.

923. F Ay, ay, q̃ mortal deſmayo,
Eſculapio no acudiſ?

Iuppiter



p. 80v

Iuppiter, & que dormiſ?
q̃ eſ de Vr̃o ardiente rayo?
q̃ hazeiſ, q̃ no veniſ?

928. Aimb. F Que deziſ?
teneiſ mal de prioriſ?
halloo ſ el pulſo alterado.
eſ gran dolor de coſtado
eſte mal de que moriſ,
aueiſ deſer bien ſangrado.

934. F Diaſ ha, q̃ eſta ſangria
ſe guardaua pª voſ
q̃ ſangrauaiſ noche y dia
con obſtinada porfia
aloſ martyreſ de Dioſ.

939. F Mucho deſseo beber
Vr̃a ſangre jmperial,
no melo tengaiſ a mal,
q̃ con eſto quiero ſer
hõbre de ſangre real.

944. Decio F Acatad, q̃ diſparate,
y donoſo deſuario.
echen me dentro dũ rio
anteſ q̃l fuego me mate
O Dioſeſ en q̃ cõfio,

p. 81

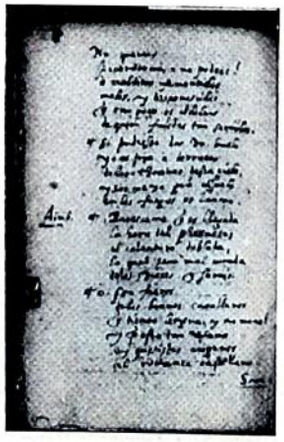
949. F No quereiſ 81v
ſoccorrerme, o no podeiſ?
Ò malditoſ fementidoſ
maloſ, y deſconoſcidoſ
q̃ tan poco oſ cõdoleiſ
dequien fuiſteſ tan ſeruidoſ.

955. F ſi pudieſse dar vn buelo
yo oſ jria a derrocar
deloſ thronoſ deſse cielo,
y ſer me ya grã cõſuelo
en loſ fuegoſ oſ lançar.

960. Aimb. F Pareſceme q̃ eſ llegada
la hora del phreneſiſ
cõ calentura doblada,
la qual ſera mal curada
deloſ Dioſeſ q̃ſeruiſ.

965. F ſon fieroſ
deloſ brauoſ caualleroſ
q̃ tienen lengua, y no mano
y & eſso tan *u*fano
oy quiſiſteſ acogeroſ
al romance caſtellano.

ſara



p. 81v

971. ſar. F Eſso eſ.
penſaua dar de reuez
eſpãtableſ cuchillazoſ
maſ en fin nr̃oſ balazoſ
dierõ conel al trauez
cõ muy pocoſ cañonazoſ.

977. F Maſ q̃ de bofetonazoſ
leſ tengo luego de dar !
loſ triſteſ ſin deſcãſar
a poder de tizonazoſ
como perroſ an daullar.

982. Valer. F O q̃ herida !
Arrãcame ya eſta vida
pueſ mi alta cõdicion
cõtra juſticia y razon
vino aſer tan abatida,
q̃ muero como ladron.

988. ſara. F No eſ otro el galardon
q̃ yo doy à miſ criadoſ,
ſino morir ahorcadoſ,
y deſpueſ ſin remiſsion
al fuego ſer cõdenadoſ.

993. Decio F Eſsa eſ pena doblada

p. 82

q̃ me cauſa maſ dolor *82v*
q̃ yo vniuerſal ſeñor
muera muerte deſhõrrada
dehorca como traidor.

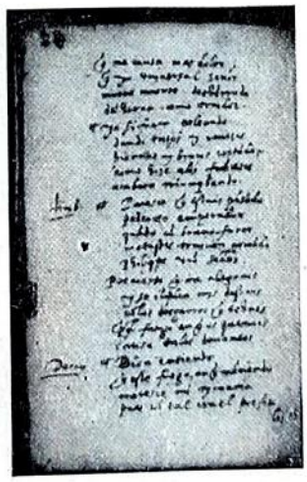
998. F Ya ſi fuera peleando
dando tajoſ y reuezeſ
piernaſ y braçoſ cortãdo,
como hize aloſ frãceſeſ
acabara triumphando.

1003. Aimb. F Pareſce q̃ eſtaiſ pẽſãdo
poderoſo emperador
quãdo cõ brauo furor
mataſteſ traicion armãdo
Philippe vrõ ſeñor.

1008. *F* Por cierto q̃ me alegraiſ
y ſe cũplen miſ deſseoſ
cõloſ deſgarroſ q̃ echaiſ
&q̃l fuego en q̃ oſ quemaiſ
cauſa taleſ deuaneoſ.

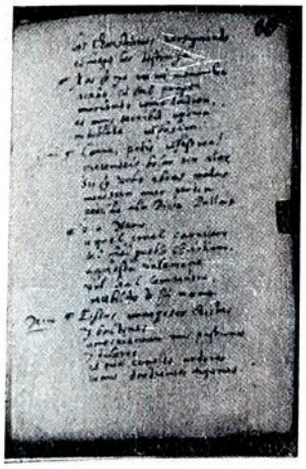
1013. Decio F Bien entiendo
q̃ eſte fuego, en q̃ mẽciendo
mereſce mi tyrannia
pueſ cõ tal cruel porfia

loſ ch.



p. 82v

			loſ chriſtianoſ perſiguiendo cõfuego loſ deſtruÿa.
1019.		F	Maſ q̃ yo en mi monarchia acabe cõ tal pregon muriendo como ladron, eſ muj terrible agonia y doblada cõfuſion.
1024.	*Aimb.*	F	Como, pediſ cõfeſsion ! pretendeiſ bolar ſin alaſ, ſi, q̃ vrãſ obraſ malaſ mereſcen auer perdon pedildo ala Dioſa Pallaſ.
1029.		F	O a Nero aquel cruel carnicero del fiel pueblo chriſtiano. aqui eſta Valeriano vro leal compañero, recebildo de ſu mano.
1035.	Decio	F	Eſsoſ amargoſoſ chiſteſ y baldoneſ acreſcientan miſ paſsioneſ y doloreſ cõ tan cruleſ ardoreſ como dardienteſ tizoneſ



p. 83

1041. F Y con eſto creſcẽ maſ *83v*
eſtoſ fuegoſ, q̃ padeſco,
acaba, q̃ ya me offreſco
entuſ manoſ ſathanaſ,
Y al tormẽto, q̃ mereſco.

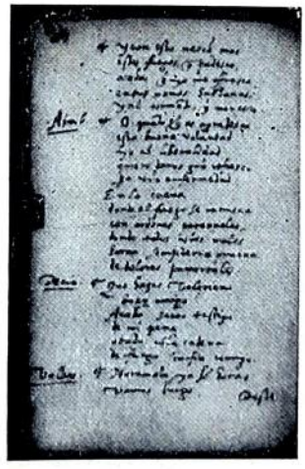
1046. Aimb. F O quãto q̃ oſ agradeſco
eſsa buena voluntad
yo cõ liberalidad
quiero daroſ grã refreſco
pª vr̃a enfermedad

1051. Enla cueua
donde el fuego ſe renueua
con ardoreſ perennaleſ,
donde todoſ vr̃oſ maleſ
haran ſempiterna prueua
dedoloreſ jmmortaleſ.

1057. Decio. F Que hazeſ Valeriano
buen amigo?
Acabo ſeraſ teſtigo
de mi pena
atado cõla cadena
de fuego ſin fin comigo.

1063. Valer. F Noramala, ya ſõ horaſ
Vamoſ luego

Deſte



p. 83v

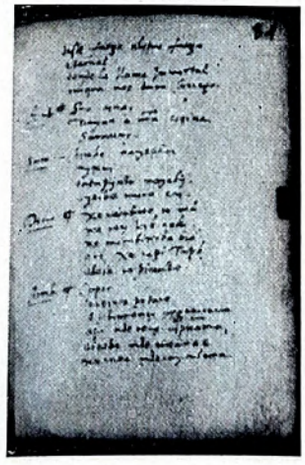
deſte fuego alotro fuego
eternal
donde la llama jmmortal
nũqua noſ dara ſociego.

1069. Aimb. F ſuſ aina,
Vayan a nrã cogina.
ſarauay.

ſara. Aicobe, nayepe*ai*
yxuj
tatapijnha noyabij,
oyeibe muru caj.

1076. Decio Xe racubete co mã
Xe reçi lorẽ caẽ.
Xe morubixaba biã,
eri, xerapi Tupã
oboia repic*a*nhe.

1081. Aimb. F Çupie
erejuca potare
ſ. Lourenço angaturama
aju nde reçe uipuama,
oicobe nde aroara e
xe rata ndecayaõama.



p. 84

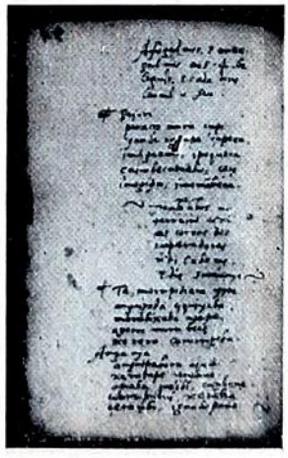
Afogaõnoſ, e entre
gaõ noſ aoſ .4. be
leguîſ, ecada douſ
leuaõ o ſeu. *84v*

1087. F Pejori
peraço muru çupi
yande ratape çapeca,
imõgaemo, ipoqueca
Çaimbecatuabo, ceçi
imogipa, imomẽbeca.

~ ficaõ ãboſ no
terreiro com
aſ coroaſ doſ
emperadoreſ
naſ cabeçaſ
ediz ſarauaya ~

1093. F Te, morapitiara yxe
angaipaba ciquiyeba.
morubixaba yepe,
ayeroc muru rece
xe rera Cururupeba.

1098. Anga ya
angaipabora ajuca
xeratape çeroane.
apiaba, guaibĩ, cunhane
coara pucui, xerẽbia
çeraçobo, iguabopane. ~



p. 84v

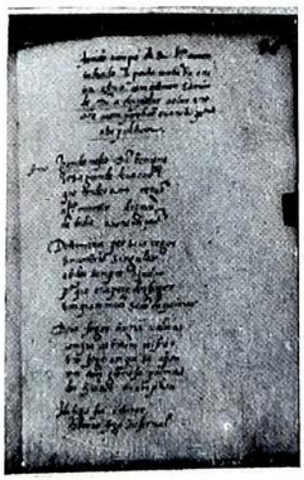
Tendo ocorpo de ſ. L$^{\varsigma o}$ amor 85
talhado e poſto natũ ba en=
tra o Anjo com o temor e amor
de Dſ̃ a deſpidir aobra eno
cabo acom panhaõ oſancto p.^{a}
aſepultura

1104. *Anjo* *F* Vendo noſso Dſ̃ benigno
voſa grande deuaçaõ
que tendeſ e com rezaõ
a L$^{\varsigma o}$ martir digno
de toda aueneraçaõ

1109. Determina por ſeuſ rogoſ
emartirio ſingular
atodoſ ſempre ajudar
p^{a} que eſcapeiſ doſ fogoſ
em que oſ maõſ ſeaõ de queimar

1114. Douſ fogoſ trazia nalma
com que aſ braſaſ reſfriou,
eno fogo em que ſe aſsou
com tam glorioſa palma
doſ tÿranoſ triumphou.

1119. Hũ fogo foi o temor
dobrauo fogo Infernal



p. 85

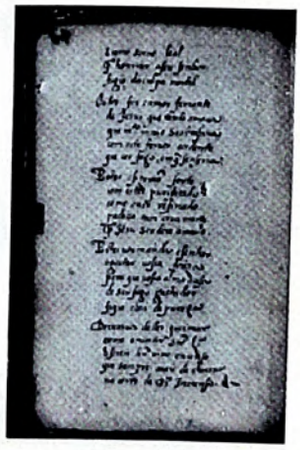
e como ſeruo leal
& honrrar aſeu ſenhor
fugio daculpa mortal

1124. Outro foi oamor feruente
de Jeſuſ que tanto amaua
que m^to^ maiſ ſeabraſaua
com eſte feruor ardente
que coo fogo, emq̃ ſe aſsaua.

1129. Eſteſ ofizeraõ forte
com eſteſ purificado
como ouro refinado
padeceo tam crua morte
& Jeſu ſeu doce amado.

1134. Eſteſ uoſ manda oſenhor
agaſtar uoſsa frieza
pera que uoſsa alma aceſa
de ſeu fogo gaſtador
fique chea de pureza

1139. Deixaiuoſ delleſ queimar
como omartir ſaõ L^ço.^
E ſereiſ hũ uiuo encenſo
que ſempre aueiſ de cheirar
na corte de Dſ̃ Inmenſo. ~



p. 85v

Temor de Dſ̃ com ſeu
recado. 86

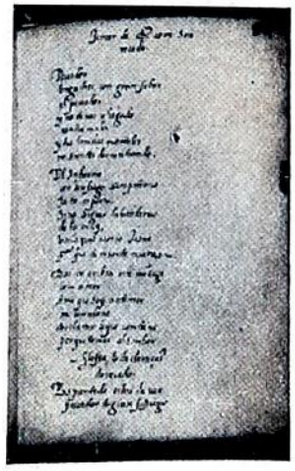
1144. Peccador
Engulheſ con gran ſabor
el peccado,
y no te ueſ ahogado
contuſ maleſ
y tuſ heridaſ mortaleſ
no ſienteſ deſuenturado.

1151. El Infierno
con ſu fuego ſempiterno
Ja te eſpera.
ſino ſigueſ labandera
de la cruz,
Enlaqual morio Jeſuſ
pª que tu muerte muera ~ .

1158. Dioſ te embia eſte mẽſage
com amor
Ami que ſoy ſutemor
me conuiene
Declarar loque contiene
porque temaſ al ſenhor

— Gloſsa, e declaraçaõ
do recado.

1164. Eſpantado eſtoi de uer
peccador tugran ſoſsiego



p. 86

contantoſ maleſ hazer
como uiueſ ſin temer
aquel eſpantoſo fuego?

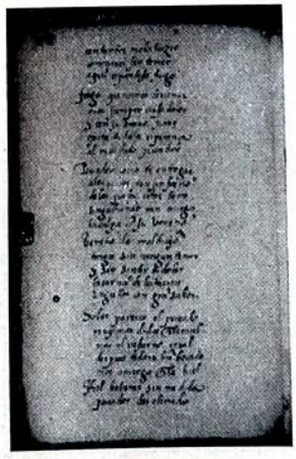
1169. fuego que nunca deſcança
maſ ſiempre cauſa dolor
Y con ſu brauo furor
quita todala eſperança
al maldito peccador

1174. Peccador como te entregaſ
aloſ uicioſ tan ſin freno?
de loſ qualeſ eſtaſ lleno
engulliendo tan aceegaſ
laculpa cõ ſu veneno?

1179. Veneno da maldiçaõ(8)
tragaſ ſin ningun temor,
ÿ ſin ſentir tu dolor
la carnal de lectacion
engulleſ con grã ſabor.

1184. ſabor pareſce el peccado
muy maſ dulce q̃la miel
maſ el infierno cruel
deſpueſ tedara hũ bocado
maſ amargo q̃la hiel

1189. Hiel beberaſ ſin medida
peccador deſatinado



p. 86v

(8) — Sob o *-a-* (*-ão*) lê-se *j*.

Tu alma en fuego encẽdida,
eſta ſera la ſalida
del deleite del peccado

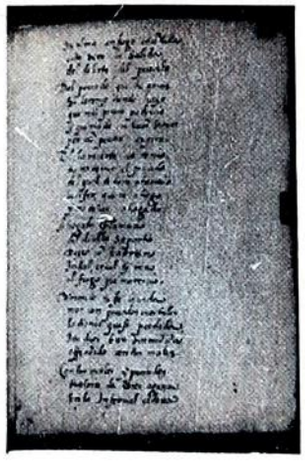
1194. Del peccado que tu amaſ
ſ. lorenço tanto huyo
que mil penaſ padeſcio
y que mado em huãſ llamaſ
por nõ peccar expiro.

1199. El la muerte no temio
tu no temeſ el peccado
del qual te tiene ahorcado
lucifer, que te ahogo
ÿ no te ueſ ahogado.

1204. Ahogado &lamano
del diablo ſe partio
Decio cõ Valeriano
Infiel, cruel tÿrano
al fuego que mereſcio.

1209. Mereſcio tu fe lauida
maſ con peccadoſ mortaleſ
la teneſ quaſi perdida,
jtu dioſ bien ſin medida
offendido con tuſ maleſ.

1214. Con tuſ maleſ ÿ peccadoſ
tualma de Dioſ agena
en la Infernal cadena



p. 87

pagara com loſ dañadoſ
por ſu culpa iuſta penna. *87v*

1219. Pena ſin fin te daran
en loſ fuegoſ infernaleſ
tuſ deleiteſ ſenſualeſ
tuſ tormentoſ doblaran
ÿ tuſ heridaſ mortaleſ.

1224. Mortaleſ ſon tuſ heridaſ
peccador porque no lhoraſ?
no ueſ, que contuſ demoraſ
todaſ eſtan corrõpidaſ,
ÿ cadadia jmpeoraſ

1229. Empeoraſ, ÿ te finaſ,
maſtu peligroſo eſtado
la prieſsa y grande cuidado
con que al infierno caminaſ
no ſienteſ deſuenturado

Gloſsa da 2.ª troua.

1234. O deſcuido Intolerable
detu uida
eſta tualma hundida
enel lodo
ÿ tu rieſte de todo
ÿ no ſienteſ tu caida

1240. O traidor
que niegaſ tu criador

p. 87v

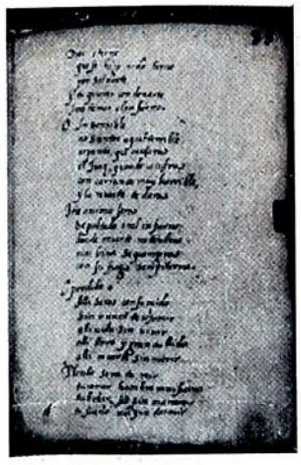
Dioſ eterno
que ſe hizo niño tierno 88
por ſaluarte
ÿ tu quereſ condenarte,
Ino tiemeſ el infierno.

1247. O Inſenſible
no ſienteſ aquel terrible
eſpanto, que cauſara
el Juez, quando uendra
con carranca muy horrible,
ÿ la muerte te dara

1253. I *tu* anima ſera
ſepultada enel infierno,
donde muerte no tendra,
maſ biua ſe quemara
con ſu fuego ſempiterno.

1258. O perdido(9)
Alli ſeraſ conſumido
ſin nunca te cõſumir
alli uida ſin uiuir
alli lloro ÿ gran aullido
alli muerte ſin morir

1264. Planto ſera tu reir
tu comer hambre mui fiera
tu beber, ſed ſin manera
tu ſueño nũqua dormir



p. 88

(9) — Segue-se, em borrão, *a*.

todo eſto, ya te eſpera *88v*

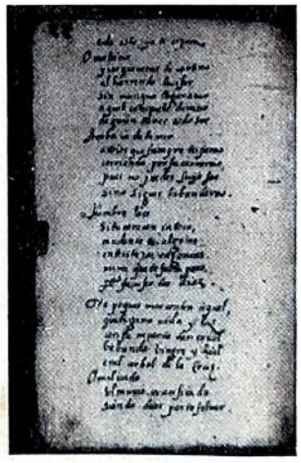
1269. O mohino
pueſ que ueraſ de contino
al horrendo lucifer
ſin nunqua llegar auer
aquel conſpecto diuino
de quien tieneſ todo ſer

1275. Acaba ia de temer
a Dioſ que ſiempre teſpera,
corriendo por ſu carrera,
pueſ no puedeſ ſuyo ſer
ſino ſigueſ labandera.

1280. Hombre loco
ſi tu coraçon ia toco,
mudenſe *tu*ſ alegriaſ
en triſtezaſ eagoniaſ
mira que te falta poco
pª feneſer tuſ diaſ.

1286. No pequeſ maſ contra aquel,
quetegano uida ÿ luz
con ſu muerte tan cruel
bebiendo vingre(10) ÿ hiel
enel arbol de la Cruz.

1291. O maluado
el murio crucificado
ſiendo dioſ por te ſaluar,



p. 88v

(10) — Engano provável (= *vinagre*).

pueſ que puedeſ eſperar
ſitu ereſ el culpado
ÿ no ceſsaſ de peccar?

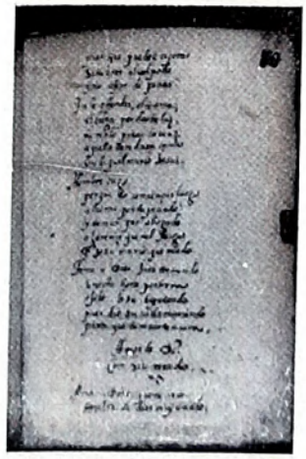
1297. Tu lo offendeſ, el te ama,
el ciega por darte luz,
tu malo piſaſ la cruz
aquella tam dura cama
en la qual murio Jeſuſ.

1302. Hombre ciego
porque no comiençaſ luego
a llorar por tu peccado?
ÿ tomar por abogado
a Lorenço que nel fuego
& Jeſu murio quemado

1308. Teme a Dioſ Jueſ tremendo
eneſta hora poſtrera
aſolo Ieſu byuiendo
pueſ dio ſu uida muriendo
para que tu muerte muera.

Amor de Dſ̃.
Com ſeu recado. ~

1313. Ama a Dioſ, que te crio
hombre de dioſ muj amado,



p. 89

Ama con todo cuidado
aquien primero te amo. *89v*

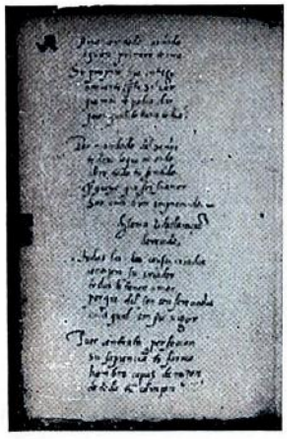
1317. ſu proprio *hi*yo entrego
a muerte &te ſaluar,
que maſ te podia dar,
pueſ quanto tiene te dio?

1321. Por mandado del ſeñor
te dixe loque aſ oido
abre todo tu ſentido
& queyo que ſoi ſuamor
ſea enti bien imprimido.

Gloſsa e declaraçaõ
dorecado.

1326. Todaſ laſ(11) couſaſ criadaſ
conoſçem ſu criador
todaſ le tienen amor,
porque del ſon conſeruadaſ(12)
cada qual em ſu uigor

1331. Pueſ contanta perfecion
ſu ſapiencia te formo
hombre capaz de razon
de todo tu coraçon



p. 89v

(11) — Riscado.
(12) — Sob o -r- lê-se *n*.

creo

Ama a Dioſ que te criou 90

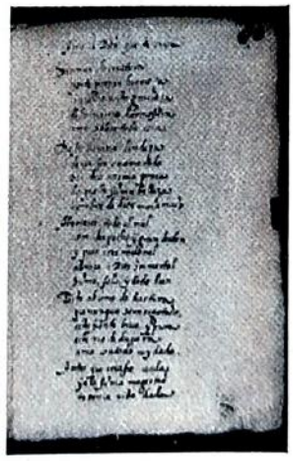
1336. ſiamaſ lacriatura
porte parecer hermoza
aquelha uiſta gracioza
de la miſma hermoſura
ama ſobre toda coſa

1341. De ſu diuina lindeza
deueſ ſer enamorado
ſea tua anima preſa
daquella ſũma belleza
hombre de dioſ muiamado

1346. Aborreſce todo el mal
com deſpecho ÿ gran deſden
ÿ pueſ ereſ racional
abraça a Dioſ Inmortal
ſũmo, ſolo, ÿ todo bien

1351. Eſte abiſmo de hartura,
que nunqua ſera eſgotado,
eſta fuente biua, y pura
eſte rio de duçura
ama contodo cuÿdado.

1356. Anteſ que criaſse nada
ÿa la ſũma mageſtad
te tenia uida dada.



p. 90

y tuanima abraçada
con eterna charidad

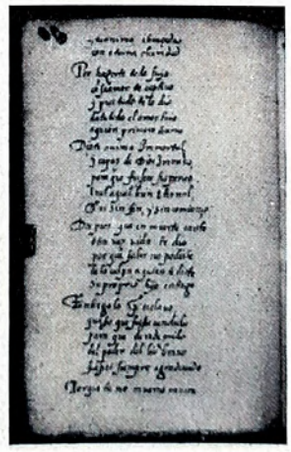
1361. Por hazerte todo ſuẏo
cõ ſuamor te captiuo
ẏ pueſ todo te lo dio
da tu todo el amor tuio
aquien primero te amo

1366. Diote anima Immortal
ẏ capaz de Dioſ Jmmẽſo,
para que fueſseſ ſuſpenſo
enel aquel bien eternal,
q̃ eſ ſin fin, ẏ ſin comienço

1371. Deſpueſ que en muerte caiſte
otra uez uida te dio
por que ſalir no podiſte
de la culpa a quien te diſte
ſu proprio hijo entrego

1376. Entrego lo & eſclauo,
quiſo que fueſse uendido
para que tu redemido
del poder del liõ brauo
fueſseſ ſiempre agradeſcido

1381. Porque tu no mueraſ muere



p. 90v

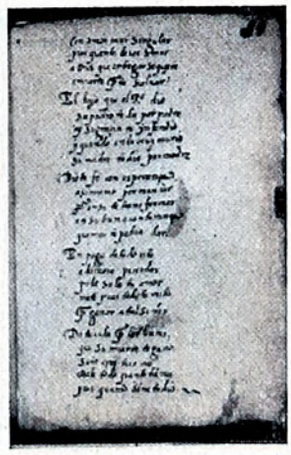
con amor mui ſingular
pueſ quanto de ueſ amar
a Dioſ que entregar ſe quijere
amuerte & te ſaluar?

1386. El hijo que el P.e dio
ſu padre te da por padre
ẏ ſugracia te ẏnfundio
ẏ quando en la cruz murio
ſumadre te dio por madre

1391. Diote fe con eſperança,
aſimiſmo por maniar
pa enſi te transſformar
en ſu bienauenturança
que maſ te podia dar.

1396. En pago de todo eſto
o dichoſo peccador
pide ſolo tu amor
mete pueſ todo tu reſto
& ganar a tal ſeñor

1401. Da tu uida & loſ bieneſ,
que ſu muerte te gano,
ſuio ereſ tuio no
Dale todo quanto tieneſ
pueſ quanto tiene tedio. ~ ~



p. 91

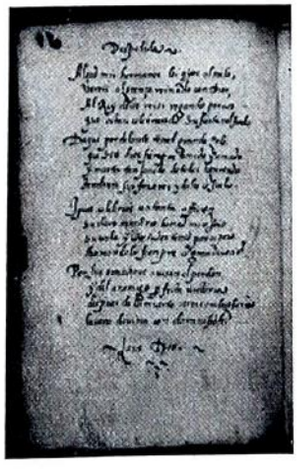
1406. Alçad miſ hermanoſ loſ oÿoſ al cielo,
Vereiſ aLorenço reinãdo con Dioſ,
Al Reÿ deloſ reieſ rogando poruoſ
que eſtaiſ celebrando ſu fieſta nel ſuelo

1410. Daqui por delante tened grande zelo
que ſea dioſ ſiempre temido y amado
ÿ martir tan ſancto detodoſ honrrado
Tendreiſ ſuſ fauoreſ y dulce cõſuelo.

1414. Ipueſ celebraiſ con tanta afficion
ſu claro martirio tomad micõſeio
ſu uida ÿ uirtudeſ tened por eſpeio
llamandolo ſiempre cõ gran deuociõ

1418. Por ſuſ oracioneſ auereiſ el perdon
y del enemigo &fecta uictoria
deſpueſ de la muerte uereiſ em lagloria
lacara diuina con clara uiſion.

~ Lauſ Deo ~



p. 91v

XLV (1)

Dança que ſefez na &ciſsaõ
de ſaõ Lourenço de
12 mininoſ. ~ 92

1422. 1.º Cooroico oronhemboripa
deara momorangape,
tou ndeyerureçape
tupã ore mooripa,
opitabo ore piape.

1427. 2.º Oroyerobia nderi
ſ. L.ço angaturama
eçarõ ore retama
ore çumarã çui

1431. F Toroitic ore poxi
paye rerobiareima,
moraceia, biririma
carai monhanga ndi

1435. 3.º Tupã rerobia catu
De pia çui ndoiri,
torogoerobia nde piri
yande rubete Jeſu

1439. Ore anga toioçu
ceco poxi moçaçãya
Deabe jmoeçãya
Jeſu irumo tereiu

4.º

p. 92

(1) — Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em E 2 a, onde aparecem numa única peça os ns. XLIV, XLV e XLVIII. Cf. E 2 a, NI.

1443. 4.º Tiniçem Tupã rauçuba *92v*
Denhiame erimbae,
emae ore reçe
Toro çauçu yande ruba
yande monhangare te.

1448. 5.º Ereçapia yande iara
inheenga mopo pa
eiori ore rauçuba
toroimomor*a*ng co ara
de reco poranga ra

1453. 6.º Çupibe eremõboeira
maraabora, çobaçapa
deraira imaraa
anhanga reco pota
ejorino imõbeoirapa provável erro! O correto é imõboeirapa

1458. 7.º Yande iara mõbeguabo
teõ erei porara
torepjatã anga
bae açi pararabo
Tupana reçe nde ia

1463. 8.º Oçiquiye nde çui
anhãga nde mo abaetebo
eiori imoçiquiyebo

p. 92v

Toico ume oca rupi
ore anga mõguebo

1468. *9.º* Tupã mõburuarete
tata pupe nde reciri
opa nde rete rairi
ita tiãya pupe.

1472. Toroyaceo meme
pai tupã repiacaupa
tourcoara pupe
ore anga moacupa

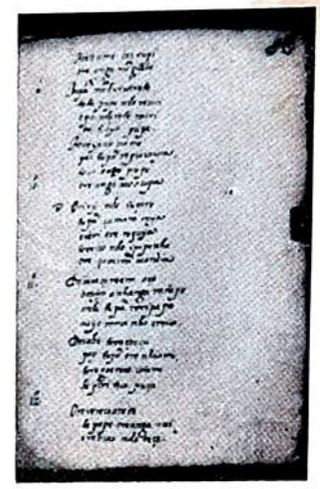
1476. 10.º Orirỳ nde iucare
tupã çumarã reya
eiori ore requỳa
toroico nde ipipenhe
ore çumarã mõdia

1481. 11.º Deiucaçaroera oço
ocaỳa anhanga ratape
ende tupã roripape
auye rama nhe ereico.

1485. Deiabe toroçauçu
paỳ tupã ore nhiame,
torogoereco cetame
de piri teco puçu.

1489. 12.º Orererecoarete
de pope oreanga rui
orobia nde reçe.
ore rauçuba yepe
ore recobe pucui.

~ finiſ ~



p. 93

93v(2)

p. 93v

(2) — O resto da página está em branco.

XLVI (1)

Mira Nero — 94

1. Mira el malo condureza
a Jeſuſ como moria
lloraua la redondeza
Condolor y grantriſteza
y el de nada ſedolia.

6. Laiuſtiça furioſa
uiendo en pena al innocẽte
dezia mui riguroſa
ſummo dioſ omnipotente
nouengaiſ tangraue coſa?

11. Maſ la clemencia muy p*ia*
del hijo de Dioſ clamaua
ÿ al padre perdon pedia
para aquel que lomataua
ÿ el de nada ſe dolia

16. El ſol con uerguença ÿ duelo
ver morir a Dioſ no pudo
ÿ cubrioſse eſcuro velo
por que moria deſnudo
en la cruz el Reÿ del cielo

21. Toda la tierra bullia

p. 94

(1) — IIª, B 20.

y laſ piedraſ ſequebrauaõ
en noche ſe buelue el dia
todaſ laſ coſaſ lhorauaõ
y el de nada ſe dolia

26. El coraçon de la madre
de dolor eſta opprimido
viendo ſuhijo querido
ſer de Dioſ ſu æterno P.e
como pueſto ia en oluido

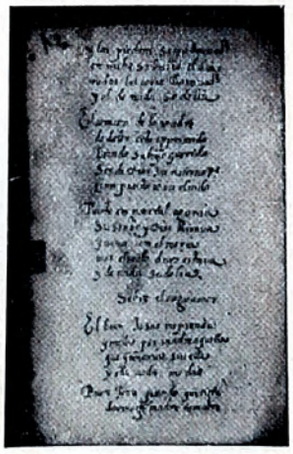
31. Pueſto en mortal agonia
ſu ſeñor y Dioſ miraua
ÿ uiua con el moria
maſ el malo duro eſtaua
ÿ el de nada ſe dolia.

XLVII (1)

ſobre el ciegoamor

1. El buen Jeſuſ me prendio
y medio por madre aquella
que ÿomoria ſin ella
ÿ ella uida me dio

5. Buen Jeſu quando quiſiſte
darme & madre tumadre



p. 94v

(1) — IIa, B 21.

Con amor maſ que de padre
toda mi alma prendiſte.

9. Tangrande amor mobligo
aſeruir y amar aquella
que ÿo moria ſin ella
y ella uida me dio

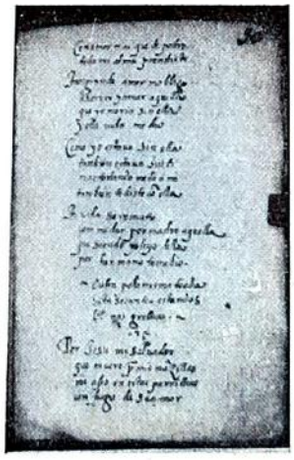
13. Como ÿo eſtaua ſin ella
tanbien eſtaua ſin ti
maſ tudando me la à mi
tanbien te diſte cõ ella

17. Tu uida ſe re mato
com me dar por madre aquella
que ſiendo yo hijo della
por her mano temedio

XLVIII (1)

Outra pola meſma toada
Eſta ſecantou eſtando ſ.
L.ço naſ grelhaſ.

1. Por Jeſu mi ſaluador
que muere & miſ mãzillaſ
me aſso en eſtaſ parrilhaſ
con fuego de ſuamor.



p. 95

(1) — IIa, E 2 a. Cf. XLIV, (1).

5. Buen Jeſu quando te ueo *95v*
en *la* cruz por mi llagado
ÿo(2) por ti biuo quemado
mil uezeſ morir deſeo

9. Pueſ tu ſangre rẽdemptor
lauo todaſ miſ manzillaſ
arda ÿo en eſtaſ parrillaſ
con fuego de tu amor

13. El fuego del fuerte amor
ô mi Dioſ con que me amaſ
maſ me quema q̃ laſ flamaſ
ÿ braſaſ cõ ſu calor.

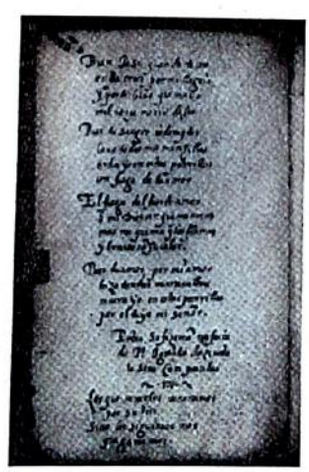
17. Pueſ tuamor, por mi amor
hizo tantaſ marauilhaſ
muera ÿo en eſtaſ parrillaſ
por el tuÿo mi ſeñor.

(2) — Emenda (*-o*).

XLIX (1)

Eſtaſ ſe fizeraõ na feſta
do P.e Ignatio dazeuedo
E ſeuſ Companhei
~ .roſ. ~

1. Loſ que muertoſ ueneramoſ
por ſu dioſ
ſino loſ ſiguimoſ noſ
que ganamoſ.



p. 95v

(1) — IIa, B 22.

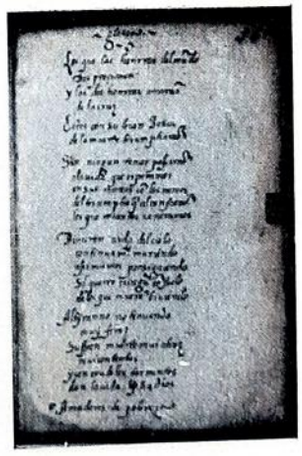
5. Lo∫ que la∫ honrra∫ del mũdo
De∫ preçiaron
y la∫ de∫ honrra∫ amaraõ
de la cruz
E∫to∫ con ∫u buen Je∫u∫
de la muerte triumpharaõ

11. ∫in ningun temor pa∫saraõ
alauida que e∫peramo∫
en∫u∫ mano∫ cõ lo∫ ramo∫
del triumpho q̃ alcan∫araõ
lo∫ que muerto∫ ueneramo∫

16. Biuieron uida del cielo
continuam.te muriendo
a∫si mi∫mo∫ per∫iguiendo
∫ĩ querer ningũ cõ∫uelo
de lo∫ que muerẽ biuiendo

21. Altÿranno no temiendo
muy feroz
∫uffren muerte mui atroz
mui contento∫
ÿ con crudele∫ tormento∫
dan la uida & ∫u dio∫

27. *F* Amadore∫ de pobreza



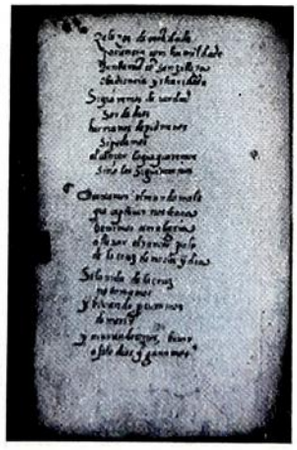
p. 96

Zelozoſ de caſtidade *96v*
paciencia com humildade
Juntaraõ cõ ſenzilleza
obediencia y charidade

32. ſiqueremoſ de uerdad
ſer de dioſ
hermanoſ dezid me uoſ
ſi podemoſ
alcançar loquequeremoſ
ſino loſ ſiguimoſ noſ

38. F Deixamoſ el mundo malo
que captiuoſ noſ tenia
Venimoſ com alegria
alleuar el ſancto palo
de la cruz de noche ÿ dia

43. ſi la uida de la cruz
no tomamoſ
ÿ biuiendo &curamoſ
de morir
ÿ muriendoanoſ, biuir
a ſolo dioſ q̃ ganamoſ?



p. 96v

L (1)

1°

1. H Pitanguĩ porangete
orogoerobia catu
Xeiarĩ pai Jeſu
Xemoingo catu yepe
de anho toroçauçu

2°

6. H Opa ybaca ereimopo,
parana, ibîg abe
ae coîg xerece
o mirĩ pupe ereico

10. Ejori teremondo
Xeçuj teco angaipaba
co xeanga deruçaba
derupabamo toico.

3°

14. H Deporauçubĩ ejupa
igbitu deraçapape
tapijruçu çaroape
Capij anhe rerupa.

18. Yori xemojecoçupa
dereco catu meenga
taimopone denheẽga
xepigape derauçupa.

4°

22. H Çori Caraibebe
icoara momorãga
Ejori xeiarigue
taçoribete xeanga
de aragoera rece

27. Acoeime aicotebẽ
Xerecopochipuruabo
taiticpac[2] co*tỹ*[3] ypeabo
xenhiãme tereique
Xepig-a moingatuabo.

5°

32. H Adaõ orerubipi
oremocanhemete
Anhãgaratapenhe
ore cayaoãmari

36. De ereyemoçuçuni
eremoingobepota
Eiori toiepea
teco aiba Xeçuj

Navarro usa oré

p. 97

(1) — IIª, D 10.
(2) — Engano provável, por *taiticpa*.
(3) — Riscado *-g-* entre o *t-ỹ*.

6º

40. H Anhanga xemoaju
coarapucuj xeraãga
teco pochý momorãga
Xepiga p*o*bu[4] pobu.

44. Cunumi porang Jeſu
xerauçu catuyepe
taxemomotarete
de roba porangatu.

7º

48. H Demoãgaturãmete
pai tupã Virgẽ Mª
Jori Anhanga mõdija
taxemomochi ume.

52. Xerarõgatu yepe
depig apupe xemima
deporopotareigma
toiacatu xerece.

8º

56. H Oique tupã depupe
pitangamo onhemonhãga
opabim demomorãga
Caraibebe çoce.

60. Derera rendupabe
Anhãga rerij oçoapa
ejori muru mõbapa
çatape ceiticanhe

9º

64. H Oa derigue çuj
pai tupã tuba raigra
tarecone demẽbira
xepiape tupã cig

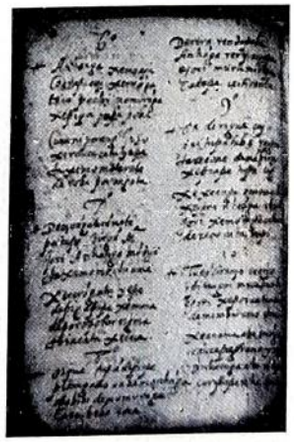
68. Xe xeanga *aim*omo*chi*
Xejara nheẽga abi*abo*
Jori xemoingocat*uabo*
de reco catu rupi

10º.

72. H Tupã ciramo ereico
ipitanguĩ mocãbuabo
ejori xepoicatuabo
demembiramo t*aico*

76. Xeanama abe emoĩg*o*
çauçupa[5] ramo yx*upe*
ynheenga abe cẽd*upe*
çoripape nhe t*oico*

97v



[p.ª 97v

(4) — Sob o *-b-* lê-se *-p-*.
(5) — Riscado *-g-*.

80. H Yanderubete tupã
erenoĩ degibape
deanga moapicicape
Oreyayubãyuban

84. Eypicirõ xenhiã
demẽbira renaõãma
cecopoera angaturãma
xerece toieratã.

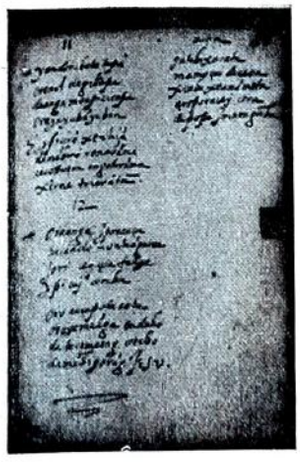
12

88. H Oreanga Jporauçu
peccado monhãguire
Jori cequija tange
ypi çuj cerubu.

92. Oro auçupota catu
oroyemeẽga endebo
de teremeeng orebo
demẽbiporãg JEſV.

outra (1)

1. Outubixacatu
mamoçui dereca
Xeabe xeanã meta
aroporaceý ceru
depope Jmeenga*tu*



p. 98

(1) — IIa, D 11.

LII(1)

1. O Braſil que ſẽ Juſtiça *98v* (2)
andaua muj cego etorto(3)
Voſ o metereiſ no porto
ſe lançar deſi acobiça
q̃ de uiuo o torna morto

6. Quæ ſine iuſtitia prauo Braſilia curſu
ibat ⸗ obliqũu cæca tenebat iter.
Nunc directa tuæ juſto moderamine virgæ
ſeruabit tuiſ rectiſ juſ ꝓ piũ ꝓ viſu

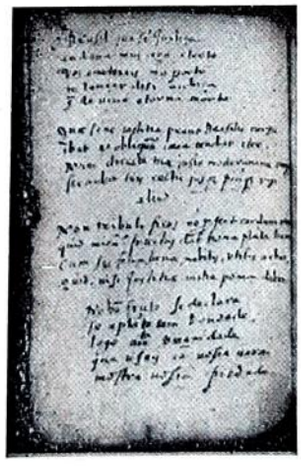
(1) — IIª, E 3.
(2) — As pp. 99 e 99v estão em branco.
(3) — Quase ilegíveis os dois primeiros versos.

LIII(1)

aliud

1. Non tribuli ficuſ nõ&fert carduuſ vanoſ
quid mirũ fructuſ dat bona plãta bonoſ
Cum ſiſ felix, bona, nobiliſ, vtiliſ arbor,
Quid, niſi Juſtitiæ mitia poma dabiſ

5. No bõ fruto ſe declara
ſe aplãta tem bondade,
logo aru^ta^ Vmanidade
que uſaiſ cõ uoſsa uara
moſtra uoſsa piedade.



p. 98v

(1) — IIª, E 4.

LIV (1)

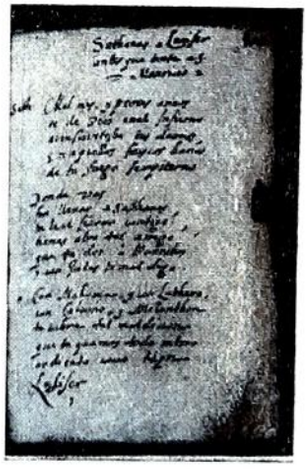
ſathanaſ a Lucifer 100
anteſ que tente aſ.
= Mauricio =

1. ſath Mal meſ, y peoreſ annoſ
te de Dioſ enel Infierno
acreſcientēſse tuſ dannoſ
en aquelloſ freſcoſ bañoſ
de tu fuego ſempiterno

6. *H* Donde vaſ
ſin lleuar a ſathanaſ
tu leal ſieruo contigo?
tieneſ otro tal amigo?
que te doi à Barrabaſ
y con Judaſ te mal digo.

12. *H* Con Mahoma, y con Luthero,
con Caluino, y Melanthon
te cubra tal maldicion
que te quemeſ todo intero
ardiendo como tizon
Luſifer

Di



p. 100

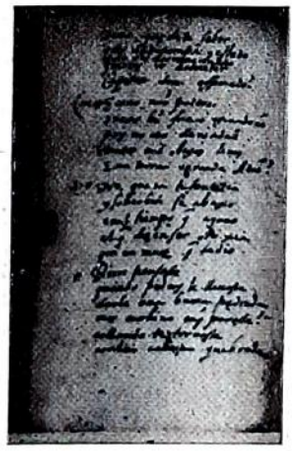
(1) — IIa, E 5.

18. *H* Dime, queſ de tu ſaber *100v*
queſ de tupompa y eſtado
ſolo deſ acompannado
quereſ ir acometer
Capitan tan affamado?

23. Luc H E como naõ poderei
vencer hũ fraco eſcoadraõ
poiſ no ceo derondaõ
tantoſ mil Anjoſ leuei
e na terra ogrande Adaõ?

28. ſ. H No, que ia tufant*a*zia(2)
y ſoberbia ſe abaxo
enel tiempo q̃ ayuno
elq̃ dizenſer Mixia
con un reuez q̃ tedio.

33. H Bien penſaſte
quando piedraſ le lleuaſte
darle una buena pedrada
maſ mohino enq̃ paraſte?
aullando te tornaſte
conla cabeça quebrada



p. 100v

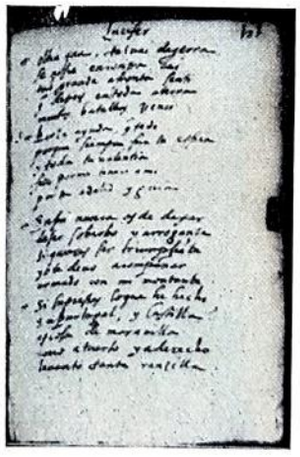
(2) — Restituído conforme o V. 932, cf. V. 385.

39. H Olha qua, tal uai degerra
ſe neſse encontro cai
taõ grande afronta ſenti
q̃ depoiſ entoda aterra
muitaſ batalhaſ venci

44. ſ. H Porla ayuda, q̃ te di
porque ſiempre fui tu eſpia
y toda tu ualentia
fue porme tener ami
por tu adalid y guia.

49. H Enfin nunca aſ de dexar
deſer ſoberbo y arrogante
ſi quereſ ſer triumphãte
yo te deuo acompañar
armado con mi montante.

54. H ſi ſupieſseſ loque he hecho
Enpurtugal, y Caſtilla?
eſcoſa de marauilla
como atuerto y aderecho
leuanto tanta renzilla.



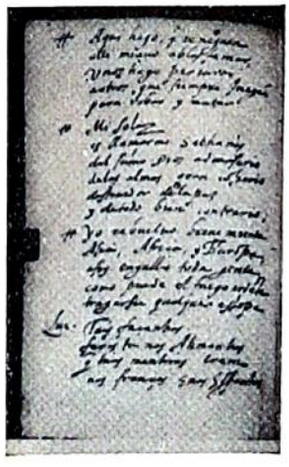
p. 101

59. H Aqui hago, q̃ reneguen *101a*
alli mueuo ablaſſemar,
vnoſ hago periurar
aotroſ, que ſiempre jueguẽ
para robar y matar.

64. H Mi ſolaz
eſ llamarme ſathanaſ
del ſũmo Dioſ aduerſario
delaſ almaſ gran coſsario
deſtruidor dela paz
y detodo bien contrario,

70. H Yo rebueluo breue miente
Aſia, Africa, y Europa,
aſsy engulho toda gente,
como puede el fuego ardẽte
tragarſe qualquer eſtopa.

75. Luc. H Taiſ façanhaſ
faraſ tu naſ Alemanhaſ
q̃ tuaſ mentiraſ crem
naſ françaſ enaſ Eſpanhaſ



p. 101v

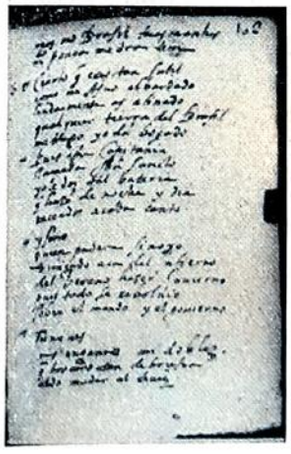
maſ no Braſil tuaſ manhaſ
mto pouca medra tem

81. ſ. H Cierto q̃ ereſ tan ſutil
como un Aſno albardado
lindamente aſ atinado
qualquier tierra del Braſil
me trago yo dũ bocado

86. H Pueſ eſta Capitania
llamada ſpũ ſancto
yo le doi tal bateria
q̃ hazẽ de noche y dia
peccadoſ acada canto.

91. H Yſino
Quien pudera ſi no yo
viniendo aca del Jnfierno
del verano hazer Jniuierno
pueſ todo ſe reboluio
ſobre el mando y el gouierno

97. H Tu no ueſ
miſ enganno ſ mi doblez,
q̃ procuro tan deprieſsa
tudo mudar al reuez



p. 102

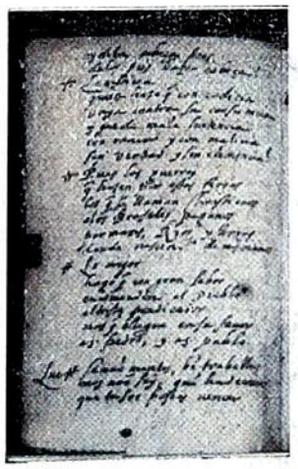
y dela cabeça pieſ, 102v
deloſ pieſ hazer cabeça?

103. H La iuſticia
quien haze q̃ con codicia
vaya contra ſu conſciencia
y quede mala ſentencia
con rancor y con malicia
ſin verdad y ſin clemencia?

109. H Pueſ laſ guerraſ
q̃ hazen por eſtaſ te[i]rraſ(3)
loſ q̃ ſe llaman Chriſtianoſ
aloſ Braſileſ paganoſ
por mareſ, Rioſ, y ſierraſ
donde naſcen? de miſ manoſ.

115. H Lo mejor
hago q̃ con gran ſabor
encomenden al Diablo
altriſte predicador
maſ q̃ alleguẽ enſufauor
aſ. pedro, y aſ.pablo.

121. Luc. H ſenaõ menteſ, bẽ trabalhaſ
maſ naõ ſeẏ, quẽ hadecrer
que tu ſoo poſsaſ uencer



p. 102v

(3) — Emenda (*i*).

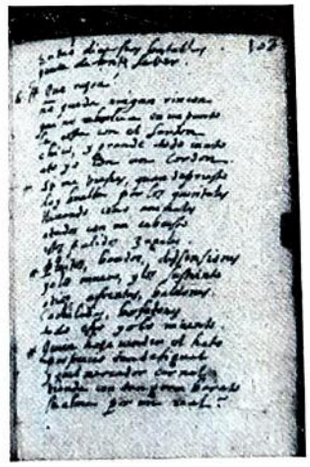
entaõ diuerſaſ batalhaſ
gente de tanto ſaber.

126. ſ. H Que razon?
no queda ningun rincon
que no rebuelua en un punto
la coſta con el ſarton
chico, y grande todo iunto
ato yo con un cordon.

132. H ſi me vieſseſ(4), quan deprieſto
doy buelta por loſ quintaleſ
lleuando como animaleſ
atadoſ con un cabreſto
eſtoſ pulidoſ zagaleſ.

137. H Pleitoſ, bandoſ, diſsenſioneſ
yo loſ mueuo, y loſ ſuſtiento
odioſ, afrentaſ, baldoneſ,
cuchiladaſ, bofetoneſ
todo eſso yolo in uento.

142. H Quien haze uender el hato
por precio tandeſigual
y quel mercador carnal
vienda con tan gran barato
ſualma por un real?



p. 103

(4) — Sob o -i- lê-se *e*.

147. H pueſ ſi uoy alaſ aldeaſ *103v*
loſ blancoſ uanme buſcar
y para maſ me agradar
pienſan, que eſ comer obleaſ
aloſ Jndioſ engañar

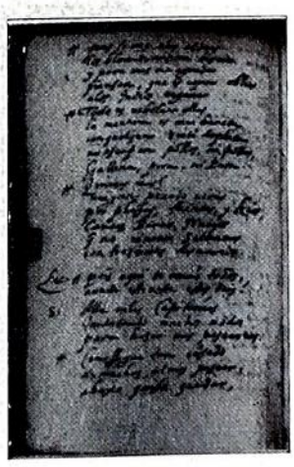
152. H Todo eſ reboluer ollaſ
la mentira eſ mui barata
conqualquer vintẽ deplata
no eſcapan polloſ, ni pollaſ,
Gallina, piru, ni Pata.

157. H Quereſ maſ?
ningun peccado ueraſ
por playaſ, fuenteſ, y Rioſ,
Canoaſ, Barcoſ, Nauioſ
q̃ no inuente ſathanaſ
con trezientoſ deſuarioſ.

163. Luc. H poiſ aqui te amaõ todoſ,
aonde eſtiueſte eſteſ diaſ?

ſ. Alla enlaſ Capitaniaſ
Jnuentando muchoſ modoſ
para hazer miſ peſcariaſ.

168. H Como llegue tan cãſado
de muchaſ almaſ peſcar,
abaxo quiſe quedar,



p. 103v

donde fue muy regalado
delo∫ del otro lugar.

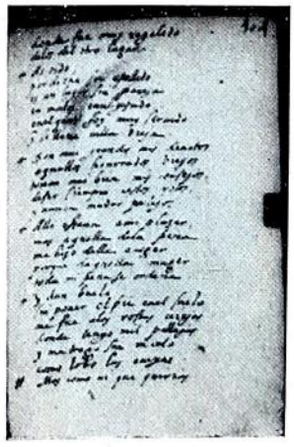
173. *Luc.* H As oido
por dicha ∫u apellido
∫at. e∫ un lugar ∫in pareja
en male∫ enuege∫cido
enelqual ∫oy muy ∫eruido
q̃ ∫e llama uilla Vieja.

179. H ∫on mui grande∫ mi∫ deuoto∫
aquello∫ honrrado∫ viejo∫
toman mui bien mi∫ con∫ejo∫,
de∫er ∫iempre ce∫to∫ roto∫,
y nunca mudar pelejo∫.

184. H Alli e∫taua ami plazer,
ma∫ aquella dela pena
me hizo della acoger
porque daquella muger
toda mi pena∫e ordena.

189. H Y dun buelo
∫in poner elpie enel ∫uelo
mefue ala∫ ro∫sa∫ uieja∫
donde tengo mil pelleja∫
y me trago ∫in recelo
como lobo la∫ oueya∫.

195. H Ma∫ como ui que quiria∫



p. 104

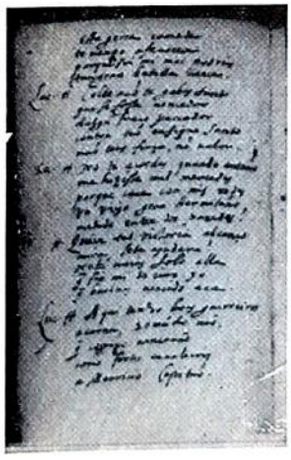
Eſta gerra cometer
te uengo afauorecer
porqueſin mi mal podriaſ
tangran batalla uencer.

200. Luc. H Calte naõ te gabeſ tanto
queſe foſte uencedor
dalgũ fraco peccador
contra taõ enſigne ſanto
naõ tenſ força, nẽ ualor.

205. ſa. H No te acordaſ quando antañc
me hiziſte mil mercedeſ
porque cace con miſ redeſ
vn viejo gran Hermitaño
metido entre doſ paredeſ?

210. H Quien tal victoria alcanço
mira, ſete ajudara?
Note uaiaſ ſolo alla
q̃ ſin mi te iuro yo
q̃ buelueſ uencido aca.

215. Luc. H A qui tenho bonſ guerreiroſ
acarne, eomũdo uaõ,
q̃ comigo uenceraõ
como forteſ caualeiroſ
a Mauricio Capitaõ.



p. 104v

220. H Eſſoſ doſ yo loſ atizo
q̃ ſem mi puedẽ mui poco
ſin mi ningun mal ſe hizo
y por tu honrra te auiſo
Lucifer noſe aſ(5) loco.

225. H Yo de nueuo te requiero
no confieſ tanto enti
q̃ Mauricio eſ muy guer^r^ero(6)
no quedeſ por mora dero
ſilo combateſ ſin mi.

230. Luc. H ſathanaſ
Naõ te bulaſ fica atraſ
porque quero toda agloria
deſta taõ grande victoria
como logo bẽ ueraſ
com minha inmortal memoria.

Fala ao Mũdo ea Carne.

236. H Companheiroſ comecemoſ
a batalha
rompaſe oſsayode malha
deſua fee
auitoria noſsahe
Indaque ſeu Dſ lhe ualha.

p. 105

(5) — Riscado *i* entre *e-a*.
(6) — Emenda (*r*).

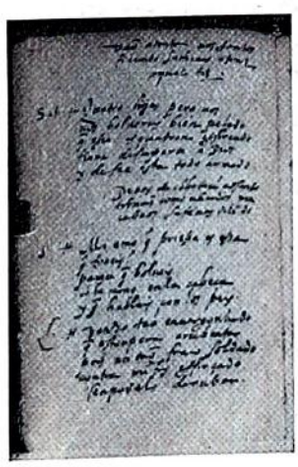
Vaõ atentar aoſ ſantoſ *105v*
ficando ſathanaſ atraz
oqual diz.

242. ſat. H Quatro higaſ(7) pera uoſ
uoſ boluereiſ bien pelado
q̃ eſse eſquadron eſforçado
tiene deſuparte a Dioſ
y defee eſta todo armado.

Depoiſ de cõbaterẽ aoſanto
tornaõ como uẽcidoſ ere
cebeoſ ſatãnaſ dizẽ do

247. ſ. H Mi amo q̃ prieſsa eſ eſsa
q̃ traeiſ?
parece q̃ bolueiſ
cõ la mano enla cabeça
y q̃ hablaiſ con loſ peiſ.

252. L. H Venho taõ enuergonhado
q̃ eſtoupera arrebentar
poiſ un taõ fraco ſoldado
contra mĩ foy eſforçado
ſenpodelo derubar.



p. 105v

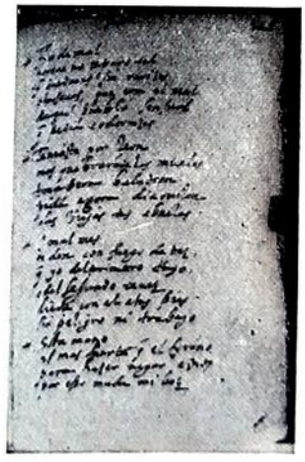
(7) — O *-g-* corrige um *y*.

257. ſ. H En de mal 106
porque no teparo tal
q̃ quedaraſ ſin rarizeſ
penſaua ſ, que era el real
daquel pueblo ſenſual
q̃ pedia codornizeſ

263. H Teniaſte por leon
maſ quebrarãte laſ muelaſ
tomapera baladron
pide agora diaguilon
alaſ viejaſ tuſ abuelaſ.

268. H O mal meſ
te den con fuego de pez,
q̃ yo delprimero tayo,
o del ſegundo reuez
diera con el atuſ pieſ
ſin peligro ni trabajo

274. H Eſta mano
eſ maſ fuerte q̃ el tyrãno
para hazer negar aDioſ
por eſso mude mi boz



p.106

para hablarle Caſtellano
y moſtrarme maſ feroz. *106v*

280. H Dexameledar combate,
q̃ yo le dare mal año,
opor fuerça opor engaño
oy le tengo dedar mate
y reſtaurar nueſtro danno.

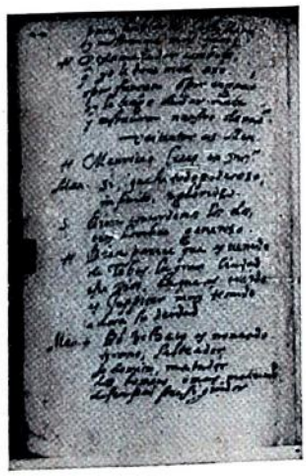
Vai tentar aſ. Mau.

285. H Mauricio creeſ en Dioſ?
Mau. ſi, quehe todo poderozo,
infinito, egloriozo.

ſ. Bien concordamoſ loſ doſ,
ereſ hombre generozo.

290. H Bien parece que aſ uenido
de Tebaſ la gran Ciudad
eſse Dioſ, enque aſ creido
eſ Juppiter muy temido
adora ſu deidad

295. Mau. H Bõ velhaco eſ nomeado
tyrano, ſalteador,
ſo domita, matador
doſ homenſ o maiſ maluado
deſeupai preſiguidor



p. 106v

300. H Adultero, fementido
peſte doſ gentioſ cegoſ.

ſat conſigo

Yo lo tiengo alla en miſ fuegoſ,
maſ como tiene leido
laſ hiſtoriaſ deloſ Griegoſ.

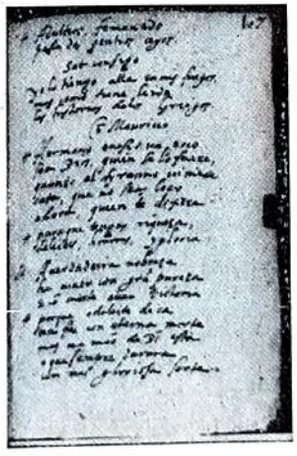
Cõ Mauricio

305. H Hermano eneſso ua poco
ſea Dioſ, quien ſe lo fuere,
quando el tỳranno uiniere
cata, que no ſeaſ loco
adora, quien te dixere.

310. H paraque tengaſ riqueza,
deleiteſ, honrraſ, ygloria.

M A uerdadeira nobreza
he uiuer con grã pureza
e cõ morte auer victoria

315. H porque odeleite de ca
ten fim con eterna morte
maſ na maõ de Dſ eſta
o queſempre durara
com mui glorioſa ſorte.



p. 107

ſ. conſigo *107v*

320. H Ya me allega con Dauid
mal camino lleua eſto,
e miedo, q̃ muy depreſto
dara fin anueſtra lid
lleuandome todo el reſto.

Cõ Mauricio.

325. H No te digo q̃ te entregueſ
ſin maſ conſi deracion,
ſino, q̃ en la adoracion
ſolo cõ la boca niegueſ,
maſ la fee en lo coracion.

Mau.

330. H Tenſ rezaõ
porque afee do coraçaõ
faz ao iuſto uida ter
porẽ pera aſaluaçaõ
aboca con confiſsaõ
hatambẽ dereſponder

ſ. conſigo

336. H Penſe, q̃ lo auia aſido,
maſ yo lo doi al diablo
acogioſeme aſ. pablo

p. 107v

yo eſtoi medio ẽmudicido
y noſe loque me hablo

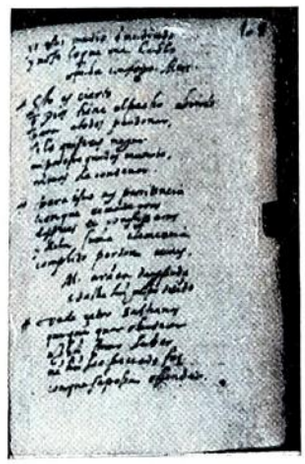
fala con(8) Mau.

341. H Eſto eſ cierto
q̃ Dioſ tiene elpecho abierto
para atodoſ perdonar,
ſilo quiſereſ negar
ni poreſso quedaſ muerto,
niteaſ de condenar.

347. H pera eſso ay penitencia
conque remedearaſ
deſpueſ te confeſs araſ
y dela ſuma clemencia
cumplido perdon auraſ.

M. arãca daeſpada
edalhe hũ golpe dizẽdo

352. H Vade retro ſathanaſ
quequẽ quer obedecer
aJhũ ſumo ſaber
nẽ hũ ſoo peccado faz
conque ſepoſsa offender.



p. 108

(8) — Riscado - ſ*igo*.

357. H Tomaoſ con el Thebeo
como tenia aguzada
aquella terrible eſpada
q̃ enel libro de Matheo
ſu X̊ dexo goardada.

362. H Maſ q̃ fiero cuchillazo
el Mauricio me arrojo
por pocoſ q̃ me lleuo
el peſcueſso, y eſpinazo
ox, y como me dolio.

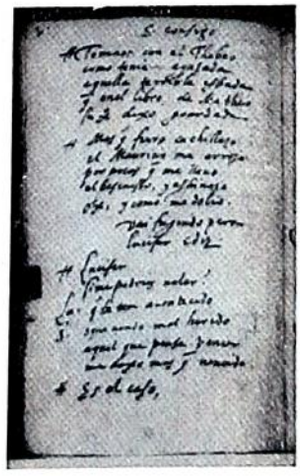
Vai fugindo pera
lucifer ediz.

367. H Lucifer
ſimepodriaſ ualer?

Lu. q̃ te tem acontecido

ſ. O que uendo mal herido
aquel que penſe vencer
me dexo maſ q̃ uencido

373. H Eſ el caſo,



p. 108v

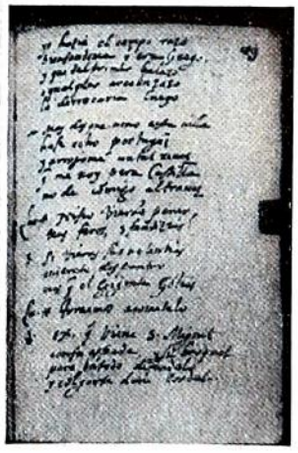
yo hazia el campo razo
pienſandome q̃ era Grego,
y que delprimer balazo
o qualquer arcabuzazo
lo derrocaria luego

379. H Maſ dezque uino aeſta uilla
haſe echo portugez
y arrojome un tal reuez
q̃ me uoy pera Caſtilla
no de comigo altrauez

384. Luc. H Niſso vieraõ parar
teuſ feroſ, efantiziaſ?

ſ. ſi vieraſ ſuſ ualentiaſ
ouierãte deſpantar
maſ q̃ el Gigante Goliaſ

389. Lu. H Tornemoſ acometelo
ſ. Ox q̃ viene ſ. Miguel
conſu eſpada, y ſu broquel
para entodo defendelo
y colgarte dun cordel.



p. 109

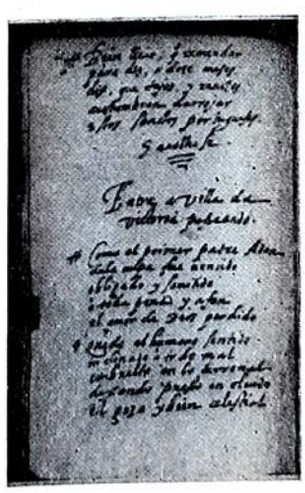
394. H Bien lleuo, q̃ remendar 109v
para dez, o doze meſeſ
Ox, que tajoſ y reuezeſ
acoſtumbran darrojar
eſtoſ ſanctoſ portugueſeſ.

E acolheſe.

Entra aVilla da
Victoria paſseando.

399. H Como el primer padre Adan
dela culpa fue uencido
obligado y ſomitido
à toda pena y afan
el amor de Dioſ perdido

404. § Quedo el humano ſentido
in clinado à todo mal
embuelto en lo terrenal
dexando pueſto en oluido
el gozo ybien celeſtial.



p. 109v

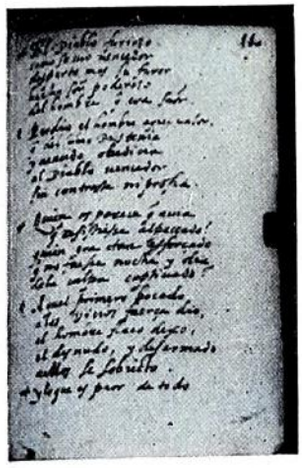
409. H El Diablo furiozo
como ſe uio uencedor
deſperto maſ ſu furor
hecho ſõr poderozo
del hombre, q̃ era ſnõr.

414. § Perdio el hombre aquel ualor,
q̃ del ſũmo Dioſ tenia
y uencido obedicia
al Diablo uencedor
ſin contraſte ni profia.

419. H Quien oſ parece q̃ auia
q̃ reſiſtieſse alpeccado?
quien era tan eſforçado
q̃ no fueſse(9) noche y dia
de la culpa captiuado?

424. § A quel primero bocado
aloſ vicioſ fuerça dio,
al hombre flaco dexo,
el deſnudo, y deſarmado
aelloſ ſe ſobiecto.

429. H Yloque eſ peor de todo



p. 110

(9) — Sob o -*u*- lê-se -*o*-.

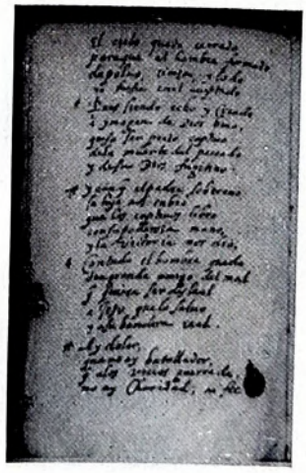
El cielo quedo cerrado
paraque el hombre formado
de poluo, ciniza, y lodo
no fueſse enel acceptado

434. § Pueſ ſiendo echo y criado
à ymagen de Dioſ biuo,
quiſo ſer prezo captiuo
dela muerte del peccado
y deſu Dioſ fugitiuo.

439. H Y aunq̃ elpadre ſoberano
ſu hijo noſ enbio
que loſ captiuoſ libro
conſupoderoza mano,
y la victoria noſ dio,

444. § Contudo el hombre quedo
tangrande amigo del mal
q̃ quiere ſer deſleal
a Jeſu quelo ſaluo
y aſu bandera real.

449. H Ay dolor,
que no ay batallador,
q̃ aloſ vicioſ guerra de,
no ay Charidad, ni fee



p. 110v

falta el diuino temor, 111
triſte de mi que hare.

Poſta de giolhoſ.

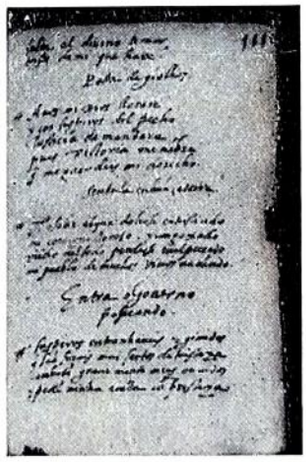
455. H A uoſ mi Dioſ llorare
y con ſuſpiroſ del pecho
Juſticia demandare
pueſ Victoria me nõbre
q̃ me goardeiſ mi derecho.

ſentada em hũa cadeira.

460. ♯ Noſabe alque dolerſe entriſticido
mi coraçon llorozo, y congoxado
viẽdo deltodo perderſe enelpeccado
mi pueblo de muchoſ vicioſ ua([10]) uẽcido.

Entra o Gouerno
paſseando.

464. ♯ ſuſpiroſ entranhaueiſ egimidoſ
q̃ ſaõ ſinaiſ mui ſertoſ de triſteza
combatẽ graue mente meuſ ouuidoſ
epedẽ minha aiuda cõ preſteza.



p. 111

([10]) — Engano provável (= *ya*).

468. # ſoſpeito ecõ rezaõ q̃ eſta toruada *111v*
agente deſta terra minha amiga
eq̃ tera perdida apaz antigua
por naõ querer de Dſ ſer gouvernada

Victoria ſo conſigo.

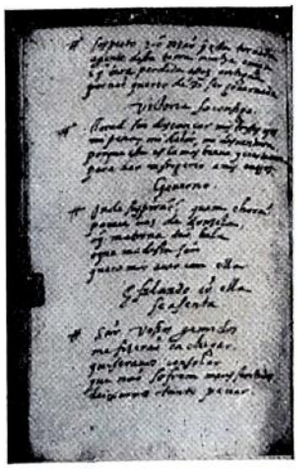
472. H llorad ſin deſcançar miſ triſteſ ojoſ
mi pena, mi dolor, mi deſuentura
porque eſta eſ la maſ breue y ciertacura
para dar refrigerio amiſ enojoſ.

Gouerno.

476. H Onde ſuſpiraõ? quem chora?
parece uoz de donzela,
oq̃ matrona taõ bela
oque modeſtaſar̃
quero mir auer com ella.

E falando cõ ella
ſe aſenta.

481. H ſar̃ voſsoſ gemidoſ
mefizeraõ ca chegar,
quiſerauoſ conſolar
que naõ ſofrem meuſ ſentidoſ
deixaruoſ tanto penar.



p. 111v

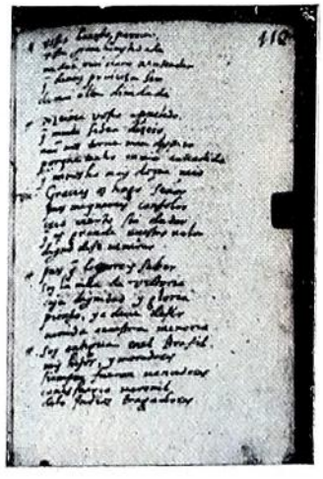
486. H Voſso honeſto parecer, 112
voſsa graue honeſtidade
medaõ mui claro aenteder
q̃ deueiſ princeza ſer
de mui alta dinidade.

491. H Dizeime voſso appelido,
q̃ muito ſaber dezeio,
naõ uoſ torue meu despeio,
porque tenho en mim entendido
q̃ enuoſ ha maiſ doque ueio

496. Vic. Graciaſ oſ hago ſeñor
pueſ mequereiſ conſolar
creo cierto ſin dudar
q̃ eſ grande uueſtro ualor
digno deſe uenerar.

501. H pueſ q̃ lo*que*reiſ ſaber
ſoy la uilla de Victoria
cuja dignidad y gloria
pienſo, ya deue deſer
uenida auueſtra memoria.

506. H ſoy antigua enel Braſil,
miſ hijoſ, y moradoreſ
ſiempre fueron uencedoreſ
coneſfuerço uaronil
deloſ Jndioſ tragadoreſ.



p. 112

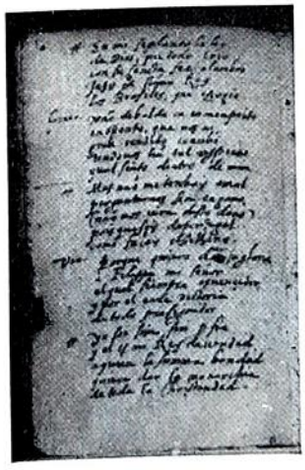
511. H En mi ſe planto la ley *112v*
de Dioſ, que todo crio
con ſu ſancta fee alumbro
Jeſu X̊ ſũmo Rey
loſ Braſileſ, que eſcogio.

516. Gouer. Naõ debalde ca en meupeito
enoponto, que uoſ ui,
gran credito concebi
tendouoſ hũ tal reſpeito
qual ſinto dentro de mim.

521. H Maſ naõ metenhaiſ amal
perguntaruoſ ſen engano,
(naõ uoſ uira diſto dano)
poiſ queſoiſ deportugal
como falaiſ caſtelhano.

526. Vic. Porque quiero d^ar(11)^ ſu gloria
à Filippe mi ſeñor
elqual ſiempre eſuencedor,
y por el aure Victoria
detodo preſiguidor

531. H Yo ſoi ſuja ſin &fia
y el eſ mi Rey deuerdad
aquien la ſumma bondad
quiere dar la monarchia
de toda la Chriſtandad.



p. 112v

(11) — Emenda (*ar*) sôbre borrão.

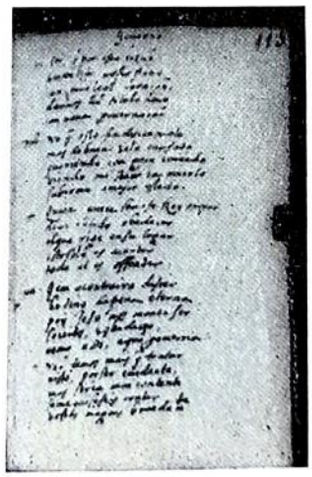
536. H ſei, q̃ por eſsa rezaõ
pertendia uoſsopouo
con mui leal coraçaõ
daruoſ hũ titulo nouo
con noua gouernaçaõ

541. Vict. No q̃ eſso fue deſconcierto
maſ de buen zelo cauſado
queriendo con gran cuidado
viendo mi ſeñor ia muerto
ſubirme amejor eſtado.

546. H Quien quiere (12) aſu Rey onrrar
deue entodo obedecer
alque rige enſu lugar,
eſtoſolo eſ acertar
todo al eſ offender.

551. Gou. Qem ocontrairo diſser
hedino depena eterna
poiſ Jeſu noſ mandaſer
ſoieitoſ, eobedecer,
como aDſ̃, aquẽ gouerna.

556. H Naõ temoſ maiſ q̃ tratar
niſto, porſer euidente,
maſ ſeria mui contente
ſemequiſeſeiſ contar
voſsaſ magoaſ brandam.te



p. 113

(12) — Riscado *ſer*.

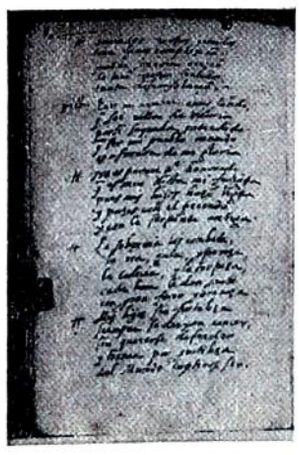
561. H Ouuindoſ voſsoſ gemidoſ *113v*
tiue deuoſ compaixaõ
qual he ſenhora arezaõ
de terẽ voſsoſ ſentidoſ
tanta deſconſolaçaõ.

566. Vict. Pueſ mi nombre aueiſ ſabido,
q̃ ſoi uilla de Victoria
porſi ſequeda entendido
q̃ ſer mi pueblo uencido
eſ afrenta de mi gloria.

571. H No oſ parece p.e honrrado
q̃ eſ mui iuſta mi fatiga(13)
pueſ miſ hijoſ hazẽ liga(14)
y pazeſ con el peccado
y con la ſerpente antiga.

576. H La ſoberuia loſ combate,
la ira, gula, ypereza,
la codicia, y la torpeza,
cada hora le dan mate
con gran furor ybraueza.

581. H Miſ hijoſ ſin fortaleza
ſiempre ſe deixan uencer,
ſin quererſe defender
y tienen por gintileza
del Mundo captiuoſ ſer.



p. 113v

(13) — Riscado -*u*- (fatigua).
(14) — Riscado -*u*- (ligua).

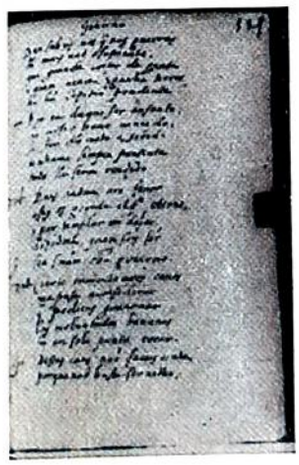
586. *H* B*i*en ſabeiſ uoſ q̃ naſ guerraſ
b̃ maiſ ual oſapiente
que grande corpo de gente
q̃ quem uence eganha terraſ
he hũ Capitaõ prudente

591. *H* Por eu daqui ſer auſente,
o uoſso pouo uencido,
ſ*e*f*o*r diſcreto eſ*a*bid*o*
*te*nhame ſempre preſente
tudo*lhe* ſera rendido

596. *Vict.* Pueſ *d*adme uro fauor
aſsy oſ goarde el p^e^ eterno,
y por templar mi dolor
dizidme quen ſoiſ ſõr
Gov. ſou ſnãr obõ gouerno.

601. Vict. Cierto enuiendo ur̃aſ canaſ
me puſe aconſiderar
q̃ podieiſ gouernar
laſ uoluntadeſ humanaſ
ſin un ſolo punto errar.

606. *G.* Deſtaſ canſ naõ façaiſ conta
porque naõ baſta ſer uelho



p. 114

bem poſso tomar conſelho 114v
de mancebo ſẽ afronta
e tomalo por eſpelho

611. H Que quẽ tem virtude eſaber
ſeia dequal quer idade,
eſte tal tera maieſtade
pera poder bem reger
todo o mundo con uerdade.

616. H Moço era Daniel
maſ muitoſ uelhoſ uenceo
em uirtude, econuerteo
todo opouo de iſrael
e a ſuſana defendeo

621. H Aqueleſ enuelhecidoſ
que falſam^te acuſaraõ
aſuſana, enque pararaõ?
de Daniel conuencidoſ
en fim oſ apedreiaraõ(15).

Vict.

626. H Mui bien caigo eneſsa cuenta
q̃ el ſaber, y la virtud,
aun que ſea en juuentud
ſiempre rigẽ ſin afrenta
y ſon cauſa deſalud.

p. 114v

(15) — Riscado -r- (apredreiarão).

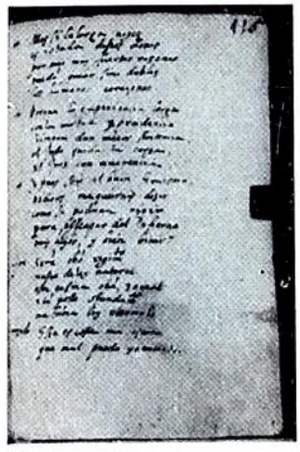
631. *H* Maſ ſi la larga uejez
eſ dotada deſſoſ doneſ
por muy maſ fuerteſ razoneſ
puedẽ guiar ſin doblez
loſ humanoſ coraçoneſ

636. *H* Porque la experiencia larga
con la uirtud y prudencia
ſiempre dan meior ſentencia
el Juſto queda ſin carga
el Juez con reuerencia.

641. *H* Y pueſ ſoiſ el buen Gouerno
pidooſ(16) mequeiraiſ dizir
como ſe podran rigir
para eſcapar del Jnfierno
miſ hijoſ, y bien biuir.

646. *Gou.* ſorã obõ regimto
naſse deley natural
eſta enſina obẽ, e omal
e tẽ poſto ofundamto
na ſũma ley eternal

651. Vict. Eſsa eſ coſa mui eſcura
que mal puedo yo entender.



p. 115

(16) — Os VV. 631-642 estão dificilmente legíveis.

bem moſtraiſ que ſoiſ molher
anteſ toda criatura
opode mui bẽ ſaber.

656. H o q̃ enſina anatureza
naõ ſomteſ o Chriſtaõ
maſ tambẽ qualquer pagaõ
o conhece cõ clareza
ſẽ lhe por contradiçaõ.

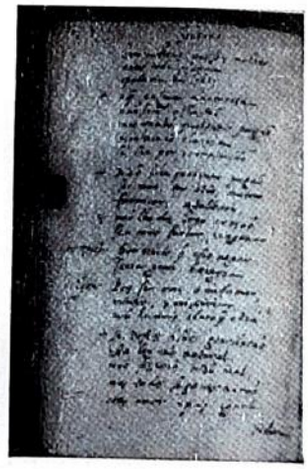
661. H Naõ ſabe qualquer pagaõ
ſer mao, ter odio, matar
fornicar, adulterar,
naõ lhe diz logo arezaõ
ſer mao furtar, eenganar?

666. Vict. por cierto, q̃ eſso negar
ſeria gran heregia

Gou. Poiſ ſer mao o infamar,
mintir, e mixiricar,
naõ he maiſ claro q̃ o dia?

671. H ſe voſsoſ filhoſ goardaraõ
eſsa ley taõ natural
naõ fizeraõ nhũ mal,
maſ todoſ ſe gouernaraõ
con amor e paz igual.

Victoria



p. 115v

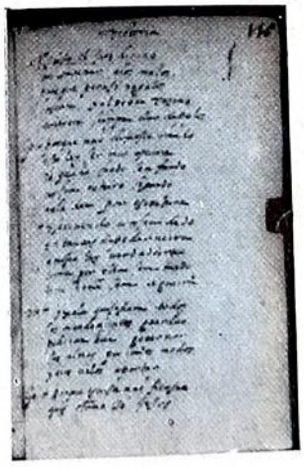
676. *H* Eſ iuſto el Juez diuino
en condenar aloſ maloſ,
pueſ que peraſi regaloſ
buſcan y al pobre vezino
quieren ſiempre dar depaloſ.

681. Gou. porque naõ dixeſse o mũdo
Eſta ley ſer mui eſcura
Dſ quehe fundo ſem fundo
no ſeu roteiro ſegundo
nola deu por eſcretura.

686. *H* Eſcreuendo con ſeu dedo
en tauoaſ depederneira
a noſsa ley uerdadeira
corra por ella ſem medo
todo homẽ ſem cegueira.

691. Vic. *H* Oxala quiſeſsem todoſ
loſ mandamientoſ goardar
podrian bien gouernar
ſuſ almaſ por lindoſ modoſ
y aloſ cieloſ aportar.

696. Go. H Porque eſcuſa naõ ficaſse
quiſ oſũmo Dſ Jeſuſ



p. 116

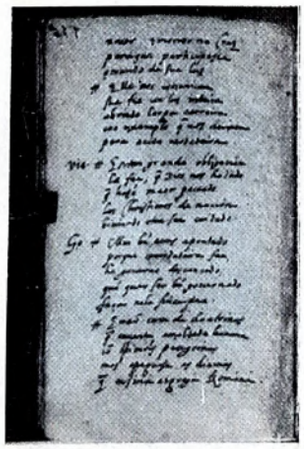
nacer, e morrer na Cruz
peraque participaſse
o mundo de ſua luz.

701. H Elle noſ comunicou
ſua fee con luz inteira
abrindo larga carreira
coo exemplo q̃ noſ deixou
pera auida uerdadeira.

706. Vic. H Eſ tan grande obligacion
la fee, q̃ Dioſ noſ ha dado
q̃ hazẽ maor peccado
loſ Chriſtianoſ de nacion
biuiendo tanſin cuidado.

711. Go. H Mui bẽ aueiſ apontado
porque auerdadeira fee,
he gouerno deſcançado,
quẽ quer ſer bẽ gouernado
faça nela fincapee

716. H Enaõ cure de doutrinaſ
q̃ enuenta amaldade humana
cõ opinioĩſ peregrinaſ
maſ apegueſe aſ diuinaſ
q̃ enſina aigreja Romana.



p. 116v

721. H Ella por D∫ gouernada
no∫ diz oque crer deuemo∫,
ebẽ obrando e∫peremo∫
∫era no∫tra alma leuada
onde ∫empre a D∫ gozemo∫.

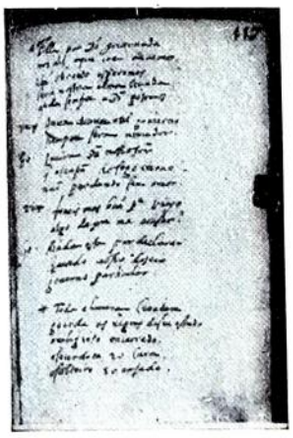
726. Vic. H Quien tuviere tal gouierno
∫iempre ∫era uencedor.

Go. Queira D∫ no∫so∫õr
q̃ e∫capẽ dofogo eterno
naõ perdendo ∫eu amor.

731. Vic H Tenei∫ ma∫ buẽ p.e viejo
algo deque me aui∫ar?

Go. Ainda e∫ta por declarar
∫egundo uo∫so dezeio
gouerno particular.

736. H Toda ahumana Creatura
goarde a∫ regra∫ de∫eu e∫tado
oreligio∫o encerrado,
o∫acerdote, e o Cura,
o∫olteiro eo ca∫ado.



p. 117

741. H O Juĩz O Vreador *117v*
Ouuidor, eCapitaõ
O meirinho, eeſcriuaõ
O eſcrauo, eoſõr
O fidalgo eopiaõ.

746. H porque eſtaſ ſaõ leyſ humanaſ
q̃ dependẽ da diuina.

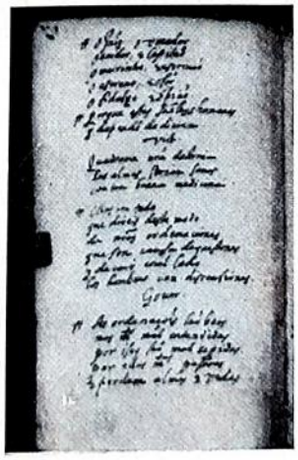
Vict.

Quadrame urã doctrina
laſ almaſ ſerian ſanaſ
con tan buena medicina.

751. H Maſ con todo
que direiſ deſte modo
de nrãſ ordenacioneſ
queſon cauſa dequeſtoneſ
y decair enel lodo
loſ hombreſ con diſsenſioneſ.

Gouer.

757. H Aſ ordenaçoĩſ ſaõ boaſ
maſ m^to^ mal entendidaſ
por iſso ſaõ mal regidaſ.
por ellaſ m^taſ^ peſsoaſ
eperdem almaſ e vidaſ



p. 117v

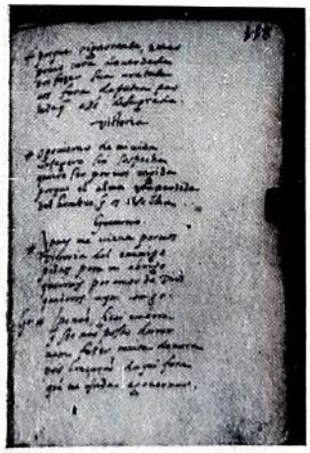
762. H porque oignorante, emao
pouco cura da uerdade
por fazer ſua uontade
uoſ fara dapedra pao
Indaq̃ a Dſ̃ deſagrade.

Victoria

767. H O gouierno de mi uida
conſegero ſin ſoſpecha
quiero ſer por uoſ rigida
porque el alma eſtaperdida
del hombre, q̃ oſ deſe cha.

772. H Ypueſ me(17) uiene poruoſ
victoria del enemigo
pidooſ pera mi abrigo
queiraiſ por amor de Dioſ
quedaroſ aqui comigo.

777. Go. H Iſso naõ, ficai embora
q̃ ſoo naõ poſso durar
nem fazer muita demora
poiſ lançaraõ daqui fora
quẽ me ajuda agouernar.



p. 118

(17) — Riscado *Governo.*

782. H Eſperai, logo uereiſ *118v*
hũa uelha aqui chegar
q̃ ma defazer calar
epor aqui ſabereiſ
qual eſta uoſso lugar

Ficaõ amboſ aſsẽtadoſ,
eentra a Jngratidaõ.

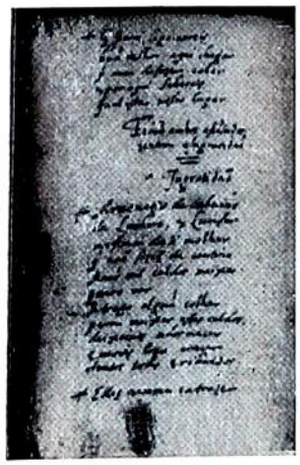
Jngratidaõ

787. H Arrenego decaluino
de Luthero, e Lucifer
mofina de ti molher
q̃ naõ fazeſ de contino
ſenaõ mil caldoſ meixer.
Quero uer

93. *H* ſetrago algũa colher
pera meixer eſteſ caldoſ,
deixaiuoſ adormecer
e uereiſ logo crecer
tantoſ poteſ eribaldoſ.

798. H Elleſ uemme catrazer

parece ser zotes, no manuscrito.



p. 118v

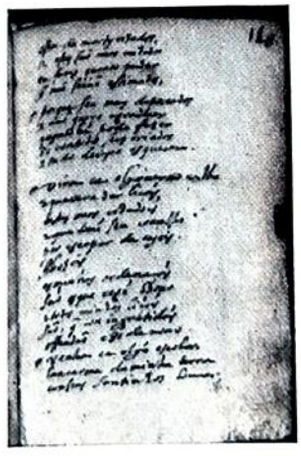
oſsoſ de martyrizadoſ,
ſi, eſseſ ſaõ meuſ cuidadoſ
eu farej quanto puder
q̃ naõ ſeiaõ eſtimadoſ,

803. *H* porqueſou may depeccadoſ
e naõ quero agradecer
quanto bẽ pode fazer
Dſ contodoſ ſeuſ criadoſ
e tudo deixo eſquecer.

808. H Vira ca o Gouerno uelho
equerera dar liçoĩſ
aeſteſ meuſ cidadoĩſ
eque tomẽ ſeu concelho
por eſcapar de cajoĩſ.
Abozoĩſ (18)

814. *H* aſ minhaſ ordenaçoĩſ
ſaõ aſ que regẽ opouo
e todaſ minhaſ liçoĩſ
ſaõ, q̃ con ingratidoĩſ
offendaõ a Dſ de nouo.

819. H Venha ca algũ eſcolar
lançarme da minha terra
conſeuſ ſantinhoſ louuar,



p. 119

(18) — Parece que o copista quis colocar "Abozoĩſ" sob "cajoĩſ", como têrmo substitutivo. Nesse caso, não constituiria verso.

q̃ eu lhedarey tanta gerra *119v*
queofaça logo appildar.

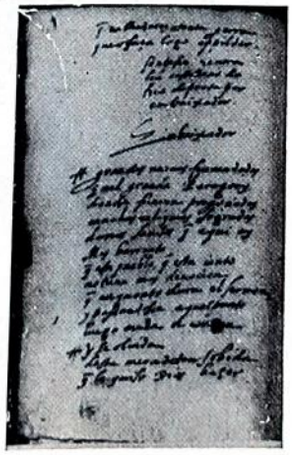
ſentaſse eentra
hũ caſtellano do
Rio daprata por
embaixador.

Embaixador

824. H grandeſ nueuaſ fuerandadaſ
e nel grande Paragoay
donde fueron pregonadaſ
muchaſ reliquiaſ ſagradaſ
dunoſ ſanctoſ q̃ aqui ay

829. Maſ barrunto
q̃ eſte pueblo, q̃ eſta iunto
notiene maſ deuocion
q̃ enquanto dura el ſermon,
y paſsandoſse aquelpunto
luego muda el coraçon

835. H Y ſe oluida
deſta merced tanſobida
q̃ le quiſo Dioſ hazer



p. 119v

en eſtoſ ſantoſ trazer
para dar ſalud ẏ vida
a todo hombre, y muger.

841. Empero
elque dixo, no erro
que loſ portugueſeſ vanoſ
ſe tienẽ por maſ q̃ humanoſ,
luego dizen mando yo,
que me bezen pieſ, y manoſ.

847. H ſy alla en mi tierra eſtuuiera
eſto tan rico theſoro
como oſ parece, que fuera
honrrado entoda amanera,
y cozido emplata, y oro?

852. Quan corteſeſ, quan vfanoſ
en ſol*iene*ſ &ciſsioneſ
ſalieron loſ ciudadanoſ
con laſ gorraſ en laſ manoſ
para ganar mil perdoneſ.

857. H Maſ enfin biua Caſtilla
con toda ſu cortezia,
pueſ ſaber, y poliſcia
ay enella amarauilla
y virtud ende maſia.

p. 120

Jngratidaõ

862. H q̃ diz eſte Caſtilhano
blaſonador Andaluz

Emb.

Dioſ me ualga q̃ abeſtruz
el me libre de tu mano
por la ſeñal dela ✝

Ing.

867. H feroſ etalhoſ deſpada
diſo podeiſ deſcançar
maſ ao tempo *dorrancar*(19)
hũa uelha alcorcouada
baſta pera oeſpantar

Emb.

872. H Ox, q̃ miedo mepuſiſti!
nobaſtara ũ eſcoadron
para hazer lo q̃ heſiſte
porque todo me mouiſte
con tu tan fea iuſion(20).

877. H Oualgame, ſ fr^co
penſeme q̃ eraſ dragon
o aquel brauo Cãnon
q̃ ſe llama Baſeliſco
o el fiero tarracon

882. H Di, quien ereſ? *120v*
que pienſo, q̃ de mugereſ
no naſcio tal fealdad

Ing.

Maſ tu fanfarraõ, q̃ quereſ?
eſ por dita algũ al fereſ
ſeruo deſu Maieſtad?

888. H Oueſ algũ capitaõ
q̃ narmada ca uieſte
pera goardar ofogaõ
e como forte uaraõ
poloſ matoſ te eſcõdeſte?

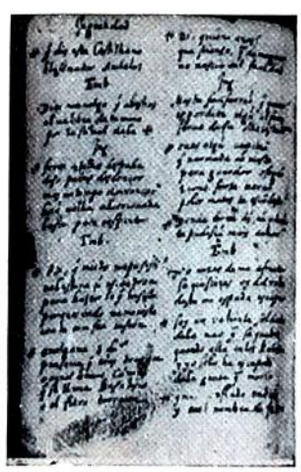
893. H Donde(21) nẽ dſ̄ nẽ o diabo
te pudeſsẽ maiſ achar?

Emb.

No cureſ de me afrentar
ſe quiſiereſ oy del rabo
deſta mi eſpada eſcapar

898. H ſoy un valiente ſoldado
dela nao q̃ ſe quebro
quando alla enloſ Paloſ dio
y yo ſolo he eſ capado
dela gente q̃ murio

903. H y mui confiado endioſ
y enel nombre de Jeſuſ



p. 120v

(19) — Leitura provável.
(20) — Engano provável (= *uiſion*).
(21) — Riscado *-d*.

con mi eſpada y arcabuſ
paſse poloſ Carijoſ
haſta dar enſ^ta Cruz.

908. H Dende alli el adelantado
y loſ ſeñoreſ de minaſ
pera ca man embiado
pola fama, q̃ ha llegado
deſtaſ reliquiaſ diuinaſ.

913. H No ſe ſi en medio Peru
hall*araſ* un tal ſeñor
q̃ ſe igo ale amiualor
y quereſ bulrarte tu
dun tan graue embaixador

Ing.

918. H Epoiſ deq̃ te queixauaſ
quando andauaſ paſseando
q̃ taõ brauo te moſtrauaſ
etantoſ ralhoſ deitauaſ
q̃ meeſtauaſ eſpantando

Emb.

923. H No tiengo mucha razon,
dequexarme deſtagente
q̃ notiene deuocion
detodoſu coracion
amartyr tan excellente?

928. H A, q̃ todo eſ pleitear
y tratar nocheſ y diaſ
mil peleaſ y &fiaſ,
por rigir, y gouernar,
ſoberbiaſ y fantaſiaſ

Ing.

933. H Oula, naõ uenhaiſ uoſca
afalar deſa maneira
q̃ eſta gentehemui gerreira,
olhaẏ, q̃ naõ faltara
alguã paa deforneira.

Emb.

938. H Maſ q̃me matẽ mil uezeſ
por la iuſticia morir
enfin ſiempre oy dizir,
q̃ ſoberuioſ Portugueſeſ
o mandar, ono biuir.

Ing.

943. H fazẽ bem, q̃ todo homẽ
como o mũdo agora uay
ha deſer f^o depay
ſe quiſer ter algũ nome
e ſair aſua may

p. 121

948. H Do mau leite q̃ lheſ dou
uẽſerẽ deſconhecidoſ,
Ingratoſ, deſcomedidoſ,
euſou, aq̃ ſempre ſou
meixedora da[r]ruidoſ(22).

Emb.

953. H No ſin cauſa meſpantaſte
luego quando te mire,
dime, donde te criaſte?
ereſ ſathã y contraſte
detoda laſancta fee?

Ing.

958. H Bẽ amaõ
ſou auelha engratidaõ
q̃ todo mundo cerquey,
toda aterra conquiſtei
ſou maiſ antiga q̃ Adaõ
q̃ en Luſifer comecey.

964. H O meu trato
hee fazer opouo engrato
aſ merceſ q̃ d̃ſ lhe f*a*ſ
e eporter comigo paz
q̃ ſe meuẽdẽ taõ barato
deixando ſeu d̃ſ atraſ.

Emb. *121v*

970. H Dem[ra] q̃ tu aſ ſido
e ereſ cauſa del mal?
Yo me hallo arepentido
pueſ como hombre atreuido
hable mal deportugal

975. H porque enfin ſon miſ herm*anoſ*
miſ ſeñoreſ portugueſeſ
muy Chatolicoſ Criſtianoſ
a quien yo bezo laſ manoſ
y loſ pieſ mui muchaſ ue*zeſ*

980. H Maſ contigo
quiero ſer ſiempre enimigo
y darte mil moxiconeſ,
y lançarte abofetoneſ,
con aquel dragon antiguo
enſuſ &fundoſ rinconeſ.

Ing.

986. H Oula Caſtelhano malo
q̃ uindeſ do parago*ay*
ſabeiſ ora como uay?
daruoſ ey tanto depalo
q̃ pezeiſ de uoſso pay.

p. 121v

(22) — Emenda (*r*).

Emb.

991. H El Diablo q̃ te lleue
mala vieja regãnada
parece q̃ eſtaſ prẽnada
y q̃ la prẽnez te mueue
ahazer tanta enſalada.

Ing.

996. H *Ox*, olhai o caſtelhano
naõ ueſ tu minha barriga?
eſa he aq̃ me obriga
aprocurar tanto dano
cõ tanta dor efadiga.

1001. H Tu naõ ſabeſ q̃ emprenhey
do fermozo Luſifer
quãdo quiſ tamanho ſer
como dſ̄ eterno Rey
eter ſupremo poder?

1006. H Depoiſ foy meu barregaõ
e metomou por amiga
oIngrato padre Adaõ
naõ uez, ſetenho rezaõ
deter tamanha barriga?

Emb.

1011. H Mal hadada
tanto ha q̃ eſtaſ preñada 122
y no acabaſ deparir?
q̃ puede deti ſalir
ſino alguna ſierpe hinchada
para el mũdo deſtruir?

Ing.

1017. H Agora me quero rir
de tua graõ bobaria
naõ ſabeſ que cadadia
pairo ſennunca parir
cõ mui eſtranha alegria?

Emb.

1022. H Dioſ del cielo,
yo iuro, q̃ entodo el ſuelo
vn tal mõſtro noſe halle,
tu no tieneſ ningũ talle,
maſ mirrada q̃ tu abuelo
y no cabeſ en la calle.

1028. H pareceſ mora encãtada
q̃ agora uieneſ de Argel
el vientre, como tonel
y la cara tan chupada
y ſeca momo[23] papel.

p. 122

(23) — Engano provável (= *como*).

Ing.

1033. H Arezaõ
hee porque aIngratidaõ
tẽ hũa tal calidade
q̃ chea de maldiçaõ
eſgota afonte ebẽçaõ
da diuina piedade.

1039. H O q̃ pecca eſeconhece
echora como ſeſudo
dele dſ̃ ſe compadece
o Ingrato naõ merece
ſ̄ ſe naõ q̃ lhe neguẽ tudo

Emb.

1044. H Aora te quiero oir
ſe deueraſ me hablareſ
dime, q̃ quiere dizir
q̃ empreñaſ y ſiemprepareſ
y no acabaſ deparir?

Ing.

1049. H Agora uaſ acaminho
ouue neſcio Caſtelhano

Emb.

Vieja no te de una mano
pienſaſ q̃ ſoy algũ niño?

Ing. *122v*

Arrela, q̃ palaciano.

1054. H Ouue ſaberaſ meu tralo
e natural condiçaõ
aprim.ra emprenhidaõ
foy de Lucifer engrato
aoutra do uelho adaõ

1059. H Cada uez q̃ pecca o mao
he engrato ao criador
eaJeſu ſeu redentor
oqual pregado enhũ pao
quiſ morrer por ſeu amor

Emb.

1064. H ſugun(24) eſso, q̃ eſ tu ſado
ſe el malo offiende a Jeſu
como ingrato y deſalmado,
quantaſ uezeſ ha peccado
tantaſ uezeſ pareſ tu

Ing.

1069. H ſi, maſ ſempre eide *ficar*
prenhe ſẽ parir, de *todo*,
porque ſempre aõ depeccar

p. 122v

(24) — Engano provável (= *ſegun*).

oſ homenſ por algũ modo
enquanto o mũdo durar

Emb.

1074. *H* No dizen q̃ loſ peccadoſ
perdonadoſ una uez
no ſeran maſ caſtigadoſ
y ſeran ſiempre oluidadoſ
de Dioſ q̃ eſ iuſto Juez?

Ing.

1079. *H* Aſi he, maſ o engrato
q̃ depoiſ torna aofender
a meſma pena hadauer
porque quebrou ocõtrato
quando quiſ engratoſer.

Emb.

1084. H No oimoſ eſso noſ otroſ
enlo Rio delaplata

Ind.(25)

yAũ por eſso eſ tambarata
amaldade entre uoſ outroſ
porſer *tua* gente engrata

Emb.

1089. H de manera
q̃ ereſ grande bachillera,
aſ deprendido quiça
en la ciudad dalcala
de alguna hechizera
q̃ del reino uino aca?

Ing.

1095. H Ellaſ aprẽdẽ de mim
q̃ faço grandeſ ſermoĩſ
e lheſ enſino oraçõſ(2)
q̃ ellaſ ſemeaõ por y,
com mtas ſuperſtiçoĩſ

1100. H Enfim enqualquer pecado
euſouſempre adianteira
quẽ pecca, meſ q̃ naõ queira
mefaz ſempre gaſalhado
ou duã, oudoutra maneira.

1105. H Enquanto me naõ lançar
fora deſi todo pouo
bẽ podeſ tuperdoar
q̃ elle nũca ha de ceſsar
depeccar ſempre de nouo.

Emb.

1110. H Valag me dioſ ſoberano
q̃ ſierpe tan ponçoñoſa
fuera daqui mala coſa.

p. 123

(25) — Engano provável (= *Ing.*).
(26) — Engano provável (= *oraçõiſ*).

Ing.

Falai∫uo∫ bẽ Ca∫telhano

Emb.

Vete maldita rapoza

1115. H q̃ contiguo
nunca elpueblo tera abrigo
de∫to∫ martyre∫ de Dio∫.

Ing.

Nuera mala perauo∫
no∫so amor he mui antigo
∫ẽ mim ficaraõ mui ∫o∫.

Emb.

1121. H Juro atal, q̃ a∫ de∫alir
apoder de cuchilazo∫,
q̃ no∫e puede ∫ufrir
lo∫ portugueze∫ biuir
en redado∫ con tu∫ lazo∫.

Ing.

1126. H Odemo nio Ca∫telhano
procurar por portuguez

Emb.

Ca*ta* note de un reuez
con e∫ta mi fuerte mano
q̃ te henda ha∫ta lop ie∫.

Ing.

1131. H Que ralhar!

ne∫ta uila ey de morar *123v*
efazela ∫empre engra*ta*

Emb.

pue∫ Juro detrabajar
de∫ta∫ reliquia∫ lleuar
para el Rio delaplata

F Entra Victoria *e*
do∫ companheiro∫ de
∫. Mauricio
afauorecer ao embaixa
dor

Victor

1137. H Hermano q̃ di∫s en∫sion
e∫ aque∫ta que tenei∫?

Emb.

∫eñor euo∫ nolo uei∫?

Vic.

Yo uendre cõ mi e∫qu*adron*
ayudaro∫ ∫equerei∫

Emb.

1142. H Gran ∫er uicio
fu era para ∫. Mauricio
∫i como buẽ cauallero
fu∫ede∫ mi compãnero

p. 123v

pera hazer un ſacrificio
anrõ dioſ uerdadero.

1148. H Maſ ſeſoiſ deportugual
por dicha de caſtilla?

Vict.

De Mauricio yſu quadrilla
victor(27) alferez real
padroero deſta uilla

Emb.

1153. H En buen punto ſoiſ uenido
peraſer mi aiudador
q̃ ſierto eſtoy mui corrido
duna vieja auer podido
eſcapar de mi furor.

1158. H ſy, yo cõ otro lo oujera
coneſpada y con broquel,
de miſ manoſ tal ſaliera
q̃ ya el ſacriſtan pudera
campanaſ doblar por el.

Vict.

1163. H Dizid por urã ſalud
quien oſ tiene aſi anoiado?

Emb.

Laq̃ eſ raiz delpeccado
q̃ ſe llama engratitud
q̃ el Jnferno aca embiado

Vict. 124

1168. H No me direiſ para que
q̃ yo con mi compãnia
luego la caſtigare

Emb.

para hazer perder la fee
q̃ eſte pueblo uoſ tenia

Vict.

1173. H pueſ q̃ quereiſ q̃ hagamoſ
para contentar adioſ?

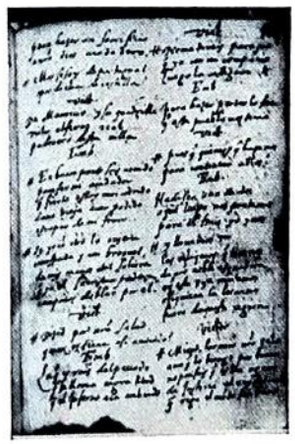
Emb.

Hadeſer vno de doſ
o que luego noſ partamoſ
para el Rio yo y uoſ

1178. H y lleuemoſ
laſ reliquiaſ q̃ tenemoſ
de urõ noble eſquadron,
oq̃ eſta veja matemoſ
oſiquiera la lancemoſ
fuera daqueſta region.

Victor

1184. H Mirad, hermano uro zelo
aun q̃ lo tiengo por bueno
no penſeiſ q̃ eſtan ageno
da Juſticia el rey del cielo
q̃ rige el mũdo ſin freno



p. 124

(27) — Leitura provável.

1189. H Loſ hombreſ de uĩo Rio
merecẽ por ſuſ peccadoſ
ſer de Dioſ deſemparadoſ
y q̃ no uengaro cio
del cielo porſuſ colladoſ,

1194. H porque ſiempre enſã grẽtadoſ
an biuido muchoſ annoſ
hazendo tantoſ mil dãnoſ
aloſ Carijoſ cuitadoſ
con roboſ, muerteſ, engañoſ.

1199. H El q̃ colgado nũ palo
morio cõ tanta paciencia
aũ no mudo ſu ſentencia
porque urõ pueblo mano(28)
nunca hizo penitencia.

(29)Emb.

1204. H Pueſ nunca uerna algũa hora
paraſu uiſitacion

Vict.

Dioſ deſũma compaſsion
enquien toda bondad mora
ſabe el tiempo del perdon.

Emb.

1209. H ſegun eſso no quiſiera
agora boluer alla
quero mequedar aca
contanto que uaya fuera *124v*
eſta vieja q̃ alli eſta.

Ing.

1214. H Vinde uoſ ca bujarraõ
do meu pouo me lançar
euuoſ ſabereẏ *tornar*
tambẽ comeſte bordaõ
q̃ tenhaiſ bẽ q̃ corar.

Vict.

1219. H ſuſ fuera vieja perdida
y no boluaſ aqui maſ
q̃ neſta uilla mi querida
quereſer agradeſcida
y tener comigo paz

Ing.

1224. H Onde me ey dir? pera *o Rio*
do paraguay? ou d*aprata?*
Voume lafazer beata.

Emb.

Mira alla q̃ deſuario
eſta eſ peior q̃ gata

1229. H yo bien ſe
que ſe ha de quedar empee

p. 124v

(28) — = *malo.*
(29) — Riscado *Ing.*

aũ que caiga del tejado.

Ing.

poiſ q̃ cuidaſ abobado
ſempre madegoardar ſe
eſte pouo meu amado.

1235. H Eiſme uou, maſ ſẽ perigo
q̃ eu darey auolta cedo
q̃ eſte pouo he meu amigo

Emb.

Vaya el Diablo contigo
q̃ meaſ hecho tanto miedo.

Vict –

1240. H Hermano quedad aca
con mi capitan Mauricio
pueſ la vieja iaſeua,
y elpueblo agradeſcera
eſte tan gran beneficio.

Emb.

1245. H Aſsẏ eſpero
yo quiero ſer compañero
de ur̃oſ hijoſ amadoſ
q̃ deixaron loſ peccadoſ
con coraçon mui intero
pueſ q̃ ſoiſ ſuſ abogadoſ.

F Acabaõ e uanſe eo 125
Gouerno torna aconti
nuar ſuapratica
cõ auila da Vi
toria.

Gouerno.

1251. H Jaſe foy aencantadora
que noſ ueo aperturbar
bẽ podemoſ rematar
noſsa pratica ſãr
iruoſeiſ arepouſar.

1256. H Eu tenho douſ aſiſtenteſ
f^{o}ſ dedſ̃ meuſõr
hũ deleſ he ſeu temor
q̃ gouerna bẽ aſ genteſ,
outro he ſeu ſanto amor.

1261. H ſẽ eſteſ naõ pode auer
bõ gouerno, nẽ Victoria.

Victoria

Eſsa eſcoſa notoria
pueſ elloſ tienen poder
para dar tryumpho y gloria,

1266. H Maſ no auria manera
para poder ſer halladoſ?

p. 125

quiça q̃ eſtan diſſ*fraçado*ſ
debaxo dela bandera
de Mauricio y ſuſ ſoldadoſ.

Gouerno

1271. H La eſtaõ bẽ deſcançadoſ
porque oſ agaſalha bẽ
Mauricio cõſeuſ ſoldadoſ
q̃ deleſ foraõ leuadoſ
agloria q̃ agora tem.

1276. H Pedioſ cõ deuaçaõ
uerdadeira egrande fee
aMauricio Capitaõ
q̃ tomaſteſ porpatraõ

Vict.

ſeñor aſsẏ lo hare.

F Poſ*e*degiolhoſ
ediz

1281. H O martyr gran uencedor
con uro̅ſ ſeiſmil ſoldadoſ
alcançad demi ſeñor
q̃ ſutemor y amor
oy meſean otorgadoſ.

1286. H ſin elloſ mi nombre y uida
de Victoria uano eſ
pueſ uenciendo enla niñez
agora ſereuencida *125v*
alcabo de mi vejez

F Emtraõ temor ea
mor de dſ̄, ediz *o*

Gouerno

1291. H Aliuẽ meuſ companheiroſ
agora finca bordaõ
contaõ graue Capitaõ
etaõ forteſ caualeiroſ
vencera*ſ* todo eſquadr*aõ*

F Temor de Dſ̄ fala
cõ oamor ediz

1296. H Aque uenimoſ hermano
apueblo tan eſtragado
delqual yo fue deſterr*ado*
y uoſ como uil guſano
eſcupido, y deſamado.

Amor de Dſ̄

1301. H Venimoſ a ſocorrer
anr̃a querida ui*lla*
paraque pueda *uencer*
al ſoberuio Lucifer
conſu infernal quadri*lla*(30)

p. 125v

(30) — Riscado um ſ-.

Victoria

1306. H O ſeñoreſ
amigoſ y defenſoreſ
vengaiſ mucho nuera buena

Temor

Libreoſ Dioſ de toda pena.

Amor

El conſuſ dulceſ amoreſ
oſ haga degracia llena.

Vict.

1312. H ſeñoreſ quien oſ hecho
deſta mi dulce morada?

Temor.

La uida deſconcertada
deſta gente q̃ uendio
lagrã de Dioſ por nada.

1317. H A mi q̃ ſoy ſu temor
temio de tener conſigo
no timiendo el gran caſtigo,
q̃ conſenpiterno ardor
ledaraſu enimigo.

Amor

1322. H pueſ ami ſu amor diuino
locamente deſamo, 126
y el turpe amor abraço
con tan grande deſatino
q̃ por el aDioſ perdio.

Gouerno

1327. H Eu uendouoſ degradar
tambẽ mefui acolhẽdo
porque ſo ſẽ uoſ uiuendo
mal podia gouernar
pouo q̃ uiue morrendo.

Victoria

1332. H Mi pueblo bien mereſcio
ſer dela culpa uencido
pueſ deſi uoſ deſterro
maſ agora oſ pido yo,
ſeapor uoſ ſocorrido

1337. H pueſ Mauricio
por ſingullar beneficio(31)
de nr̃o Dioſ le fue dado
paraſer del confortado
enſu diuino ſeruicio
y delaſ culpaſ librado

(31) — Riscado um -ſ.

p. 126

Temor

1343. H Vroſ ruegoſ Juſtoſ ſon
y pueſ Victoria oſ nõbraiſ
eſ meneſter q̃ tengaiſ
eſte tan fuerte eſquadron
deſanctoſ, cõ q̃ uençaiſ

1348. H Elloſ uenceron la muerte
cõ nr̃a aiuda y fauor,
porque cõ temor, y amor
ſuffrieron conpecho fuerte
la muerte por ſu amor.

Amor

1353. H ſi quiſiere ſer librado
el pueblo deloſ eſpantoſ
del enemigo maluado
trabaje con gran cuidado
de uenerar eſtoſ ſanctoſ.

1358. H Al principio con gran zelo
ſuſ reliquiaſ recebio
maſ ued quanto le duro?
por cierto q̃ eſ gran duelo,
uer quan preſto ſe canço.

1363. H yſino dizime uoſ *126v*
loſ q̃ tienen eſte officio
ſe uienẽ al ſacrificio
q̃ ſe haze al ſũmo Dioſ
à honrra de ſ. M*auricio*

1368. H Ja ſe tiene por afrenta
aſuſ miſsaſ aſiſtir,
elque no quiere ſi*ruir*
mil inuencioneſ inu*enta*
para dellaſ ſe excluir

Gouerno

1373. H por ahi ſepodeuer
o gouerno eo conſerto
doſ q̃ morrẽ por reger,
tudo he querer ualer
o de maiſ fique deſerto.

1378. H ſepera aſ couſaſ di*uinaſ*
taõ grande deſcuido ha
naſ humanaſ q̃ ſ*era*,
quandonaſ uontadeſ mal*inaſ*
o Diabo uento da?

p. 126v

Temor

1383. H Hermana no oſ eſpanteiſ
ſi parece no curar
Mauricio deſte lugar
pueſ el pueblo, ſegun ueiſ
cura poco de lo honrrar.

1388. *H* ſi falta lluuja en la tierra
yſepierde lo plantado
eſ porque el pueblo y ſenado
haze adioſ continua guerra
cõ laſ armaſ delpeccado.

Gouerno

1393. H Iſso bẽ eſtaprouado
porqueſẽ condenaçaõ
ecoraçaõ humilhado
tiraõ oMartyr ſagrado
enſolemne &ciſsaõ

1398. H Da Dſ chuua ſentardança
ecrecẽ aſ nouidadeſ
eſẽ uſar de uingança
mil maleſ da terra lança
em^{ta}ſ enfermidadeſ.

Temor

1403. H pueſ quien defiende la tierra
decoſairoſ Lutheranoſ
quien ameaça loſ pagano*ſ* 127
y tapuyaſ de la ſierra
quien leſ amarra laſ manoſ

1408. H O furor
de pueblo tan ſin temor
O gente deſconocida
queſe dexa eſtar caida
en offenſsaſ del ſeñor
q̃ leſ da ſalud y uida

Amor

1414. H ſi el pueblo adioſ ſi conuerte
detodo ſu coracion
ſin duda por oracion
deſte exercito tanfuerte
ganara gracia yperdon.

1419. H Conuiene q̃ noſ reciba
con pazeſ amboſ de doſ
y ſe eſpera paz, derriba
daqui por delante biua
en temor, y amor de dioſ

Gouerno

1424. H ſe quiſer ſer uoſso amigo

p. 127

eu cõ uoſco ficarei
gouernandooſẽ perigo.

Victoria

1427. H Para q̃ eſto ſe concluya
y cõ *mi*ſ hijoſ quedeiſ
conuiene, q̃ leſ hableiſ
ruegooſ como madre ſua
quentramboſ le prediqueiſ.

Temor

1432. H Mouido por uroſ ruegoſ
yo leſ quiero predicar
deloſ infernaleſ fuegoſ
ſi de todo no ſon ciegoſ
conſigo me haran quedar.

1437. H Maſ para darleſ maſ goſto,
començare emportugez.

Victoria ~

Eſso officio urõ eſ,
que hazeiſ del malo iuſto,
yo me pongo auroſ pieſ.

ſermaõ do Te
mor de dſ aopo
uo

~ Thema ~ *127v*

1442. .§. Peccador
feito eſcrauo do ſõr,
ſe do peccado naõ *temeſ*
do fogo porque naõ tre*meſ*

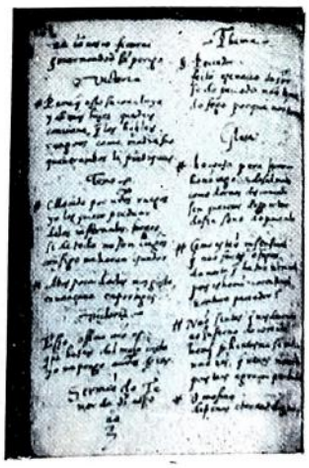
Gloſa

1446. H he couſa pera paſmar
homẽ cego edeſalmado
como dormeſ deſcançado
ſen quereresſ deſpertar
deſse ſono do peccado

1451. H Como eſ taõ inſenſiuel
q̃ naõ ſenteſ o furor
da morte q̃ he taõ terriuel,
poiſ eſ homẽ corrutiuel,
ecatiuo peccador?

1456. H Naõ ſenteſ q̃ uaſ decendo
ao Jnferno de corrida?
homẽ phantaſma ſẽ uida
naõ ueſ, q̃ uiueſ morrẽdo
poiſ tenſ agraça perdida

1461. H O mofino
depenaſ eternaſ digno



p. 127v

poiſ te fazeſ ſeruidor
do peccado, taõ ſentino
deixando oualor diuino
feito eſcrauo do ſõr.

1467. H Temeſ ador corporal
foieſ dequalquer afronta
edaquele eterno mal
do brauo fogo enfernal,
naõ fazeſ nhũa conta?

1472. H ſe cometeſ opeccado,
e nada te doiſ, nẽ gemeſ
teme, queſeraſ queimado
ſempre uiuo eſempre aſsado
ſe do peccado naõ temeſ.

1477. H Acama enq̃ haſ de iazer,
hadeſer de fogo ardente
bichoſ q̃ teaõ de roer
*o*ſ quaiſ nunca aõ de morrer
com brauo ranger dedente.

1482. H do furor do omnipotente
peccador porque naõ temeſ?
como naõ choraſ egemeſ,
poiſ tenſ aforca preſente?
dofogo porque naõ tremeſ,

Victoria 128

1487. H Bien parece q̃ ſoiſ don
de Dioſ el ſpũ ſancto
q̃ condulce deuocion
aueiſ hecho tal ſermon
q̃ atodoſ noſ puſo eſpãto.

1492. H pueſ ſu temor inche todo
plega laſũma bondad
hincha todoſ de uerdad
deſu temor por tal modo
q̃ cumplan ſu uoluntad.

Temor

1497. H Vnaparte me haquedado
para dar fin al combate
holgareiſ q̃ la relate?

Vict.

El beneficio doblado
acabad y dalde mate.

Temor &ſigue oſer
maõ

Thema.

p. 128

1502. F Oque pena
ſera eſtar en la cadena
y biuir ſiempre moriendo
y morir ſiempre biuiendo.

Gloſza

1506. ♯ ſi trataſseſ cadadia
unpoco en tupenſamento
aquel enfernal tormento
triſteza ſin alegria
pezar ſin ningũ contento,

1511. ♯ Hambre ſin nunca comer,
y fuego ſin luz ſerena,
ſed terrible ſin beber,
noche ſin amaneſcer,
oq̃ dolor, ćque pena !

1516. ♯ pera ſiempre encarcelado
donde el Diablo te aſombre
donde mal digaſ el nõbre
de tu dioſ, q̃ te ha criado
y tepeze deſer hombre.

1521. H Alli ni la Virgẽ Madre
ya maſ te podraſer buena
O q̃ intolerable pena
perſeguido de tupadre
ſera eſtar ental cadena !

1526. ♯ La condenacion poſtrera *128v*
ſe llama morte ſin m^{u}erte(32),
ſera muerte de manera
q̃ te dexe uida entera
ſite cupiere tal ſorte,

1531. ♯ porque ſiempre aſ de *biuir*
fuego eterno padeſciendo
y al eterno Dioſ no u*iendo*
aſ por força de morir,
y biuir ſiempre mori*endo*

1536. ♯ mil cuentoſ de cuẽtoſ de *annoſ*
tu tormiento a dedurar,
quando podriaſ penſsar
q̃ ſe acaban ia tuſ daño*ſ*,
de nueuo an de començar

1541. H pueſ dexa ia depecar
atu Dioſ te conuertiendo
ſiquereſ uida gañar,
ſino biuo te aſ daſsar
y morir ſiempre biuiẽdo

Gouerno

1546. ♯ Ouuiſteſ Victoria honrrada
ſermaõ de tanto uigor?
quẽ naõ ſera uencedor
ſedele fordeſ amada

p. 128v

(32) — Emenda (*u*).

*biuien*do ſempre entemor?

1551. H *Que*reiſ q̃ odiuino amor
tambẽ pregue auoſa gẽte?

Victoria

Eſcoſa tan conueniente
q̃ luego con grande ardor
*ama*ra al omnipotente.

ſermaõ doamor
De dſ ao pouo.

Thema

1556. F Tu ſeñor
Cayo uencido damor
ſobre un palo,
Eſte tuuo por regalo
porque ſeaſ vencedor.

Gloſza

1561. H O amigo peccador
mira bien ſitieneſ ojoſ,
q̃ te mira el criador
cõ ojoſ de immenſso amor
oluidando ſuſ enojoſ.

1566. H Amalo, q̃ elſer amado
para el eſ gran ſabor,
onrralo, que tuualor
conſiſte enſer uenerado
de tiſeruo tuſeñor.

1571. H Aſ damarlo como *a*padre
q̃ ſer imortal tedio
y aſuſ pechoſ te crio
con amor maſ q̃ de madre.
pueſ peccaſte y te ſoffrio.

1576. H Conſu oleo ungido fue
para luchar con feruor
y aũ q̃ era buen Luchador
dandole amor ũ traſpie
cayo uencido damor.

1581. H O amor quanto podiſte
pueſ podiſte a Dioſ matar,
O hombre quan mal ſupiſte
quando tal dioſ offendiſte
tal amor aDioſ pagar?

1586. H ſiquereſ agora amar,
aũ que danteſ fueſseſ malo,
luego te uerna abra ſsar
con loſ braçoſ, q̃ eſtirar
por ti quiſo ſobre un palo.

p. 129

1591. H Amor te piden ſuſ llagaſ
ſuſ açoteſ, ſuſ eſpinaſ
aunque todo te deſagaſ
ſi no amaſ nadapagaſ
aſuſ entranhaſ diuinaſ

1596. H porque ameſ quiſo ſer
tenido por hombre malo
la honrra yuidaperder
y tal muerte padecer
eſto tuuo por regalo.

1601. H ſi peccaſ, a Dioſ no amaſ,
ama ſiempre, y uenceraſ
Mundo, Carne, y ſathanaſ,
ypueſ Chriſtiano te llamaſ(33)
no te dexeſ uencer maſ.

1606. H Lo que biueſ, y aſ biuido,
pierdeſ por faltade amor,
con amor ſeraſ vnido
alque fue damor uencido
porqueſeaſ uencedor.

Victoria

1611. H Y agora eſtoy conſolada,
y con grandeconfiança
q̃ mi pueblo hara mudança
dela uida mal gaſtada *129v*
fundada enfalſa eſperãça

1616. H y agora el Martyr Ma*u*ricio
cõ ſu eſquadron ualerozo
*a*ura deldiuino eſpozo
q̃ enſu diuino ſeruicio
lo haga mui animozo

Fala aopouo:

1621. H Hijoſ mioſ mui amadoſ
y mi gloria
ſoy la uilla de Victoria
Vrã madre
alſũmo, y eterno padre
tened ſiempre en la *memoria*

1627. H ſu temor, y amor diuino
con el prudente gouierno
eſten con uoſ de contino
y ſiempre ireiſ acamino
venciendo todo el Jnfierno

Fala aoſ treſ

1632. H ſeñoreſ ya bien podeiſ
ſer aqui miſ moradoreſ

p. 129v

(33) — Emenda (*llamaſ*) sôbre, riscado, *nombraſ*.

Gouerno

Eperpetuoſ defenſoreſ
E uoſſoſ f^{o}ſ uereiſ
ſer con noſco uencedoreſ

Victoria

1637. H Goardemoſ eſte teſoro
quel ſũmo Dioſ membio
maſ refinado q̃ el oro,
con el qual eſpero yo
ſer libre detodo lloro

Amor

1642. H Nuerabuena
Venga alguna cantillena
conſuaue molodia([34])
conq̃ creſca el alegria
deq̃ eſta uṙa alma llena
eneſte ſolemne dia.

Victoria –

1648. H ſone la harpa
conque Lucifer ſecarpa
y ſu quadrilla

Niño llama la Capilla 130
para gloria
deſtoſ ſanctoſ, q̃ Victoria
daran ſiempre anṙa uilla.

Finiſ

Aqui uieraõ quatro con hũa
tumba para leuarẽ aſancta
cabeça

°
I

1655. F Ocabeça eſmaltada
cõ ouro dafortaleza
cõ oſangue adornada
ede martirio coroada
linda maiſ q̃ alindeza

2.

1660. F Martireſ celeſtiaiſ
ideuoſ aſepultura
q̃ naõ uoſ ſera eſcura
poiſ cõ noſso rei reinaiſ
engloria, paz, edoçura.

p. 130

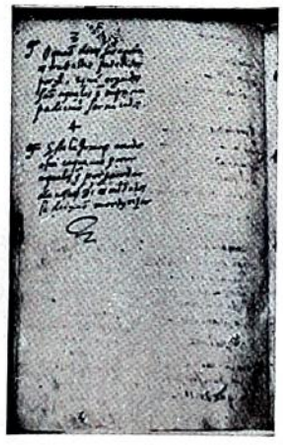
([34]) — = *melodia.*

3

1665. F O quaõ doceſ ſaõ agora
oſ trabalhoſ padecidoſ
por X̊, equã erguidoſ
ſaõ aqueleſ q̃ outra ora
padeciaõ ſer uencidoſ.

4

1670. F Eſtehe Jrmaõſ amadoſ
o fim enque uaõ parar
aqueleſ q̃ por goardar
de noſso(35) Dſ̃ oſ mãdadoſ
ſe deixaõ martyrizar



p. 130v

(35) — Riscado -ſ.

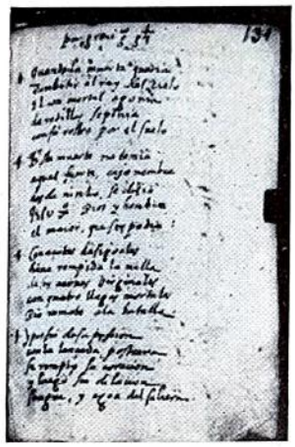
LV (1)

por g^raci g^co g^te 131

1. .§. Quando la muerte queria
combatir al rey del cielo
el con mortal agonia
de rodillaſ ſeponia
conſu roſtro por el ſuelo.

6. .§. Eſta muerte no temia
aquel fuerte, cujo nombre
deſde ninho ſe dizia
Jeſu X̄ Dioſ y hombre
el maior, queſer podia.

11. .§. Conaçoteſ deſigoaleſ
tiene rompida la malla
deſuſ carneſ Virginaleſ
con quatro llagaſ mortaleſ
Dio remate ala batalla.



p. 131

16. .§. Yporfin deſupaſion
con la lançada poſtrera
ſe rompio ſu coracion
y luego ſin dilacion
ſangre, y agoa del ſalierã.

21. .§. Por todaſ parteſ herido *131v*
con lafuerça del combate
queda muerto y no uencido
paraque ſu muerte mate
la muerte del fementido.

26. .§. ſuſ cinco llagaſ moſtrando
q̃ ſiempre abiertaſ tenia
al hombre porquien moria
conſu muerte eſta llamãdo
q̃ uaya *en*ſu compãnia.

31. .§. Batallando ſin temor
con el lobo carnicero
armado ſolo damor
alfim ſalio uencedor
maſ muerto como cordero.

p. 131v

36. .§. La muerte queda uencida
y Lucifer con la muerte
y la gloria &metida
alque con animo fuerte
por Jeſu diere la uida

(1) — IIa, B 23.

41. .§. Ya no ſiente ſuſ dolореſ 132
porque dexa deſtroçadaſ
laſ fuerçaſ deloſ traidoreſ
y fortaleza gãnada
aloſ flacoſ peccadoreſ.

LVI(1)

1. .H. Quando la Virgen Maria
quiſo uencer el coſsario
que laſ almaſ deſtruya
ordeno, que cada dia
ſerezaſse ſu rozario

6. .H. Eſta Corona de Roſaſ
Junta cõ labuena uida
laſ batallaſ peligroſaſ
lleua ſiempre deuencida
y dapalmaſ glorioſaſ.

11. .H. El rozario eſ la eſpingarda,
y lapoluora el temor,
Elfuego el diuino amor,
q̃ deloſ pligroſ goarda
ſuſ deuotoſ(2) ſeruidor.

p. 132

(1) — IIa, B 24.
(2) — Riscado o -ſ.

16. .H. Laſ cuentaſ q̃ ſon pelotaſ *132v*
dala madre de Jeſu(3)
alaſ almaſ, ſuſ deuotaſ
con laſ qualeſ ſean rotaſ
laſ armaſ de Belzebu.

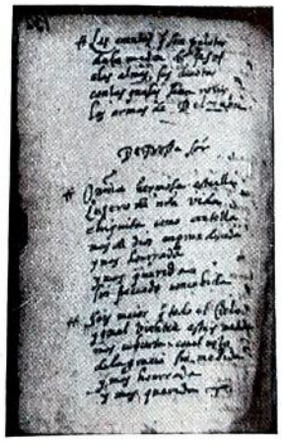
(3) — Riscado o -ſ.

LVII(1)

De Noſsa ſõr

1. H Oniña hermoſa eſtrella
Luzero de nr̃a vida
chiquita como centella
Maſ de dioſ engrandeſcida
y maſ honrrada
y maſ querida
ſin peccado concebida

8 H ſoiſ maior q̃ todo el Cielo
y enel vientre eſtaiſ metida
maſ cubierta conel uelo
delagracia ſin medida
y maſ honrrada
y maſ querida ∞.



p. 132v

(1) — IIª, B 25. Cf. Iª, IV, (1).

15. H Voſ niña ſoiſ el comienço 133
dela uida prometida
y pariendo adioſ inmenſo
ſereiſ Virgen yparida
y maſ honrrada
y maſ querida
ſin peccado concebida.

LVIII(1)

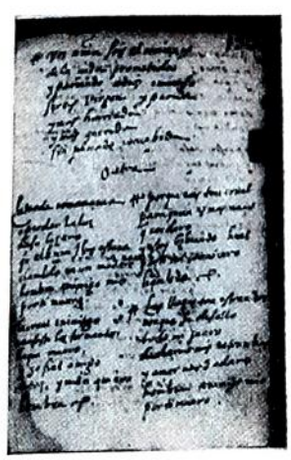
Outra

1. Latarde començaua
aperder laluz
deſu luzero
q̃n el buen Jhuſ eſtaua
clamãdo en un madero
hombre enimigo mio
por ti muero.

8. H Tu cruel enimigo(2)
cauſaſte loſ tormentoſ
deque muero,
y yo fiel amigo
tupaz, yuida quiero
hombre ∞.

15. H porque ereſ tan cruel
para quien eſ maſ mãço
que cordero
y eſtoy bebiendo hiel
porti mi carnicero
hombre ∞.

22. H Laſ llagaſ tan eſtranhaſ
conque ſe deſollo
todo mi cuero
declaraõ miſ entranhaſ
y amor uerdadero
hombre enimigo mio
por ti muero.



p. 133

(1) — IIa, B 26. Cf. Ia, IV, (1).
(2) — Riscado um -e- (enimiego).

29. H O duro coracion
maſ brauo q̃ leon
y tigre fiero
notieneſ compaſsion
detan manço cordero
hombre ∞.

36. H ſipienſsaſ deſollarme
y quereſ engullirme
todo intero
no cureſ de matarme
q̃ biuo darme quiero
hombre. ∞.

43. H No ſuffre darme emparteſ *133v*
el fuego de mi amor
tan uerdadero
maſ paraque te harteſ
me entrego todo entero
hombre enemigo mio
por ti muero.

LIX (1)

1. H Aquel q̃ tiene por nombre
Jeſu da Virgen naſcido
porque noſe ahoge el hombre
En lamar anda metido
y bien cercado
y bien herido
y del hombre mal(2) ſeruido.

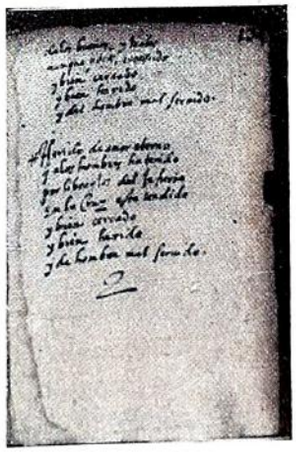
8. H Cercado de nr̃oſ maleſ
deloſ maloſ perſeguido,

p. 133v

(1) — IIª, B 27.
(2) — Sob o -*l* lê-se ſ.

delo∫ bueno∫, yleale∫ 134(3)
aunque poco∫, cono∫cido
y bien cercado
y bien herido
y del hombre mal ∫eruido.

15. H Herido de amor eterno
q̃ alo∫ hombre∫ ha tenido
por librarlo∫ del Jnfierno
En la Cruz e∫ta tendido
y bien cercado
y bien herido
y de*l* hombre mal ∫eruido.



p. 134

(3) — O resto da página e a 134v estão em branco.

LX (1)

Letra do V.[l] P. Joſeph de Anchieta

135

Guaixara

1. (*21*) F Xe moaju marãgatu
xe moirõ etecatuabo
aipo teco piçaçu
aba çerã ogoeru
xeretama momoxiabo?

6. (*26*) F Xe anho
co taba pupe, aico
çerecoaramo uitecobo
xereco rupi imoingobo
que çui aço mamo
amo taba rapecobo.

12. (*32*) F Aba çerã xe yabe?
yxe cerobiaripira
xe anhanguçu mixira
guaixara çeribae
coape imoerapoanimbira.

No original está "cuepe" veja verso 36 na página 117

17. (*37*) F Xe reco iporãgete
naipotari aba çeitica
naipotari aba imõbica
aipotacatutenhe
opabĩ taba mõdica.

22. (*42*) F Bae ete caugoaçu
caõy moyebiyebira
aipo çauçucatupira
aipo anhe yamõbeu
aipo imomora*ng*imbira.

p. 135

(1) — IIa, E 2 b, cf. XLIV, (1). Sôbre a observação inicial, cf. NP, § 1. A numeração entre parênteses corresponde à de XLIV, parcialmente repetida nesta. Pequenas alterações de verso vêm anotadas em IIa, E 2 b.

27. (*47*) F Çerapoã co moçacara *135v*
ycaõyguaçubae
caõy mboapiarete
ae marã monhangoara
marana pota meme.

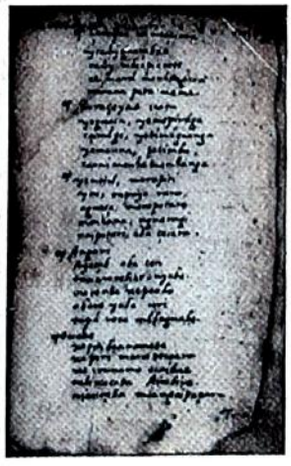
32. (*52*) F Moraçeyae icatu
yeguaca, yemopirãga
çamõgi, yetimãguanga
yemouna, petimbu,
carai monha monhanga.

37. (*57*) F Yemoirõ, morapiti
you, tapuija rara,
aguaça, moropotara
manhana, ciguaragi
naipotari, aba çeiara.

42. (*62*) F Angari
Ayoçub aba coti
taxererobiar uyabo.
ou tenhe xepeabo
abare yaba cori
tupã reco mõbeguabo.

48. (*68*) F Oicobe
xepitiboanamete
xe piri xepori mara tecoara,
xe irunamo oc*a*ibae
tubixacatu Aimbire
miauçuba moangaipapara.

To m*amo*



p. 135v

54. (*84*) F To mamope ãhe recou? 136
erequepipo, ejupa?
Aimb. Erimae, taba çupa
ybitiripe xeçou
yande boia rerocupa. reroçupa

59. (*89*) F Çoricatu xerepiaca
xe ajubã xemõbitabo
coarapucui ocaguabo
oporaçeya, oyeguaca
tupã reco mõburuabo.

64. (*94*) F Te, xereçemõ toriba
çeco poxi repiacape
xeapiçicatu çecoape
opabĩ teco aiba
mõdebi catu opiape.

69. (*99*) *guaix.* F Daetee
deratãgatu reçe
uiyecoca, uyyerobia,
jori, eçenoĩ anga
coeibo deremimoauye.
abape eremoangaipa?

75. (*105*) Aimb. F Marataõame tecoara
ogoerobia xenheẽga
opa tangarape ndoara,
opa paraibiguara,
xepope oanga meẽga.

p. 136

80. (*110*) F Queiçe raco amo canhemi *136v*
nheteroĩme oçobonhe
reritipe amboae
naçaubi inhegoaçemi
tũbipe xe rumee.

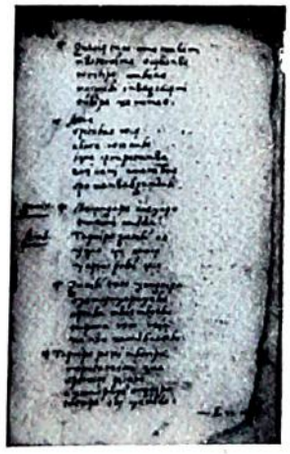
85. (*115*) F Aere
opitabae reçe
abare reco aubi
ique çerupotanhe
eri aani amorãbue
opa xenheẽgendubi.

91. (*121*) guaix. F Moçangape ereyapo
tureimi anõde?
Aimb. Tapuipe guaibĩ ae
yque çui araço
yapiçic pabẽ çeçe.

96. (*126*) F guaibĩ raco yangaipa
oyemopayepayebo
apiaba mboemboebo
tupana reco reja
xenho xemõbaetebo.

101. (*131*) F Tapuipe poxi mboripa
tiapotareimi que
oporaçei piçare
oyemõpaye angaipa
tatape oço yanõde.

—Eri a*uye*



p. 136v

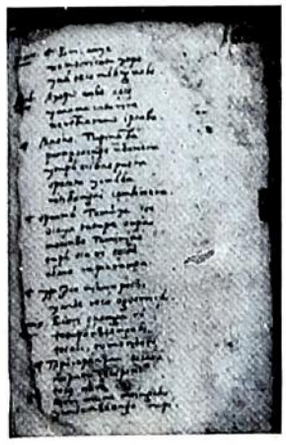
106. (*136*) guaix. F Eri, auye
xe mooricatu yepe
y*n*ã teco mõbeguabo.
Aimb. Ayepic anhe çeçe
yanama catu rire
xerẽbiaramo ipeabo.

112. (*142*) F Maene, Tupinãba
paragoaçupe ndaroera
ytupã ocibaepuera
opacatu yamõba
nitibangai çembiroera.

117. (*152*) F Opaumã Tamũya çou
Ocaya tatape oupa,
moconho Temimino
tupã oca ri çecou
abare rapiaraupa.

122. (*157*) F(²)Jco miauçu pochi
yande reco ogueroirõ
guaix. Eiori çaanga rõ
totupãnheengabi,
tocau, tomondarõ.

127. (*162*) F Toporepenhan oicobo
toipuru teco poxi
toço oiara çuj
ejori muru moingobo
yandenheenga rupí.



p. 137

(²) — Riscado *H-*.

132. (*167*)	Aimb.	F	Yabai xebo çaanga, çerecoara yabaete xemõdija. (guaix.) Abapae?	*137v*
	Aimb.		Caraibebe poranga xe amotareimbaranhe.	
137. (*187*)	guaix.	F	Ocij nhe moxi cori xerepiaca rupibene.	
	Aimb.		Namoangi, demoauyene.	
	guaix.		eyerobiate xeri amõdij cori nonene	
142. (*192*)		F	Abatepe oico xe ya tupã tiruã mõburuabo?	
	Aimb.		Deite Tupã depeabo aepueripe tata auyerama nderapiabo.	
147. (*212*)	guaix.	F	Ecoaĩ moxi mboa yande yuçana pupe. yanga toa tauye omonhangara reja robia yande reçe.	
152. (*238*)		F	Tiaço cori nderejape miauçuba piçicapa.	
	Aimb.		Ye, taçone xemondoape	

Memeti *xe*

p. 137v

memetixe xepiape
emona teco pota.

157. (*243*) F Xerapixara angaipaba
miauçuba xepocua
çeçenheayecotia
taipobu cori igaçaba
xepotaba caõy ra.

162. (*248*) guaix. F Neĩ tereço tauye
de apoã. Aimb. anhãgatune
guaix. tayebiyebi ranhe
corie derurire
yamõba moxiyãdune.

167. (*253*) F Que muru ruri obebo,
niateimiri angai
erejupe itaucai?
Aimb. Eẽ, yande moetebo
miauçuba yemoçaray.

172. (*258*) F Derori
tiniçemumã caõy
cetanhe ygaçabuçu
oyoenoĩ umã mu*ru*
ymboapiaõ amari.
guaix. Çaicatupe? (Aimb.) *Ç*aicatu.

p. 138

178. (*264*) F Onheinhangumã çeçe *138v*
cunumjeta caguara
co taba moangaipara
guaibĩ, tuibae abe
cunhamucu moreimbara.

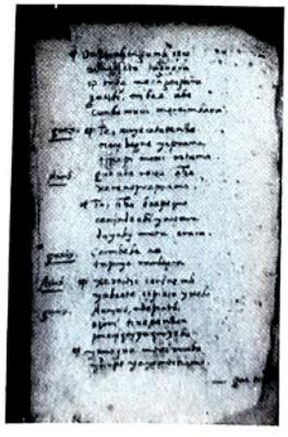
183. (*269*) guaix. F Te, auyecatutenhe
tiaço begue yapuama,
tixapi moxi retama.
Aimb. Que aba recou ãhe
xerenopuapuama.

188. (*708*) F To, ãhe baepeque
caninde obiyaçoara
doyabij muru arara.
guaix. Caraibebe ae
tapuija rarõçara

193. (*279*) Aimb. F Xereitic corine mã
yabaete çepiaca yxebo.
guaix. Aanixo, ndepiatã
ejori tixepenhan
jmociquiyequiyebo

198. (*284*) F Yamõgua moxi ruuba
yxupe yayemoitiamo

~ Que tu*ri*



p. 138v

Ver página 123 deste livro
página 66 do manuscrito aqui impresso.

Aimb. Que turi yande nupamo
aririj, opa xeuba
yecij, oyemoatamo.

fala o anjo cõ guaixara.

203. (*289*) Anjo. F Abapende?
guaix. Guaixara caguara yxe
boitininguçu, iaguara
moruara, moroapiara
andiragoaçu bebe
anhanga morapitiara

209. (*295*) Anjo. F Aepico?
Aimb. xegiboya, xe çoco
xe tamuyuçu aimbire
Çucuriju, taguato
tamandoa atirabebo
xe anhanga morope.

215. (*301*) Anjo. F Baetepe peçeca
co xerecoaba pupe?
guaix. Miauçuba rauçupanhe
ore rapiara pota
ore putupa çeçe

220. (*306*) F Ombaenipo açe
opia pupe çauçubi.

p. 139

	Anjo.		Abatepe erimbae pembaeramo reçe miauçuba meengaubi.	*139v*
225. (*311*)		F	Tupã ae ocaraiba pupe yanga, çete monhangi.	
	guaix.		Tupã tenipo anhe, çecote ypoxiete, çeco ae niporangi.	
231. (*317*)		F	Yangaipa Tupã oçauçupea çeçe oyerobiabebuya.	
	Aimb.		igaçape caoỹ tuya ae te yamomota oyoya guaibĩ recuya.	
237. (*323*)		F	Ymboapiaba cuyaba angae çemimotara mamonhe canhẽmotara ypia yaiporaca nomoetey omonhãgara.	
242. (*328*)	Anjo	F	Noçaangitepaco nhemboe coarapucuj oçomeemo mamo.	
	Aimb.		Anhe yiurupenho(3) Tupã rerobiara ruj	

Deitee

p ·139v

(3) — Engano provável (*iyurupenho*).

247. (*333*) *F* Deitee opiapupe
oyemõgetãgetabo
tupã mõburucatuabo
çeçapiço aupee
Tupã xe repiaca? oyabo.

252. (*366*) F Ãhe ecoa çapia
que çui, taço moçupa,
ocibinhe pobu pa
xe moanhe co xe boia
yei xe repiacaupa.

257. (*369*) Anjo. F Vmabae
Aimb. Miauçu ~~tunhaẽ~~ tunbaẽ
guaibĩ, cunumigoaçu
apiaba, cunhamucu,
xeboiaramo pabẽ
xepope areco catu

263. (*375*) F Taipapane yangaipaba,
taxererobia yepe.
Anjo. Neĩ taçendu tenhe
Aimb. Tinicẽ meme igaçaba
niapori caõy rece

268. (*380*) F Çabeipora çuibe
oyoapixa pixapa

p. 140

		Anjo.		Rey morubixabanhe onheẽg meme ixupe çenonhena, yacaca pa.	*140v*
273.	*(385)*	Aimb.	F	Oporacacab aba Rey ae caõy poaitara miauçuba çoguabo pa. morubixa mocaçara(4) tei yxebo, oyabanga.	
278.	*(390)*		F	Deitee cunumiguaçu morubixaba oçoguape oiquebo meme caguape aepe cunha mucu repenhan*a* ipotaçape.	
283.	*(395)*	Anjo. Aimb.	F	Emona çeco cui aracaya çapecou mũdepe iporeraçou Aracayate omborĩ oyoya marã çecou	
288.	*(400)*	Anjo Aimb.	F	Oyepe yõbenipo yangaipab amomee. Namoangi, cetanhe xe ae aporomoingo moropotara rece.	
293.	*(405)*	guaix.	F	Yãbe toropitibone oyoao ao guaibĩ	

oyoa*mo-*

p. 140v

(4) — Engano provável (= *moçacara*).

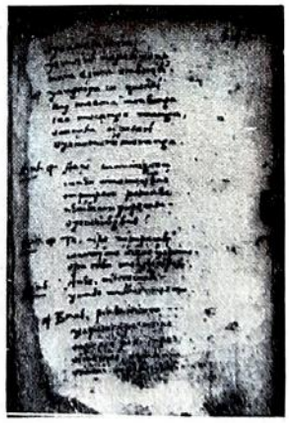
oyoamotareim
yemoirõ nopabixone
mara eiara omboribĩ.

298. (*410*) F Yangaipa co quenaĩ
ey moema monhanga
caa moçanga raanga,
oauçuba oipotarĩ.
oyemomorãmoranga.

303. (*415*) Aimb. F Aepe cunumigoaçu
cunha oimomoçẽbae
tapuipera potanhe
nhaĩbiara pupe catu
oyecotirũgbae ?

308. (*420*) guaix. F To, aipo nipapaçabi
coaraçimo oique yepemo.
opa taba moangaipabi.
Aimb. Anhe, nitecocuabi
yande mõburumeemo.

313. F Emaẽ, pindaiticara
yepotaçape meme
oaguaça poxi çupe
oimoiaoc oembiara
ojara cupebonhe.



p. 141

318. F Jmõda meme mochi
aba igara mim*a*nhe.
Anjo. Ojara op*ea* itupee
emona çecou yepi

322. Aimb. F To, ynã *j*eperae
xerori, taraço pa
xeratape çeroa
çembiauçuba reçebe.

326. F Xerauçupabẽ aba,
co paranãbuc iguara,
co aritaguape ndoara
co ynãbutĩ *i*gua — agua
co ibi apape çoara.

331. F Ayoçub ita ucaya
ypupe *co* a*i*putuu
Jta oca xerauçu
aepe xeremĩboaya
xenheengapiacatuu.

336. F Jacurutu coa pupiara
xenheẽga oimopopa
meme maguari çara,
tacoari, çobai iguara,
tapera xererobia.

oic*obe*

p. 141v

341.	(*425*)	Anjo.	F	Oicobe yemõbeu moçanga moeirabijara Aba *a*nga maraara ipupe opoeiraicatu, çaquipueri tupã rara.	141*a*
346.	(*430*)		F	Oangaipaba moaçire aba çou yemõbeguabo xe catupe ca, oyabo oçobaçab abare tupã monhirõgatuabo.	
351.	(*435*)	guaix.	F	Angaipabeimame onhemõbeucatu, miauçu cunhamucu oeco aibete oyomim, oicuacu.	
356.	(*440*)	*Aimb.*	F	Çemõ yepe teõ rerobicae xe angaipa tubixagoera anoçene, eynhe.	
		guaix.		Ecendute, çupie açequij ipoxipuera	
362.	(*446*)	Anjo	F	Yamotareimetebo pereco ai ai yxe nayegij ixuj tupã çupe uiyerurebo ypitibomo yepi.	

p. 141a

367. (*451*) F Tupã reçe oyerobia *141a v*
oimonhang co cõfraria,
teco angaipaba regija
Pay Jeſu reco ra
çeçenhe oyemboririja.

372. (*456*) guaix. F Eytenhe çerobia
ereipiçirõtenhene
depo çui anoçene
abebe co ibitu ya
anonhan, arobebene.

377. (*461*) F Aimbire
yaraço muru tauye
yande roipira moeçãya.
co xe acuçu, xerãya
Aimb. Ye, cobe xepoapẽ
xeroaibucu, xetĩãya.

383. (*467*) Anjo. F Napeapiçay yandu
peporapiti pota,
peẽ ae peyecoa
co taba pobu pobu
pecoa tatape pea.

388. (~~516~~) (566) F Yiamuru, mocoĩbe
pecai oyepeguaçune.
Yãgaturã coire
pai tupã rauçupanhe
xeremiarõ yandune,

Perori

p. 141a v

393. (*571*) F Perori
xerairetа xeri
co aico pepiçiromo
ajur ibaca çui
perocibinha rupi
yepinhe pepitibomo.

399. (*577*) F Co taba renireme
pepirinhe xe recou,
daroyai mamo xeçou,
taba raroanamonhe
yande iara xemoingou.

404. F Xe abe
aju co arapupe
moçapi Reya reru
iaçi tata rupie
pitangĩ pay Ieſu
cotipe imoingobonhe

410. F Xe ico açauçu peanga
çaromo, iporauçuboca,
coarapucui ipococa
imoaiçobo, imomorãga,
tecopuera recoaboca.

415. F Maẽ, anhanga ajmõdo
çatape muru reitica.

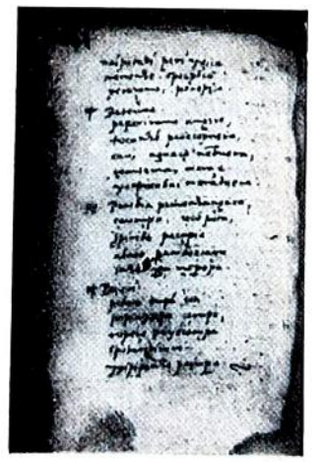
p. 142

naipotari peri yxica
memenhe opoapeco
peraromo, perepica.

420. (*623*) F Peteume
pepoxiramo angire,
tocanhẽ perecopuera,
cau, aguaça nẽbuera,
temoema, mara e
yoapixaba, marãduera.

426. (*629*) F Perobia pemonhangara,
çauçupa, çeco pota,
jpiribe peçapia
abare pemboeçara
inheenga mopopa.

431. (*644*) F Pejori
pebaca tupã coti
pepiapupe çerupa,
tapeço peyecoçupa
ypotaripira ri
yyipipenhe pejupa. ~



p. 142v

LXI(1)

Dança Doſ Reÿſ 143

1

437. Vimoſ auoſ uiſitar
bõ minino Dſ̃ eterno
Voſ noſ queiraiſ aiudar
pera poder eſcapar
do grande fogo do inferno

2

442. Oſ treſ reiſ cõ deuaçaõ
Vieraõ auiſitaruoſ
Eutambẽ quero louuaruoſ
de todo meu coraçaõ
Eſempre ſõr amaruoſ

3.

447. Eu tambẽ uenho adançar
poſtoque ſou peccador,
maſ naõ tenho q̃ uoſ dar
*p*orque naõ querofurtar
*op*eixe de meu ſor̃.

4.

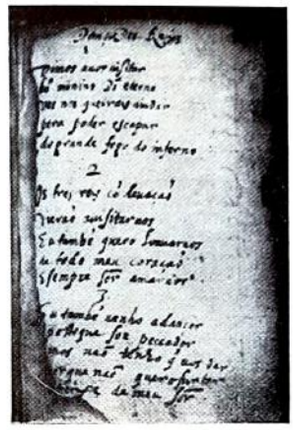
452. Loſ reyeſ eneſte dia
oſ truxeron muchoſ doneſ
yo uengo cõ alegria
ſorã ſancta Maria
apedir muchoſ per doneſ

5

457. Co aiu nde robaque
derece guiyerobia
eiori xejarigue
taxerauçubayepe
dembaeramo xera

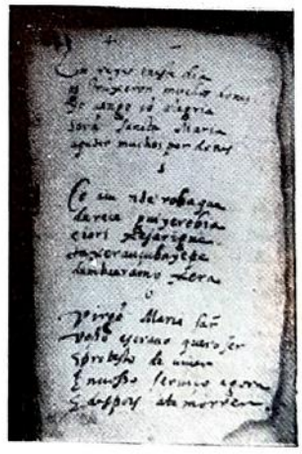
6

462. Virgẽ Maria ſar̃
Voſso eſcrauo quero ſer
Eproteſto de uiuer
Enuoſso ſeruiço agora
E deſpoiſ ate morrer.



p. 143

143v



p. 143v

(1) — Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em E 2 b, onde aparecem numa única peça os ns. LX e LXI.

7

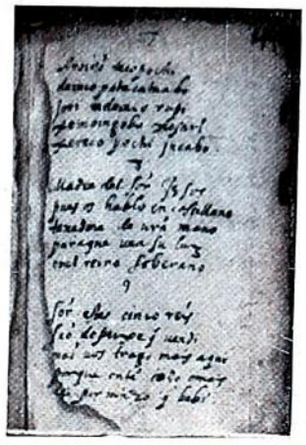
467. Aroirõ tecopochi
dereco potacatuabo
jori *n*dereco rupi
xemoingobo xejarî
xereco pochi jucabo.

8

472. Madre delſõr Jeſvſ
pueſ oſ hablo en caſtellano
tenedme de urã mano
paraque ueaſu luz
enel reino ſoberano

9

477. ſõr eſteſ cinco reiſ
ſaõ do peixe q̃ uendi
naõ uoſ trago maiſ aqui
porque ontẽ todo omaiſ
*de*i por uinho q̃ bebi.



p. 144

10

482. Eufui oſeu companheiro
Epor mim foẏ enganado
perdoai noſso peccado
poiſ q̃ uoſ ſoiſ ocordeiro
q̃ pagaiſ polo culpado.

144v(2)

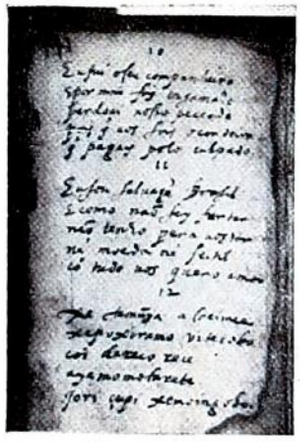
11

487. Euſou ſ*a*lu*a*gẽ Braſil
E como naõ ſeẏ furtar
naõ tenho pera uoſ dar
nẽ moeda nẽ ſeitil
cõ tudo uoſ quero amar

tamũya

12

492. Xe ramũya a Coeimee
xepoxiramo vitecobo
coi dereco rece
ayemomotarete
Jori çupi xemoingobo.



p. 144v

(2) — As pp. 145 e 145v estão em branco.

LXII (1)

Da Conceiſaõ de Noſsa ſãr

I.

a

1. §. Aue M poranga
Caraibebe çoce
doicoi aba de yabe
cori erenhemonhanga
Santa Anarigue pupe.

não tem o a.

6. §. Doyepotari deri
coig denhemonhãgape
Tubipi reco pochi
depicirõte ixui
Tupã derauçu catuape.

2

11. §. Onhemomota xeanga
de anga poranga ri
taroirõ teco pochi
dereco catu raanga
ymocanhema çui.

16. §. Emainãgatu xeri
xẽboareĩmuca
tecopoera taipea
taicoumene marani
Tupã ñeẽga rapia.

3.

21. .§. Yaiço nipo yaci
ogoba goaçu reru
Endete pay Jeſu
demoaiço ete ixui
de remomorangatu

26. .§. Anhãga demõburu
deroba repia pouçupa
xete derepiacaupa
oroamota catu
xepiape derauçupa.

4.

31. .§. Coaraci nipo obera
putunuçu coabire
dete erebera ixoce
ore reçapebopa
dereco catu pupe

36. .§. Putunuçu porarabo
oroicotebẽ gatu
Emonanamo ereiu
oreputuna peabo
tupã beraba reru.

p. 146

(1) — IIa.VD 12.

5.

41. § Tupã derauçubete
graçari demoinicema
de dererobij coẽma
ara ruri yanõde
putunuçu mocanhema

46. .§. Anhãga monhegoacẽma
cecopochi recebe
ereru de abaete
ejori muru mocema
taxemocanhemume.

6

51. .§. Anhãga demoabaite
de çui ociquijebo
xemopiatã(2) yepe
tapuã muru rece
augerãma ymoaugebo

56. .§. Ore reco pochi oca
tinhirõ Tupã orebo
ejori orepococa
toroçapeco deroca
de meme de moetebo.

7. *146v*

61. .§. Ocirãma recenhe
yandeiara demonhãgui
opabĩ cunha çoce
de mombaetebo ê
na ete demomorangi

66. .§. Dereburuçu rire
Tupã ciramo ereicone
doçporeauçubixoene doreporeauçubixoene
depiri oroicobonhe
doroicotebẽbeixone.

8.

71. .§. Dereça porauçubara
erobac yxe coti
toyeoc ixe çui
xereça poropotara
tamaẽgatu deri

76. .§. Coi denhemonhãgaba
ogoeru toribete
Çori Caraibebe
Çori pacatu apiaba
Çori Cunhã derece

p. 146v

(2) — Riscado *-j-* (*xejmopiatã*).

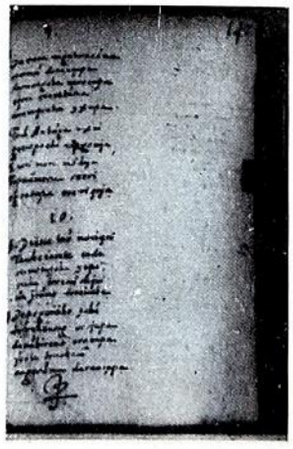
81. §. Deroca angaturaoãma
oroimoĩ derauçupa
deraangaba reroçupa rerocupa
ejori oreretãma
ararupinhe yxupa.

86. § Tocẽ Anhãga ixui
goecopochi re(3) *ro*cija
Eiori muru mõdija
Topuãmume oreri
ogoatape ore ri quja

10.

91. .§. Derece teõ nocigui n'o syk-i nociqui
iarate Tecobe iarete ende digui
oremoing*obe* yepe,
orebe toremõ digui(4) t'oré mondyk-i
de jrũmo toroicobe

96. § Depoguiribo pabẽ
toronhenong *oro*jupa
demẽbiramo orocupa
ybate to*rob*acẽ
augerãma derauçupa.



p. 147

(3) — Cortado *-õ* (*reõ*).
(4) — Emenda (*-d*) sôbre, cortado, *-ci*.

LXIII (1)

por graci g^{co} g^{te} (2) *147v*

1. H Eua yandeci ipi
onhemomotarete
ibaporanga rece
boya nhe enga rupi
y ijquiebo, ygoabonhe

6. H Ae omena çupe
ibau ucaraubi
ogoemirico rece
Imena doupouçubi
yande reõ y anõde.

11. H Ogoẽbiaramo pabẽ
anhãga yandepiciqui
ogoecopochi rece
opabĩ aba mondiqui
ogoribamo meme.

16. H ſanta Maria rece
teco pochi nobacemi
ogoaço catupupe
anhãga apipicanhe
mochi reco mocanhemi.

21. H Oyopic muru acanga
Imoatã eingatuabo
çori catu yande anga
Tupã reco momoranga
anhãga rauçupeabo.

26. H Yande jaramõgatu
tireco Santa Maria
anhãga timõburu
tupã ci tiaçauçu
cece yanhemoririja

31. H Cecocatu rerecobo
yande anga yecoçubi
nimarã angai oicobo
meme Jeſuſ yandeçubi
yanderapeco pecobo.

36. H O mẽbira jrũmobe
Tupã ci Santa Maria
ace çumarã mondija
ace çubĩ yepinhe
y xui aceregija

41. H Tiae yandepiape
ſ. Maria rerupa
ceco catu potaçape
yande angime çauçupa
yaço tupã roripape.

p. 147v

(1) — IIª, D 17. Repete-se, com pequenas variantes ortográficas e seguido de dança, em Iª, LXXIII.
(2) — Cf. IIª, D 17, (1).

páginas 221 a 223.

LXIV (1)

I Diabo

1. §. Acai, aceca yepe
mitaçaba amo guitecobo
eri, xemocẽ meme
tabaçui Abare
quepe catu xemondobo.

6. §. Oporomboe au
Tupã nheenga raanga,
ixi mombeuporanga
xemoingotebẽ gatu
omombuquibe xeacãga.

11. § Çaĩ xejucaeimi
Tupã ci rera abaite
cerẽduba rupibe
amõgoti xenhemimi
xeputunuçupupe

16. .§. Acoeime co tabigoara
xepoguiribo cecou,
Tupã ci xemõburuara
opacatu xerẽbiara
xepo çui ceraçou.

21. .§. Acaigoa
nitibangai xeboya
xeratã gatu irũboera
Vmape tatapitera?

p. 148

Vmape Cau mõda? 148
Vmape moroupiaro era?

2.

27. .§. Co aico xerenoĩ dape
ejerobia xerece
xeratãgatu pupe
denheẽga mopo çape
co taba aipubu meme

32. .§. Aipobu Goaibĩ pia
imoirõmo, imomarãna
deitee moxi onhana
tata piririca ya
aba repenhã penhana

37. § Oyoao marãgatuabo
bae requija ixupe,
derapixara pixe
baenemiju? oyabo
quipe onhemoirõ monhe.

I.

42. § Auge, xeroribete,
de arõgatu der era

2

Eẽ, xe tata pitera
xe tatagoaçu *yabe*
açapi nhemo*irõboera*.

(1) — IIa, D 13.

deve ser iepiqui, não repiqui

letra i sem o ponto acima

47. § Aunhenhe
oapixarĩ rece
y repiqui, mara oyabo
y curapa, y angagoabo
oimoerapoanibe
ojurupe ymomochiabo.

53. § Aipo co derẽbiarãma
cetanhe co tape oçoapa(2)
aipo deremixirã ma
yaço cece yapuama
tupana cicupeapa.

oçoapa =
o-kũapa

58. § Ycuabeĩmebe
yaço muru reraçobo

I

Dereicuabi bae
Tupã ci opabenhe
bae oicuab oicobo.

63. § yyipipe opirumuã(3)
y ande çui ypicirõmo,
omẽbiramonhirõmo,
yaço ume, yande nupã
tatape yande mõ bomo.

2

68. § Tou yandepitibomo
xerebira deboya

I

Abape?

y repiqui

p. 148v

2 *148v*

Cau mõda
Tupã ci ibõ ibomo,
imõdobo, cẽbiara.

73. § Erene cori cepiaca
ipoa catu co muru

I

Augebete rõ. tou.

2

que turi arupareaca
jurupara ndi ceru.

3.

78. § Co aico caugoaçu
co aico Cau monda,
abape cori xeya?
eri aanj, aimõburu
acoeime Tupinãba.

83. § Ei tenhe onhemoiti amo
Vuba mogapota
eri aanj, ayibõba,
ipicica, y apiti amo
xerẽbiaramo tâ pa.

88. §. Y tupã oqui yepe
Tupã mongueta guetabo
aimomochi pabenhe
piçare ymõgagoabo
Jmomõdaromobe

(2) — Há uma linha riscada ilegível.
(3) — Borrão -*p*- (*o*pirumuã).

2

93. .§.Jrõbe
aipo daey pa quixe
xerebira rerobia?

I.

Depipo Cau mõda.

3.

Xe ico xejarigue
co xerecou dereca.

99. .§. Aba demõbaete
aipota catu guitecobo
taba yacatu guixobo
aba raanga meme
de boiaramo ymoingobo

I.

104. §. Aepe mara ereico
aba moauge pota?

3.

Doicuabipe taa
cagoaramo xereco
yxeniã Cau monda.

109. §. Yxe co caurece
aporomoingo iepi
ocaugoaçupabẽ
apiaba cunhãdibe
xe omoingoaba rupi

114. §. Piçare
y caugoaçu rire
aço aba rerobobomo

Cunha rece ipitibomo
ypotauca yxupe
cece ymomõdaromo.

120. §. Emona guiporomoingobo
aba momochipota
ayonong Cau monda
xereramo cerecobo,
xerapiacatu aba.

I.

125. §. Jco tabape mara,
dereipe ixuperanhe?

3

Daei, xepoeraibite
xeboia Tupinãba
retama reiarire

130. § Coromo
que iguara Temimino
mo augebo açapecone

I

(4) Aã, dereitiquixone,
yporangatu ceco
dereroirõ demõbone.

136. § Oçauçu co Tupã ci
Jmẽbira rerobia

p. 149

(4) — Riscado §.

deicatui derapia
onhemoteoã moxi
demonhegoacẽ mota.

3.

141. §. Eri, aimoauge yãdune
ayecotirung cecene
cotipe cori aimoinguene
aipia mombumõbune
aimoangaipapabenhene.

146. §. Oicobe xeruba angaba
Tupi moangaipaparoera.

I.

Abape? Marape cera?

3.

Anhanga poromõbaba
boyuçu moroupiaroera.

151. §. Yxupe yaçoa oiej
ereçapuca pucai.

I

Anhe uj xereçarai
tecotebẽ ete çui
bae naicuabangai.

3

156. §. Que turi depitibomo
ĩgapema renonhana,

oicua catu marana *149v*
morape aro aromo
oporomona monana.

161. §. Jndi cori tiaço,
Temimino repenhana
aunhenhe cetama amana

I.

Eneĩ, tiaraço
cenõde co muçurãna

3

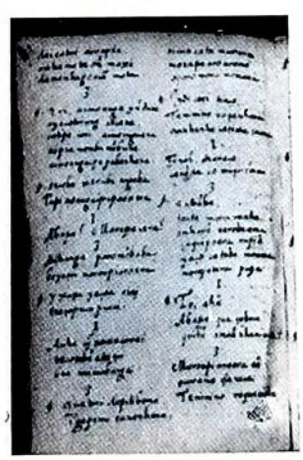
166. §. Enhãbe,
toute muru ranhe
onharõ rerobacema
çaquipoera rupiê
yaço cotaba monema
moropotara pupe.

I.

172. § To, ahê
Abape que çobace
quibõ omaẽ nhemima?

3.

Moroupiaroera aê
ouramo derece
Temimino roquecima



p. 149v

I

178. .§. Eri, auge
Depipo Boiuçugue?

4.

Xe ico aico de çupa
aju demomorandupa
xeporapiti rece

183. §. Paranagoaçu raçapa
ibitiribo guibebebo
aço Tupi moangaipapa
ae re muru mõbapa
xeratape ceroiquebo

I.

188. §. Bae apiaba paipo?

4.

Tupinaquijã que igoara
tiapira moroupiara
muru anhe oyãgao
Doiabi angai Jaguara.

193. .§. Quece Caraiba ri
ipocogui yapitiabo
nhumiteripe imboiabo
cetama rera Boigî
aepe imogipa, iguabo.

198. §. Rumbi Caraiba oçobo

150

oyepica xerapia
aço cae ceraçobo
capitãoamo guitecobo
ixupe ibõbabuca

203. ♯ Jrõ xeratãgatu
anhãga marãnijara
moroupiara boyuçu,
taçone co tapijara
de boiaramo ceru

3.

208. §. Erubia xerubangaba
tandemoẽbia cori
co ae xe quereimbaba
oicua morapiti
oicua oromõbaba.

I

213. §. Çatãgatute(5) nipo
cerimbae receê
na inani Tememino
ceroquipira yepe
oerũmana mombo.

218. §. Emonanamo Tupã
ymoatãgatu yepi
oyoia co Tupã ci
yande rereco memoã
apiaba rauçuba ri.

p. 150

(5) — Riscado *-e-* (*-uele*).

4.

223. .§. Da moabaetej mochi
y xe moroupiaroera
iporangatu xerera
ajucaumuã Tupĩ
Tupã mõburuaroera

228. §. Yanga abe cerocoa
xeratapupe çapiabo
coire acoeya ya
Temimino momochiabo
yanga ajucapota

233. §. Oyoece teõ açape
tete canhema yabe
aba anga reõunhe
Tupana nheenga abiape
jrõ, aicua bae.

238. §. Aipo guijabo naquixe
anhonong Moroupiaroera
teco angaipaba pupe
xeporõboarire
yabaete catu xerera.

243. §. Aebe cori aba
xejuçaneme jmboane
peccado monhãgucane
ceõ *re* ceitica pa
xeratape ceroane.

p. 150v

2 *150v*

248. §. Deapici catupipo
orenheẽga rendupa?

I.

Xe apicicatu *guitupa,*

2

peneĩ ro tiaço
que yaguapica, yacupa.

253. §. peru apicaba amo
begue yayo*m*õgueta,
tonhãdu ume aba
cori na yandereco
yande moaroapa angâ

I

258. .§. Ererupe de pitima

2

Cobe, xerata*te* ogue(6)

I

Naçacij, neĩne ende
enhana cerunhemima
bipe emõdarõ cece

3

263. §. Jrõ xejar abebe
co tata xeçoagoera

(6) — Riscado *pitima* e emendado *rata te ogue.*

I

Eẽ, que Tatapitera
togoapic, ujme ende,
ique morouparoera.

F ſentaõſe cõ aſ ſitimaſ(7),
etrataõ ſobre quem
prenderaõ ∞.

I

268. .§. Peratãgatu rece
guijecoca açopota
tabapobu pobupa
co xeiuçana pupe
aba anga amõboâ

273. § Neĩ de(8) Tatapiter
abape yaru corine?

2

yaipicic amo goaibine,
yangaipapa, inhemoirõduer
tatapupe yaçapine,

278. § Nopiqui ynheẽgatã
memenhe oporoagoabo
ynhẽeng memoã memoã
moema co omopoã
aba momochimochiabo(9).

283. § Noimogoabi onhemoirõ
Ninhiroi, niyerecoabi
yepinhe ypora[a]cacabi(10)
ocequi(11) cequij teõ
y nheẽga aci nopabi.

288. §. Ociquij cunha maye
caruara,
nopabi moropotara,
teçainana, maraê,
mondarõ, moemabe
cetanhe xerauçupara
co xeretama pupe.

295. §. eytenhe. Abare tupã rece
cerobac potar aupa,
eri, oçaang yepe
xete xerapiarete
opiape xererupa

I

300. § Endepe mara ere
Boyuçu, Cau mõda?

3.

Xete xerẽbia pota
çabeipora amo rece
Cunha ri ymo*reca*

p. 151

(7) — O -*ſ* confunde-se com *ſ* e *p*.
(8) — Riscado -*e* (dee).
(9) — Emendado -*mo*- (-*mo*chiabo).
(10) — Emenda -*a*-.
(11) — Riscado -*j*.

305. § Xepoguiripe areco
Cunumigoaçu angaipaba
tunhabae cacuaba
oyepe ombe anho
nomoangaipabi co taba

310. § Naxereroiroĩ goaibĩ
Cunha cigoaragibora
aipopoar, ayapitĩ
cunha mucu tabapora
xepiapupe anhomim.

315. §. Abare dogoerobiari
putuna rupi ocagoabo
tupana rauçupeabo
Cunhari ynhemomotari
aipotatemã, oyabo.

320. § Aere,
mochi recou pi*çaye*
oquibijnha, aça açapa
temirico moãgaipapa
omõdaromo cece
cunha mena cupeapa

326. § Cunha raquipuemõdobo
apiaba niapiçai
caa embeipe oçobo
onhemima, daerojay
ymoabaete oicobo.

331. §. Mendaroera co rea *151v*
dei oyeacacapa,
arobic ume peca
oimo muru oçoapa
Tupã nheenga rapia.

I

336. §. Aepe ae cunha
nonheranj imomarana?

3

Oimborite, oimõgeta
aba momanha manhana
(·2) ari oicopota.

2

341. §. Aipo yande roripaba
y andepotaoamae
tiaço ceru tauge

1

Nhambe, yande quireĩbaba
tiainheeng endu ranhe

346. § Marapẽde Boyuçu
moro upiar, Anhãgobi?

4

Xe aba nheenga ri.

p. 151v

(12) — Borrão em letra inicial.

aipicipota catu
morepenhãdara ndi

351. §. Aipo naxeabi potari
omaramonha monhãga
oimomboi aba acanga
oyrũ noyamotari
moronupã momoranga

356. § Oicobe co xegiba
einhe moxi ocoapa
abarj opoa opoa
oporapixa pixapa
oporoiraromba.

361. § Aiucape muru ca
yë meme nixandogui
marana ri yaraa
aco yagoanharõ ya
ynharõ niputu çogui.

I

366. §. Xemomota pacatu
aipo penheẽgabiã

2

Aepe coi marã?

I

Aririj, xemõburu
xemoarua pai Tupã.

371. . § Jporauçubarete
oangaturãma poruabo
yxi yerecoaba abe
oyooc yabaete
inhemoirõ nongatuabo

376. § Yangaipabete yepe
co perẽbia potaçaba
yangaipa yepe apiaba
cunhari ymõdabae
cunha abe ymõdoçaba

381. § Jpochi nheengui xoera
moema mopuãbara
apiaba maramotara
moronupã nupã coera
morapiti momboitara

386. § Opa emonatecoara
yanderata yayarõ.

3

Tiaraço çapiabo rõ

I

Jrãbuemo, çauçupara
Tupã ci oipicirõ

4

391. § Aepe yangaipamenhe
Tupã ci çauçubaubi?

p. 152

I

Omẽbira reõ re
opabĩ aba rauçubi
icaturãma rece

396. § Deitee
Aba opiapupe
oangaip*aba mochia*bo
ae re imombegoabo
Tupã monhirõ mobe
yandereta yan*dep*e*abo*

4

402. §. Yiabaibete aipo
nopiqui nhemõbe*goa*ra
yandepo çui cemb*i*ara.

I

Anheã, aipo teco
yandemo panem*ijara*

4.

407. §. Doicotebe([13]) amõbae
Tupã nhirõ çabeima?

I

Aani, ceta yepe
*oi*cuacubipireima
inhirõgatu ixupe.

4. *152v*

412. §. Aepe icuacubipira?

I

Ae Tupã nhemoiroama
nhirõçabeimaoãma
aipo *y*anderata guira
porama, çapipirãma.

417. § Emonanõgara amo
tiaço cori ceru

2

Eneĩ Temimino
arebonhe oimõbeu
oangaipa mirĩ anho.

422. §. Tubixabete oceja([14])
abare çui imima

I

Begue tiaço ceca
bipe muru roquicima
yanderata poraca

427. § Que pirataraca angoera
begue pepope toa

2

Aicobe tatapitera

p. 152v

([13]) — O -*b*- confunde-se com -*p*-.
([14]) — Riscado -*j*.

3

Aicobe, cau mondâ.

4

Aicobe moroupiaroera.

Eſcondẽſse euẽ
huã alma

432. §. Marabaepiã ri?
xepirataraca angoera
aceja co ceõboera,
acẽ amoĩ ixui
nai*aça*bi *popi*tera.

437. § Vmãpe xeraperãma
Jeſu, xero*p*a cerã,
xeçoaba Tupã retama
aepe xeçoaoãma
aicuacatu cobiã.

442. § Tupã tecomonhãgaba
iba(15) biaramo rae
opa caimopoyepe (16)
aeanhe xerecoaba
cerobiara recebe.

447. .§. Jcopebe yiabai
xer*a*ço putũ guixobo
xereropiape aba ri
quepenhe xereraçobo
xerape catu çuj?

452. §. Mamopaco xeraroãna
Caraibebe ycoi?
Jeſu naxereraçoi
amo anhãguçumanhana
yepi meme xemõboi.

Da com elleſ
e diz

457. § Iu Anhãga pi cori
Aarĩte ipope mã

2

Epoã depiatã
eyecocatu xeri
nitibi baememoã

3

462. §. Dearibe
anhete co derape
ae deremi ecara
naipotari deropara
tiaço xeirũmobe
terecepiac yandejara

p. 153

(15) - Borrão (-*b*-) ?
(16) - Haverá um *c*- ?

Alma

468. H Taçoumene xemocõ
quepe boyuçu amone

3

Deapicic, aãnixoene
xe cororopicirõ
de çui muru mõbone

473. H Cobe xejurupara
cobe arupareaca

Alma

Yiabaete catu de aca
xeri derẽbia pota
queibonhe xererobaca

4

478. H Onhemoteguãtemã
orogoeraço corine
aecatu derupine
xepoçaca, xeratã
oroapec, oroecine

2

483. H Jia muru, cenonhana
toropitibõgatune

Alma

Oicobe pai Tupana
ixi abe xeraroana *153v*
opoapipic yandune

4

488. H Derorib Anhãguçu
orogoerur ore çoaba
Co Pirataracuçu

I

Cecoabae quireimbaba,
eri, auge, peputuu

493. H Marape ceco agoera
peẽ imboaraoãma([17])

2

Yati cecopochipoera
Tupã reroirõ agoera
ore ipicicaoãma.

498. H Doieroqui erimbae
ogoerumana rauçupa
cereima recebe
yaroa tata pupe
cerocaya, cerocupa,

Alma

503. H Cemoẽ oyobaupa
xereroc ete pai
aroirõba tecopochi
Abare nhe enguendupa
xe X$^{a\tilde{o}}$, xe caraí.

p. 153v

(17) — Sob o *-b-* lê-se *2*.

508. H Tupã ete rerobiara
yaiporaca xeibijnha

I

Abapẽ dererocara

Al.

Aco Ana goaibĩ rainha
pai Tupã rauçupara

I

513. H Marape dererocaba
abare reminõgoera

Al.

Eracicu perera angaba
caraiba rubixaba
quirimurepe([18]) ndaroera.

518. H Aere
Abaregoaçu abe
onong Vacicu perana
Coutinho tunhabae
aipo tera xearoana,
ae aromanonhe.

3

524. H Demoiacuc ipobiã
pai demongaraipa
a*ere* ereicomemoã
dereçapiari Tupã
orenheenga moripa.

529. H Cepiape ereyacaço
miſsa rẽdupabeima
ereu meme çoo
aretereme ereico
copira rece, co tima

Al

534. H Çupie
xereco equij yepe
ae poera aimo aci
pai abare çupe
imombego*a*bo iepi
imboepicatuabobe.

4

540. H Tiguirõ racipeê
cunha eremõdamõda
Marani noicoj yepe
ereropoar ibira
deremirico rece

545. H Cuỹanhe, itĩgatĩgabo
ereyãgao aba

p. 154

([18]) — Sob o -ı- (-*im*-) lê-se *e*.

airarõpe m*uru* *ea*
nãbobiruã eyabo
oporapiti pota

550. H Em*ona* tecoara *u*ba
ocai xerata pupe.

Alma

Jmboacieima*e*
ixete Tupã xeruba
aimongueta memenhe

555. H Xecaturãma momboya
xeangaipaba rapirõmo
ipeabo, imomanomo
xejarareõ renoya
imõbica, imonhiromo

4

560. H Deporopotari xuera
doiretei deçuj
demõdabeipo caoĩ
quepe cunha mẽdaroera
erei momochi mochi

565. H Mondarõ, nheengaiba,
moẽma derece mõ,
moçareya, nhemoriba
gueena, cauaiba
marana, moroibõ.

570. H Oroico meme depiri
peccado monhãguca
Ndeinhe, çapoaçapoa
ibicuitinga iguiri
opacatu oroipapa.

575. H E recẽpotatenhe
orepo guira çui
eri, oromoauge
tata dearõ ete
ipupe tereyeci

Alma

580. H Opa xereco angaipaba
ajooc guijacegoabo
pai çupe ymombegoabo
cepirãma xepoaitaba
çupibe ymopocatuabo

585. H Ayapa yecoacuba
Tupã nheenga açaang
areco angaturã
xeanãma poreauçuba
guipe anhenupã nupã

590. H Y xe xecatu daey
xe quia te turuçu

p. 154v

ae xeiara Jeſu
oguguipupe xerei
onhirõnamõgatu.

Anhãguçu

595. H yabaetepe tera mã?
çaĩ naxemomanoi

Al.

Aiticpa teco memoã
yrõ, oyepetiruã
peccado naromanoi

2

600. H Toroçone Anhãguçu
orereitic orenonga

I

Pepita m*a*nemuçu
taipobu cigue aponga
oyomĩ amo yandu

605. H Deroriroribau
xeboia momaraa
eretenhe eyerobia
xe *t*oropicicatu
xemõdepe *de*mb*oa*

610. H Nhemombeupa(19) m*ee*
Tupã abarauçubari

Endete dereçapiari
peccado mima oyepe
dereimõbeu potari

Alma

615. H Aãni naicuacubi
bae xenhemõbegoape
Tupã reco cuapape
nanhemõbeu pouçubi
xebo inhirõ motaçape

620. H Peccara cetayepemo
turuçu yepemo ocoapa
oimombeupamo acemo
inhirõnhepabenhemo
Tupã nhe moirõ mogapa.

625. H Oicuacumo amo aba
tecopoera oyepeĩnhomo
Tupana ninhiroixomo
imimbaramo oipea
peratapenhe imõbomo

630. H *E*mona teco cuapa
nayomim amõbae

I

Aani, *ere*nhomĩ nhe
a*co*eime yapiraçapa
*xe*demoingoçabae

p. 155

(19) — Riscado -e.

635. H Nãde ruãte paco
cunhari ereyemomota
quece deremirico
manhanamo ereimõdo
endebo ceruruca.

virá esta palavra da junção de co + oicó?

Al.

640. H To, anhe caico emona
cunha uuba xerauçu

1

Aepe ereim õbeu
ae rece demonda?

Al.

Xereçarai tecatu

645. H Anhãgereco yepe
aipo çupe nabacemi
anhe naxeremoemi

1

Aã, cenotiamo e
imima derenocemi

650. H Xereça pupe catu
acepiac de imimagoera.
Eipi*ac* mo[r]upiaroera (20)
eip*itib*o Boyuçu
Eçapi tatapitera.

Alma

655. H Tupã ci
demaẽdua xeri
ejori xerepenhana
Tou tauge xeraroana
xe picirõmo ixui
Jmõdobo imomarana.

Aparece hũ Anjo

1

661. H Que Vrutaurana ruri

2

Caraibebe piã?

3

Caraibebe cerã.

Alma

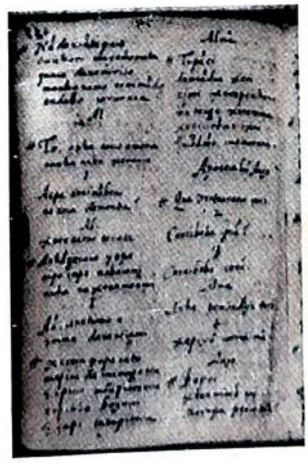
Anhe pemondija turi.

4.

Xepixã corine mã.

Anjo

666. H Pepoi
xeremiarõ çui
Marape peico cece?



p. 155v

(20) — Emenda_r.

2

orerẽbiaroerae
acoeime oecopochi
mombeu eimere

Al

672. H Xereçaraiye guitecobo
nacejapotaruã,
ejori xeçumarã
reitica, moximombo
tauge, xerequijatã

Anjo

677. H Pepoi ixui aipo,
nopoaciga cigabi.

3

Eri, dore abangabi

Anjo

çaroanamo caico.

3

To, anhe, dorocuabi.

682. H Marape ereipicirõ
orecaneõ agoera?

Anjo

Tupãci rauçuparoera
ico xeremiarõ
peẽ peçumarãboera

687. H Peiuraragoay ceco 156
requija noicuacubi
tecopochipoera amo
ogoeçarayamonho
aipo teco nonhãdubi

692. H Deitee Tupanaci
omẽbiramo Jmoingobo
xete xẽbou cori
pemoanhana, pemõdobo
ico cetama çuj.

697. H Tupãci cotabijara
napemoẽbiapotari
naete iporauçubari
Opa cotaba pupiara
omẽbiramo ipapari

702. H Pecoa tauge que çui
penemete xerocija
Tupã ci ſanta Maria
Ieſu omenbira di
ou moang pemondija

707. H Napeapiçai yandu
peporapitipota
peẽ ae peyecoa
cotaba pobu pobu
pecoa tatape pea

p. 156

oiepegoaçune (no manuscrito)
ver páginas I 271 e 136.

712. H Yiamuru, opabenhe
pecai([21]) oiepe*goarane*
yangaturã coire
pai tupã rauçupa nhe
Xeremiarõ yandune.

I

717. H Acai, nacepia potari
yabaete catu çoba
açope guibebebo ea
ca

2

Xe abe, naxepopoari
Xe nupã nupã*m*uca

3

722. H Cecoabae que cunha
oreacanga yapiti
ore acanga ocapota
oremoapara para
orepoar, orepiapic([22])

4.

727. H Tacejane moxirõ
taçone paratijpe
Tupinaquija reigpe
amo amo taijbõ

2

Xete cori reritipe

156v

732. H Xe cori quepe catu
itareimirĩme açone,
ibi oca açapecone
ita oca abe aipobu
ruũbi Jupaogoaõne.

Vanſe

Anjo

737. H Yandete yande retama,
ibaca tixepenhan
toçauçupa de anama.
Tupã ci angaturama
tomombo teco memoã

742. H Tupãci porauçubara
co taba oçarõgatu
*J*mẽbirete Jeſu
opacatu tapijara
ocipiribe oçauçu

747. H Toçapiapabẽ aba
pai Jeſu imoetebo.
opiapupe imoinguebo
tou ceraçobopa
ibacupe eroiquebo.

p. 156v

([21]) — Riscado *-o-* (*-oa-*).
([22]) — Emenda *a*.

Alma

752. H Tocendu aipo dee
Jeſu nheenga puruabo
yandete tiabebe
Tupã roripapenhe
augerama yapitabo.

Anjo

757. H perori
xerajreta xeri
co aico pepicirõmo
ajur ibaçui
peroquibija rupi
iepinhe pepitibomo

763. H Co taba re(23) nireme
pepiri nhe xerecou
naroiai mamo xeçou,
Taba raroanamonhe
yandeiara xe moingou

768. H Anguire
peporeauçubume
Taceçaỹ coperetama
ara momoranganhe
timaẽdua perece
tupãci angaturãma.

774. H Toçopa tecoangaipaba
co Goaraparim çui
tocanhẽ tecopoxi
Tupã tecomonhãgaba
timopo meme yepi.

779. § Xeico açauçupeãga
çaromo, yporauçuboca,
coarapucui ipococa
ymoaiçobo, ymomorãga
tecopoera recoaboca.

784. H Maẽ Anhãga aimõdo
çatape muru reitica
naipotari peri yxica
memenhe opo apeco
perarõmo, perepica.

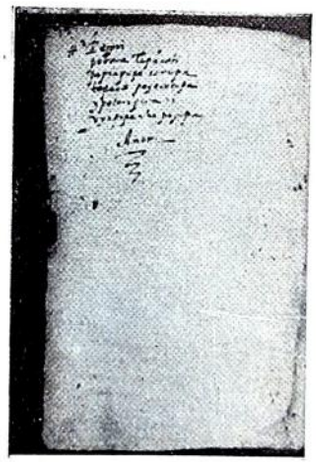
789. H peteume
pepochiramo anguire,
tocanhẽ perecopoera,
cau, agoaça nẽboera,
temoema, marae
yoapixaba, marãdoera

795. H perobia pemonhãgara,
çauçupa cecopota,
ipiribe peçapia
Abare pẽboeçara
inheenga mõbopa(24).

p. 157

(23) — Emenda (*re*) sôbre, riscado, *de*.
(24) — Sob o *-b-* lê-se *p*.

801. H Pejori *157v*
pebaca Tupã coti
pepiapupe cerupa
tapeço peyecoçupa
ypotaripira ri
yyipipenhepejupa
Amen

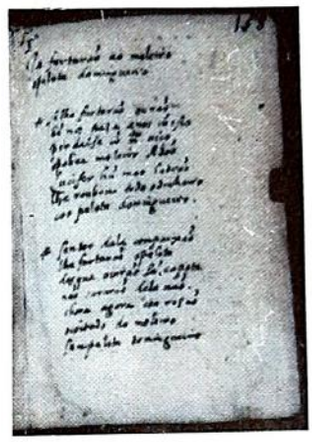


p. 157v

LXV (1)

Ja furtaraõ ao moleiro
opelote domingueiro 158

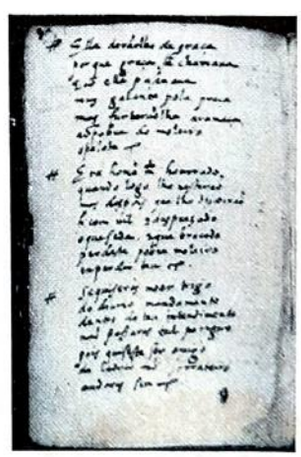
3. H ſe lho furtaraõ ou naõ
bẽ noſ peza anoſ cõ iſso
perdeuſe cõ m^to^ uiço
opobre moleiro Adaõ
Lucifer hũ mao ladraõ
lhe roubou todo o dinheiro
coo pelote domingueiro.



p. 158

10. H ſenter dele compaixaõ
lhe furtaraõ opelote
deſque ouiraõ ſẽ capote
naõ curaraõ dele naõ.
chora agora con rezaõ
ocoitado do moleiro
ſempelote domingueiro

17. H Elle deraõlho de graça *158v*
porque graça ſe chamaua
e cõ elle paſseaua
muy galante pola praça
maſ furtaraõ lhe aramaça
aopobre do moleiro
o pelote ∞.



p. 158v

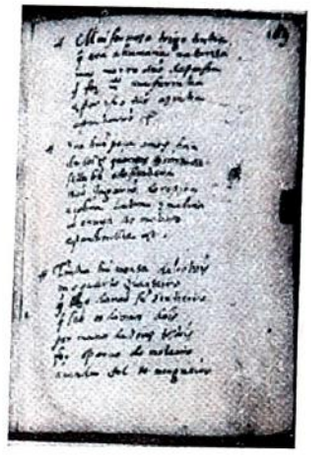
24. H Era homẽ m^to^ honrrado
quando logo lho ueſtiraõ
maſ deſpoiſ que lho diſpiraõ
ficou uil e deſprezado
o queſeda, eque brocado
perdeſte pobre moleiro
enperder teu ∞.

31. H ſequiſeraſ moer trigo
do diuino mandamento
dentro ao teu intendimento
naõ paſsaraſ tal periguo
poiſ quiſeſte ſer amigo
de ladraõ taõ ſorrateiro
andaraſ ſen. ∞.

(1) — IIª, A 9. Cf. Iª, IV, (1).

38. H Mui fermozo trigo tinha 159
q̃ era ahumana natureza
maſ moeoo taõ depreſsa
q̃ fez m^to^ mafarinha
epor iſso taõ azinha
apanharaõ ∾.

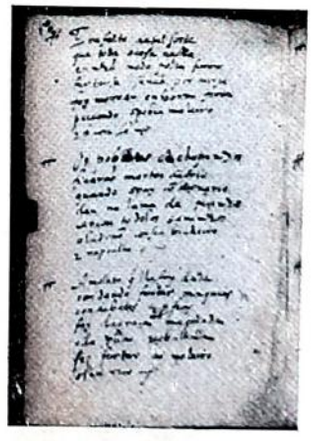
45. H Era huã peça amaiſ fina
de todaſ quantaſ tiuera
ſelle bẽ odefendera
naõ Jugaraõ derapina
acobra ladra e malina
cõ enueja do moleiro
apanhoulhe ∾.



p. 159

52. H Tinha hũ monte debotoĩſ
en o quarto dianteiro
q̃ lhe deraõ ſẽ dinheiro
q̃ ſaõ oſ diuinoſ doĩſ
por menoſ de douſ toſtoĩſ
foy oparuo do moleiro
a uender tal do mingueiro

59. H Era feito detal ſorte *159v*
que toda acaſa ueſtia
en nhũ modo podia(2)
furtarſe ſe naõ por morte
foy morrer enbora forte
peccando opobre moleiro
eficou ſẽ ∾.



p. 159v

66. H Oſ pob^re^teſ (3) c^a^chopinhoſ(4)
ficaraõ mortoſ defrio
quando opay cõ deſuario
deu na lama de fucinhoſ
cercou todoloſ caminhoſ
oladraõ conſeu bicheiro
e rapoulhe o

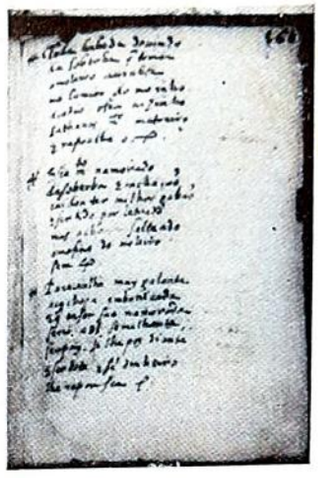
73. H A molher q̃ lhe foy dada
cuidando furtar maquiaſ
con debateſ e&fiaſ
foy dagraça maquiada
ella Nua eeſbulhada
fez furtar ao moleiro
oſeu rico ∾.

(2) — Riscado *furtar*.
(3) — Emenda *re*.
(4) — Emenda *a*.

80. H Toda bebeda douinho 160
da ſoberba q̃ tomou
o moleiro derrubou
no lumiar do moinho
acodio oſeu uizinho
ſathanaſ m^to^ matreiro
e rapoulhe o ∞.

87. H Elle m^to^ namorado
daſoberba einchaçaõ
cuidou ter milhor gabaõ
eſer tido por letrado
maſ achouſe ſalteado
o mofino do moleiro
ſem ∞.

94. H Pareceulhe muy galante
acachopa embonicada
eq̃ enſer ſua namorada
ſeria a Dſ̃ ſemelhante,
ſeupay ſe lhe poſ diante
eſendote eſẽ dinheiro
lhe rapouſeu ∞.

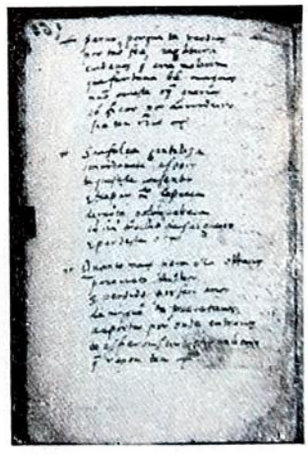


p. 160

101. H paruo porque te perdiaſ *160v*
por taõ fea regateira
cuidauaſ q̃ era moleira
quefurtaua bẽ maquiaſ
naõ ouueſte oq̃ queriaſ
cõ ficar por derradeiro
ſen teu rico ∞.

108. H ſuafalça gentileza
conuidauate aſobir
tuquiſeſte conſentir
etrepar m^to^ depreça
deraõte pola cabeça
cõ hũ trocho deſalgueiro
eperdeſte o ∞

115. H Quanto maiſ pera ella olhauaſ
pareciate milhor
eperdido por ſeu amor
de ninguẽ te precataua ſ
aaporta por onde entrauaſ
te eſperouſeu companheiro
q̃ rapou teu ∞



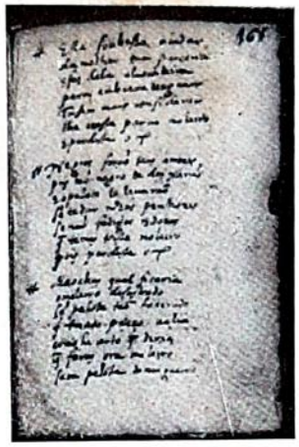
p. 160v

122. H Elle ſoubeſse aiudar
da molher tua parceira
efez dela alcoueteira
pera embreue tenganar
Tu ſem maiſ conſiderar
lhe creſte paruo moleiro
eperdeſte o ∞.

161

129. H Negroſ foraõ teuſ amoreſ
poiſ taõ negro te deixaraõ
e o pelote te leuaraõ
ſẽ te dar nhũſ penhoreſ
ſe naõ fadigaſ edoreſ
q̃ teraſ triſte moleiro
poiſ perdeſte o ∞

136. H Maochaſ qual ficaria
o moleiro deſaſtrado
ſẽ pelote taõ honrrado
q̃ tanto preço ualia
como he certo q̃ diria
q̃ faraſ ora moleiro
ſem pelote domingueiro



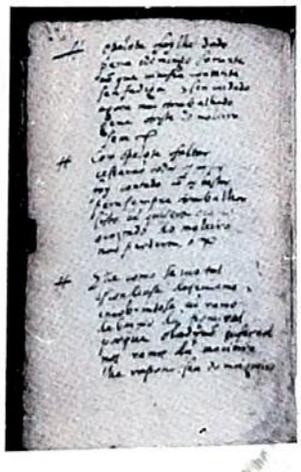
p. 161

143. H Opelote foylhe dado
pera odomingo ſomente
cõ que uiueſse contente
ſenfadiga eſen cuidado
agora mui trabalhado
geme otriſte do moleiro
ſem ∞.

161v

150. H Com opelote faltar
ceſsaraõ todaſ aſ feſtaſ
foy contado cõ aſ beſtaſ
peraſempre trabalhar
ſiſto bẽ quiſera olhar
ocoitado do moleiro
naõ perdera o ∞.

157. H Elle como ſeuio tal
eſcondeuſe deſeuamo
encobrindoſe cũ ramo
debaixo dũ figueiral
porque oladraõ infernal
noſ ramoſ dũ macieiro
lhe rapou ſeu domingueiro.



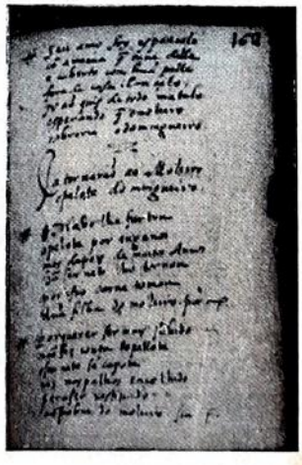
p. 161v

164. H ſeu amo foy eſpancalo
cõ araiua q̃ ouue delle
e cuberto con huã pelle
fora de caſa lan çalo,
Naõ quiſ detodo matalo
eſperando q̃ o moleiro
cobraria odomingueiro.

Ja tornaraõ ao Moleiro
opelote do mingueiro.

173. ♯ O Diabo lhe furtou
opelote por enganoſ
maſ depoiſ de muitoſ Annoſ
hũ ſeu neto lho tornou
por iſso carne tomou
duã filha do moleiro. por ∞.

180. H Porquerer ſer maiſ ſubido
naõ fez conta do pellote
oſeu neto ſẽ capote
iaz naſ palhaſ encolhido
peraſer reſtituido
aopobre do moleiro. ſeu ∞.



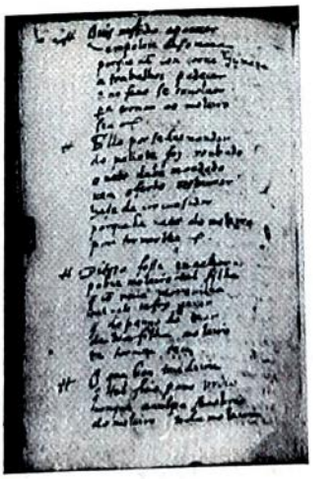
p. 162

187. H Quiſ ueſtido aparecer *162v*
empelote deſomana
porque uẽ con carne humana
a trabalhoſ padecer
e no feno ſe enuoluer
pª tornar ao moleiro
ſeu ∞.

194. H Elle por ſe deſmandar
do pellote foy roubado
o neto d*alẽ* mandado
uem ofurto reſtaurar
haſe de circunſidar
porquehe neto do moleiro
por tornarlhe ∞.

201. H Ditozo foſte enachar
pobre moleiro tal filha
q̃ cõ noua merauilha
tal neto tefoy gerar
q̃ do panno do tear
de tuafilha moleiro
te tornou teu.

208. H O que boa tecedeira
q̃ taõ fino pano Vrdio
conque aculpa ſecobrio
do moleiro eda moleira



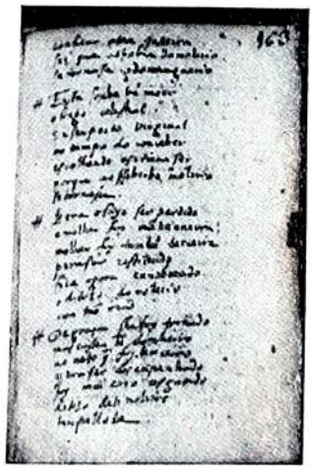
p. 162v

conficar atea Jnteira
fez que aopobre do moleiro 163
ſe tornaſe odomingueiro.

215. H Eſta ſoube bẽ moer
o trigo celeſtial
Enſeu peito Virginal
ao tempo do conceber
eſcolhendo eſcraua ſer
porque ao ſoberbo([5]) moleiro
ſe tornaſse.

222. H Pera oſayo ſer perdido
amolher foy medeaneira,
molher foy̆ tambẽ terceira
peraſer reſtituido
fica agora ennobrecido
o ditozo do moleiro
con taõ rico

229. H Degraça lhefoy tornado
maſ cuſtou m^to^ dinheiro
ao neto q̃ foy ter ceiro
pera ſer deſempenhado
foy mui caro reſgatado
ditozo deti moleiro
teupellote



p. 163

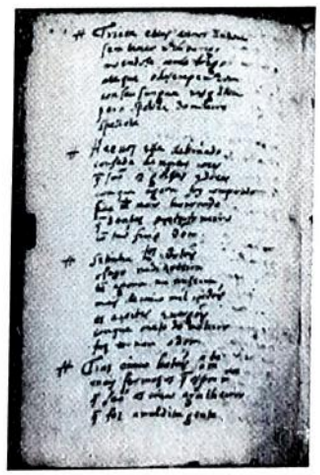
([5]) — Riscada uma primeira letra.

236. H Trinta etreſ annoſ andou *163v*
ſem temer nhũ perigo
moendoſe como trigo
ate que o deſempenhou
con ſeu ſangue reſgatou
pera opobre do moleiro
opellote.

243. H Heeuoſ elle debrũado
conſeda de muitaſ coreſ
q̃ ſaõ oſ golpeſ edoreſ
conque agora foy comprado
fica m^{to} maiſ honrrado
q̃ danteſ oatafoneiro
cõ taõ fino dom.

250. H ſetinha m^{to}ſ botoĩſ
oſayo nadianteira
tẽ agora na trazeira
maiſ de cinco mil cordoĩſ
oſ açoiteſ euergoĩſ
conque oneto do moleiro
fez tornar o dom.

257. H Traz cinco botoĩſ ſom^{te}
maiſ fermozoſ q̃ oſ prim^{ro}ſ
q̃ ſaõ oſ cinco agulheiroſ
q̃ fez amaldita gente



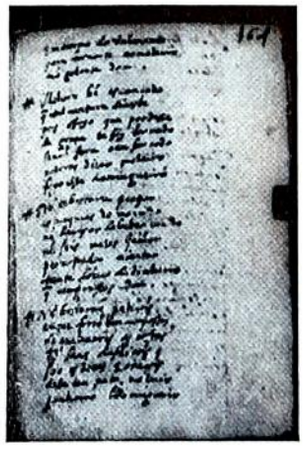
p. 163v

em ocorpo do innocente
pera tornarſe ao moleiro
taõ galante dom.

264. H Moleiro bẽ eſcançado
q̃ tal uentura tiueſte
poiſ oſayo que perdeſte
de graça te foẏ tornado
ſenaõ fora oenforcado
poderaſ dizer moleiro
fogo uiſte domingueiro

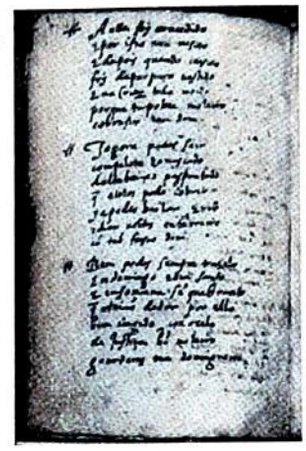
271. H Nẽ te baſtara poupar
aſ maquiaſ do moinho
nẽ deixar debeber uinho
nẽ ſeiſ mezeſ Jeiũar
perapoder aiuntar
tanta ſõma de dinheiro
que compraſseſ dom.

278. H Nẽ baſtaraõ petiçoïſ
enque foraõ ben compoſtaſ
nẽ que leuaraſ aſ coſtaſ
mtoſ ſacoſ dafliçoïſ,
ſoo aſ doreſ eoraçoïſ
deſte teu neto moleiro
ganharaõ odomingueiro.



p. 164

285. H A elle foỳ concedido *164v*
epor iſso nuu naſceo
edepoiſ quando creſceo
foỳ depurpura ueſtido
ena Cruz todo moido
porque tupobre moleiro
cobraſseſ teu dom.

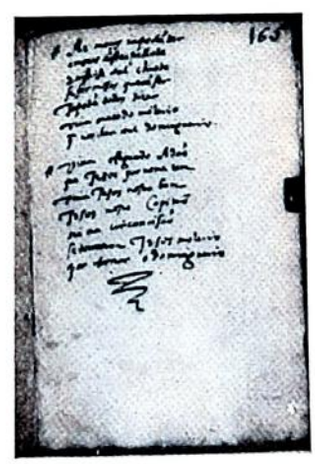


p. 164v

292. H Jagora podeſ ſair
compelote damaſcado
daltabaixo peſpontado
q̃ atodoſ pode cobrir
yapodeſ bailar erir
edar uoltaſ enterreiro
cõ taõ freſco dom.

299. H Bem podeſ ſempre trazelo
en domingo edia ſanto
e enſomana ſẽ quebranto
q̃ taiaõ dedar por ello
bem cingido con orelo
de Juſtiça bõ moleiro
goardaraſ teu domingueiro

306. H Aſ moçaſ iapodẽ ter 165(6)
amoreſ de teu(7) pellote
euiſtirſe tal chiote
ſe fermoſaſ querẽ ſer
Japodẽ todaſ dizer
viva o neto do moleiro
q̃ noſ deu tal domingueiro.



p. 165

313. H Viua oſegundo Adaõ
que Jeſuſ por nome tem
Viua Jeſuſ noſso bem
Jeſuſ noſso Capitaõ
oie na circuncisaõ
ſe tornou Jeſuſ moleiro
por tornar o domingueiro

(6) — A p. 165v está em branco.
(7) — Riscada uma letra entre *de* e *t*.

LXVI (¹)

Carta da Comp^a de Jeſuſ pera o ſeraphico ſ. Fr.^co 166

1. H depoiſ de tudo criado
por conto, pezo, e medida
diſse D̃ſ, ſeia formado
o homẽ, como treſlado
de noſsa imagẽ ſubida
6. E criou
a Adaõ, a quem dotou
daſemelhança diuina,
maſ foy tal ſua mofina
q̃ muy depreſsa borrou
aquella ymagẽ taõ digna.

12. H Maſ X^o D̃ſ humanado
glorioſo ſ. fr^co
pera limpar o treſlado
q̃ Adam tinha borrado
pondo o Mũdo entanto riſco
17. Quiſ pintar
e conſigo conformar
auoſ de dentro ede fora
congraça taõ ſingular
q̃ uoſ podemoſ chamar
homẽ nouo enquẽ D̃ſ mora.

23. H Ô famoſo Patriarcha
Ô illusſtre Capitaõ
daſagrada religiaõ
dentro daqual como ẽ arca
ſe ſalua opouo Chriſtaõ,

28. Voſ ſoiſ aquele varaõ
cheo de iuſtiça efee,
e de toda perfeiçaõ,
figurado cõ rezaõ
no iuſto e ſanto Noe.

33. H Noe fez agrãde arca
enque o homẽ racional
iunto coo bruto Animal
eſcapaſẽ como en barca
do diluuio vniuerſal.

38. Voſ por ordẽ diuinal
nareligiaõ, q̃ fizeſteſ
a bonſ, e maoſ recebeſteſ
e liureſ dagoa mortal
a D̃ſ uiuo oſ ofreceſteſ.

p. 166

(¹) — II^a, A 10.

43. H Voſ ſoiſ ogrãde uaraõ
q̃ de Dſ̃ foſteſ achado
ſegundo ſeu coraçaõ
e no pay de ſalamaõ
altamente figurado

48. O qual como deſprezado
porſer ofilho menor
ſendo douelhaſ paſtor
apaſcentaua ſeu gado
con grã cuidado eamor.

53. H Dauid con grande uigor
hũ liaõ muy carniceiro,
e hũ uſso roubador
Coo Gigante eſpantador
matou cõ ſer ouelheiro.

58. Eſte tal por derradeiro
Dſ̃ ofez Rey diſrael
ſaluando opouo fiel.
por eſte grã caualeiro
detoda gente cruel.

63. H Voſ uoſ tinheiſ por menor
tendo atodoſ por maioreſ,
e maior doſ peccadoreſ
tendouoſ Dſ̃ por maior
de todoſ ſeuſ ſiruidoreſ.

68. Feſuoſ paſtor doſ menoreſ *166v*
hũſ doſ quaiſ foraõ cordeiroſ,
maſ muy forteſ caualeiroſ,
outroſ do gado paſtoreſ
e guiaſ como Carneiroſ.

73. H Concedeuuoſ talpoder
q̃ Liaõ, Vſso, e Gigante
mataſseiſ forte e conſtante,
Mundo, Carne, e Lucifer
deſtruindo mui poſsante.

78. Contal Capitaõ diante
aumẽtouſe afee e ley
da igreja militante,
e Voſ ia na triunphante
ſoiſ coroado por Rey.

83. H Trepando ſẽ nhũ medo
o principe Jonathaſ
conſeu criado de traſ
por hũ aſpero penedo
alcançou victoria e paz.

88. Cometendo
o exercito tremendo
doſ imigoſ derepente
e cõ animo ualente
ſuaſ força ſ deſfazendo
ſaluou toda ſua gente.

p. 166v

LXVII (¹)

ſiquereſ firmeza y luz
como elp^e Pero diaz
ſigue ao ſaluador Mixiaſ

4. F P^o diaz piedra fue
miembro dela piedra biua
enq̃ el edificio eſtriua
de toda laſanta fee
q̃ loſ ſentidoſ captiua.

9. F No ſea tu alma eſquiua
contra lapenoſa Cruz
abraçada de Jeſuſ
piedra marmol y luz biua
ſi quereſ firmeza y luz.

14. F ſi fue pedro por ſer piedra
dia fue por reſplandor
cõ tal gracia del ſeñor
q̃ conel no tuuo medra
el eſcuro tentador.

19. F La fuerça y luz del amor
naſcẽ de Jeſu Mexiaſ
pueſ amaldo entrañaſ miaſ,
ſi quereiſ luz y uigor
como el p^e pero diaz

24. F Como ſiguio enſu biuir
a Jhũſ ſu buẽ amigo
fue del tan fiel teſtigo
q̃ por el uino amorir
en manoſ del enemigo.

29. F por amigo tan antiguo
trabaja nocheſ, y dias
q̃ te quiere unir conſigo
y ſilo quereſ contigo
ſigue al ſaluador Mixiaſ.

p. 167

(¹) — II^a, B 28.

§. 1.

1. Rertiba xeretama
xui xerurique
xerapixarī pabe
arete angaturãma
tacepiane uyabo nhe.

6. Arureta co riri
ipupe depoi pota
pecuape cunumi
puamaubi xeri
xeçui igoabopa.

11. Conho anocẽ yepe
moxi çui uinonhana
eteume cori marana
rerecobo xerece.

15. Xepoi ucate yepe
quecebe bae nauj
agoata coarapucui
dererapoana rece.

§ 2.

19. Xe paratij çui
ayu rainha repiaca
xeacanga moyegoaca
ymoeçayaoãmari

23. Daruri amo parati,
oyepe xepiça pora
dereui xuemo ſenhora
yangaibaratã moxiçui

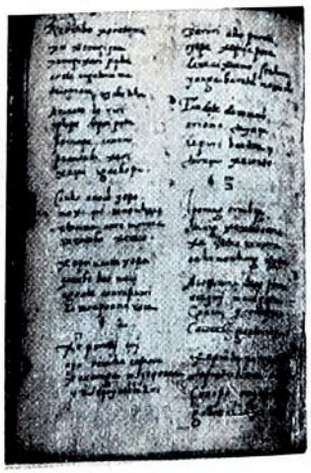
27. Endete, derecemõ
ariama, tayaçu
depiri baetau
turuçu xecaneõ.

§ 3.

31. Jporang erimbae
Miaig xeretãboera
xe Jetuu rairoera
anhe monhang ipupe

35. Aco eime(²) raco pira
acequij marãgatu
Cuuca, goarapucu
Camuri, goatucupa

39. Xepinda porang*ete*
topindaiti*cine* en*debo*
Cunapu requij*etebo*
goara oban*ha nete*



p. 167v

(¹) — IIª, D 14.
(²) — Borrão em letra inicial.

43. Reyamo ereico tenhe
Cetatenhe deboya
Xete tor*o*poraca
yetuu raira *i*xe.

§ 4.

47. Xegoaraparĩ çui
Rainha repi[a]ca(3) aju
xeroribete catu
ara angaturãma ri

51. Acoei*me* ereçapeco
or*ere*tama çauçupa
aepe mi∫sa rendupa
aretereme ereço

55. Acoeime apita meme
depiri ibitirapoape
xeanama goataçape
demorerecoa cece

59. Emonanamo xeruri
debo ara momoranga
debo toriba monhãga
xeanama xẽbouri.

§ 5.

63. Xe aba aibĩ anhe
iporoceõ xerera
xerẽbiara rẽbiroera
arurỹ reya çupe

67. Depipo?
Augebete co aico
debo co ciri reru
Icatu nhe, tereu
xe abe co auamo

72. Yangaipa co de boya
na xererecocatui
yaribobõ omõgui
igara coabipota (4)

76. Aere
oicotebẽ Abare
uigoaçapa oãmari
einupã nupã moxi
taxemo mochi ume.

§ 6.

81. yxe çauj aeta
cerapoã xerenoĩ*dab*a
igoara yepo*racab*a (5)
xerecemõ çauja

Não seria então
igara yepotaçaba?
(A chegada da canoa)
veja versos 75 e 86.

p. 168

(3) — Emenda (*a*).
(4) — Há uma letra medial (*ã-g*) ilegível.
(5) — É possivel que a leitura dêste têrmo não esteja correta. Cf. II[a], D 14, -V. 81.

chegar (por água)

85. Coromo ipo eregoata
xerecoape eyepotane
aereme amo ajucane
xe juçaneme imboa
endebo imeengabone.

90. derece ujporãdupa
Reyamo dereco re
anhemoanhe anhe.
Çauya rerureupa
tou reya ujaboe

§ 7

95. Xerori Jbitirape
Jbitirapoa çui
co tape xe(6) ruri re
xeporandubireme
xepoanamo cori
de rerapoana rece

xe apoanamo

101. Gracia cera co nde
Rainhamo *r*enoybira
Rainhamo (7)moingopira
dejara goaibĩ çoce.

Não seria
ʃenoybira?
para concordar
com a 3ª pessoa.

ʃmoingopira

105. Eteume *168v*
aipo teco coabire
teco pochi rerecobo
tei tupã demoingobo
oagiramo ibate.

110. Co deremimboayeta
toiticpa teco pochi
enonhẽ, eyacaca(8)
toyepicirõ mota
anhãgarata çui

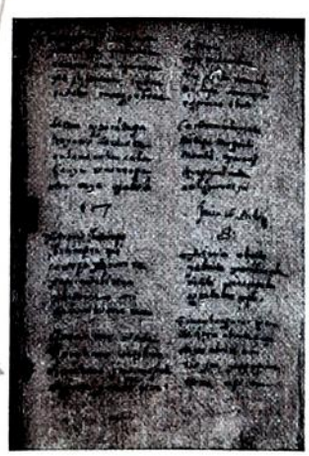
Juicu cõ Amboʃ

8.

115. Xe iuicu abaite
yabaite xerẽbiaçaba
nitibi xeraçapaba
ogoatabae çupe.

119. Eimonhangucar igoara
de Reya abaite pupe
taxe abaite ume
ico jui xerupiara(9)
tereu cepi rece

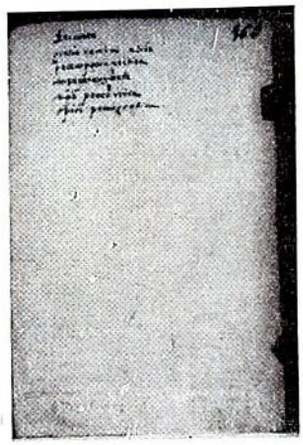
Não seria igara?
Canoa



p. 168v

(6) — Sob o *x-* lê-se *r*.
(7) — Parece haver uma letra inicial.
(8) — Riscado *-b*.
(9) — Sob o *-r-* lê-se *p*.

124. Peicoete
gracia rainha ndibe
perecopoera reitica
tapereraçoybate
tupã pereõ roire
opiri pemogoapica.



p. 169

LXIX(1)

polo Moleiro. *169v*

Pitãgî morauçubara,
yanderuba, yandejara.

3. §. Pitãgî pay Jeſu
ogoegi yanderecoape
yande anga rauçupape
ibate çui ou
yanderauçuba catu
pitãgî morauçubara
yande ∞.

10. §. Jnhirõgatupota
yandebo, yande rauçupa,
Maria riguepe oupa
yanderi oyecea,
peiori tiarobia
pitãgî morauçubara
yande ∞.

17. §. Na ababicaba ruã
Maria ixiporanga
ipupe onhemonhãga
onhemomirî Tupã
peiori, peyaiuban
pitãgî morauçubara
yande ∞.

24. §. Co putuna ri ciari
Maria rigue çui
ixi nimembira ciỳ
Naçuguij, nimaraari
Diaimomarãpotari
pitãgî morauçubara
yande ∞.

31. § Yaimõboreauçu roi
ymoyacegoa cegoabo
ixi yaçoicatuabo
oyopia roi çui
yporeauçu mirî
pitangî morauçubara
yande ∞.

38. § Ycamucey cunumi
oci camagoabo oupa,
ogibape ixi cerupa
y cambuxeme çori
yandepoipota coi
pitangî morauçubara
yande ∞.

kambu-neme
Navarro 2004

p. 169v

(1) — IIa, D 15.

45. § yaceo porara çape
cunumi poranga rui
capij çoce co tui
tapij ruçu caruape
oquerĩ omoupape
pitãgĩ morauçubara
yande ∞.

52. §. Yara cuapabe
cigoaçume rerecoara
oyoçu pota oiara
cabarareru ixupe.
Çoribĩ tura rece
pitãgĩ morauçubara
yande. ∞ .

59. §. Tiaço yande yabe
yandejarete repiaca
yande anga moyegoaca
ceraçobo çobaque
tomaẽ yande rece
pitãgĩ morauçubara
yande. ∞ .

66. §. Tianhe mopiçaçu
tecopoerapeapapa
pitãgĩ yabe yaçoapa
tiaia teco catu

170

yanderarẽ(2) Jeſu
pitãgĩ morauçubara
yande ∞.

73. § Yxi Maria çupe
tiae yayetanonga
tou yandepoçanonga
omẽbira irũmobe
tiandepea ume
pitãgĩ morauçubara
yande ∞.

80. § Tiaço yaierurebo
ſ. Maria çupe
tacecateimume
yande anga moingobebo
toimeeng cori yandebo
pitãgĩ morauçubara
yande ruba ∞.

87. §. Pejori pitanga goabo
Tupana reçareta
Cunumi moconãba
penhiãme imo*mĩdabo*
taçori pepoi *catuabo*
pitãgĩ mora*uçubara*
yande ruba, *yandejara*

p. 170

(2) — O *y-* parece emendado sôbre *tj*.

LXX(1)

dança *170v*

94. Tupãci angaturãma
ayerobia de rece
eipota miri u me
tatape xeçoaoãma

98. Eimonhego acẽ Anhãga
toyepea xeçui
eimoingo catu xeãga
pai tupã reco rupi

102. Ejori xereçapebo
tarobia catutupã
taitipa teco memoã
tayeauçubucar endebo

106. Tupã ciramo ereico
ejori xerauçuba
daçopotari mamo
de irũnamo aicopota.

110. ſta. Maria derera
aceroripabete
taxemomotarume
xeramuya recopoera

114. Topita pai Jeſu
deirũmobe xenhiame
tacepiane peretame(2)
perobaporangatu

118. Erobac orecoti
de reça porauçubara
toçopa xemaraara
quepe xeanga çui

122. Aimõbaete deroca
ipupe guipora ceya
ejori xeanga reya
imotinga ipoxi oca

126. Morauçuberecoçape
ace anga erejoçu
ei moingo pai Jeſu
de membira xepi*ape*

130. Toroauçu catu guiteco*bo*
xerecobe yacatu
Xeyequij me tereju
ibate xereraçobo

p. 170v

(1) — IIª, D 15, cf. D 16, (1). Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em D 15, onde aparecem numa única peça os ns. LXIX e LXX.

(2) — Sob o *-p* lê-se *x*.

LXXI (1)

Navarro (2004) escreve
oro-îerurébo

Outra

1. Co oroico oroporaceya
de*m*oetebo tupãci
emaẽ co tabari
oreanga poxi reya.

5. Derece oroyerobia
oroyecoc derece
orerauçuba yepe
demẽbiramo orera

9. Deirũnamo oroicopota
oroimonhang de ro coãma
eçarõ oreretãma
çapeçobo(2), çauçuba.

13. Depoguiripe oroico
derece oroyecoca
ejori oremãgoca
tupãpiri toroço

17. Çori pabẽ deboya
de ara moetecatuabo
tecopoera moaciabo
debo onhemeengaba.

veja verso 89, Página 318

Parece ser: debo onhemeengãba
Navarro (2004) escreve
ndébo o-nhe-me'enga mbá
A ti entregando-se todos.

21. Oroimõburu Anhãga
denho derapiaretebo
co oroico oreyerurebo
eipicirõ ore anga

25. Derera rẽdupabe
Anhãga ririj oçoapa
ejori muru mõbapa
toremo auye ume

29. Niapori oreçumarã
yepinhe oreraanga
ejori imoporaranga
toroitic(3) ceco memoã

33. Eimoingopucu catu
co taba tupã rece
ybitiriguarabe
orepiri t*e*reru

37. Eruparaibigoara
oreretãma irũ momo
taceta derauçupara
derece oyepiciromo

p. 171

(1) — IIa, D 16. Cf. D 16, (1).
(2) — Engano provável (çapecobo).
(3) — Riscado -*j*.

LXXII (1)

1º

1. Muito ha q̃ receiamoſ(2)
voſsa uinda bõ paſtor
paraque noſso ſoẽ
noſ conceda oq̃ eſperamoſ

5. Eſperamoſ dalçancar(3)
aconfirmaçaõ dagraça
aqual atodoſ noſ faça
ate ofim perſeuerar.

2º

9. Perſeuerar naõ podemoſ
ſe Dſ abre denoſ maõ
maſ cõ ſua confirmaçaõ
q̃ trazeiſ forteſ ſeremoſ.

13. ſeremoſ mui confirmadoſ
cõ eſte ſagrado Inguẽto
E diuino ſacram^to^
cõ q̃ ſeremoſ Criſmadoſ

3º

17. Criſmadoſ receberemoſ
agraça cõ fortaleza
pera cobrar alimpeza
q̃ pola culpa perdemoſ

21. perdemoſ acharidade
qñ amamoſ opeccado
maſpoiſ ſomoſ uoſso gado
curai noſsa Jnfirmidade

4º *171v*

25. Jnfirmidade mortal
hee aculpa, maſ poruoſ
ſeremoſ curadoſ noſ
cõ o Chriſmaſ Diuinal

29. Diuinalm^te^ eſcolhido
foſteſ pera noſ criſmar
pera Dſ noſ aceitar
porſeugado mui querido

5º

33. Quirido ſeiaiſ paſtor
dopaſtor, que deſeugado
Voſ fez paſtor eprelado
e grande adminiſtrador

37. Adminiſtrador ſoomente
ſoiſ agora, maſ ſeiaiſ
biſpo ſancto q̃ rejaiſ
Voſso gado ſanctam.^te^

LXXIII (1)

Da Conceiçaõ de N. ſ^a^
por graci g^co^ g^te^

p. 171v

(1) — IIª, A 11.
(2) — Riscado *esperamoſ*.
(3) — Engano provável (= *alcançar*).

(1) — IIª, D 17. Cf. LXIII, (1).

1. § Eua yandeci igpi
onhẽmomotarete
jba poranga rece
boyanheenga rupî
iyiquiebo, igoabonhe

6. § Ae omena çupe
iba û ucaraubi
ogoemireco rece
Jmena doupouçubi
yandereõ yanõde.

11. § Oguembiaramo pabẽ
anhãga yandepicigui
oecopochi rece
opabĩ abamondigui
ogoribamo meme.

16. § ſancta Maria rece
teco pochi nobacemi,
oecocatupupe
Anhãga apipicanhe
Mochi reco mocanhemi.

21. § Oyopic muru acanga 172
imoatã eingatuabo
çoricatu yande anga
Tupã reco momoranga
Anhãga rauçupeabo.

26. § Yandejaramõgatu
tirico ſanta Maria
Anhãga timõburu
Tupã cig tiaçauçu
cece yanhemoririya

31. § Ceco catu rerecobo
yande anga yecoçubi
ni marã nangai oicobo
meme Jeſuſ yandeçubi
yanderapeco pecobo.

36. § O mẽbira yrũmobe
Tupãcig ſancta M[a]
Ace çumarã mondiya
aceçubi yepinhe
yxui aceregiya

p. 172

41. H Tiaê yandepigape
ſanta Maria rerupa
ceco catupota çape
yande angime çauçupa
yaço tupã roripape.

LXXIV (1)

Dança

1

6 H Peiori xeirũ eta
tiaço Maria çupa
inheeng porang endupa
yande aiba toipea.

2

50. H Eneĩ tiaço tauge
ixupe yayerurebo
toimeeng cori yandebo
(2)omẽbi porãgete

3.

54. H Yporauçubacatu
Tupãcig ſ^ta^ Maria
Emonanamo açauçu
cece guinhemoririja

4.

58. H Maria(3) icatuete
nonhãdui moropotara
onhemonhang yandejara
cigueporanga pupe.

5 *172v*

62. H Anhete co cerapoan
Maria reco poranga
Deitee ipupe Tupã
pitangamo onhemonhãg*a*

6

66. H Virgẽramo oicobobe
Maria cunhãgatu
puruaramo rae
tecopochi oimõburu

7.

70. H Noipotari yanderi
yandeçumarãpuama
yandereco caturãma
oi meenguca iepi.

8.

74. H Jmẽbira oarumuã
amo putuna rece
pitangĩ porangete
ixi naçugui tiruã
yacui, nicoarinhe

9

79. H Jeſuſ imẽbira rera
ae yande picirõ
ceco omõgaturõ
yandereco pochi poera

p. 172v

(1) — IIª, D 17. Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em D 17, cf. LXXV.

(2) — Riscado *omemb-*.

(3) — Riscado *it-*.

10

83. H Açauçu catupota
xeiarĩ pai Jeſu
timaẽduacatu
xerece xerauçuba

LXXV(1)

Outra

1

1. H Yandeiara arire
mamoçui¶reyaruri
çerobiacatuabonhe
oyetanonga ixupe
imbaerãma reruri

2

6. H Reya anheco ar ijara
pitangĩ çupe oû
oçauçubetecatu
opigape omonhãgara

3

10. H Deitee miauçubeta
icoara momorãga
Reya recopoeraanga
Tupã rece oyerobia

4

14. H Ixe cece guiporãdupa
xeroca çui aiu

Anhe*mo*eçaĩgatu
miau*çube*te rauçupa

5

18. H Xenaiupotaribiã
Caraiba moabaitebo
memenhe moxi yãdebo
mara ey memoã memoã

6

22. H Na ey meme yepi
yanderepiaca cerã
iporangete cunumi
miauçubãbuerĩ mã

7

26. H Como noſ uẽ piquinonoſ
dançadoreſ, egaiteiroſ
logo dizem oſ malinoſ
o q̃ bonitoſ mininoſ
paraſer noſsoſ boeyroſ

8

31. H Tate tate cunumi
nãdenupai Caraiba
ynhemoirõdoa*mo*xi
noipetequi deatiba
goereco aibari

p. 173

(1) — IIª, E 6. Cf. LXXIV e IIª, E 6, (1).

9

36. H yabaib aipo nheenga
taugete tianhẽboi
tinhirõgatu cori
yandebo pinda meẽga

10

40. H Xe Jeſuſ angaturãma
yxig Maria ribe
aporacei potanhe
xeanga recoberãma
toimeeng guijaboê.(2)

(2) — Emenda (*ê*) sôbre, riscado, *-nhe*.

LXXVI (1)

1. Yabaete pai Jeſu
yandeçu marã mõdija
yanderauçuba catu
Tupãci ſta Maria.

5. H Yanderogui cĩ meme
Anhãga yãdemõboya
Tupã cig yande cenoya
oimoacicatuete

Yanderogui cĩ meme

9. H Yande te yapic ume *173v*
cenoya muru mõdiya
yanderauçubarete
Tupã cig ſta Maria.

13. H Jeſu ereme mochi
ciquigeu onhanaupa
Tupã ci rera rẽdupa
obebe yandeçui

Tupã cig →

17. Maria tiambori
Anhãga reco regija
yanderauçuba yepi
Tupã cig ſta Maria

21. H Yande anga çumarã
oyoupe yanderiquij
ixui yande regij
yanderubete tupã

25. H Tupãcig mochi oinupã
imonhana imoririja
yanderauçubacatu
Tupã cig ſta Maria

p. 173v

(1) — IIª, D 18.

29. H yande mõburuburu
yande anga upota
yaraa yagoara ya
yanderaquipoe mbou

33. Maria, pai Jeſu
erendupa oço ocija
yande rauçuba catu
Tupã cig ſ^ta^ Maria.

37. H Yande repenhã penhã
yande momochi moãga
ſ^ta^ Maria poranga
ocenopuãpuã

41. oirarõ, oimoanhã
çatapemoxi mõdija
yande rauçuba catu
Tupã cig ſ^ta^ Maria

45. H Oyecotirutirung
oporomo niguepota
Tupãcig cerubura
mururi opurupurung

49. ybutu yabe oçunung
yaba eteçui ocija
yanderauçuba catu
Tupãcig ſ^ta^ Maria.

LXXVII (1) 174

Miſterioſ gozozoſ

1. H O Virgẽ Maria
Tupã cig ete
Abaparapora
oico nde yabe.

5. H De mõbaete
Tupã derauçupa
de ijbija pupe
pitangamo oupa
oiara rerupa
ypo derigue
Abap.

13. H ſ. João pitangĩ
tiguepe oupape
derura andupape
opo oporĩ
Jeſu oiarĩ
cuapa aunhenhe
Abap.

21. H Nitibi tugui
demẽbiraçape

p. 174

(1) — IIa, D 9. Cf. XXXIV e Ia, IV, (1).

Ende degibape
Jeſu ereçupi
ipoya miri
nde cama pupe
Abap. ∾.

29. H Ojara reca
Reya bacẽbape
y yetanõgape
çori depiga
pitanga roba
ceçaẏ ixupe
Abap. ∾.

37. H De pope ogoapica
oço cunumi
Tupã tuba ri
dereroyaibica
demoapicica
oguba rece
Abap. ∾.

Dapaixaõ

45. H Teõ rerobica
ci aytecatu,
çugui turuçu
yanga apipica
ibipe ocirica
putunapupe
Abap. ∾.

53. H Yaipopoaratã
y moangaipapa
çugui mõbucapa
y ai nupã nupã
oboc denhiã
çauçuba rece
Abap. ∾.

61. H Oique Jugoaçu
yacanga cutuca
opa ymõbupuca
oimomboreauçu(2)
xejara Jhũ
çoçang porece
Abap. ∾.

69. H Oatijbari
Cruça o çupi
membeca çui
Jeſu ceroari,
cece ibiapoari(3)
dereçape nhe
Abap. ∾.

p. 174v

(2) — Não se encontra no original. Restituiu-se conforme a p. 37v.
(3) — Emenda (*ibia*) sôbre quatro letras riscadas, ilegíveis.

77. H yaipo açaça
ypig recebe
cruça çocenhe
xejara moya
oique itapigoa
de anga pupe
Abapara pora
oico de yabe.

Gloriozoſ

85. H Ocẽ oicobebo
Otimi!roire
Anhãga ndibe
teõ mo augebo
de rocpe oiquebo
de çupa aunhenhe
Abap. ∾.

93. H Jbaca raçapa
oço dereja
opo oboya
depope ymogapa
Tupã moyoyapa
cecou ybate
Abap. ∾.

101. H De anga oçapi
çata oguegipa
Tupã rerogipa
ibaca çui
ocic oreri
cendi yepinhe
Abap. ∾.

109. H Teõ bacẽbape
Tupã tubapiri
Jeſu derupiri
ndemoeteçape
Jeſu ecatuape
denho ereime
Abap. ∾.

117. H Ende orejara
Cunhapiatã
ybacpe ndoara
opa ereyopoã
oreçu marã
reitica meme
Abaparapora ∾.

p. 175

LXXVIII (1)

Doſ Jrmaõſ Martyreſ. *175v*

1. Ahogoloſ enlamar
el hereje cõ furor.
Ieſu dulce redentor
coneſto quiſo ahogar
ſuſ peccadoſ con amor.

6. H Vn exercito dichozo
el ſumo dioſ eſcogio,
el qual tambiẽ peleo,
q̃ confin mui gloriozo
cõ dioſ y por dioſ murio.

11. El Jaquez loſ condeno
ſin elloſ le conſtraſtar
y con muerte ſingular
cõ la ſententia, que dio
ahogoloſ en la mar.

16. H O ualienteſ cauallero ſ
q̃ uenciſ no reſiſtiendo
maſ cruel muerte ſufriẽdo
como mui mançoſ cordero ſ
por el cordero muriendo.

21. ſu manſedumbre ſiguiendo
ſin temer ningũ dolor
hechoſ hoſtiaſ de loor
vr̃aſ uidaſ conſumiendo
el hereje con furor.

26. H Holocauſto mui entero
fueſteſ en uro biuir
holocauſto enel morir
pueſ todoſ por el cordero
oſ dexaſteſconſumir.

31. Enla mar pudo hundir
loſ cuerpoſ el matador
maſ al cielo con honor
laſ almaſ hizo ſubir
Ieſu dulce redemptor.

36. H El quiſo ſer ahogado
en la mar deſu paſsion
paraque nrc̃ peccado
enella fueſse arrojado
con copioſa redemptiõ

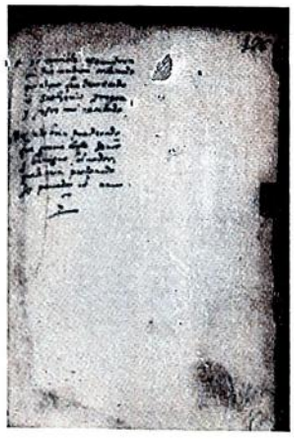
41. Y ſi quiſo, quel ladron
oſ dieſse muerte en la mar
vrãſ animaſ lauar
y ſuſ culpaſ de rondon
coneſto quiſo ahogar.

(1) — IIa, B 29.

p. 175v

46. H o q̃ terrible eſquadron
de dioſ tambien ordenado
por el qual fue derrocado
el ſathanico Dragon
y Jeſuſ mui exaltado,

51. Maſ tudo bien ponderado
fue gracia deſte ſeñor
y benigno ſaluador,
quele auia perdonado
ſuſ peccadoſ cõ amor.



p. 176

1. 1 Onde uaſ taõ apreſado
periquito tangedor.

2 a uer noſso bõ paſtor.

4. 1 peraque quereſ andar
ecorrer cõ tantapreſsa?

2 pera uer(2) noſsa cabeça
q̃ noſ uẽ auiſitar.

1 Din*o* he defeſteiar(3)
con cantareſ de louuor
eſte noſso bõ paſtor

11. E tu ſabeſ quẽ noſ deu
eſtepaſtor excellẽte?

2 opaſtor omnipotente
q̃ por ſeu gado morreu
chamaſe Bertolameu
grande ſeruo do ſõr
eſte noſso bõ paſtor

18. 1 e q̃ ſobre nome tem?

2 ouvi dizer, q̃ ſimõiſ

1 ganharemoſ mil perdoiſ
poiſ en nome ded*ſ* uem.

2 Naõ deſconfie ninguem
doſoberano fauor
poiſ que*te*moſ talpaſtor.

25. 1 tenſ ouuido
outro nome eapelido
q̃ tem la na derradeira?

2 Imagino, q̃ pereira
q̃ dafruito mui ſubido
con exemplo conhecido
de doctrina ebõ odor
pera ogado doſor.

33. 1 Dize tu, qualhe ogado
q̃ elle uẽ apacentar

2 opouo deſte lugar
peloſ peſ bautizado.

1 Eſera bẽ confirmado
nafee de noſso ſõr
po*la* maõ deſte paſtor.

40. E que traz para noſ dar?

2 hũ oleo ſagrado e bento
q̃ ſe chama ſacramto
cõ q̃ noſ ha de criſmar
perapoder peleijar
contra ſathanaſ traidor
con aiuda do paſtor

47. 1 E quẽ pode confirmar
ſe naõ ha biſpo ſagrado?

2 tambẽ onoſso prelado
poiſ opapa lho quer (4) dar
e por iſso quiſ chamar
outro biſpo cõlouuor
onoſso adminiſtrador

54. 1 ſegundo iſso parece
que amitra ſo lhe falta?

p. 176v

(1) — IIª, A 12.
(2) — Sob o *-r* lê-se *s*.
(3) — Riscado *-ſte-* (de *ſte*feſteiar).
(4) — Emenda (*er*) sôbre borrão.

2 Iſso he couſa mui alta
maſ elle bẽ amarece.

1 Oſe ora dſ quiſeſse
q̃ uieſse tal honor
para noſso bõ paſtor

61. 2 Vamoſ *l*he *a* beijar a maõ

1 *ſouconvente*
darnoſha ſua bençaõ
ſantamte

2 diremoſ anoſsa gente
q̃ uenhaõ adar louuor
ao noſso bõ paſtor.

68. *E* uoſ manda por tençaõ
ſõr adminiſtrador
q̃ façaiſ con gran feruor
q̃ ſe aumente aconuerſaõ
para gloria doſõr.

LXXX (1)

1. Lo dulce no guſtara
quien no guſta delo azedo
como Ignacio dazeuedo

4. H el exceſso damarguraſ
quel buẽ Ieſuſ padiſcio
con amor laſ conuertio
en exceſso de dulçuraſ
cõ q̃ al hombre regalo

adiante eſta na outra ÷|÷

9. Lo Vno y otro bibio
Ignacio q̃ muerto eſta
con muerte, q̃ uida da 177
porque quien hiel no guſtô
lo dulce no guſtara.

14. H El trabajo, abatimiento
dolor, muerte, azedoſ ſon
bebioloſ de coracion
con exceſsiuo contento
Ignacio grande uaron

19. ſi quereſ tal bendicion
ſiguelo con gran de nuedo
porque eſ Juſticia y razon
notenga conſolacion(2)
quien noguſta delo *a*zedo

24. H Az*e*uedo azedo queda
ſi ſacaſ de medio el ue
porque lo azedo fue
para ignacio uina rueda
con q̃ ſe prouo ſu fe

29. ſu amor perfecto fue
deſechãdo todo miedo
pueſ quien tal exẽplo ue
firme enſolo dioſ ſu pie
como Ignacio dazeuedo.

p. 177

(1) — IIª, B 30.
(2) — Riscado -c- (conſolaccion).

LXXXI (1)

1. Doſ cabritaſ conbatterõ *177v*
el poderozo gygante
ellaſ paſsan adelante
y uencidaſ lo uencieron
el quedo maſ triumphante.

6. H Como echo por el peccado
Dioſ al hombre maldicion
q̃ de gerra y tentacion
Viuieſse ſiempre cercado
con dolor de coracion

11. Contra el triſte con razon
loſ uicioſ ſe embraueſcieron
y tan atreuidoſ fueron
q̃ al fortiſo leon
doſ cabritaſ combatieron.

16. H Primero fueron cabritaſ
la Niceta y Aquilina
maſ boluiolaſ mui aîna
ſ. Chriſtouao corderitaſ
con lapoteſtad diuina

21. Con la carnal golozina
ſe le poniam delante
maſ conſu caſta doctrina
laſ ſaco detal cantina
elpoderozo gigante.

26. H Truecã loſ guſtoſ carnaleſ
por el diuino ſolaz
corrẽ libreſ deſuſ maleſ
aloſ guſtoſ celeſtialeſ
dela ſoberana paz.

31. No pueden eſperar maſ
con deſeo deſu amante
mueren cõ pecho conſtante
ſ. Xpaõ queda atraſ
ellaſ paſsan adelante

36. H En la fe bien cofirmada
no timieron al feroz
tyrano, ni muerte atroſ
de Xpaõ animadaſ
con ſu exemplo y cõ ſu boz

41. Primeiro uencio laſ doſ
qñ endioſ por el crieron
ellaſ deſpueſ maſ corrierõ
anteſ del muertaſ pordioſ
y uencidaſ lo uencieron

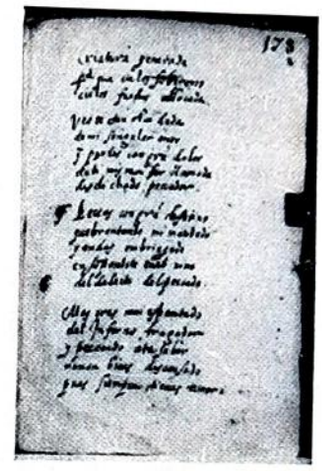
p. 177v

(1) — IIa, B 31.

LXXXII (1)

1. Criatura generada 178
p.a que enloſ ſoberanoſ
cieloſ fueſseſ collocada(2).

4. Veo te tan olui dada
de mi ſingular amor
q̃ puedeſ con grã dolor
de ti miſmo ſer llamada
deſdichado peccador.

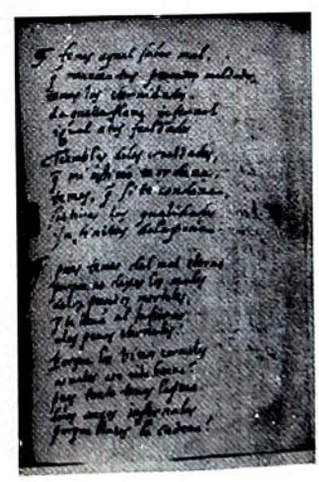


p. 178

9. Peccaſ con grã deſatino
quebrantando mi mandado
y andaſ embriagado
enſopandote enel uino
del deleite delpeccado.

14. Maſ ereſ mui eſpantado
del Jnferno tragador
y peccando atuſabor
nunca biueſ deſcanſado
pueſ ſiempre tieneſ temor.

19. F temeſ aquel ſũmo mal *178v*
q̃ merecen tuſ maldadeſ(3)
temeſ laſ eternidadeſ
daquellaflama infernal
igual atuſ fealdadeſ



p. 178v

24. Tiemblaſ delaſ crueldadeſ,
q̃ mi iuſticia te ordena,
temeſ, q̃ ſi te condena,
ſintiraſ laſ qualidadeſ
Jnfinitaſ delapena.

29. F pueſ temeſ del mal eterno
porque no dexaſ loſ maleſ
deloſ peccadoſ mortaleſ,
q̃ te lleuã al Jnfierno
alaſ penaſ eternaleſ?

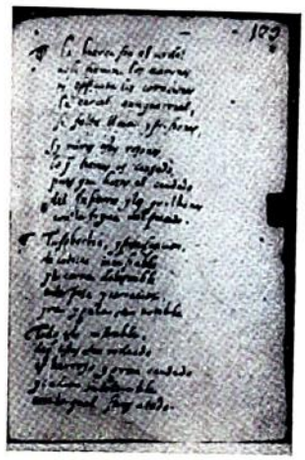
34. Porque loſ vicioſ carnaleſ
no ma*taſ* con uida buena?
pueſ tanto temeſ lapena
delaſ cueuaſ infernaleſ
porque hazeſ la cadena?

---

(1) — IIa, B 32.
(2) — Borrão (*-co.*)
(3) — Riscado *peccadoſ*.

39. F la huerca ſin el cordel 179
nola tiemen loſ uaroneſ
ni eſpanta loſ coracioneſ
la carcel aunque cruel,
ſi faltã llaue yprijioneſ,

44. ſy miraſ eſtaſ razoneſ
lo q̃ tiemeſ aſ cauſado,
pueſ que hazeſ el candado
del Jnfierno yloſ grilhoneſ
con la ſogua delpeccado.



p. 179

49. F Tuſoberbia, ypreſuncion,
tu codicia inçaſiable
y tu carne deleſnable
entorpeza ycorrucion,
yra ygula tan notable

54. Todo eſto miſerable,
deq̃ eſtaſ tan rodeado
eſ herroſo y gran candado
ycadea intolerable
conlaqual ſeraſ atado.

59. F Tu miſmo por tu querer *179v*
al peccado te entregaſte
y conel tualma ataſte,
ſin nunca amar, ni temer
a mi, contra quien peccaſte.

64. Pueſ tualma captiuaſte
con culpaſ, dequeeſta llena,
yuſto eſ, quete den pena,
q̃ tu miſmo pro curaſte,
pueſ la culpa te condena.

p. 179v

69. F Tu conſciencia te aguijona
por loſ maleſ, enque eſtaſ,
ni te dexa tener paz
porque ella nuncaperdona,
aquien ſigue aſthanaſ,

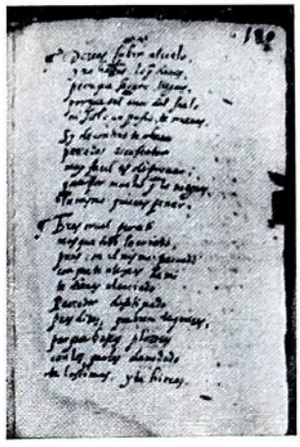
74. ſy cadauez peccaſ maſ,
ſin te querer emendar
no tepodraſ quietar,
y quien biue ſin compaz
paz no tiene ſin dudar.

79. F Dezeaſ ſubir alcielo, 180
y no hazeſ lo q̃ deueſ,
peraque ſeguro llegueſ,
porque del amor del ſuelo
ni ſolo un paſso te mueueſ.

84. ſy de contino te atreueſ
peccadoſ acreſentar
muy facil eſ deprouar
quepor mucho q̃ lo niegueſ
Tu miſmo quereſ penar.

89. F Ereſ cruel pera ti
maſ que todo lo criado,
pueſ con el miſmo peccado
con que te alexaſ de mi
te teneſ alanciado

94. Peccador deſatinado
pueſ dizeſ, quebien tequereſ,
porquebuſcaſ plazereſ
con loſ qualeſ denodado
te laſtimaſ, yte hereſ.



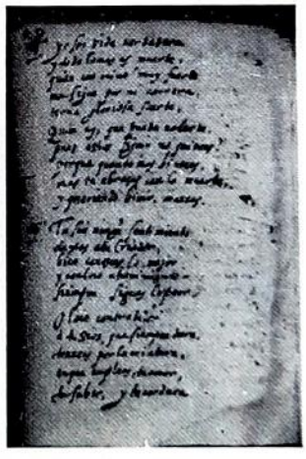
p. 180

99. F Yo ſoi vida uerdadera *180v*
y todo lomaſ eſ muerte,
quien con animo muy fuerte
meſigue por mi carrera,
terna glorioſa ſuerte,

104. Quien ay, que pueda ualerte,
pueſ aDioſ ſiguir no quereſ ?
porque quanto maſ bi uereſ,
maſ te abraçaſ con la muerte,
y queriendo biuir, mureſ.

109. F Tu ſin ningũ ſentimiento
dexaſ atu Criador,
bien conoſceſ lo mejor
y conloco atreuimiento
ſiempre ſigueſ lopeor.

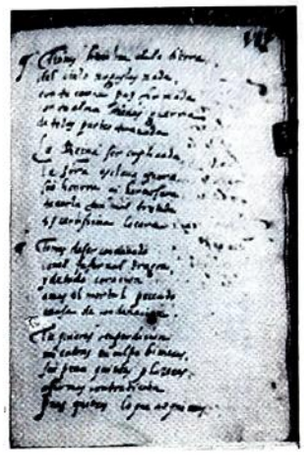
114. O loco contratador
a tu Dioſ, queſiempre dura,
truecaſ por la criatura,
enque empleaſ tu amor,
tuſsaber, y tu cordura



p. 180v

119. F Tiene∫ hambre dela tierra 181
del cielo nogu∫ta∫ nada,
con tu carne paz firmada
con tu alma tiene∫ guerra
de toda∫ parte∫ trauada

124. La Reina ∫er captiuada,
la ∫õra e∫claua e∫cura
∫in honrra ni hermo∫ura,
tenerla tan mal tratada
e∫ certi∫sima locura.



p. 181

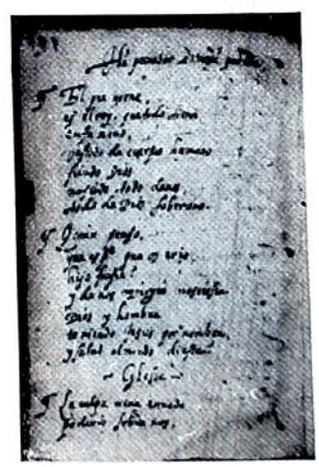
129. F Teme∫ de∫er condenado
conel Jnfernal dragon,
ydetodo coracion
ama∫ el mortal peccado
cau∫a de condenacion.

134. Tu quiere∫ tuperdicion
mi entra∫ en culpa biuiere∫,
∫in pena quiere∫ plazere∫,
afirma∫ contradicion
pue∫ quiere∫ lo que no quiere∫.

LXXXIII (1) *181v*

Hũ peccador à Uirgẽ parida

1. F El que uiene,
e∫ elrey, quetodo tiene
en∫u mano,
ve∫tido de cuerpo humano
∫iendo Dio∫
na∫cido todo deuo∫,
todo de Dio∫ ∫oberano.



p. 181v

8. F Quien pen∫o,
que el pe que o∫ crio,
hijo fue∫se?
y de uo∫ Virgen na∫cie∫se
Dio∫ y hombre
teniendo Je∫u∫ por nombre,
y∫alud al mundo die∫se?

~ Glo∫sa ~

15. F La culpa tiene tomado
poderio ∫obre no∫,

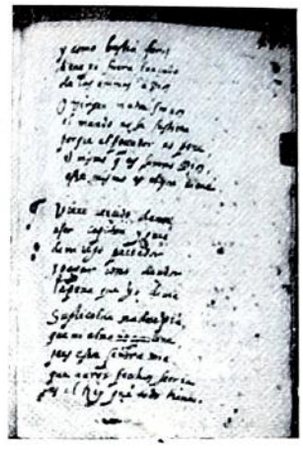
(1) — IIa, B 33.

y como beſtia feroz 182
tiene*ya* fuera lançado
de laſ animaſ a Dioſ.

20. O Virgen madre ſin uoſ
el mundo no ſe ſuſtiene
porque el peccador no pene,
el miſmo q̃ eſ ſummo Dioſ,
eſse miſmo eſ elque uiene.

25. F Viene uencido damor
aſer capitan y guia
de mi cego peccador
ypagar como deudor
lapena que yo diuia

30. ſuplicalde madrepia,
que mi alma no condene,
pueſ eſse ſenora mia
que aurõſ pechoſ ſecria
eſ el Rey que todo tiene.



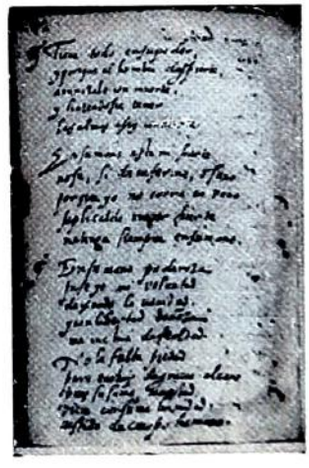
p. 182

35. F Tiene todo enſupoder, *182v*
yporque el hombre deſpierte,
amenazalo con muerte,
y hazendoſse temer
laſ almaſ aſsy conuierte.

40. En ſu mano eſta mi ſuerte
noſse, ſi de enfermo, oſano
porque yo no corra en vano
ſuplicalde muger fuerte
metenga ſiempre enſumano.

45. F En ſu mano poderoza
puſe yo mi voluntad
dexando la uanidad,
y con liberdad dañoza
me inchia defealdad.

50. No le falta piedad
para enchir degracia aluano
pueſ ſu ſuma maieſtad
viene con ſũma humidad(2),
ueſtido de cuerpohumano.



p. 182v

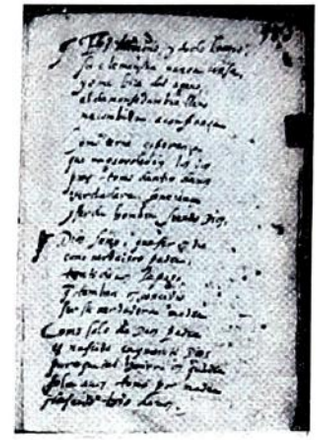
(2) — Engano provável (= *humildad*).

55. F Eſ humano, y todo bueno 183
ſu clemenſia nunca canſa,
yome hize del ageno,
el de manſedumbre lleno
mecombida a confiança

60. Como no(3) terne eſperança
que me goardareiſ loſ doſ
pueſ tomo dentro deuoſ
uerdadera ſemeiança
yſerde hombre ſiendo Dioſ.

65. F Dioſ ſũmo, queſer oſ dio
como uerdadero padre,
tanto de uoſ ſepago,
q̃ tamben oſ concidio
ſer ſu uerdadera madre

70. Como ſolo de Dioſ padre
eſ naſcido enquanto Dioſ
para que tal honrra oſ quadre
ſola auoſ tomo por madre
Naſcido todo deuoſ.



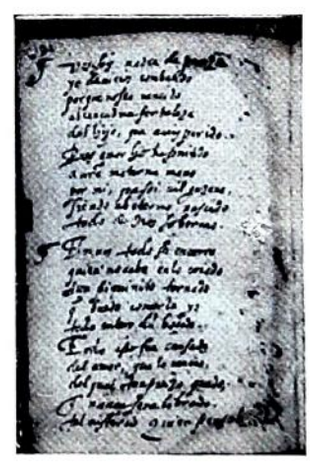
p. 183

75. F Voſ ſoiſ madre de pureza(4) 183v
yo deuicioſ combatido
porque noſea uencido
alcançadme fortaleza
del hijo, que aueiſ parido.

80. Pueſ amor Lohaſomitido
a urã materna mano
por mi, queſoi uil guzano,
ſiendo ab eterno naſcido
todo de Dioſ ſoberano.

85. F En uoſ todo ſe encerro
quien no cabe en lo criado
tan piquinito tornado
q̃ puedo comerlo yo
todo entero dũ bocado.

90. Todo eſtofue cauſado
del amor, que lo uencio,
del qual tanprezo quedo,
q̃ noncaſeralibrado.
tal miſterio Quien penſo?

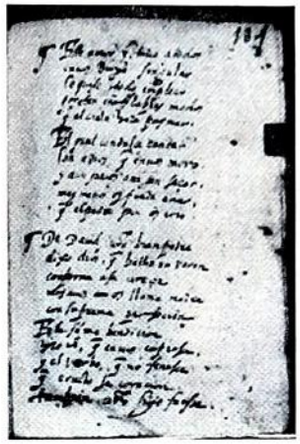


p. 183v

(3) — Emenda (*no*).
(4) — Quase ilegível.

95. F Eſte amor q̃ tuuo a todoſ 184
enuoz Virgẽ ſingular
lo quiſo todo emplear
por tan inẽfflableſ modoſ
q̃ el cielo hazẽ paſmar.

100. El qual condulce cantar
loa a Dioſ, q̃ enuoſ moro
y a*un*queoſ ame ſen ſeçar,
muy menoſ oſ puede amar,
q̃ elpadre que oſ crio.

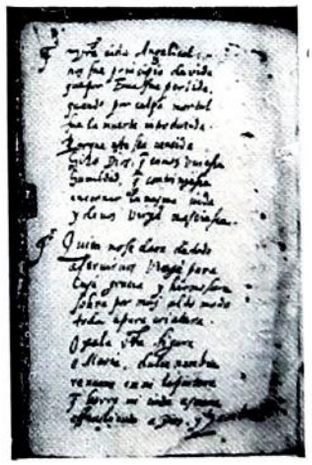


p. 184

105. F De Dauid urõ buenpadre
dixo dioſ, q̃ halho un varon
conforme aſu coraçon
maſ auoſ(5) oſ llama madre
con ſuprema perfecion

110. Eſta ſũma bendicion
hizo el, q̃ en uoſ cupieſse,
y el Verbo, q̃ no teneſse
q̃ cruẽto ſu coracion
tambien urõ hijo fueſse.

115. F Vrã uida Angelical 184v
noſ fue principio de vida
quepor Euafue perdida,
quando por culpa mortal
fue la muerte introduzida.



p. 184v

120. Porque eſta ſea uencida
hizo Dioſ, q̃ en uoſ viueſse
humildad, q̃ contrinjeſse
encarnar la meſma uida
y de uoſ Virgẽ naſcieſse.

125. F Quien noſe dara detodo
aſeruir uoſ Virgẽ pura
Cuja gracia y hermoſura
ſobra por muj alto modo
toda apura criatura.

130. Oxalá Vrã figura
o Maria, dulce nombre
renueue en mi lapintura
q̃ borro mi uida eſcura
offendiendo a Dioſ, y hombre.

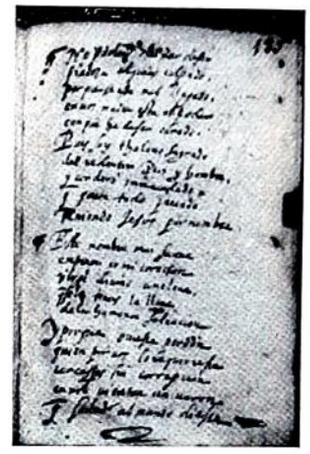
(5) — Há duas letras intermediárias riscadas.

135. F No podeiſ deixar deſer 185
piadoza alqueeſ culpado,
porqueſe eſta mal llagado
en uoſ madre eſta el poder
con que ha deſer curado.

140. Pueſ ſoiſ thalamo ſagrado
del redentor Dioſ y hombre,
y cordero immaculado
q̃ quita todo peccado
teniendo Jeſuſ por nombre.

145. F Eſte nombre mui ſuaue
empremi en mi coraçon(6)
Virgẽ diuino conclaue,
q̃ ſola teneiſ la llaue
de la humana ſaluacion

150. Y porque ouieſse perdon
quien por uoſ lo requirieſse
cercaſteſ ſin corrupcion
en vro uientre un uaron
q̃ ſalud al mundo dieſse.



p. 185

(6) — Riscado -*i*- (coraçion).

LXXXIV (1)

Hum peccador ao *185v*

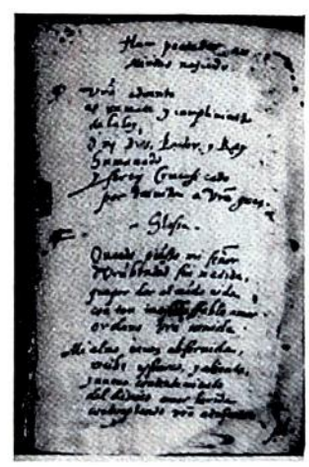
Minino naſcido.

1. F Vrõ aduento
eſ remate y cumplimiento
delaley,
O mj Dioſ, Paſtor, y Rey
humanado
y ſereiſ Crucificado
por dar uida a Vrã grey.

~ Gloſsa ~

8. F Quando piẽſso mi ſeñor
Vrã bondad ſin medida,
quepor dar al mũdo uida
con tan inefable(2) amor
ordeno Vrã uenida.

13. Mi alma enuoſ abſoruida,
recibe eſfuerço, y aliento,
y nueuo contentamiento
del diuino amor herida
contemplando vrõ aduento.



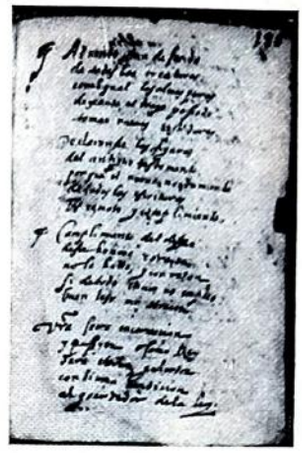
p. 185v

Ad-

(1) — IIª, B 34.
(2) — Riscado -*ffla*- (ine*ffla*ffable).

18. F Aduento tan deſeado 186
de todaſ laſ creaturaſ,
conelqual laſ almaſ puraſ
dexando eltraje paſsado
toman nueuaſ ueſtiduraſ.

23. Declaranſse laſ figuraſ
del antiguo teſtamento
por que el nueuo mandamiento
de todas laſ eſcrituraſ
Eſ remate y complimiento.



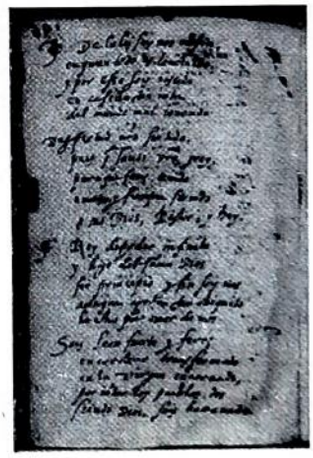
p. 186

28. F Cumplimiento del deſseo
deſtehumano coraçon
nolo hallo, y con razon
ſi detodo en uoſ no empleo
buen Ieſu mi coraçon.

33. Vr̃a ſacra encarnacion
y paſsyon oſũmo Rey
dara eterno galardon
con diuina bendicion
algoardador dela ley.

38. F De la lei ſoiſ uoſ elfin, *186v*
enquien todo eſ concluido,
y por eſso ſoiſ naſcido
en caſilla tan roin
del mundo mal conocido.

43. Deſpertad nr̃o ſintido,
pueſ q̃ſomoſ Vrã grey,
paraqueſeaiſ temido
amado, yſiempre ſeruido
O mi Dioſ, Paſtor, y Rey.



p. 186v

48. F Rey depoder infinito
y hijo delſũmo Dioſ
ſin principio yfin ſoiſ uoſ
aunque agora tan chiquito
hecho por amor de noſ.

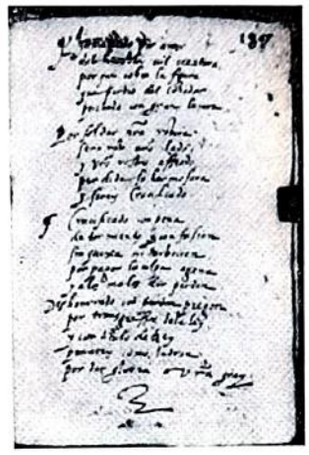
53. ſoiſ leon fuerte y feroz
en cordero tranſformado
en la Virgen encarnado,
por iũtar loſ puebloſ doſ
ſiendo Dioſ, ſoiſ humanado.

58. F humanado por amor
del hombre uil creatura,
porque cobre lafigura
queperdio del Criador
peccando congran lucura.

63. Por ſoldar nr̃a rotura
ſera roto urõ lado,
y Vrõ roſtro affeado
perdidaſu hermoſura
yſereiſ Crucificado.

68. F Crucificado conpena
de tormiento y confuſion
ſin quexa ni turbacion,
por pagar la culpa agena
y aloſ maloſ dar perdon

73. Deſhonrrado con pregon
por tranſgreſsor dela ley,
y con titulo de Rey
penareiſ comoladron
por dar gloria aVrã grey.



p. 187

LXXXV (¹) *187v*

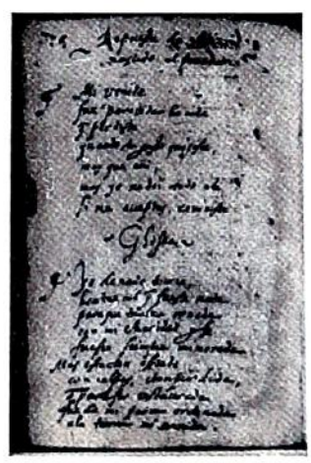
~ Repueſta do Minino
naſcido al peccador ~

78. F Mi venida
fue paratedar la uida
q̃ perdiſte
quando tu guſto quiſiſte,
maſ que ami,
maſ yo me doi todo ati
ſi me acceptaſ, reuiuiſte.

~ Gloſsa ~

85. F Yo de nada te crie,
hombre uil q̃ fueſte nada
paraque tualma ornada
con mi charidad yfe
fueſse ſiempre mimorada.

90. Maſ eſta tan affeada
con culpaſ, etanperdida,
q̃ paraſer reſtaurada
fue de mi padre ordenada
ala tierra mi uenida.



p. 187v

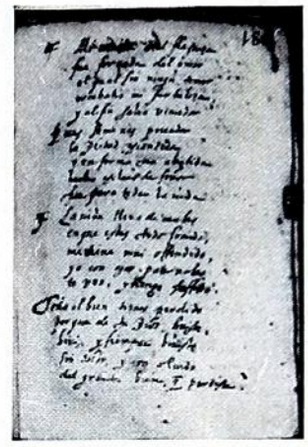
(¹) — IIª, B 34. Embora o ms. apresente esta composição isolada, parece útil manter a numeração que os versos terão em B 34, onde aparecem numa única peça os ns. LXXXV e LXXXVI.

95. *F* Mi uenida atal flaqueza 188
fue forçada del amor
el qual ſin ningũ temor
combatio mi fortaleza,
y alfin ſalio vencedor

100. Pueſ ſeme ueſ peccador
la Deidad eſcondida
y enforma tan abatida
hecho eſclauo deſeñor.
fuepera tedar la uida

105. F La uida llena de maleſ
enque eſtaſ todoſumido,
metiene mui offendido,
yo con ojoſ paternaleſ
te veo, y tiengo ſoffrido.

110. Todo el bien tieneſ perdido
porque de tu Dioſ huiſte,
biuiſ, yſiempre biuiſte
ſin dolor, y con oluido
del grande bien, q̃ perdiſte.



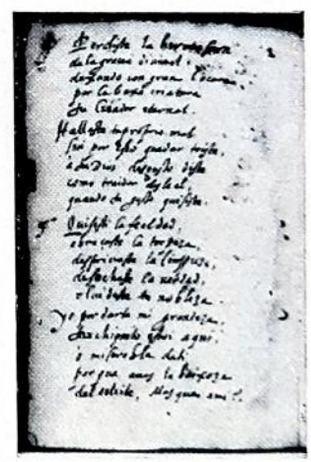
p. 188

115. F Perdiſte la hermoſura *188v*
delagracia diuinal
dexando con gran locura
por labaxa criatura
tu Criador eternal.

120. Hallaſte tuproprio mal
ſin por eſso quedar triſte,
a tu Dioſ deſguſto diſte
como traidor deſleal,
quando tu guſto quiſiſte.

125. F Quiſiſti lafealdad,
abraçaſte la torpeza,
deſpriciaſte la limpieza,
deſechaſte la uerdad,
oluidaſte tu nobleza.

130. Yo por darte mi grandeza,
tan chiquito eſtoi aqui,
O miſerable deti
por que amaſ la baixeza
del deleite, Maſ que ami?



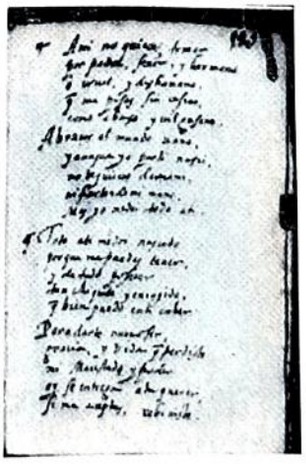
p. 188v

135. F Ami no quiereſ tomar 189 (2)
por padre, ſeñor, y hermano
Ò cruel, y deſhumano
q̃ me piſaſ ſin ceſsar,
como abaxo y uil guſano.

140. Abraçaſ el mundo uano,
y aunque yo porti naſci,
no tequiereſ darteami,
ni fiarte de mi mano,
Maſ yo medoi todo ati.

145. F Todo ati medoi naſcido
porque mepuedaſ tener,
y de todo poſseer
tan chiquito y encogido,
q̃ bien puedo enti caber.

150. Para darte nueuoſer,
gracia, y vida q̃ perdiſte
mi Maieſtad(3) y poder
oy ſe entrega atuquerer,
ſi me acceptaſ, rebiuiſte.



p. 189

(2) — De p. 189v a 199v o caderno está em branco.
(3) — Riscado *-e*.

LXXXVI (1)

Letra do V.P. Joſeph de Anchieta 200

IEſVſ.

Na Viſitaçaõ de ſ. Jſabel
ſobre eſte mote —

1. F Quien te viſito Iſabel,
q̃ Dioſ en ſu vientre tiene?
hazle fieſta muy ſolenne,
pueſ q̃ viene Dioſ enel.

~ Eſtãdo ſ. Jſabel
ſentada nũa ca
deira na Capella
anteſ de começarſe
à miſsa, entra a
viſitala hũ Romei
ro Caſtelhano.

Romeiro. ~

5. F ſalue oſ Dioſ ſ. Jſabel
q̃ enla fin de Vrõſ diaſ
aueiſ cõcebido aquel
q̃ ſera amigo fiel
y precurſor del Mexiaſ

10. Entiendo, q̃ neſte dia
de Dioſ fueſteſ viſitada
q̃ oſ traxo cõ alegria
la Virgẽ ſ. Maria,
q̃ del eſtaua preñada.

ſ. Iſabel.

15. Pareceiſ canſado eſtar,
Dezidme, quien ſoiſ her=
mano?

Rom.

Vn romero Caſtelhano
q̃ voſ vẽgo a viſitar
y ponerme en vr̃a mano.

ſ. Iſ.

20. F Biẽ vẽgaiſ fiel romero
q̃ cõ grande deuocion
a hõrrar do coraçon
veniſ cõ amor entero
mi ſãcta viſitacion.

25. F A q̃ fue vr̃a venida?
q̃ ſi quereiſ mi fauor
yo oſ lo offreſco con amor
pª q̃ cõ buena vida
agradeiſ maſ al ſenor.

Rom.

30. F Eſso quiero.
maſ q̃ me digaiſ primero
algunas coſaſ daquella
Luna llena, y clara eſtrella
Madre de Dioſ verdadero
ſiendo Virgen, y dozella.

p. 200

(1) — IIª, B 35. Sôbre a observação inicial, cf. NP, § 1.

ſ. Jſ.

36. F Pregũtad, q̃ yo oſ dire
no todo, maſ vn poquito
pueſ q̃ ya el fruto bendito
deſu vientre lo loe
Dioſ eterno y jnfinito.

Rom.

41. F Pregũto, q̃ nada ſe
deſta tã grãde ſora,
maſ eſpero, q̃ terne
augmento de amor y fe,
cõ lo q̃ direiſ agora.

ſ. Jſ.

46. Breuem.te Voſ y yo,
ſeamoſ breueſ en todo,
pueſ cõ tã Diujno modo
el Verbo ſe abbreujo
veſtido de nro lodo.

~ Pregũta o Romeiro
com o mote ~

51. F Quien te viſito, Jſabel,
q̃ Dioſ enſu viẽtre tiene?
haz le fieſta muj ſolẽne,
pueſ q̃ viene Dioſ enel.

Reſponde ſ. Jſabel

55. F Viſito me la Muger
en ſuſ ojoſ mui chiquita,
maſ la bondad jnfinita
enella pudo caber.

Cõclue o Romeiro.

59. Muger de tam grãde ſer
q̃

q̃ Dioſ enſu vientre tiene *200v*
hazle fieſta muj ſolenne
pueſ q̃ viene Dioſ enel.

ſ. Iſab.

63. F Eſ la colmena ſuaue,
donde ſe crio el panal
lleno de miel Diuinal,
quãdo le dixeron, Aue.

Rom.

67. Botica, q̃ tal xaraue
dẽtro de ſu vientre tiene,
haz le fieſta muj ſolẽne
pueſ q̃ viene Dioſ enel.

ſ. Jſab.

71. F Eſ la abeja, q̃ formo,
en ſu vientre aq̃lla miel
cõ noſotroſ Dioſ Manuel,
quando dixo, Eſclaua ſo,

Rom.

75. ſiendo tal, te viſito
la q̃ Dioſ en ſi cõtiene?
hazle fieſta mui ſolenne,
pueſ q̃ viene Dioſ enel.

ſ. Iſab.

79. F Eſ el cerrado vergel
en q̃ el fruto eſta plãtado
q̃ da vida dun bocado
alq̃ ſe mãtiene del.

Rom.

83. Pueſ tã diuino donzel
dẽtro.

p. 200v

dentro deſu viẽtre tiene,
hazle fieſta mui ſolẽne
pueſ q̃ viene Dioſ enel.

ſ. Iſab.

87. F Eſ la fuẽte bien ſellada
cõ virginidad entera,
de q̃ mana la ribera
ſapiẽncia de Dioſ llamada:

Rom.

91. A tã precioſa morada,
q̃ Dioſ en ſu viẽtre tiene,
hazle fieſta mui ſolenne,
pueſ que viene Dioſ enel.

ſ. Jſab.

95. F Eſ el pozo largo y lleno
del agua biua, q̃ eſ Dioſ,
q̃ p.ª caber en noſ,
quiſo caber en ſu ſeno.

Rom.

99. A pozo tã hõdo y bueno,
q̃ tal agua en ſi cõtiene,
hazle fieſta mui ſolẽne,
pueſque viene Dioſ enel.

ſ. Jſab.

103. F Eſ finalmẽte la madre
q̃ cerco ſin corrucion,
en ſu vientre el grã varõ
hijo del eterno Padre.

Rom.

107. No ay coſa, q̃ no quadre
a tal

a tal viẽtre q̃ tal tiene 201
hazle fieſta mui ſolenne
pueſ q̃ viene Dioſ enel.

Preg.ª *lhe* o Romero

111. F Eſſa ſõra ſagrada
no me dirieſ, a q̃ vino?

ſ. Jſab.

A traer Dioſ Vno y Trino
y dexarlo en mi poſada
hecho morador contino.

Rom.

116. F Tãbien oſ pregũto yo,
de donde fue ſu ſalida?

ſ. Jſab.

De Nazareth la florída,
deſpueſ q̃ en ſi cõcibio
ala vida, q̃ da vida.

Rom.

121. F Y como no recelo receio
tal camino tal princeza
viniẽdo cõ tãta prieſsa
& mõtañaſ, q̃ paſso
cõ tã grande fortaleza?

ſ. Iſab.

126. F Porq̃ todo ſu cuidado
eſ de trabajoſ ſuffrir,
pueſ q̃ quiſo deſcendir
el Verbo enella humanado
a padeſcer, y ſeruir.

p. 201

131. y &q̃el ſ*eruir* cõuiene
ala eſclaua da verdad
vino cõ tã*ta* humi*l*dad
ella, q̃ & *bondad* viene
a ſeruir mi ſ*ol*edad

Rom.

136. F De tan *le*xoſ *ſe a*treujo
a venir tã grã ſõra*?*

ſ. Iſab.

ſi, &q̃ enla miſma hora
q̃ a Dioſ biuo cõcibio
la hizieron portadora.

141. F No ſabeſ, q̃ eſta muger
q̃ vino cõ tanto afan
eſ la nao del mercader
q̃ p.ª noſ proueer
traxo de lexoſ ſu pan?

146. F La q̃ traxo a Dioſ del cielo
me*ti*endolo en ſuſ entrañaſ,
no eſ mucho, q̃ ſin recelo
paſsaſse & mi cõſuelo
eſtaſ aſperaſ montañaſ.

Romero

151. F Como deziſ, q̃ dexo
à Dioſ en vr̃a poſ*ada*,
pueſ quãdo da qui boluio,
enſu vientre *lo* lleuo
a ſu celda muy amada?

ſ. Iſab.

156. F Ella lo lleuo en ſu pecho
q̃ eſ recamara de Dioſ *201v*
y en ſu vientre lleuo doſ,
Dioſ y hõbre vn X̊ hecho
q̃ viene a morir & noſ.

161. F Maſ como Dioſ no ſe muda,
m*a*ſ(2) eſta en todo lugar,
no teneiſ, q̃ vacillar
ia q̃ ſin ninguna duda
*qui*ſo comigo quedar.

166. F Para mi *ca*ſa lauar
& *nu*euo y eſtraño modo
*l*ançãdo d*e*lla aquel lodo,
con q̃ pudo macular
Adam eſte mũdo todo.

Rom.

171. F Dezid me eſso devagar,
&que ſoy hõbre groſsero.

ſ. Iſab.

No ſabeiſ fiel romero,
q̃ me vino a ſaludar,
la q̃ eſ pozo verdadero?

176. F Y fuẽte muibiẽ ſellada
q̃ tr*a*xo la perẽnal
agua de*l* cielo embiada,
con la qual fueſse lauada
nr̃a *al*ma de todo mal.

Rom.

181. F y q̃ oſ dixo, quãdo entro
eſta Virgẽ ſublimada?

ſ. Jſa-

p. 201v

(2) — Sob o *-m* lê-se *ia*.

ſ. Jſab.

A Dioſ grãſ madre hõrrada
y della lodeprendio
la Igleſia ſãcta y ſagrada.

Rom.

186. F Como oſ pudo eſsa agua dar
q̃ yo cierto no *lo* ſe*?*
dezid me, eſso como fue?

ſ. Iſab.

No veiſ, q̃ ella eſ ſingular
vaſo de toda la fe?

191. F Que creyo
al Angel, q̃ le ãnũcio
la diuina encarnacion,
y al pũto, q̃ cõſintio,
en ſu vientre Dioſ entro,
como vn rio de rondon*?*

Rom.

197. F Ò Dioſ, jmmẽſa grãdeza
quien podria tal penſar?

ſ. Iſab.

Pueſ eſta ſũma prĩceza
quãdo cõ tã grã baxeza
me vino aca à ſaludar,

202. F La boz, q̃ della ſalio
no fue, ſino vn grãde rio,
q̃ *e*n laſ orejaſ me dio,
cõ q̃ primero lauo
a Iuanico hijo mio.

207. F y la boca *uir*ginal 202
q̃ traya *a Chri*ſto En ſi,
alimpio d*entro* de mi
del p*eccado orig*inal
a Juã, q̃ *entoõ pa*ri

Rom.

212. F Eſte pũto eſ *far*ſ*ea*do,
de*cla*radme lo mejor

ſ. Iſab.

El niño eſtaua *enlo*dado
del original peccado,
ſin ſentido ni vigor,

217. F Maſ viniendo ſu ſor
en laVirgen encerrado,
al pũto, q̃ fue lauado
dio ſaltoſ cõ grã feruor
ſin la carga del peccado.

Rom.

222. F De quien tuuo tal poder
tal ſaber, y tal ſentido?

ſ. Iſab.

De Dioſ, q̃ le dio à entẽder,
q̃ neſta ſãcta muger
venia todo metido.

227. F Y, tratãdo alla loſ doſ
niñoſ en hora mui buena
la Virgẽ de gra^a llena
cãto en loor de Dioſ
ſu muj dulce cantilena,

p. 202

232. De myſterio tã preñada
quãto el *la Vir*gen madre
eſtaua *ya toda hi*chada
el viẽtre *tiendo* ocupada
del Vr̃o *diui*no Padre.

237. F Y Voſ *o* ſãcta Jſabel
dez*idme* q̃ recebiſteſ
cõ *la uen*ida daquel
q̃ en ſu *ce*rrado vergel
*en ur̃a ca*ſa acogiſteſ(3)?

ſ. Iſab.

242. F Re*cebi* deſu bõdad
ſer cobierta conel mãto
de ſu jmmẽſa piedad
llena de ſpiritu ſãcto,
q̃ eſ Dioſ ſũma charidad.

Rom.

247. Zaccariaſ Vrõ viejo
q̃ todo mudo quedo,
& q̃ al Angel no creyo,
& eſte tan claro eſpejo,
dezidme, q̃ recebio?

ſ. Iſab.

252. F Por el le vino la luz,
cõ la qual prophetizo,
y la boz, cõ que canto,
Bendito ſea Ieſuſ,
q̃ ſu *pue*blo redimio.

p. 202v

257. F ytodo lleno quedo *202v*
del ſpũ Diuino,
Cuya gracia lo colmo,
enla qual perſeuero
haſta la fin de cõtino.

262. F Pueſ ſabeiſ, q̃ reſulto
deſta ſu ſãcta venida?
q̃ quedo cõſtituida
del hijo, q̃ cõcibio
& ſõra dela vida

267. F Madre de miſericordia,
madre de conſolacion,
q̃ con ſu viſitacion
arrãca toda diſcordia
del humano coraçon.

272. F Ella loſ ſanoſ viſita,
enfer*mo*ſ, attribuladoſ,
perſeguidoſ, maltratadoſ,
q̃la bõdad Jnfinita
tiene pª ſi guardadoſ.

Rom.

277. F Y loſ maloſ peccadoreſ,
no entran eneſsacuenta?

ſ. Iſab.

A eſsoſ libra dafrenta
haziendoleſ mil faurореſ,
ſacandoloſ de tormẽta.

282. Porq̃ al pũto, q̃ eſ llamada
cõ humilde coraçon
la pi

(3) — Os VV. 232-241 estão muito prejudicados.

la piadoza abogada
lo oye damor llagada
*ſin ni*nguna dilacion

287. F Negociando cõtricion
cõ ſu hijo mui amado,
cõ q̃ el peccador culpado
& ſu pia jnterceſsion
*ſea l*ibre y perdonado.

Rom.

292. F Quãto deue el peccador
tã benigna madre hõrrar,
pª poder eſcapar
daquel eterno dolor,
en q̃ oujera depenar.

297. F y & eſso aca me vine
*eſ*perãdo, q̃ oiria
nueua de tanta alegria
pª que no deſatine,
y me pierda eneſta via.

ſ. Iſab.

302. F Por eſso la madre pía
a quien el hijo entrego
el hõbre, & quien moria,
huelga tãto eneſte dia,
en que tal nõbre gano

307. De madre de peccadoreſ,
abogada de culpadoſ,
refugio dattribuladoſ,
medicina de doloreſ,
liberdad dencarceladoſ.

p. 203

312. F Como Nrõ *Dſ eſ* tal
tã benigno y*piado*ſo
ſu majeſtad *diuin*al
eſte titulo re*al*
tiene & maſ *glorio*ſo

317. F Aſsi la m*adre diu*ina
ſe precia m*ui deſ*te nõbre
de piadoſa y *benig*na
queriẽdo ſer *la re*ina
*de*l peccador *y del* hõbre(4).

.ſ. Jſab.

322. F Eſso eſ cierto
& q̃ entodo ſu cõcierto
como la linda dõzella
la pieça maſ rica, y bella
trae ſiempre al deſcubierto
mirãdo ſe ſiempre enella,

328. F Aſsi la Virgẽ Maria
de mil virtudeſ ornada
trae del cuello colgada
cõ grã guſto y alegria
la pieça maſ eſtimada

Rom.

333. yno me direiſ, qual eſ,
aq̃lla pieça tan fina?

ſ. Jſab.

Miſericordia benígna
la qual dende ſu niñez
le dio la mano Di*uin*a.

(4) — Os VV. 312-321 estão muito prejudicados.

338. *Eſta tiene ãte ſuſ* ojoſ
ſin dex*ar*la de mirar
para h*azer* olujdar
à Dio*ſ loſ* muchoſ enojoſ,
q̃ el hõ*br*ele *ſu*ele dar.

Rom.

343. F Por eſso *loſ* moradoreſ
daque*ſta* Capitania
& a*lcanç*ar *ſu*ſ ſauoreſ
andan cõ tãtoſ feruoreſ
eneſta ſu cõfradia(5).

348. F Porq̃ eſta ſãcta hermãdad
q̃ con pobreſ exercita
laſ obraſ depiedad
ella ſiẽpre la viſita
cõ materna charidad.

ſ. Iſab.

353. F Pueſ notad
Eſte pueblo de verdad
deloſ pobreſ eſ amigo
maſ deue deter cõſigo
otra major piedad,
q̃ del cielo eſ grã teſtigo.

359. Huyẽdo todo peccado,
q̃ nr̃a alma haze íngrata,
&q̃ ya eſta aueriguado
ſer cruel y deſalmado
aquel q̃ ſu alma mata.

Rom. *203v*

364. F Pido ala ſũma cle*mencia*
pueſ me hizo aca aj*ar*
me perdone, y quiera *dar*
q̃ haga tal penitencia,
cõ q̃ la pueda agradar.

369. F Q eſta tierra vr̃a amada
yo creo, q̃ ſiẽpre llora
aloſ pieſ deſta ſõra
ſu mala vida paſsada
q̃ quiere emẽdar agora

ſ. Jſab.

374. F yo delloſ aſsi lo eſpero
pueſ me quierẽ ſiẽpre hẽrr*ar*
y no ceſsan dayudar
loſ pobreſ cõ ſu dinero,
q̃ eſobra mui ſingular.

379. F y creed, q̃ Dioſ eterno
& eſta caſa ſagrada,
Miſericordia llamada
libra muchoſ del Jnfierno
dãdoleſ tal abogada.

Rom.

384. Aſsi lo creo ſin duda
&q̃l miſericordioſo
aũque caiga enalgũ *pozo*
de peccado, Dioſ lo *muda*
y lo haze glorioſo.

ſ. Iſ.

Maſ

p. 203v

(5) — Os VV. 338-347 estão bastante prejudicados.

ſ. Jſab.

389. F *Maſ* oſ digo
q̃ *eſ* Ihũſ tã grãde amigo
de qualquiera obra pia
q̃la guarda alla cõſigo
pª della ſer teſtigo
en aq̃l poſtrero dia.

395. y & eſta caſa ſancta,
q̃lguarda ſiẽpre ẽſuſ manoſ,
loſ peruerſoſ Lutheranoſ
cõ grande terror eſpãta,
y loſ guaimurêſ paganoſ.

Romei.

400. F yo me voy mui cõſolado
maſ ſupplico oſ, q̃ rogueiſ
& mi peccador maluado
cõ aquel ſãcto cujdado
q̃ deloſ pobreſ teneiſ.

405. F y pedi ala Virgẽ madre
haga cõ ſu dulce amor,
q̃ eſte pueblo peccador
en ſeruir al ſũmo Pe -
vaya de bien en mejor

ſ. Jſab.

410. F ſi hare
y del hijo alcãçare
& loſ ruegoſ de Mar*ia* 204
augmẽte eſta cõfradi*a*
hinchiendo damor y f*e*
toda la Capitania.

~ Vayſe o Romei=
ro, e chegando
ap̃ta da igreia
o chama hũ anjo
q̃ vem diante de
N. ſõra, a qual
entra coo veſtido
emãto da miſericor=
dia, q̃ trazẽ oſ anjoſ
eſtendido dãbalaſ
parteſ. ~.

Anjo.

416. F Bolued aca Caſtellano,
q̃ la madre dejeſuſ
viene, pueſ ſoiſ buẽ X^iano
a daroſ mui clara luz
y teneroſ deſu mano.

421. F Para q̃ podaiſ andar
& eſte camino eſtrecho
cõ grãde feruor del pec*ho*
entrãdo ſin pũto errar
enel cielo mui de*rec*ho.

p. 204

Ajũtaõſelhe
.4. Companheiroſ, q̃ vaõ cõ
elle.

~ 1º Companro.

426. Noſotroſ cõ voſ jremoſ
a ver la madre dõzella,
y el Aue do Mar eſtrella
de rodillaſ le diremoſ
pa auer mercedeſ della.

~Tornaõ e poẽſe
degiolhoſ diãte
de N. ſora.

Romeiro

431. F Aue eſtrella dela mar
guia deloſ q̃ nauegan
loſ Qualeſ a *V*oſ ſentregã
&que neſte nauegar
& muchaſ viaſ ſe ciegã.

436. Aue madre de Dioſ Biuo
y ſiẽpre virgẽ entera,
capitana muj guerrera,
& quiẽ el pueblo catiuo
de culpa ſalir eſpera.

~ 1º Cõpan. ~

441. *F* Au*e* *bi*enauẽturada
y ãcha puerta del *cielo* *204v*
&la qual loſ deſte *ſuelo*
hallã eſpacioſa ẽtr*ada* (6)
pa alla ẽtrar ſin recelo.

446. F Recibiſteſ aq̃l Aue
dela boz de Gabriel
tã diuino y tã ſuave
q̃ fueſteſ hecha cõclaue
de nr̃o grã Dioſ Mel

2º

451. F En Aue ſe mude Eua
q̃ perturbo nr̃a paz
maſ Voſ otra Eua nueua
noſ ſacareiſ dela cueua
y priſiõ de ſathanaſ.

456. F Voſ ſoiſ deloſ ciegoſ lũb*re*
deſtruiciõ depeccadoſ
libramiẽto de culpadoſ,
q̃ lleuaiſ ala alta cũbre
detodoſ bieneſ colmadoſ.

3º

461. F. Moſtrad, q̃ſoiſ pia madre
del Pe, q̃ Voſ crio
q̃ en vr̃a mano entrego

En la

p. 204v

(6) — Riscado um verso seguinte : *pa penetrar el.*

En la cruz, como buẽ Pe
ſu*ſ* hijoſ, q̃ redimio.

466. F *Ereſ* Virgẽ ſingular
delaſ mãſaſ la maſ mãſa,
cuya grã noſ alcança
ſer mãſoſ ſin noſ ajrar,
y caſtoſ cõ grã bonança.

4°

471. F Conceded noſ vida pura,
dadnoſ ſeguro camíno
pa ver la hermoſura
de Ieſu dulcey benigno
cuya viſta ſiẽpre dura.

476. F Gloria ſea al ſũmo Pe
gloria al hijo Redẽptor
y al eſpiritu ſeñor
cuya grã oſ hizo madre
virginal del ſaluador.

N. ſora.

481. F Yo ſoy eſtrella ſin duda,
q̃ todo el ſol encubri
yo ſoy la q̃ cõcebi
*a dio*ſ, q̃ nũca ſe muda,
*y deſpue*ſ Virgen pari.

486. F yo ſoi la q̃ viſitãdo 205
miprima .ſ. Jſabel
mi hijo dio grã, y mi*el*
a ſu hijo del lançando
el peccado cõſu hiel

491. F yo ſoi la q̃ oi gane
nõbre de viſitadora
de todo el mũdo tutora
& quien gana grã y fe
la vil gẽte y peccadora.

496. F yo ſoi el mãto del mũdo
q̃ ſuſ peccadoſ cubri,
yo ſoi, la q̃ mereſci
ſacar del lago &fũdo
loſ q̃ ſe acogen a mi

501. F Quiẽ me llama, q̃ no alcãce
remedio pa ſuſ maleſ?
a quiẽ doy miſ virgjnaleſ
pechoſ, q̃ de ſi no lance
todaſ laſ culpaſ mortaleſ?

506. F Pueſ ſi me teneiſ am*or*
como de fuera moſtraiſ
pidooſ, q̃ maſ no offẽd*ai*ſ
a mi hijo y mi ſeñor
cuyoſ hijoſ oſ llamaiſ.

p. 205

511. F *El* eſta ſiempre comigo
y yo ſiẽpre eſtoy conel,
yo ſoi todo vr̃o abrigo,
el oſ tiene aca cõſigo
*d*ãdo oſ graciaſ q̃ eſ la miel.

516. F Guſtad del, q̃ eſ muj ſuaue
comedlo, para biuir,
el eſ la diuina llaue
q̃ a mi ſe dio conel Aue
pa loſ cieloſ abrir.

521. F El eſ la miel ſubſtãcial,
del alma dulce comida,
el eſ el dulce panal
q̃ en mi vientre virginal
ſe crio, & darnoſ vida.

526. F Eſta vr̃a Confradia
cõ q̃ a pobreſ ſoccoreiſ,
eſ obra tã ſãcta y pia
q̃ cõ ella me terneiſ
alaſ puertaſ cada dia.

531. Por mi hõrra y la de Dioſ
curaiſ loſ pobreſ fieleſ
no queraiſ ſer cõtra voſ
&la culpa tan crueleſ,
q̃ noſ perdaiſ a loſ doſ.

536. F Quedaoſ, maſ no *me voy* *205v*
y no me aparto de *Voſ*
pueſ ſiẽpre cõ Voſ eſ*toy*
y mil mercedeſ oſ doy
q̃ en mi mano puſo Dioſ.

541. F yo oſ dexo mi bendiciõ
y hazed grã regozijo
pueſ & mi viſitacion
oſ alcãçare perdon
de mi Dioſ, ſor̃, y hijo.

546. F Pido al Pe ſoberano
y al hijo nr̃o ſeñor,
y al eſpiritu dador
de vidaſ põga ſu mano
ſobre voſ cõ dulce amor

Rom.

551. F Pueſ q̃ Dioſ en Voſ ſe ẽcie*rra*
de loſ maloſ yo el maſ ma*lo*
oſ pido, q̃ en paz y guer*ra*
todo el pueblo deſta tierr*a*
trateiſ cõ todo regalo.

556. F Partome, ſin me partir
de Voſ mi madre y ſõra
cõfiado, q̃ en la hora,
en q̃ tẽgo de morir
ſereiſ mi viſitad*ora*

p. 205v

*V*aõſe oſ Romei-
*ro*ſ, e N. ſora
*re*colheſe, e vaõlhe
cãtando a Cãtiga.

561. Quien te viſito Jſabel
q̃ Dioſ ẽ ſu vientre tiene?
hazle fieſta mui ſolenne
pueſ q̃ viene Dioſ enel.

565. Eſta eſ el gran vergel
de virginidad cercado,
de cuyaſ floreſ criado
fue aq̃l panal de miel

569. q̃ ſe llama Emmanuel
q̃ en ſu vientre limpio tiene,
hazle fieſta muj ſolenne,
pueſ q̃ viene Dioſ enel.

Eſta he a*der*radeira q̃ op^e^ Joſeph
fez e*nſu*a uida, eſtando ia m^to^ doente
*o qu*al ſefoi agozar doſõr aoſ 9
de Junho de 1597 Annoſ (mor-
reu na aldea de reritiba n*a Capi-*
*tania do*ſpũ ſanto ſendo *ſuperior o P^e^*
pero ſoarez . e daldea op^e^ *Diogo Fernandes*) (7)

p. 206

(7) — As referências ao P. Diogo Fernandes dão-no como superior da aldeia de Reritiba em 1598 (HCJB, II, 433). Não é provável que em junho do ano anterior o superior fôsse outro, sem menção expressa. Em VJA (II, 146) dá-se o P. João Fernandes acompanhando os restos mortais de Anchieta. O preenchimento desta lacuna fica, portanto, dependendo de informações mais precisas. Sôbre a observação final, cf. NP, § 1.

Fig. 5

Tábua a óleo, muito antiga, que se supõe representar Anchieta. Pertence ao Colégio São Luís, da Companhia de Jesus, em São Paulo (*anônimo*).

SEGUNDA PARTE

REPRODUÇÃO CRÍTICA

Dêste livrinho de várias poesias, que contém 208 fôlhas numeradas, das quais se gastou a primeira com o tempo, é fama antiga e constante ser autor o Venerável P. José de Anchieta.

A sua própria letra, de que se não duvida, se acha nas fôlhas 9 a 10, e na 21 até as 27, e na 61 até as 84, e na 135 até as 142, e na 200 até as 206.

Muitas dições, que neste original dificultosamente se lêem, na cópia ou traslado fiel estão mais claras, exceto na fôlha 202 verso, as primeiras duas quintanilhas, que por estarem meias comidas se não puderam de todo entender. E por isso no traslado, a fôlhas....(1), se deixaram em branco.

(1) — Cf. NP, (3).

T E X T O S

A — Poesias em português

B — Poesias em castelhano

C — Poesias em latim

D — Poesias em tupi

E — Poesias polilíngües

A — POESIAS EM PORTUGUÊS

A 1 DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO [1]

*9 1. Ó que pão, ó que comida,
ó que divino manjar
se nos dá no santo altar
cada dia !

5. Filho da Virgem Maria,
que Deus-Padre cá mandou
e por nós na cruz passou
crua morte,

9. e para que nos conforte
se deixou no sacramento
para dar-nos, com aumento,
sua graça,

13. esta divina fogaça
é manjar de lutadores,
galardão de vencedores
esforçados,

17. deleite de namorados,
que, co'o gôsto dêste pão,
deixam a deleitação
transitória.

21. Quem quiser haver vitória
do falso contentamento,
goste dêste sacramento
divinal.

---

(1) — Ia, VI. Várias vêzes publicada. O original corrige e fixa alguns passos, cf. VV. 17, 18, 21, 58, 65, 106, 107, 109, 115, 121, 122, 127, 135, 182, 183, etc. e VV. 45, 55, cf. PL, 23-32. Faltam em PL os VV. 145-148, cf. PL, 30. Esta poesia poderia ser considerada uma oração, cf. final.

25. Êste dá vida imortal,
êste mata tôda fome,
porque nêle Deus e homem
se contêm.

29. É fonte de todo bem,
da qual quem bem se embebeda
não tenha mêdo da queda
do pecado.

33. Ó que divino bocado,
que tem todos os sabores !
Vinde, pobres pecadores,
a comer !

37. Não tendes de que temer,
senão de vossos pecados.
Se forem bem confessados,
isso basta,

41. qu'êste manjar tudo gasta,
porque é fogo gastador,
que com seu divino ardor
tudo abrasa.

45. É pão dos filhos de casa,
com que sempre se sustentam
e virtudes acrescentam
de contino.

*9v 49. Todo al é desatino,
se não comer tal vianda
com que a alma sempre anda
satisfeita.

53. Êste manjar aproveita
para vícios arrancar
e virtudes arraigar
nas entranhas.

57. Suas graças são tamanhas
que não se podem contar,
mas bem se podem gostar
de quem ama.

61. Sua graça se derrama
nos devotos corações
e os enche de benções
copiosas.

65. Ó entranhas piedosas
de vosso divino amor!
Ó meu Deus e meu Senhor
humanado!

69. Quem vos fêz tão namorado
de quem tanto vos ofende?
Quem vos ata? Quem vos prende
com tais nós?

73. Por caber dentro de nós
vos fazeis tão pequenino,
sem o vosso ser divino
se mudar!

77. Para vosso amor plantar
dentro em nosso coração,
achastes tal invenção
de manjar,

81. em o qual nosso padar
acha gostos diferentes,
debaixo dos acidentes
escondidos.

85. Uns são todos incendidos
do fogo do vosso amor;
outros, cheios de temor
filial;

VV. 59, 60 — Entendam-se: bem podem ser apreciados por aquêle que ama.
-V. 81 — *Padar* — * *paadar*, apóc. (= paladar).

89. outros, co'o celestial
lume dêste sacramento,
alcançam conhecimento
de quem são ;

93. outros sentem compaixão
de seu Deus, que tantas dôres,
por nos dar êstes sabores,
quis sofrer,

97. e desejam de morrer
por amor de seu amado,
vivendo sem ter cuidado
desta vida.

101. Quem viu nunca tal comida,
que é sumo e todo bem?
Ai de nós! Quê nos detém?
Quê buscamos?

*10 105. Como não nos enfrascamos
nos deleites dêste pão,
com que nosso coração
tem fartura?

109. Se buscamos formosura,
nêle está tôda metida ;
se queremos achar vida,
esta é.

113. Aqui se refina a fé,
pois debaixo do que vemos,
estar Deus e homem cremos,
sem mudança.

117. Acrescenta-se a esperança,
pois na terra nos é dado
quanto nos céus guardado
nos está.

121. A caridade, que lá
há de ser perfeiçoada,
dêste pão é confirmada
em pureza.

125. Dêle nasce a fortaleza,
êle dá perseverança,
pão de bem-aventurança,
pão de glória,

129. deixado para memória
da morte do Redentor,
testemunho de seu amor
verdadeiro.

133. Ó mansíssimo cordeiro,
ó menino de Belém,
ó Iesu, todo meu bem,
meu amor,

137. meu espôso, meu senhor,
meu amigo, meu irmão,
centro de meu coração,
Deus e pai !

141. Pois com entranhas de mãe
quereis de mim ser comido,
roubai todo meu sentido
para vós !

145. Prendei-me com fortes nós,
Iesu, filho de Deus vivo,
pois que sou vosso cativo,
que comprastes

149. co'o sangue, que derramastes,
com a vida, que perdestes,
com a morte, que quisestes
padecer !

153. Morra eu, por que viver
vós possais dentro de mi.
Ganhai-me, pois me perdi
em amar-me.

157. Pois que para incorporar-me
e mudar-me em vós de todo,
com um tão divino modo
me mudais,

161. quando na minh'alma entrais
e dela fazeis sacrário
de vós mesmo, e relicário
que vos guarda,

*10v 165. enquanto a presença tarda
do vosso divino rosto,
o sab'roso e doce gôsto
dêste pão

169. seja minha refeição
e todo meu apetite,
seja gracioso convite
de minha alma,

173. ar fresco de minha calma,
fogo de minha frieza,
fonte viva de limpeza,
doce beijo

177. mitigador do desejo
com que a vós suspiro e gemo,
esperança do que temo
de perder.

181. Pois não vivo sem comer,
coma-vos, em vós vivendo,
viva a vós, a vós comendo,
doce amor !

185. Comendo de tal penhor,
nêle tenha minha parte
e depois, de vós me farte
com vos ver !
Amém.

A 2 DE SÃO MAURÍCIO (1)

*11 1. *1.º* — Ó Maurício Capitão,
cuja gloriosa fama
resplandece como flama
que lume, sem dilação,
por tôdas partes derrama,

6. vossa vida e morte clama,
nossas almas despertando,
para que vivam honrando
a Deus, que tanto nos ama,
sua santa lei guardando.

11. *2.º* — Quando o imperador da terra
a seus deuses quis honrar,
obrigou a sacrificar
os soldados que, na guerra,
com êle haviam d'entrar.

16. Mas vós, para glória dar
a Deus todo-poderoso,
vosso esquadrão animoso
fizestes logo apartar
de trato tão pernicioso.

(1) — Ia, VII. Compõe-se de dez subdivisões de duas estrofes, indicadas por numeração original, de 1 a 10, sugerindo, como sucede nas danças que encerram algumas peças (cf. E 1, 2, 6), dez pessoas que declamam. Deve ter sido representada em Vitória (VV. 48 e 98), por ocasião de alguma entrada (V. 85) posterior a incursões protestantes (VV. 78 e 80) e relacionar-se com as peças B 7 e E 5.

-V. 1 — São Maurício capitaneava uma legião de combatentes conhecida por "Legião Tebana". Chamada para reforçar o exército de Maximiano, na perseguição aos cristãos, seus soldados se recusaram a obedecer às ordens do imperador. Foram dizimados. Continuando a recusa, a dizima recomeçou. Os soldados enviaram uma carta ao imperador, protestando a sua fé cristã. Maximiano condenou tôda a legião. O massacre se verificou no campo de Agaune, a 14 milhas do Lago Lemano, em 286. São Maurício foi padroeiro da Vila da Vitória, no Espírito Santo, onde se veneravam relíquias suas. Consideravam-no protetor contra a sêca, cf. VV. 96-97. Cf. E 5, NI.

21. *3.º* —

Se quiséreis honra ter,
muita o mundo prometia,
mas a vossa fidalguia
só daquele eterno ser
— do sumo Deus — dependia.

26.

Por isso, com alegria,
o vão mundo desprezastes,
com o qual nos ensinastes
fazer dêle zombaria,
como vós dêle zombastes.

31. *4.º* —

Vossos seis mil e seiscentos
e sessenta e seis soldados
por vós foram animados
para serem, com tormentos
e com morte, coroados.

*11v 36.

Para serem degolados,
cada um queria ser
o primeiro, sem temer
os cutelos aguçados
com fúria, de Lucifer.

41. *5.º* —

Ó valoroso esquadrão !
Ó gente vitoriosa !
Ó vitória gloriosa !
Ó fortíssima legião !
Ó campanha generosa !

46.

Vossa morte preciosa
é honra do grão Iesu,
e d'aquesta vila vossa
defensão mui poderosa,
espanto de Belzebu.

–V. 32 — A legião romana companha-se de seis mil soldados. Várias vêzes mencionado nas poesias de Anchieta, o esquadrão de São Maurício figura, entretanto, com 6666 e 6600 soldados, cf. A 7, V. 234 e E 2 a, V.1284.

–V. 40 — Em todo o texto, oxítono : Lucifer.

–V. 48 — A vila da Vitória, cf. (1).

51. *6.º* —

Vossa vida, São Maurício,
e dos vossos, que perdestes,
quando pela fé morrestes,
foi um vivo sacrifício
com que a Deus engrandecestes.

56.

Com tais mortes, merecestes
triunfos mui gloriosos,
e que vossos fortes ossos,
que defender não quisestes,
sejam defensores nossos.

61. *7.º* —

Ó divinos baluartes,
que nunca fostes rendidos,
pôsto que mui combatidos
— com muitas fôrças e artes
mortos, mas nunca vencidos —,

66.

pedimos ser recebidos
com amor dentro de vós,
porque o imigo feroz,
de quem somos perseguidos,
seja vencido de nós.

71. *8.º* —

O pecado nos dá guerra
em todo tempo e lugar.
E, pois quisestes morar
nesta nossa pobre terra,
ajudai-a sem cessar,

*12 76.

porque cessando o pecar,
cessarão muitos reveses
com que os herejes franceses
nos poderão apertar
e luteranos inglêses.

-V. 60 — Cf. E 5, -V. 1.

-V. 80 — Corsários inglêses e franceses atacaram o Espírito Santo, notadamente nos anos de 1581 e 1582 As razões do ataque, sempre comerciais, eram mascaradas, geralmente, com intenções religiosas.

81. *9.º* — Mártires mui esforçados,
pois sois nossa defensão,
defendei, com vossa mão,
vossos filhos e soldados,
que são idos ao sertão,

86. pois vão, com boa intenção,
a buscar gente perdida,
que possa ser convertida
a Iesu, de coração,
e ganhar a eterna vida.

91. *10.º* — Procurai-nos a saúde
com que a Deus servir possamos,
e no coração tenhamos
o puro amor da virtude,
e sem pecado vivamos.

96. Das novidades sejamos
providos sem carestia,
e vossa capitania,
livre do que arreceamos,
vos honre com alegria.

–V. 90 — Os jesuítas tomavam parte nas entradas, onde podiam oferecer aos brancos assistência espiritual e oficial e prestígio junto aos índios. Organizaram algumas solicitados, às vêzes, pelos poderes públicos, a fim de apaziguar hordas revoltadas, por sua livre iniciativa, de outras vêzes. Em 1576 um padre desceu mil índios do sertão (HCJB, I, 232). Em 1583 houve uma dessas entradas aos aimorés (HCJB, II, 184). Em 1584 chegou ao Espírito Santo uma leva de índios e foram enviados dois padres a atrair os restantes (TTGB, 342).

–V. 97 — Cf. -V. 1.

–V. 98 — A Capitania do Espírito Santo. Cf. (1).

A 3 EM DEUS, MEU CRIADOR [1]

*15v 1. Não há cousa segura.
Tudo quanto se vê
se vai passando.
A vida não tem dura.
O bem se vai gastando.
Tôda criatura
passa voando.

8. Em Deus, meu criador,
está todo meu bem
e esperança,
meu gôsto e meu amor
e bem-aventurança.
Quem serve a tal Senhor
não faz mudança.

*16 15. Contente assim, minha alma,
do doce amor de Deus
tôda ferida,
o mundo deixa em calma,
buscando a outra vida,
na qual deseja ser
tôda absorvida.

22. Do pé do sacro monte
meus olhos levantando
ao alto cume,
vi estar aberta a fonte
do verdadeiro lume,
que as trevas de meu peito
tôdas consume.

---

(1) — Ia, XIV. Numa cópia existente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, esta poesia tem o título "Da vaidade das cousas do mundo", cf. NP,(1).

29. Correm doces licores
das grandes aberturas
do penedo.
Levantam-se os errores,
levanta-se o degrêdo
e tira-se a amargura
do fruto azêdo !

A 4 COMO VEM GUERREIRA ! (1)

*16 1. Como vem guerreira
a morte espantosa !
Como vem guerreira
e temerosa !

5. Suas armas são doença,
com que a todos acomete.
Por qualquer lugar se mete,
sem nunca pedir licença.
Tanto que se dá sentença
da morte espantosa,
como vem guerreira
e temerosa !

13. Por muito poder que tenha,
ninguém pode resistir.
Dá mil voltas, sem sentir,
mais ligeira que uma azenha.
Quando manda Deus que venha
a morte espantosa,
como vem guerreira
e temerosa !

21. A uns caça quando comem,
sem que engulam o bocado.
Outros mata no pecado,
sem que gôsto nêle tomem.
*16v Quando menos teme homem
a morte espantosa,
como vem guerreira
e temerosa !

(1) — Ia, XV.

29. A ninguém quer dar aviso,
porque vem como ladrão.
Se não acha contrição,
então mata mais de liso.
Quando toma de improviso,
a morte espantosa,
como vem guerreira
e temerosa !

37. Quando esperas de viver
longa vida, mui contente,
ela entra, de repente,
sem deixar-te a perceber.
Quando mostra seu poder,
a morte espantosa,
como vem guerreira
e temerosa !

45. Tudo lhe serve de espada,
com tudo pode matar ;
em todos acha lugar
para dar sua estocada.
A terrível bombardada
da morte espantosa,
como vem guerreira
e temerosa !

53. A primeira morte mata
o corpo, com quanto tem.
A segunda, quando vem,
a alma e o corpo rapa.
Co'o inferno se contrata
a morte espantosa.
Como vem guerreira
e temerosa !

A 5 A SANTA INÊS (1)

I

*16v 1. Cordeirinha linda,
como folga o povo
porque vossa vinda
lhe dá lume novo!

5. Cordeirinha santa,
de Iesu querida,
vossa santa vinda
o diabo espanta.

Por isso vos canta,
com prazer, o povo,
porque vossa vinda
lhe dá lume novo.

*17 13. Nossa culpa escura
fugirá depressa,
pois vossa cabeça
vem com luz tão pura.

Vossa formosura
honra é do povo,
porque vossa vinda
lhe dá lume novo.

21. Virginal cabeça
pola fé cortada,
com vossa chegada,
já ninguém pereça.

(1) — Ia, XVI e XVII. Esta poesia foi publicada, com indicações bibliográficas, em HCJB, II, 604, com pequenas variantes (VV. 62, 71). O refrão de VV. 3-4 só se mantém na primeira parte da poesia (VV. 1-36). O final é constituído por pequeno cântico a Santa Inês, cuja imagem é levada ao altar (VV. 77-99). Na poesia A 7 o mesmo cântico se repete, com algumas variações, dedicado a Santa Úrsula (cf. A 7, VV. 208-232).

Vinde mui depressa
ajudar o povo,
pois com vossa vinda
lhe dais lume novo.

29. Vós sois, cordeirinha,
de Iesu formoso,
mas o vosso espôso
já vos fêz rainha.

Também padeirinha
sois de nosso povo,
pois, com vossa vinda,
lhe dais lume novo.

II

37. Não é d'Alentejo
êste vosso trigo,
mas Jesus amigo
é vosso desejo.

Morro porque vejo
que êste nosso povo
não anda faminto
dêste trigo novo.

45. Santa padeirinha,
morta com cutelo,
sem nenhum farelo
é vossa farinha.

Ela é mezinha
com que sara o povo,
que, com vossa vinda,
terá trigo novo.

53. O pão que amassastes
dentro em vosso peito,
é o amor perfeito
com que a Deus amastes.

Dêste vos fartastes,
dêste dais ao povo,
porque deixe o velho
polo trigo novo.

*17v 61. Não se vende em praça
êste pão de vida,
porque é comida
que se dá de graça.

Ó preciosa massa!
Ó que pão tão novo
que, com vossa vinda,
quer Deus dar ao povo!

69. Ó que doce bolo,
que se chama graça!
Quem sem êle passa
é mui grande tolo.

Homem sem miolo,
qualquer dêste povo,
que não é faminto
dêste pão tão novo!

III

Cantam :

77. *Entrai ad altare Dei,*
virgem mártir mui formosa,
pois que sois tão digna espôsa
de Iesu, que é sumo rei.

81. Debaixo do sacramento,
em forma de pão de trigo,
vos espera, como amigo,
com grande contentamento.
Ali tendes vosso assento.

86. *Entrai ad altare Dei,*
virgem mártir mui formosa,
pois que sois tão digna espôsa
de Iesu, que é sumo rei.

90. Naquele lugar estreito
cabereis bem com Jesus,
pois êle, com sua cruz,
vos coube dentro no peito,
ó virgem de grão respeito.

95. *Entrai ad altare Dei,*
virgem mártir mui formosa,
pois que sois tão digna espôsa
de Iesu, que é sumo rei.

VV. 77-98 — Cf. A 7, VV. 260-271.

A 6 AO P. COSTA [1]

*32 1. *1.º* — Vossa vinda, bom pastor,
de todos tão desejada,
do Senhor foi ordenada,
porque sois consolador
desta pequena manada.

6. Deseja ser conservada
no seu pequeno curral,
com vosso amor paternal
defendida e ajudada
e livre de todo mal.

11. *2.º* — Pois que vindes, pai benigno,
vossos filhos visitar,
devemo-nos d'alegrar,
e, com o favor divino,
vossa vinda festejar.

16. Para que todo pesar
seja de nós desterrado,
rogai vós, pai mui amado,
que nunca tenha lugar
em nós o mortal pecado.

21. *3.º* — Viestes, mestre e doutor
dos rudes e ignorantes,
para sermos mais constantes
no caminho do Senhor,
e com Cristo triunfantes.

---

(1) — Ia, XXXII. Talvez referente ao P. Marcos da Costa, que chegou ao Brasil em 1588, foi superior da casa do Espírito Santo e faleceu no Brasil em 1626 (HCJB, II, 397). Cf. VV. 43-44.

26. Somos fracos caminhantes
mas, para que não cansemos,
vossa doutrina ouviremos,
e correndo mais que dantes,
a bom pôrto chegaremos.

31. *4.º* — Vinde, grande capitão,
defender vossos soldados,
pois estamos infestados
de nosso imigo Satã,
e de perigos cercados.

36. Pois que somos tão coitados,
ajudai-nos nesta guerra.
Não sejamos maltratados,
oprimidos e avexados
dos moradores da terra.

41. *1.º* — Ah, N. Marinheiro,
que novas correm por cá?
2.º — Dizem ser chegado já
nosso pai e padroeiro.

45. *1.º* — E, por dita, saberás
dizer-me como se chama?
*32v *2.º* — Um pai, que muito nos ama,
como por obra verás.

49. *1.º* — Quem queres significar
com esta tua resposta?
2.º — O P. N. da Costa,
que nos vem a visitar.

53. *1.º* — E que nos há de fazer
com sua visitação?
2.º — Desterrar a Lucifer
de nossa povoação.

–V. 41 — *N.* – abreviatura de nome que se ignora ou se quer ocultar, servindo, pois, para qualquer marinheiro que devesse chegar com o visitador. A repetição da mesma sigla no V. 51 faz supor que o próprio Anchieta ignorasse ainda ou quisesse manter em segrêdo o prenome do visitador.

–V. 51 — Cf. (1).

57. *1.º* — E tem êle coração
contra tão brava serpente?
2.º — Sim, que é muito sapiente
e valente capitão.

61. *1.º* — De que armas vem armado
contra tão forte imigo?
2.º — O bom Jesus traz consigo,
no coração encerrado.

65. *1.º* — Dêsse nome poderoso
nasce tôda a fortaleza,
com que se vence a fereza
dêste dragão furioso.

69. *4.º* — E para bem pelejar,
de que modo usa dêle?
2.º — De coração crendo nêle
e amando-o sem cessar.

73. *3.º* — E a nós, de que feição,
na guerra nos há d'armar?
2.º — Por palavra há d'ensinar
o que traz no coração.

77. *3.º* — E isso, de que maneira?
2.º — Ensinando-nos a crer,
e amando a Deus correr
por sua santa carreira.

81. *1.º* — Não foi sem causa escolhido
de Deus, por nosso pastor!
*33 *2.º* — Bem o mostra no amor
e zêlo tão incendido.

85. *4.º* — Para pagar tal amor,
que faremos, companheiros?
3.º — Que sejamos bons cordeiros,
pois temos tão bom pastor.

89. *4.º* — E de tão sábio doutor
a lei de Deus aprendamos,
para que sempre o sirvamos
com reverência e temor.

93. *1.º* — Pois tal pai nos vem a ver,
bem será que o festejemos.
2.º — Por certo que lho devemos,
se filhos queremos ser.

97. *4.º* — Pois vem com grande fadiga
da praia, que lhe faremos?
2.º — Todos juntos lhe diremos
uma solene cantiga.

101. *3.º* — Eia, pois, sem dilação,
nossas frautas entoemos.
4.º — E depois lhe pediremos
de joelhos a benção.

–V. 100 — Era hábito esperar no pôrto os visitantes e acompanhá-los, em procissão, com cânticos, até à igreja, onde se representavam pequenos diálogos. Cf. E 1, NI.

A 7

QUANDO, NO ESPÍRITO SANTO, SE RECEBEU UMA RELÍQUIA DAS ONZE MIL VIRGENS (1)

I

*33v 1. *Diabo* —

Temos embargos, donzela,
a serdes dêste lugar.
Não me queirais agravar,
que, com espada e rodela,
vos hei de fazer voltar.

6.

Se lá na batalha do mar
me pisastes,
quando as onze mil juntastes,
que fizestes em Deus crer,
não há agora assim de ser.
Se, então, de mim triunfastes,
hoje vos hei de vencer.

13.

Não tenho contradição
em tôda a Capitania.
Antes, ela, sem porfia,
debaixo de minha mão
se rendeu com alegria.

18.

Cuido que errastes a via
e o sol tomastes mal.
Tornai-vos a Portugal,
que não tendes sol nem dia,
senão a noite infernal

(1) — Iª, XXXIII. Publicada em REA, 127-128 (parte); PL, 46 e BMP 3, 107-119. Cf. E 5.

-V. 1 — Refere-se a Santa Úrsula que, segundo a lenda, percorreu, com suas companheiras, vários países, em peregrinação. Aprisionadas pelos hunos, foram por êles massacradas.

-V. 2 — Provàvelmente a Vila da Vitória, cf. VV. 85 e sgs.

23. de pecados,
em que os homens, ensopados,
aborrecem sempre a luz.
Se lhes falardes na Cruz,
dar-vos-ão, mui agastados,
no peito, c'um arcabuz.

(*Aqui dispara um arcabuz.*)

29. *Anjo* — Ó peçonhento dragão
e pai de tôda a mentira,
que procuras perdição,
com mui furiosa ira,
contra a humana geração !

34. Tu, nesta povoação,
não tens mando nem poder,
pois todos pretendem ser,
de todo seu coração,
imigos de Lucifer.

39. *Diabo* — Ó que valentes soldados !
Agora me quero rir ! . . .
*34 Mal me podem resistir
os que fracos, com pecados,
não fazem senão cair !

44. *Anjo* — Se caem, logo se levantam,
e outros ficam em pé.
Os quais, com armas da fé,
te resistem e te espantam,
porque Deus com êles é.

49. Que com excessivo amor
lhes manda suas espôsas
— onze mil virgens formosas —,
cujo contínuo favor
dará palmas gloriosas.

–V. 38 — *Imigos* – apóc. (=inimigos).

54. E para te dar maior pena,
a tua soberba inchada
quer que seja derribada
por u'a mulher pequena.

58. *Diabo* — Ó que cruel estocada
m'atiraste
quando a mulher nomeaste !
Porque mulher me matou,
mulher meu poder tirou,
e, dando comigo ao traste,
a cabeça me quebrou.

65. *Anjo* — Pois agora essa mulher
traz consigo estas mulheres,
que nesta terra hão de ser
as que lhe alcançam poder
para vencer teus poderes.

70. *Diabo* — Ai de mim, desventurado !
(*Acolhe-se Satanás.*)
Anjo — Ó traidor, aqui jarás
de pés e mãos amarrado,
pois que perturbas a paz
dêste *pueblo* sossegado !

75. *Diabo* — Ó anjo, deixa-me já,
que tremo desta senhora !
*34v *Anjo* — Com tanto que te vás fora
e nunca mais tornes cá.
Diabo — Ora seja na má hora !

(*Indo-se, diz ao povo :*)

80. Ó, deixai-vos descansar
sôbre esta minha promessa :
eu darei volta, depressa,
a vossas casas cercar
e quebrar-vos a cabeça !

-V. 71 — *Jarás*, arc. (= *jazerás*).

85. *Vila* — *Mais rica me vejo agora*
que nunca dantes me vi,
pois que ter-vos mereci,
virgem mártir, por senhora.

89. O Senhor onipotente
me fêz grande benefício,
dando-me aquela excelente
legião da esforçada gente
do grande mártir Maurício.

94. Neste dia
se dobra minha alegria
com vossa vinda, Senhora.
E, pois a Capitania
hoje tem maior valia,
mais rica me vejo agora.

100. Com a perpétua memória
de vossa mui santa vida
e da morte esclarecida,
com que alcançastes vitória,
morrendo sem ser vencida,

105. serei mais favorecida,
pois vindes morar em mi.
Porque, tendo-vos aqui,
fico mais enriquecida
que nunca dantes me vi.

110. Da Senhora da Vitória,
"Vitória" sou nomeada.
E, pois sou de vós amada,
d'onze mil virgens na glória
espero ser coroada.

115. Por vós sou alevantada
mais do que nunca subi,
*35 para que, subindo assi,
não seja mais derrubada,
pois que ter-vos mereci.

120. Meus filhos ficam honrados
em vos terem por princesa,
porque, de sua baixeza,
por vós serão levantados
a ver a divina alteza.

125. Tudo temos,
pois que tendo a vós, teremos
a Deus, que convosco mora,
e logo, des desta hora,
todos vos reconhecemos,
virgem mártir, por Senhora.

Um companheiro (2) *de São Maurício*
vem ao caminho à virgem, e diz:

131. Tôda esta Capitania,
virgem mártir gloriosa,
está cheia d'alegria,
pois recebe, neste dia,
u'a mãe tão piedosa.

136. Nós somos seus padroeiros,
com tôda nossa legião
dos tebanos cavaleiros,
soldados e companheiros
de Maurício Capitão.

141. Êle espera já por vós
e tem prestes a pousada
para, com vossa manada,
serdes, como somos nós,
dêste lugar advogada.

146. *Úrsula* — Para isso sou mandada.
E com vossa companhia,
faremos mui grossa armada,
com que seja bem guardada
a nossa capitania.

-V. 111 — Cf. E 5, -V. 178.
(2) — Cf. (3).

III

Ao entrar da igreja, fala São Maurício com São Vital (3), *e diz :*

*35v 151. *Maurício* — Não bastam fôrças humanas,
não digo para louvar,
mas nem para bem cuidar
as mercês tão soberanas
que, com amor singular,

156. Deus eterno,
abrindo o peito paterno,
faz a todo êste lugar,
para que possa escapar
do bravo fogo do inferno,
e salvação alcançar.

162. Ditosa capitania,
que o sumo Pai e Senhor
abraça com tanto amor,
aumentando cada dia
suas graças e favor !

167. *Vital* — Ditosa, por certo, é,
se não fôr desconhecida,
ordenando sua vida
de modo que junte a fé
com caridade incendida.

172. Porque as mercês divinais
então são agradecidas
quando os corações leais
ordenam bem suas vidas
conforme as leis celestiais.

177. *Maurício* — Bem dizeis, irmão Vital,
e, por isso, os sabedores
dizem que obras são amores,
com que seu peito leal
mostram os bons amadores.

(3) — Do esquadrão de São Maurício (cf. A 2, –VV. 1 e 32) são conhecidos os nomes de quatro soldados apenas. Um dêles é São Vital. Cf. E 2 a, –V.1137.

182. *Vital* — E dêstes, quantos cuidais
que se acham nesta terra?
Maurício — Muitos há, se bem olhais,
que contra os vícios mortais
andam em perpétua guerra,

187. e guardando, com cuidado,
a lei de seu Criador,
mostram bem o fino amor
que têm, no peito encerrado,
de Iesu, seu Salvador.

192. *Vital* — Êstes tais sempre terão
*36 lembrança do benefício
de terem por seu patrão,
com tôda nossa legião,
a vós, Capitão Maurício.

197. *Maurício* — Assim têm.
E, por isso, o sumo bem
lhes manda aquelas senhoras
onze mil virgens, que vêm
para conosco, também,
serem suas guardadoras.

203. *Vital* — Tão gloriosas donzelas
merecem ser mui honradas.
Maurício — E conosco agasalhadas,
pois que são virgens tão belas,
de martírio coroadas!

Recebendo a virgem, diz:

208. Úrsula, grande princesa,
do sumo Deus mui amada,
boa seja a vossa entrada,
grande pastora e cabeça
de tão formosa manada!

-V. 168 — *Desconhecida* – ingrata.

213. *Úrsula* — Salve, grande Capitão
Maurício, de Deus querido!
Êste povo é defendido
por vós e vossa legião
e nosso Deus mui servido.

218. *Maurício* — Sou dêle agora mandada
a ser vossa companheira.
Defensora e padroeira
desta gente tão honrada,
que segue nossa bandeira.

223. Nós dêles somos honrados,
êles guardados de nós.
Porque não sejamos sós,
serão agora ajudados
conosco também, de vós.

228. *Úrsula* — Se os nossos portuguêses
nos quiserem sempre honrar,
sentirão poucos reveses.
De inglêses e franceses
seguros podem estar.

*36v 233. *Vital* — Quem levantará pendão
contra seis mil cavaleiros
de nossa forte legião,
e contra o grande esquadrão
de vossos onze milheiros?

238. *Úrsula* — Os três inimigos d'alma
começam a desmaiar.
E, pois tem êste lugar
nome de Vitória, e palma,
sempre deve triunfar.

243. *Vitória* — Isso é o que Deus quer.
Guardem êles seu mandado,
que nós teremos cuidado
de guardar e engrandecer
êste nosso povo amado.

248. Se quereis
aqui ficar, podereis.
Nem tendes melhor lugar
que aquêle santo altar
no qual, conosco, sereis
venerada sem cessar.

254. *Úrsula* — Seja assi !
Recolhamo-nos aí,
com nosso senhor Jesus,
por cujo amor padeci,
abraçada com a cruz
em que êle morreu por mi.

Levando-a ao altar, lhe cantam (4) :

260. *Entrai ad altare Dei,*
virgem mártir mui formosa,
pois que sois tão digna espôsa
de Jesus, que é sumo rei.

264. Naquele lugar estreito
cabereis bem com Jesus,
pois êle, com sua cruz,
vos coube dentro no peito.

268. Ó virgem de grão respeito,
entrai ad altare Dei,
pois que sois tão digna espôsa
de Jesus, que é sumo rei.

-V. 232 — Cf. A 2, -V.80.
(4) — Os VV. 260-271 repetem, com algumas variações, o final de A 5.
-V. 259 — *mi*, * *mim*.

A 8 DA RESSURREIÇÃO [1]

*40v 1. O mãe sempre virgem, ó virgem fecunda,
com novos prazeres cantamos o "Ave !"
com que quis fechar-se, no vosso conclave,
o Verbo do Padre, pessoa segunda.

5. De novo, senhora, receba vossa alma
o "Ave !" segundo, com nova alegria,
pois o que foi morto, com grand'alegria,
a morte vencida, ressurge com palma.

9. As chagas cruentas das mãos delicadas
vêm mais rubicundas que tôdas as rosas,
para que por elas se tornem formosas
as almas que foram da culpa afeadas.

13. O peito sagrado, com lança rompido,
que para vossa alma foi bravo cutelo,
com raios de glória ressurge tão belo
que tem vossas dôres de todo vencido.

17. Ó madre de vida, pois tendes tal dia,
fazei-nos dar vida, que mortos jazemos,
e livres da morte, com Iesu tornemos
em vida de graça, com tôda alegria.

---

(1) — Ia, XXXVII. Publicado em PL, 38-39, com pequenos enganos.

A 9 O PELOTE DOMINGUEIRO (1)

*158 1. *Já furtaram ao moleiro*
o pelote domingueiro.

3. Se lho furtaram ou não,
bem nos pêsa a nós com isso !
Perdeu-se, com muito viço,
o pobre moleiro Adão.
Lucifer, um mau ladrão,
lhe roubou todo o dinheiro,
co'o pelote domingueiro !

10. Sem ter dêle compaixão,
lhe furtaram o pelote.
Des que o viram sem capote,
não curaram dêle, não.
Chora agora, com razão,
o coitado do moleiro,
sem pelote domingueiro !

*158v 17. Êle, deram-lho de graça,
porque "Graça" se chamava
e com êle passeava,
mui galante, pela praça.
Mas furtaram-lhe, à ramaça,
ao pobre do moleiro,
o pelote domingueiro.

(1) — Ia, LXV. Destinada a um 1.º de janeiro, festa da Circuncisão, celebrada pela Companhia de Jesus (cf. V. 317). Já publicada em PL, 76-91, com pequenos enganos. Pelo confronto de estilo e léxico, esta peça não parece original de Anchieta, mas adaptação por êle feita de alguma composição anterior. Não haverá relação entre A 9 e a "Pregação Universal", destinada, ao que consta, à festa da Circuncisão? Cf. NP, § 11. *Pelote* – traje antigo, espécie de casaca.

24.

Era homem muito honrado,
quando logo lho vestiram.
Mas depois que lho despiram,
ficou vil e desprezado.
Ó que sêda ! E que brocado
perdeste, pobre moleiro,
em perder teu domingueiro !

31.

Se quiseras moer trigo
do divino mandamento,
dentro ao teu entendimento
não passaras tal perigo.
Pois quiseste ser amigo
de ladrão tão sorrateiro,
andarás sem domingueiro.

*159 38.

Mui formoso trigo tinha,
que era a humana natureza,
mas moeu-o tão depressa,
que fêz muito má farinha.
E por isso, tão azinha
apanharam ao moleiro
seu pelote domingueiro.

45.

Era u'a peça, a mais fina
de tôdas quantas tivera.
S'êle bem o defendera,
não jogaram de rapina.
A cobra ladra e malina,
com inveja do moleiro,
apanhou-lhe o domingueiro.

52.

Tinha um monte de botões
em o quarto dianteiro,
que lhe deram sem dinheiro,
que são os divinos dões.
Por menos de dois tostões,
foi o parvo do moleiro
a vender tal domingueiro !

*159v 59.

Era feito de tal sorte
que tôda a casa vestia.
Em nenhum modo podia
furtar-se, senão por morte.
Foi morrer, embora forte,
pecando, o pobre moleiro,
e ficou sem domingueiro.

66.

Os pobretes cachopinhos
ficaram mortos de frio,
quando o pai, com desvario,
deu na lama de focinhos.
Cercou todos os caminhos
o ladrão, com seu bicheiro,
e rapou-lhe o domingueiro.

73.

A mulher que lhe foi dada,
cuidando furtar maquias,
com debates e porfias
foi da graça maquiada.
Ela nua e esbulhada,
fêz furtar ao moleiro
o seu rico domingueiro.

*160 80.

Tôda bêbada do vinho
da soberba, que tomou,
o moleiro derrubou
no limiar do moinho.
Acudiu o seu vizinho
Satanás, muito matreiro,
e rapou-lhe o domingueiro.

87.

Êle muito namorado
da soberba e inchação,
cuidou ter melhor gabão
e ser tido por letrado.
Mas achou-se salteado
o mofino do moleiro,
sem pelote domingueiro.

–V. 74 — *Maquias* — porção do produto retirado pelos moleiros em pagamento de mão de obra. Cf. VV. 104 e 272.

94.

Pareceu-lhe mui galante
a cachopa embonecada
e que em ser sua namorada,
seria a Deus semelhante.
Seu pai se lhe pôs diante
e, sem dote e sem dinheiro,
lhe rapou seu domingueiro.

*160v 101.

Parvo, por que te perdias
por tão feia regateira?
Cuidavas que era moleira,
que furtava bem maquias?
Não houveste o que querias,
com ficar, por derradeiro,
sem teu rico domingueiro.

108.

Sua falsa gentileza
convidava-te a subir.
Tu quiseste consentir
e trepar muito depressa.
Deram-te pela cabeça
com um trocho de salgueiro...
E perdeste o domingueiro.

115.

Quanto mais para ela olhavas,
parecia-te melhor,
e perdido por seu amor,
de ninguém te precatavas.
À porta, por onde entravas,
te esperou seu companheiro,
que rapou teu domingueiro.

*161 122.

Êle soube-se ajudar
da mulher, tua parceira,
e fêz dela alcoviteira,
para em breve te enganar.
Tu, sem mais considerar,
lhe creste, parvo moleiro,
e perdeste o domingueiro.

-V. 104 — Cf. VV. 74 e 272.

129. Negros foram teus amores
— pois tão negro te deixaram
e o pelote te levaram,
sem te dar nenhuns penhôres
senão fadigas e dôres,
que terás, triste moleiro,
pois perdeste o domingueiro.

136. Maochas qual ficaria
o moleiro desastrado,
sem pelote tão honrado,
que tanto preço valia,
como é certo que diria :
"Que farás, ora, moleiro,
sem pelote domingueiro?"

*161v 143. O pelote foi-lhe dado
para o domingo sòmente,
com que vivesse contente,
sem fadiga e sem cuidado.
Agora, mui trabalhado,
geme o triste do moleiro
sem pelote domingueiro.

150. Com o pelote faltar,
cessarão tôdas as festas.
Foi contado com as bestas,
para sempre trabalhar.
S'isto bem quisera olhar,
o coitado do moleiro
não perdera o domingueiro.

157. Êle como se viu tal,
escondeu-se de seu amo,
encobrindo-se c'um ramo
debaixo d'um figueiral,
porque o ladrão infernal,
nos ramos d'um macieiro
lhe rapou seu domingueiro.

–V. 136 — *Maochas* = em má hora (arc.).

*162 164. Seu amo foi espancá-lo
com a raiva que houve dêle,
e coberto com u'a pele,
fora de casa lançá-lo.
Não quis de todo matá-lo,
esperando que o moleiro
cobraria o domingueiro.

Já tornaram ao moleiro
o pelote domingueiro.

173. O diabo lhe furtou
o pelote por enganos.
Mas, depois de muitos anos,
um seu neto lho tornou.
Por isso, carne tomou
de uma filha do moleiro,
por pelote domingueiro.

180. Por querer ser mais subido,
não fêz conta do pelote.
O seu neto, sem capote,
jaz nas palhas, encolhido,
para ser restituído
ao pobre do moleiro
seu pelote domingueiro.

187. Quis vestido aparecer
em pelote de somana,
porque vem, com carne humana,
a trabalhos padecer
e no feno se envolver,
para tornar ao moleiro
seu pelote domingueiro.

*162v 194. Êle, por se desmandar,
do pelote foi roubado.
O neto, d'além mandado,
vem o furto restaurar.
Há-se de circuncidar
porque é neto do moleiro,
por tornar-lhe o domingueiro.

201. Ditoso fôste em achar,
pobre moleiro, tal filha,
que com nova maravilha
tal neto te foi gerar,
que do pano do tear
de tua filha, moleiro,
te tornou teu domingueiro.

208. Ó que boa tecedeira,
que tão fino pano urdiu,
com que a culpa se cobriu
*163 do moleiro e da moleira !
Com ficar a tela inteira,
fêz que ao pobre do moleiro
se tornasse o domingueiro.

215. Esta soube bem moer
o trigo celestial,
em seu peito virginal,
ao tempo do conceber,
escolhendo escrava ser,
por que ao soberbo moleiro
se tornasse o domingueiro.

222. Para o saio ser perdido,
a mulher foi medianeira.
Mulher foi também terceira,
para ser restituído.
Fica agora enobrecido
o ditoso do moleiro
com tão rico domingueiro.

229. De graça lhe foi tornado,
mas custou muito dinheiro
ao neto, que foi terceiro,
para ser desempenhado.
Foi mui caro resgatado
(ditoso de ti, moleiro !)
teu pelote domingueiro.

–V. 213 — *tela* — * *tea*.

*163v 236.

Trinta e três anos andou,
sem temer nenhum perigo,
moendo-se como trigo,
até que o desempenhou.
Com seu sangue, resgatou
para o pobre do moleiro,
o pelote domingueiro.

243.

É-vos êle debruado
com sêda de muitas côres,
que são os golpes e dôres
com que agora foi comprado.
Fica muito mais honrado
que dantes, o atafoneiro,
com tão fino domingueiro.

250.

Se tinha muitos botões
o saio, na dianteira,
tem agora, na traseira,
mais de cinco mil cordões
— os açoites e vergões
com que o neto do moleiro
fêz tornar o domingueiro.

257.

Traz cinco botões sòmente,
mais formosos que os primeiros,
que são os cinco agulheiros,
que fêz a maldita gente
*164 em o corpo do inocente,
para tornar-se ao moleiro
tão galante domingueiro.

264.

Moleiro bem escançado,
que tal ventura tiveste
(pois o saio, que perdeste,
de graça te foi tornado),
se não fôra o enforcado,
puderas dizer, moleiro :
"Fogo viste, domingueiro".

–V. 264 — *Escançado* = afortunado.
–V. 270 — "*Fogo viste, domingueiro*", entenda-se : "Duraste pouco, domingueiro !".

271. Nem te bastara poupar
as maquias do moinho,
nem deixar de beber vinho,
nem seis meses jejuar,
para poder ajuntar
tanta soma de dinheiro,
que comprasses domingueiro.

278. Nem bastaram petições
em que foram bem compostas,
nem que levaras às costas,
muitos sacos d'aflições.
Só as dôres e orações
dêste teu neto, moleiro,
ganharam o domingueiro.

*164v 285. A êle foi concedido
e por isso nu nasceu,
e depois, quando cresceu,
foi de púrpura vestido
e na cruz todo moído,
porque tu, pobre moleiro,
cobrasses teu domingueiro.

292. Já'gora podes sair
com pelote damascado,
d'alt' a baixo pespontado,
que a todos pode cobrir.
Já podes bailar e rir
e dar voltas em terreiro,
com tão fresco domingueiro.

299. Bem podes sempre trazê-lo
em domingo e dia santo,
e em somana, sem quebranto
que t'hajam de dar por êlo,
bem cingido com ourelo.
De justiça, bom moleiro,
guardarás teu domingueiro.

-V. 272 — Cf. -V. 74

*165 306.

As moças já podem ter
amores de teu pelote,
e vestir-se tal chiote,
se formosas querem ser.
Já podem tôdas dizer :
"Viva o neto do moleiro,
que nos deu tal domingueiro !

313.

Viva o segundo Adão,
que "Jesus" por nome tem !
Viva Jesus, nosso bem,
Jesus, nosso capitão !
Hoje, na circuncisão,
se tornou Jesus moleiro
por tornar o domingueiro."

A 10

CARTA DA COMPANHIA DE JESUS PARA O SERÁFICO SÃO FRANCISCO [1]

*166 1. Depois de tudo criado
por conto, pêso e medida,
disse Deus : "Seja formado
o homem, como treslado
de nossa imagem subida".

6. E criou
a Adão, a quem dotou
da semelhança divina.
Mas foi tal sua mofina,
que mui depressa borrou
aquela imagem tão dina.

12. Mas Cristo, Deus humanado,
glorioso São Francisco,
para limpar o treslado,
que Adão tinha borrado,
pondo o mundo em tanto risco,

17. quis pintar,
e consigo conformar
a vós, de dentro e de fora,
com graça tão singular,
que vos podemos chamar
homem novo, em quem Deus mora.

23. Ó formoso patriarca,
ó ilustre capitão
da sagrada religião,
dentro da qual, como em arca,
se salva o povo cristão !

(1) — Ia. LXVI. Já publicada em PL, 33-37 e A, 44-47.

28. Vós sois aquêle varão
cheio de justiça e fé
e de tôda perfeição,
figurado, com razão,
no justo e santo Noé.

33. Noé fêz a grande arca
em que o homem racional,
junto co'o bruto animal,
escapassem, como em barca,
do dilúvio universal.

38. Vós, por ordem divinal,
na religião, que fizestes,
a bons e maus recebestes,
e livres d'água mortal,
a Deus vivo os of'recestes.

*166v 43. Vós sois o grande varão
que de Deus fôstes achado
segundo seu coração,
e no pai de Salomão
altamente figurado.

48. O qual, como desprezado
por ser o filho menor,
sendo d'ovelhas pastor,
apascentava seu gado
com grã cuidado e amor.

53. Davi, com grande vigor,
um leão mui carniceiro
e um urso roubador,
co'o gigante espantador
matou, com ser ovelheiro.

58. Êste tal, por derradeiro,
Deus o fêz rei de Israel,
salvando o povo fiel,
por êste grã cavaleiro,
de tôda a gente cruel.

-V. 41 — *Água* = mancha.

63. Vós vos tínheis por menor,
tendo a todos por maiores,
e maior dos pecadores,
tendo-vos Deus por maior
de todos seus servidores.

68. Fêz-vos pastor dos menores,
uns dos quais foram cordeiros,
mas mui fortes cavaleiros,
outros, do gado pastores
e guias, como carneiros.

73. Concedeu-vos tal poder,
que leão, urso e gigante
matásseis, forte e constante,
mundo, carne e Lucifer
destruindo mui possante.

78. Com tal capitão diante,
aumentou-se a fé e lei
da igreja militante,
e vós, já na triunfante,
sois coroado por rei.

83. Trepando sem nenhum mêdo
o príncipe Jônatas,
com seu criado de trás,
por um áspero penedo,
alcançou vitória e paz,

88. cometendo
o exército tremendo
dos imigos, de repente.
E, com ânimo valente,
suas fôrças desfazendo,
salvou tôda sua gente.

–V. 86 — Alusão, talvez, ao penedo da Penha, onde se estabeleceram os franciscanos. Cf. B 35.

A 11 AO P. BARTOLOMEU SIMÕES PEREIRA [1]

*171v 1. *1.º* — Muito há que receiamos
vossa vinda, bom pastor,
para que Nosso Senhor
nos conceda o que esperamos.

5. Esperamos de alcançar
a confirmação da graça,
a qual a todos nos faça
até o fim perseverar.

9. *2.º* — Perseverar não podemos,
se Deus abre de nós mão,
mas com a confirmação,
que trazeis, fortes seremos.

13. Seremos mui confirmados
com êste sagrado unguento
e divino sacramento,
com que seremos crismados.

17. *3.º* — Crismados receberemos
a graça, com fortaleza,
para cobrar a limpeza
que, pela culpa, perdemos.

21. Perdemos a caridade,
quando amamos o pecado,
mas, pois somos vosso gado,
curai nossa enfermidade.

(1) — Ia, LXXII. O P. Bartolomeu Simões Pereira, administrador eclesiástico, chegou ao Espírito Santo em 1.º de julho de 1591, data que se poderia relacionar com esta peça, porquanto peças seguintes (Cf. Ia, LXXVIII, LXXIX) referem-se a festejos de 15-7 e 25-7. Bartolomeu Simões Pereira era amigo particular de Anchieta e, indisposto com a Companhia, procurou refúgio no Espírito Santo. Estava em Vitória ainda em 1595.

25. 4.º —

Enfermidade mortal
é a culpa, mas por vós
seremos curados nós,
com o crisma divinal.

29.

Divinalmente escolhido
fostes, para nos crismar,
para Deus nos aceitar
por seu gado mui querido.

33. 5.º —

Querido sejais, pastor,
do pastor que, de seu gado
vos fêz pastor e prelado
e grande administrador.

37.

Administrador sòmente
sois agora, mas sejais
bispo santo, que rejais
vosso gado santamente.

A 12

AO P. BARTOLOMEU SIMÕES PEREIRA (1)

*176v 1. Onde vais tão apressado,
periquito tangedor?
— A ver nosso bom pastor.

4. — Para que queres andar
e correr com tanta pressa?
— Para ver nossa cabeça,
que nos vem a visitar.
Digno é de festejar,
com cantares de louvor,
êste nosso bom pastor.

11. — E tu sabes quem nos deu
êste pastor excelente?
— O pastor onipotente,
que por seu gado morreu.
Chama-se Bartolomeu,
grande servo do Senhor,
êste nosso bom pastor.

18. — E que sobrenome tem?
— Ouvi dizer que Simões.
— Ganharemos mil perdões,
pois em nome de Deus vem.
Não desconfie ninguém
do soberano favor,
pois que temos tal pastor.

(1) — Ia, LXXIX, cf. A 11, (1).

25. — Tens ouvido
outro nome e apelido,
que tem lá na derradeira?
— Imagino que "Pereira",
que dá fruto mui subido,
com exemplo conhecido
de doutrina e bom odor,
para o gado do Senhor.

33. Dize tu, qual é o gado
que êle vem apascentar?
— O povo dêste lugar,
pelos padres batizado.
E será bem confirmado
na fé de Nosso Senhor,
pela mão dêste pastor.

40. — E que traz para nos dar?
— Um óleo sagrado e bento,
que se chama sacramento,
com que nos há de crismar,
para poder pelejar
contra Satanás traidor,
com ajuda do pastor.

47. — E quem pode confirmar,
se não há bispo sagrado?
— Também o nosso prelado,
pois o papa lho quer dar
e por isso quis chamar
outro bispo, com louvor,
o nosso administrador.

54. — Segundo isso, parece
*177 que a mitra só lhe falta?
— Isso é cousa mui alta,
mas êle bem a merece.
— Ó! se ora Deus quisesse
que viesse tal honor
para nosso bom pastor?!

61. — Vamos-lhe a beijar a mão.
— Sou contente.
Dar-nos-á sua benção
santamente.
— Diremos a nossa gente,
que venham a dar louvor
ao nosso bom pastor.

68. E vos manda pôr tenção,
senhor administrador,
que façais, com grã fervor,
que se aumente a conversão
para glória do Senhor.

B — POESIAS EM CASTELHANO

B 1 EL BUEN PASTOR [1]

*2 1. [2] Dallí luego fué ayuntar
por desiertos y poblados,
por valles y por collados
y ribera de la mar,
los carneros derramados.

6. Con su palabra de vida,
los lobos ahuyentaba.
Con su palabra ayuntaba
la manada desparcida
y la yunta conservaba.

11. Treinta y tres años enteros
se detuvo, el buen pastor,
todo vencido de amor,
recogiendo los corderos
con grande afán y sudor.

16. Y queriéndose apartar
sin apartarse de todo,
hizo, para se quedar,
de sí pasto singular,
por un soberano modo.

21. Olvidado de las viejas
culpas del pastor primero,
este nuevo ganadero
ordenó que sus ovejas
comiesen su cuerpo entero.

---

(1) — Ia, I.
(2) — Cf. NP, § 4.

26. Su carne y sangre real
les dejó, de que comiesen,
para que siempre viviesen
con su pastor eternal,
y en él se convirtiesen.

31. Y porque la grey vivir
no podía, sin su muerte,
escogió, por buena suerte,
la muerte de cruz sufrir,
con su caridad muy fuerte.

36. Del madero de la cruz
hizo lecho muy amado,
en que el cuerpo delicado
de este buen pastor Jesus
de todo fuese rasgado.

*2v 41. En él quiso que se abriesen
cinco fuentes perennales,
y cinco ríos caudales,
porque de sed no muriesen
sus ovejas racionales.

46. El pastor perdió la vida
por la grey, que se perdió,
y el pecho roto dejó
para que fuese guarida
del ganado, que ganó.

51. (3) Pues buscándome rompiste,
buen pastor, el zamarrón
de la carne, que vestiste,
y tu pecho y corazón
para mi guarida abriste,

(3) — Cf. VV. 51-65 e II, VV. 56 em diante. Cf V. 56 e V, V.155.

56. gáname, que me perdí.
(¡ Y tú perdiste la vida
por me dar la vida a mí !)
Yo soy la oveja perdida,
que de tí siempre huí . . .

61. Haz que yo muera por ti,
¡ oh pastor muy amoroso !
pues tú, siendo tan hermoso,
mueres, por amor de mí,
con tormento tan penoso.

B 2 JESUS E O PECADOR(1)

O menino nascido ao pecador (2) :

*2v 1. *Yo nací porque tú mueras,*
porque vivas moriré,
porque rías lloraré,
y espero porque esperas,
porque ganes perderé.

6. Por tu amor soy niño tierno,
¡ y tu vida es el pecar !
Mira que, para escapar
de la muerte del infierno,
la muerte debes buscar.

*3 11. Muere a ti, sin más tardar,
porque a mí vivas de veras,
porque, si bien consideras,
en este pobre lugar
yo nací porque tú mueras.

16. La carne que me vestí
pasará muy cruda muerte,
porque deseo tenerte
siempre vivo par de mí,
preso con amor muy fuerte.

21. Esta vida y buena suerte
es de caridad y fe.
Mira a cuanto me obligué,
que por vivo poseerte,
porque vivas, moriré.

(1) — Ia, II e III. Cf NP, § 8.
(2) — Subtítulo dado à vista dos VV. 56-110. Cf. Ia, XXXII e LXXXIII.

26. Si me ves estar llorando,
lloro porque tú no llores,
porque tus gustos y amores
ya te están aparejando
tristes llantos y dolores.

31. Porque escapes de temblores,
tiemblo agora, y temblaré
cuando sangre sudaré,
y en la cruz, con mil dolores,
porque rias, lloraré.

36. Desespero de hallar
descanso sino en un palo,
y tú, siendo todo malo,
¡ esperas de te salvar
viviendo en todo regalo !

41. Vesme entre bestias estar,
¡ y eres peor que fieras !
Pecando de mil maneras,
¿ qué puedo de ti esperar ?
Desespero porque esperas.

46. Tú has el cielo perdido
y los infiernos ganado.
Yo, en pajas acostado,
¡ estoy tan empobrecido,
abatido y humillado !

51. Por perdido reputado
de todo el mundo seré.
Mas porque determiné
que seas rico y honrado,
porque ganes, perderé.

O pecador ao menino nascido :

*3v 56. *Tú naces, ¡ y yo no muero !*
No vivo, ¡ y tú morirás,
niño, príncipe de paz !
Digo que ser tuyo quiero . . .
¡ No sé qué te diga más !

61. Este nuevo nacimiento
es para que muera yo
al pecado, que me dió
vida, con que descontento
al Señor, que me creó.

66. Tanto consigo me ato,
que en él siempre vivir quiero.
Y aunque niño verdadero,
¡ oh mi Dios ! te veo yo.
Tú naces, ¡ y yo no muero !

71. No muero, porque mi vida
es hacer mi voluntad.
Mas, en hecho de verdad,
no vivo, porque es perdida,
si no amo tu bondad.

76. Mas tú, con tu caridad,
tales extremos harás,
que por mí padecerás.
Y yo, amando la maldad,
no vivo, ¡ y tú morirás !

81. Siempre anda batallando
la carne con la razón.
Pero vence la pasión . . .
Así, miserable, ando
sin paz, ni consolación.

86. Mas tu gracia y bendición
puede en todo mucho más.
Y pues, niño, te me das,
¡ da paz a mi corazón,
niño, príncipe de paz!

91. No podrá de paz gozar
quien contra sí no guerrea.
Dame luz, con que yo vea
como pueda pelear,
porque el ciego mal pelea.

*4 96. Si quieres que tuyo sea,
y deje el Señor primero,
para que así, todo entero,
a ti, sumo bien, posea,
digo que ser tuyo quiero,

101. digo que eres todo bueno,
digo que eres creador,
digo que eres redentor,
digo que eres de amor lleno,
digo que eres todo amor,

106. digo que eres mi Señor,
digo que muerto serás,
digo que das vida y paz,
digo que es sin fin tu honor . . .
¡No sé qué te diga más!

B 3

DE UITA CHRISTI [1]

*4 1. Pues venís a rescatarnos,
buen Señor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

5. Descendisteis, a salvarnos,
de las alturas del cielo,
y tomasteis, sin recelo,
carne con que rescatarnos.
Pues quisisteis tanto amarnos,
buen Señor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

*4v 13. En la Virgen, siendo Dios,
os queréis hombre hacer,
para los hombres volver
dioses, unidos con vos.
Pues queréis a vos atarnos
con amor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

21. Nacisteis sin corrupción,
de vuestra bendita madre,
para que nos tome el Padre,
por hijos de bendición.
Pues quisisteis procurarnos
tal honor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

---

(1) — Ia, IV.

– V. 4 — O sentido parece exigir "maltratarvos". A leitura do original, não admite, porém, dúvida, a menos que se entenda "pecador" sinônimo de "Satanás", cf. Ia, IV, VV. 4 e 260. Pode ter havido engano de cópia. A letra não é de Anchieta, cf. fcs.

29. Quisisteis, circuncidado,
vuestra carne lastimar,
para en nosotros cortar
el deleite del pecado.
Pues queréis en esto darnos
tal favor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

37. Descubristeis a los Reyes
vuestra suma deidad,
porque la gentilidad
se sujete a vuestras leyes.
Pues a vos queréis llevarnos,
redentor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

45. En el templo os presentasteis,
y al juez, con tal presente,
los ojos, profundamente,
del justo furor cegasteis.
Pues así queréis quitarnos
el temor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

53. A Egipto vais huyendo,
porque vuestra fe y amor
su divina luz y ardor
vaya luego descubriendo.
Pues queréis así alúmbrenos
resplandor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

61. Vuestra madre muy querida
os perdió en Jerusalén,
porque halléis ¡ oh, sumo bien !
la oveja que era perdida.
Pues así queréis buscarnos,
buen pastor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

69. A José, con vuestra madre,
fuisteis siempre muy sujeto,
porque, por vuestro respeto,
sirvamos a vuestro Padre.
Pues queréis ejemplo darnos,
servidor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

*5 77. Sin mancha de algún pecado,
os quisisteis bautizar,
para después se limpiar
las mancillas del ganado.
Pues así queréis mudarnos
la color,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

85. En el desierto ayunáis
entre fieras, muy contento,
porque quedéis más hambriento,
para que nos engulláis.
Pues así queréis tragarnos,
tragador,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

93. Predicasteis tal doctrina,
con que todo pecador
llegue, con temor y amor,
a ver la cara divina.
Pues quisisteis enseñarnos,
buen doctor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

101. Para que siempre os amemos,
muy grande amor nos tuvisteis,
y vuestro cuerpo nos disteis,
que a cada día comemos.
Pues queréis de vos hartarnos
con dulzor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

109. Ante el sumo Padre orasteis,
entrando en vuestra pasión,
y con gran tribulación,
copiosa sangre sudasteis.
Pues oráis por ayudarnos,
con ardor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

117. A Anás y Caifás atado,
os presentan los sayones.
Ellos os dan bofetones,
y de Pedro sois negado.
Pues tal sufrís por librarnos,
sin rencor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

125. Herodes burla de vos,
con ropa blanca vestido,
y por bobo sois tenido,
no por hombre, ni por Dios.
Pues así queréis mostrarnos
lo mejor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

133. Vuestra divina persona
con azotes es rasgada,
y en vuestra cabeza, trenzada
de espinos, una corona.
Pues quisisteis coronaros
con tal flor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

*5v 141. Vuestros azotes y espinas,
que vuestros miembros rasgaron,
todas las culpas pagaron,
de nuestras almas mezquinas.
Pues así queréis pagarnos
nuestro error,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

149. Al Calvario camináis,
con la cruz pesada a cuestas.
Estas son las tristes fiestas
que en el pecador halláis.
Pues carga queréis echarnos
la menor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

157. Pies y manos, en la cruz,
os enclavan cruelmente,
y morís, siendo inocente,
por mis culpas, i buen Jesús !
Pues queréis así enclavarnos
con temor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

165. Pedís agua, y danos hiel.
Mas con la sed, que sentís,
de salvarnos, recibís
este jarabe cruel.
Pues bebéis, por adulzarnos,
amargor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

173. Vuestra madre consoláis,
por sus hijos nos dejando,
y al Padre vuestra alma dando,
con gran dolor expiráis.
Pues pasáis, por aliviarnos,
tal dolor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

181. La carne de vuestro lado,
con cruel lanza es abierta,
y del cielo abrís la puerta
cerrada por el pecado.
Pues queréis allá ensalzarnos,
con loor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

189. Vuestra sangre preciosa
disteis por nuestro rescate,
y con muerte disteis mate
a la sierpe ponzoñosa.
Pues derramáis, por sanarnos,
tal licor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

197. La sentencia estaba dada,
contra nosotros, de muerte,
mas por vos, benigno y fuerte,
con clemencia fué mudada.
Y pues quisisteis juzgarnos
sin furor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

*6 205. Las injurias, que pasasteis,
a nosostros fueron gloria,
y ganásteisnos victoria,
cuando vencido quedasteis.
Pues sufristeis, por honrarnos,
deshonor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

213. Cuando la muerte abrazasteis
de la temerosa cruz,
luego al punto, buen Jesús,
a la vida nos tornasteis.
Pues quisisteis tanto amarnos,
amador,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

221. Llevan a la sepultura
vuestro cuerpo embalsamado,
y con él queda enterrado
nuestro mal y desventura.
Pues así queréis tirarnos
lo peor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

229. Resucita, al tercer día,
vuestro cuerpo ya inmortal,
y dais vida al desleal,
que la culpa muerto había.
Pues queréis resucitarnos,
vencedor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

237. Sobre el cielo levantasteis
vuestra santa humanidad,
y nuestra cautividad
cautiva con vos llevasteis.
Pues con vos queréis sentarnos,
gran Señor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

245. Con las lenguas, que enviasteis
del cielo, como de fuego,
disteis lumbre al mundo ciego,
y la gracia confirmasteis.
Pues quisisteis enviarnos
tal calor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

253. Volveréis, juez muy fuerte,
y daréis, por despedida,
al bueno, sin muerte vida,
al malo, muerte sin muerte.
Para del todo librarnos
del furor,
no dejéis al pecador
maltratarnos.

B 4 DESCONSOLADA [1]

*6v 1. No sabe al que dolerse entristecida,
la madre piadosa desconsolada,
viendo ya desfallecerse su dulce vida,
con figura lastimosa y afeada.

5. Con suspiros dolorosos sollozando,
miraba su amor, Jesús, que se moría,
y con ojos lagrimosos lamentando,
a la muy penosa cruz, triste, decía :

9. "¡ Oh cruz áspera ! ¡ Oh madero descomedido !
¿ Por qué matas, sin razón, al inocente
y mansísimo cordero, de Dios ungido,
con tormentos y pasión, tan cruelmente ?

13. ¡ Oh hijo de mi dolor, mi Benoní !
Rásgaseme el corazón en ver dolerte.
¡ Quién me diera, mi amor, que agora, por ti,
yo sufriese tu aflicción y cruda muerte !

*7 17. Si los brazos de la cruz te dan tormento,
¡ oh mi bien y mi solaz tan regalado !
vente a mí, dulce Jesús, si te contento,
que en los míos morirás más descansado."

21. El hijo, sus dulces ojos ensangrentados,
a la madre, con dolor, triste volviendo,
"Cesen", dice, "tus enojos y cuidados,
que vencido del amor estoy muriendo.

(1) — Ia, V.

25. Si te mueres de pesar en ver mi muerte,
mira que mi pena crece en ver tu pena.
No te quieras afligir con mal tan fuerte,
que yo solo he de pagar por culpa ajena.

29. Bástate que me crié a tu dulce pecho,
saliendo de tu conclave nunca abierto.
Déjame agora morir en este lecho,
que a tus brazos tornaré después de muerto."

33. Alma mía, si no sientes el agonía
de la madre y de tu Dios crucificado,
¿qué será, ¡triste de ti! el postrer día,
pues que mueren hoy los dos, por tu pecado?

* * *

*7v 37. Llegado el fin de sus penas y dolores,
la cabeza inclinó para la madre.
Agotadas ya las venas de sus licores,
con gran voz, el alma dió al sumo Padre.

41. Ya recibe en su regazo el cuerpo santo,
y con lágrimas lo regó la madre pía.
Y apretado entre sus brazos, con grave llanto,
dulces besos en sus llagas imprimía.

45. "¡Oh amor de mis entrañas!", le decía.
"¿Qué es de vuestra gran belleza y compostura?
¿Quién, con penas tan extrañas, ¡oh gloria mía!,
afeó vuestra lindeza y hermosura?

49. ¿Qué calor ha sido aquél, tan sin medida,
que os hizo tan marchito, lirio divino?
¡Oh cabeza imperial, fuente de vida!
esta corona cruel, ¿dónde os vino?

53. De vinagre y triste hiel veo abrevada
vuestra boca, a que mi leche dió gran dulzura,
¡ oh divina suavidad, tan mal gustada !
¿ Quién hechó en panal de miel tal amargura ?

*8 57. Vuestras manos, pies y lado están hendidos,
hechos fuentes de salud a pecadores.
Vuestros delicados miembros, tan mal heridos,
que todo sois un traslado de dolores.

61. ¿ Quién así os destempló, salterio mío,
que las cuerdas de mi pecho ha destemplado ?
Pues fuerza de amor causó tal desvarío,
no dejéis mi corazón desconsolado.

65. No me habla vuestra lengua, Verbo del Padre,
no me miran vuestros ojos, ¡ oh luz del cielo !
¿ Cómo dejáis en tal mengua a vuestra madre,
sin amparo, sin tutor y sin consuelo ?

69. Si queréis dar refrigerio a mis enojos,
con morir se acabará mi gran fatiga.
Pues os vieran expirar mis tristes ojos,
dadme licencia, mi Dios, que muerta os siga.

73. Y si no, llevad con vos al monumento,
mi llagado corazón, de penas lleno.
No se aparte vuestro amor sólo un momento,
que mi alma os guardará dentro en su seno.

O Autor :

*8v 77. ¡ Oh corazón maternal, por culpa mía
con cuchillo de dolor todo rasgado,
curad mi llaga mortal, con mano pía,
y seréis, sanando yo, refocilado !

B 5 CANTIGA (1)

*12 1. Mil suspiros dió María
por se estar Jesús finando.
¡ Quién con él fuera expirando,
pues muere la vida mía !

5. Tan grandes suspiros dió,
que los cielos lo sintieron,
y luego se entristecieron
con el sol, que se eclipsó.

9. Mas viendo, la madre pía,
su hijo estarse finando,
"¡ Quién con él fuera expirando !",
con mil suspiros decía.

13. Pues la vida mo llevó,
con él morirme quisiera,
y muriendo con él, fuera
más viva que muerta yo.

*12v 17. ¡ Oh qué terrible agonía
de Dios, que se está finando !
¡ Quién con él fuera expirando,
pues muere la vida mía !

21. ¿ Cómo puedo yo vivir,
pues que se muere mi vida ?
Y, con muerte tan sentida,
¿ como vivo sin morir ?

---

(1) — Ia, VIII. Composição irregular, cf. NP, (5).
–V. 13 — *mo* = *melo*, confusão de línguas. Cf. B 35, –V. 428.

25. Mi Jesús, ¡ qué el luz del día
con muerte se va apagando !
¡ *Quién con él fuera expirando*
y muriendo, viviría !

B 6 VENID [1]

*12v 1. Venid a suspirar con Iesu amado,
los que queréis gozar de sus amores,
pues muere por dar vida a pecadores.

4. Tendido está en la cruz, corriendo sangre,
sus santas llagas hechas limpios baños,
con que se da remedio a nuestros daños.

*13 7. Venid, que el buen pastor ya dió su vida,
con que libró de muerte su ganado,
y dale de beber a su costado.

---

[1] — Ia, IX.

B 7 POR TE DAR MI AMOR [1]

(Cantiga)

*13 1. — Iesú, buen pastor,
¡ cómo andáis penado !
— *Ando maltratado,*
por te dar mi amor.

5. — Andáis pensativo,
Jesús, pastor bueno,
de cuidados lleno,
más muerto que vivo.

9. — Híceme cautivo,
siendo sumo Señor.
Ando maltratado,
por te dar mi amor.

13. — De piel de cordero
os veo cubierto,
en este desierto,
al pié de un madero.

17. ¡ Oh Iesú ovejero !
¿ Quién os ha mudado ?
— El amor, que me da cuidado,
de te dar mi amor.

21. Es un mal tan fuerte
el amor que tengo,
que, de grado, vengo
a sufrir la muerte.

(1) — I*, X. Cf. NP, (5).

25. ¡ Oh dichosa suerte
la de mi ganado !
Pues, por el, soy crucificado
por le dar mi amor.

B 8 SÃO TOMÉ DE MIRA (1)

*13 1. ¡ Oh Dios infinito,
por nos humanado,
véoos tan chiquito
que estoy espantado !

*13v 5. Estáis encerrado
en lugar estrecho,
porque en nuestro pecho
queréis ser guardado.

9. Hame enamorado
vuestra gracia y nombre,
pues os come el hombre
de un solo bocado.

13. Sois "Jesús" llamado,
perennal hartura,
vida y hermosura
y pan consagrado.

17. Esto ha inventado,
¡ oh Iesú benigno !
vuestro amor divino,
de amor forzado.

21. Pues sois estrechado
con tan grande aprieto,
¿ quién, con tal secreto,
no será espantado ?

(1) — Ia, XI. Mira é uma vila de Portugal, no Douro, freqüentada por romarias, especialmente a de São Tomé, em 24-25 de julho. A poesia não é, entretanto, dedicada a São Tomé, nem a êle se refere. É uma espécie de hino ao Santíssimo Sacramento, muito comparável a A 1. Talvez o título indicasse apenas a data da representação, cf. Ia, XXVI, XXXII, XLI, LIII, LVIII. As poesias B 9 e B 10, seguintes, trazem, no original, o título "Outra", fazendo supor idêntica destinação.

25. Pan y vino veo,
gusto pan y vino,
mas, sin desatino,
otra cosa creo.

29. Por eso peleo
contra mi sentido,
porque lo comido
es Dios, que no veo.

33. Sólo en él empleo
la fe, con que vivo.
Hágome cautivo,
sin ver lo que creo.

37. De éste me proveo
para mi camino.
Este pan divino
harta mi deseo.

B 9 ¡ NO ! (1)

*14 1. Quién murió por darnos vida,
muchas veces me llamó,
mas yo díjole de *¡ no, no, no, no, no !*

4. Díjome que no pecase,
pues por me salvar murió,
mas yo díjole de *¡ no, no, no, no !*

7. Estar siempre en el pecado,
por vida lo tengo yo,
no puedo dejar *¡ no, no, no, no, no !*

10. A la hora de la muerte,
llamé a Dios, que me llamó,
no me quiso hablar ¡ no, no, no, no, no !

13. Pregunté a mi conciencia
si podré salvarme yo,
ella dijo que ya *¡ no, no, no, no, no !*

16. Quién pecó tan sin vergüenza,
contra Dios, que lo creó,
que no tenga vida *¡ no, no, no, no, no !*

*14v 19. Al que "¡ no !" siempre decía,
al que siempre le llamó,
que también le diga ¡ no, no, no, no, no !

---

(1) — Ia, XII. Cf. B 8, (1).

B 10

¿QUIÉN VERÁ AL PASTOR? (1)

*14v 1. ¿Quién verá al pastor
vestido de fiesta,
su zamarra puesta ?
— *Verálo la pastora.*

5. ¿Quién verá al pastor
que vino del cielo
vestido de amor?
Tendido en el suelo
por nuestro consuelo,
se vestió de fiesta,
su zamarra puesta . . .

12. En tanta pobreza
lo vió la pastora,
que de frio llora
la suma riqueza.
Mas con la bajeza,
haze grande fiesta,
su zamarra puesta . . .

19. Porque las ovejas
oyesen mejor
la voz del pastor,
ya no por semejas
hizo, de pelejas,
zamarrón de fiesta,
lindo y muy apuesta,
su zamarra puesta . . .

(1) — Iª, XIII. Deve ter-se destinado a um dia 1.º de janeiro (cf. VV. 76-77).

27.

Yo lo vi nacido,
por nos dar perdón,
con un zamarrón
de carne vestido.
De amor vencido,
se vistió de fiesta,
su zamarra puesta . . .

34.

Su madre le ha dado
capotín de grana ;
sale, de somana,
*15 blanco y colorado.
Huélgase el ganado
viéndolo de fiesta,
su zamarra puesta . . .

41.

Envuélvele en paños
como pobrecico,
mas él, como físico,
quita nuestros daños,
danos buenos años
y día de fiesta,
su zamarra puesta . . .

48.

Su camisa blanca,
de lino tejida,
será bien curtida
como fina holanda.
Su padre le manda
que salga de fiesta,
su zamarra puesta . . .

55.

Zapatos de cuero
le quiso calzar,
para predicar
paz, como cordero.
Todo placentero,
se vestió de fiesta,
su zamarra puesta . . .

62. Dale de mamar
la pastora y madre.
Así dice el padre
que le han de criar.
Con tan buen manjar,
hace grande fiesta,
su zamarra puesta . . .

69. El cielo le adora
de carne vestido,
al pastor nacido
hijo de pastora.
Aunque el niño llora,
hace grande fiesta,
su zamarra puesta . . .

76. Hoy sale herido
y circuncidado,
mas "Jesús" llamado,
"Salvador" nacido.
Con tal apellido,
hace grande fiesta,
su zamarra puesta . . .

83. "Iesu medianero"
le ponen por nombre,
porque es Dios y hombre,
*15v león y cordero.
Parece ovejero,
que sale de fiesta,
su zamarra puesta . . .

90. Después de crecido
le darán sombrero,
por el carnicero
de espinos tejido.
Agora nacido,
hace grande fiesta,
su zumarra puesta . . .

97. Para dar guarida
a todo el ganado,
tomará cayado
al fin de la vida.
Con ropa teñida
y la cruz a cuestas,
su zamarra puesta . . .
Verálo la pastora.

B 11 ¡ ENHORABUENA ! (1)

*18 1. Pues paristeis a Dios vivo,
virgen madre galilea,
¡ enhorabuena sea !

4. En Nazareth concebisteis,
flor de toda Galilea.
¡ Enhorabuena sea !

7. Quien no cabe en todo el mundo,
todo en vos, Virgen, se emplea.
¡ Enhorabuena sea !

10. En Belén, Virgen, paristeis,
noble ciudad de Judea.
¡ Enhorabuena sea !

13. El que mueve todo el mundo,
toma en sí nuestra pelea.
¡ Enhorabuena sea !

16. ¡ Oh bendito tal caudillo,
que por nos tán bién guerrea !
¡ Enhorabuena sea !

19. Vístese de nuestro traje,
por nos dar leal librea.
¡ Enhorabuena sea !

22. Por nos dar su hermosura,
toma nuestra carne fea.
¡ Enhorabuena sea !

(1) — Ia, XVIII. Espécie de ladainha, cujo refrão seria, talvez, cantado.

25. Mas, nacido de vos, Virgen,
nuestra vida hermosea.
¡ Enhorabuena sea !

28. Por vestirnos de su gloria,
vistióse de vil librea.
¡ Enhorabuena sea !

31. Por librar a los cautivos,
de prisiones se rodea.
¡ Enhorabuena sea !

34. Como diestro bombardero,
que su espera bien bornea,
(*¡ Enhorabuena sea !*)

37. en los pechos de su padre,
todos los tiros emplea.
¡ Enhorabuena sea !

40. ¡ Oh qué áquila divina,
que tán bién toma la prea !
¡ Enhorabuena sea !

43. Plega a él, por su clemencia,
que mi alma suya sea.
¡ Enhorabuena sea !

46. Y con vos, señora mía,
yo su rostro santo vea.
¡ Enhorabuena sea !

B 12 CAMPANAS [1]

*18v 1. El que muere en el pecado,
sin arrepentirse de él,
este tal, es excusado
campanas doblar por él.

5. Mancebiño rozagante,
por las calles se pasea,
y todo el pueblo rodea,
mirando atrás y delante.
La muerte, con su montante,
da, de súbito, con él.
Este tal, es excusado
campanas doblar por él.

13. Embebido en su señora,
a quien ama, el desdichado,
mil veces, en el pecado,
se deleita cada hora.
Viene la muerte traidora,
con su espada y broquel . . .
Este tal, es excusado
campanas doblar por él.

21. Él siempre vive riendo,
en deleites embebido.
Allí tiene su sentido,
mil pecados cometiendo.
Entra la muerte corriendo,
a llevarlo de tropel.
Este tal, es excusado
campanas doblar por él.

(1) — Ia, XIX.

29. Piensa el loco en el pecado
vivir mucho a su placer,
holgar, comer y beber,
y pecar muy descansado.
Dale la muerte un bocado
más amargo que la hiel.
Este tal, es excusado
campanas doblar por él.

37. Ni cuaresma, ni carnal
deja sus deleitaciones.
Ni le bastan confesiones,
para salirse del mal.
Mas la sentencia final,
en el fuego da con él.
Este tal, es excusado
campanas doblar por él.

45. Si le hablas en el cielo,
para donde fué creado,
él dice que en el pecado
tiene todo su consuelo.
Si de sí no tiene duelo,
¿quién tendrá memoria de él,
para le doblar campanas,
ni salmos rezar por él?

*19 53. Si le dices que se enmiende
por Iesú y sus dolores,
él dice que andar de amores
es mejor. Y en éso entiende . . .
El Señor, a quien ofende,
tal venganza toma de él,
que, de todo, es excusado,
doblar, ni rezar por él.

–VV. 74 e 82 — Cf. Ia, XIX, (3), (4).

61. Como la mujer sin cura,
que vive en la mancebía,
pasa el malo, noche y día,
con la carne y su blandura.
Merece su vida impura
que se muera en el burdel.
Este tal, es excusado,
campanas doblar por él.

69. Anda ya tan estragado
como cesto todo roto.
Al diablo ha hecho voto
de estar siempre amancebado.
Con él ha capitulado
de le ser siervo fiel.
Este tal, es excusado
campanas doblar por él.

77. No puede dormir contento,
si primero no pecó.
Al diablo se entregó,
con firme conocimiento.
Hale hecho juramento
de le ser siervo fiel.
Yo te juro que ¡ es de balde
responsos rezar por él !

B 13 EN EL HUERTO (1)

ciedros

*19 1. Tras del río de los cedros,
el buen Iesú se salía,
con pavor y gran tristeza,
a orar, como soler hacía,
en el huerto.

6. Postrado sobre su rostro,
ante el Padre se ponía.
Con suspiros entrañables,
estas palabras le decía
en el huerto.

*20 11. "Padre mío, si mi muerte
excusar no se podía,
hágase perfectamente
tu voluntad, y no la mía,
en el huerto.

16. Orando prolijamente,
puesto en mortal agonía,
sudaba gotas de sangre,
que hasta la tierra, de él corría,
en el huerto.

21. Mis grandes males son éstos,
¡ oh buen Iesú, vida mía !
que te hacen sudar sangre,
y causan tal agonía,
en el huerto.

(1) — Ia, XX. Repete-se, com pequenas variantes, em Ia, XXXIX, cf. -VV. 6, 9, 32, 37, 41, 44 e 47.
-V. 6 — *sobre*, Ia, XXXIX, *ante*.
-V. 9 — *le decía*, Ia, XXXIX, *decía*.

26. En angustia tan extraña,
que al Señor cercado había,
éntrase el traidor de Judas,
con su infernal compañía,
en el huerto.

31. Prenden al manso cordero,
que recebirlos salía.
Una soga a la garganta,
el cruel sayon le ponía,
en el huerto.

36. Escupen su santa cara,
que en el cielo es alegría.
Atan sus sagradas manos,
con que el cielo formado había,
en el huerto.

41. Al Verbo del Padre eterno,
hijo de la Virgen pía,
de coces y bofetones
cada cual lleva porfía,
en el huerto.

46. Así pagas tú, sin culpa,
buen Iesú, la culpa mía,
y la que el primer padre
comitió, con gran osadía,
en el huerto.

–V. 32 — *que recebirlos*, Iª, XXXIX, *que a recebirlos.*
–V. 37 — *en el*, Iª, XXXIX, *del.*
–V. 41 — *Padre eterno*, Iª, XXXIX, *sumo Padre.*
–V. 44 — *lleva*, Iª, XXXIX, *le daba a.*
–V. 47 — *Iesú*, Iª, XXXIX, *Jesús.*

B 14 ENAMORADOS [1]

*29v 1. Desterróse el rey del cielo,
de su celestial morada,
por el grande amor y celo
de la Iglesia, su amada.

5. Treinta y tres años de vida,
por su amor tuvo por nada,
sufriendo, por despedida,
cruel muerte y deshonrada.

9. Antes de la cruda muerte,
viéndola desconsolada,
le habló, con pecho fuerte,
como a dulce enamorada :

13. "No sientas mi partida.
Mas antes, si me tienes en tu pecho,
y estás conmigo unida
con amor muy estrecho,
alégrate, que al Padre voy derecho.

18. No cause mi ausencia
algun olvido en ti, que si no quedo
contigo, por presencia,
mi cuerpo te concedo
que tengas hasta el fin, sin ningún miedo.

*30 23. Esposa muy querida,
yo solo quiero ser de ti amado,
pues muero, por tu vida,
y soy crucificado
para te dar, sin fin, glorioso estado".

(1) — Ie, XXX.

28. Respondió la esposa amada :
"Yo juro, divino esposo,
que todo mi ser y gozo
será ser yo tu morada."

B 15 DEL NINO IESÚ Y DE SU MADRE (1)

*38v 1. *¿Qué se podía pegar*
a tal hijo, de tal madre,
y a tal hija, de tal padre?

Del hijo

4. A él, de ella se pegó
carne, para se abajar,
porque el más bajo lugar
ella para sí tomó.

8. Hoy nació
tan chiquito, y no curó
de la alteza,
que por su naturaleza,
de su padre heredó.

13. De aquí vino
que, con grande desatino,
del amor de la bajeza,
hoy apoca su grandeza,
por mostrarnos el camino
de la humildad y pobreza.

19. Hoy, niñito
le vemos, tan pequeñito
que se envuelve en una faja,
y duerme en pesebre y paja,
y después, muy más chiquito,
estará en una migaja.

(1) — Ia, XXXV. Destinada ao Natal (Cf. V. 19 e sgs.).

25. Ella, chica,
tan humilde y pobrecica,
puso al hijo en tal andar,
que se quisiese estrechar,
y en una sola gotica
de vino todo encerrar.

31. ¿Qué más se pudo apretar
el Verbo del sumo Padre?
Juzga, si sabes juzgar:
¿qué se podía pegar
a tal hijo, de tal madre?

*39 *Dela madre*

36. Ésta, del hijo, que es Dios,
heredó tal dignidad,
que es fuente de piedad,
derramada sobre nos,
y espejo de su bondad.

41. La grandeza
de su virginal pureza
todo sobra.
¿Quién pensó de ver tal obra,
como aquesta,
por la cual la vida honesta,
que era perdida, se cobra?

48. Sus virtudes soberanas
a ella se le pegaron,
de manera que sobraron
todas las fuerzas humanas,
y los ángeles pasaron.

53. Ella es pura,
más que toda criatura.
Es menor
en sus ojos, mas mayor
ante aquel
que hizo de ella vergel
de su mismo Creador.

60. De ser madre de él que da
a todas las cosas ser,
se le pegó tal poder,
que todo cuanto querrá
ha su hijo de hacer.

65. Si loor
le queréis dar, y valor
que le cuadre,
es hija, virgen y madre
singular.

70. *¿Qué se podía pegar*
a tal hija, de tal padre?

B 16 PRIMA (1)

*41 1. Recemos, Ruben, la prima
en loor
de la madre del pastor.

4. Esta Virgen, yo barrunto
ser la prima
con que el canto y contrapunto
sube acima.
Si la tienes en estima,
sentirás el dulce amor
de la madre del pastor.

11. Es por Eva, la primera,
destemplada
la canción, que de Dios fuera
compasada.
Mas será bien concertada
por el virginal tenor
de la madre del pastor.

*41v 18. Nuestra prima y nuestra hermana
es María,
que cubrió, con nuestra lana,
al Mesía.
Fué tan dulce el armonía
de su virginal primor,
que de Dios hizo pastor.

---

(1) — Ia, XXXVIII.
-V. 22 — *la (arc.)

B 17 DIÁLOGO DE CRISTO COM PERO DIAS (1)

*53v 1. *Patre, rogaui pro te patrem, ut*
non deficiat fides tua.

3. *Cristo* — Pedro, di ¿qué has perdido?
Pedro — Lo que luego hallaré.
Cristo — ¿Perdiste, quizá, la fe?
Pedro — No, que con todo sentido,
por guardarla, trabajé.

8. *Cristo* — ¿Quién te dió fuerza y valor,
con que la fe no perdiste?
Pedro — Tú, Señor, que me quisiste
dar tu gracia y fuerte amor,
con el cual me preveniste.

13. *Cristo* — ¿Cómo así? ¿Tú no podrías,
sin éso, creer en mí?
Pedro — No, Señor, que si creí,
fué porque tú me hacías
que creyese sólo en ti.

*54 18. Porque, sin ti, ni pensar
yo podría cosa buena.
Cristo — Según dices, ¿ es ajena
la fe, que te quise dar,
de balde, con mano llena?

(1) — Ia, XLI.
-V. 2 — Conta Simão de Vasconcelos (VJA, 118-119) que certo sacerdote, tentado por uma doente maliciosa, encontrou na sacristia o P. Anchieta, que o surpreendeu dizendo-lhe: "*Pater, ego rogaui pro te, ut non deficeret fides tua*" (Padre, orei por ti para que te não faltasse a fé). Esse padre seria o P. Pero Dias, a que se refere êste diálogo, diferente do Pero Dias mártir, a que se refere a poesia B 28, mas dá esta a impressão de uma *contaminatio* entre a falta, que teria cometido o sacerdote tentado e o heroismo do mártir de 1571, cf. B 28. A ser exata a relação entre esta peça e a citação de Simão de Vasconcelos, seria ela posterior a 1593 e escrita no Espírito Santo.

23. *Pedro* — Confieso que tuya es,
y de esa verdad no huyo,
mas yo te pregunto ¿cúyo
es lo que me das, después
que haces mío lo tuyo?

28. *Cristo* — Tuyo es, pues te lo doy.
Mas dime: ¿tú, cúyo eres?
Pedro — Pues que todo darme quieres,
sin duda que tuyo soy,
con todo cuánto me dieres.

33. *Cristo* — Dices bien, mas díme más:
el "Pedro", ¿quién te lo dió?
Pedro — Tu poder, que me creó,
y, como piedra, me da
la fuerza que tengo yo.

*54v 38. Porque de mí, nada tengo,
si no siempre desmayar.
Cristo — Por eso quise rogar
a mi padre, de quien vengo,
para tu fe no faltar,

43. que de mí, que piedra soy,
te viene ser "Pedro" fuerte.
Pedro — Muy dichosa fué mi suerte,
pues, por tus pisadas, voy
hasta pasar cruda muerte.

48. *Cristo* — ¿Cómo viste mis pasadas
para por ellas andar?
Pedro — Con tu luz muy singular,
con que fueron alumbradas
las mías, para acertar.

53. Porque el hombre, que camina
encuanto la luz le dura,
no ofende en la noche oscura.
Cristo — Por mi caridad divina,
has tenido tal ventura.

58. Por eso te quise dar
el sobrenombre de "Dias".
Pedro — Yo lo creo, sin dudar,
que las noches eran mías,
en que solía pecar.

*55 63. Mas esclareciendo el día
que tú eres, vime a mí,
y sin más tardar, perdí
la vida, con alegría,
viéndote morir a ti.

68. *Cristo* — ¿Cómo dices? ¿Que es perdida
la vida, que no tenías,
cuando en pecado vivías?
Pedro — Yo teníala por vida,
aunque tú lo prohibías.

73. Mas esa vida dejé,
que, de verdad, era muerte,
cuando tu muerte miré
con la luz de gracia y fe,
que me dió tu mano fuerte.

78. *Cristo* — Esa pérdida te dió
la verdadera ganancia
de la vida, que soy yo.
Pedro — Señor, toda mi substancia
de tu espíritu nació,

83. que es la gracia interior,
que lo más son accidentes
del mundo, falso traidor.
*55v *Cristo* — Ése da pena y dolor
eternal a sus sirvientes.

88. Mas cuando al mundo moriste,
se comenzó tu vivir.
Pedro — Sí, que tu vida seguir,
es la vida que me diste,
para nunca más morir.

93. Y por ésta no perder,
di la vida terrenal . . .
Cristo — Con la gracia divinal,
que te quise conceder,
para hallar la celestial.

98. *Pedro* — Esa bienaventuranza
ha mi ánima hallado.
Cristo — Pues, ¿de qué estás aquejado?
Pedro — Esperando la mudanza
de mi cuerpo estoqueado.

103. *Cristo* — Y ¿cuándo será mudado?
Pedro — Cuando, en el postrero día,
con eternal alegría,
ha de ser resucitado
de ti, ¡ Dios y vida mía !

*56 108. *Cristo* — Ya me tienes respondido
a lo que te pregunté,
mas no digas "hallaré
lo que tenía perdido".
Antes di : "Ya lo hallé".

113. Porque por la mala vida
que tú perdiste por mí,
vida de gracia te dí,
y tu alma esclarecida
tiene vida eterna en sí.

118. *Pedro* — ¿Y la vida, que perdió
mi cuerpo, con fiera espada?
Cristo — Haz cuenta que ya es hallada
y que ya resucitó,
pues será resucitada.

123. *Pedro* — Pues digo que ya hallé
lo que perdido tenía.
Cristo — Por eso te llamaré
clara luz y fuerte fe,
fuerte Pedro y claro día.

B 18

A INÁCIO DE AZEVEDO (1)

*56v 1. *Quiso Dios que diese vida*
al enemigo francés,
la muerte del portugués.

4. Con la Virgen en tu mano,
¡ oh Ignacio, varón fuerte !
peleaste de tal suerte,
que del hereje tirano
triunfaste con tu muerte.

9. Recibiste, sin moverte,
cruel y mortal herida,
y con tal victoria habida,
a ti, tu sangrienta muerte
quiso Dios que diese vida.

14. Jaques Sória te mató,
francés y cruel ladrón,
mas tu vida y tu pasión
creemos que le alcanzó
verdadera contrición.

19. A la fe de corazón
se redujo, en la vejez,
porque tú, con oración,
ganaste de Dios perdón
al enemigo francés.

---

(1) — Ia, XLII. Designado visitador do Brasil, Inácio de Azevedo chegou à Bahia em 25-8-1566, voltou à Europa em 14-8-1568 e tornou com um refôrço de 39 jesuítas. Atacado no mar pelo pirata francês Jaques Sória, foi trucidado com os companheiros. Sua morte é comemorada pela Igreja em 15-7. Em 1584, Fernão Cardim assistiu, em Pernambuco, à festa do martírio, com oração em verso no refeitório e outra em língua de Angola (TTGB, 327). Ao mesmo Inácio de Azevedo é dedicada a poesia B 29. As comemorações aos mártires tiveram início na Bahia em 1574 (HCJB,II, 264), o que situa esta peça em ano posterior.

*57 24. Como tenías por guía
a Iesú crucificado,
que, a voces, perdón pedía
para el pueblo, que lo había
en el madero enclavado,

29. le ruegas, muy inflamado,
por tu matador francés.
Él quiere, por ti aplacado,
que gane vida al culpado,
la muerte del portugués.

B 19 AO IRMÃO MANOEL [1]

*57 1. *Ovejero,*
de pastor hecho guerrero,
¡ bien tocas el atambor !
— Agora toco mejor
cuando, sin quejar, me muero,
con tal fuerza de dolor.

7. Mira bien, hermano mío,
Manoel, quien eres ayer,
y lo que veniste a ser
*57v con tal honra y señorío,
por el divino poder.

12. Su gracia te quiso hacer
buen religioso primeiro,
y en el tránsito postrero,
por su mártir te escoger,
siendo de antes *ovejero.*

17. Fuiste oveja, cuando entraste
mansamente en el corral,
y como limpio animal,
los misterios rumiaste
de la vida perennal.

22. Combatiste al infernal
y cruento carnicero,
con esfuerzo muy entero,
de la gracia divinal
de pastor hecho guerrero.

---

[1] — Ia, XLIII. O Irmão Manoel Álvares veio na expedição de Inácio de Azevedo. Defendia-se e aos seus, valentemente, protestando sua fé em brados, que eram ouvidos ao longe. Teve o rosto retalhado e as pernas e braços quebrados. Foi atirado vivo ao mar (Cr, 95, 112).

27. Viendo los buenos cristianos,
en las ondas de la mar,
fuertemente contrastar
a los malos luteranos,
que los quieren acabar,

*58 32. para más los esforçar
en la fe de tu Señor,
con increíble fervor,
no cesando de gritar,
bien tocas el atambor.

37. — Tocado de Dios, toqué
lo que el mundo dar podía,
y tomando por mi guía
mi pastor Jesús, entré
en su santa Compañía.

42. Padecí con alegría
tormentos por mi Señor,
y tocado, con furor,
de la herética porfía,
agora toco mejor.

47. Tocóme, con gran denuedo,
el francés ladrón profano
y corsario luterano,
quebrantándome sin miedo,
con su furiosa mano.

*58v 52. Yo, como fiel cristiano,
más y más tormentos quiero,
y sigo, como cordero,
a Jesús, Dios soberano,
cuando, sin quejar, me muero. . .

57. Con sus crueles espadas,
mi cara despedazaron,
brazos y piernas quebraron,
con escopetas pesadas.
¡ Ni con esto se hartaron !

62. Medio muerto me dejaron
para doblar su furor,
mas yo salí vencedor,
porque en nada me doblaron
con tal fuerza de dolor.

B 20 ¡ MIRA NERO ! (1)

*94 1. Mira el malo, con dureza,
a Jesús, como moría.
Lloraba la redondeza,
con dolor y gran tristeza . . .
¡ Y él de nada se dolía !

6. La justicia furiosa,
viendo en pena al inocente,
decía, muy rigurosa :
" ¡ Sumo Dios omnipotente !
¿ no vengáis tan grave cosa ?"

11. Mas la clemencia, muy pía,
del hijo de Dios, clamaba,
y al Padre perdón pedía
para aquel que lo mataba.
¡ Y él de nada se dolía !

16. El sol, con verguenza y duelo,
ver morir a Dios no pudo,
y cubrióse oscuro velo,
porque moría desnudo,
en la cruz, el rey del cielo.

*94v 21. Toda la tierra bullía
y las piedras se quebraban.
En noche se vuelve el día.
Todas las cosas lloraban . . .
¡ Y él de nada se dolía !

(1) — Ia, XLVI. Talvez constituísse parte do festival de São Lourenço, cf. E 2 a.

26. El corazón de la madre
de dolor está oprimido,
viendo su hijo querido
ser de Dios, su eterno padre,
como puesto ya en olvido.

31. Puesto en mortal agonía,
su Señor y Dios miraba,
y viva, con él moría.
Mas el malo duro estaba,
¡ y de nada se dolía !

B 21

SOBRE EL CIEGO AMOR (1)

*94v 1. El buen Jesús me prendió,
y me dió por madre aquella
que yo moria, sin ella,
y ella vida me dió.

5. Buen Iesu, cuando quisiste
*95 darme por madre tu madre,
con amor más que de padre,
toda mi alma prendiste.

9. Tan grande amor me obligó
a servir y amar aquella
que yo moría, sin ella,
y ella vida me dió.

13. Como yo estaba sin ella,
también estaba sin ti.
Mas tú, dándomela a mí,
también te diste con ella.

17. Tu vida se remató
con me dar por madre aquella
que, siendo yo hijo de ella,
por hermano te me dió.

---

(1) — Ia, XLVII. Talvez constituísse parte do festival de São Lourenço, como as poesias XLV e XLVI, entre as quais se encontra. Cf. E 2 a.

B 22 CANTIGA (1)

*95v 1. *Los que muertos veneramos*
por su Dios,
si no los seguimos nos,
¿qué ganamos?

*96 5. Los que las honras del mundo
despreciaron,
y las deshonras amaron
de la cruz,
éstos, con su buen Jesús,
de la muerte triunfaron.

11. Sin ningún temor pasaron
a la vida, que esperamos,
en sus manos con los ramos
del triunfo, que alcanzaron,
los que muertos veneramos.

16. Vivieron vida del cielo,
continuamente muriendo,
a sí mismos persiguiendo,
sin querer ningún consuelo,
de los que mueren, viviendo.

21. Al tirano no temiendo,
muy feroz,
sufren muerte muy atroz,
muy contentos,
y con crueles tormentos,
dan la vida *por su Dios.*

(1) — Ia, XLIX, onde se lê : "Estas se fizeram na festa do P. Inácio de Azevedo e seus companheiros", cf. B 18.

*96v 27.

Amadores de pobreza,
celosos de castidad,
paciencia con humildad
juntaron con sencillez,
obediencia y caridad.

32.

Si queremos, de verdad,
ser de Dios,
hermanos, decídme vos
si podemos
alcanzar lo que queremos
¿si no los seguimos nos?

38.

Dejamos el mundo malo,
que cautivos nos tenía.
Venimos, con alegría,
a llevar el santo palo
de la cruz, de noche y día.

43.

Si la vida de la cruz
no tomamos,
y viviendo procuramos
de morir,
y muriendo a nos, vivir
a sólo Dios, *¿ qué ganamos?*

B 23 POR GRACIAR IESÚ CRISTO (1)

*131 1. Quando la muerte quería
combatir al rey del cielo,
él, con mortal agonía,
de rodillas se ponía
con su rostro por el suelo.

6. Esta muerte no temía
aquél fuerte, cuyo nombre
desde niño se decía
"Iesú Cristo, Dios y hombre",
el mayor que ser podía.

11. Con azotes desiguales
tiene rompida la malla
de sus carnes virginales.
Con cuatro llagas mortales,
dió remate a la batalla.

16. Y por fin, de su pasión,
con la lanzada postrera,
se rompió su corazón,
y luego, sin dilación,
sangre y agua de él salieron.

*131v 21. Por todas partes herido
con la fuerza del combate,
queda muerto y no vencido,
para que su muerte mate
la muerte del fementido.

(1) — Ia, LV. Relacionado, talvez, com alguma solenidade de Semana Santa. Interpretação de título duvidosa, cf. NP, (38).

26. Sus cinco llagas mostrando,
que siempre abiertas tenía,
al hombre, por quien moría,
con su muerte está llamando,
que vaya en su compañía.

31. Batallando sin temor,
con el lobo carnicero,
armado sólo de amor,
al fin salió vencedor,
mas muerto como cordero.

36. La muerte queda vencida,
y Lucifer con la muerte
y la gloria prometida
al que, con ánimo fuerte,
por Iesú diere la vida.

*132 41. Ya no siente sus dolores,
porque deja destrozadas
las fuerzas de los traidores,
y fortaleza ganada
a los flacos pecadores.

B 24 CORONA DE ROSAS [1]

*132 1. Cuando la Virgen María
quiso vencer el corsario,
que las almas destruía,
ordenó que, cada día,
se rezasse su rosario.

6. Esta corona de rosas,
junta con la buena vida,
las batallas peligrosas
lleva siempre de vencida,
y da palmas gloriosas.

11. El rosario es la espingarda,
y la pólvora el temor,
el fuego, el divino amor,
que de los peligros guarda
su devoto servidor.

*132v 16. Las cuentas, que son pelotas,
da la madre de Iesú
a las almas, sus devotas,
con las cuales sean rotas
las armas de Belcebú.

---

[1] — Ia, LVI. Destinada, provàvelmente, à festa do Rosário (10 de outubro).

B 25 DE NOSSA SENHORA [1]

*132v 1. ¡ Oh niña, hermosa estrella,
lucero de nuestra vida,
chiquita como centella,
mas de Dios engrandecida,
y más honrada,
y más querida,
sin pecado concebida !

8. Sois mayor que todo el cielo,
¡ y en el vientre estáis metida !
mas cubierta con el velo
de la gracia sin medida,
y más honrada,
y más querida,
sin pecado concebida.

*133 15. Vos, niña, sois el comienzo
de la vida prometida,
y pariendo a Dios inmenso,
seréis virgen y parida,
y más honrada,
y más querida,
sin pecado concebida.

---

(1) — Ia, LVII. Destinada, provàvelmente, à festa da Conceição de Nossa Senhora (8 de dezembro). Cf. A 27

B 26

¡ POR TI MUERO ! (1)

*133 1.

La tarde comenzaba
a perder la luz
de su lucero,
cuando el buen Jesús estaba
clamando, en un madero :
" ¡Hombre, enemigo mío,
por ti muero !"

8.

Tú, cruel enemigo,
causaste los tormentos
de que muero,
¡ y yo, fiel amigo,
tu paz y vida quiero !
¡ Hombre, enemigo mío,
por ti muero !

15.

¿ Por qué eres tan cruel
para quién es más manso
que cordero ?
¡ Y estoy bebiendo hiel
por ti, mi carnicero !
¡ Hombre, enemigo mío,
por ti muero !

22.

Las llagas tan extrañas,
con que se consolló
todo mi cuero,
declaran mis entrañas
y amor verdadero.
¡ Hombre, enemigo mío,
por ti muero !

(1) — Ia, LVIII.

*133v 29.

¡ Oh, duro corazón,
más bravo que león
y tigre fiero !
¿ Non tienes compasión
de tan manso cordero ?
¡ Hombre, enemigo mío,
por ti muero !

36.

Si pensas desollarme,
y quieres engullirme
todo entero,
no cures de matarme,
que vivo darme quiero.
¡ Hombre, enemigo mío,
por ti muero !

43.

No sufre darme en partes
el fuego de mi amor
tan verdadero.
Mas, para que te hartes,
me entrego todo entero.
¡ Hombre, enemigo mío,
por ti muero !

B 27 IESÚ (1)

*133v 1. Aquel que tiene por nombre
"Iesú", de la Virgen nacido,
porque no se ahogue el hombre,
en la mar anda metido,
y bien cercado,
y bien herido . . .
¡ y del hombre mal servido !

8. Cercado de nuestros males,
*134 de los malos perseguido,
de los buenos y leales,
aunque pocos, conocido,
y bien cercado,
y bien herido . . .
¡ y del hombre mal servido !

15. Herido de amor eterno,
que a los hombres ha tenido,
por librarlos del infierno,
en la cruz está tendido,
y bien cercado,
y bien herido . . .
¡ y del hombre mal servido !

---

(1) — Ia, LIX. Cf. B 25.

B 28

A PERO DIAS [1]

*167 1. *Si quieres firmeza y luz,*
como el Padre Pero Dias,
sigue al Salvador Mesías.

4. Pero Días piedra fué,
miembro de la piedra viva
en que el edificio estriva
de toda la santa fe,
que los sentidos cautiva.

9. No sea tu alma esquiva
contra la penosa cruz
abrazada de Jesús,
piedra mármol y luz viva,
si quieres firmeza y luz.

14. Si fué "Pedro" por ser piedra,
día fué por resplandor,
con tal gracia del Señor,
que con él no tuvo medra
el oscuro tentador.

19. La fuerza y luz del amor
nacen de Iesú Mesías.
Pues amadlo, entrañas mías,
si queréis luz y vigor,
como el Padre Pero Días.

(1) — Ia, LXVII. Pero Dias chefiava 14 jesuítas, que vinham de Portugal ao Brasil e foram mortos em 13 e 14 de setembro de 1571, pelos piratas de Capdeville. Pero Dias, morto a estocadas, foi atirado ao mar. Cf. B 17.

24. Como siguió en su vivir
a Jesús, su buen amigo,
fué de él tan fiel testigo,
que por él vino a morir
en manos del enemigo.

29. Por amigo tan antiguo,
trabaja noches y días,
que te quiere unir consigo.
Y si lo quieres contigo,
sigue al Salvador Mesías.

B 29

DOS IRMÃOS MÁRTIRES (1)

*175v 1.

Ahogólos en la mar
el hereje, con furor.
Jesú, dulce redentor,
con esto quiso ahogar
sus pecados, con amor.

6.

Un ejército dichoso
el sumo Dios escogió,
el cual tán bién peleó,
que, con fin muy glorioso,
con Dios, y por Dios, murió.

11.

El Jaques los condenó,
sin ellos le contrastar,
y con muerte singular,
con la sentencia, que dió,
ahogólos en la mar.

16.

¡ Oh, valientes caballeros,
que vencéis, no resistiendo,
mas cruel muerte sufriendo,
como muy mansos corderos,
por el Cordero muriendo,

(1) — Ia, LXXVIII. Os Irmãos mártires são Pero Correia, língua, e João de Sousa, cozinheiro, cuja história, contada pelo próprio Anchieta (C, 71-78) seria a seguinte : por ordem de Manoel da Nóbrega, partiram ambos, com Fabiano de Lucena, para Cananéia, onde êste ficou, prosseguindo os dois Irmãos para o sul, a fim de estabelecerem paz entre tupis e carijós, permitirem a passagem para o Rio da Prata a alguns castelhanos anteriormente conduzidos por Leonardo Nunes e iniciarem a catequese dos ibirajaras. Em novembro de 1554 apareceram dois intérpretes, um espanhol e outro português. O primeiro fôra salvo da morte por jesuíta, mas o jesuíta fizera casar a moça, que vivia com êle, com um morador de São Vicente, ofensa que o espanhol não perdoou. Por isso, quando os dois missionários saíram do campo dos carijós e penetraram no sertão à procura dos ibirajaras, foram flechados. Pero Correia morreu pregando aos seus atiradores ; João de Sousa ajoelhara-se e morrera louvando o Senhor pelo martírio que lhe concedia. O fato foi posterior ao Natal de 1554, e fixaria a poesia em fins de um dezembro, caso ela não tivesse sido representada, como parece, na comemoração geral dos mártires, em 15 de julho de um ano posterior a 1574. Cf. B 17.

21. su mansedumbre siguiendo,
sin temer ningún dolor,
hechos hostias de loor,
vuestras vidas consumiendo
el hereje, con furor !

26. Holocausto muy entero
fuisteis, en vuestro vivir,
holocausto en el morir,
pues todos, por el Cordero,
os dejasteis consumir.

31. En la mar pudo hundir
los cuerpos, el matador,
mas al cielo, con honor,
las almas hizo subir
Iesú, dulce redentor.

36. Él quiso ser ahogado
en la mar de su pasión,
para que nuestro pecado
en ella fuese arrojado
con copiosa redención.

41. Y si quiso que el ladrón
os diese muerte en la mar,
vuestras ánimas lavar,
y sus culpas, de rondón,
con esto quiso ahogar.

*176 46. ¡ Oh, que terrible escuadrón,
de Dios tan bién ordenado !
por el cual fué derrocado
el satánico dragón,
y Jesús muy exaltado.

51. Mas todo bien ponderado,
fué gracia de este Señor
y benigno Salvador,
que le había perdonado
sus pecados, con amor.

B 30

A INÁCIO DE AZEVEDO [1]

*177 1. *Lo dulce no gustará*
quien no gusta del acedo,
como Ignacio de Azevedo.

4. El exceso de amarguras,
que el buen Jesús padeció,
con amor las convirtió
en exceso de dulzuras,
con que al hombre regaló.

9. Lo uno y otro bebió
Ignacio, que muerto está,
con muerte, que vida da,
porque quien hiel no gustó,
lo dulce no gustará.

14. El trabajo, abatimiento,
dolor, muerte, acedos son.
Bebiólos, de corazón,
con excesivo contento,
Ignacio, grande varón.

19. Si quieres tal bendición,
síguelo con gran denuedo,
porque es justicia y razón,
no tenga consolación
quien no gusta del acedo.

(1) — Ia, LXXX. Cf. B 18 e 22.

24. Azevedo acedo queda,
si sacas de medio el «ve»,
porque el acedo fué
para Ignacio vino rueda,
con que se provó su fe.

29. Su amor perfecto fué,
desechando todo miedo,
pues quien tal ejemplo ve,
firme en solo Dios su pie,
como Ignacio de Azevedo.

B 31

SÃO CRISTÓVÃO (1)

*177v 1. *Dos cabritas combatieron*
el poderoso gigante.
Ellas pasan adelante,
y vencidas, lo vencieron.
El quedó más triunfante.

6. Como echó, por el pecado,
Dios, al hombre, maldición,
que de guerra y tentación
viviese siempre cercado,
con dolor de corazón,

11. contra el triste, con razón,
los vicios se embravecieron,
y tan atrevidos fueron,
que al fortísimo león
dos cabritas combatieron.

16. Primero fueron cabritas
— la Niceta y Aquilina —,
mas volviólas, muy aína,
São Cristóvão, corderitas,
con la potestad divina.

21. Con la carnal golosina,
se le ponían delante,
mas, con su casta doctrina,
las sacó de tal cantina
el poderoso gigante.

(1) — Ia, LXXXI. São Cristóvão, cuja festa se celebra em 25-7, converteu as pagãs Niceta e Aquilina. Cananeu, combateu contra os persas, converteu-se ao cristianismo e passou a pregar o Evangelho, na Grécia, onde converteu muitos com seu fervor e milagres. No tempo de Décio, foi encarcerado, pôsto sôbre áscuas em brasa, embebido em azeite e, por fim, decapitado. As duas conversas foram atormentadas e degoladas antes da morte dêle. Em HCJB, II, 229, cita-se uma aldeia de São Cristóvão, no Espírito Santo; em 1589, era residência fixa dos jesuítas, dirigida pelo P. Diogo Fernandes.

26. Trocan los gustos carnales
por el divino solaz.
Curren, libres de sus males,
a los gustos celestiales
de la soberana paz.

31. No pueden esperar más.
Con deseo de su amante,
mueren, con pecho constante.
São Cristóvão queda atrás,
ellas pasan adelante.

36. En la fe bien confirmadas,
no temieron al feroz
tirano, ni muerte atroz,
de Cristóvão animadas
con su ejemplo y con su voz.

41. Primero venció las dos,
cuando en Dios, por él, creyeron.
Ellas, después, más corrieron,
antes de él muertas por Dios,
y vencidas, lo vencieron.

B 32

¡ DESDICHADO PECADOR ! (1)

*178 1. Criatura generada
para que en los soberanos
cielos fueses colocada,

4. véote tan olvidada
de mi singular amor,
que puedes, con gran dolor,
de ti misma ser llamada
"desdichado pecador".

9. Pecas con gran desatino,
quebrantando mi mandato,
y andas embriagado,
ensopándote en el vino
del deleite del pecado.

14. Mas eres muy espantado
del infierno tragador,
y pecando a tu sabor,
nunca vives descansado,
pues siempre tienes temor.

*178v 19. Temes aquel sumo mal
que merecen tus maldades.
Temes las eternidades
de aquella flama infernal,
igual a tus fealdades.

24. Tiemblas de las crueldades,
que mi justicia te ordena.
Temes que, si te condena,
sentirás las cualidades
infinitas de la pena.

(1) — Ia, LXXXII.

29. Pues temes del mal eterno,
¿por qué no dejas los males
de los pecados mortales,
que te llevan al infierno,
a las penas eternales?

34. ¿Por qué los vicios carnales
no matas, con vida buena?
Pues tanto temes la pena,
de las cuevas infernales
¿por qué haces la cadena?

*179 39. La horca sin el cordel,
no la temen los varones,
ni espanta los corazones
la cárcel, aunque cruel,
si faltan llave y prisiones.

44. Si miras estas razones,
lo que temes has causado,
pues que haces el candado
del infierno, y los grillones,
con la soga del pecado.

49. Tu soberbia y presunción,
tu codicia insaciable,
y tu carne deleznable
en torpeza y corrupción,
ira y gula tan notable,

54. todo esto, miserable,
de que estás tan rodeado,
es herroso y gran candado,
y cadena intolerable,
con la cual serás atado.

*179v 59. Tú mismo, por tu querer,
al pecado de entregaste,
y con él tu alma ataste,
sin nunca amar ni temer
a mí, contra quien pecaste.

64. Pues tu alma cautivaste
con culpas, de que está llena,
justo és que te den pena,
que tú mismo procuraste,
pues la culpa te condena.

69. Tu conciencia te aguijona
por los males en que estás,
ni te deja tener paz,
porque ella nunca perdona
a quien sigue a Satanás.

74. Si cada vez pecas más,
sin te querer enmendar,
no te podrás quietar,
y quien vive sin compás,
paz no tiene sin dudar.

*180 79. Deseas subir al cielo,
¡ y no haces lo que debes,
para que seguro llegues !
porque, del amor del suelo,
ni solo un paso te mueves.

84. Si de continuo te atreves
pecados acrecentar,
muy facil es de probar
que, por mucho que lo niegues,
tú mismo quieres penar.

89. Eres cruel para ti,
más que todo lo creado,
pues con el mismo pecado
con que te alejas de mi,
te tienes alanceado.

94. ¡ Pecador desatinado !
pues dices que bien te quieres,
¿ por qué buscas placeres
con los cuales, denodado,
te lastimas, y te hieres ?

*180v 99.

Yo soy vida verdadera,
y todo lo más es muerte.
Quien, con ánimo muy fuerte,
me sigue por mi carrera,
tendrá gloriosa suerte.

104.

¿Quién hay, que pueda valerte,
pues a Dios seguir no quieres?
Porque cuanto más vivieres,
más te abrazas con la muerte,
y queriendo vivir, mueres.

109.

Tú, sin ningún sentimiento,
dejas a tu Creador.
Bien conoces lo mejor,
y con loco atrevimiento
siempre sigues lo peor.

114.

¡Oh loco contratador!
a tu Dios, que siempre dura,
¿trocas por la criatura
en que empleas tu amor,
tu saber y tu cordura?

*181 119.

Tienes hambre de la tierra.
Del cielo, no gustas nada...
Con tu carne, paz firmada,
con tu alma, tienes guerra
de todas partes trabada.

124.

La reina ser cautivada,
la señora, esclava oscura,
sin honra ni hermosura,
tenerla tan mal tratada,
es certísima locura.

129.

Temes de ser condenado
con el infernal dragón,
¡y de todo corazón
amas el mortal pecado,
causa de condenación!

134. Tú quieres tu perdición,
mientras en culpa vivieres.
¿Sin pena, quieres placeres?
Afirmas contradicción,
pues quieres lo que no quieres.

B 33 UM PECADOR À VIRGEM PARIDA [1]

*181v 1. *El que viene*
es el rey, que todo tiene
en su mano,
vestido de cuerpo humano
siendo Dios,
nacido todo de vos,
todo de Dios soberano.

8. *¿Quién pensó*
que el Padre, que os creó,
hijo fuese?
¿y de vos, Virgen, naciese
Dios y hombre,
teniendo "Jesús" por nombre,
y salud al mundo diese?

15. La culpa tiene tomado
poderío sobre nos,
*182 y, como bestia feroz,
tiene ya fuera lanzado
de las ánimas a Dios.

20. ¡ Oh Virgen madre ! sin vos,
el mundo no se sostiene.
Porque el pecador no pene,
el mismo, que es sumo Dios,
ese mismo, es *el que viene.*

25. Viene, vencido de amor,
a ser capitán y guía
de mí, ciego pecador,
y pagar, como deudor,
la pena, que yo debía.

(1) — Ia, LXXXIII.

30. Suplicadle, madre pía,
que mi alma no condene,
pues ése, señora mía,
que a vuestros pechos se cría,
es el rey, que todo tiene.

*182v 35. Tiene todo en su poder,
y, porque el hombre despierte,
amenázalo con muerte,
y haciéndose temer,
las almas a sí convierte.

40. En su mano está mi suerte
— no sé si de enfermo o sano.
Porque yo no corra en vano,
suplicadle, mujer fuerte,
me tenga siempre *en su mano.*

45. En su mano poderosa
puse yo mi voluntad,
dejando la vanidad,
y, con liberdad dañosa,
me henchía de fealdad.

50. No le falta piedad
para henchir de gracia al vano,
pues su suma majestad
viene, con suma humildad,
vestido de cuerpo humano.

*183 55. Es humano y todo bueno.
Su clemencia nunca cansa.
Yo me hice de él ajeno,
él, de mansedumbre lleno,
me convida a confianza.

60. ¿Como no tendré esperanza
que me guardaréis, los dos,
pues tomó dentro de vos
verdadera semejanza
y ser de hombre, *siendo Dios?*

65. Dios sumo, que ser os dió,
como verdadero padre,
tanto de vos se pagó,
que también os concedió
ser su verdadera madre.

70. Como sólo de Dios Padre
es nacido, encuanto Dios,
para que tal honra os cuadre,
sóla a vos tomó por madre,
nacido todo de vos.

*183v 75. Vos sois madre de pureza,
yo de vicios combatido,
porque no sea vencido,
alcanzadme fortaleza
del hijo, que habéis parido.

80. Pues amor lo ha somitido
a vuestra materna mano,
por mí, que soy vil gusano,
siendo *ab aeterno* nacido
todo de Dios soberano,

85. en vos todo se encerró
quien no cabe en lo creado,
¡ tan pequeñito tornado,
que puedo comerlo yo
todo entero, de un bocado !

90. Todo esto fué causado
del amor, que lo venció,
del cual tan preso quedó,
que nunca será librado.
Tal misterio, *¿ quién pensó?*

*184 95. Este amor, que tuvo a todos,
en vos, Virgen singular,
lo quiso todo emplear,
por tan inefables modos,
que el cielo hacen pasmar.

100. El cual, con dulce cantar,
loa a Dios, que en vos moró,
y aunque os ame sin cesar,
muy menos os puede amar
que el Padre, que os creó.

105. De David, vuestro buen padre,
dijo Dios que halló un varón
conforme a su corazón.
Mas a vos, os llama "madre",
con suprema perfección.

110. Esta suma bendición
hizo él que en vos cupiese,
y el Verbo, que no tenese
que cruento, su corazón
también vuestro *hijo fuese.*

*184v 115. Vuestra vida angelical
nos fué principio de vida,
que por Eva fué perdida,
cuando, por culpa mortal,
fué la muerte introducida.

120. Porque ésta sea vencida,
hizo Dios que en nos viviese
humildad, que constriñese
encarnar la misma vida,
y de vos, Virgen, naciese.

125. ¿Quién no se dará de todo
a serviros, Virgen pura,
cuya gracia y hermosura
sobra, por muy alto modo,
toda a pura criatura?

130. ¡Ojalá vuestra figura,
¡oh María, dulce nombre!
renueve en mí la pintura,
que borró mi vida oscura,
ofendiendo a *Dios y hombre!*

*185 135. No podéis dejar de ser
piadosa al que es culpado,
porque, si está mal llagado,
en vos, madre, está el poder
con que ha de ser curado.

140. Pues sois tálamo sagrado
del redentor, Dios y hombre,
y cordero inmaculado,
que quita todo pecado,
teniendo "Jesús" por nombre,

145. este nombre muy suave
imprimí en mi corazón,
¡ Virgen, divino conclave,
que sola tenéis la llave
de la humana salvación !

150. Y porque hubiese perdón
quien por vos lo requiriese,
cercasteis, sin corrupción,
en vuestro vientre, un varón,
que salud al mundo diese.

B 34

O PECADOR E O MENINO [1]

I

*185v *Um pecador ao menino nascido :*

1. *Vuestro advento*
es remate y cumplimiento
de la ley,
¡ oh mi Dios, pastor y rey
humanado !
¡ Y seréis crucificado,
por dar vida a vuestra grey !

8. Cuando pienso, mi Señor,
vuestra bondad sin medida,
que por dar al mundo vida,
con tan inefable amor
ordenó vuestra venida,

13. mi alma en vos absorbida
recibe esfuerzo y aliento,
y nuevo contentamiento,
del divino amor herida,
contemplando *vuestro advento.*

*186 18. Advento tan deseado
de todas las criaturas,
con el cual las almas puras,
dejando el traje pasado
toman nuevas vestiduras.

---

[1] — Iª, LXXXIV e LXXXV.

23. Decláranse las figuras
del antiguo testamento,
porque el nuevo mandamiento,
de todas las escrituras,
es remate y cumplimiento.

28. Cumplimiento del deseo
de este humano corazón,
no lo hallo, y con razón,
si de todo en vos no empleo,
buen Iesú, mi corazón.

33. Vuestra sacra encarnación
y pasión, ¡ oh sumo rey !,
dará eterno galardón,
con divina bendición,
al guardador *de la ley.*

*186v 38. De la ley sois vos el fin,
en quien todo es concluído,
y por eso sois nacido
en casilla tan ruín,
del mundo mal conocido.

43. Despertad nuestro sentido,
pues que somos vuestra grey,
para que seáis temido,
amado y siempre servido,
¡ oh mi Dios, pastor y rey !

48. Rey de poder infinito,
e hijo del sumo Dios,
sin principio y fin sois vos,
aunque agora tan chiquito
hecho por amor de nos.

53. Sois león fuerte y feroz
en cordero transformado,
en la Virgen encarnado.
Por juntar los pueblos dos,
siendo Dios, sois *humanado.*

*187 58. Humanado por amor
del hombre, vil criatura,
porque cobre la figura,
que perdió, del Creador,
pecando con gran locura.

63. Por soldar nuestra rotura,
será roto vuestro lado,
y vuestro rostro afeado,
perdida su hermosura,
y seréis crucificado.

68. Crucificado con pena
de tormento y confusión,
sin queja ni turbación,
por pagar la culpa ajena
y a los malos dar perdón.

73. Deshonrado con pregón
por transgresor de la ley,
y con título de rey,
penaréis como ladrón,
por dar gloria a vuestra grey.

II

*187v *Resposta do menino nascido ao pecador :*

78. *Mi venida*
fué para te dar la vida,
que perdiste,
cuando tu gusto quisiste
más que a mí.
Mas yo me doy todo a ti.
Si me aceptas, reviviste.

85. Yo de nada te creé,
hombre vil, que fuiste nada,
para que tu alma, ornada
con mi caridad y fe,
fuese siempre mi morada.

90. Mas está tan afeada
con culpas, y tan perdida,
que para ser restaurada,
fué de mi Padre ordenada
a la tierra, *mi venida.*

*188 95. Mi venida a tal flaqueza
fué forzada del amor,
el cual, sin ningún temor,
combatió mi fortaleza,
y al fin salió vencedor.

100. Pues si me ves, pecador,
la deidad escondida,
y en forma tan abatida
hecho esclavo, de señor,
fué para te dar la vida.

105. La vida llena de males
en que estás todo sumido,
me tiene muy ofendido.
Yo, con ojos paternales,
te veo, y tengo sufrido.

110. Todo el bien tienes perdido,
porque de tu Dios huíste.
Vives y siempre viviste
sin dolor, y con olvido
del grande bien, *que perdiste.*

115. Perdiste la hermosura
*188v de la gracia divinal,
dejando, con gran locura,
por la baja criatura,
tu Creador eternal.

120. Hallaste tu proprio mal,
sin por eso quedar triste.
A tu Dios disgusto diste,
como traidor desleal,
cuando tu gusto quisiste.

125. Quisiste la fealdad,
abrazaste la torpeza,
despreciaste la limpieza,
desechaste la verdad,
olvidaste la nobleza.

130. Yo, por darte mi grandeza,
tan chiquito estoy aquí.
¡ Oh miserable de ti !
¿ Por qué amas la bajeza
del deleite, *más que a mí?*

*189 135. A mí no quieres tomar
por padre, señor y hermano,
¡ oh cruel y deshumano,
que me pisas, sin cesar,
como a bajo y vil gusano !

140. Abrazas el mundo vano,
y aunque yo por ti nací,
no te quieres darte a mí,
ni fiarte de mi mano . . .
Mas yo me doy todo a ti.

145. Todo a ti me doy nacido,
porque me puedas tener
y de todo posseer,
¡ tan chiquito y encogido,
que bien puedo en ti caber !

150. Para darte nuevo ser,
gracia y vida, que perdiste,
mi majestad y poder
hoy se entrega a tu querer.
Si me aceptas, *¡ reviviste !*

B 35 — NA VISITAÇÃO DE SANTA ISABEL

FIG. 6

Aspecto atual da Igreja do Rosário, de Vila Velha, à qual se teria destinado "Na Visitação de Santa Isabel".

NA VISITAÇÃO DE SANTA ISABEL

Existe, em Vila Velha, antiga capital do Espírito Santo, uma igrejinha simples, centro da praça pública local. É a Igreja do Rosário (1), *quase fronteira à praia tranqüila e tradicional onde, em 1558, o santo Frei Palácios se abrigou. Ali viveu sob uma gruta, ainda hoje venerada, junto à qual construiu um oratório consagrado a Nossa Senhora da Penha, cuja imagem trouxera consigo. Mais tarde fêz-lhe uma capela sôbre o morro. Hoje, um caminho íngreme, calçado de lajes musgosas, que romeiros sobem, de joelhos, conduz ao majestoso Convento da Penha, erguido como um baluarte sôbre a nova capital do Espírito Santo* (2).

"Na visitação de Santa Isabel" destinar-se-ia àquela igrejinha. Seria representado em 2 de julho de 1595 (3), *antes da missa de inauguração da Santa Casa de Misericórdia que, em 1595, o Capitão Miguel de Azeredo fizera construir a pedido de Anchieta* (4). *Seus principais personagens são um romeiro castelhano, devoto de Nossa Senhora da Penha, e Santa Isabel, padroeira das Santas Casas de Portugal e do Brasil.*

É a última composição do caderno de Anchieta, a última, talvez, de sua vida.

O anotador que, piedosamente, lhe conservou as relíquias (5), *acrescentou no final desta:*

«Esta é a derradeira que o P. José
fêz em sua vida, estando já muito doente.
O qual se foi a gozar do Senhor aos 9
de junho de 1597 anos. Morreu
na aldeia de Reritiba, na Capi-
tania do Espírito Santo, sendo Superior o P.
Pero Soares, e da aldeia o P. Diogo Fernandes." (6)

---

(1) — Fig. 6.

(2) — Fig. 7.

(3) — Ainda hoje as Santas Casas celebram, em 2 de julho, dia da visitação de Santa Isabel, a sua festa principal. Em TTGB, 293, porém, a festa da visitação é indicada em 3 de julho.

(4) — BMP 3, 123-127.

(5) — Cf. NP, § 1 e fig. 4.

(6) — Fig. 4. Cf. Iª, LXXVI, (7).

LOCAL — Igreja do Rosário, em Vila Velha, no Espírito Santo (1), antes da missa.

DATA — 2 de julho de 1595 (?).

PERSONAGENS — Romeiro
Santa Isabel
Nossa Senhora
Anjos
Quatro companheiros do romeiro

TEMA — Um romeiro saúda Santa Isabel, no dia da Visitação. Pede-lhe explicações sôbre o significado da festa. Ao retirar-se, Nossa Senhora aparece, chama-o e o abençoa. Quatro companheiros do romeiro a homenageiam e retiram-se cantando.

(1) — Fig. 6.

B 35 NA VISITAÇÃO DE SANTA ISABEL (1)

*200 *Sôbre êste mote :*

1. *¿Quién te visitó, Isabel,*
que Dios en su vientre tiene?
Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

Estando Santa Isabel sentada nũma cadeira, na capela, antes de começar-se a missa, entra a visitá-la um romeiro castelhano :

5. *Romeiro* — ¡ Sálveos Dios, Santa Isabel,
que en el fin de vuestros días
habéis concebido aquel
que será amigo fiel
y precursor del Mesías !

10. Entiendo que, en este día,
de Dios fuisteis visitada,
que os trajo, con alegría,
la Virgen Santa María,
que de él estaba preñada.

15. *Santa Isabel* — Parecéis cansado estar.
Decidme, ¿quién sois, hermano?
Romeiro — Un romero castellano,
que os vengo a visitar
y ponerme en vuestra mano.

(1) — Iª, LXXXVI. Publicado em BMP 3, 131-157.
V. 10 — Cf. (3).

20. *Santa Isabel* — ¡ Bien vengáis, fiel romero,
que, con grande devoción,
a honrar, de corazón
venís, con amor entero,
mi santa visitación !

25. ¿ A que fué vuestra venida ?
Que, si queréis mi favor,
yo os lo ofrezco con amor,
para que, con buena vida,
agradéis más al Señor.

30. *Romeiro* — Eso quiero.
Mas, que me digáis primero
algunas cosas de aquella
luna llena y clara estrella,
madre de Dios verdadero,
siendo virgen y doncella.

*200v 36. *Santa Isabel* — Preguntad, que yo os diré,
no todo, mas un poquito,
pues que ya el fruto bendito
de su vientre lo loé,
Dios eterno e infinito.

41. *Romeiro* — Pregunto, que nada sé
de esta tan grande señora.
Mas espero que tendré
aumento de amor y fe,
con lo que diréis agora.

46. *Santa Isabel* — Brevemente, vos y yo.
Seamos breves en todo,
pues, con tan divino modo,
el Verbo se abrevió,
vestido de nuestro lodo.

Pergunta o romeiro com o mote :

51. *¿Quién te visitó, Isabel,*
que Dios en su vientre tiene?
Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

Responde Santa Isabel :

55. Visitóme la mujer
en sus ojos muy chiquita,
mas la bondad infinita
en ella pudo caber.

Conclui o romeiro :

59. Mujer de tan grande ser,
que Dios en su vientre tiene,
hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

63. *Santa Isabel* — Es la colmena suave,
donde se crió el panal
lleno de miel divinal,
cuando le dijeron "¡ Ave !"

67. *Romeiro* — Botica que tal jarabe
dentro de su vientre tiene,
hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

71. *Santa Isabel* — Es la abeja, que formó
en su vientre aquella miel,
con nosotros Dios — Manuel —,
cuando dijo "Esclava soy".

75. *Romeiro* — Siendo tal, ¿te visitó
la que Dios en sí contiene?
Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

79. *Santa Isabel* — Es el cerrado vergel
en que el fruto está plantado,
que da vida, de un bocado,
al que se mantiene de él.

*201 83. *Romeiro* — Pues tan divino doncel
dentro de su vientre tiene,
hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

87. *Santa Isabel* — Es la fuente bien sellada
con virginidad entera,
de que mana la ribera
"sapiencia de Dios" llamada.

91. *Romeiro* — A tan preciosa morada,
que Dios en su vientre tiene,
hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

95. *Santa Isabel* — Es el pozo largo y lleno
del agua viva, que es Dios,
que, para caber en nos,
quiso caber en su seno.

99. *Romeiro* — A pozo tan hondo y bueno,
que tal agua en sí contiene,
hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

103. *Santa Isabel* — Es, finalmente, la madre,
que cercó, sin corrupción,
en su vientre, el gran varón,
hijo del eterno Padre.

107. *Romeiro* — No hay cosa que no cuadre
a tal vientre, que tal tiene.
Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

Pergunta-lhe o romeiro :

111. Esa señora sagrada,
no me diréis ¿a qué vino?
Santa Isabel — A traer Dios uno y trino,
y dejarlo en mi posada
hecho morador contino.

116. *Romeiro* — También os pregunto yo :
¿de dónde fué su salida?
Santa Isabel — De Nazaret, la florida,
despues que en si concibió
a la vida, que da vida.

121. *Romeiro* — ¿Y cómo no receló — receió
tal camino, tal princesa,
viniendo con tanta priesa,
por montañas, que pasó,
con tan grande fortaleza?

126. *Santa Isabel* — Porque todo su cuidado
es de trabajos sufrir,
pues que quiso descendir
el Verbo, en ella humanado,
a padecer y servir.

*201v 131. Porque el servir conviene
a la esclava de verdad,
vino con tanta humildad
ella que, por bondad, viene
a servir mi soledad.

136. *Romeiro* — ¡¿De tan lejos se atrevió
a venir, tan gran señora!?
Santa Isabel — Sí, porque en la misma hora
que a Dios vivo concibió,
la hicieron portadora.

141. ¿No sabes que esta mujer,
que vino con tanto afán,
es la nao del mercader,
que para nos proveer
trajo, de lejos, su pan?

146. La que trajo a Dios del cielo,
metiéndolo en sus entrañas,
¿no es mucho que, sin recelo,
pasase, por mi consuelo,
estas ásperas montañas?

151. *Romeiro* — ¿Cómo decís que dejó
a Dios en vuestra posada,
pues cuando de aquí volvió,
en su vientre lo llevó
a su celda muy amada?

156. *Santa Isabel* — Ella lo llevó en su pecho,
que es recámara de Dios,
y en su vientre llevó dos:
Dios y hombre, un Cristo hecho,
que viene a morir por nos.

161. Mas como Dios no se muda,
mas está en todo lugar,
no tenéis que vacilar,
ya que, sin ninguna duda,
quiso conmigo quedar,

166. para mi casa lavar
por nuevo y extraño modo,
lanzando de ella aquel lodo
con que pudo macular
Adán este mundo todo.

171. *Romeiro* — Decidme eso de vagar,
porque soy hombre grosero.
Santa Isabel — ¿¡No sabéis, fiel romero,
que me vino a saludar
la que es pozo verdadero

176. y fuente muy bien sellada;
que trajo la perennal
agua, del cielo enviada,
con la cual fuese lavada
nuestra alma de todo mal?!

181. *Romeiro* — ¿Y qué os dijo, cuando entró,
esta virgen sublimada?
*202 *Santa Isabel* — "¡A Dios gracias, madre honrada!"
Y de ella lo deprendió
la Iglesia santa y sagrada.

186. *Romeiro* — Cómo os pudo esa agua dar
— que yo, cierto, no lo sé —
decidme: ¿éso cómo fué?
Santa Isabel — ¿No veís que ella es singular
vaso de toda la fe?

191. ¿Que creyó
al angel, que le anunció
la divina encarnación,
y al punto que consintió,
en su vientre Dios entró
como un río, de rondón?

197. *Romeiro* — ¡Oh Dios, inmensa grandeza!
¿quién podría tal pensar?
Santa Isabel — Pues esta suma princesa,
cuando, con tan gran bajeza,
me vino acá a saludar,

202. la voz que de ella salió,
no fué sino un grande río,
que en las orejas me dió,
con que primero lavó
a Juanico, hijo mío.

207. Y la boca virginal,
que traía a Cristo en sí,
alimpió dentro de mí,
del pecado original,
a Juan, que entonces parí.

212. *Romeiro* — Este punto es farseado.
Declarádmelo mejor.
Santa Isabel — El niño estaba enlodado
del original pecado,
sin sentido ni vigor,

217. mas viniendo su Señor,
en la Virgen encerrado,
al punto que fué lavado,
dió saltos, con gran fervor,
sin la carga del pecado.

222. *Romeiro* — ¿De quién tuvo tal poder,
tal saber, y tal sentido?
Santa Isabel — De Dios, que le dió a entender
que, en esta santa mujer,
venía todo metido.

227. Y tratando allá los dos
niños, en hora muy buena,
la Virgen, de gracia llena,
cantó en loor de Dios
su muy dulce cantilena.

*202v 232. De misterio tan preñada
cuanto él, la virgen madre
estaba ya toda hinchada,
en el vientre siendo ocupada
del vuestro divino Padre.

237. *Romeiro* — Y vos, ¡ oh Santa Isabel !
decidme, ¿ qué recibisteis
con la venida de aquel
que, en su cerrado vergel,
en vuestra casa acogisteis?

242. *Santa Isabel* — Recebí de su bondad
ser cubierta con el manto
de su inmensa piedad,
llena de Espíritu Santo,
que es Dios suma caridad

247. *Romeiro* — Zacarías, vuestro viejo,
que todo mudo quedó,
porque al ángel no creyó,
por este tan claro espejo,
decidme, ¿ qué recibió?

252. *Santa Isabel* — Por él le vino la luz
con la cual profetizó,
y la voz, con que cantó :
"¡ Bendito sea Jesús,
que su pueblo redimió !"

257. Y todo lleno quedó
del Espíritu divino,
cuya gracia lo colmó,
en la cual perseveró
hasta lo fin, de contino.

262. Pues sabéis, ¿ qué resultó
de esta su santa venida ?
Que quedó constituída
del Hijo, que concibió,
por señora de la vida,

267. madre de misericordia,
madre de consolación,
que, con su visitación,
arranca toda discordia
del humano corazón.

272. Ella los sanos visita,
enfermos, atribulados,
perseguidos, maltratados,
que la bondad infinita
tiene para sí guardados.

277. *Romeiro* — Y los malos pecadores,
¿ no entran en esa cuenta ?
Santa Isabel — A ésos libra de afrenta,
haciéndoles mil favores,
sacándolos de tormenta.

282. Porque al punto que es llamada
con humilde corazón,
*203 la piadosa abogada
lo oye, de amor llagada,
sin ninguna dilación,

287. negociando contrición
con su hijo muy amado,
con que el pecador culpado,
por su pía intercesión,
sea libre y perdonado.

292. *Romeiro* — ¡ Cuánto debe el pecador
tan benigna madre honrar,
para poder escapar
de aquel eterno dolor
en que hubiera de penar !

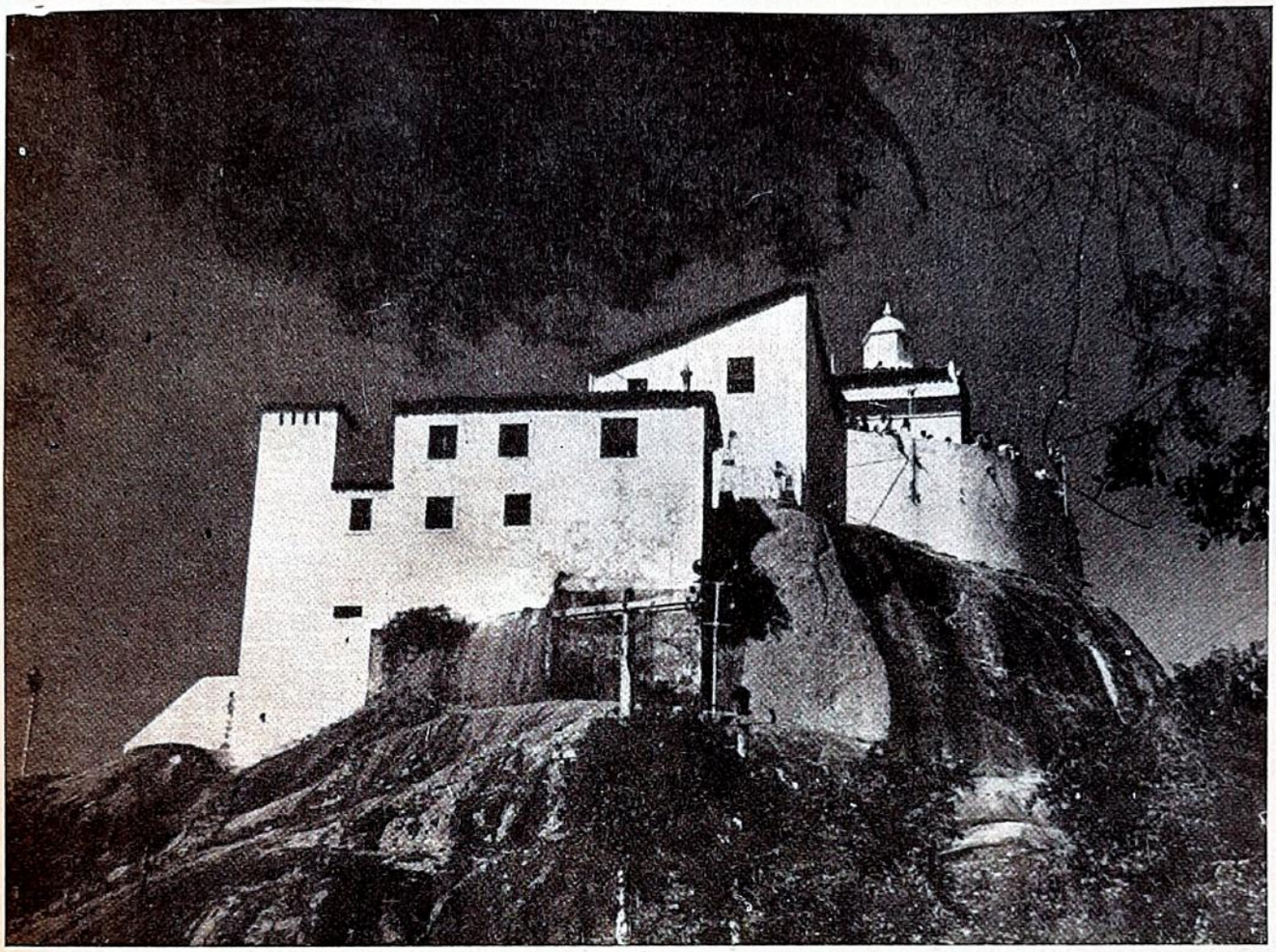
297. Y por eso acá me vine,
esperando que oiría
nueva de tanta alegría,
para que no desatine
y me pierda en esta vía.

302. *Santa Isabel* — Por eso la madre pía,
a quien el Hijo entregó
el hombre, por quien moría,
huelga tanto en este día,
en que tal nombre ganó

307. de madre de pecadores,
abogada de culpados,
refugio de atribulados,
medicina de dolores,
liberdad de encarcelados.

312. *Romeiro* — Como nuestro Dios el tal,
tan benigno y piadoso,
su majestad divinal
este título real
tiene por más glorioso.

317. Así la madre divina
se precia muy de este nombre
de piadosa y benigna,
queriendo ser la reina
del pecador y del hombre.



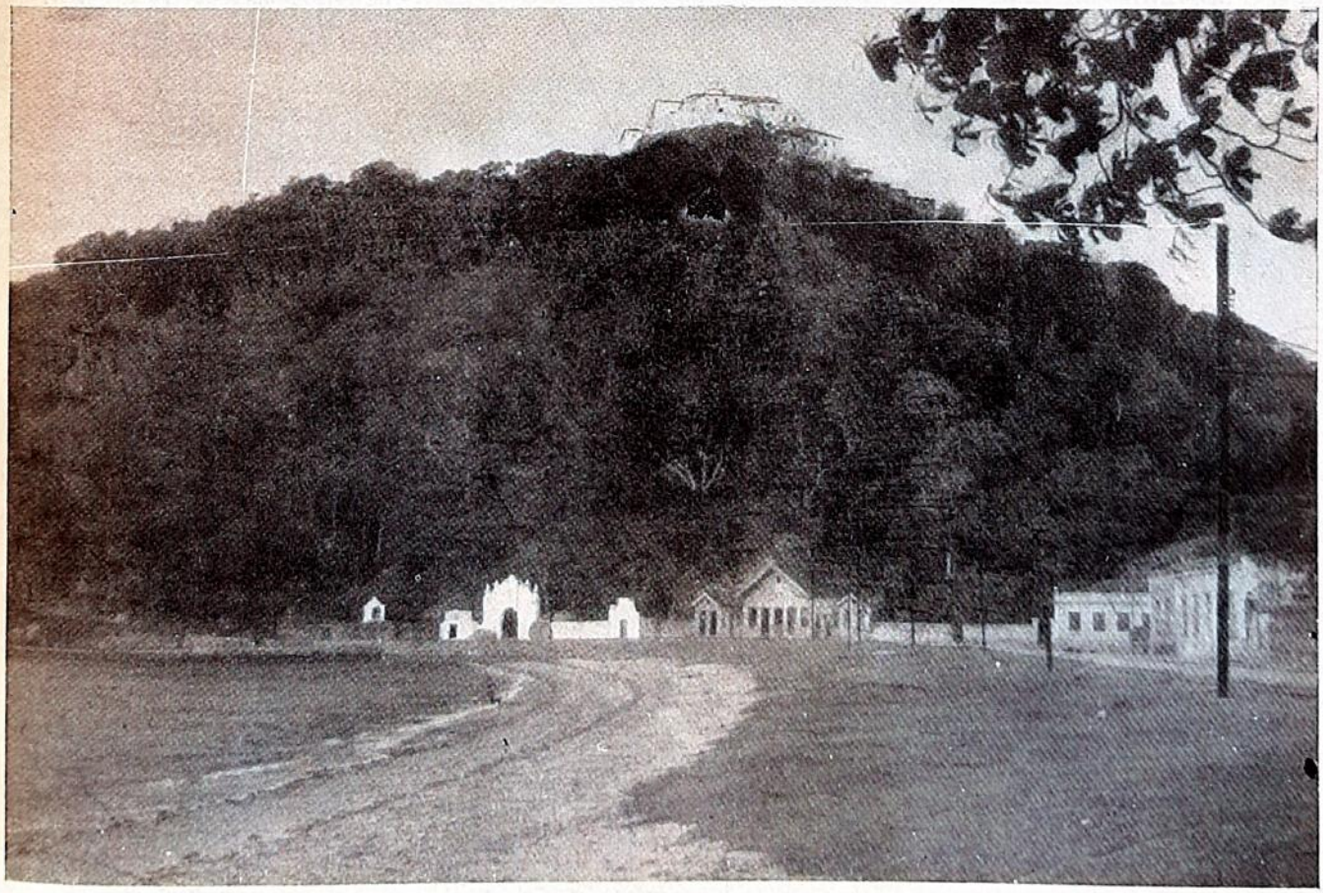


Fig. 7

Ao alto: O Convento da Penha, em Vila Velha, no Espírito Santo. *Em baixo:* O santuário primitivo e a pequena gruta que, dizem, serviu de abrigo a Frei Palácios, seu fundador.

322. *Santa Isabel* — Eso es cierto,
porque en todo su concierto,
como la linda doncella
la pieza más rica y bella
trae siempre al descubierto,
mirándose siempre en ella,

328. así la virgen María,
de mil virtudes ornada,
trae del cuello colgada,
con gran gusto y alegría,
la pieza más estimada.

333. *Romeiro* — ¿Y no me diréis cual es
aquella pieza tan fina?
Santa Isabel — Misericordia benigna,
la cual, dende su niñez,
le dió la mano divina.

*203v 338. Esta tiene ante sus ojos,
sin dejarla de mirar,
para hacer olvidar
a Dios los muchos enojos
que el hombre le suele dar.

343. *Romeiro* — Por eso los moradores
de aquesta Capitanía,
por alcanzar sus favores
andan con tantos fervores
en esta su Cofradía.

348. Porque esta santa hermandad,
que con pobres ejercita
las obras de piedad,
ella siempre la visita
con materna caridad.

353. *Santa Isabel* — Pues notad:
este pueblo, de verdad
de los pobres es amigo,
mas debe de ter consigo
otra mayor piedad,
que del cielo es gran testigo,

359. huyendo todo pecado
que nuestra alma hace ingrata,
porque ya está averiguado
ser cruel y desalmado
aquel que su alma mata.

364. *Romeiro* — Pido a la suma clemencia
(pues me hizo acá hallar),
me perdone y quiera dar
que haga tal penitencia,
con que la pueda agradar.

369. Que esta tierra, vuestra amada,
yo creo que siempre llora
a los pies de esta Señora,
su mala vida pasada,
que quiere enmendar agora.

374. *Santa Isabel* — Yo de ellos así lo espero,
pues me quieren siempre honrar,
y no cesan de ayudar
los pobres, con su dinero,
que es obra muy singular.

379. Y creed que Dios eterno,
por esta casa sagrada,
"Misericordia" llamada,
libra muchos del infierno,
dándoles tal abogada.

384. *Romeiro* — Así lo creo sin duda,
porque el misericordioso,
aunque caiga en algún pozo
de pecado, Dios lo muda
y lo hace glorioso.

*204 389. *Santa Isabel* — Más os digo :
que es Jesús tan grande amigo
de cualquiera obra pía,
que la guarda allá consigo,
para de ella ser testigo
en aquel postrero día.

395. Y por esta casa santa,
que él guarda siempre en sus manos,
los perversos luteranos
con grande terror espanta,
y los guaymurés paganos.

400. *Romeiro* — Yo me voy muy consolado,
mas suplícoos que roguéis
por mí, pecador malvado,
con aquel santo cuidado
que de los pobres tenéis.

405. Y pedí a la Virgen madre
haga, con su dulce amor,
que este pueblo pecador,
en servir al sumo Padre
vaya de bien en mejor.

410. *Santa Isabel* — Sí, haré,
y del hijo alcanzaré,
por los ruegos de María,
aumente esta Cofradía,
hinchiendo de amor y fe
toda la Capitanía.

Vai-se o romeiro, e chegando à porta da igreja o chama um anjo, que vem diante de Nossa Senhora, a qual entra com o vestido e manto da misericórdia, que trazem os anjos estendido de ambas as partes :

416. *Anjo* — Volved acá, castellano,
que la madre de Jesús
viene, pues sois buen cristiano,
a daros muy clara luz,
y teneros de su mano,

421. para que podáis andar
por este camino estrecho,
con grande fervor del pecho,
entrando, sin punto errar,
en el cielo, muy derecho.

*204v *Ajuntam-se-lhe quatro companheiros, que vão com êle :*

426. *1.º companheiro* — Nosotros, con vos iremos
a ver la madre-doncella,
y el "¡ Ave, do mar estrella !"
de rodillas le diremos,
para haber mercedes de ella.

Tornam e põem-se de joelhos diante de Nossa Senhora :

431. *Romeiro* — "¡ Ave ! estrella de la mar,
guía de los que navegan,
los cuales a vos se entregan,
porque en este navegar
por muchas vías se ciegan.

436. ¡ Ave ! madre de Dios vivo,
y siempre virgen entera,
capitana muy guerrera,
por quien el pueblo cautivo
de culpa salir espera.

441. *1.º companheiro* — ¡ Ave ! bienaventurada
y ancha puerta del cielo,
por la cual los de este suelo
hallan espaciosa entrada
para allá entrar sin recelo.

446. Recibisteis aquel "¡ Ave !"
de la voz de Gabriel,
tan divino y tan suave,
que fuisteis hecha conclave
de nuestro gran Dios Manuel.

451. *2.º companheiro* — En "Ave" se mude "Eva",
que perturbó nuestra paz.
Mas vos, otra Eva nueva,
nos sacaréis de la cueva
y prisión de Satanás.

–V. 428 — *do*, cf. B 5, V. 13.

456. Vos sois de los ciegos lumbre,
destrucción de pecados,
libramiento de culpados,
que lleváis a la alta cumbre
de todos bienes colmados.

461. *3.º companheiro* — Mostrad que sois pía madre
del Padre, que os creó,
que en vuestra mano entregó
*205 en la cruz, como buen padre,
los hijos, que redimió.

466. Eres, Virgen singular,
de las mansas, la más mansa,
cuya gracia nos alcanza
ser mansos sin nos airar,
y castos con gran bonanza.

471. *4.º companheiro* — Concededdnos vida pura,
dadnos seguro camino
para ver la hermosura
de Iesú, dulce y benigno,
cuya vista siempre dura.

476. Gloria sea al sumo Padre,
gloria al Hijo redentor
y al Espíritu Señor,
cuya gracia os hizo madre
virginal del Salvador.

481. *Nossa Senhora* — Yo soy estrella, sin duda,
que todo el sol encubrí.
Yo soy la que concebí
a Dios, que nunca se muda,
e despues, virgen, parí.

486. Yo soy la que, visitando
mi prima Santa Isabel,
mi hijo dió gracia y miel
a su hijo, de él lanzando
el pecado, con su hiel.

491. Yo soy la que hoy gané
nombre de visitadora,
de todo el mundo tutora,
por quien gana gracia y fe
la vil gente y pecadora.

496. Yo soy el manto del mundo,
que sus pecados cubrí.
Yo soy la que merecí
sacar del lago profundo
los que se acogen a mí.

501. ¿Quién me llama, que no alcance
remedio para sus males?
¿A quién doy mis virginales
pechos, que de sí no lance
todas las culpas mortales?

506. Pues si me tenéis amor,
como de fuera mostráis,
pídoos que más no ofendáis
a mi hijo y mi Señor,
cúyos hijos os llamáis.

*205v 511. El está siempre conmigo
y yo siempre estoy con él.
Yo soy todo vuestro abrigo,
él os tiene acá consigo,
dándoos gracias, que es la miel.

516. Gustad de él, que es muy suave.
Comedlo, para vivir.
Él es la divina llave,
que a mí se dió con el "Ave",
para los cielos abrir.

521. Él es la miel substancial,
del alma dulce comida.
El es el dulce panal,
que en mi vientre virginal
se crió, por darnos vida.

526. Esta vuestra Cofradía,
con que a pobres socorréis,
es obra tan santa y pía,
que con ella me tendréis
a las puertas, cada día.

531. Por mi honra y la de Dios,
curáis los pobres fieles.
No queráis ser contra vos,
por la culpa tan crueles
que os perdáis a los dos.

536. Quedaos, más no me voy
y no me aparto de vos,
pues siempre con vos estoy,
y mil mercedes os doy,
que en mi mano puso Dios.

541. Yo os dejo mi bendición,
y haced gran regocijo,
pues, por mi visitación,
os alcanzaré perdón
de mi Dios, Señor e Hijo.

546. Pido al Padre soberano
y al Hijo, Nuestro Señor,
y al Espíritu dador
de vidas, ponga su mano
sobre vos, con dulce amor.

551. *Romeiro* — Pues que Dios en vos se encierra,
de los malos yo, el más malo,
os pido que, en paz y guerra,
todo el pueblo de esta tierra
tratéis con todo regalo.

556. Pártome, sin me partir
de vos, mi madre y señora,
confiado que, en la hora
en que tengo de morir,
seréis mi visitadora.

Vão-se os romeiros e Nossa Senhora recolhe-se, e vão-lhe cantando a cantiga :

561. *¿Quién te visitó, Isabel,*
que Dios en su vientre tiene?
Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él.

565. Éste es el gran vergel
de virginidad cercado,
de cuyas flores creado
fué aquel panal de miel,

569. que se llama Emanuel,
que en su vientre limpio tiene.
¡Hazle fiesta muy solemne,
pues que viene Dios en él!

C — POESIAS EM LATIM

C 1 LADAINHA (1)

39v 1. *São Francisco* — Cumque tibi dominus plagas impressit Iesus,
haec grauis amborum uulnera fecit amor.

3. *Santa Bárbara* — Turribus inclusam te uincit amator Iesus, ut
uincas hostes, Barbara, uicta tuos.

5. *Santa Úrsula* — Quae tegis innumeros materno tegmine natos,
me pia, sub pennis, Úrsula, conde tuis.

7. *Cristo (in cruce)* — Filius ecce tuus, mulier. Ne despice natum.
Non decet, o mulier, cor muliebre furor !

9. *Santo Estêvão* — Obrueris pectus, et petris eruis hostes, mollitur
precibus dum petra uiua tuis.

Tradução :

1. Se o Senhor Jesus imprimiu chagas em ti,
amor profundo causou os ferimentos de [ambos.

3. Enclausurada em tôrre, Jesus terno te [venceu,
para que vencida, ó Bárbara, venças os [teus inimigos.

5. Tu, que tantos filhos proteges com [materno amparo,
abriga-me, piedosa Úrsula, sob teus [auspícios.

7. Mulher, eis o teu filho. Não o desprezes.
Não condiz o furor, ó mulher, com o coração feminino!

9. Com pedras cobrem-te o peito e com [pedras dispersas o inimigo,
enquanto a pedra viva abranda-se por tuas preces.

---

(1) — Ia, XXXV.

-V. 4 — Dióscoro, pai de Santa Bárbara, encerrou-a numa tôrre, onde, enquanto êle viajava, ela fêz abrir uma janela, completando três e querendo significar, assim, a sua fé na Santíssima Trindade. Dióscoro delatou-a ao pretor Martiniano e foi indicado por êle para decapitar a filha.

-V. 6 — A devoção a Santa Úrsula reflete-se em várias poesias de Anchieta, cf. Ia, XXXIII, - V.1.

-V. 9 — Santo Estêvão morreu apedrejado pelos judeus, quando pregava entre êles. Suas últimas palavras foram uma prece de perdão.

11. *Santa Catarina de Sena* — Spina caput, claui feriunt palmasque pedesque, hasta latus. Sponso sic similare tuo.

13. *A Nossa Senhora* — Iste tibi carus, tu multo carior illi, qui sibi te matrem pertulit Iesu Puer.

40 15. *A Cristo, de joelhos* — Ante Patrem, supplex, flexo procumbis Iesu poplite, post tergum condar ut ipse tuum.

17. *São Lourenço* — Ferrea te crates, crux lignea mactat Iesum. Haec tibi dat, ligni mactet ut illa necem.

19. *Santa Clara* — Pyxide, Clara, fugas hostes, armata cruentos. Quid mirum? Stygius iam draco uictus erat . . .

21. *São João, batizando a Cristo* — "Unda, laua Christum!" Sed Christus consecrat undam, ut sacra mortiferum diluat unda scelus.

---

11. Espinhos ferem-te a cabeça, cravos as [mãos e pés,
a espada o lado. Assemelhas-te, assim, [ao teu espôso.

13. Êsse te é caro, tu muito mais cara és àquele
Menino Jesus, que te escolheu por mãe.

15. Súplice, ó Jesus, inclinas-te ao Pai, [genuflexo,
para que eu próprio me oculte atrás de ti.

17. A ti uma grêlha de ferro, a cruz de [madeira imola a Jesus.
Ela te dá a morte, para que consagre [a crucifixão.

19. Armada com a píxide, afugentas, ó Cla- [ra, inimigos cruentos.
Admira? Já o dragão estígio fôra [vencido . . .

21. "Purifica, água, a Cristo!" E Cristo [santifica a água,
para que a água sagrada apague o [pecado mortal.

-V. 11 — Santa Catarina de Sena é representada com os estigmas das chagas, a coroa de espinhos e lírios.

-V. 17 — São Lourenço foi morto sôbre grêlhas em brasa. Cf. E 2 a, NI.

-V. 19 — Santa Clara, fundadora da Ordem das Clarissas, abadessa do Convento de São Damião, em Assis, afugentou os exércitos de Frederico II, que devastavam o Vale de Espoleto, saindo a seu encontro com a píxide à mão.

-V. 20 — Estígio, rio mitológico, cujas águas tinham a propriedade de tornar estéreis os campos. Por elas faziam os deuses seus juramentos de ódio. Cf. NP, § 8 e C 2, VV. 250 e 251.

C 2

DE ASSUMPTIONE BEATAE MARIAE UIRGINIS [1]

*44 1. Super coelos eleuaris,
Uirgo, uirginum praeclara,
Uirgo clemens, Deo cara,
Christi mater.

5. Illi, cui Deus est pater,
mater es, et dignitatis
talis, ut sis Trinitatis
uiuum templum.

9. Tibi nulla dat exemplum
uirtutis et honestatis ;
sed totius sanctitatis
es magistra.

13. Tibi quaequmque ministrat
mens, per te fiunt uerecunda,
Uirgo mater, rubicunda
plus quam rosa.

Tradução :

1. Aos céus te elevas,
ó virgem, das virgens ilustríssima,
virgem clemente, a Deus cara,
mãe de Cristo.

5. Daquele, cujo pai é Deus,
és mãe, e de dignidade
tal, que da Trindade és
vivo templo.

9. Ninguém tem mais virtude
e valor que tu ;
de tôda a santidade
és mestra.

13. Tudo que de ti pensa
o espírito, torna-se recatado
por ti, Virgem mãe, mais rosada
que uma rosa.

---

[1] — Iª, XXXIX. Visivelmente relacionada com DB, esta poesia não pode deixar de ser mais ou menos contemporânea daquela e destinada, ao que parece, a um dia 15 de agôsto. Cf. VV. 21 e 274 e DB, VV. 5.307-5.582.

*44v 17. Super omnes speciosa,
fons signatus, flos hortorum,
quae candorem liliorum
antecellis,

21. iam reciperis in coelis,
astra supra exaltaris
et super choros locaris
angelorum.

25. Ordo dat inferorum
tibi locum subeunti
et decantat transeunti
dulce melos.

29. "Qui pugillo claudit coelos",
inquit, "in te se conclusit,
et quos Tartarus abstrusit,
liberauit.

33. Nostras sedes reparauit,
quas Diabolus destruxit,
genus hominum reduxit
ad amorem."

---

17. Bela entre as belas,
fonte selada, flor dos jardins,
que o candor dos lírios
ultrapassas,

21. és hoje recebida nos céus,
exaltada sôbre os astros
e anteposta aos coros
dos anjos.

25. A ordem dos inferiores
cede lugar a ti, que te aproximas,
e entoa, ao passares,
doce canto.

29. "Aquêle que contém os céus na mão",
dizem, "se encerrou em ti,
e os que o Tártaro encarcerou
tornou livres.

33. Reparou nossa morada,
que o diabo destruiu,
reconduziu a raça humana
ao amor."

–V. 25 — *Inferorum* — divindades inferiores, que habitavam o Tártaro, em contraposição com os *Superi* (V. 56) deuses que habitavam o Olimpo. Cf. NP, (8).

–V. 31 — *Tartarus* — prisão a que eram lançados os deuses vencidos e heróis que tivessem ofendido a Deus. Esta concepção modificou-se, sob a influência dos mistérios e do orfismo, no séc. VI a. C., passando a indicar o lugar onde todos os culpados são castigados e confundindo-se, assim, com o inferno. Assim pôde o Olimpo significar o céu cristão (Cf. V. 296).

*45 37. Inde transis, et honorem
principatus tibi reddunt,
potestates tibi cedunt
et uirtutes.

41. Per te iugum seruitutis
deponentes, liberamur
ab infernis et uocamur
"filii Dei".

45. Per te salui fiunt rei
et replentur coeli bonis.
Cherubines te cum thronis
uenerantur.

49. Seraphines admirantur
uim amoris, quo flammescit
tibi pectus, et liquescit
uelut cera.

53. Corpus mundum, mens sincera
reddunt te tam gratiosam
et reginam gloriosam
Superorum.

57. Te chorus Apostolorum
*45v benedicit gloriosus
et conuentus numerosus
Prophetarum.

---

37. Quando passas,
os principados homenageim-te,
as potestades e virtudes
curvam-se diante de ti.

41. Por ti o jugo da servidão
depondo, libertamo-nos
dos infernos e somos chamados
"filhos de Deus".

45. Por teu intermédio tudo se salva
e os céus tornam a se encher de bens.
Com os tronos, os querubins
veneram-te.

49. Os serafins admiram
a fôrça de amor, com que o teu peito
arde e abranda-se
como a cera.

53. O corpo casto, o pensamento puro
tornam-te tão graciosa
e gloriosa rainha
dos entes celestiais.

57. O côro dos apóstolos
te bendiz, glorioso,
e o conjunto numeroso
dos profetas.

-V.56 — *Superorum*, cf. V.25.

61. Cunei Patriarcharum
tibi subdunt se libenter,
benedicta, cuius uenter
gessit Deum.

65. Confessorum, propter eum,
te confessus honoratus,
martyrumque candidatus
laudat coetus.

69. Miros exprimunt affectus
gaudii turmae uirginales,
palmas tibi triumphales
praetendentes.

73. Te reginam praeferentes,
digna laude uenerantur,
hymnos cantant et laetantur
te uidendo.

*46 77. Prospere tu procedendo,
gressum tendis ad regnandum
et Olympi moderandum
uastam molem.

81. Prosequuntur, atque prolem
post te pergunt ante tuam,
dominamque uocant suam
te puellae

---

61. Grupos de patriarcas
aproximam-se, de bom grado, de ti
bendita, cujo ventre
gerou Deus.

65. Todos os confessores,
por êle honrados,
e os mártires de alva toga
louvam-te.

69. Admiráveis sentimentos de alegria
demonstram os bandos de virgens,
palmas triunfais
ofertando-te.

73. Desejando-te como rainha
digna de louvor, veneram-te,
cantam hinos e regozijam-se
ao te ver.

77. Adiantas-te ràpidamente,
vais dominar
e dirigir do Olimpo
a vastidão imensa.

81. Acompanham-te e atrás de ti
fazem prosseguir a tua prole,
e chamam-te sua senhora
as meninas

85. uerecundae, castae, bellae,
omnes sponsae tui nati,
agni mitis, trucidati
leto diro.

89. Quem tu, mater, sine uiro
fecundata, peperisti,
et post partum permansisti
uirgo pura.

93. In aeternum permansura
Trinitatis ante sedem,
iam locaris et mercedem
capis dignam.

*46v 97. Pater natam, matutinam
plus quam stellam, radiantem,
filiasque superantem
uniuersas,

101. amplexatur, et diuersas
gratiarum formas donat,
et dilectam te coronat
replens bonis.

105. Ueri thronus Salomonis
iuxta Natum collocaris,
cuius mater praedicaris
in aeternum.

---

85. tímidas, castas, belas,
prometidas de teu filho,
o manso cordeiro, trucidado
por morte cruel.

89. Tu, mãe, sem homem
fecundada, o deste à luz,
e após o parto permaneceste
virgem pura.

93. Tu, que viverás eternamente
na morada da Trindade,
aí estás agora e recebes
digna mercê.

97. O Pai a filha
mais radiosa que a estrêla matutina
e superior às outras filhas
tôdas

101. abraça e com diferentes
formas de graça a presenteia,
e coroa-te dileta aquêle que é
a fonte do bem.

105. Trono do verdadeiro Salomão,
junto de teu filho és posta
e proclamada sua mãe
para sempre.

-V. 105 — *Salomonis* — rei de Israel e Judá, filho de Davi e Betsabé, fixado pela História como símbolo da justiça e da prudência.

109. Fructus tuus sempiternum,
sol iustitiae, durabit,
rex coelorum et regnabit
Deus et homo.

113. Cuius in excelsa domo
thronus tuus, ut impleta
luna lucens et perfecta
permanebit

*47 117. in aeternum et lucebit,
ut prophetae praedixere
et, ut Dauid canit uere
super coelis.

121. Testis aderis fidelis,
quod de tua carne ueram
carnem sumpsit et sinceram
uerbum Patris,

125. ut redimeret, quos fratris
non redemit uirtus, homo,
et in summa coeli domo
collocaret,

129. et te matrem confirmaret
super omnem creaturam,
sempiterno regnaturam
cum honore.

---

109. O teu fruto, ó sol de justiça,
durará perenemente,
e o rei dos céus reinará
como Deus e homem.

113. Em sua casa excelsa
permanecerá o teu trono,
como lua cheia, brilhante
e perfeita,

117. e brilhará eternamente,
conforme predisseram os profetas
e como Davi, com verdade, canta,
sôbre os céus.

121. Serás a testemunha fiel
de ter tomado de tua carne a vera
e legítima carne,
o Verbo do Padre,

125. para redimir o homem
os que a virtude de seu irmão não
[redimiu,
e à morada suprema do céu
levá-los,

129. e a ti, mãe, confirmar
sôbre tôda criatura,
como a que sempre com honra
reinará.

-V.119 — *Dauid* — pai de Salomão, herdou seu reino de Saul, cuja melancolia acalmava ao som da harpa. Na harpa cantou seus salmos e profecias.

133. Sanctus spiritus amore
iam coelesti te uestiuit.
Quam sibi, sponsam asciuit
aeternalem.

*47v 137. Iam triumphum immortalem
diadema regni comis
geris regnans. Et es pomis
constipata,

141. fulta floribus, ornata
cultu uario uirtutum.
Tibi parens est ad nutum
orbis moles.

145. Te circundat tua proles
coruscanti solis uelo,
et plantarum pro scabello,
lunam sternit.

149. Tuo capiti, quod spernit
laudum pompam mundanarum,
dat duodecim stellarum
diadema.

153. Tu sanctorum es suprema,
angelorum imperatrix,
mundi potens moderatrix
et regina.

---

133. Já o Espírito Santo envolveu-te
com seu amor celestial.
Êle te uniu a si, como espôsa
eterna.

137. Já o triunfo imortal
ostentas, rainha, com o diadema
de um reino esplêndido. Cercam-te
os frutos,

141. apoias-te em flores, orna-te
o culto vário das virtudes.
Ao teu aceno obedece
a mole do universo.

145. Tua prole cerca-te
com o véu coruscante do sol,
e para descanso de teus pés
oferece-te a lua.

149. À tua cabeça, que despreza
a pompa dos louvores mundanos,
dá um diadema
de doze estrêlas.

153. Tu és a santa das santas,
a imperatriz dos anjos,
a poderosa senhora e rainha
do mundo.

*48 157. Quae sola fuisti digna
fructum edere, ter denum,
sexagesimum, centenum
Deo grata.

161. In Urbe sanctificata
quiescendo, pulcra, micas
et in populo radicas
honorato.

165. Regno tuo confirmato
in Ierusalem superna,
est potestas sempiterna
tibi data.

169. Quasi cedrus exaltata,
super Libano uirescis,
et plus coeteris candescis
castitate.

173. In Sionis summitate,
ut cypressus, exaltaris,
et plus cunctis specularis
os diuinum.

---

157. Fôste a única digna
de gerar seu filho, e trinta,
sessenta, cem vêzes ser
agradável a Deus.

161. Em Roma santificada,
repousando, bela, cintilas,
e em seu povo honrado
lanças as tuas raízes.

165. Confirmado o teu reino
em Jerusalém superna,
o poder eterno
te é conferido.

169. Elevada como os cedros,
verdejas sôbre o Líbano,
e mais que os outros alvejas
de castidade.

173. No cume do Sion,
como um cipreste, te ergues,
e melhor que êles contemplas
o rosto divino.

-V.161 — *Urbs* — referia-se a Roma. Parece que Anchieta quer aqui indicar a cidade sagrada — o céu, Jerusalém superna (Cf. V. 166 e -V. 173).

-V.170 — *Libano* — Sistema montanhoso da Síria, paralelo ao Mediterrâneo. A vertente ocidental, coberta de vinhas, oliveiras, cereais e tabaco, conserva apenas alguns dos célebres e possantes cedros de outrora.

-V.173 — *Sionis* — Uma das colinas sôbre as quais está construída a cidade de Jerusalém. Por extensão, a própria Jerusalém. Figurado, o céu.

*48v 177. Quasi Iubar matutinum
fulges, nocte transeunte,
et ut rosae, in Ierichunte
quae plantantur,

181. odor tuus dilatatur
per olympicas plateas,
ubi uirginum choreas,
laeta, ducis.

185. Et splendore tuae lucis
plus illustras coeli domum,
et ut fragrans cinnamomum
das odorem

189. et myrrae fundis liquorem,
qui foetorem mentis sanat;
uestibusque e tuis manat
pinguis gutta.

193. Casia et tura soluta,
omnis odor unguentorum
et suaue pigmentorum
spiramentum.

---

177. Como a estrêla matutina
tu brilhas, passada a noite,
e como as rosas, que se plantam
em Jericó,

181. espalhas teu perfume
pelas alamedas do céu,
onde os coros das virgens,
alegre, conduzes.

185. E no esplendor de tua luz,
iluminas melhor o palácio do céu;
como a canela fragrante
exalas

189. e difundes o licor da mirra,
que saneia a mente impura;
de tuas vestes mana
gota pingue.

193. És canela e incenso derramados,
és odor de todos os unguentos
e suave exalação
de especiarias.

-V.179 — A rosa de Jericó é uma pequena espécie de crucífera da Síria, Palestina e Egito. Sêcas as suas sementes, ela fecha as brácteas como uma bola. Transportada, porém, para um solo úmido, torna, em dez minutos, a abrir-se, como se revivescesse. Jericó situa-se a mais ou menos 25 km de Jerusalém. Foi das principais cidades do reino de Judá. Embelezada por Herodes, era, no princípio da era cristã, cidade de luxo e de prazer. Vespasiano a destruiu e Adriano a reconstruiu. Os turcos abandonaram o sistema de irrigação da cidade, transformando-a num pântano. Restam ruínas belas e uma cidadezinha habitada por árabes e beduínos, com uma igreja grega, outra latina e algumas hospedarias.

-V.187 — *Cinnamomum* — o têrmo designa a caneleira, de perfume suave, mas era empregado também como expressão de carinho. Cf. V. 193.

-V.193 — Cf. -V.187.

*49 197. Quasi platanus, quae augmentum
magnum capit, ad decursum
sata laticum et sursum
tollit caput,

201 sic tu sublimaris apud
fontem uitae copiosum
et flumen impetuosum
uoluptatis,

205. oleumque pietatis
fundis largiter, unguendo
plagas nostras et medendo
sauciatis.

209. Intercedis pro peccatis,
iram Dei mitigando,
peccatores occultando
subter alas,

213. et lugentum tergis malos,
mitis praebens consolamen,
nulli denegans iuuamen
te poscenti.

*49v 217. Ut oliua, quae patenti
sita campo dat liquorem,
qui tristem sanat languorem
aegrotorum,

---

197. Como o plátano, que cresce
à medida que lhe extraem
o látex, e ergue para o alto
a fronte,

201. assim te elevas
junto à fonte abundante da vida
e o rio impetuoso
do prazer,

205. e o bálsamo da piedade
derramas largamente, ungindo
as nossas chagas e medicando
os feridos.

209. Intercedes pelos pecados,
mitigando a cólera de Deus,
defendendo os pecadores com a tua
proteção,

213. e dissipas os males dos que choram,
oferecendo consôlo aos mansos,
não negando nunca auxílio
aos que recorrem a ti.

217. Como a oliva, que plantada
em campo aberto, produz óleo,
que o languor triste dos doentes
sana,

221. iure certam infirmorum
te salutem inuocamus
et, plorantes, flagitamus
des fauorem.

225. Pietatis sparge rorem
in nos steriles, Maria,
uirgo mitis, uirgo pia,
mater alma,

229. quae consurgis, uelut palma
in coelos, et bonitatis
tenes atque sanctitatis
principatum.

233. Per te, mundum captiuatum
liberauit tuus natus,
dum in ligno trucidatus
fuit crucis.

*50 237. Tu nos regis, tu nos ducis.
Te sequentes, consequentur
palmam laudis, et fluentur
uera pace.

241. Tetra iacet in fornace
Cacodemon, per te uictus,
diris ignibus addictus
et tormentis.

---

221. com razão te suplicamos
salvação segura dos enfermos
e, chorando, imploramos
teu favor.

225. Roreja-nos, a nós estéreis,
com o orvalho da piedade,
ó Maria, doce virgem, virgem pia,
alma mater,

229. que, como a palmeira, te ergues
para os céus, e o principado
da bondade e da virtude
tens.

233. Por intermédio teu, teu filho
libertou o mundo escravizado,
quando foi trucidado no lenho
da cruz.

237. Tu nos reges, nos conduzes.
Seguindo-te, conseguiremos
a palma da vitória, e gozaremos
verdadeira paz.

241. Jaz na fornalha atra
Cacodemo, por ti vencido,
condenado a espantosas chamas
e tormentos.

–V.230 — *Coelos* — * *Cades*, cf. Iª, XXXIX, (12).
–V.242 — *Cacodemon* — mau gênio (*kakós-daimón*), que se encarna no homem para levá-lo ao mal.

245. Qui humanae, quondam, mentis,
ut possessor exultabat,
quam foetore conspurcabat
uitiorum.

249. Tu, de faece peccatorum
mentes purgas, et Draconem
calcas pedibus, Leonem
comprimendo,

253. ne quos quaerit, rugiendo
labe culpae reddat sontes,
in torrentes Phlegetontis
flammas mittens.

*50v 257. Tu uirtute nati nitens,
bellum geris et reportas
uictricem palmam et portas
coeli pandis.

261. Et tu ipsa miserandis
coeli patens es fenestra,
tui nati mors sequestra
quos redemit.

---

245. Êle se vangloriava, outrora,
de dominar a alma humana,
que conspurcava com vícios
repugnantes.

249. Tu, do lodo dos pecados
expurgas os espíritos e calcas
aos pés o Dragão, esmagando
o Leão,

253. para que não torne réus
da mancha da culpa, os de quem se
[aproxima,
rugindo, o lançador das flamas, que
[jorram
do Flagetonte.

257. Cintilante do brilho de teu filho,
diriges a guerra, conquistas
a palma da vitória e abres
as portas do céu.

261. Tu própria és a janela do céu
aberta para os miserandos,
que a morte mediadora de teu filho
redimiu.

–V.249 — Cf. Iª, XXXIX, (11).
–V.250 — *Draconem* — animal fabuloso, representado geralmente com garras de leão, asas de águia e cauda de serpente. Em estilo místico, o demônio. Cf. V. 251 e C 1, V. 20.
–V.251 — *Leonem* — empregado, parece, com o mesmo sentido de *Draconem*, Cf. –V. 250.
–V.256 — *Flegetonte*, rio de chamas sulfurosas, que cerca o Tártaro. Cf. –V. 31.

265. Qua morte mortem peremit
et infernum spoliauit.
Uictus uicit. Triumphauit
triumphatus.

269. Ab hoc, tibi principatus
fit in coelum, terram, mare.
Hic dat Tartarum calcare
atque mortem.

273. O felicem tuam sortem !
O beatum diem istum,
quo locaris iuxta Christum
super coelos !

*51 277. Coelum tibi pangit melos,
terra laudes modulatur,
quo decori gratatur,
laetabunda.

281. Exultamus, quod faecunda
meritorum ubertate,
consueta pietate,
nos fouebis.

285. Et muneribus implebis,
quae, ubertim, accepisti,
cum in altum ascendisti
nobis danda.

---

265. Com essa morte êle aniquilou a morte
e derrotou o inferno.
Vencido, venceu. Derrotado,
triunfou.

269. Teu reino estende-se, por isso,
sôbre o céu, a terra, o mar.
Domina o Tártaro
e a morte.

273. Destino feliz o teu !
Feliz dia êste
em que és posta junto de Cristo
nos céus !

277. A ti o céu entoa melodias,
a terra modula louvores
e, com essa homenagem, regozija-se,
feliz.

281. Exultamos, pois, com a fecunda
uberdade dos méritos,
com a misericórdia, que tens sempre,
favorecer-nos-ás.

285. E nos cumularás dos dons,
que recebeste, com fartura,
quando para o céu subiste,
dando-os a nós.

–V.271 — Cf. –V. 31.
–V.274 — O dia 15 de agôsto, cf. C 2, (1).

289. Exultamus, quod nefanda
crimina, quae perpetramus,
per te, matrem, nunc speramus
remittenda

293. et perpetuo delenda,
ne perpetuo damnemur
in obscuro, sed saluemur
in Olympo.

*51v 297. Si laudemus de longinquo
te colentes, quod amorem
nobis praestas et timorem
foras mittis,

301. quanto magis, quod cupitis
iam amplexibus potiris,
et exultas modis miros
iuxta prolem,

305. et hanc orbis amplam molem
mundi, princeps, moderaris,
et plus cunctis famularis
Trinitati !

309. Sempiternae Deitati
quia semper placuisti,
super omnes mater Christi
benedicti,

---

289. Exultamos, pois os crimes
nefandos, que perpetramos,
por ti, mãe, agora esperamos
hão de ser remidos

293. e eternamente delidos,
para não sermos condenados
à escuridão eterna, mas salvemo-nos
no céu.

297. Se te louvamos, de longe
cultuando, porque amor
nos ofereces, e o temor
afastas,

301. quanto mais te louvaremos
porque já possuis os abraços desejados,
e em admiráveis cânticos exultas
junto a teu filho,

305. e esta imensa mole
do globo, como rainha, reges,
e mais que todos auxilias
à Trindade !

309. Porque sempre agradaste
à divindade eterna,
ó mãe de Cristo, bendito
sôbre todos,

-V. 296 — Cf. -V. 31.

313. tuis laudibus addicti
te amantes ueneramur
et tuae congratulamur
dignitati.

*52 317. Infinitae bonitati
grates ferimus, quod qualem
te fecit, nec fecit talem
nec creabit.

321. Ergo, pete Natum — dabit
matri dona supplicanti —,
quae te turmae postulanti
largiaris.

325. Quem muneribus ditaris,
nemo faciet egenum.
Fac ut numerum septenum
consequamur,

329. ut per illum mereamur
tuo nato famulari
et a sordibus mundari
peccatorum.

333. Leua mentes ad coelorum
uitam semper contemplandam
et perennem exoptandam
uoluptatem.

---

313. louvamos-te com dedicação,
veneramos-te com amor
e congratulamo-nos com tua
dignidade.

317. Rendemos graças
à bondade infinita, pois qual te fêz,
nem criou, nem criará
igual.

321. Pede, pois, a teu filho — êle
concederá, suplicando a mãe —,
os dons, que distribuis liberalmente
aos que te imploram.

325. Quem com dádivas enriqueces,
ninguém os empobrecerá.
Faze que obtenhamos
o número dos sete,

329. para que mereçamos
servir a teu filho
e ser purificados da pecha
dos pecados.

333. Eleva as nossas mentes
à contemplação eterna da vida celestial
e ao amor da felicidade
perene.

-V.331 — Cf. Iª, XXXIX, (14).

*52v 337. Fac beatam Trinitatem
ut credentes cognoscamus,
et noscentes diligamus,
corde puro,

341. ut in seculo futuro
uideamus claritatem
et diuinae puritatem
faciei.

345. O Maria, lux diei,
rosa uernans, flos rosarum,
consolatrix animarum,
uis et rosa,

349. monstra nobis, o formosa,
tui uultus honestatem.
Tuae uocis suauitatem
audiamus,

353. et te semper imprimamus
nostrae menti, contemplantes,
diligentes, uenerantes
matrem piam.

*53 357. ut post actam uitae uiam,
tecum uideamus eum,
quem trinum et unum Deum
confitemur.

---

337. Faze que, crentes,
conheçamos a Trindade santa,
e, conhecendo-a, a amemos
de coração puro,

341. para que na vida futura
contemplemos a claridade
e a pureza da divina
face.

345. Ó Maria, luz do dia,
fresca rosa, flor das rosas,
consoladora das almas,
forte e bela,

349. mostra-nos, formosa,
a beleza de teu rosto.
Ouçamos a suavidade
de tua voz

353. e guardemos sempre a ti
gravada em nosso coração,
contemplando-te, amando-te e vene-
[rando-te,
mãe piedosa,

357. para que, depois da morte,
vejamos contigo àquele
que por Deus uno e trino
confessamos.

361. Ubi semper epulemur
"Sanctus, Sanctus !" decantantes,
laude tibi gratulantes
sempiterna.

365. Deo-Patri laus aeterna
Nato, Flamini reddatur.
Meritusque persoluatur
honor tibi. *Amen.*

---

361. Onde sempre o festejemos,
entoando "Sanctus ! Sanctus !",
rendendo a ti
perpétua graça.

365. Louvor eterno seja dado
a Deus Padre, Filho, Espírito Santo.
Honra e mérito,
a ti. *Amém.*

-V.366 — *Flamen* — o sôpro, indicando o Espírito Santo.

D — POESIAS EM LÍNGUA TUPI

D 1

CANTIGA POR O SEM VENTURA A NOSSA SENHORA (1)

*25 1. Tupansý porangeté,
oropáb oromanómo,
oré moingobé jepé
nde membýra moñyrómo,
inongatuábo ;
oré rarómo,
oré ánga pysyrómo.

8. Ejorí, oré resé
nde membýra mongetábo,
toroekatú taujé,
añánga rausú peábo,
imomoséma,
imomoxyábo,
jangaipába momburuábo.

15. Nde porangatú rausúpa,
tekoaíba oromombó,
nde resé memé oroikó,
nde robá repiakaúpa,
nde rapekóbo,
nde su, nde súpa,
oré ybýime nde rerúpa.

---

1. Mãe de Deus muito formosa,
conforta-nos
na nossa morte,
fazendo manso o teu filho
e compassivo ;
defende-nos,
salva a nossa alma.

8. Vem, e por nós
ora a teu filho,
para que, sem demora,
repelindo as tentações,
afastemo-nos do mal,
aborrecendo-o,
maldizendo-lhe a impiedade.

15. Amando a tua virtude,
renunciamos ao vício,
e em ti vevemos,
aspirando ao teu olhar,
buscando-te,
imitando-te,
trazendo-te no coração.

---

(1) — Ia, XXIII. Publicada em Ca; RAM, LXXII: 201-214; BFF, LI, n.º II ; A, 48. Cf. fig. 13.

22. Morausuberekosára,
oroé pabẽ endébo,
jorí, nde porausubára
mojaojaóka orébo,
oré rausúpa,
oré mboébo,
oré ánga resapébo.

29. Emojerekuáb orébo
Iesu, nde membý poránga.
Teikatú oré ánga
serobyá sausubetébo,
imombeguábo,
aré arébo,
indibé nde moetébo.

---

22. Ó tu que és compassiva,
suplicamos em uníssono,
vem, e teu favor
concede-nos,
amando-nos,
inspirando-nos,
iluminando o nosso espírito.

29. Faze para nós benigno
Jesus, teu filho formoso.
E que nossa alma crente
muito o ame
e proclame
eternamente,
com êle te glorificando.

D 2

CANTIGA POR QUERENDO O ALTO DEUS (1)

kanhem-iré (Navarro, 2004, p. 86)

*25v 1. Jandé kañemýra, jandé rausúpa,
Tupã amó kuñangatú moñángi.
Abá sosé pabẽ imomorángi,
tekokatú resé imojekosúpa.

5. "Xe sýramongatú toikó", ojábo,
amó kuñã suí imoinguébo,
sausúba rerekóbo, imoetébo,
jangaturangatú moeburusuábo.

9. "*Santa Maria*" séra, añangupiára,
Tupã rendabeté, Tupã rajýra,
Tupã sýrama ri imoñangimbýra,
teõ rupiára ñe, tekobé jára.

13. Syguépe oetérama Tupã tári,
ipukeymeñé oá oúpa.
Jandé poreausubóka, jandé súpa,
pitáng amongatú sekó potári.

---

1. Amando-nos, a nós condenados,
Deus criou uma santa.
Mais linda que tôda a gente,
pela virtude a enalteceu.

5. Dizendo : "Que seja minha boa mãe",
de outra mulher fê-la nascer,
e amando-a, engrandeceu-a,
dotando-a dos maiores bens.

9. Chamou-se "Santa Maria", inimiga do [mal,
verdadeira morada de Deus, filha de [Deus,
criada para ser a mãe de Deus,
imortal, embora, senhor da existência.

13. Nela se encarna o corpo de Deus,
e nasce de uma virgem.
Para extirpar nossas misérias, para nos [visitar,
consente em ser um lindo menininho.

---

(1) — Ia, XXIV. Publicada em BFF, LI, n.º III e A, 50.

17. *Maria* Tupansý, moroitykára,
añánga sumarã, ixikysyjéba,
jandé marã irũ, jandé abaitéba,
tekokatú resé jandé moinguára.

*26 21. Tiasausú pabẽ *Santa Maria*,
jandé pyá pupé sekó mondépa,
topoár añánga ri, mburú mombépa,
sekó poxý suí jandé rejýia.

---

17. Maria é a mãe de Deus, que expulsa
o demônio inimigo, que é seu receio,
nossa companheira de lutas, nossa for-
[taleza,
nosso modêlo de virtude.

21. Amemos todos a Santa Maria,
abrigando-a em nossos corações,
para que detenha o demônio, esma-
[gando-o,
desviando-nos do mal.

D 3 CANTIGA POR EL SIN VENTURA [1]

*26 1. Jandé rubeté *Iesu*,
jandé rekobé meengára,
oimomboreausukatú
jandé amotareymbára,
añánga aíba,
morapitiára,
jandé ánga jukasára.

8. Jandé ánga rausupápe
ybyrá pupé omanómo,
jandé repymeengápe,
añangápe ojemoyrómo,
jandé rausúpa,
jandé rarómo,
jandé ánga pysyrómo.

15. Ejorí, Pai Tupã,
xe ánga moingokatuábo !
Taroirõ tekó memoã,
añánga rausú peábo,
toroausúne,
nde mombeguábo,
nde ño nde moetekatuábo !

---

1. Jesus, nosso verdadeiro pai,
senhor de nossa existência,
aniquilou
nosso inimigo,
o anjo mau,
corruptor,
assassino de nossa alma.

8. Por amor de nossa alma
morreu crucificado,
redimindo-nos,
irritando-se com o demônio,
amando-nos,
guardando-nos,
amparando o nosso espírito.

15. Vem, Senhor,
santificar a minha alma !
Que eu deteste a malícia
repelindo a tentação,
para que te ame,
proclame,
só a ti louve !

---

[1] — Ia, XXV. Publicada em BFF, LI, n.º IV; A, 51 ; RAM, LXXIX : 281-285.

22. Asopotá nde retáme.
Nde porangatú repiáka,
eiké korí xe ñyáme,
xe keranáma mombáka,
xe momaémo,
xe moobaybáka,
nde kotý xe rerobáka.

---

22. Quero partir para o teu reino.
Ao contemplar-te,
penetra-me o coração,
desperta-me dêste letargo,
faze-me ver-te,
adorar-te,
volver para junto de ti!

D 4

DA ASSUNÇÃO [1]

*26 1. Ára angaturameté
oá jandébo korí.
Peneĩ, taperorý,
Tupansý reõ resé.

5. Osó, ko ára pupé,
Tupã rorypápe oséma,
jandé reõ mokañéma,
jandé moingobébo ñe.

9. Nde membýra rorypápe
eresó, ko ára ri.
Toroausúne, Tupansý,
nde moingóbo xe pyápe.

*26v 13. Nde porausubakatuápe,
naxereroyrõi jepé.
Nde maenduá memé
xe resé, xe rausupápe.

---

1. Um grande dia
desponta hoje para nós.
Eia pois, alegrai-vos
com a morte da mãe de Deus.

5. Ela vai, neste dia,
partindo para o reino dos céus,
afugentar de nós a morte,
concedendo-nos a vida eterna.

9. À glória de teu filho
tu vais, neste momento.
Que eu te ame, mãe de Deus,
depondo-te em meu coração.

13. Em tua caridade,
não me desprezes.
Lembra-te sempre
de mim, que te amo.

---

(1) — Ia, XXVI. Publicada em BFF, LI, n.º V ; A, 52. Parece relacionar-se com D 5, a cuja representação precederia.

17. Nde rejár, erimbaé,
ko ybýpe, nde membýra.
Nde resé serokipýra,
japysykatueté.

21. Nde repiáka potañé,
jaé u kuépe suí.
Nde rekó poránga ri
ojemomotá memé.

25. Tupána repiakaupápe,
erejascó jepí.
Nde rerojeupí korí,
nde membýra ogorypápe.

29. Korí, karaibebé
nde robá poráng epiáka.
Ejorí, xe mojeguáka
nde rekokatú pupé !

33. Ejorí ! Xe angekýia
tasóne nde ropesýka,
nde robaké uiguapíka,
pecado suí uixýia.

37. Neĩ, taujé, xe rejýia !
Toroakypoereká.
Taxemondó, sapiá,
nde ri xe ñemboryrýia.

---

17. Tu deixaste, outrora,
neste mundo, os teus filhos !
Assim chamados por ti,
nós nos confortamos.

21. Para contemplar-te,
de longe esta gente veio.
De tua beleza
ela se encante sempre.

25. Ansiosa de Deus,
tu choravas sempre.
Vives, hoje, a seu lado,
na glória de teu filho.

29. Os anjos, agora,
contemplam teu rosto lindo.
Vem, ilumina-me
com tua graça !

33. Vem ! Que minha alma impura
eu de ti possa achegar
e à tua frente prostrar,
oprimida de pecados.

37. Guia-me, pois, depressa !
Seguir-te-ei as pegadas.
Oxalá eu, sem demora,
me afervore por ti !

41. Taroyrongatú añánga,
xe rekó poxý peábo,
nde ño nde rausukatuábo,
nde rekokatú raánga.

45. Xe jára repiá poránga
xe ánga toimomotá.
Tasepiáne nde robá,
tiapysykatú xe ánga !

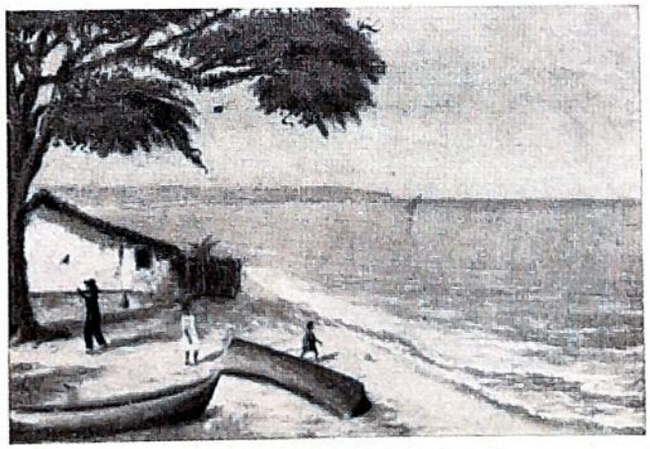
---

41. Deteste eu o demônio,
e me afaste do mal,
amando-te a ti sòmente,
imitando tua santidade.

45. Que o lindo olhar de minha senhora
encante a minha alma.
Ao contemplar-te o rosto,
atraia êle o meu espírito !

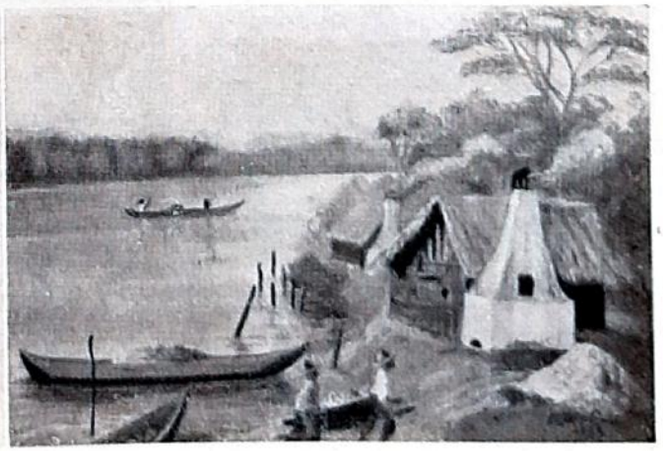
D 5 — DIA DA ASSUNÇÃO, QUANDO LEVARAM SUA IMAGEM A RERITIBA

Anchieta, em 1950.



Praias de Anchieta.
Ao longe, a Ponta dos Castelhanos.

Parte velha da cidade (1559).



Caieiras primitivas no pôrto «Mandoca».

Fig. 8

Aspectos de Anchieta, antiga Reritiba, no Espírito Santo.

D 5

DIA DA ASSUNÇÃO, QUANDO LEVARAM SUA IMAGEM A RERITIBA

Reritiba, atual Anchieta, no Estado do Espírito Santo, é pouco mais que uma vilazinha. Consagrada ao Apóstolo do Brasil e situada junto à foz do Rio Benevente, antigo Reritiba (1), *nela se misturam colégios modernos, aonde afluem centenas de jovens do Estado e de Minas Gerais, e uma população humilde de pescadores, a transportar, em varas, sôbre os ombros, o produto da pesca rudimentar, sustento de seu dia* (2). *Sôbre a colina, dominando a praia, vê-se o velho Convento Anchieta, parte da igreja local, consagrada a Nossa Senhora da Assunção* (3). *Fundado, diz a tradição, por Anchieta, em 1579, ali passou êle os últimos anos de sua vida. O turista pode, hoje, visitar, com veneração e encanto, a sua cela* (4), *transformada em pequeno museu religioso mantido pela Companhia de Jesus. Nela se encontram livros, fotografias, selos e medalhas, placas comemorativas, relíquias e objetos relacionados com José de Anchieta. Uma cadeira antiga é tida como sua* (5). *Numa vitrine, em estôjo de prata, ricamente forrado de veludo rubro, conserva-se um fragmento de osso* (6). *Sôbre uma mesinha, a imagem de Nossa Senhora da Assunção* (7), *provàvelmente a mesma a que se deve referir a peça presente e que se destinou, parece, à sua recepção num 15 de agôsto : o de 1579, talvez, ou posterior a êle, mas anterior, por certo, a 1597* (8).

---

(1) — O sentido de "Reritiba" (ryrý + týba = ostral) parece ainda expressivo, quando se observam as caieiras primitivas do local (Fig. 8).

(2) — Fig. 8.

(3) — Fig. 9.

(4) — Fig. 10.

(5) — Pertencerá ao séc. XVII. Um quadro exposto na mesma cela parece cópia invertida da figura que se encontra no volume de documentos referentes à beatificação do P. José de Anchieta (SR).

(6) — Fig. 11. Conta um documento autêntico, exposto nessa cela, a curiosa história do fragmento. No ano de 1888, estiveram no antigo Colégio de Vitória (Cf. E 5, fig. 19) dois jesuítas. Ali havia uma caixa de madeira com o letreiro "Ossos do Venerável P. José de Anchieta". Aberta, viram um osso e souberam, por certo historiador presente, que D. Pedro II, em visita à cidade, tirara um fragmento dêle como relíquia. Um dos jesuítas solicitou, então, levar também uma relíquia. Com surpresa para os dois sacerdotes, deu-lhes aquêle senhor o osso inteiro . . . É o que está exposto na cela. Voltou, mais tarde, ao Espírito Santo, por interferência de D. Helvécio, arcebispo de Mariana. É o seguinte o texto do documento citado : "*J. M. J. Anno Domini millesimo octogesimo octigentesimo octavo, cum essem Victoriae, urbis principis Provinciae Sancti Spiritus in Brasilia, una cum Patre Benedicto Schettini S. J., invisimus thesaurum, ut ajebant, in ipsis aedibus Gubernii, quae fuerant Societatis Jesu. Praeter candelabra, calices et alia, fere omnia e nostris domibus desumpta, vidimus duas capsas ligneas, haec fere verba ferentes : "Ossa Venerabilis Patris Joseph Anchieta". Vir quidam a secretis et auctor cujusdam historiae Provinciae Sancti Spiritus, aperuit unam ex capsis, argenteis laminis copertam, nobisque ostendit partem ossis Venerabilis Patris, subjungens : Petrum secundum Brasiliae Imperatorem, cum invisisset Victoriam, abstulisse fragmentum ejusdem ossis, in memoriam Patris Anchieta. Tunc Pater Benedictus Schettini rogavit, vellet etiam nobis dare particulam ossis. Benigne assensit, imo, praeter exspectationem, donavit integram partem ossis, nihil reliquens in capsis. Quam, magna cum reverentia, recepimus et ego constanter super pectus servavi usque ad Urbem Fluminis Januarii, quo, cum pervenissem, dedi Re. Patri Augusto Stanislao Aureli S. J. eo tempore Missionis Brasiliensis Praesidi-------Testor hoc esse idem os, quod tuli de Urbe Victoriae, veraque esse quae dixi et omnia sub juramento confirmo --- Neo-Friburgi in die festo S. Antoni Abbatis, annis millesimi nongentesimi decimi sexti. — P. Vicentius Prospere*". Cf. fig. 12.

(7) — Fig. 13.

(8) — Morte de Anchieta. Em 1579 Anchieta estêve em Reritiba. Regista-se em 15-8-1579 missa à qual assistiram os índios, celebrando a inauguração da igreja dedicada a Nossa Senhora da Assunção.

LOCAL — Reritiba, atual Anchieta, no Espírito Santo.

DATA — 15 de agôsto (1569-1597?)

PERSONAGENS — Diabo
Anjo
Diabos companheiros
6 selvagens dançarinos
Cita-se São Sebastião, cuja imagem parece estar na cena.

TEMA — Compõe-se de três partes: na primeira, ao aproximar-se a imagem de Nossa Senhora da capela de Reritiba, discutem anjo e diabo sôbre as conseqüências dessa vinda (VV. 1-36); na segunda, no terreiro do Convento, índios do sertão dançam os machatins (VV. 37-76); finalmente, um anjo encerra o espetáculo com pequeno discurso (VV. 77-103). O cântico de D 4 parece ter precedido a representação da peça.

Fig. 9

Em cima : Aspecto atual do Convento Anchieta, em Anchieta, antiga Reritiba, no Espírito Santo.

Em baixo : O mesmo Convento segundo gravuras antigas.

D 5

DIA DA ASSUNÇÃO, QUANDO LEVARAM SUA IMAGEM A RERITIBA (1)

I

*27 1. *Anjo, no caminho* — Ejorí, *Virgem Maria,*
Tupansý, ko tába súpa,
mamó añánga mondýia.
Teikatú, nde rausúpa,
nde resé ojemboryrýia !

6. Eipeapá maraára
— takúba, teikoaruguý,
tygueaíba, uú asý —
tojerobyá tapijára
Tupã, nde membýra ri.

11. *Diabo* — Aáni, erejú teñé
tába suí xe peábo.
Ojemomotá pabẽ
tapijára xe resé,
xe rekopotakatuábo.

---

1. –Vem, Virgem Maria,
mãe de Deus, visitar esta aldeia
e expulsar delao demônio.
Oxalá, por teu amor,
ela se santifique !

6. Afasta as enfermidades
— febres, disenterias,
as corruções e a tosse —
para que seus habitantes
creiam em Deus, teu filho.

11. –Não, vens debalde
afastar-me da aldeia.
Todos, na taba,
gostam de mim
e conservar-me-ão.

---

(1) — Ia, XXVII. Publicado em REA, 95-96 ; BFF, XXIV (VV. 1-36) e LI, n.º VI (VV. 1-103).
–V. 7 — As epidemias de câmaras de sangue não eram raras. Em HCJB, I, 240 cita-se uma em 1567.

16. Ekoá jebý nde rekoápe ;
naipotári nde reiké.
Ybytyriguára e,
arekó ko xe rupápe,
nasorýbi nde resé . . .

21. *Anjo* — Teté marã ejábo mã !
Ybytyriguára abé
osausú paí Tupã.
Ekoá, eá tatá pupé !

25. Ixé, ko tába raroána,
oromondoñé ixuíne.
Oiké Tupansý koríne.
Ke ! Ixé sóu nde repeñána !

29. *Diabo* — Xe poreausubeté mã !
Oipysyrõ Tupansý
xe retáma xe suí . . .
Tupansý xe sumarã !

Fala com seus companheiros :

33. Tiasó tába pobú
jandé mondó janondé !
Diabos — Neĩ ! Tiasó taujé
angaipába amõ rerú . . .

---

16. Retoma teu caminho ;
eu não consentirei que entres.
Como êstes índios da serra,
aqui estou em minha casa
e não simpatizam contigo . . .

21. –Que absurdo estás dizendo !
Os habitantes da serra
amam a Nosso Senhor.
Vai, cai tu no fogo !

25. Anjo custódio da aldeia,
dela expulsar-te-ei.
Entrará agora a mãe de Deus.
Cuidado ! Vou atacar-te !

29. –Pobre de mim !
A mãe de Deus libertou
a terra que era minha . . .
A Virgem é minha inimiga !

33. Vamos fugir da aldeia
antes que nos expulsem dela !
–Eia ! Vamos depressa
longe os pecados levar . . .

Fig. 10

Aspecto atual da cela onde morreu o Venerável P. José de Anchieta. Constitui, hoje, um pequeno museu religioso.

II

Seis selvagens que dançam os machatins (2) :

*27v 37. *1.º* —

Sarauájamo oroikó,
kaápe orojemoñánga.
Orojú nde momoránga,
oré aíba reropó.

41. *2.º* —

Nde irúmo be torosó,
Tupã retáme oroikébo !
Ejorí oré mboébo
toroína nde rekó.

45. *3.º* —

Kaapytéra suí
ajú, nde rúra repiáka.
Ejorí, xe rerobáka
nde rekokatú kotý.

49. *4.º* —

Koí, nde rúra resé,
xe aíba aitykipáne.
Arobýk Tupã eté.
Iñeénga rerobyáne . . .

53. *5.º* —

Ko aikó nde robaké
–xe, iguareropépa !
Ejorí nde xe mondépa,
nde rekokatú pupé.

---

37. –Vivemos como selvagens,
somos filhos da floresta.
Viemos saudar-te,
renunciamos aos vícios.

41. –Quem dera te acompanhássemos,
entrando no reino de Deus !
Vem ensinar-nos
a seguir tuas leis.

45. –Do meio da mata
venho, para assistir à tua recepção.
Vem, converte-me
à tua virtude.

49. –Hoje, em homenagem à tua visita,
repudiarei meus defeitos.
Aproximo-me do verdadeiro Deus.
Venerarei suas palavras . . .

53. –Aqui estou à tua frente
– eu, que era um rebelde !
Vem abrigar-me
em tua virtude !

---

(2) — Têrmo arcaico, designativo de uma dança popular. Cf. D 7, (1).

57. *6.º* —

Asejarumã kaá
nde rerapoána resé.
Xe rausukatú jepé,
xe poxý reitýka pa.

Dançam dois e, em presença dos do sertão, dizem:

61. *1.º* —

Ybytýripe uitekóbo,
mbaé naikuabetéi . . .
Koí aroporaséi
xe anáma serekóbo.

65.

Aikuabumã Tupã,
nde membýra, Tupansý.
Emonánamo, korí,
aroyrõ mbaé memoã.

69. *2.º* —

Ikó xe anameté,
Marataoã iguaroéra.
Oikuakatú nde réra,
senõia jepí memé.

73.

Oroikó tebẽ pabẽ
paí maraá ri.
Ejorí nde, Tupansý,
imomboerápa taujé.

---

57. –Deixei a floresta
em tua honra.
Ama-me muito,
livra-me de todo o mal.

61. –Vivendo na serra,
não sei muita cousa . . .
Danço aqui
à moda dos meus.

65. Eu já conheço Deus,
teu filho, Senhora.
Assim, agora,
detesto a maldade.

69. –Aqui está a minha gente,
que morava em Marataua.
Conhecendo o teu nome,
invoca-o contìnuamente.

73. Estamos aflitos
com a moléstia do padre.
Vem, mãe de Deus,
saná-la depressa!

–V. 70 — Marataua seria alguma aldeia sôbre a qual não ficaram outros informes? Cf. D 8, V. 30.

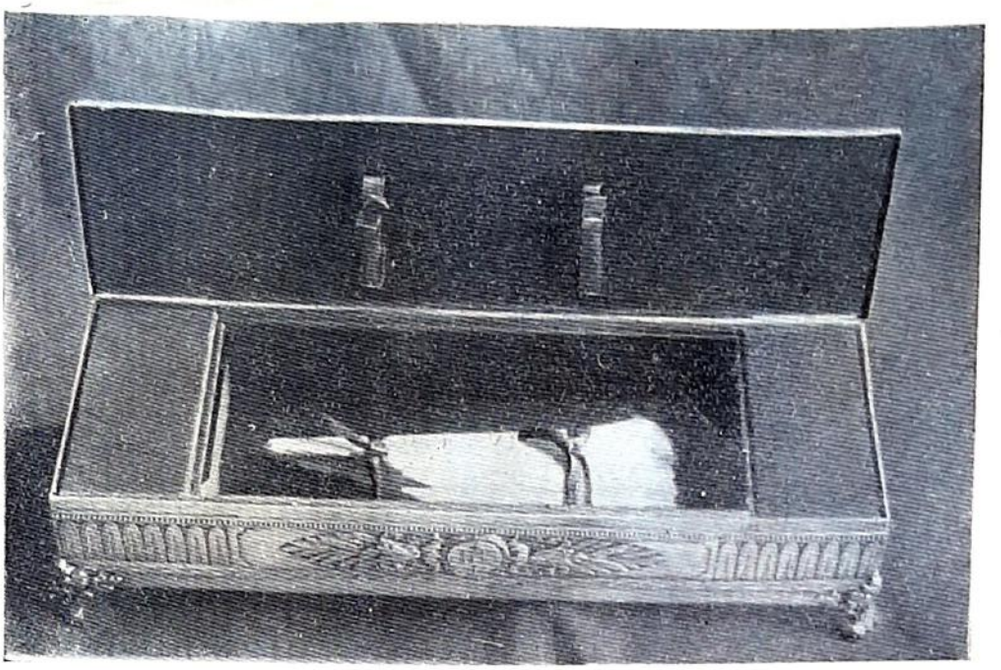


Fig. 11

Fragmento, considerado autêntico, de um osso de Anchieta, conservado em sua cela, em Anchieta, no Espírito Santo.

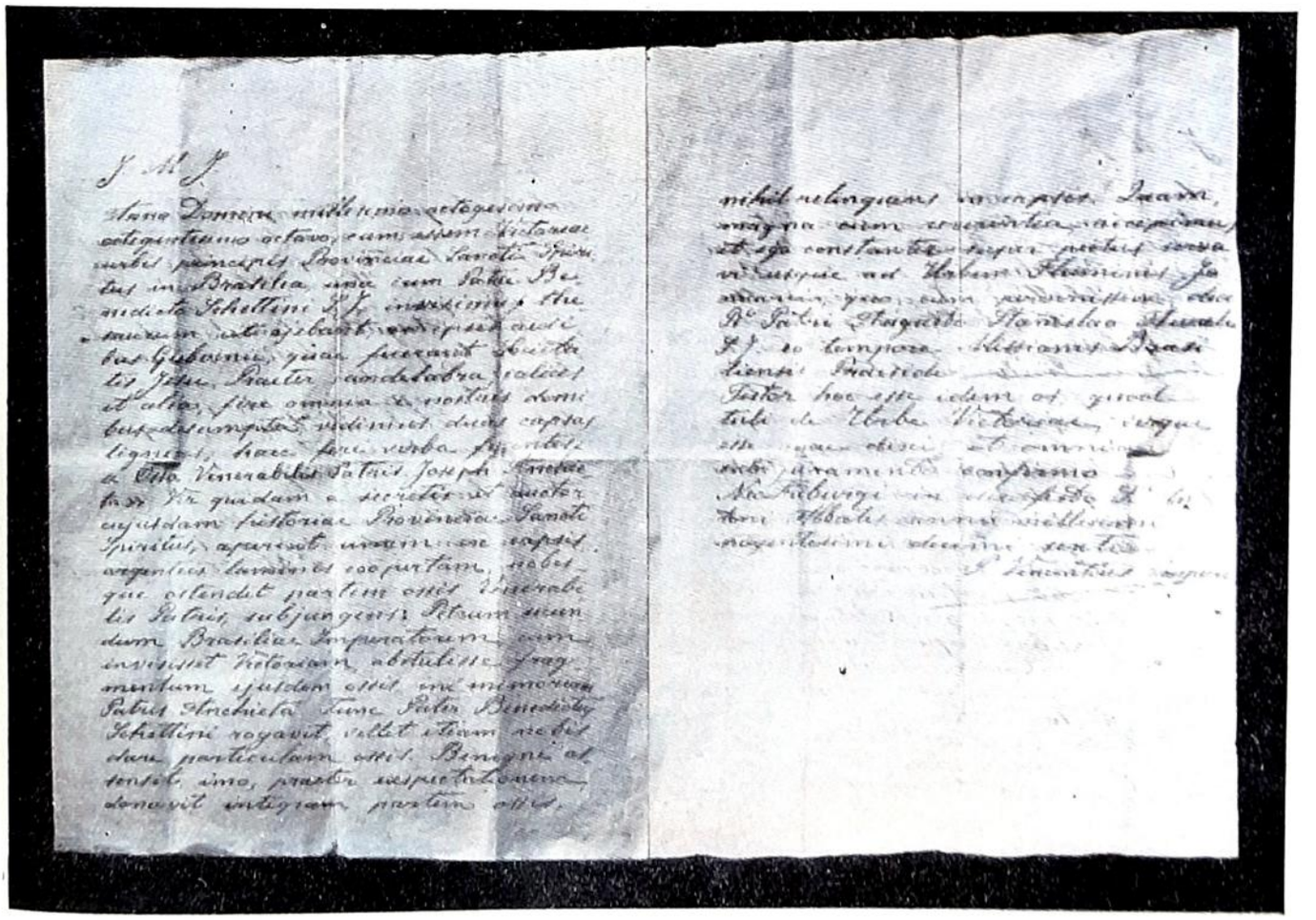


Fig. 12

Certificado referente à autenticidade do fragmento ósseo conservado na cela de Anchieta.

III (3)

*28 77. *Anjo* — Ko aikó nde pytybómo.
Tupána xe mbousápe,
ajú nde ánga rarómo,
teiñé nde reté omanómo,
nde ánga tosó sekoápe.

82. Paí *Iesu* mombeguápe,
uúba ereiporará.
Jorí sepyráma ra,
karaibebé rupápe !

86. *São Sebastião* nde réra.
Nde moeté paí *Iesu.*
Nde moerapoangatú,
nde, ybõybõaguéra.

90. Nde resé, ko tabiguára
torýba moñáng oikóbo,
tupã-óka rapekóbo,
emonánamo, ko ára
momorángi serekóbo.

95. Angiré, ko tába súpa
terejú memé jepí,
añánga rekó suí,
tapijára kuakúpa.

---

77. –Eis-me aqui para ajudar-te.
A mandado do Senhor,
venho guardar a tua alma,
para que, morto embora o teu corpo,
suba tua alma ao seu reino.

82. Por tua fé em Jesus,
tu suportaste flechas.
Vem ser feliz, agora,
no reino dos anjos !

86. Chamas-te "São Sebastião".
Jesus te santificou.
Fêz-te glorioso o nome,
a ti, que crivaram de setas.

90. Êstes habitantes da aldeia
estão fazendo festa em tua honra,
visitando a igreja,
assim êste dia
tornando sagrado.

95. De agora em diante,
vem sempre visitar a aldeia,
para, do mal,
proteger seus habitantes.

–V. 77 — Cf. Ia, XXVII, (5).

(3) — Trecho, provàvelmente, interpolado. O copista não alterou o V. 86 que, evidentemente, não se justificaria nesta representação.

99. Emoingó pabẽ apiába
Tupána rekó rupi.
Kuñã, guaibĩ, kurumí,
tosopá tekó angaipába
ko taporánga suí !

---

99. Faze que todos os homens
observem as leis de Deus.
Que mulheres, velhas, crianças,
afastem os pecados
desta aldeia formosa !

Fig. 13

A imagem de Nossa Senhora da Assunção, que se conserva na cela onde morreu o P. José de Anchieta e que seria a mesma a quem dedicava os seus arroubos poéticos.

D 6 PITANGĨ (1)

*28 1. *1.º* — Oré rausúba jepé,
pitangĩ, paí *Iesu*.
Toroikó pabengatú,
nde rekokatú pupé.

*28v 5. *2.º* — Pitangínamo ereikó,
Tupánamo eikóbo be.
Nasopotári mamõ,
nde pýri guitekoboñé.

9. *3.º* — Ybáka suí erejúr
xe ánga pysyronsápe.
Eingatú xe pyápe,
xe jarĩ, paí *Iesu*.

13. *4.º* — Xe ánga mongaturómo,
Tupã-túba nde mboúri.
Emonánamo, xe rúri
nde resé guijepysyrómo.

---

1. –Ama-nos tu,
meninozinho Jesus.
Vivamos todos felizes,
em tua santa lei.

5. –És uma criancinha,
embora um Deus também.
Não quero afastar-me,
permaneço a teu lado.

9. –Vieste do céu
para salvar minha alma.
Reina em meu coração,
meu senhorzinho, Jesus.

13. –Para santificar a minha alma,
Deus Padre te enviou.
Venho, por isso,
salvar-me por ti.

---

(1) — Ia, XXVIII. Publicado em BFF, LI, n.º VII.
–V. 9 — Cf. a rima *erejúr* — *Iesu* com a de VV. 30-31 : *erejosúb* — *Iesu* e VV. 38-39 : ja*katú* — *terejúr*.

17. *5.º* —

Pitangĩ repiakaúpa,
ajúr xe róka suí.
Ejorí, xe jára sy,
xe ánga pupé serúpa !

21. *6.º* —

Jandé moñangára ñe
erenoĩ nde jybápe.
Xe abé, sausukatuápe,
tarúr xe pyá pupé.

25. *7.º* —

Emaengatú oré ri
Tupansý, *Santa Maria* !
Jorí, añánga mondýia,
oré moaujé suí !

29. *8.º* —

Morausúba rekosápe,
asé ánga erejosúb.
Emoingé, paí *Iesu*,
nde membýra, xe pyápe.

33. *9.º* —

Tupansý, xe sy abé,
aroyrõ tekó poxý.
Asausúb nde membyrĩ.
Xe peá umé jepé.

---

17. –Desejando adorar o menininho,
venho de minha casa.
Ó mãe de meu senhor,
deposita-o em minha alma !

21. –O nosso criador
conservas em teus braços.
Que eu também, por muito amá-lo,
traga-o em meu coração.

25. –Protege-nos,
mãe de Deus, Santa Maria !
Vem, assustando o demônio,
defender-nos dêle !

29. –Em tua misericórdia,
procuras nosso espírito.
Coloca Jesus,
teu filho, em meu coração.

33. –Mãe de Deus e minha mãe,
eu detesto a vida impura.
Amo o teu filhinho.
Não me abandones tu.

–V. 38 — Cf. V. 9.

*29 37. *10.º* —

Oroausúb katú guitekóbo
xe rekobé jakatú,
xe jekýime, terejúr
ybaté xe rerasóbo.

41. *11.º* —

Amoaé tubixá katú
nde resé ojerobyá.
Ko xe resóu nde reká, → Acho que deve ser recou, pois o que parece e deve ser o ~ da palavra rubĩ no manuscrito.
xe rubĩ, paí *Iesu.*

45. *12.º* —

Nde rekokatú potá,
aroyrõ xe rekó poéra.
Iporangatú nde réra.
Ejorí, xe rausubá !

---

37. –Amando-te tanto
durante a minha vida,
oxalá, na morte, venhas
buscar-me para o céu.

41. –Outros excelentes chefes
confiam em ti.
Aqui venho eu procurar-te,
meu paizinho, Jesus.

45. –Quero tua lei santa,
renuncio a meus velhos hábitos.
É lindo o teu nome.
Vem, meu amor !

D 7

TUPÁNA KUÁPA (1)

*29 1. Tupána kuápa,
koí asausú
xe jára, Iesu.

4. Akoeýme, guimanómo,
añánga esapyá - açapiga (no manuscrito, talvez erro de cópia mesmo.
xe ánga ajusá
pecado irumómo.
Aé reroyrómo,
koí asausú ajuca (no manuscrito)
xe jára, Iesu.

11. Xe tekokuába
opá amokañẽ.
Xe ánga omonẽ
tekó angaipába.
Xe angorypába
koí asausú
xe jára, Iesu.

---

1. Conhecendo Deus,
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.

4. Antigamente, eu morrendo,
um ataque do demônio
prenderia minha alma
pecadora.
Detestando o mal,
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.

11. O meu entendimento
todo eu consumi.
Corromperam minha alma
costumes perversos.
O meu consôlo é que
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.

---

(1) — Ia, XXIX. Publicada em REA, 9 ; BFF, LI, n.º VIII. Gravada em disco da Coleção Documentação Lingüística, n.º 1.

18. Xe rausubasápe,
xe ánga moténi.
Pitángamo séni
Maria jybápe.
Aé kuapápe,
koí asausú
xe jára, Iesu.

25. Jandé moingobé,
teõ porarábo,
añánga peábo,
*29v teõ resé be.
Aipó reseñé,
koí asausú
xe jára, Iesu.

32. Opá oguguý
meéngi, omanómo,
jandé pysyrómo
añánga suí.
Aipóbae ri,
koí asausú
xe jára, Iesu.

39. Pejó, pabeñé,
Iesu momoránga,
sausúba raánga,
xe irúnamo be.
Iesu, mbaé eté,
peĩ, pesausú !
Xe jára, Iesu,
xe rúba, Iesu !

---

18. Amando-me,
conforta a minha alma.
Está como uma criança
nos braços de Maria.
Por conhecê-lo,
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.

25. Êle nos redimiu,
sujeitando-se à morte,
vencendo o demônio
e a morte também.
Por causa disso,
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.

32. Todo o seu sangue
êle deu, ao morrer,
para libertar-nos
do mal.
Por tudo isso,
agora eu amo
a Jesus, meu senhor.

39. Vinde, ó vós todos,
juntamente comigo,
saudar a Jesus,
símbolo do amor.

Ao grande Jesus,
eia vós, amai !
Jesus, meu senhor,
Jesus, o meu pai !

D 8 TRILOGIA (1)

*31 1. *Paratiý* — Xe Paratiý suí
ajú, Tupansý repiáka,
guiñemojeguajeguáka
xe rorybaõáma ri.

5. Sorykatú xe ybyiá.
Iporangatú resé,
sorybá, xe iabé,
xe rúba Tupána kyiá. Tupunzkyiz = Tupiniquim (Aportuguesado)

9. Arobykatupeká
iporáng epiakatuábo.
Jasó korí, imombeguábo,
guaibĩ moesãia mba.

Oração

13. Tupansý porangeté,
xe anáma nde rausú.
Tosarõ paí *Iesu*
xe retáma, nde abé.

---

1. –Venho do Rio Parati,
para ver a mãe de Deus,
tendo-me pintado todo
em sinal de alegria.

5. Exulta o meu coração.
Na sua virtude,
alegre como eu,
meu pai-Deus se enfeitou.
meu pai Tupiniquim

9. Quero achegar-me
para contemplar sua beleza.
Vamos todos, em sua honra,
acabar com a alegria das velhas.

13. Mãe de Deus muito formosa,
a minha gente te ama.
Guarda, com Nosso Senhor,
a minha terra natal.

---

(1) — 1ª, XXXI. Publicada em REA, 112 (parte) ; BFF, LI, n.º IX. Está incompleta, e é precedida, no ms., por páginas em branco (30v e parte da 30). Obedece ao mesmo sistema das demais peças (Cf. D 5), mas nesta, parte da fala de cada personagem deveria ser feita de joelhos (oração), enquanto, nas outras, em intervalos de dança. Relaciona-se com D 14.

–VV. 6-8 — Alusão, talvez, a alguma imagem de Deus.

–V. 12 — Às velhas eram atribuídas maléficas influências, cf. E 2 a, VV. 126-130.

17. *Rerytýba* — Rerytýba, xe retáma,
tába angaturangatú !
Xe anáma xe mboú
Tupansý repiakaráma.

21. Iporáng ko tupã-óka
jeguakabetá rerúpa !
Aujeté, ko ánga andúpa,
asejá, kuesé, xe róka
ko pupé *missa* rendúpa.

Oração

26. Ejorí, *Santa Maria*,
xe anáma rausubá !
Jangaipá parapará,
ojemoryrý ryrýa.

30. Tiasó Marataoáme
ojoupé ojobaúpa ?
Xe te, xe ánga rausúpa,
abyarĩ xe retáme.

34. *Tupinambá* — Xe Tupinambá guasú.
Paí-guasú irundýba
— opakatú karaíba —
xe mombaeté katú.

---

17. –Reritiba, minha terra,
aldeia virtuosíssima !
Mandam-me, os meus parentes
para ver a mãe de Deus.

21. Que linda esta igreja
adornada de pinturas !
Na verdade, por esta alma,
deixei ontem minha casa
para ouvir a missa aqui.

26. Vem, Santa Maria,
protetora dos meus !
De seus inúmeros pecados,
êles se apavoram.

30. Iremos a Marataua,
prejudicar-nos mùtuamente ?
Eu, na verdade, por amor de minha alma,
acomodei-me em minha terra.

34. –Sou o grande Tupinambá.
Os companheiros do bispo
— todos os cristãos —
me temem muito.

–V. 30 — Marataua — Cf. D 5, V. 70.
–V. 34 — *Tupinambá* — Cf. Iª, XXXI, (3).

38. Xe anáma, erimbaé,
tekó ypýramo sekóu.
Ixupé, rañé, abaré
Tupã mombeguábo, ixóu.

*31v 42. Oré tupã-ogetá — oqueta
ipupé oroñemboébo, oka + etá
Tupã rerobiaretébo,
tekó poéra mombopá.

46. Ajurĩ guijerurébo
Santa Maria supé
omembý porangeté
tomojerekuáb orébo.

Oração

50. Paranã guasú rasápa
ajú ; nde repiapotá.
Ejorí, oré rausubá !
Teikatú nde kuápa
xe rúba Tupinambá !

---

38. Minha gente, antigamente,
seguia usos primitivos.
Os padres, depois, procuraram-na,
anunciando-lhe Deus.

42. Em nossas igrejas
nos instruindo,
ensinando o verdadeiro Deus,
destruíram os velhos hábitos.

46. Eu venho suplicar
a Santa Maria
faça para nós benigno
o seu formosíssimo filho.

50. Atravessando o grande rio
eu vim ; queria ver-te.
Vem, nossa protetora !
Oxalá possa conhecer-te
o meu pai Tupinambá !

D 9 — DOS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA

D 9

DOS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA

Poderosos meios de cartase mental oferecidos pelas religiões à humanidade, foram a penitência e a meditação.

O catolicismo soube fazer descer até as camadas populares a abstração meditativa, concretizando-a em episódios de cunho dramático, tais como se observam no exercício da Via Sacra. O suplício e a morte de Jesus, litanizados por um estribilho musical, em que o público alterna cânticos com o sacerdote, proferindo frases latinas — que a maioria não entende e por isso deturpa, conferindo-lhes valor cabalístico —, e um côro fùnebremente conduzido de quadro em quadro, acabam por impressionar, concentrando a atenção num determinado episódio, emocionando e despertando, através dêle, num momento de exaltação mística, sentimentos piedosos e humanitários.

As meditações do rosário representam alguma cousa de mais abstrato na meditação popular. Instituição existente em várias religiões e baseada num princípio de contagem numérica, verificável, em povos primitivos, na forma de colares de dentes, pedras, sementes, etc., faz parte da Igreja Católica desde 1208, tendo-se difundido ràpidamente como devoção, sob o patrocínio da Ordem Dominicana, fixando-se, porém, na liturgia católica, apenas no séc. XVIII, por determinação de Benedito XIII.

A intenção principal do rosário era divulgar a saudação angélica simbolizada na "Ave Maria", repetida e com intervalos, onde um Padre Nosso periodizava a série. Êsse tipo de devoção calava no espírito, tanto pela freqüência, quanto pelo ritmo da repetição.

O monge de la Roche introduziu, nesta oração mecanizada, uma parte mais espiritual de meditação. As virtudes — pureza, caridade, paciência — concretizavam-se em cenas da vida de Maria. Os chamados "mistérios" constituíram quadros de valor teatral, com a vantagem de não impressionarem apenas pelo aspecto doloroso da seqüência observada na Via Sacra, pois se enriqueceram com mistérios "gazosos" e "gloriosos", sugestivos e edificantes.

As meditações do rosário deviam constituir motivo especialmente aproveitável no teatro catequético, pois ensinavam, através dêsses quadros, descritivos e objetivos, as virtudes teologais.

Observe-se, nos versos seguintes, a simplicidade encantadora com que Anchieta faz desenrolar-se a lição evangélica em pequeninos quadros emoldurados num estribilho apaixonado, dedicado a Maria :

"Abápe arapóra
oikó, nde jabé? (1)

(1) — Cf. D 9, VV. 11-12, 19-20, etc.

D 9

DOS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA (1)

*37 1. O Virgem Maria,
Tupansý eté,
abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

5. *Gozosos* — Nde mombaeté
Tupã, nde rausúpa,
nde ybyiá pupé
pitángamo oúpa.
Tupána rerúpa,
ipó nde rygué.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

13. *São João* pitangĩ
tyguépe oendápe,
nde rúra andupápe,
opó-oporĩ,
Iesu, ojarĩ,
kuápa auñeñé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

---

1. Ó Virgem Maria,
grande mãe de Deus,
que criatura
há, como tu?

5. –Engrandeceu-te
Deus, te amando,
dentro de tuas entranhas
como criança estando.
Contendo Deus,
salta o teu ventre,
Que criatura
há, como tu?

13. O meninozinho São João
estando no ventre,
pressentindo a tua vinda,
deu saltinhos,
Jesus, seu senhorzinho,
reconhecendo imediatamente.
Que criatura
há, como tu?

---

(1) — Ia, XXXIV e LXXVI, onde se repete, sem título e com pequenas variantes, cf. –VV. 9, 14, 35, 50, 73. Publicada em REA, 56 e PL: 137-142.
– V. 9 — Ia, LXXVI, *Ojára rerúpa* (Trazendo o Senhor).
– V. 14 — Ia, LXXVI, *tyguépe oupápe*.

21. Nitýbi tuguý
nde membyrasápe,
endé, nde jybápe,
Iesu eresupí,
ipojá mirĩ
nde káma pupé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

29. Ojára reká
Rejá, mbasembápe,
ijetanongápe.
Sorý nde pyá.
Pitánga robá
sesaĩ ixupé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

37. Nde pópe oguapýka
osó kunumĩ,
Tupã-túba ri
nde rerojaibýka,
nde moapysýka
ogúba resé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

---

21. Sem sangue
ao parir,
tu, em teus braços,
Jesus ergueste,
amamentando-o
em teu peito.
Que criatura
há, como tu?

29. Procuram seu senhor
os Reis Magos, ao chegarem,
fazendo-lhe oferendas.
Alegra-se o teu coração.
A vista da criança
alegra a êles.
Que criatura
há, como tu?

37. Em tuas mãos sentado
vai o menino,
a Deus-Padre
te curvando,
fazendo-te chegar
ao seu próprio pai.
Que criatura
há, como tu?

*37v 45. *Dolorosos* —

Teõ rerobýka,
siayté katú,
suguý turusú
iánga apypýka,
ybýpe osyrýka,
mitýma pupé.
Abápe arapóra,
oikó, nde jabé ?

53.

Jaipopoaratã,
imoangaipápa,
suguý momukápa,
jainupãnupã.
Obók nde ñyã,
sausúba resé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

61.

Oiké juguasú
jakánga, kutúka.
Opá imombupúka,
oimomboreausú
xe jára *Iesu,*
sosáng poresé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

---

45. –Aproximando-se a morte,
êle suou muito,
grande quantidade de seu sangue
sua alma oprimindo,
na terra correndo,
dentro do horto.
Que criatura
há, como tu?

53. Amarram-lhe fortemente as mãos,
judiando dêle,
fazendo derramar-se o seu sangue,
açoitando-o.
Abrem suas entranhas
pelo seu amor.
Que criatura
há, como tu?

61. Grandes espinhos penetram
sua cabeça, espetando-a.
Todos êles furando-a,
afligem
meu senhor Jesus,
que se submete a isso.
Que criatura
há, como tu?

–V. 45 — IIª, LXXVI, *Da paixão* (= Dolorosos).
–V. 50 — IIª, LXXVI, *putúna pupé* (dentro da noite).

69. Oatýba ri,
krusá osupí.
Membéka suí,
Iesu seroári.
Sesé abá poári
nde resápe ñe.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

77. Jaipó asasá
ypý recebé.
Krusá sosé ñe
xe jára mojá.
Oiké itapiguá
nde ánga pupé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

*38 85. *Gloriosos* — Osẽ oikobébo,
otými roiré,
añánga ndibé
teõ moaujébo,
nde rócupe oikébo,
nde súpa auñeñé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

---

69. Sôbre suas costas,
a cruz ergueram.
De fraqueza,
Jesus cai com ela.
Alguém o açoita
à tua vista.
Que criatura
há, como tu?

77. Transpassam
seus pés unidos.
Sôbre a cruz
meu senhor pregam.
Entram os pregos
em tua alma.
Que criatura
há, como tu?

85. –Ao ressuscitar,
depois de enterrado,
com o diabo
a morte vencendo,
entra em tua casa,
visitando-te imediatamente.
Que criatura
há, como tu?

–V. 73 — IIª, LXXVI, *Sése ybyá poári* (Afligem-no).

93. Ybáka rasápa,
osó, nde rejá
opá obojá,
nde pópe imoguápa.
Tupã mojoiápa
sekóu ybaté.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

101. Nde ánga osapý
satá oguejýpa.
Tupã rerojýpa
ybáka suí,
osýk oré ri,
sendý jepí ñe.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

109. Teombasembápe,
Tupã-túba pýri,
Iesu nde rupíri,
nde moetesápe.
Iesu ekatúpe,
nde ño ereimé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

---

93. Ao céu transportando-se,
vai, deixando-te
todos os seus servos,
em tuas mãos colocando-os.
A Deus igual
vive no alto.
Que criatura
há, como tu?

101. Tua alma abrasa
seu fogo, baixando.
Com Deus descendo
do céu,
chega até nós
a luz eterna.
Que criatura
há, como tu?

109. Chegando, pela morte,
junto de Deus-Padre,
Jesus te eleva,
engrandecendo-te.
De Jesus à direita,
tu só estás.
Que criatura
há, como tu?

-V. 11 — Iª, LXXVI, *Iesu ekatuápe.*

117. Endé, oré jára,
kuñã piatã,
ybákupe ndoára,
opá erejopoã
oré sumarã,
reytýka memé.
Abápe arapóra
oikó, nde jabé ?

---

117. Tu, Nossa Senhora,
mulher valorosa,
no céu estando,
ameaças
nosso inimigo,
esmagando-o para sempre.
Que criatura
há, como tu?

D 10 PITANGI PÕRANGETÉ (1)

*97 1. *1.º* — Pitangĩ porangeté,
orogueróbiá katú.
Xe jarĩ, paí *Iesu*,
xe moingó katú jepé,
nde añó torosausú.

6. *2.º* — Opá ybáka ereimopó,
paraná, ybý abé.
Aé koý, xe resé,
omirĩ pupé ereikó.

10. Ejorí, teremondó
xe suí tekó angaipába.
Ko xe ánga, nde rusába,
nde rupábamo toikó.

14. *3.º* — Nde, porausubĩ, ejúpa,
ybytú nde rasapápe,
tapyrusú saroápe,
capiĩ añé rerúpa.

---

1. –Lindo menininho,
acredito piamente em ti.
Meu senhorzinho, Jesus,
faze-me ser bom,
que só a ti eu ame.

6. –Tu criaste tudo : o céu,
os rios e a terra.
Hoje, por mim
em um casebre estás.

10. Vem, para extirpares
de mim os maus costumes.
À tua vinda, minha alma
será aqui tua morada.

14. –Enquanto, pobrezinho, estás deitado,
o vento perpassa por ti,
o boi te custodia,
trazendo capim.

---

(1) — Ia, L. Publicada em PL, 196, incompleta.

18. Jorí xe mojekosúpa,
nde rekó katú meénga.
Taimopóne nde ñeénga
xe pyápe nde rausúpa.

22. *4.º* — Sorý karaibebé,
ikó ára momoránga.
Ejorí, xe jarĩ gue,
tasorybeté xe ánga
nde araguéra resé.

27. Akoéime aikó tebẽ,
xe rekopoxypuruábo.
Taitýk pa, kotý ipeábo,
xe ñyáme tereiké,
xe pyá moingatuábo.

32. *5.º* — *Adão,* oré rub ypý,
oré mokañemeté
añánga ratápe ñe
oré kaiaoáma ri.

36. Nde erejemosusuní
eremoingobé potá.
Ejorí, tojepeá
tekó aíba xe suí.

Navarro usa
Oré moingobé-potá- querendo fazer-nos viver

---

18. Vem me fazer feliz,
dando-me as tuas boas leis.
Que eu cumpra as tuas palavras,
em meu coração te amando.

22. –Alegram-se os anjos,
celebrando êste dia.
Vem, ó meu senhorzinho,
para que a minha alma exulte
com a tua glória.

27. Eu era, antes, miserável,
portando-me com mau proceder.
Renunciarei a êle, afastando-o,
para que entres em meu coração,
induzindo-me interiormente ao bem.

32. –Adão, nosso primeiro pai,
nos condenou a
no inferno
nos queimarmos.

36. Tu te fizeste criança
porque quiseste viver.
Vem, oxalá se afaste
de mim o mal.

–V. 29 — Cf. Iª, L, (³).

*97v 40. *6.º* —

Añánga xe moajú,
koára pukúi xe raánga.
Tekó poxý momoránga
xe pyá pobupobú.

44.

Kunumĩ poráng *Iesu*,
xe rausú katú jepé.
Taxemomotareté
nde robá porangatú.

48. *7.º* —

Nde moangaturameté
paí Tupã *Virgem Maria*.
Jorí añánga mondýia
taxemomoxý umé.

52.

Xe rarongatú jepé,
nde pyá pupé xe míma.
Nde poropotareýma
tojakatú xe resé.

56. *8.º* —

Oiké Tupã nde pupé,
pitángamo oñemoñánga.
Opabĩ nde momoránga
karaibebé sosé.

60.

Nde réra rendúpa be,
añánga ryrý osoápa.
Ejorí murú mombápa,
satápe seytýka ñe.

---

40. –O diabo me apavora,
tentando-me contìnuamente.
Costumes profanos
meu coração transtornam.

44. Lindo Menino Jesus,
ama-me muito.
Oxalá eu anseie
por teu belo rosto.

48. –Fizeste muito venturosa,
pai Tupã, a Virgem Maria.
Vem assustar o diabo
para que não me perverta.

52. Guarda-me,
escondendo-me em teu coração.
Tua pureza
se apodere de mim.

56. –Penetra Deus em ti,
concebido numa criança.
Honra-te infinitamente
sôbre os anjos.

60. Ao ouvir o teu nome,
o diabo passa trêmulo.
Vem exterminar o mal,
atirando-o ao seu fogo.

64. *9.º* —

Oá nde rygué suí
paí Tupã-túba raýra.
Tarekóne nde membýra
xe pyápe, Tupansý.

68.

Xe xe ánga aimomoxý,
xe jára ñeénga abyábo.
Jorí xe moingokauábo
nde rekó katú rupi.

moingokatuábo

72. *10.º* —

Tupansýramo ereikó,
ipitangĩ mokambuábo.
Ejorí xe poikatuábo
nde membýramo taikó.

76.

Xe anáma abé emoingó,
sausupáramo ixupé.
Iñeénga abé sendúpe,
sorypápe ñe toikó.

98 80. *11.º* —

Jandé rubeté Tupã,
erenoĩ nde jybápe
nde ánga moapysykápe.
Oré jajubãjubã.

nesta frase

Neverro usa ORO

Talvez se usar ORÉ, terá o sentido do pronome oblíquo NOS, não do pronome pessoal NÓS

84.

Eipysyrõ xe ñyã,
nde membýra renaoáma.
Sekopoéra angaturáma,
xe resé tojeratã.

---

64. –Nasce de teu ventre
o filho do Senhor Deus-pai.
Tenha eu o teu filho
em meu coração, mãe de Deus.

68. Prejudiquei a minha alma,
desviando-me das palavras de Deus.
Vem induzir-me
em tuas boas leis.

72. –Como mãe de Deus estás,
seu filhinho amamentando.
Vem alimentar-me,
para que eu seja teu filho.

76. Anima também os meus parentes,
amando-os.
Ao ouvir suas palavras,
êles também se alegrarão.

80. –Nosso verdadeiro pai Tupã
colocas em teus braços,
tua alma consolando.
Nós o abraçamos repetidamente.

Nos abraçando

Não nós

84. Salva o meu coração,
colocando nêle o teu filho.
A sua santidade
em mim se fortalecerá.

88. *12.º* —

Oré ánga iporausú
pecado moñangiré.
Jorí sekýia taujé,
ypý suí, serubú.

92.

Oroausupotá katú,
orojemeénga endébo.
Nde teremeéng orébo
nde membý poráng, *Jesu*.

---

88. –Nossa alma é desgraçada
desde que cometeu o pecado.
Vem depressa arrancar,
pela raiz, o seu mal.

92. Nós te queremos muitíssimo,
a ti nos ofertando.
Dá-nos
teu lindo filho, Jesus.

D 11 OÚ TUBIXÁ KATÚ (1)

*98 1. Oú tubixá katú,
mamó suí nde reká.
Xe abé, xe anametá
aroporaséi serú.
Nde pópe imeengatú.

---

1. Vêm grandes chefes
de longe procurar-te.
Eu também, os meus parentes
trago para dançar.
Entrego-os em tuas mãos.

(1) — Ia, LII. Incompleta. Provável relação com E 6. — página 831

D 12

DA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA (1)

*146 1. *1.º* —

Ave Maria poránga
karaibebé sosé,
ndoikói abá nde jabé.
Korí ereñemoñánga
Santa Ana rygué pupé.

não tem o A no manuscrito.

6.

Ndojepotári nde ri
koý, nde ñemoñangápe,
tubypý rekó poxý.
Nde pysyrónte ixuí
Tupã, nde rausú katuápe.

11. *2.º* —

Oñemomotá xe ánga
nde ánga poránga ri.
Taroyrõ tekó poxý.
Nde rekó katú raánga
imokañéma suí.

---

1. –Ave Maria, mais linda
que os anjos,
não há ninguém como tu.
Hoje foste concebida
no ventre de Santa Ana.

6. Não se inoculou em ti
hoje, à tua conceição,
o pecado do primeiro pai.
Libertou-te dêle
Deus, por muito te amar.

11. –Minha alma anseia
pela beleza da tua alma.
Odiarei o pecado.
A imitação de tua virtude
faz fugir dêle.

---

(1) — Ia, LXII. Provável a relação entre esta poesia e o diálogo da "Ave Maria" citado por Cardim (TTGB, 339-340), o qual seria da lavra de Álvaro Lôbo e teria sido representado, entre outros festejos, na aldeia de Nossa Senhora da Conceição, na Capitania do Espírito Santo, em 8-12-1584. É possível, porém, seja êste o próprio diálogo, adaptado ao tupi por Anchieta, cujo estilo habitual não se reconhece nêle. Aliás, segue-se, no original, outra poesia destinada à mesma festa. Cf. D 17.

16. Emainangatú xe ri,
xe mboareymuká.
Tekó poéra taipeá,
taikó uméne maráni,
Tupã ñeénga rapiá.

21. *3.º* — Jaisó, nipó, jasý,
ogobá guasú rerú.
Endeté, paí *Jesu*
nde moaysó eté ixuí.
Nde remomorangatú.

26. Añánga nde momburú,
nde robá repiá pousúpa.
Xeté, nde repiakaúpa,
oroamotá katú,
xe pyápe nde rausúpa.

31. *4.º* — Koarasý, nipó, oberá,
putunusú koabiré.
Ndeté, ereberá ixosé,
oré resapébo pa
nde rekó katú pupé.

36. Putunusú porarábo,
oroikó tebengatú.
Emonánamo, erejú,
oré putúna peábo,
Tupã berába rerú.

---

16. Guarda-me,
não me deixes cair.
Afaste eu os hábitos antigos,
não viva brigando,
obedeça à palavra de Deus.

21. –É linda, em verdade, a lua,
com o seu grande rosto.
A ti, porém, o senhor Jesus
fêz mais bela que a ela.
Tu foste feita a mais bela.

26. O diabo te maldiz,
vexando-se ao ver teu rosto.
Eu, ao te ver,
quero-te muito,
amando-te em meu coração.

31. –O sol, em verdade, brilha,
depois que a noite escura passa.
Tu, porém, brilhas mais que êle,
iluminando-nos intensamente
com a tua virtude.

36. Suportando a escura noite,
éramos infelizes.
Assim, tu vens,
afastando a nossa escuridão,
trazer a luz de Deus.

*146v 41. *5.º* — Tupã nde rausubeté,
graça ri nde moiniséma.
Nde ndererobýi koéma,
ára rúri janondé
putunusú mokañéma.

46. Añánga moñeguaséma,
sekó poxý resebé,
ererú nde abaeté.
Ejorí murú moséma,
taxemokañemumé.

51. *6.º* — Añánga nde moabaité,
nde suí osykyjébo.
Xe moapyatã jepé,
tapuã murú resé,
aujérama imoaujébo.

56. Oré rekó poxý óka,
tiñyrõ Tupã orébo.
Ejorí oré pokóka.
Torosapekó nde róka,
nde memé nde moetébo.

61. *7.º* — Osýrama resé ñe,
Jandé Jára nde moñángi,
opabĩ kuñã sosé
nde mombaetébo e.
Ndaeté nde momorángi.

---

41. –Deus muito te ama,
fazendo-te cheia de graça.
Tu és a manhã azul,
que antes do vir do dia
faz fugir a noite escura.

46. Expulsando o demônio,
conjuntamente com o mal,
trazes tua fortaleza.
Vem acabar com as desordens,
não me perca eu.

51. –O diabo te teme,
apavorando-se de ti.
Faze-me forte,
que eu me erga contra o mal,
para sempre o consumindo.

56. Abolindo os maus costumes,
Deus nos perdoará.
Vem nos amparar.
Freqüentemos nós tua casa,
tu sempre te engrandecendo.

61. –Para sua própria futura mãe,
Nosso Senhor te criou,
sôbre tôdas as mulheres
te engrandecendo.
Assim te santificou.

66. Nde reburusú riré,
Tupã sýramo ereikóne.
Ndoropoerausubixoéne.
Nde pýri oroikóbo ñe,
ndoroikotebembeixóne.

71. *8.º* — Nde resá porausubára
erobák ixé kotý,
tojeók ixé suí
xe resá poropotára,
tamaengatú nde ri.

76. Koí, nde ñemoñangába
oguerú torybeté.
Sorý karaibebé,
sorý pakatú apiába,
sorý kuñã nde resé.

*147 81. *9.º* — Nde róka angaturaoáma,
oroimoĩ, nde rausúpa,
nde raangába rerosúpa.
Ejorí oré retáma
ára rupi ñe ixúpa.

86. Tosẽ añánga ixuí,
guekopoxý rerosýia.
Ejorí murú mondýia.
Topuamumé oré ri,
oguatápe oré ri kýia !

---

66. Depois que tu cresceres,
serás a mãe de Deus.
Não mais seremos lastimáveis.
Junto de ti vivendo,
não seremos necessitados.

71. –Teus olhares compassivos
volta para mim,
para que se elidam de mim
meus olhares desonestos,
e eu te contemple a ti.

76. Hoje, tua conceição
traz muita alegria.
Alegram-se os anjos,
alegram-se todos os homens,
alegram-se as mulheres por tua causa.

81. –Tua casa será feliz,
entramos nela, por te amar,
à procura de tua imagem.
Vem tu sempre
visitar a nossa terra.

86. Saia dela o demônio,
a sua própria maldade o afastando.
Vem assustar o maldito.
Que se não erga contra nós,
conspurcando-nos em seu fogo !

n'o-syk-i — No manuscrito está nociqui *

91. *10.º* —

Nde resé teõ ndosýi. n'o-syk-i.
Tekobé jareté endé.
Oré moingobé jepé,
orébe toremondýi, mondyk-i
nde irúmo toroikobé.

Navarro corrige para t'oré mondyk-i

no manuscrito está

96.

Nde po guýribo pabẽ
toroñenóng orojúpa.
Nde membýramo orokúpa,
ybaté torobasẽ,
aujérama nde rausúpa.

---

* Em alguns casos, gui e qui são escritos indistintamente para representar o fonema K. Por isso que, sem dúvida, está errada esta palavra (ndosýi?) e deverá ser então nociqui ou nociqui

n'o-syk-i

---

91. –De ti não se aproxima a morte.
Tu és a verdadeira senhora da vida.
Anima-nos tu,
quando ela nos surpreender,
para que vivamos contigo.

96. Em tuas mãos todos
repousemos tranqüilos.
Guardando-nos como teus filhos,
ao céu chegaremos,
amando-te eternamente.

D 13 — NA ALDEIA DE GUARAPARIM

Fig. 14

Aspecto atual da igreja de Guaraparim, restaurada pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional. Nela se teria representado parte da peça "Recebimento que fizeram os índios de Guaraparim ao P. Provincial Marçal Beliarte".

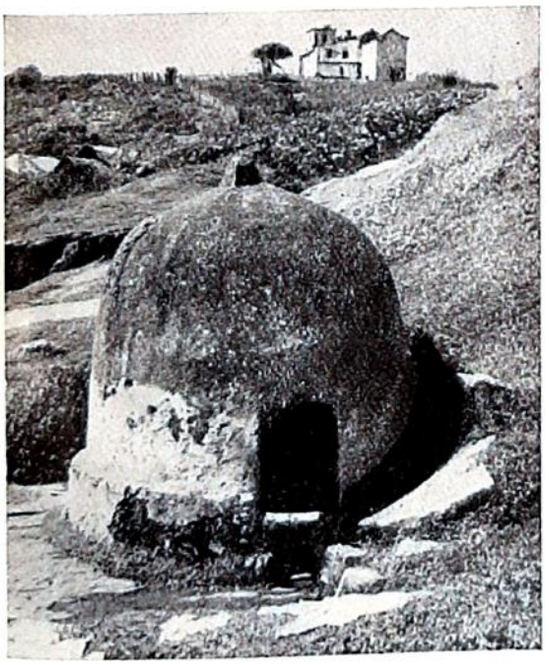


Fig. 15

A "Fonte dos Padres", em Guaraparim, onde, ainda hoje, se abastecem as lavadeiras.

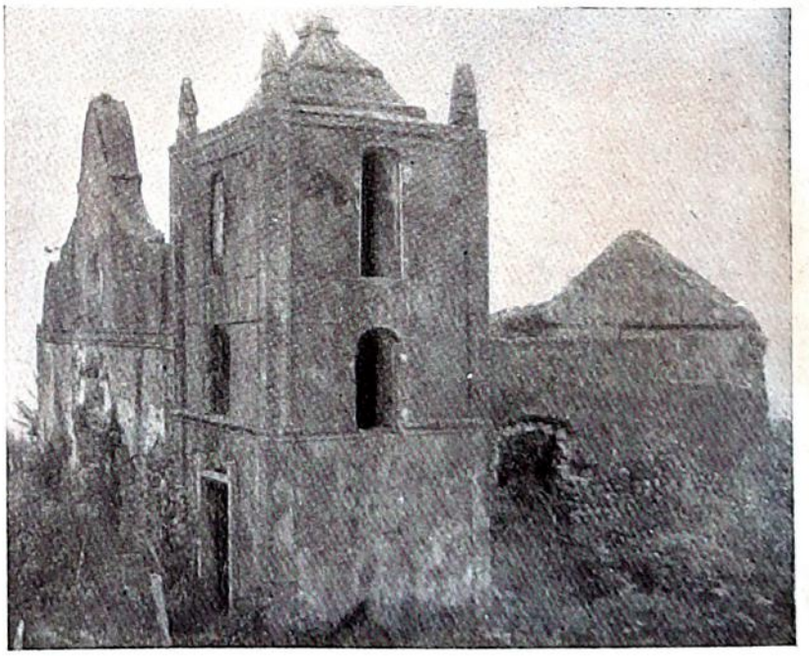


Fig. 16

Ruínas da igreja iniciada em princípios do séc. XVII, em Guaraparim, e destinada a substituir a velha, dos jesuítas.

NA ALDEIA DE GUARAPARIM

Esta é a mais longa peça do caderno de Anchieta escrita exclusivamente em língua tupi.

Deve situar-se na aldeia de Guaraparim (1). *Apresenta uma personagem original para o teatro indígena — a Alma — e uma provável cena celestial* (2), *indícios de época avançada na catequese. Contém elementos de outras peças* (3), *o que sugere arranjo organizado à pressa e fixa a sua composição em data posterior à delas* (4).

Fornece dados etnográficos, como o comportamento dos casais (5), *a adoção de muitos nomes, à moda indígena* (6), *e indicações geográficas, como a de aldeias não conhecidas na documentação da época* (7).

Lingüisticamente, revela flexibilidade na linguagem, rapidez no diálogo e vocabulário relativamente mais rico que o das peças tupis anteriores.

---

(1) — V. 775, cf. E 1, NI.

(2) — VV. 485-487.

(3) — Cf. D 13, V. 183 e D 8, V. 50 ; D 13, VV. 288-294 e E 1, VV. 223-229 ; D 13, VV. 757-773 e E 2 b, VV. 393-403, etc.

(4) — Sendo essas peças de 1584 a 1589 e estando D 13 situada, no caderno manuscrito, entre D 12 e A 9, fixadas em 8 de dezembro e 1.º de janeiro, parece provável que se deva situar em dezembro de 1589 ou ano pouco posterior (1590-1594).

(5) — VV. 320 e sgs.

(6) — VV. 513-523.

LOCAL — A aldeia de Guaraparim, no Espírito Santo.

DATA — Dezembro de 1589-1594.

PERSONAGENS — Diabo 1 = Anhanguçu
Diabo 2 = Tatapitera / Arongatu
Diabo 3 = Cauguaçu / Caumondá
Diabo 4 = Moroupiara / Mboiuçu / Anhangobi
Alma
Anjo
Citam-se: Nossa Senhora, Jesus Cristo, Jaganharão e vítimas.

TEMA — Diabos planejam dominar Guaraparim. Avistando uma alma, que acaba de se desprender do corpo humano, acusam-na de pecados cometidos. Ela contesta, invoca Nossa Senhora. Um anjo a salva e expulsa os demônios, protegendo a aldeia.

D 13

NA ALDEIA DE GUARAPARIM (1)

*148 1. *Diabo 1* —

Akái ! Aseká, jepé,
mitasába amo guitekóbo.
Erī ! Xe mosẽ memé
tába suí abaré,
kuépe katú xe mondóbo.

6.

Oporomboé, aú,
Tupã ñeénga raánga.
Ixý mombeú poránga
xe moingó tebengatú,
omombúki be xe akánga.

11.

Saī, xe jukaeými,
Tupansý réra abaité.
Serendúba rupi be,
amongotý xe ñemími,
xe putunusú pupé.

16.

Akoéime, ko tabiguára
xe po guýribo sekóu.
Tupansý, xe momburuára,
opakatú xe rembiára
xe po suí serasóu.

---

1. –Ai ! Tenho andado, debalde,
à procura de um pouso.
Irra ! Sempre me faz sair
da taba o sacerdote,
expulsando-me para bem longe.

6. Infelizmente, êle ensina
a obedecer às palavras de Deus.
Proclama que sua linda mãe
me desgraçou,
quebrou minha cabeça.

11. Humilha-me, sem me matar,
o nome terrível de Nossa Senhora.
Ao ouvi-lo,
oculto-me além,
em minha grande noite.

16. Antigamente, êstes aldeões
viviam sob meu domínio.
Ameaçando-me Nossa Senhora,
tôdas as minhas presas
escaparam de minha mão.

---

(1) — Ia, LXIV.

21. Akaiguá !
Nitibangái xe bojá,
xe ratangatú irumboéra !
Umã pe Tatapytéra ?
Umã pe Kaumondá ?
Umã pe Moroupiaroéra ?

27. *Diabo 2* — Ko aikó. Xe renoindápe ?
Ejerobiá xe resé.
Xe ratangatú pupé
nde ñeénga moposápe,
ko tába aipobú memé.

32. Aipobú guaibĩ pyá,
imoyrómo, imomarána.
Ndeiteé, moxý oñána,
tatá piriríka iá
abá repeñãpeñána.

37. Ojoaó marangatuábo,
mbaé rekýia ixupé.
"Nde rapixára pixé !
Mbaé némi, ju ! " ojábo,
kýpe oñemoyrómo ñe.

---

21. Ai !
Já não há criados meus,
meus companheiros de inferno !
Onde está Tatapitera ?
Onde está Caumondá ?
Onde, Moroupiaroera ?

27. –Aqui estou. Tu me chamaste ?
Confia em mim.
Quando, em meu grande fogo,
chegam as tuas ordens,
eu sempre alvoroço esta aldeia.

32. Perturbo os corações das velhas,
irritando-as, fazendo-as brigarem.
Por isso, as malvadas se engalfinham,
o fogo crepitante as toma
e acomete os índios.

37. Insultam umas às outras,
provocantemente.
"Tu cheiras a chamusco !
Ó, que mau cheiro !" dizem,
irritando-se, às vêzes, sèriamente.

–V. 24 — *Tatapytéra* — Literalmente composto de *tatá* (fogo) + *pytéra* (sôpro), o que corresponde aproximadamente a "Lança-fogo".

–V. 25 — *Kaú mondá* — Literalmente composto de *kaú* (vinho) + *mondá* (ladrão).

–V. 26 — *Moroupiaroéra* — Expressivo em sua composição tupi, mas de difícil tradução, corresponde aproximadamente a "adversário antigo e temível, por muito afeito à luta" (*moro*+*upiár*+*oéra*).

42. *Diabo 1* — Aujé. Xe rorybeté.
Nde "Arongatú" nde réra.
Diabo 2 — Eẽ. Xe, Tatapytéra,
xe tataguasú jabé,
asapý ñemoyromboéra.

*148v 47. Auñé ñe,
oapixarĩ resé
irepýki, marã ojábo,
ikurápa, iangaguábo.
Oimoerapoáni be,
ojurúpe imomoxyábo.

53. Aipó ko nde rembiaráma.
Setá ñe ko tapé osoápa,
aipó nde remixiráma.
Jasó, sesé, japuáma,
Tupána sy kupeápa.

58. Ikuabeýme be.
Jasó murú rerasóbo.
Diabo 1 — Ndereikuábi mbaé.
Tupansý opabeñé
mbaé oikuáb oikóbo.

---

42. –Basta. Estou satisfeito.
Tu te chamas "Arongatu".
–Sim. Eu, Tatapitera,
como meu grande fogo,
asso os que se odeiam.

47. Inùtilmente,
aos seus próprios amigos
êles vingam, dizendo desaforos,
insultando, vituperando.
Quanto mais os defendem,
com sua própria bôca os vão prejudi-
[cando.

53. Êstes aqui vão ser presas tuas.
Como muitos passam nesta estrada,
êsses serão para cozeres.
Vamos, para isso, nos erguendo,
na ausência da mãe de Deus.

58. Ela não sabe de nada.
Vamos fazer desordens.
–Tu é que não sabes de nada.
A mãe de Deus
está sabendo de tudo.

–V. 43 — *Arongatú* — Literalmente, *arõ* (guarda) + *katú* (bom). O recebimento de novos nomes correspondia a títulos novos. Cf. E 2 a, –V. 533.

63. Ijypýpe opyrumuã,
jandé suí ipysyrómo,
omembýra moñyrómo.
Jasó umé, jandé nupã,
tatápe jandé mombómo.

68. *Diabo 2* — Toú jandé pytybómo
xe rebýra, nde bojá.
Diabo 1 — Abápe?
Diabo 2 — Kaú mondá.
Tupansý ybõybómo,
imondóbo, sembiára.

73. Eréne, korí, sepiáka.
Ipoakatú ko murú.
Diabo 1 — Aujebeté, rõ! Toú.
Diabo 2 — Ke, túri! Arupareáka
jurupára ndi, serú.

Diabo 3 — Ko aikó, Kauguasú.
Ko aikó, Kaumondá.
Abápe korí xe ja?
Erĩ, aáni! Aimomburú.
Akoéime tupinambá.

83. Eiteñé, oñemoityámo,
uúba mogapotá.
Erĩ, aáni! Ajybombá,
ipysýka, iapytiámo,
xe rembiáramo ta pa.

---

63. Ela se ergue, altaneira,
libertando-os de nós,
perdoando os seus filhos.
Se não formos, açoita-nos,
lançando-nos ao fogo.

68. –Virá nos ajudar
um meu irmão, teu criado.
–Quem?
–Caumondá.
Flechando a mãe de Deus,
êle a prenderá, expulsando-a.

73. Chama já, para veres.
É certeiro êste malandro.
–Pois bem! Venha.
–Ó, vem vindo! Farpas
com o arco, traz.

78. –Aqui estou eu, Cauguaçu.
Aqui estou eu, Caumondá.
Quem há hoje que me iguale?
Ó não! Eu faço desordens.
Eu era tupinambá.

83. Em vão, para se destruírem,
gostam de disparar flechas.
Não vê! Eu os flecho a todos,
prendo-os, amarro-os,
apanho-os para minhas presas.

88. ITupa óki, jepé,
Tupã mongetagetábo,
aimomoxý pabeñé,
pysaré imongaguábo.
Imomondarómo be.

*149 93. *Diabo 2* — Irõ be.
(Aipó ndaeipáki, xe . . .)
Xe rebýra, rerobiá?
Diabo 1 — Nde pipó Kaumondá?
Diabo 3 — Xe ikó, xe jarĩ, gue!
Ko xe rekóu, nde reká.

99. Abá nde mombaeté.
Aipotá katú guitekóbo,
tába jakatú guixóbo,
abá raánga memé,
nde bojáramo imoingóbo.

104. *Diabo 1* — Aépe marã ereikó
abá moaujepotá?
Diabo 3 — Ndoikuábipe, taá?
Kaguáramo xe rekó,
ixé niã Kaumondá.

109. Ixé ko, kaú resé,
aporomoingó jepí
okauguasú pabẽ
— apyába, kuñã ndibé —,
xe omoinguába rupi.

---

88. Embora, em suas igrejas,
rezem a Deus,
faço-os todos pecarem,
bebendo vinho à noite.
Roubando também.

93. –Está bem.
(Isso nem me acorda, a mim . . .)
Acreditaste, meu irmão?
–Então tu és Caumondá?
–Sou, meu caro senhor!
Aqui estou, procurava-te.

99. Os índios te respeitam.
Tenho sempre procurado,
quando vou às aldeias,
seduzir os índios,
reduzindo-os a escravos teus.

104. –E como pretendes
subjugar os índios?
–Não sabe, senhor?
Têm-me como beberrão,
pois eu sou Caumondá.

109. Eu aqui, com o vinho,
vou sempre fazendo entrarem
todos os beberrões
— homens e mulheres —
no meu sistema.

114. Pysaré,
ikauguasú riré,
asó abá rerobobómo,
kuñã resé ipytybómo,
ipotauká ixupé,
sesé imomondarómo.

120. Emonã, guiporomoingóbo,
abá momoxypotá.
Ajonóng kaumondá.
Xe réramo serekóbo,
xe rapiá katú abá.

125. *Diabo 1* — Ikó tábape, marã
ndereípe ixupé rañé?
Diabo 3 — Ndaéi, xe poerái mbyté,
xe bojá tupinambá
retáma rejá riré.

130. Koromõ,
ke iguára, temiminó
moaujébo, asapekóne.
Diabo 1 — Aã! Ndereytykixóne.
Iporangatú sekó.
Ndereroyrõ, nde mombóne.

136. Osausú ko Tupansý,
imembýra rerobiá.
*149v Ndeikatúi nde rapiá.
Oñemoteoã moxý.
Nde moñeguasẽ motá.

---

114. Ã noite,
depois de êles beberem muito,
vou cochichar aos ouvidos dos homens,
ajudando-os acêrca de mulheres,
incitando-os a desejarem-nas,
fazendo-os agredir a elas.

120. Assim, onde me veu introduzindo,
os índios desejam praticar o mal.
Domino os ladrões de vinho.
Tendo o meu nome,
todos os índios me obedecem.

125. –Nesta aldeia
já falaste a êles?
–Não, estava meio cansado,
tinha vindo da terra
de meus servos tupinambás.

130. Daqui a pouco,
submetendo os temiminós,
queimarei êstes habitantes.
–Pois sim! Êles te esmagarão.
Sua vida é virtuosa.
Odeiam-te, expulsar-te-ão.

136. Amam aqui a mãe de Deus,
creem em seu filho.
Não podem obedecer-te.
Converteram-se os maus.
Querem te fazer partir.

141. *Diabo 3* —

Erĩ ! Aimoaujé, jandúne.
Ajekotyrúng, seséne,
kotýpe korí aimoingéne,
aipyamombumombúne,
aimoangaipápa be ñéne.

146.

Oikobé xe rúba angába,
tupí moangaipaparoéra.
Diabo 1 — Abápe? Marãpe séra?
Diabo 3 — Añánga poromombába,
Mboiusú, Moroupiaroéra.

151.

Ixupé jasoá ojeí
eresapukapukái.
Diabo 1 — Añé, uĩ ! Xe resarái
tekotebẽ eté suí !
Mbaé naikuabangái !

156. *Diabo 3* —

Ke, túri nde pytybómo,
ingapéma renoñána !
Oikuá katú marána,
morapearoarómo,
oporomonamonána.

---

141. –Ó ! Eu os submeterei, como sempre.
Para isso, ficarei de emboscada,
entrarei hoje no seu quarto,
perturbarei o seu coração
e os farei pecar muitíssimo.

146. Existe um meu compadre,
que faz os tupis pecarem.
–Quem? Como se chama?
–Diabo destruidor,
Boiuçu, Moroupiaroera.

151. Parece que hoje
tu chamaste por êle.
–Ó, é verdade ! Esqueci
do coitado !
Sou um tonto !

156. –Olha, vem correndo te ajudar
e traz consigo a ingapema !
Êle sabe guerrear,
fica espreitando os caminhos,
dissimulando as armadilhas.

–V. 149 — *Boiusú* — Literalmente, Cobra-grande (*mbói-usú*).
Moroupiaroéra — Cf. –V. 26.

–V. 157 — *ingapéma* – Cf. E 2 a, –V. 747.

–V. 160 — *oporomonamoná* — Segundo o VLB, 261, significa pròpriamente misturar terra sêca e pó com terra fresca, para se não enxergar haver cova no caminho.

161. Indí, korí, tiasó
temiminó repeñána,
auñeñé setáma amána.
Diabo 1 — Eneĩ, tiarasó
senondé ko musurána.

166. *Diabo 3* — Eñambé !
Toú te, murú, rañé.
Oñarõ rerobaséma.
Sakypoéra rupié,
jasó ko tába monéma
moropotára pupé.

172. *Diabo 1* — To, ahé !
Abápe ke sobasẽ,
kuibõ omaẽ ñemíma ?
Diabo 3 — Moroupiaroéra aé,
oúramo nde resé,
temiminó rokesýma.

*150 178. *Diabo 1* — Erĩ, aujé !
Nde pipó Mboiusú, gue ?
Diabo 4 — Xe ikó, aikó nde súpa.
Ajú nde momorandúpa
xe porapití resé.

---

161. Vamos, hoje, com êle,
atacar os temiminós,
cercando, imediatamente, a sua terra.
–Eia, levemos
à sua frente esta muçurana.

166. –Espera !
Êle já vem vindo antes.
Avança ao teu encontro.
Seguindo as suas pegadas,
nós tornaremos esta aldeia
repugnante de malícias.

172. –Olá !
Quem é êsse que chega
e olha para cá dissimuladamente ?
–É Moroupiaroera,
que vem por tua causa,
tomando a dianteira aos temiminós.

178. –Ó, basta !
Então, tu és Boiuçu ?
–Sou, vim procurar-te.
Venho te fazer um relato
de minhas matanças.

–V. 165 — *musurána* — Cf. E 2 a, –V. 745.

183 Paraná guasú rasápa,
ybytýribo guibebébo,
asó tupí moangaipápa,
aeré, murú mombápa,
xe ratápe seroikébo.

188. *Diabo 1* — Mbaé apiábap' aipó?
Diabo 4 — Tupinakía, ke iguára,
tiapýra moroupiára.
Murú, añé, ojangaó!
Ndojábi angái Jaguára...

193. ipocogui
ipokoki
deram combate

Kuesé, karaíba ri
ipokógi, japytiábo,
ñumitéripe imbojábo.
Setáma réra Mboijý.
Aépe imojípa, iguábo.

198. Rumbý, karaíba osóbo,
ojepýka, xe rapiá.
Asó kaẽ serasóbo.
Kapitãoamo guitekóbo,
ixupé ybombabuká.

---

183. Atravessando o grande rio,
sobrevoando a serra,
eu fui fazer os tupis pecarem,
provocando, assim, desordens,
em meu grande fogo os fazendo entra-
[rem.

188. –Que homens são êsses?
–Os tupinaquis, que moram aqui,
guias desonestos.
Os danados são rixentos!
Não parecem com o bom Jaguar...

193. Ontem, a um cristão
agarraram, amarrando-o,
subjugando-o no meio do campo.
Sua terra se chama Boiji.
Ali o assaram e comeram.

198. Enfim, de um cristão, que passava,
vingaram-se, a meu mandado.
Eu o vou levando para moqueá-lo.
Estando como capitão,
a êle mandei flechar.

–V. 183 — Cf. D 8, V. 50.
–V. 192 — A aldeia de Guaraparim foi povoada com a gente de Jaguaruçu (Cão Grande), irmão de Araribóia.
–V. 196 — *Mboijý* — Literalmente, Rio das Cobras (*Mbói* + *y*).
–V. 201 — *Kapitãoamo* — Hibridismo português-tupi (*capitão* + (*r*)*amo*).

ver página 606
verso 23

203. Irõ, xe ratangatú,
añánga maranijára,
Moroupiára, Mboiusú !
Tasóne ko tapijára
nde bojáramo serú.

208. *Diabo 3* — Erubiá, xe rubangába,
tandemoembiá korí.
Ko aé xe kyreimbába
oikuá morapití,
oikuá oromombába.

213. *Diabo 1* — Satangatú, tenipó,
serimbaé resé e.
Ndainání, temiminó,
serokipýra jepé,
oerumána mombó.

218. Emonánamo, Tupã
imoatangatú jepí.
Ojojá, ko Tupansý,
jandé rerekomemoã
apiába rausúba ri.

*150v 223. *Diabo 4* — Ndamoabaetéi moxý.
Ixé Moroupiaroéra.
Iporangatú xe réra.
Ajuká, umuã, tupí,
Tupã momburuaroéra.

---

203. Portanto, sou forte,
diabo senhor das guerras,
sou Moroupiaroera, Boiuçu !
Irei êstes tabajaras
como teus escravos trazer.

208. –Podes crer, meu padrinho,
tu terás presas hoje.
Aqui êste meu valentão
sabe esmagar,
sabe destruir.

213. –Talvez tenha sido forte
no passado.
De modo algum os temiminós,
embora batizados,
renunciam a seu nome antigo.

218. Assim, Deus
os faz sempre muito fortes.
A mãe de Deus, igualmente,
nos maltrata
por amor dos índios.

223. –Eu não temo os maus.
Sou Moroupiaroera.
É lindo o meu nome.
Matei, outrora, os tupis,
que desacatavam a Deus.

–V. 217 — Os nomes correspondiam a títulos obtidos por qualidades ou ações dignificantes. Cf. E 2 a. –V. 533.

228. Iánga abé serók oá
xe ratá pupé sapyábo.
Koiré, akoéi ajá
temiminó, momoxyábo.
Iánga ajuká potá.

233. Ojoesé teõ asápe,
teté kañéma jabé,
abá ánga reõ u ñe,
Tupána ñeénga abiápe.
Irõ, aikuá mbaé . . .

238. Aipó guijábo, nákyi xe.
Añonóng moroupiaroéra
tekó angaipába pupé.
Xe poromboá riré.
Jabaeté katú xe réra.

243. Aé be, korí, abá
xe jusáneme imboáne,
pecado moñangukáne,
seõ re, seytýka pa,
xe ratápe seroáne.

248. *Diabo 2* — Nde apysykatú pipó,
oré ñeénga rendúpa?
Diabo 1 — Xe apysykatú guitúpa.
Diabo 2 — Peneĩ, rõ, tiasó
ke jaguapýka jakúpa.

---

228. E suas almas pagãs tombaram
para arderem em meu fogo.
Agora há pouco, prendi aquêle
temiminó, destroçando-o.
Quero matar a sua alma.

233. Atacando de morte uns aos outros,
quando os corpos se salvam,
vem a morte às almas dos índios,
por transgredirem as palavras de Deus.
Bem, eu sei cousas . . .

238. Dizendo isto, eu não sou fraco.
Eu induzo os adversários
a hábitos pecaminosos.
Depois, eu os faço caírem.
É temível o meu nome.

243. Assim também, hoje, os índios
farei caírem em meus laços,
obrigando-os a pecarem,
para arrastá-los todos, depois de sua [morte,
a tombarem no meu fogo.

248. –Estás satisfeito,
ouvindo as nossas palavras?
–Estou bem contente.
–Eia, pois, vamos todos
ficar aqui sentados.

–V. 239 — Cf. –V. 26.

253. Perú apykába amó
mbegué jajomongetá,
toñandú umé abá.
Korí, nã, jandé rekó
jandé moaroápa, angá !

258. *Diabo 1* — Ererúpe nde pitýma ?
Diabo 2 — Kobé. Xe ratá, te, ogué !
Diabo 1 — Ndasasýi. Neíne endé,
eñána, serú ñemíma,
mbípe emondarõ sesé.

263. *Diabo 3* — Irõ ! Xe jar, abebé.
Ko tatá xe so aguéra.
*151 *Diabo 1* — Eẽ, ke Tatapytéra
toguapýk, uíme endé,
iké Moroupiaroéra.

Sentam-se com as vítimas e tratam sôbre quem prenderão :

268. *Diabo 1* — Pe ratangatú resé
guijekóka asó potá,
tába pobupobú pa.
Ko xe jusána pupé
abá ánga amomboá.

---

253. Trazei algumas cadeiras
para conversarmos baixinho,
sem que os índios percebam.
Assim, hoje, os danados não nos
impedirão de ficarmos.

258. –Trouxeste teu tabaco ?
–Está aqui. Opa, meu fogo apagou !
–Não importa. Eia tu,
corre, traze-o escondido,
rouba dêles por aí.

263. –Pronto ! Eu o peguei, voei.
Está aqui o fogo que fui buscar.
–Bem, aqui Tatapitera
sentará, lá tu,
ali Moroupiaroera.

268. –Em vossa fôrça
quero estar apoiado,
ao revolver a aldeia.
Aqui nestes meus laços
faço caírem as almas dos índios.

273.

Diabo 2 —

Neĩ, nde, Tatapytér :
abápe jarú koríne?
Jaipysýk amó guaibíne.
Iangaipápa, iñemoyronduér,
tatá pupé jasapýne.

278.

Ndopýki iñeengatã,
memé ñe oporoaguábo.
Iñeéng memoãmemoã,
moéma ko omopoã,
abá momoxymoxyábo.

283.

Ndoimoguábi, oñemoyrõ,
niñyrõi, ndijerekoábi,
jepí ñe iporaakakábi,
osekyseký teõ.
Iñeénga asý ndopábi.

288.

Osykýi kuñã majé
Karuára.
Ndopábi moropotára,
tesainána, marã e,
mondarõ, moéma abé.
Setá ñe xe rausupára
ko xe retáma pupé.

---

273. Eia, tu, Tatapitera :
quem vamos devorar hoje?
-Agarraremos algumas velhas.
Sendo pecadoras, rixentas,
no fogo as queimaremos.

278. Não cessam suas palavras rudes,
estão sempre discutindo.
Suas conversas maliciosas
levantam calúnias aqui,
prejudicando o gentio.

283. Não joeiram, são briguentas,
não perdoam, são grosseiras,
estão sempre censurando,
invocando a morte.
Suas palavras cruéis não têm fim.

288. As mulheres respeitam o pajé
Caruara.
Não têm fim os desonestos,
dissolutos, caluniadores,
ladrões e mexeriqueiros.
Êles todos são meus amigos
aqui em minha terra.

-VV. 288-294 — Cf. E 1, VV. 223-229. Há divergências em : V. 288 : *kuñã majé* — E 1, *byté pajé*; V. 294 : *ko xe retáma pupé* — E 1, *ko Guaraparĩ pupé*.

295. Eý, teñé, abaré Tupã resé
serobák potaraúpa.
Erĩ, osaáng jepé,
xe, te, xe rapiareté,
opyápe xe rerúpa.

300. *Diabo 1* — Endépe, marã eré,
Mboiusú? Kaú mondá?
Diabo 3 — Xe te, xe rembiá potá
sabeipóra amó resé,
kuña ri imoreká.

*151v 305. Xe po guýripe arekó
kunumí guasú angaipába,
tuñábae kakuába.
Ojepé ombé añó,
nomoangaipábi ko tába.

310. Naxereroyroỹ guaibĩ.
Kuñã syguarajibóra
aipopoár, ajapitĩ.
Kuñamukú tába póra,
xe pyá pupé añomĩ . . .

315. Abaré ndoguerobiári,
putúna rupi okaguábo,
Tupána rausupeábo.
Kuñã ri iñemomotári,
"Aipotá temã . . ." ojábo.

---

295. Os sacerdotes desejam,
em vão, convertê-los a Deus.
Ó, embora tentem,
a mim, na verdade, obedecem,
trazendo-me em seu coração.

300. –E tu, que dizes,
Boiuçu? Caumondá?
–Quanto a mim, gosto de prender
certos beberrões,
levando-os a procurarem mulheres.

305. –Eu tenho em meu poder
mancebos pecadores,
velhos de muita idade.
Se os deixasse à vontade,
esta aldeia não pecaria.

310. Eu não desprezo as velhas.
As mulheres desonestas
eu manieto, arrasto.
As moças que moram na aldeia,
guardo em meu coração . . .

315. Não crêem no sacerdote,
bebendo de noite,
renegando a Deus.
Cobiçam as mulheres
dizendo: "Eu desejaria . . ."

–VV. 305-314 — Cf. E 1, 166-174.

320.

Aeré,
moxý rekóu pysajé,
okibiñã asaasápa,
temirekó moangaipápa.
Omondarómo sesé,
kuñã ména cupeápa.

326.

Kuñã rakypué mondóbo,
apiába niapisái
kaá embeýpe osóbo.
Oñemíma, ndaerojái,
imoabaeté oikóbo.

331.

Mendaroéra, ko reá,
ndéi, ojeakakápa.
Arobýk umé peká,
oýmo murú osoápa,
Tupã ñeénga rapiá.

o-î-momuru o-kûapa
Navarro (1889 e 2006)

eimo muru ocoapa
(no manuscrito)

336. *Diabo 1* —

Diabo 3 —

Aépe aé kuñã
noñeráni, imomarána?
Oimborý te, oimongetá!
Abá momañamañána
ári oikopotá!

---

320. Assim,
passam criminosamente as noites,
perpassando o interior das casas,
fazendo espôsas pecarem.
Como êles as agridem,
as mulheres traem os maridos.

326. Mandando as mulheres caminharem no [seu rasto,
os varões não percebem
quando vão até o mato.
Escondido, embora,
cometem-se desonestidades.

331. Apesar disso, os maridos
nada falam, censurando.
Sem que eu procure me aproximar,
os coitados vão seguindo,
obedecem às palavras de Deus.

336 –E com as mulheres
não protestam, não brigam?
–Até gostam, contam-no!
Os indios gostam de ficar
espreitando!

–V. 340 — Cf. Iª, LXIV, (12).

341. *Diabo 2* — Aipó jandé rorypába.
Jandé potaoáma e
tiasó serú taujé.
Diabo 1 — Ñambé, jandé kireimbába
tiaiñeengendú rañé.

346. Marã pe nde : Boiusú,
Moroupiár, Añangobý ?
Diabo 4 — Xe abá ñeénga ri,
*152 aipysý potá katú
morepeñandára ndi.

351. Aipó naxeábi potári.
Omaramoñamoñánga,
oimombói abá akánga.
Oirũ ndojamotári
moronupã momoránga.

356. Oikobé ko xe jybá.
Eiñé moxý okoápa.
Abá ri opoaopoá
oporapixapixápa,
oporoirarombá.

361. "Ajuká pe murú ka !"
ié memé. Nixandógi Ni ixandok-i
marána ri. Iaraá.
Akó Jaguañarõ iá Navarro 1999 e 2006
iñarõ, niputusógi. ni putu-sok-i

---

341. –Isso é uma alegria para nós.
Nossos futuros quinhões
vamos trazer logo.
–Da mesma forma, nosso herói
antes ouçamos falar.

346. Que dizes tu : Boiuçu,
Moroupiara, Anhangobi ?
–Eu pretendo
capturar os índios
com ataques de palavras.

351. Não os quero ferir.
Êles vivem lutando,
quebram a cabeça dos índios.
Seus próprios companheiros
gostam de celebrar surrando.

356. Aqui estão êstes meus braços.
Êles abraçam falsamente os maus.
Erguem-se contra os índios
para espancá-los,
para esmurrá-los.

361. "Eu vos matarei"
dizem sempre. Não soltam os vencidos
de guerra. São ligeiros.
Jaguanharão os prende,
ataca, não lhes dá trégua.

366. *Diabo 1* — Xe momotá pakatú
aipó pe ñeénga biã.
Diabo 2 — Aépe koí marã?
Diabo 1 — Aryrý, xe momburú,
xe moaruá paí Tupã!

371. Iporausubareté,
oangaturáma poruábo.
Ixý jerekoába, abé.
Ojoók jabaeté,
iñemoyrõ nongatuábo,

376. iangaipabeté jepé
ko pe rembiá potasába,
iangaipá jepé apiába,
kuñã ri imondá mbaé
kuñã abé imondosába.

381. Ipoxý ñeengixoéra,
moéma mopuambára.
Apiába maramotára,
moronupãnupã koéra,
morapití, momboitára.

386. Opá, emonã, tekoára
jandé ratá iajarõ.
Diabo 3 — Tiarasó sapyábo, rõ.
Diabo 1 — Irambuémo, sausupára,
Tupansý oipysyrõ.

---

366. –Eu desejaria executar
tôdas estas vossas palavras.
–Agora mesmo?
–Eu tremo, desafiei,
ofendi o Senhor Deus!

371. Êle é misericordioso,
pratica sua própria virtude.
Sua mãe é, também, compassiva.
Ela extirpa a arrogância,
apaziguando os irritados,

376. embora sejam muito más
estas vossas cobiçadas presas,
ainda que os homens sejam maus,
atraiçoem as mulheres
e as expulsem.

381. Elas são maldizentes,
caluniadoras.
Os homens são furiosos,
espancadores,
trucidam, ameaçam.

386. Assim, todos os habitantes
nosso fogo consome.
–Vamos queimá-los, então.
–Devagar, companheiros,
a mãe de Deus os proteje.

391. *Diabo 4* — Aépe iangaipáme ñe,
Tupansý sausubaúbi?

*152v *Diabo 1* — Omembýra reõ re:
opabĩ abá rausúbi,
ikaturáma resé.

396. Ndeiteé,
abá opyá pupé,
oangaipába moxyábo.
Aeré, imombeguábo,
Tupã moñyrómo be,
jandé retã jandé peábo.

402. *Diabo 4* — Jiabaibeté aipó!
Ndopýki, ñemombeguára,
jandé po suí sembiára.

Diabo 1 — Ané ã, aipó tekó
jandé mopanemijára.

407. *Diabo 4* — Ndoikói tebẽ amombaé
Tupã ñyronsabeýma?

Diabo 1 — Aáni. Setá jepé,
oikuakubipyreýma,
iñyrongatú ixupé.

412. *Diabo 4* — Aépe ikuakubipýra?

Diabo 1 — Aé, Tupã ñemoyroáma,
ñyronsabeymaoáma.
Aipó jandé ratá guýra
poráma, sapypyráma.

---

391. –Sendo êles pecadores,
ama-os a mãe de Deus?
–Seu filho por isso morreu:
pelo amor de todos os homens,
pela sua felicidade futura.

396. Assim,
no seu coração, os índios
os seus pecados condenam.
Depois, confessando-os,
Deus os perdoa,
afastando-nos de nossa terra.

402. –Isto é terrível!
Não cessam, os que se confessam,
de serem tomados de nossas mãos.
–Na verdade, êsse sistema
nos tem empobrecido.

407. –Não são condenados aquêles
que não têm o perdão de Deus?
–Não. Embora muitos,
aos que se confessam,
perdoa-os.

412. –E os que não se confessam?
–Êstes, Deus se irritando,
não há de perdoar.
O fundo de nosso fogo
êles habitarão, para serem queimados.

417. *Diabo 2* —

Emonã, nongára amó
tiasó korí serú.
Eneĩ, temiminó
arébo ñe oimombeú
oangaipá mirĩ añó.

422. *Diabo 1* —

Tubixabeté osejá,
abaré suí imíma.
Mbegué, tiasó seká
mbípe murú rokysýma
jandé ratá poraká.

427. *Diabo 2* —
*153 *Diabo 3* —
Diabo 4 —

Ke ! Pirataráka anguéra
mbegué pepópe, toá !
Aikobé, Tatapytéra.
Aikobé, Kaú mondá.
Aikobé, Moroupiaroéra.

Escondem-se e vem uma alma :

432. *Alma* —

Marámbae piã ri ?
Xe Pirataráka anguéra.
Asejá ko seomboéra.
Asẽ amoĩ ixuí.
Naiasábi popytéra . . .

437.

Umámpe xe raperána ?
Iesu, xe rópa serã !
Xe soába Tupã retáma,
aépe xe soaoáma.
Aikuakatú ko biã . . .

---

417. Então, alguns dêsses
vamos trazer agora.
–Olha, os temiminós
confessam todos os dias
sòmente os pecados pequenos.

422. Os grandes êles deixam,
escondendo-os do sacerdote.
–De vagar, vamos procurar
encontrar algures um infeliz
para alimento de nosso fogo.

427. Ó ! A alma do Pirataraca
vai se erguer de mansinho, voando !
–Aqui estou eu, Tatapitera.
–Aqui estou eu, Caumondá.
–Aqui estou eu, Moroupiaroera.

432. –Que há ?
Sou a alma do Pirataraca.
Deixei agora o meu corpo.
Saí dêle há pouco.
Nem cruzei as palmas das mãos . . .

437. Onde será meu caminho ?
Jesus, talvez me tenha enganado !
Dirijo-me ao reino de Deus,
para lá é que devo ir.
Não sei se será aqui . . .

442. Tupã tekomoñangába
iabyáramo raé,
opá aimopó jepé.
Aé, añé, xe rekoába,
serobiára resé be.

447. Ikó pebé jiabaí
xe rasó, putũ guixóbo.
Xe reropiápe, abá ri,
kuépe ñe xe rerasóbo,
xe rapé katú suí?

452. Mamó, pakó, xe raroána
Karaibebé ikói?
Iesu, naxererasói!
Amó añangusú mañána
jepí memé xe mombói.

Dá com êles e diz:

aarĩte ipope mã (no manuscrito)

457. Ju, añánga pikó ri!
Aári, te, ipópe, mã!
Diabo 2 — Epoã, nde piatã.
Ejekokatú xe ri.
Nitíbi mbaé memoã.

---

442. Talvez eu tenha transgredido
algum mandamento de Deus,
embora cumprisse todos.
Aquêle é, certamente, o meu pouso,
juntamente com os seus fiéis.

447. Até aqui, difìcilmente
eu vim vindo na escuridão.
Terei me desviado, por causa dos índios,
que me trouxeram consigo,
do meu bom caminho?

452. Onde, na verdade, o meu anjo
da guarda estará?
Jesus, eu não posso passar!
Algum diabo espião
me destroçará para sempre!

457. Ó, os diabos!
Vou cair nas suas mãos!
–Ergue-te, sê forte.
Apoia-te em mim.
Não há nenhum perigo.

–V. 457 — Cf. E 2 a, V. 74.
–V. 443 — *iabyáramo* — Cf. Iª, LXIV, (15).
–V. 444 — *aimopó* — Cf. Iª, LXIV, (16).

462. *Diabo 3* — Nde arybé.
Añeté, ko nde rapé
aé nde remiekára.
Ndaipotári nde ropára.
Tiasó xe irúmo be,
teresepiák Jandé Jára.

*153v 468. *Alma* — Tasó uméne. Xe mokõ
kuépe Mboiusú amóne.
Diabo 3 — Nde apysýk aáni xoéne.
Xe kororõ, pysyrõ.
Nde suí murú mombóne.

473. Kobé xe jurupará,
kobé arupareáka.
Alma — Jiabaeté katú nde aká.
Xe ri nde rembiá potá.
Kuéibo ñe xe rerobáka.

478. *Diabo 4* — (Oñemoteguaté, mã !)
Oroguerasó korí ne,
aé katú nde rupi ne.
Xe posaká, xe ratã.
(Oroapék, oroesýne . . .)

483. *Diabo 2* — (Jiamurú, senoñána !)
Toropytybongatúne.
Alma — Oikobé paí Tupána
ixý abé, xe raroána.
Opoapík, jandú ne.

no manuscrito está opozpipic

---

462. –Tu morreste.
Na verdade, é êste o caminho
que procuravas.
Não quero desviar-te.
Vamos comigo,
verás a Nosso Senhor.

468. –Não irei. Devorar-me-á
por aí um tal Boiuçu.
–Eu não te prenderei.
Eu rosno, protejo.
Afastarei de ti os malvados.

473. Aqui está o meu arco,
aqui estão farpas.
–Os teus chifres são temíveis.
Tu me queres para tua prêsa.
Vou voltar para o outro lado.

478. –(Ó ! ela escapa !)
Agora eu te carregarei,
será bom para ti.
Carrego grandes pesos, sou forte.
(Eu te chamuscarei, te assarei . . .)

483. –(Ó, danada, ela se vai !)
Eu te ajudarei.
–Aqui estão Deus
e sua mãe, minha protetora.
Êles vos esmagarão, como de costume.

488. *Diabo 4* — Nde rorýb, Añangusú,
oroguerúr oré soába
ko Piratarakusú.
Diabo 1 — Sekoábae kyreimbába.
Erĩ, aujé, peputuú !

493. Marã pe sekoaguéra
peẽ imboaraoáma ?
Diabo 2 — Jatĩ sekó poxý poéra.
Tupã reroyrõaguéra
oré ipysykaoáma.

498. Ndojeróki erimbaé,
oguerumána rausúpa,
sereýma resé be.
Jaroá tatá pupé,
serokáia serokúpa.

503. *Alma* — Semoẽ, ojobaúpa.
Xe rerók etẽ paí.
Aroyrombá tekó poxý,
abaré ñeengendúpa.
Xe *cristão*, xe karaí.

154 508. Tupã eté rerobiára
jaiporaká xe ybýña.
Diabo 1 — Abápe nde rerokára ?
Alma — Akó *Ana* guaibĩ *rainha*,
paí Tupã rausupára.

---

488. –Alegra-te, Anhanguçu,
eu te trago para nossa comida
o Pirataraca uçu.
–Êle é um valente soldado.
Bem, basta, descansai !

493. Como viveu êle,
para vós o prenderdes ?
–Tinha costumes vergonhosos.
Os que detestam a Deus
nós devemos prender.

498. Não era batizado,
prezava o seu nome antigo,
como os pagãos.
Vamos cair com êle no fogo,
para que fique queimando.

503. –Êles mentem, são malévolos.
O padre me batizou, sim.
Eu renunciei a todos os maus hábitos,
ouvindo as palavras do sacerdote.
Sou cristão, sou batizado.

508. A fé no verdadeiro Deus
encheu o meu coração.
–Quem foi a tua madrinha ?
–A velha rainha Ana,
estimada por Deus.

–V. 511 — Santa Ana era padroeira da aldeia de Guaraparim.

513. *Diabo 1* — Marã pe nde rerokába
abaré reminonguéra?
Alma — Erásiku Peréra angába,
karaíba rubixába,
Kirimurépe ndaroéra.

518. Aeré,
abareguasú abé
onóng Vásiku Perána
Coutinho tuñámbae.
Aipó téra xe aroána.
Aé aromanõ ñe.

524. *Diabo 3* — Nde mojasúk ipó biã
paí, nde mongaraýpa.
Aeré, ereikó memoã,
nde resapiári Tupã,
oré ñeénga morýpa.

529. Sepyápe, erejakasó,
missa rendupabeýma.
Ereú memé soó.
Aretéreme, ereikó
kopíra resé, ko týma.

---

513. –Que nome
o sacerdote te deu?
–O do pobre Francisco Pereira,
chefe branco,
que morou em Quirimurê.

518. Depois disso,
o bispo também
colocou o do velho
Vasco Fernandes Coutinho.
Êste nome eu conservo.
Morri com êle.

524. –Talvez tenha te batizado mesmo
o padre, abençoando-te.
Porém, fôste malicioso,
desobedeceste a Deus,
consentiste nas nossas palavras.

529. Abandonaste, de repente, a aldeia,
ficando sem ouvir missa.
Comeste carne todos os dias.
Durante os dias santos, estiveste
roçando, plantando.

–V. 517 — *Quirimuré* — nome primitivo da Baía de Todos os Santos (VLB, 123).

–V. 518 — O hábito de os índios usarem vários nomes explicará, talvez, a duplicidade aqui indicada, uma no batismo, outra, provàvelmente, no crisma (Francisco Pereira, Vasco Fernandes Coutinho). Cf. –V. 522.

–V. 522 — Indicação, parece, de que os índios "perdiam" nomes, como os adquiriam em circunstâncias especiais. Cf. E 2 a, –V. 533.

534. *Alma* — Supié.
Xe rekó ekuýi jepé
aé poéra, aimoasý.
Paí abaré supé
imombeguábo, jepí
imboepikatuábo be.

540. *Diabo 4* — Tyguyrõ, rasýpe e,
kuñã eremondamondá?
Maráni ndoikói jepé,
erepopoár ybyrá
nde remirekó resé!

ererepoar
(no manuscrito)

545. Kuiá, ñe, itingatingábo,
erejangaó abá:
*154v "Airarõ pe, murú, eá!
nambõ biruã", ejábo.
Oporapitipotá.

550. Emonã, tekoaraúba
okái xe ratá pupé.
Alma — Imboasý eýma e.
Ixé, te, Tupã, xe rúba,
aimongetá memé ñe.

555. Xe katuráma mombóia,
xe angaipába rapirómo,
ipeábo, imomanómo,
xe jára reõ renõia,
imombíka, imoñyrómo.

---

534. –É verdade.
Embora eu tenha praticado
essas ações, arrependi-me delas.
Ao sacerdote
confessei-as e sempre
cumpri a penitência.

540. –Pois então, apesar de arrependido,
agredias mulheres?
Embora não fosse briguenta,
tu espancastes a pau
a tua esposa!

545. –Envenenado de bebida,
cochichaste aos índios:
"Eia, tolos, eu vos guardo
a todos!"
Êles praticaram horrores.

550. Assim, os coitados
queimam no meu fogo.
–Êles não se arrependeram.
Eu, porém, a Deus, meu pai,
sempre rezei.

555. Visando a minha felicidade futura,
chorando os meus pecados,
afastando-os, matando-os,
de meu senhor a morte invocando,
êles cessaram, foram perdoados.

560. *Diabo 4* — Nde poropotarixuéra
ndoiretéi nde suí.
Nde mondá be ipó kauĩ.
Kuépe kuñã mendaroéra
ereí momoxý moxý.

565. Mondarõ, ñeengaíba,
moéma, nde resemõ.
Mosaréia, ñemorýba,
gueéna kaú aíba,
marána, moroybõ.

570. *Diabo 3* — Oroikó memé nde pýri,
pecado moñanguká.
Ndéi, ñe, sapoasapoá
ybykuí tínga iguýri . . .
Opakatú oroipapá.

575. Eresẽ potá teñé
orepó guýra suí !
Erĩ, oromoaujé. !
Tatá nde arõ eté,
ipupé terejesý.

580. *Alma* — Opá xe rekó angaipába
ajoók, guijaseguábo,
paí supé imombeguábo.
Sepýrama, xe poaitába
supibé imopokatuábo.

---

560. –Teus atos libidinosos
jamais se separaram de ti.
Também roubaste um certo vinho.
A certa mulher casada
fizeste convites criminosos.

565. De roubos, maledicências,
mentiras, estás coberto.
E de brincar, folgar,
vomitar cauím azêdo,
brigar, atirar flechas.

570. –Estivemos sempre a teu lado,
fazendo-te cometer pecados.
Na verdade, não disseste o que está [escondido
sob a areia branca . . .
Nós contamos tudo.

575. Queres inùtilmente escapar
de sob as nossas mãos !
Vamos, eu te venci !
O fogo te guardará bem,
nêle tu assarás.

580. –Todos os meus pecados
repeli, lamentando-os,
confessando-os ao padre.
Em castigo dêles, minha penitência
cumpri integralmente.

585. Ajá pa jekoakúba,
Tupã ñeénga asaáng.
Arekó angaturã.
Xe anáma poreausúba.
Guýpe, añenupãnupã.

590. Ixé, xe katú ndaéi,
*155 xe kyiá te turusú,
aé xe jára *Iesu*
oguguý pupé xe réi,
oñyronamongatú.

595. *Anhanguçu* — Jabaetépe téra, mã !
Saĩ, naxemomanõi !
Alma — Aitýk pa tekó memoã.
Irõ ! Ojepé tiruã
pecado ndaromanõi !

600. *Diabo 2* — Torosóne, Añangusú.
Oré reytýk, oré nónga.
Diabo 1 — Pepytá, manemusú !
Taipobú sygué apónga !
Ojomĩ amó jandú !

605. Nde roryrorybaú.
Xe bojá momaraá.
Eré teñé ejerobiá.
Xe toropysykatú,
xe mondépe nde mboá.

---

585. Eu fiz todos os jejuns,
obedeci às palavras de Deus.
Vivi honestamente.
Meus parentes são piedosos.
Por baixo, eu me disciplinei.

590. A mim, que não era bom,
que estava muitíssimo manchado,
êste meu Senhor Jesus
em seu próprio sangue me lavou,
absolvendo-me.

595. -Ó, que nome terrível !
Vexa-me, não me faz morrer !
-Eu reprimi todos os maus costumes.
Ó ! Nem mesmo com um só
pecado eu morri !

600. -Devemos ir, Anhanguçu.
Êle nos venceu, nos derrubou.
-Ficai, moleirões ! molengões
Não darei sossêgo a êsses barrigudos !
Êles se esconderam por aí !

605. Não tens razão de estar alegre. palermões
Meus escravos te envergonharam.
Disseste crer inùtilmente.
Eu te aprisionei,
fiz-te cair em meus laços.

V- 603 — *Sygué apónga* — referência, parece, ao desânimo provocado pela opilação. Cf. VLB, 318.

610. Ñemombeú pa meé
Tupã abá rausúba ri.
Endé, te, nde resapiári
pecado míma ojepé,
ndereimombeú potári.

615. *Alma* — Aáni, naikuakúbi
mbaé, xe ñemombeguápe.
Tupã rekó kuapápe,
nañemombeupousúbi,
xébo iñyrõ motasápe.

ocoapa (no manuscrito)

o-Kûapa Navarro 1999 e 2006

620. Pecára setá jepémo,
turusú jepémo osoápa,
oimombeúpamo asémo
iñyrõ ñe pabeñémo,
Tupã ñemoyrõmogápa.

mogapa ou mogepa, no manuscrito, mas não está claro se é A ou E.

625. Oikuakúmo amó abá,
tekopoéra ojepé iñómo,
Tupána niñyroixómo,
imimbáramo oipeá,
pe ratápe ñe imombómo.

630. Emonã, tekó kuápa,
najomĩ amómbae.
Diabo 1 — Aáni, ereñomĩ ñe.
Akoéime, japyrasápa
xe nde moingosábae.

---

610. Confessaria tudo
o índio que amasse a Deus.
A ti, porém, apanhei de surpresa
escondendo um certo pecado,
que não querias confessar.

615. –Não, eu não escondi
cousa alguma, ao me confessar.
Conhecendo as leis de Deus,
tinha mêdo de não confessar
e não ser perdoado.

620. Ainda que os pecados sejam muitos,
ainda que sejam grandes,
se a gente os confessar
êles são todos perdoados,
aplacando-se a cólera de Deus.

625. Se um índio esconder,
ainda que seja uma só ação,
Deus não a perdoando,
deixa de considerá-lo cousa sua
e êle cai em vosso fogo.

630. Assim, conhecendo a doutrina,
não escondi cousa alguma.
–Escondeste, sim.
Um dia, eu te fiz dizer
umas mentiras.

*155v 635. Nandé ruã te pakó
kuñã ri erejemomotá?
Kuesé nde remirekó
mañánamo ereimondó
endébo seruruká.

(caico no manuscrito)

640. *Alma* — To, añé ko oikó emonã!
Kuña uúba xe rausú.
Diabo 1 — Aépe, ereimombeú
aé resé nde mondá?
Alma — Xe resarái te katú.

645. Añangerekó, jepé,
aipó supé nabasémi.
Añé, naxeremoémi.
Diabo 1 — Aã, senotýamo e,
imíma nderenosémi!

650. Xe resá pupé katú
asepiák nde imimaguéra.
Eipiák, Moroupiaroéra!
Eipytybõ, Mboiusú!
Esapý, Tatapytéra!

Eipiac
eipiac ou
eipicic?

655. *Alma* — Tupansý,
nde maenduá xe ri!
Ejorí, xe repeñána!
Toú taujé xe raroána
xe pysyrómo ixuí,
imondóbo, imomarána!

---

635. Não é verdade que tu
cobiçaste cousas às mulheres?
Uma vez a tua espôsa
fizeste ficar espreitando
para as trazeres para ti.

640. –Ah, foi mesmo!
Eu gosto das flechas preparadas pelas
[mulheres.
–Então, confessas
que roubaste delas?
–Não me lembro absolutamente.

645. Tentado, embora,
não vim com elas.
Assim, não menti.
–Pois sim, de vergonha
de vir com elas, escondeste-as!

650. Com meus olhos
eu te vi escondê-las.
Olha, Moroupiaroera!
Ajuda, Boiuçu!
Queima-o, Tatapitera!

655. –Nossa Senhora,
lembra-te de mim!
Vem, estão me atacando!
Venha logo o meu anjo da guarda
proteger-me dêles,
fazendo-os irem embora, combatendo-os.

Aparece um Anjo :

661. *Diabo 1* — Ke ! Urutaurána rúri !
Diabo 2 — Karaibebé piã ?
Diabo 3 — Karaibebé serã.
Alma — Añé, pe mondýia túri.
Diabo 4 — Xe pixã koríne, mã !

vos

666. *Anjo* — Pepoí
xe remiarõ suí !
Marã pe peikó sesé ?
156. *Diabo 2* — Oré rembiaroéra e.
Akoéime oekó poxý,
mombeú eýme re.

672. *Alma* — Xe resarái, je, guitekóbo.
Nasejapotá ruã !
Ejorí, xe sumarã
reytýka, moxý mombó !
Taujé, xe rekuýi atã !

xerequijatã

677. *Anjo* — Pepoí ixuí, aipó !
Nopoasygasygábi.
Diabo 3 — Erĩ, ndoreabangábi !
Anjo — Saroánamo kaikó.
Diabo 3 — To, añé, ndorokuábi !

---

661. –Olha, parece que vem vindo um [urutau !
–Será um anjo ?
–Talvez seja um anjo.
–Sim, vem nos assustar.
–Ó ! Já vai me bicar !

vos (pe, no tupi)

666. –Arredai
do meu protegido !
Por que estais com êle ?
–Foi aprisionado por nós.
Antigamente vivia mal,
não se confessava.

672. –Eu sou mesmo esquecido.
Não foi por querer !
Vem, meus inimigos
esmagando, expulsar os maus !
Depressa, êles me arrastam fortemente !

677. –Arredai dêle, vamos !
Não o molesteis !
–Ora, tu não nos acovardas !
–Estou aqui como seu guardião.
–Ah, sim, eu não te conhecia !

682. Marã pe ereipysyrõ
oré kaneõaguéra?
Anjo — Tupansý rausuparoéra.
Ikó xe remiarõ.
Peẽ, pe sumarã mboéra.

687. Pejuraraguái. Sekó
rekýia, ndoikuakúbi.
Tekó poxý poéra amó
oguesaráiamo ño.
Aipó tekó noñandúbi.

692. Ndeiteé, Tupána sy,
omembýramo imoingóbo.
Xe te, xe mboú korí
pe moañána, pe mondóbo
ikó setáma suí.

697. Tupansý ko tabijára
napemoembiapotári.
Ndaeté iporausubári.
Opá ko tába pupiára
omembýramo ipapári.

702. Pekoá, taujé, ke suí!
Penemeté rerosýia!
Tupansý, *Santa Maria*,
Iesu omembýra ndi,
oú moáng pe mondýia.

---

682. Então tu libertas
a nossa vítima?
–Nossa Senhora teve piedade dela.
Aqui estou de guarda.
Eia, vossa inimiga mandou irdes.

687. Vós mentistes. Suas ações
deixadas, ela não as escondeu.
Certos maus atos
ela apenas esqueceu.
Não os percebeu.

692. Por isso, a mãe de Deus,
seu próprio filho a mandam entrar.
A mim, porém, me mandam vir hoje
vos apressar, vos expulsar
aqui de sua terra.

697. A mãe de Deus
não quer que aprisioneis êstes aldeões.
Ela os ama muito.
Todos os habitantes desta aldeia
considera seus próprios filhos.

702. Ide-vos depressa daqui!
Vós outros também, sumi!
Tupansý, Santa Maria,
com o seu filho Jesus,
podem vir vos espantar.

707. Napeapysái, jandú,
peporapití potá,
peẽ aé pejekoá,
ko tába pobupobú.
Pekoá, tatápe peá !

ojepeguzsune
ver páginas
271 e 136.

*156v 712. Jiamurú, opá be ñe
pekái ojepeguára ne.
Iangaturã, koiré,
paí Tupã rausúpa ñe.
Xe remiarõ jandúne.

717. *Diabo 1* — Akái, nasepiá potári
jabaeté katú sobá !
Asópe guibebébo, eá !
Diabo 2 — Xe abé, naxepopoári.
Xe nupãnupãmuká.

722. *Diabo 3* — Sekoábae kué kuñã
oré akánga japití.
Oré akánga óka potá,
oré moaparapará,
oré poár, oré pyapýk.

727. *Diabo 4* — Tasejáne moxý, rõ.
Tasóne Paratýipe.
Tupinakía rejýipe
amó amó taybõ.
Diabo 2 — Xe te korí Rerytýpe.

---

707. Não espereis, como de outras vêzes,
poderdes ir matando,
atirando-vos a ela,
desorganizando esta aldeia.
Ide, caí no fogo !

712. Bem, todos vós
ardereis eternamente.
Ela será, enfim, feliz,
graças ao Senhor Deus.
Estarei sempre de guarda.

717. –Ai, eu não quero ver
o seu rosto arrogante !
Ui ! Vou voando !
–Eu também, não me amarrará as [mãos.
Ela me faz espancar.

722. –Está aqui a mulher
que nossa cabeça esmaga.
Quer nos arrancar a cabeça,
humilhando-nos,
prendendo-nos, oprimindo-nos.

727. –Abandonarei os maus, então.
Irei ao Rio do Parati.
Nos bandos de Tupinaquia
flecharei alguns.
–Eu agora mesmo em Reritiba.

rumbig (VLB) 1938 rumby

No manuscrito → vanse = vão-se?

732. *Diabo 1* —

Xe korí kuépe katú
Itareimiríme asóne.
Ybyóka asapekóne,
Itaóka abé aipobú,
ruũbi Jupaogoaóne.

737. *Anjo* —

Jandeté, jandé retáma,
ybáka tixepeñã,
tosausúpa nde anáma.
Tupansý angaturáma
tomombó tekó memoã.

742.

Tupansý porausubára
ko tába osarongatú.
Imembyreté *Jesu*
opakatú tapijára
okipýribe osausú.

747.

Tosapiá pabẽ abá
paí *Iesu*, imoetébo,
opyá pupé imoingébo.
Toú serasóbo pa
ybákupe eroikébo.

*157 752. *Alma* —

Tosendú aipó ndeé,
Iesu ñeénga puruábo.
Jandeté, tiabebé
Tupã rorypápe ñe,
aujérama japytábo.

---

732. –Eu hoje por aí
a Itareí-mirim irei.
Visitarei Ibioca,
revolverei também Itaoca,
enfim, Jupaoguaó.

737. –A nós mesmos, à nossa terra
o céu procurará,
por amor dos teus parentes.
A venturosa mãe de Deus
expulsará a malícia.

742. A misericordiosa mãe de Deus
guarda esta aldeia.
Seu verdadeiro filho Jesus
todos os tapijaras
aldeados ama.

747. Obedeçam todos os índios
engrandecendo-o, ao Senhor Jesus,
colocando-o em seu coração.
Levando-o consigo, êles serão
recebidos por ti no céu.

752. –Que ouçam o que tu dizes,
executando as palavras de Deus.
Nós, na verdade, voaremos
para na glória de Deus
sempre ficarmos.

757. *Anjo* — Perorý,
xe rayretá, xe ri.
Ko aikó pepysyrómo.
Ajúr ybá suí
perokybyã rupi,
jepí ñe pepytybómo.

763. Ko tába renýreme,
pe pýri ñe xe rekóu.
Ndarojái mamó xe sóu.
Tába raroánamo ñe
Jandé Jára xe moingóu.

768. Angiré
peporeausúb umé.
Tasesãi ko pe retáma
ára momoránga ñe,
timaenduá pe resé
Tupansý angaturáma.

774. Tosopá tekó angaipába
ko Guaraparĩ suí.
Tokañẽ tekó poxý,
Tupã tekó moñangába
timopó memé jepí.
[veja verso 799

779. Xe ikó. Asausú pe ánga,
sarómo, iporausubóka,
ko ára pukúi ipokóka,
imoaisóbo, imomoránga,
tekó poéra rekoabóka.

---

757. –Alegrai-vos,
filhos meus, por mim.
Aqui estou para vos proteger.
Vim do céu
para junto de vós,
a ajudar-vos sempre.

763. Iluminando esta aldeia,
junto de vós estou.
Não me afastarei daqui.
De custodiar a aldeia
encarregou-me Nosso Senhor.

768. De agora em diante
vós sereis felizes.
Quero felicitar esta vossa terra
agora venturosíssima,
pois que se lembrou dela
a virtuosa mãe de Deus.

774. Seja a maldade expulsa
aqui de Guaraparim.
Extirpe-se o mal,
para o espírito de Deus
dominar perenemente.

779. Aqui estou. Amo vossa alma,
guardando-a, tendo piedade dela,
guiando-a neste grande dia,
embelezando-a, santificando-a,
afastando-a dos velhos hábitos.

-VV. 757-767 — Cf. E 2 a, 571-581 e E 2 b, 392-403.
-VV. 779-805 — Cf. E 2 b, VV. 410-436.

[393-403 (página 768)

Páginas 769 e 770

784.

Maẽ, añánga aimondó,
satápe murú reytýka.
Naipotári pe ri ixýka,
memé ñe opoapekó,
pe rarómo, pe repýka.

789.

Peteumé,
pe poxýramo angiré,
tokañẽ perekó puéra
— kaú, aguasá nembuéra,
temoéma, marã e,
joapyxába, maranduéra.

795.

Perobiá pe moñangára,
sausúpa, sekó potá,
ipýri be pesapyá,
abaré, pemboesára,
iñeénga mombopá.

mõpopa (no manuscrito)
veja pagina 770

veja verso 778 timopó

157v 800.

Pejorí,
pebáka Tupã kotý.
Pe pyá pupé serúpa,
tapesó pejekosúpa
ipotaripýra ri,
ijypýpe ñe pejúpa.
Amém.

---

os

784. Olhai, expulsei os demônios,
atirando-as a seu fogo.
Não me quero afastar de vós,
estando sempre convosco,
guardando-vos, defendendo-vos.

789. Evitai,
de hoje em diante, serdes maus,
para extinguirdes vossos velhos hábitos
— a bebida, o fétido adultério,
mentiras, brigas,
ferimentos mútuos, guerras.

795. Confiai em vosso criador,
amando-o, acatando sua lei,
obedecendo mais a êle,
e do sacerdote, vosso mestre,
executando as palavras.

800. Vinde,
para o lado de Deus, no céu.
Trazendo-o em vosso coração,
ireis gozar
junto dos que lhe são queridos,
pousando-lhe aos pés.
Amém.

veja páginas 769 e 770

D 14 A NOSSA SENHORA (1)

*167v 1. *1.º* —

Rerytýba, xe retáma
xuí, xe rúri, ke !
Xe rapixarĩ pabé
areté angaturáma
tasepiáne, ujábo ñe.

6.

Arú retá ko ryrý,
ipupé nde pói potá.
Pekuápe, kunumĩ
puamaúbi xe ri,
xe suí iguábo pa.

11.

Ko ño anosẽ, jepé,
moxý suí, uinoñána.
Eteumé korí marána
rerekóbo xe resé !

15.

Xe poiuká, te, jepé.
Kuesebé mbaé naúi.
Aguatá koára pukúi
nde rerapoána resé.

---

1. –De Reritiba, minha terra
eu venho.
A todos os meus amiguinhos
eu disse que vinha celebrar
êste grande dia santo.

6. Trouxe estas ostras,
com elas te podes banquetear.
No caminho, os meninos
me assaltaram,
para comê-las tôdas de mim.

11. Em todo o caso, tirei estas
dos malvados e corri.
Tomara que hoje não haja
brigas comigo !

15. Deixa que, afinal, me alimente.
Desde ontem não como nada.
Caminhei o dia inteiro
para te homenagear.

---

(1) — Iª, LXVIII. Cf. D 8.

–V. 6 — Reritiba, hoje Anchieta, no Espírito Santo, tem seu nome derivado da grande quantidade de ostras que produz. Cf. fig. 9.

19. *2.º* —

Xe Paratýi suí
ajú *rainha* repiáka,
xe akánga mojeguáka
imoesaiaoáma ri.

23.

Ndarúri amó Paratý
ojepé xe pysá póra.
Ndereuixuémo, *Senhora*,
iangaibaratã moxý suí.

27.

Endeté, nde resemõ
ariáma, tajasú.
Nde pýri mbaé taú !
Turusú xe kaneõ.

31. *3.º* —

Iporáng, erimbaé,
Miaý, xe retamboéra.
Xe Jetuú rayroéra,
añemoñáng ipupé.

---

19. –Eu venho do Rio Parati
para ver a rainha,
adornando a cabeça
em sua honra.

23. De Parati trago apenas
o que a minha rêde contém.
ainda que o não comas, Senhora,
está sêco, não estragará.

27. Na verdade, para ti sobejam
galinhas, porcos.
Oxalá junto de ti eu coma !
Estou muito fraco.

31. –Era bela, antigamente,
minha ex-pátria, Miaí.
Nasci em Jetuu,
criei-me ali.

–V. 26 — *suí* — Cf. AG, 43.

–V. 32 — *Miaí* — Talvez Miaípe, pequena vila do município de Guaraparim, no Espírito Santo. Uma das fontes de renda do lugar é ainda a pesca e salga do peixe.

–V. 33 — *Jetuú* — Deve indicar alguma aldeia sem indicação histórica.

–V. 37 — *Kuíka* — Provàvelmente o "piracuca", designação dada pelos índios à garoupa, cuja carne usavam fresca e sêca (NB, 205) e que se conserva, ainda hoje (DLB, IV, 3.981) para uma variedade (*Epinephelus gigas*, Fam. *Serranidae*), peixe comum em tôda a costa do Brasil e desde remoto tempo louvado por sua carne saborosa, o que lhe conferiu o apelido de "galinha do mar" (NPM, 126).
guarapukú — charéu, peixe da Fam. *Carangidae* (*Caranx hippos*). O VLB regista para o mesmo peixe as designações *guaraguasú*, *guarajúba*, *guarasyma* e *guarañána*. Por *guarapukú* designa também o peixe cavala (VLB, 431 e 147).

35. Akoéime, rakó, pirá
asekýi marangatú :
kuúka, guarapukú,
kamurĩ, guatukupá.

39. Xe pindá porangeté
topindaytýkine endébo,
kunapú rekyjetébo,
guaraobañaneté.

*168 43. Réiamo ereikó teñé,
setá teñé nde bojá.
Xe te, toroporaká,
Jetuú raýra, ixé.

47. 4.º — Xe Guaraparĩ suí
rainha repiáka ajú.
Xe rorybeté katú
ára angaturáma ri.

---

35. Antigamente, eu pescava
uns peixes deliciosos :
garoupas, charéus,
camurins, corvinas.

39. Meu anzol feliz
pescará para ti,
apanhando meros
e olhos-de-boi.

43. Apesar de seres soberana,
tens inùtilmente tantos escravos.
Eu sim, pesco para ti,
eu, o filho de Jetuu.

47. -Eu venho de Guaraparim
para ver a rainha.
Estou muito alegre
pelo dia santo.

-V. 38 — *kamuri* — camurins, designação conservada no norte para o robalo (Fam. *Centropomidae*, gen. *Centropomus*) do sul, cuja carne oferece excepcionais qualidades como comestível. Adapta-se a águas fluviais e salobras.

guatukupá — corvina (VLB, 66 e Mcv, 437 e LIX), *Micropogon furnieri*, Fam. *Scianidae*). O VLB regista como *guatukupá asába* o peixe roncador (VLB, 380) e dá como *guatukupá pukú* e *guatukupá pixíma* duas espécies de pescada (VLB, 340).

-V. 41 — *kunapú* — mero, peixe do mar (*Promicrops itaiara*, Fam. *Serranidae*) de tamanho grande e carne saborosa. Eram colhidos pelos índios nas camboas ou à linha e usados salgados para alimentação (NB, 201).

-V. 42 — *guaraobañána* — ólho-de-boi (VLB, 317), peixe do mar (*Seriola lalandi*, Fam. *Carangidae*), comestível, de grande tamanho, conhecido no norte por "arabaiana" (DAB, 549).

-V. 43 — *réiamo* — Parece adaptação do português "rei" (*réia* + *mo*), sem consideração de gênero, o que é estranho, cf. VV. 20, 48, 66, 91, 120.

51. Akoéime, eresapekó
oré retáma, sausúpa.
Aépe, *missa* rendúpa
aretéreme eresó.

55. Akoéime, apytá memé
nde pýri, ybytyrapoápe,
xe anáma guatasápe
nde morerekoá sesé.

59. Emonánamo, xe rúri
ndébo ára momoránga.
Ndébo torýba moñánga,
xe anáma xe mboúri.

63. *5.º* — Xe abá aibĩ añé.
Iporoseõ xe réra.
Xe rembiára rembyroéra
arurĩ réia supé.

67. Nde pipó?
Aujebeté ko aikó,
ndébo ko syrý rerú.
Ikatú ñe, tereú.
Xe abé ko aú amó.

---

51. Antigamente, tu visitavas
nossa terra, amando-a.
Para assistir à missa, ali
tu ias nos dias de festa.

55. Eu ficava, então, sempre
junto de ti, no alto da colina,
enquanto meus parentes desfilavam
em homenagem a ti.

59. Agora, eu venho
celebrar o teu dia.
Para festejar-te,
meus parentes me enviaram.

63. –Eu sou apenas um pobre índio.
Meu nome é Iporoceõ.
Um pouco da minha prêsa
eu trouxe à rainha.

67. Vês?
Estou aqui submisso,
trago-te êstes siris.
São belos, come-os.
Eu também como êstes aqui.

–V. 54 — Alusão à provável ida da imagem de Nossa Senhora para o ofício da missa noutra localidade.

–V. 57 — A imagem seria colocada sôbre alguma elevação, onde receberia a homenagem dos fiéis. Cf. fig. 14. O têrmo pode, contudo, ser considerado nome próprio (*Ybytyrapoã*), indicando alguma aldeia da época.

–V. 64 — *Iporoseõ* — literalmente, "Matador".

–V. 66 — Cf. –V. 43.

72. Iangaipá ko nde bojá.
Naxererekokatúi.
Jarybobõ omongúi
ygára kuabĩ potá.

76. Aeré,
oikotebẽ abaré
uiguasapaoáma ri.
Einupãnupã moxý,
taxemomoxý umé.

81. *6.º* — Ixé Sauiaetá.
Serapoã xe renoindába.
Iguára jeporakába
xe resemõ sauiá.

Não seria então Ygara jepotasaba?
(A chegada da canoa)

*168v 85. Koromõ ipó ereguatá,
xe rekoápe ejepotáne,
aéreme amó ãjukáne,
xe jusáneme imboá,
ndébo imeengábone.

Jepotá – chegar (por água)

90. Nde resé uiporandúpa,
réiamo nde rekó re.
Añemoañeañé.
Saujá rerú reúpa,
"Toú réia", ujábo e.

---

72. Êstes teus escravos são maus.
Estou muito aflito.
Êles pretendem destruir a ponte
quando a canoa passar.

76. Por isso,
o padre está preocupado
com a minha partida.
Castiga tu os malvados
para que não me façam mal.

81. –Eu sou o Sauiaetá.
É grande a minha fama.
Os caçadores do lugar
me fornecem sauiás.

85. Se um dia tu passares
e entrares em minha casa,
matarei alguns,
que no laço apanhe,
e os darei a ti.

90. Estou discursando por ti,
pois estás como rainha.
Vim muito depressa.
Trouxe sauiás para comeres,
dizendo : "Rainha os comerá".

–V. 74 — Cf. Iª, LXVIII, (4).
–V. 81 — *Sauiaetá* — plural de *sauiá*, correspondendo, como nome próprio, a mais ou menos "o homem das sauiás". A denominação "sauiá" aplicava-se a várias espécies de ratos, todos êles comestíveis, e, segundo Cardim, saborosos, principalmente uns semelhantes a coelhos, provàvelmente o que o DAB indica por roedor da fam. *Echimyideos*, gen. *Proechimys* (Cf. TTGB, 45 ; Mev, 224 ; VLB, 367 ; DAB, 718).
–V. 83 — *iguára* — Cf. Iª, LXVIII, VV. 83 e 119 e (5).

95. 7.º —

Xe rorý Ybytyrapé.
Ybytyrapoã suí
ko tápe xe rúri re.
Xe porandubíreme,
xeapoánamo korí,
nde rerapoána resé.

xe apoanamo kori ⟶

101.

Gracia séra, ko nde
raíñamo renoimbýra,
raíñamo moingopýra,
nde jára guaibĩ sosé.

Não seria Senoimbýra?
para concordar com a 3ª pessoa.

105.

Eteumé,
aipó tekó koabiré,
tekó poxý rerekóbo.
Teĩ, Tupã nde moingóbo
oajýramo ybaté.

110.

Ko nde remimboaietá
toytýk pa tekó poxý.
Enoñẽ, ejakaká,
tojepysyrõ motá
añánga ratá suí.

---

95. –Eu sou o alegre Ibitirapê.
Do alto da serra
a esta aldeia eu vim.
Se estou discursando,
se hoje me exalto,
é para elevar-te o nome.

101. Cheia de graça, aqui és
considerada rainha,
constituída rainha,
sôbre as anciãs senhora.

105. Tomara que,
depois de conhecer estas leis,
não haja mais pecados.
Eia, Deus criou-te
para sua excelsa filha.

110. Que êstes teus muitos escravos
esmaguem todo o mal.
Repreende, censura-os,
para que procurem libertar-se
do fogo eternal.

–V. 96 — Cf. –V. 56.
–V. 104 — Alusão à geriarquia indígena?

Juicum com ambos :

115. *S.º* — Xe Juikũ abaité.
Jabaité xe rembiasába.
Nitýbi xe rasapába
oguatábae supé.

119. Eimoñangukár iguára,
nde réia abaité pupé,
taxeabaité umé.
Ikó juí, xe rupiára,
tereú sepý resé.

*169 124. Peikoeté
gracia rainha ndibé,
perekopoéra reytýka,
tapererasó ybaté.
Tupã pe reõ royré,
opýri pe moguapýka.

---

115. –Eu sou o temível Juicum.
É façanha me prender.
Não me dão passagem
nos caminhos.

119. Convence os moradores,
com tua poderosa autoridade,
a não me temerem.
Estas rãs, minhas adversárias,
comerás em troca.

124. Permanecei
com a rainha da graça,
vossos velhos hábitos afastando,
para que passeis aos céus.
Deus, depois da vossa morte,
junto dêle mesmo vos fará sentar.

–V. 115 — *Juicu* — literalmente "Língua de Rã" ou "Rã Comprida" (*juí* — *ku*). Cf. –V. 122.
–V. 120 — Cf. –V. 43.
–V. 122 — *Juí* — rã, hoje considerada comestível de luxo. Atualmente encontra-se o *Leptodactylus ocellatus* no mercado alimentício.

D 15 POLO MOLEIRO [1]

*169v *Pitangĩ morausubára,*
jandé rúba, jandé jára.

3. Pitangĩ paí *Iesu*
oguejý jandé rekoápe.
Jandé ánga rausupápe,
ybaté suí oú
jandé rausúba katú,
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

10. Iñyrongatupotá
jandébo, jandé rausúpa.
Maria ryguépe oúpa,
jandé ri ojeseá.
Pejorí, tiarobiá
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

O meninozinho querido,
nosso pai, Nosso Senhor.

3. O meninozinho Jesus
desceu à nossa morada.
Por amar a nossa alma,
veio do céu
o nosso grande amor,
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

10. Êle nos perdoa, de boa mente,
por nos amar.
Estando no ventre de Maria,
êle se uniu a nós.
Vinde, veneremos
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

---

(1) — Ia, LXIX, LXX. Cf. D 16, (1).

17. Ndaababykába ruã
Maria, ixý poránga,
ipupé oñemoñánga,
oñemomirĩ Tupã.
Pejorí, pejajubã
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

24. Ko putúna ri, syári
Maria rygué suí.
Ixý nimembyrasýi,
ndasuguýi, nimaraári.
Ndiaimomarã potári
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

31. Jaimomboreausú roý,
imojaseguaseguábo.
Ixý jasoikatuábo,
ojopiá roý suí
iporeausú mirĩ,
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

38. Ikamuséi kunumí
osýi kamaguába oúpa.
Ojybápe ixý serúpa,
ikambúxeme sorý. ikambu-neme s-ory
Jandé poipotá, koí,
pitangĩ morausubára, Navarro 2004
jandé rúba, jandé jára.

---

17. Sem ser tocada
Maria, sua linda mãe,
Deus se encarnou nela
e fêz-se pequenino.
Vinde, abraçai
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

24. Nessa noite, êle saiu
do ventre de Maria.
A mãe não delivrou,
não derramou sangue, não adoeceu.
Não quis fazê-la sofrer
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

31. Fustiga-o o frio,
fazendo-o chorar.
Sua mãe quer agasalhá-lo,
resguardando do frio
o pobrezinho,
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

38. Mama o menino,
recostado ao peito de sua mãe.
Trazendo-o em seus braços, a mãe
alegra-se quando êle mama.
Quer alimentar-nos, agora,
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

*170 45.

Jaseõ porarasápe,
kunumĩ poránga rúi
kapiĩ sosé ko túi,
tapirusú karuápe.
Okerĩ, omoupápe
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

52.

Jára kuápa be,
syguasumé rerekoára
ojosú potá ojára,
kabará rerú ixupé.
Sorybĩ túra resé
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

59.

Tiasó jandé jabé
jandé jareté repiáka,
jandé ánga mojeguáka,
serasóbo sobaké,
tomaẽ jandé resé
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

66.

Tiañemopysasú,
tekopoéra peapápa.
Pitangĩ jabé jasoápa,
tiãia tekokatú.
Tianderarõ *Iesu,*
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

---

45. Chorando sentidamente,
está o lindo menino
deitado aqui sôbre o capim,
mamando numa vaca.
Vomitando, dormita
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

52. Conhecendo também o senhor,
os pastores
procuram encontrar seu amo
e trazem cabras a êle.
Alegra-se pela sua vinda
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

59. Vamos também nós
ver nosso verdadeiro senhor,
adornando a nossa alma,
apresentando-a à sua frente,
para que nos contemple
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

66. Oxalá nos convertamos,
afastando os hábitos antigos.
Como o meninozinho também
alimentemos a virtude.
Guardemos Jesus,
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

73. Ixý *Maria* supé
tiaé, jajetanónga :
"Toú jandé posanónga,
omembýra irúmo be,
tiandepeá umé
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

80. Tiasó jajerurébo
Santa Maria supé,
tasekateymumé,
jandé ánga moingobébo,
toimeéng korí jandébo
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

87. Pejorí, pitánga, guábo
Tupána resaretá.
Kunumĩ, mokonambá,
peñyáme imomindábo.
Tasorý, pepoikatuábo,
pitangĩ morausubára,
jandé rúba, jandé jára.

*170v *Dança*

94. Tupansý angaturáma,
ajerobiá nde resé.
Eipotá, mirĩ umé,
tatápe xe soaoáma.

---

73. A sua mãe Maria
digamos, ofertando :
"Venha a nossa medicina,
com seu filho,
para não mais se afastar de nós
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor".

80. Vamos suplicar
a Santa Maria,
que, generosamente,
nossa alma animando,
nos dê hoje
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

87. Vinde, crianças, receber
o bondoso Jesus.
Meninos, rapazes,
guardai-o em vossos corações.
Alegre-me eu ao vos alimentardes dêle,
o meninozinho querido,
nosso pai, nosso senhor.

94. Venturosa mãe de Deus,
eu creio em ti.
Não queiras, de forma alguma,
que eu vá para o inferno.

98. Eimoñeguasẽ añánga,
tojepeá xe suí.
Eimoingó katú xe ánga,
paí Tupã rekó rupi.

102. Ejorí xe resapébo
tarobiá katú Tupã.
Taytypá tekó memoã,
tajeausubukár endébo.

106. Tupansýramo ereikó.
Ejorí, xe rausubá !
Ndasopotári mamó,
nde irúnamo aikopotá.

110. *Santa Maria*, nde réra
asé rorypabeté.
Taxemomotarumé
xe ramúia rekopoéra.

114. Topytá pai *Iesu*,
nde irúmo be, xe ñyáme.
Tasepiáne pe retáme
pe robá porangatú.

118. Erobák oré kotý
nde resá porausubára,
tosopá xe maraára
kuépe xe ánga suí.

---

98. Faze sair o diabo,
que êle se afaste de mim.
Torna boa a minha alma,
conforme os princípios de Deus.

102. Vem iluminar-me
para que eu creia firmemente em Deus.
Esmagarei a malícia,
dedicando-me a ti.

106. Tu és a mãe de Deus.
Vem, minha protetora !
Não quero me afastar daqui,
em tua companhia quero estar.

110. Teu nome, Santa Maria,
alegra a gente.
Oxalá eu renuncie
aos hábitos de meus avós.

114. Fique Jesus
contigo também, em meu coração.
Veja eu em vosso reino
vossos semblantes bonitos.

118. Volta para nós
teu olhar misericordioso,
para que minhas fraquezas vão
para longe de minha alma.

122. Aimombaeté nde róka,
ipupé guiporaséia.
Ejorí xe ánga réia,
imotínga, ipoxý óka.

126. Morausuberekosápe,
asé ánga erejosú.
Eimoingó paí *Iesu*,
nde membýra, xe pyápe.

130. Toroausú katú guitekóbo
xe rekobé jakatú,
xe jekýime, terejú
ybaté xe rerasóbo.

---

122. Eu aprecio a tua casa,
nela estou dançando.
Vem lavar a minha alma,
purificando-a, tirando-lhe as nódoas.

126. Em tua misericórdia,
visitas nossa alma.
Coloca Jesus,
teu filho, em meu coração.

130. Vivendo a te amar
durante a minha vida,
quando eu morrer, tu virás
para levar-me ao céu.

D 16 DANÇA (1)

Veja observação na página 320

*171 1. Ko oroikó oroporaséia
nde moetébo, Tupansý.
Emaẽ ko tába ri,
oré ánga poxý réia.

5. Nde resé orojerobiá,
orojekók nde resé.
Oré rausúba jepé,
nde membýramo oré ra.

9. Nde irúnamo oroikopotá.
Oroimoñáng nde rokoáma.
Esarõ oré retáma,
sapekóbo, sausubá.

13. Nde po guýripe oroikó,
nde resé orojekóka.
Ejorí oré mangóka,
Tupã pýri torosó.

---

1. Aqui estamos nós dançando
em tua honra, mãe de Deus.
Olha por esta aldeia,
lavando o mal da nossa alma.

5. Em ti cremos,
em ti nos apoiamos.
Ama-nos tu,
toma-nos como teus filhos.

9. Desejamos viver como teus amigos.
Construímos uma casa para ti.
Guarda a nossa terra,
visitando-a, protetora.

13. Sob tuas mãos estamos,
em ti nos apoiamos.
Vem nos libertar,
para irmos para junto de Deus.

---

(1) — Ia, LXXI. Substitutiva provável da dança de D 15, VV. 94-133.
-V. 6 — *orojekók* = *orojekóg* (?)

17. Sorý pabẽ nde bojá
nde ára moetekatuábo,
tekó poéra moasyábo,
ndébo oñemeengábo.

oñemeengambá: veja verso 89 na página 649, e páginas 318 e 320.

21. Oroimomburú añánga,
nde ño nde rapiaretébo.
Ko oroikó oré jerurébo :
"Eipysyrõ oré ánga !"

25. Nde réra rendúpa be,
añánga ryrý osoápa.
Ejorí murú mombápa,
toremõaujé, umé.

29. Ndiapóri oré sumarã
jepiñé oré raánga.
Ejorí imoporaránga,
toroytýk sekó memoã.

33. Eimoingopukú katú
ko tába Tupã resé.
Ybytyriguára, be,
oré pýri tererú.

37. Erú paraibiguára
oré retáma irumómo.
Tasetá nde rausupára,
nde resé ojepysyrómo.

---

17. Alegram-se todos os teus servos
celebrando o teu dia,
lamentando a vida antiga,
entregando-se a ti.

21. Detestamos o diabo,
obedecendo só a ti.
Aqui estamos suplicando :
"Liberta a nossa alma !"

25. Ao ouvir o teu nome,
vai-se o demônio tremendo.
Vem fazer acabar o mal,
para que nós não sejamos vencidos.

29. Já não há-de o nosso inimigo
nos tentar sempre.
Vem fazê-lo sofrer,
esmaguemos a malícia.

33. Conserva, por muito tempo,
esta taba para Deus.
Os habitantes da serra, também,
oxalá para junto de nós tragas.

37. Traze os paraibiguaras
para companheiros de nossa terra.
Serão muitos os teus amigos,
por ti se salvando êles.

página 279

páginas 221 a 223

147v *171v D 17 DA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA (1)

e

*172 1. *Eva*, jandé sy ypý,
oñemomotareté
ybá poránga resé,
mbóia ñeénga rupi
ijikyébo, iguábo ñe.

6. Aé oména supé
ybá u ukaraúbi.
Oguemirekó resé,
iména ndoupousúbi,
jandé reõ janondé.

11. Oguembyáramo, pabé
añánga jandé pysígi. pysyk-i = capturou
Oekó poxý resé,
opabĩ abá mondýgi mondyk-i = destrói
ogorýbamo memé.

Navarro 2004

16. *Santa Maria* resé
tekó poxý ndobasémi.
Oekó katú pupé,
añánga apypýka ñe,
moxý rekó mokañémi.

---

1. Eva, nossa primeira mãe,
cobiçou muito
a bela fruta,
pelas palavras da cobra
colhendo-a, comendo-a.

6. Ela ao seu marido
induziu a comer a fruta.
Por causa da espôsa,
o marido foi desobediente,
antes de sermos mortais.

11. A todos, como suas prêsas,
o diabo nos apanhou.
Pelos seus maus princípios,
abrasa todos os homens
com contínuas folganças.

16. De Santa Maria
o mal não se aproximou.
Em sua santidade,
o demônio calcando,
faz fugir o mal.

---

(1) — Ia, LXIII, LXXIV. Cf. Ia, LXIII e D 18. O subtítulo original "Por graci gco gte" é de interpretação duvidosa, cf. NP, (38).

21. Ojopýk murú akánga,
imoatãeyngatuábo.
Sorý katú jandé ánga
Tupã rekó momoránga,
añánga rausú peábo.

26. Jandé jára mongatú
tirekó *Santa Maria*
añánga timomburú.
Tupansý, tiasausú,
sesé jañemoryrýia.

31. Sekó katú rerekóbo,
jandé ánga jekosúbi.
Nimaranangái oikóbo,
memé *Jesus* jandé súbi,
jandé rapekopekóbo.

36. Omembýra irúmo be,
Tupansý, *Santa Maria*,
asé sumarã mondýia,
asé súbi jepí ñe,
ixuí asé rejýia.

*172v 41. Tiaé, jandé pyápe,
147v *Santa Maria* rerúpa,
sekó katú potasápe,
jandé ángime sausúpa,
jasó Tupã rorypápe.

---

21. Ela esmaga a cabeça do maldito,
é muito forte.
Alegra nossa alma
a virtude do Senhor,
que afasta o amor do diabo.

26. Nosso Senhor fêz bem
em ter Santa Maria
para confundir o demônio.
Amemos a mãe de Deus,
a ela respeitemos.

31. Tendo bons hábitos,
regozija-se nossa alma.
Vivendo ela assim tranqüila,
Jesus nos procurará sempre,
visitando-nos miùdamente.

36. Companheiros de seu filho,
a mãe de Deus, Santa Maria,
assustando o inimigo da gente,
vem sempre ao nosso encontro,
afastando-nos dêle.

41. Oxalá, em nosso coração
trazendo Santa Maria,
por desejar a virtude,
amando-a profundamente,
vamos à glória de Deus.

Dança

46. *1.º* —

Pejorí, xe irũ etá,
tiasó *Maria* súpa.
Iñeéng poráng endúpa,
jandé aíba toipeá.

50. *2.º* —

Eneĩ, tiasó taujé
ixupé jajerurébo
toimeéng korí jandébo
omembý porangeté.

54. *3.º* —

Iporausúba katú
Tupansý, *Santa Maria.*
Emonánamo, asausú,
sesé guiñemoryrýia.

58. *4.º* —

Maria ikatueté.
Noñandúi moropotára,
oñemoñáng jandé jára
sygué poránga pupé.

62. *5.º* —

Añeté, ko serapoã
Maria rekó poránga.
Ndeiteé, ipupé Tupã
pitángamo oñemoñánga.

---

46. –Vinde, meus companheiros,
vamos visitar Maria.
Ouvindo suas belas palavras,
elas afastarão nossos males.

50. –Eia, vamos depressa
suplicar a ela
que nos dê hoje
seu lindo filho.

54. –É muito misericordiosa
a mãe de Deus, Santa Maria.
Assim, eu a amo,
submetendo-me a ela.

58. –Maria é muito bondosa.
Sem pecado original,
concebeu Nosso Senhor
em seu ventre puro.

62. –Na verdade, é aqui famosa
a virtude de Maria.
Por isso, nela Deus
criou-se como um menino.

66. *6.º* —

Virgem ramo oikobobé,
Maria, kuñangatú,
puruáramo, raé,
tekó poxý oimomburú.

70. *7.º* —

Noipotári, jandé ri,
jandé sumarã puáma,
jandé rekó katuráma
oimeenguká jepí.

74. *8.º* —

Imembýra oár, umuã,
amó putúna resé,
pitangĩ porangeté.
Ixý nasuguý tiruã,
jakuí, nicoári, ñe.

79. *9.º* —

Jesus imembýra réra,
aé jandé pysyrõ.
Sekó omongaturõ
jandé rekó poxý poéra.

*173 83. *10.º* —

Asausú katú potá
xe jarĩ, paí *Iesu*.
Timaenduá katú
xe resé, xe rausubá.

---

66. –Vivendo como virgem,
Maria, mulher santa,
engravidando, embora,
o pecado repeliu.

70. –Não quer que, contra nós,
nosso inimigo se erga,
para a felicidade futura
nos fazer eternamente ter.

74. –Seu filho nasceu, outrora,
certa noite,
como um lindo menininho.
Sua mãe não sangrou absolutamente,
ficou enxuta, realmente virgem.

79. –O nome de seu filho é Jesus,
êle nos salvou.
Sua lei tornou virtuosos
os nossos hábitos antigos.

83. –Eu quero amar muito
o meu senhorzinho, Jesus.
Lembre-se êle
de mim, e me ame.

D 18 TUPANSÝ, SANTA MARIA [1]

*173v 1. Jabaeté paí *Iesu*
jandé sumarã mondýia.
Jandé rausúba katú,
Tupansý, Santa Maria.

Yanderoqui cĩ meme. Veja página 325.

5. Jandé rógui sýi memé
añánga, jandé mombóia.
Tupansý jandé senóia,
oimoasý katú eté.

9. Jandé te japýk umé,
senóia, murú mondýia.
Jandé rausubareté,
Tupansý, Santa Maria.

13. *Iesu* éreme, moxý
sykyjeú oñána úpa.
Tupansý réra rendúpa,
obebé jandé suí.

---

1. O excelso pai Jesus
assusta nosso inimigo.
Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.

5. De nossa casa se aproxima sempre
o diabo, para nos escravizar.
Invocando nós a mãe de Deus,
ela o castiga severamente.

9. Sem nos ferir,
chama, assustando-o, o mau.
Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.

13. Ao invocar-se Jesus, o maldito
foge medroso.
Ouvindo o nome da mãe de Deus,
êle voa de nós.

---

(1) — Ia, LXXVI, cf. D 17, (1).

Que z Maria alegremos. Navarro (2004).

17. *Maria* tiamborý,
añánga rekó rejýia.
Jandé rausúba jepí,
Tupansý, Santa Maria.

Para si mesmo nos arrasta

21. Jandé ánga sumarã
ojoupé jandé ri kýi. r-ekyî
Ixuí jandé rejýi,
jandé rubeté Tupã. Navarro 2004

25. Tupansý moxý oinupã,
imoñána, imoryrýia.
Jandé rausúba katú,
Tupansý, Santa Maria.

*174 29. Jandé momburú, mburú
jandé ánga u potá.
Jaraá jaguára ja, i arara îaguâra îá
jandé rakypoé mboú.

33. *Maria,* paí *Iesu*
erendúpa, osó osýia ?
Jandé rausúba katú,
Tupansý, Santa Maria.

37. Jandé repeñãpeñã, repenhãpenhã
jandé momoxý moánga.
Santa Maria poránga
osenopuãpuã.

audacioso, ágil

---

17. Maria o expulsa,
afastando as leis do demônio.
Ama-nos sempre,
Tupansý, Santa Maria.

21. O inimigo de nossa alma
nos conspurca. (sujar)
Dêle nos afasta Deus,
nosso verdadeiro pai.

25. Nossa Senhora açoita o demônio,
ela o faz correr, o amedronta.
Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.

29. Tentando-nos, o mau
quer devorar nossa alma.
Lampeiro como um jaguar,
segue no nosso rasto.

33. Ó Maria, estás ouvindo?
É Jesus, que se aproxima.
Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.

37. Atacando-nos freqüentemente,
perturba o nosso entendimento.
A bela Santa Maria
ameaça-o insistentemente.

–V. 27 — A rima parece exigir *satã*, não *katú*. A tradução seria : Ama-nos fortemente, cf. VV. 43 e 51.

41. Oirarõ, oimoañã,
satápe moxý, mondýia.
Jandé rausúba katú,
Tupansý, Santa Maria.

tiruntirung tyruntyráng/tiruntirung

45. Ojekotyruntirúng,
oporomoniguepotá.
Tupansý serubú ra,
murú ri opurupurúng.

oporomoinguepotá

49. Ybytú jabé osunúng,
jabaeté suí osýia.
Jandé rausúba katú,
Tupansý, Santa Maria.

---

41. Ela o ataca, o empurra,
assustando-o, ao seu fogo cruel.
Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.

45. Êle arma as suas ciladas,
querendo forçar a entrada.
A mãe de Deus prende o maldito,
assalta o demônio.

49. Zune como o vento,
aproximando-se do arrogante.
Ama-nos muito,
Tupansý, Santa Maria.

-V. 43 — Cf. -V. 27.
-V. 51 — Cf. -V. 27.

E — POESIAS POLILÍNGÜES

E 1 — RECEBIMENTO QUE FIZERAM OS ÍNDIOS DE GUARAPARIM AO PADRE PROVINCIAL MARÇAL BELIARTE

(português-tupi)

RECEBIMENTO QUE FIZERAM OS ÍNDIOS DE GUARAPARIM AO PADRE PROVINCIAL MARÇAL BELIARTE

Guaraparim era uma pequena aldeia à margem do Rio Guaraparim, no Espírito Santo. Em 1585, os jesuítas fundaram residência no alto da embocadura do rio e ali edificaram uma capela dedicada a Sant'Ana. Reformada e aumentada sucessivas vêzes, restaurada, atualmente, pelo Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, a igreja de Guaraparim ostenta-se hoje, a cavaleiro do pôrto, numa pacata cidadezinha, rica de areias monazíticas, quase desconhecida por suas propriedades de estação de cura, e pitoresca por suas reminiscências históricas (1). *A "Fonte dos Padres", onde se abastecem, ainda hoje, as lavadeiras, e as ruínas da igreja começada pelo seu donatário arrematante em princípios do séc. XVII, destinada, sem êxito, a substituir a velha igreja dos jesuítas, são curiosos exemplos disso* (2).

O diálogo que aí se representou por ocasião da visita do Provincial Marçal Beliarte, indicado para substituir Anchieta no cargo, deve datar de entre 1587 e 1594, ou, exatamente, talvez, de 1589 (3).

A peça teria sido iniciada no pôrto, onde se recebeu o Provincial, para prosseguir na igreja, após o percurso, em procissão (4), *do caminho curto que vai ter a ela, e encerrar-se, afinal, com uma dança no páteo fronteiro à mesma* (5).

---

(1) — Fig. 14.

(2) — Figs. 15, 16.

(3) — Marçal Beliarte chegou ao Brasil em 7 de maio de 1587, desembarcando em Pernambuco; tomou posse na Bahia em 1588 e visitou o Espírito Santo em 1589. Entregou o provincialato ao P. Pero Rodrigues em 1594, cf. HCJB, I, 233 e II, 493-495 e NP, § 6.

(4) — E 1, V. 135.

(5) — Fig. 14.

LOCAL — Pôrto de Guaraparim. Caminho do pôrto à igreja. Terreiro fronteiro à mesma (1).

DATA — 1587 (?)

PERSONAGENS — Índio
1.º Diabo
2.º Diabo
Anjo
Meninos

TEMA — No pôrto de Guaraparim o P. Marçal Beliarte é recebido com um discurso de agradecimento pela visita e boas-vindas à aldeia. Na igreja, dois diabos mostram que os habitantes da aldeia são seus adeptos, tornando inútil a visita do Provincial. O Anjo promete guardar o local, expulsa os diabos e um índio quebra-lhes a cabeça. Dançam, em seguida, dez meninos índios.

LÍNGUAS — Portuguêsa e tupi.

(1) — Fig. 14.

E 1

RECEBIMENTO QUE FIZERAM OS ÍNDIOS DE GUARAPARIM AO PADRE PROVINCIAL MARÇAL BELIARTE (1)

I (2)

Um índio, ao desembarcar no pôrto (3):

*21 1. Vinde, pastor desejado,
visitar vosso curral,
pois, por ordem divinal,
para nós sois cá mandado
do reino de Portugal.

6. A majestade real
do Senhor onipotente
ordenou, mui sàbiamente,
que, com peito paternal,
venhais ver tão pobre gente.

11. Vinde ver, pai amoroso,
os filhos que tanto amais,
cuja salvação buscais,
e com peito piadoso
a vida lhes procurais.

---

(1) — Ia, XXI e XXII. Esta peça foi publicada parcialmente em BFF, LI, n.º I, quando, de posse de apenas poucas páginas do caderno de Anchieta, eu supunha que a dança com que termina, única então conhecida, constituísse uma pecinha à parte. Verificando, posteriormente, que era o final de peça maior, parte da qual vim a conhecer, preparei a sua restituição total, com início teòricamente estabelecido sôbre a publicação de PL, p. 92. Finalmente, obtendo os originais do restante, foi possível organizar uma errata do texto preparado, que fôra entregue à RAM, onde teve impressão demorada, não tanto, porém, que se pudesse renovar, antes da composição, o trabalho todo (Cf. RAM, CXIV, 233-251). Esta edição apresenta-o totalmente autenticado pelo autógrafo de Anchieta.

(2) — A divisão das peças do teatro de Anchieta em atos é indicada em Ia, XLV e pode-se observar em Ia, XXXIII e LX.

(3) — Há, do pôrto de Guaraparim à igreja, um caminho não longo, que liga o cemitério, pouco distante da praia, à igreja. É verossímil que fôsse êste mais ou menos o trajeto percorrido, provàvelmente em procissão (cf. V. 135), pelo Provincial, em sua recepção, e explicaria a divisão da peça em partes: um discurso no pôrto, um diálogo na igreja e, afinal, a dança dos meninos índios, que se realizaria no pátio fronteiro a ela (Cf. fig. 14).

16. Por mar e terra passais
trabalhos, por causa nossa,
sem que a caridade vossa,
com que tão aceso estais,
em vós apagar-se possa.

21. Vinde, sábio regedor,
reger os desordenados,
para que, por vós guiados
no caminho do Senhor,
escapemos dos pecados.

26. Estamos desconcertados,
mas vós trazeis o concêrto,
para que nós, mais de perto,
por vós bem encaminhados,
achemos o céu aberto.

31. Vinde, defensor mui forte,
defender os combatidos,
porque não sejam rendidos
da culpa, que causa morte
infernal aos vencidos.

36. Se formos favorecidos
de vós, Padre Beliarte,
seremos, por tôda parte,
seguros e recolhidos
como em forte baluarte.

41. Vinde, Vigário de Cristo,
ao qual quem obedece
ser coroado merece
e com Deus estar benquisto,
que por Senhor reconhece.

46. Com ouvir-vos o bem cresce,
pois sois do rei eternal
loco-tente Provincial,
cuja graça resplandece
em vós, nosso pai Marçal.

-V. 48 — *loco-tente* = lugar-tenente.

*22 51. Esta nossa pobre aldeia,
de Guaraparim chamada,
é deleitosa morada
da Senhora galiléia,
que por sua a tem tomada,

56. para nela ser amada
com inteira devoção,
e de todo coração
ser de todos venerada
sua limpa conceição.

61. Neste tão pobre lugar,
ela mora mui contente,
pois seu filho onipotente
num palheiro quis estar,
nascido mui pobremente.

66. Porque a fé da nossa gente
para Deus é doce leito.
A qual, com amor sujeito,
deseja ser inocente,
deixando o mal por bem feito.

71. Uns são velhos moradores,
outros novos, do sertão,
mas todos, de coração,
desejam ser amadores
da Virgem da Conceição.

76. Porque nela à redenção
obrou seu filho Jesus,
e com sua graça e luz,
nos deu vida e salvação,
sendo morto numa cruz.

81. E, pois, sois tão namorado
dos senhores filho e mãe,
nosso bem nos procurai,
tendo de nós o cuidado
que se espera de tal pai.

86. Esta aldeia conservai,
para que com paz moremos
e, pois já na fé vivemos,
todo remédio nos dai,
com que todos nos salvemos.

Fala agora aos índios :

91. Pejorí
jandé rúba rúra ri
perorýbamo pekuápa.
Peapysýkamo, korí
ko sekóu. Mamó suí
oú, paraná rasápa.

97. Angiré,
tiandé poreausubúme.
Tasesaỹ jandé retáma,
ára momorangañé,
imaenduá sesé
jandé rúba angaturáma.

103. Aé ko paí-guasú
paí *Iesu* rekobiára,
aé tekó moñangára,
aé ko jandé rausú,
aé tekokatú jára.

*23 108. Tosopá tekó angaipába
jandé retáma suí.
Tokañẽ tekó poxý,
Tupã tekó moñangába
timopó memé jepí.

---

91. Vinde
abraçar-vos alegremente
pela chegada de nosso pai.
Tranqüilizando-vos, hoje
aqui está. De longe
veio, atravessando o mar.

97. De agora em diante,
não seremos infelizes.
Quero felicitar nossa terra,
agora venturosíssima,
pois que se lembrou dela
o nosso virtuoso pai.

103. Êste aqui é o sacerdote
que representa o Senhor Jesus,
criador da vida,
nosso amor,
senhor do bem.

108. Seja a maldade expulsa
de nossa terra.
Extirpe-se o mal,
para o espírito de Deus
dominar perenemente.

II

Na igreja fala um diabo contra os brancos :

113. Que padres ora cá vêm
meter-se no meu lugar?
Logo se podem tornar,
que nenhuma medra têm,
pois tudo está a meu mandar.

medra = avanço, aumento, desenvolvimento, ampliação, progresso.

118. Eu, com uma volta dar,
quanto êles têm ganhado,
lhes tenho todo roubado,
e mui muito a seu pesar,
trago tudo d'um bocado . . .

123. E não tenho mais cuidado
para isso executar,
que qualquer branco chamar
dos que tenho a meu mandado
e me servem sem faltar.

128. Porque êstes tais, sem cessar,
revolvem tôdas as casas,
discretos para enganar,
ligeiros para pecar
que parece que têm asas . . .

Outro diabo, contra o primeiro, fala contra os índios :

133. Olhai, ó Cara de Cão!
Quem te fêz o campo franco
para, nesta procissão,
vires dizer mal do branco,
sem nenhuma conclusão?

138. Isso lá
na vila não faltará
quem lho diga muito bem !
Agora tratemos cá
dos que neste lugar há
dos brasis, que amor me têm.

144. 1.º *diabo* — Aaní ! Maíra e
xe ño xe ñeengapyá.
Xe ñeénga rupi ñe,
oikomemoámo memé,
omoñangára rejá.

149. 2.º *diabo* — Añé ipó.
Karaíba amó amó
iangaipá, nde rerobiá,
nde rekó poxý potá,
omoñangára rekó
abyábo, seitýka pa.

155. Apyabaré opakatú !
Ko Guaraparĩ iguára,
*23v xe rekó rupi tekoára,
xe ño xe ñeéng endú,
xe ño semierobiára.

160. Eỹ teñé
abaré Tupã resé
serobág potaraúpa.
Erĩ ! Osaáng jepé,
xe, te, xe rapiareté,
opiápe xe rerúpa.

---

138. –De modo algum ! Os Mair
só obedecem a mim.
Com meus conselhos,
vivem sempre em pecado,
abandonando o seu criador.

149. –Isso é verdade.
Muitos caraíbas
são pecadores, crêem em ti,
gostam da tua perversidade,
transgredindo, rejeitando
tôdas as leis do seu criador.

155. Ó índios !
Os habitantes aqui de Guaraparim,
que vivem conforme os meus princípios,
ouvem apenas as minhas palavras,
confiam ùnicamente em mim.

160. Inùtilmente
o reverendo a Deus
pretende convertê-los.
Ó ! Embora êle se esforce,
a mim, na verdade, obedecem,
trazendo-me em seu coração.

–V. 144 — *Maíra* — tratamento dado aos estrangeiros.
–V. 150 — *karaíba* — nome dado aos brancos.

166. Xe po guýripe arekó
kunumí guasú angaipába,
tuñábae kakuába.
Ojepé jombé añó,
nomoangaipábi ko tába.

171. Naxereroyroĩ guaibĩ.
Kuñã syguarajibóra
aipopoár, ajapitĩ ;
kuñamukú tába póra,
xe pyá pupé añomĩ . . .

176. 1.º *diabo* — Aujé ipó.
Ojepé guasú tiaikó,
angiré, moxý reitýka.
2.º *diabo* — Aujebeté. Tiaisó
óka rupi japypýka
jandé ratápe imombó !

Anjo da aldeia, contra os diabos :

182. Perorý teñé jandú
ko tába, rõ, pepuáma,
Tupã raýra retáma.
Asarõ potakatú,
nitíbi perembiaráma.

---

166. Eu tenho em meu poder
mancebos pecadores,
velhos de muita idade.
Se os deixasse à vontade,
esta aldeia não pecaria.

171. Eu não desprezo as velhas.
As mulheres desonestas
eu manieto, arrasto ;
as moças da aldeia,
guardo em meu coração . . .

176. –Está bem.
Unamo-nos fortemente
para, daqui em diante, agarrar os maus.
–Muito bem. Vamos
passar logo pelas casas
para atirá-los à nossa fogueira !

182. –Alegrai-vos sem motivo
alvoroçando, assim, esta aldeia,
terra dos filhos de Deus.
Eu a guardo muito bem,
não a haveis de prender.

187. Aikobé pemondoárama,
pemoséma . . .
Maẽ ! Ko xe itangapéma
xe pópe ndoikói teñé,
pemombokaõáma e.
Ndoguerobiári moéma
ikó xe rayreté.

194. Angarí,
abaré guasú korí
aroguatá serekóbo
paraná guasú rupi,
peneĩ, taujé pesóbo
ko Guaraparĩ suí !

200. Ogúba resé añó
apyába ñemboryrý.
Pekoá, peñána ! Pesýi !
Peñemongatú mamó
xe suí. Nopoapýi . . .

205. 2.º *diabo* — Akaigué !
Arekó potarangá
ko tába xe pópe ñe !
Anjo — Ekoá ke suí taujé !
*24 2.º *diabo* — Tasóne, xe abangá,
nde abaité katú supé !

---

187. Vivo vos despedindo,
vos expulsando . . .
Olhai ! Esta minha tangapema
não está em minha mão a toa,
ela vos destroçará um dia.
Não acreditam mentiras
os meus leais filhos daqui.

194. Portanto,
hoje que o superior
anda em minha companhia
ao longo do mar,
eia, ide-vos de uma vez
aqui de Guaraparim !

200. Apenas por seu pai
o gentio se afervora.
Fora, correndo ! Afastai-vos !
Ide para bem longe
de mim. Não tenho as mãos muito
[leves . . .

205. –Ai !
Eu queria ter
esta aldeia inteiramente em meu poder !
–Vai-te daqui depressa !
–Irei. Estou sem ânimo,
de tanto mêdo de ti !

Vai-se o diabo e daí a um pedaço torna, e diz :

211. Ko aikó, ajuribé
xe rorýba mombeguábo.
Asó ñe moropeábo,
tekó poxý pupé ñe
apyába mondekatuábo . . .

216. Eỹ teñé xe angaguábo
abaré ;
xe mondó potá teñé
xe rekoatýba suí.
Erĩ ! Xe rembiá memé
ko tabiguára resé
paí Tupã resará ndi.

223. Osykýi byté pajé
Karuára.
Ndopábi moropotára,
tesaynána, marã e,
mondarõ, moéma abé.
Setá ñe xe rausupára,
ko Guaraparĩ pupé.

Vem um índio com uma espada embagada contra êle :

230. *Índio* — Teté marã ejábo mã !
Nde juraraguaí eikóbo,
ko xe rúri nde mondóbo.
Eremoyrõ paí Tupã,
ikó tába rapekóbo.

---

211. –Aqui estou, vim de novo
declarar minha alegria.
Enquanto vou me afastando,
meto gentio
no mal . . .

216. Debalde me censura
o padre ;
inùtilmente quer me expulsar
de minha moradia.
Ó ! Prenderei sempre
êstes habitantes da aldeia
esquecidos de Deus.

223. Respeitam ainda o pajé
Caruara.
Não têm fim os desonestos,
dissolutos, caluniadores,
ladrões e mexeriqueiros.
Êles todos são meus amigos,
aqui em Guaraparim.

230. –Verdadeiro absurdo estás dizendo !
Sendo tu um mentiroso,
aqui estou para te expulsar.
Irritaste o senhor Deus,
voltando a esta aldeia.

–V. 224 — *Karuára* — literalmente, "Comedor".

235. Nandeamotaretéi.
Xe anáma tapijára,
ojojá ybytyriguára,
nandererobyaribéi,
nitíbi nde rausupára.

240. Kueseñeỹ, Tupansý
nde reytýki, nde peábo,
aé xe mboú korí.
Ko aikó nde akánga kábo
nde jerobyára suí . . .

245. Neĩ ! Ejemosakói,
tajopúne, marandoéra !

Quebra-lhe a cabeça :

Te ! ajuká Makaxéra,
omanongatú moxý.
"Añangupiára" xe réra !

O meu nome é

III

DANÇA DE DEZ MENINOS

*24v 250. *1.º* — Xe retáma moorýpa,
erejú xe rubigué !
Xe abé, nde robaké
ajú, uijemborymborýpa.

---

235. Eu não te estimo.
Meus parentes tapejaras,
como os habitantes da serra,
não acreditam em ti,
não são nada teus amigos.

240. Como, outrora, a mãe de Deus
esmagou-te, repelindo-te,
assim me mandou vir hoje.
Aqui estou para rachar-te a cabeça
pela tua arrogância.

245. Vamos ! Defende-te !
vou te ferir, caluniador !
Pronto, matei Macachera,
extinguiu-se o mal.
Eu sou "Anhangupiara" !

250. Alegrando minha terra,
vieste ao meu encontro !
Também eu à tua presença
compareço festivamente.

-V. 249 — Literalmente "Inimigo do Demônio". Cf. E 2 a, -V. 533.

254. *2.º* —

Ko xe anáma rúri pa
nde rapépe, nde repiáka.
Xe abé, xe mojeguáka,
nde moorykatú potá.

258. *3.º* —

Tapuý pepýra guábo,
xe ramũia poraséi ;
xe Tupã rekó ajuséi,
xe rúba rekó peábo.

262. *4.º* —

Xe rúba, xe moñangára,
nde rausú xe irúmo be.
Endé te, xe rubeté,
paí *Iesu* rekobiára.

266. *5.º* —

Koí, ko tába rerúpa,
oroikokatú beĩ.
Serapuã Guaraparĩ,
tupã-óka rerokúpa !

270. *6.º* —

Guaraparĩ serumuána
oroitýk potá ixuí.
Santa Maria koí
iporáng imoerapuána.

274. *7.º* —

Tupansý morausubára
oré ánga oipysyrõ ;
nde abé ereipytybõ,
oré ánga mboesára.

---

254. O meu povo veio aqui
ao teu encontro, para te ver.
Eu também, enfeitando-me,
quero homenagear-te.

258. Devorando um banquete de escravos,
dançam os meus avós ;
faminto das leis de Deus,
abjuro as de meus pais.

262. Ó meu pai, criador meu,
meus amigos amam-te também.
A ti também, meu alto pai,
representante de Jesus.

266. Hoje, estando tu nesta aldeia,
sentimo-nos mais felizes.
Bendita és, Guaraparim,
tu que possuis uma igreja !

270. A má fama de Guaraparim
dela vamos expulsar.
Santa Maria é agora
sua bela padroeira.

274. A compassiva mãe de Deus
protege nossa alma ;
e tu a confortas,
nosso mestre espiritual.

278. *8.º* —

Pecado amotareýma,
asausú paí *Iesu*.
Taxepytybongatú
opyá pupé xe míma !

282. *9.º* —

Esejyukarumé
iké suí xe retáma.
Toikó pabẽ xe anáma
Tupána rekó resé.

286. *10.º* —

Jorí, paí Marasá,
ikó tába mongatuábo,
paí *Iesu* mongetábo
ixupé sausubuká.

---

278. Já não quero o pecado,
amo a Jesus.
Agasalhe-me êle
em seu coração !

282. Não o vás apartar
desta minha terra.
Vivam todos os meus
segundo as leis de Deus.

286. Vem, ó P. Marçal,
abençoar esta aldeia,
e suplica ao bom Jesus
que a ensine a amá-lo.

-V. 286 — *Marasá* — adaptação tupi do português "Marçal".

E 2

a) NA FESTA DE SÃO LOURENÇO (*castelhano - tupi - português*)

b) NA FESTA DO NATAL (*tupi - castelhano - português*)

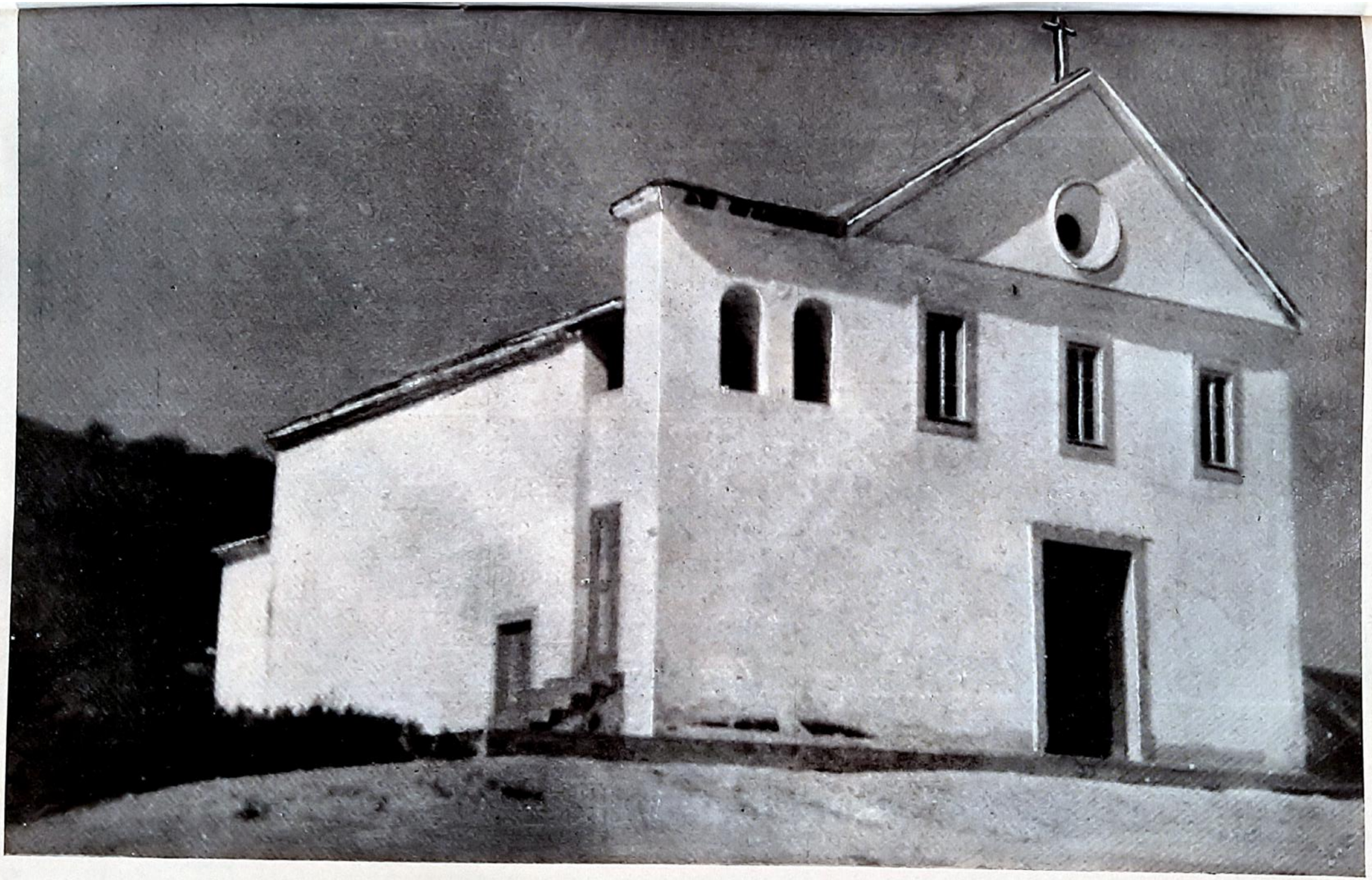


Fig. 17

A Capela de São Lourenço, no morro do mesmo nome, em Niterói.

NA FESTA DE SÃO LOURENÇO

Entre os sucessos ocorridos até 1583, Simão de Vasconcelos inclui uma célebre representação que, com grande pompa, se teria feito num dia de São Lourenço (1) *em que foi milagrosamente suspensa, por Anchieta, durante várias horas, a chuva que ameaçava cair* (2). *Essa representação teria tido lugar no terreiro da Capela de São Lourenço, no morro do mesmo nome, em Niterói* (3).

"Na festa de São Lourenço" é a mais longa e rica peça do caderno de Anchieta. Tanto a extensão de seu texto, quanto o aparato literário e técnico, de que se reveste (4), *explicam o êxito a ela atribuído, justificam uma sua adaptação reduzida* (5) *e atraem, ainda hoje, a atenção dos estudiosos da história e da língua nacional.*

Escrita em português, castelhano e tupi, reflete o amálgama social da época. Contém curiosas informações etnográficas. Regista nomes de localidades e episódios contemporâneos pouco documentados — gira em tôrno dos ataques dos tamoios, aliados dos franceses, ao Rio de Janeiro.

Sobretudo, porém, torna-a especialmente interessante o fato de apresentar uma grande parte em língua tupi. Constitui mesmo, para a lingüística americana, um documento precioso — o mais longo documento de tupi da costa até agora conhecido e efetivamente praticado em fins do séc. XVI.

(1) — 10 de agôsto.
(2) — VJA, 65-66.
(3) — Fig. 17.
(4) — Cf. BMP 1, 7-15.
(5) — Cf. E 2 b.

LOCAL — Terreiro da Capela de São Lourenço, no Morro de São Lourenço, em Niterói (1).

DATA — 10 de agôsto de 1583 ou ano pouco anterior.

PERSONAGENS — Guaixará, rei dos diabos

Aimbiré, Saravaia } criados de Guaixará

Tataurana, Urubu, Jaguaruçu, Caborê } companheiros dos diabos

Décio, Valeriano } imperadores romanos

São Sebastião — padroeiro do Rio de Janeiro

São Lourenço — padroeiro da Aldeia de São Lourenço

Velha

Anjo

Temor de Deus

Amor de Deus

Cativos, acompanhantes

TEMA — Após a cena do martírio de São Lourenço, Guaixará chama Aimbirê e Saravaia para o ajudarem a perverter a aldeia. São Lourenço a defende, São Sebastião os prende. Um anjo manda-os afogarem Décio e Valeriano. Quatro companheiros acorrem para auxiliar os demônios. Os imperadores recordam façanhas, quando Aimbirê se aproxima. O calor que se desprende dêle abrasa os imperadores, que suplicam a morte. O Anjo, o Amor e o Temor de Deus aconselham caridade, contrição e confiança em São Lourenço. Faz-se o entêrro do Santo. Meninos índios dançam.

ATOS — 1.º) Cena do martírio de São Lourenço. Cantam (castelhano).

2.º) Diálogo entre diabos e santos. Luta. Os diabos são vencidos e aprisionados. Uma cantiga encerra o ato (tupi).

3.º) A cena passa-se diante do corpo de São Lourenço. Os diabos atacam os imperadores, que são mortos (tupi-castelhano).

4.º) Entêrro de São Lourenço. Discursos catequéticos (português-castelhano).

5.º) Dança indígena.

LÍNGUAS — Tupi, castelhana e portuguêsa.

(1) — Fig. 17.

E 2 a

NA FESTA DE SÃO LOURENÇO (1)

1.º ATO

(Enquanto se representa o martírio de São Lourenço, cantam (2):

*95 1. Por Iesú, mi salvador,
que muere por mis mancillas,
me aso en estas parrillas,
con fuego de su amor.

*95v 5. Buen Iesú, cuando te veo
en la cruz, por mí llagado,
yo, por ti vivo quemado,
mil veces morir deseo.

9. Pues tu sangre redentor
lavó todas mis mancillas,
arda yo en estas parrillas,
con fuego de tu amor.

13. El fuego del fuerte amor
¡ oh mi Dios !, con que me amas,
más me quema que las flamas
y brasas, con su calor.

17. Pues tu amor, por mi amor
hizo tantas maravillas,
muera yo en estas parrillas,
por el tuyo, mi Señor.

(1) — Ia, XLIII e XLVI. Publicada em BMP 1, 1-93.

(2) — Sôbre a adoção da peça XLVI como 1.º ato de "Na festa de S. Lourenço", bem como sôbre a divisão da peça em atos, cf. BMP1, 20, G.

2.º ATO

*60 *No 2.º ato entram três diabos, que querem destruir a aldeia com pecados, aos quais resistem São Lourenço e São Sebastião e o Anjo da Guarda, livrando a aldeia e prendendo os diabos, cujos nomes são: Guaixará, que é o rei; Aimbirê e Saravaia, seus criados.*

21. *Guaixará* —
Xe moajú marangatú,
xe moyrõetekatuábo
aipó tekó pysasú.
Abá serã oguerú,
xe retáma momoxyábo?

26.
Xe añó
ko tába pupé aikó
serekoáramo uitekóbo,
xe rekó rupi imoingóbo.
Kué suí asó mamó
amó tába rapekóbo.

*60v 32.
Abá, serã, xe jabé?
Ixé serobiaripýra,
xe añangusú mixýra,
Guaixará serímbae, Serybá'e
kuépe imoerapoanimbýra.

---

21. Molestam-me os virtuosos,
irritando-me muitíssimo
os seus novos hábitos.
Quem os terá trazido,
para prejudicar a minha terra?

26. Eu sòmente
nesta aldeia estou
como seu guardião,
fazendo-a seguir minhas leis.
Daqui vou longe
visitar outras aldeias.

32. Quem, como eu?
Eu sou conceituado,
sou o diabão assado,
Guaixará chamado,
por aí afamado.

-V. 27 — *ko tába pupé* — *nesta aldeia*, a de São Lourenço, parte da atual cidade de Niterói.

-V. 35 — *Guaixará* — Referência ao herói tamoio que, em julho de 1566, tomou parte no ataque dos tamoios de Cabo Frio, aliados dos franceses, contra os portuguêses de São Sebastião. Tendo-se ateado fogo a uma das canoas tamoias, a mulher de Guaixará pôs-se a gritar que o incêndio era ardil dos portuguêses para abrasar todos os índios. Os tamoios fugiram. Os portuguêses atribuíram o fato a milagre de São Sebastião, que teria sido visto combatendo. Em janeiro de 1567, Guaixará tornou a atacar Araribóia, em São Lourenço. Auxiliado pelos portuguêses, Araribóia o surpreendeu e venceu.

37. Xe rekó iporangeté.
Naipotári abá seytýka,
naipotári abá imombýka.
Aipotakatú teñé
opabĩ tába mondýka.

42. Mbaé eté kaú guasú
kauĩ mojebyjebýra.
Aipó sausukatupýra.
Aipó añé jamombeú,
aipó imomorangimbýra !

47. Serapoã ko mosakára
ikauinguasúbae.
Kauĩ mboapyareté,
aé maramoñangára,
marána potá memé.

mboapyar-esgotar?
ver verso 262.

---

37. Meu sistema é agradável.
Não quero que seja constrangido,
nem abolido.
Pretendo
alvoroçar as tabas tôdas.

42. Boa cousa é beber
até vomitar cauim.
Isso é apreciadíssimo.
Isso se recomenda,
isso é admirável !

47. São aqui conceituados os moçacaras — Liberais (No vocabulário na Língua Brasílica)
beberrões.
Quem bebe até esgotar-se o cauim,
êsse é valente,
ansioso por lutar.

-V. 43 — *kaui* — *cauim*, bebida constituída por um líquido espêsso, obtido pela fermentação da mandioca, milho, caju, abacaxi e outras frutas mastigadas especialmente pelas velhas (cf. V. 80). Convencer o índio da inconveniência de seu uso foi um dos grandes obstáculos da catequese, pois o cauim era ingerido como alimento, consagrava ocasiões solenes e vitórias de guerra. Pelo que se deduz do auto, media também a resistência do guerreiro (cf. -V. 48).

-V. 47 — *mosakára* — *moçacaras*, índios de maior prestígio na tribo. (cf. -V388).

-V. 48 — O testemunho de Anchieta parece acrescentar ao hábito do desafio oratório, o de os índios competirem na capacidade de beber. Cf. VV. 42-43.

52. Moraséia e ikatú,
jeguáka, jemopiránga,
samongý, jetymanguánga,
jemoúna, petymbú,
karaí moñamoñánga . . .

*61 57. Jemoyrõ, morapití,
joú, tapúia rára,
aguasá, moropotára,
mañána, syguarajý
— naipotári abá sejára.

62. Angarí
ajosúb abá kotý,
taxererobiár, ujábo. - guijábo (uyabo)
Oú teñé xe peábo
"abaré" jába, korí,
Tupã rekó mombeguábo.

---

52. É bom dançar,
adornar-se, tingir-se de vermelho,
empenar o corpo, pintar as pernas,
fazer-se negro, fumar,
curandeirar . . .

57. De enfurecer-se, andar matando,
comer um ao outro, prender tapuias,
amancebar-se, ser desonesto,
espião, adúltero
— não quero que o gentio deixe.

62. Para isso
convivo com os índios,
induzindo-os a acreditarem em mim.
Vêm inùtilmente afastar-me
os tais "padres", agora,
apregoando a lei de Deus.

–V. 52 — *Moraséia — dançar*, divertimento e instituição de caráter religioso, figura em várias solenidades oficiais da tribo.

–V. 53 — *jeguáka — adornar-se*. O adôrno habitual do índio consistia em pinturas e, principalmente, riscas (VLB, 343). Para incluir-se numa série de vícios, seria preciso considerar essa pintura como símbolo, talvez, de disposições bélicas, ou prenúncio de festins antropófagos.

jemopiránga — fazer-se vermelho, ornamentação obtida, em geral, com tinta de urucu. Hoene atribui a designação "pele-vermelha", dada aos indígenas americanos, a seu emprêgo generalizado (DES, 229).

–V. 54 — *samongy — empenar o corpo*, processo de ornamentação empregada para a dança, na iniciação do vinho, nos enterramentos e nas cerimônias de morte dos prisioneiros. Consiste em distribuir penugem de pequenos pássaros pela pele, fixando-a com mel, cera ou resina. Podia ser substituída por serragem ou cascas de ovos pulverizadas e coloridas (CM, 128).

jetymanguánga — pintar as pernas, com urucu, por adôrno ou remédio (VLB, 420).

–V· 55 — *Jemoúna — fazer-se negro*, ornamentação obtida com tinta de jeninpapo, fuligem ou resina carbonizada e pulverizada. Empregava-se em tatuagens indeléveis, ou, como ornato, superficialmente, conservando-se, então, por um período curto de dias.

petymbú — fumar. Foram os americanos que ensinaram à Europa o uso do tabaco (*pety*), sorvido em canudos de osso ou de palmeira. A novidade generalizou-se, apesar das restrições, que lhe foram, desde logo, impostas.

–V. 56 — *karaí moñánga — curandeirar*. Refere-se às freqüentes práticas de exorcismos, insistentemente combatidas pelos jesuítas e exercidas, apesar disso, pelas velhas e pajés.

–V. 58 — *tapúia — tapuias*, nome por que designavam os índios estranhos à grande família tupi-guarani. Tem sido traduzido como "inimigo", "rústico", mas o sentido, que se deprende de seu emprêgo nos textos tupis, é o de "escravizável". Anchieta diz que significa "escravo" e que se emprega para as nações com quem os indígenas têm guerra (CI, 74, 302). Trata-se, de fato, de contrários escravizáveis, isto é, que vencidos na guerra seriam legitimamente escravizados. Cf. *tapúia* (E 2 b, V. 192) ; *tapuipéra* (E 2 b, V. 305), equivalente a *miausúba* (escrava).

68. Oikobé
xe pytybõanameté,
xe pýri marã tekoára,
xe yrúnamo okáibae :
tubixakatú Aimbiré,
apiába moangaipapára.

Senta-se numa cadeira e vem uma velha a chorá-lo, e êle ajuda-a, como fazem os índios, e ela, depois de o chorar, achando-se enganada, diz (3) *:*

*61v 74. Ju, añánga pikó ri !
Xe moajú te inéma mã !
Xe menduéra ipó reĩ
– Pirakaẽ amirĩ ! –,
aé ko ixupé biã . . .

Fala com êle :

79. Nde poxý, uĩ ! Ndereuí – xo ! –
korí xe reminduúne !
Xe ñõ aupakatúne.
Kuesebé, nakó, ayrúmo . . .
Tasóne, gui ! Takaúne !

e foge.

---

68. Aqui está
meu ajudante-mor,
meu colaborador,
queimado como eu :
o grande chefe Aimbirê,
pervertedor dos homens.

74. –Ó, o diabo !
Como me enjoa o seu mau cheiro !
Se vivesse o meu marido
– pobre Piracaẽ ! –
eu diria isso a êle . . .

79. Irra, tu és mau ! Não beberás
hoje do que eu mastiguei !
Beberei tudo eu só.
Há dias já que o estou juntando . . .
Irei, aí ! Irei beber !

–V. 72 — *Aimbirê* — chefe tamoio. Sabendo encontrarem-se, Nóbrega e Anchieta, em Iperoig, para ali se dirigiu, disposto a matá-los. Aliado dos franceses e sogro de um dêles, seu ódio aos portuguêses fundava-se, sobretudo, na traição de que fôra vítima, sendo aprisionado a bordo de um navio, donde conseguira fugir a nado, apesar das correntes, que lhe pesavam aos pés. Anchieta descreve-o "alto, sêco, de catadura triste e carregada" (CI, 206). Cf. –V. 598.

(3) — Não figurando mulheres no teatro catequético, o papel da velha seria representado por um homem caracterizado. A saudação lacrimosa era típica da hospitalidade indígena. Cf. –V. 10.

–V. 76 — *menduéra* — literalmente "ex-marido" (cf. *mendéra*, TP, 37).

–V. 77 — *Pirakae* — *Piracae*, literalmente "Peixe-assado", deve referir-se a algum personagem celebradoras lutas entre franceses e portuguêses, no período de Mem de Sá. Cf. Guaixará, Aimbirê, Cururupeba. –VV. 35, 72 e 1097).

–V. 80 — Cf. –V. 43.

–V. 83 — Atribuem-se às velhas índias hábitos deselegantes, entre os quais o abuso de bebida. Cf. - VV. 123, 322, 527.

Chama Guaixará (4) *a*
Aimbirê e diz :

84. To ! Mamópe añé rekóu ?
Ereké pipó ejúpa ?
Aimbirê — Erimaé. Tába súpa,
ybytýripe xe sóu
jandé bojá rerosúpa.

89. Sorykatú xe repiáka,
xe ajubã, xe mombytábo,
koára pukúi okaguábo,
oporaséia, ojeguáka,
Tupã rekó momburuábo.

*62 94. Te, xe resemõ torýba.
Sekó poxý repiakápe,
xe apysykatú sekoápe.
Opabĩ tekó aíba
mondébi katú opyápe.

99. *Guaixará* — Ndaeteé,
nde ratangatú resé
uijekóka, uijerobiá.
Jorí, esenõi, angá,
kueibõ nde remimoaujé.
Abápe eremoangaipá ?

---

84. – Eh ! Onde está êle ?
Estavas dormindo ?
– Não. Visitando as tabas,
à serra eu fui
para estar com nossos súditos.

89. Regozijaram-se ao me ver,
abraçando-me, hospedando-me,
bebendo o dia inteiro,
dançando, adornando-se,
desacatando as leis de Deus.

94. Em resumo, fiquei muito alegre.
Ao ver os seus maus costumes,
tranqüilizei-me.
Todos os vícios
êles abrigam em seu coração.

99. – Por isso mesmo,
em teu grande prestígio
eu me apóio, eu confio.
Vem, dize o nome
dos que por lá cativaste.
Corrompeste a quem ?

---

(4) — Cf. Ia, XLIII, (3).

–V. 87 — *ybytyr — serra.* A região determinada pelos topônimos do texto parece indicar a dos Órgãos (cf. fig. 18), mas o emprêgo da mesma expressão em outros passos do autor (cf. TT, 67, VV. 18, 22 ; e 170, V. 61) e no próprio E 2 b (V. 57), dá a impressão de se designarem por *ybytyr* lugares longínquos, não atingidos pela civilização, em virtude, talvez, de serem montanhosos e, portanto, menos accessíveis.

–V. 90 — *mombytábo — hospedando.* Tradicionalmente hospitaleiros, os índios recebiam o hóspede com uma saudação lacrimosa, em que recordavam, chorando, as dificuldades que teria sofrido no caminho. Seguia-se refeição alegre e palestra com o principal, travando-se, assim, relações amistosas.

105. *Aimbirê* — Marataoáme tekoára
oguerobiá xe ñeénga.
Opá ypaúme ndoára,
opá Paraibiguára
xe pópe oánga meénga.

110. Kueisé, rakó, amó kañémi,
ogueýpa Magueápe
abaré oguerasoápe.
Nasausúbi iñeguasémi,
tupí súpa xe rekoápe.

115. Aeré,
opytábae resé,
*62v abaré rekoaúbi
iké serú potañé.
Erĩ, aáni ! Amorambué.
Opá xe ñeengendúbi . . .

---

105. – Os que moram em Marataiã
acreditaram em minhas palavras.
Todos os que vivem na ilha,
todos os paraibiguaras
entregaram em minhas mãos as suas
[almas.

110. Perdi alguns, é verdade,
que foram a Magueá
com os missionários.
Não gosto que escapem
tupis de sob o meu poder.

115. Depois,
para os que ficaram,
os padres mentiras
quiseram aqui trazer.
Não vê ! Eu os impedi.
Todos ouviram as minhas palavras . . .

–V. 105 — *Marataoã* — *Marataiã*, provàvelmente o riacho do Rio de Janeiro, afluente do Rio São João, pelo qual se exportava grande quantidade de madeira (CB, II, 8).

–V. 107 — *ypau* — *ilha*, deve referir-se à atual Ilha do Governador, então chamada "Ilha do Gato" (*Ybykuí* pelos nativos, cf. VLB, 261) e habitada, durante algum tempo, por fôrças francesas. Cf. –V. 598.

–V. 108 — *Paraibiguára* — *paraibiguaras*, literalmente "habitantes do Paraíba", podendo-se entender Paraíba do Norte e do Sul, pois neste habitavam tamoios (cf. –V. 152), que Léry chama "Paraibas" (VTB, 70), e naquele potiguaras, ambos aliados dos franceses. Até 1584, a região do Paraíba do Norte resistiu aos esforços da catequese (CI, 306, 313). Do Rio São Francisco para o norte estendiam-se, acompanhando a costa, os caetês, que haviam aprisionado D. Pero Fernandes Sardinha e sua comitiva, pelo que, em 1562, Mem de Sá os declarara escravos. Valendo-se do decreto oficial, os portuguêses cometeram atentados contra o gentio, que se internou pelo sertão, deixando despovoadas as terras, que lhe pertenciam, e onde os franceses se abasteciam de pau-brasil. Em 1584 a região do Paraíba do Norte era a única onde ainda êles se conservavam (CI, 312).

–V. 111 — *Magueá* — *Magueá*, talvez Mauá, grafado "Maguá" em Araújo (MH,II, 68) ou *Magé*, cf. Magués, Maguases, Maués (HCJB, IV, 303). Cf. V. 124.

–V. 114 — *tupí* — tupis, habitantes do litoral de São Vicente, aliados dos portuguêses.

121. *Guaixará* — Mosángape ereipurú
tureymaoáma ri?
Aimbirê — Tapúipe guaibĩ arú
amõ Magueá suí . . .
Aéreme aputuú.

126. Aé, rakó, iangaipá.
Ojemopajepajébo,
apiába mboemboébo,
Tupána rekó rejá,
xe ño xe mombaetébo.

131. Tapúipe poxý mborýpa,
tupotareỹ iké.
Oporaséi pysaré,
ojemopajeangaípa
tatápe osó janondé.

136. *Guaixará* — Erĩ, aujé.
Xe moorykatú jepé,
inã tekó mombeguábo.
Aimbirê — Ajepýk añé sesé,
ianáma katú, riré,
xe rembiáramo ipeábo . . .

---

121. – De que recurso usaste
para que não viessem?
– Trouxe aos tapuias as velhas
lá de Magueá . . .
E fiquei descansado.

126. Elas são, de fato, más.
Exorcizando,
industriando os homens,
êles abandonaram as leis de Deus,
estimando a mim sòmente.

131. Para folgarem, os cruéis tapuias
não quiseram vir aqui.
Dançaram a noite inteira,
fazendo feitiçarias
antes de irem para o inferno.

136. – Bem, basta.
Alegraste-me,
declarando tais fatos.
– Valer-me-ei disso,
depois, para seus parentes
como prêsas arrastar . . .

–V. 123 — *guaibi — velhas*, às quais competiam obrigações pouco simpáticas: fabricar venenos, fazer feitiçarias, agravar prisioneiros, etc. Autores contemporâneos descrevem-nas cruéis, sangüinárias e impertinentes. O próprio Anchieta conta que, para castigar com mais crueldade um cristão aprisionado, os índios encarregaram de sua morte as velhas (CI, 203). Cf. VV. 126-135.

–V. 124 — *Magueá* — Cf. -V. 111.

*63 142. Maéne, tupinambá
Paraguasúpe ndaroéra,
íTupã osýbae puéra,
opakatú jamombá.
Nitibetái sembyroéra . . .

Nitibetei

147. Jaúpa Mosupyróka,
Jekeý, Guatapytýba,
Ñeterõia, Paraíba,
Guajajó, Karijó óka,
Pakukáia, Arasatýba.

veja versos 598-602

---

142. Olha, os tupinambás
que moravam em Paraguaçu,
afastados de seu Deus,
nós os perdemos a todos.
Já não há nem traço dêles . . .

147. Infestamos Moçupiroca,
Jequeí, Guatapitiba,
Niterói, o Paraíba,
Guajajó, Carijó-oca,
Pacucaia, Araçatiba.

-V. 142 — *tupinambá — tupinambás.* Às margens do Paraguaçu, rio da Baía de Todos os Santos, havia aldeias tupinambás muito temidas. Junto delas encontravam refúgio e apoio os escravos fugidos. Solicitados por Mem de Sá, os tupinambás responderam apreendendo um barco português carregado de escravaria negra. O governador enviou contra êles Vasco Rodrigues Caldas e atacou-os, depois, pessoalmente, sendo mortos muitos, aprisionados outros e queimadas as suas aldeias (C, 162 e 170 ; CI, 303). Quando, em 1562, Mem de Sá declarou escravos os caetês e seus parentes (cf. -V. 108), o gentio de Paraguaçu, cruzado, em parte, com êles, abandonou a terra, internando-se pelo sertão. Note-se que desde 1504 os franceses realizavam no pôrto de Paraguaçu transações comerciais de pau-brasil.

-V. 144 — *íTupã — seu Deus.* O -T- resulta da anteposição do possessivo tupi ao substantivo próprio, que determina (*i-Tupã*). Cf. V. 160, E 2 b, V. 129.

-V. 148 — *Jekey, Guatapytyba — Jequeí, Guatapitiba,* designações registadas para Cabo Frio, referentes, talvez, a dois pontos do local (VLB, 138).

-V. 149 — *Ñeterõia — Niterói,* nome dado pelos tamoios à Baía de Guanabara (BRJ, 18).

Paraíba — Pela posição entre os demais topônimos, parece referir-se ao Paraíba do Sul. Cf. -V. 108 e fig. 18.

-V. 150 — *Guajajó — Guajajó,* a ilha de São Vicente, onde os franceses fizeram algumas incursões (NB, I, 213). *Karijó-óka* — literalmente "a" ou "as aldeias dos carijós", índios que habitavam a costa do sul de São Vicente, penetrando pelo sertão, através do Paraguai, indicaria uma ou mais aldeias espalhadas além de Guajajó, no litoral e pelo interior. O conjunto do texto faz ligar, entretanto, a expressão Karijó-óka a "Carioca", nome por que se designou, no Rio de Janeiro, o trecho compreendido entre a Praia do Botafogo e o Catete. O nome provinha do de um riacho ali existente. Na foz do Carioca estabelecera-se a aldeia de Uruçumirim (Cf. -V. 518). Léry menciona nesse lugar uma aldeia "Carioca", cujo nome corresponderia a "Carios óka" (VTB, 255 e 94/95). Interpretou-se "Carios", como nome de antigo povo asiático. Mas não se trataria de "Cariós", isto é, "Carijós", sendo "Carioca" uma aldeia dêsses carijós, que Anchieta refere espalhados "por tôda parte"? (CI, 47).

598 ?

-V. 151 — *Pakukáia — Pacucaia,* localidade do Rio de Janeiro, atual Conceição. O nome aparece em diferentes autores e mapas com as variantes "Pacucaia", Paquequaia", "Papucaia".

Arasatyba — Araçatiba, nome de várias localidades. Parece tratar-se de aldeia próxima de São Lourenço e desde cedo abandonada (MHD, 174 e 349), talvez a mesma que Léry cita entre as maiores da Guanabara, no interior da terra (VTB, 255).

152. Opaumã tamúia sóu
okáia tatápe oúpa.
Mokoñó, Tupã rausúpa,
ko tába pupé sekóu
ojepysyrómo okúpa.

157. Ko temiminó poxý
jandé rekó ogueroyrõ . . .
Guaixará — Ejorí saánga, rõ,
toTupãñeengábi,
tokaú, tomondarõ,

162. toporepeñã oikóbo,
toipurú tekó poxý,
tosó ko tába suí.
Ejorí murú moingóbo
jandé ñeénga rupi !

*63v 167. *Aimbirê* — Jabái xébo saánga.
Serekoára jabaeté
xe mondýia.
Guaixará — Abápa e?
Aimbirê — *Lourenço Santo* poránga,
Tupã pýri oikóbae.

vive que, aquele que

152. Todos os tamoios foram
jazer queimando no inferno.
Apenas alguns, amando a Deus,
vivem nesta aldeia
permanentemente amparados.

157. Êstes temiminós malvados
detestam as nossas leis . . .
– Vem tentá-los, então,
para que blasfemem,
bebam, roubem,

162. vivam provocando lutas,
cometam pecados,
afastem-se desta aldeia.
Vem induzi-los
em nossos princípios !

167. – É-me difícil tentá-los.
Seu valente guardião
amedronta-me.
– Quem?
– O virtuoso São Lourenço,
que vive junto de Deus.

–V. 152 — *tamúia* — *tamoios*, índios do Rio de Janeiro, que habitavam a costa, do Cabo Frio até além do Parati. Aliados dos franceses, sua hostilidade contra os portuguêses provinha, principalmente, de serem êstes aliados dos tupis, seus inimigos, e da lembrança dos maus tratos e traições, de que tinham sido vítimas. Quando o governador Antônio de Salema os derrotou no Cabo Frio, em 1575, concedeu a alguns liberdade de ficarem em São Lourenço e São Barnabé, sob a jurisdição dos jesuítas.

–V. 157 — *temiminó* — *temiminós*, tribos do Espírito Santo, inimigas dos tamoios. O verso deve referir-se aos temiminós de São Lourenço, índios de Araribóia, para ali transferidos e aldeiados.

–V. 160 — *toTupãñeengábi* — *para que êles blasfemem* : *to* (partícula verbal) + *Tupã* + *ñeegábi*. Cf. –V. 144.

–V. 164 — Uma das mais sérias dificuldades contra as quais tiveram os jesuítas de lutar foi o nomadismo das tribos, que êles tentaram fixar em aldeias, sem conseguir evitar que as despovoassem pouco depois, fugindo, às vêzes, a ataques inimigos ou a decretos oficiais. Cf. –V. 415.

172. *Guaixará* — Umã? Akó Rorẽ kaẽ,
jandé rapixá mixýra?
Aimbirê — Aekó.
Guaixará — — Nde putuẽ.
Nasatangatúi Maíra!
Koribé timokañẽ...

177. Ixé aé sapysaroéra
sekobé abé resý.
Aimbirê — Ndeiteé, ipó, koí
opá nde rausuparoéra
pysyrómo nde suí...

182. Imarã yrũ abé
Bastião – uuboroéra.
Guaixará — Akó xe remibombuéra?
Erĩ! Xe rorý sesé.
Tojepũ xe maranduéra!

*64 187. Mokõibé osýi korí
xe repiáka rupi béne.
Aimbirê — Namoángi. Nde moaujéne.
Guaixará — Ejerobiaté xe ri!
Amondýi, korí nonéne!

---

172. – Qual? Aquêle Lourenço queimado,
assado como nós?
– Êsse mesmo.
– Descansa.
Não sou um Mair covarde!
Agora mesmo o afugentaremos...

177. Fui eu quem o queimou
e assou em vida.
– É por isso, de certo, que agora
todos os que te amavam
êle libertou de ti...

182. Seu companheiro de luta também
– Bastião –, que foi crivado de flechas.
– O que eu flechei?
Olá! Alegro-me com isso.
Recrudesça a minha insolência antiga!

187. Ambos fugirão logo
que me virem.
– Não creio. Vencer-te-ão.
– Confia em mim!
Causarei mêdo eu também!

–V. 172 — *Rorẽ* — *Lourenço*, em adatação tupi, isto é, sem l, reduzido o ditongo e suprimida a última sílaba. A adatação não é constante, cf. VV. 274, 564, 612, 679, 1077 e 1428.

–V. 175 — *Maíra* — *Mair* nome por que se designavam os franceses Cf. - V. 606.

–V. 183 — *Bastião* — *São Sebastião*. Cf. VV. 203, 558.

192. Abatépe oikó, xe ojá,
Tupã tiruã momburuábo?
Aimbirê — Ndeiteé Tupã nde peábo,
aepuéripe tatá
aujérama nde rapiábo.

197. Asepiák, erimbaé,
Guaixará maranusú.
Igára setá katú.
Ereipytybõ jepé,
erĩ aáni! osýi murú..

202. Karaíba nasetái.
São Sebastião, aé,
omondýk tatá sesé,
imondýia. Nopytái
amó abá maranápe.

207. *Guaixará* — Karaíba, ipó,
noikoangaipapýribi...
*64v Aujé ko temiminó
ndoguári Tupã rekó,
ndosausúbi, nomotíbi...

212. Ekoãi moxý mboá
jandé jusána pupé!
Iánga toá taujé.
Omoñangára rejá,
robiá jandé resé.

192. Quem há, como eu,
que desafie até a Deus?
– Por isso Deus te expulsou,
e desde então o inferno
te abrasou para sempre.

197. Eu assisti, outrora,
à batalha de Guaixará.
As igaras eram muitas.
Embora tu as ajudasses,
ó! debandaram em fuga...

202. Não havia muitos cristãos.
Porém, São Sebastião
ateou fogo nelas,
causando pânico. Não ficou
ninguém na batalha.

207. – Os cristãos, com certeza,
não seriam rebeldes...
Mas êsses temiminós
rejeitam as leis de Deus,
não o amam, não o prezam...

212. Vai fazer caírem êsses malvados
em nossos laços!
Suas almas cederão depressa.
Abandonando o seu criador,
confiarão em nós.

-V. 197 — Cf. -V. 35.

217. *Aimbirê* — Tasó saánga teñé.
Ejé tipó xerapiáne . . .
Guaixará — Jambé, xe rañé tasoáne.
Xe poroitýka jabé,
apiába eresepeñáne.

222. *Aimbirê* — Eñemboryrýi umé.
Tiajekotirúng, jajúpa.
Jandé mañána, rañé,
tosó jandé renondé
opá okybyñã súpa.

227. *Guaixará* — Aujé ipó.
Aipó ñe pipó ereikó,
Sarauái, mañanaíba?
*65 *Saravaia* — Oicobé xe taygaýba.
Eneī! Tasó mamó!
Ixé Sarauái orýba,

233. ixé Sarauaiusú!
Marã pipó morandúba?
Guaixará — Aipotaretekatú
okybyñã nde ixusúba,
ixubiré terejú.

ocibijnhe
página 121 deste livro

---

217. – Vou tentar.
Tempo virá em que me obedecerão.
– Espera, irei à frente.
Enquanto eu lutar,
tu assaltarás os índios.

222. – Não te afobes.
Embosquemo-nos, de bruços.
O nosso vigia, primeiro,
irá à nossa frente
para espionar o interior de tôdas as casas.

227. – Muito bem.
És capaz disso,
Saravaia, mau vigia?
– Êsses são os meus préstimos.
Olá! Irei longe!
Sou o alegre Saravaia,

233. sou o Saravaiuçu!
Que novidades há?
– Quero muitíssimo
que vás espionar o interior das casas,
e depois voltes.

–V. 229 — *Sarauái* — *Saravaia*, nome, provàvelmente, de algum espião dos franceses (cf. V. 234, 245, 498). Poderia, entretanto, o vocábulo ser adatação do português "selvagem", grafado "salvagem" (cf. E 2 b, V. 487) e já em outra poesia adatado ao tupi como "*sarauá*" (cf. "sarauájamo", D 5, V. 37).

–V. 233 — *Sarauaiusú* — *Saravaiuçu*, literalmente "o grande Saravaia" (*Sarauái-usú*). Cf. –V. 229.

238. Tasó korí nde rejápe
apiába pysýka pa.
Saravaia — Je tasóne xe mondoápe.
Memé tixé, xe pyápe,
emonã tekó potá . . .

243. Xe, rapixá Sarauáia,
apiába xe pokuá,
sesé ñe ajekotyá . . .
Tarasó ko igaporáia.
Xe potába kauĩ ra !

Hei de levar esta vasilha →
(Navarro)

248. *Guaixará* — Neĩ ! Teresó taujé !
Nde apoã !
Saravaia — Añangatúne.

Fica passeando com Aimbirê, e diz

*65v *Guaixará* — Jajebyjebý rañé.
Sarauáia ru riré,
jamombá tába jandúne.

Torna Saravaia e diz

253. *Aimbirê* — Ke murú ! Rúri obébo !
Guaixará — Irõ, niateymangái !
Erejúpe, Sarauái ?
Saravaia — Eẽ. Jandé moetébo,
apiába ñemosarái.

---

238. Hoje vou te deixar
aprisionar índios.
– Bem, irei aonde me mandam.
Intimamente, eu sempre
desejei mesmo êsse encargo . . .

243. Como Saravaia, eu
aprisionarei os índios,
aos quais me tinha aliado . . .
Ir-me-ei nesta canoa.
Meu quinhão é cauinar !

248. –Eh ! Vai depressa !
Súbito !
– Correrei.
–Daremos uma voltinha rápida,
Quando Saravaia voltar,
destroçaremos a aldeia.

253. Ó danado ! Veio voando !
–Ora essa, não demorou nada !
Foste, Saravaia ?
–Sim. Em nossa honra,
os índios estão fazendo festas.

–V . 255 — *Erejúpe* — *Foste* ou *vieste*, era também cumprimento habitual para os recém-chegados. Cf.–V. 90. Note que *ur* é empregado como *ir* e *vir*. Cf. E 2 b, V. 169.

258. Nde rorý.
Tynysẽ umã kauĩ
setá ñe. Igasabusú
ojoenõi umã murú
imboapyaõáma ri.
Guaixará — Saikatúpe?
Aimbirê — Saikatú.

futuro
mboapya = esgotar?
ver verso 49

264. Oñeiñangumã sesé
kunumí etá kaguára,
ko tába moangaipapára,
guaibĩ, tuímbae abé,
kuñamukú imoreymbára.

— tuibae
ver páginas 122, 263 e 758

269. *Guaixará* — Te, aujé katú teñé.
*66 Tiasó, mbegué, japuáma,
tixapý moxý retáma.

Vêem São Lourenço com dois companheiros e diz

Aimbirê — Ke! Abá rekóu añé
xe renopuapuáma!

274. Kái! Rorẽ kaẽ piã?
Saravaia — Aé. *Bastião* abé.
Aimbirê — Aépe, ke, amboaé?
Saravaia — Karaibebé serã
ko tába raroaneté.

---

258. Alegra-te.
Regorgitava cauim
em quantidade. Grandes igaçabas
convocavam uns aos outros
para esgotarem.
–Estava bem forte?
– Bem forte.

264. Para isso acorriam
muitos rapazes beberrões,
que pervertem esta aldeia,
velhas e velhos,
moças que servem cauim.

269. –Bem, já é bastante.
Vamos, de mansinho, assaltá-los,
arderá a terra do mal.
–Olha lá! Aquêle sujeito
está me ameaçando!

274. Ai! Será Lourenço queimado?
–Êle mesmo. Bastião também.
–E aquêle outro?
–Talvez seja o Anjo
da Guarda desta aldeia.

–V 274 — *Rore* — Cf. –V. 172.

279. *Aimbirê* — Xe reytýk koríne, mã !
Jabaeté sepiáka ixébo . . .
Guaixará — Aáni xo ! Nde piatã !
Ejorí ! Tixepeñã,
imosykyjekyjébo.

Aanixo? ver página 123 com interrogação

284. Jamonguá moxý ruúba,
ixupé jajemoytyámo.
Aimbirê — Ke ! Túri jandé nupámo !
Aryrýi, opá xe úba
jesýi, ojemoatámo . . .

Navarro escreve Te-syî (tremem) — páginas 26 e 27 Teatro (1999).

*66v *São Lourenço fala a Guaixará :*

289. Abápe nde ?
Guaixará — Guaixará kaguára, ixé,
mboitiningusú, jaguára,
moruára, moroapyára,
andirá-guasú bebé,
añánga morapitiára.

---

279. –Ai, êles me esmagarão !
É-me terrível mirá-los . . .
–Irra, não ! Sê forte !
Vem ! Ataquemo-los,
para amedrontá-los.

284. Evitaremos as perigosas flechas,
deixando-nos derrubar por êles.
–Olha ! Êles vêm açoitar-nos !
Tenho mêdo, todos os meus músculos
tremem, estão ficando duros . . .

289. –Quem és tu ?
–Sou Guaixará, o bêbado,
grande boicininga, jaguar,
antropófago, agressor,
andirá-guaçu que voa,
demônio assassino.

–V. 290 — *kaguára* — bêbado, cf. –V. 47.

–V. 291 — *mboitiningusú* — *grande boicininga*, a cascavel (*Crotalus terrificus*, Laur.), literalmente "cobra que tine" (*mbói-tininga-usú*) em virtude de a sua cauda terminar em anéis córneos e móveis (guizos), que vibram quando o réptil se irrita.

jaguára — *jaguar* (*Felis onca*, L.). O têrmo indígena designava a onça e o cão, animal que algumas tribos utilizavam na caça, no período colonial. Parece tratar-se da primeira acepção, tanto por ser o cão animal importado (TTGB, 106), como porque a intenção de Guaixará é mostrar-se feroz. Cf. –VV. 699, 764 e 765.

–V. 293 — *andirá-guasú* — *andirá-guaçu* (*Vampyrus spectrum*, L.), morcego de grande envergadura. (Cf. –V. 484).

295. *S. Lourenço* — Aé pikó?
Aimbirê — Xe jibóia, xe sokó,
xe tamuiusú Aimbiré.
Sukurijú, taguató,
tamanduá atyrabebó,
xe añánga moropé!

301. *S. Lourenço* — Mbaetépe peseká
ko xe retáma pupé?
Guaixará -- Apiába rausúpa ñe,
oré rapiára potá,
oré putupá sesé.

306. Ombaé nipó asé
opýá pupé sausúbi.
S. Sebastião — Abatépe, erimbaé,
pembaéramo resé,
apiába meengaúbi?

*67 311. Tupã aé,
okaraíba pupé,
iánga, seté moñángi.
Guaixará — Tupã? Tenipó, añé . . .
Sekó, te, ipoxý eté,
sekó aé niporángi.

---

295. –E êle?
–Sou jibóia, sou socó,
o grande tamoio Aimbirê.
Sucuriju, gavião,
tamanduá grenhudo, –desgrenhado,
sou demônio luminoso! descabelado,
despenteado

301. –Que procurais
aqui na minha terra?
–Amando os índios,
queremos que nos obedeçam,
preocupamo-nos por êles.

306. As suas próprias cousas a gente
ama sinceramente.
–Quem, algum dia,
para propriedade vossa,
vos entregou os índios?

311. O próprio Deus,
em sua santidade,
modelou-lhes corpo e alma.
–Deus? Talvez . . .
Seus costumes, porém, são bem maus,
sua vida não é edificante.

–V. 296 — *jibóia* — *jibóia* (*Constrictor constrictor*, L.), cobra das maiores da fauna brasileira. Caça mamíferos, que devora, alguns de grandes dimensões.

sokó — *socó*, designativo de algumas espécies da fam. *Ardeideos*, especialmente as do gênero *Tigrisoma*. Semelhante à garça, mas de pescoço grosso e plumagem amarela, esta ave esconde-se, durante o dia, confundida com a folhagem da floresta.

–V. 298 — *sukurijú* — *sucuri* (*Eunectes murinus*, L, *fam. Boideos*), grande serpente não venenosa, mas que mata, pela sua fôrça, estrangulando a prêsa depois de comprimir-lhe os ossos.

taguató — *gavião*, dos maiores, parece, pois aos menores chamavam *taguatoi* (VLB, 248).

–V. 299 — *atyrabebó* — *grenhudo*, indicando, talvez, uma das várias espécies da fam. *Myrmecophaga tridactyla* (L), cuja cauda tem pêlos longos e cinzentos. Cf. –V. 714.

317. Iangaipá,
Tupã osausupeá,
sesé ojerobiá bebúia.

Aimbirê — Igasápe kauĩ tujá,
aeré iamomotá,
ojojá guaibĩ rekúia . . .

Imboapiaba cuyaba

ver versos 399 e 587.

323. Imboapý abá kujabá
ánga e semimotára.
Moraséia rerobiára,
ipyá jaiporaká,
nomoetéi omoñangára . . .

328. *S. Lourenço* — Nosaángi te, pakó,
ñemboé koára pukúi?
Osó meémo mamó?

Aimbirê — Añé. Ijurúpe, ño,
Tupã rerobiára rúi.

*67v 333. *Saravaia* — Ndeiteé. Opyá pupé,
ojemongetagetábo,
Tupã momburukatuábo,
"Sesapisó aúpe e,
Tupã xe repiáka?" ojábo.

---

317. Êles são pecadores,
repelem o amor de Deus
e orgulham-se disso levianamente.
–Se o cauim regorgita nas igaçabas
então elas os tentam,
como as cuias das velhas . . .

323. As grandes cabaças tolhem
sua liberdade espiritual.
Excitados pela dança,
ganhamos-lhe os corações,
desrespeitam ao seu criador . . .

328. –Não se esforçam, de certo,
por rezar todos os dias?
Esquivam-se?
–Isso mesmo. Em sua bôca, apenas,
reside a confiança em Deus.

333. –É sim. Intimamente,
resmungam,
desafiando a Deus,
"Terá Deus vista
capaz de me ver?" dizendo.

O Pindobuçú

–V. 322 — Cf. VV. 131 e seguintes.

–V. 335 — Nem sempre a catequese alcançou a compreensão dos índios. Certo principal de Iperoig, a quem Anchieta mostrara os cilícios, que usava "para castigar a carne e não ofender a Deus", perguntou-lhe intrigado: "E Deus, que vos há de fazer? Por que tendes mêdo dêle?" (Cl, 204).

São Sebastião com Saravaia :

338. Guabirú ruã pikó?
Ko nipó sariguéi néma?
Pysaré serã ereikó,
ariñáma mokañéma,
apiába mondyabó?

343. *Saravaia* — Iangaupotá e,
pysaré nakerangái...
Guaixará — Aujé, añeéng, Sarauái !
Saravaia — Xe renõi umé jepé
íxupé, naxejukái !

348. Xe mĩ, te, jepé ixuí !
Nde mañánamo toikóne !
Guaixará — Ndoromombeuixóne.
Eñemĩ, nde kirirĩ.
Koriẽ toromondóne.

*68 353. *Saravaia* — Ajemingatú peká.
Aujeté naxerepiáki...
S. Sebastião — Tajibóne ! Ejepeá !
Ekoá ke suí, reá !
Guaixará — Okerĩ... Nderemombáki !

---

338. –Haverá aqui um rato?
Ou um repugnante sarigüê?
Será que tu és a noite,
que afugenta as galinhas,
empobrecendo os índios?

343. –No desejo de devorar suas almas,
não dormi esta noite...
–Basta, Saravaia, falo eu.
–Não digas o meu nome
a êle, para que não me mate.

348. Esconde-me, antes, dêle !
Ficarei como teu espia.
–Não te mostrarei.
Esconde-te, cala-te.
Logo mais te deixarei sair.

353. –Vou-me esconder.
Ainda bem que não me viu...
–Vou te flechar ! Afaste-te !
Vai-te daqui !
–Está dormindo um pouco... Não o
despertes !

–V. 338 — *Guabirú* — *guabiru*, o rato de casa (*Mus decumanus*, L). Cf. V. 485.

–V. 339 — *sariguéi* — *sarigüê*, marsupial do gênero *Didelphis*, também chamado "gambá". Costuma roubar galinhas (Cf. –V. 341), beber sangue, embriagar-se. Quando se irrita, desprende odor característico muito desagradável. Cf. *miaratakáka*. –V.490.

–V. 341 — *ariñáma* — *galinhas*. Thevet (SFA, 224) conta que os índios chamavam "arignane" às galinhas, introduzidas, em alguns pontos do país, pelos europeus. Léry acrescenta que elas se denominavam *ariñã-miri*, em oposição a outras, grandes, que conheciam e designavam por *ariñã-usú* (VTB, 133). Estas não seriam galinhas, mas peruas, talvez, que os franceses chamaram "poules d'Inde", supondo Índia a América. O texto deve referir-se às *ariñã-miri*, cujo emprêgo no Brasil, como mantimento e alimento de doentes, é atestado por Anchieta (CI, 44, 228, 376), e cuja existência se comprova por referências ao "canto do galo" (CI, 100), à predileção do sariguê pelas galinhas (CI, 376) e ao preço irrisório por que eram adquiridos perus, patos e galinhas pelos brancos aos índios (E 5, 154, 156). Convém, entretanto, lembrar que o VLB regista como "galinha" "*guirá-sapukáia*", e como "peru", "*guirá-sapukáia-usú*" (VLB, 246, 247).

358. *S. Sebastião* — Pysaré ko ikereými
apiába pobupobú !
Saravaia — (Aipó eré. Supí katú . . .)

Açoita-o Guaixará e diz :

Marámpe ndereñemími ?
Ereipotápe nde u ?

363. *Saravaia* — Akaiguá !
Marámpe xe ri erepoã ?
Ajemingatú ko uitúpa . . .

Aimbirê com S. Sebastião :

Añé, pekoá esapyá !
Xe moañé, ko xe bojá
jeí xe repiakaúpa . . .

*68v 369. *S. Sebastião* — Umámbae ?
Aimbirê — Tapijára tuímbae,
guaibĩ, kunuminguasú,
apiába, kuñãmukú,
xe bojáramo, pabẽ
xe pópe arekó katú.

375. Taipapáne iangaipába,
taxererobiá jepé.
S. Sebastião — Neĩ ! Tasendú, teñé . . .
Aimbirê — Tynysẽ memé igasába.
Niapóri kauĩ resé.

---

358. –À noite êle não dormiu
para perturbar os índios !
–(Isso mesmo. É verdade . . .)
Por que não te escondes ?
Queres que te devore ?

363. –Ai !
Por que me bates ?
Deitado aqui estou bem escondido . . .
–Vamos, retirai-vos logo !
Tenho pressa, êstes meus súditos
há muito me desejam ver . . .

369. –Quais ?
–Os velhos habitantes da aldeia,
velhas, rapazes,
homens, moças,
todos os que, submissos,
tenho sob meu poder.

375. Enumerarei os seus vícios,
acreditarás em mim.
–Seja ! Ouvirei, mas é inútil . . .
–Estão sempre cheias as igaçabas.
Não há falta de cauim.

380. Sabeipóra suí be,
ojoapixapixápa.
S. Sebastião — Morubixá tuímbae
oñeéng memé ixupé
senoñéna, iakakápa.

385. *Aimbirê* — Oporakakáb abá ! . .
Aeté, kauĩ poaitára
apiába soguábo pa
"Morubixá, mosakára,
teĩ ixébo !" ojabangá.

*69 390. Ndeiteé, kunuminguasú,
morubixába osoguápe
oikébo memé kaguápe,
aépe kuñãmukú
repeñána, ipotasápe.

395. *S. Sebastião* — Emonã sekó suí
arakajá sapekóu,
mundépe iporerasóu . . .
Aimbirê — Arakajá, te, omborý.
Ojojá marã sekóu . . .

ver página 700, verso 322 e verso 587 na página 713

---

380. De tão ébrios,
ferem-se uns aos outros.
–O velho morubixaba
fala-lhes sempre
incriminando-os, censurando-os.

385. –Censura os índios ! . .
Na verdade, o dono da festa
convida todos os homens liberais
"Morubixabas, moçacaras,
venham a mim !" exclamando.

390. Portanto, os rapazes,
a convite do morubixaba
é que se banqueteiam,
ali as moças
agredindo, à vontade.

395. –Por isso costumam
freqüentar os aracajás,
–que vão aprisionando . . .
–Os aracajás, porém, gostam disso.
Também vivem em desmandos . . .

–V. 380 — Cf. –V. 132.

–V. 382 — *Morubixá* — *morubixaba*, chefe temporal das tribos, cf. –V. 391. Referência, talvez, a Araribóia.

–V. 388 — *mosakára* — Cf. –VV. 47 e 382.

–V. 390 — Por ocasião dos sacrifícios de guerra, os morubixabas ofereciam grandes festas regadas de cauim, para as quais convidavam os vizinhos e em que distribuíam a carne da vítima em churrasco e moquém. Embora costumassem tratar bem as mulheres, não se comportavam assim nessas festas, desculpando-se, depois, com a embriaguês (TTGB, 153-154). Cf. –V. 132.

–V. 391 — *morubixába* — O mesmo que *morubixá*, cf. –V. 382.

–V. 396 — *Arakajá* — *aracajás*, provàvelmente os *mbarakajá*, conhecidos por "gentio do Gato", estabelecidos na Ilha do Governador e dirigidos, até 1555, por Maracajá-guaçu (CA, 197). Cf. –V. 415.

400. *S. Sebastião* — Ojepé jombé, nipó,
iangaipáb amomeé.
Aimbirê — Namoángi... Setá ñe,
xe aé aporomoingó
moropotára resé.

405. *Guaixará* — Jambé, toropytybóne.
Ojoaoaó guaibĩ,
ojoamotareỹ,
marã e nopykixóne.
Marã ejára, omborybĩ...

410. Iangaipá ko kenaĩ
eimoéma moñánga,
mosánga raá raánga
oausúba oipotarĩ
ojemomoramoránga.

*69v 415. *Aimbirê* — Aépe kunuminguasú
kuñã oimomosémbae,
miausúba potá ñe
karaibókupe katú,
oñeguaséma memé?

---

400. –Uns aos outros, certamente,
provocam algumas vêzes.
–Não sei... Freqüentemente,
eu mesmo os induzo
a desonestidades.

405. –Espera, eu te ajudarei.
As velhas injuriam-se,
odeiam-se,
não cessam de maldizer.
As que se calam, consentem...

410. Pecam estas vagabundas
tecendo intrigas,
experimentando remédios
para serem amadas
e tornarem-se belas.

415. –E êsses rapazes
que perseguem mulheres,
cobiçam escravas
nas casas dos brancos
e fogem depois?

-V. 412 — *mosánga* — *remédios*. Os pajés preparavam infusões, a fim de rejuvenescer e emblezar as mulheres (CI, 331).

-V. 415 — Desde que os cristãos ensinaram ao gentio o valor do dinheiro, subôrno e roubo penetraram, com os abusos, nas tribos. Tornou-se hábito a escravização por resgate, que os jesuítas condenaram e os franceses apoiaram. O gentio da Ilha do Governador forneceu muitas mulheres aos colonos de São Vicente (C, 151, cf. -V. 396). Os caetês vendiam-se a si próprios; o gentio do Paraguaçu entregava, por dinheiro, filhos e parentes. Depois de declarados os caetês escravos (Cf. -V. 108), refugiados no sertão, embora fôsse revogado o decreto oficial, continuaram os resgates a escravizá-los. Por êsse processo aumentou a escravatura índia do Espírito Santo e de Pernambuco.

420. *Guaixará* — To ! Aipó nipapasábi,
koarasýmo oiké jepémo !
Opá tába moangaipábi !
Aimbirê — Añé, nitekokuábi.
Jandé momburú meémo . . .

425. *S. Lourenço* — Oikobé jemombeú,
mosánga moeirabijára.
Abá ánga maraára,
ipupé opoeirakatú.
Sakipuéri Tupã rára.

430. Oikó moasý riré,
abá sóu jemombeguábo
"Xe katú peká . . ." ojábo.
Osobasáb abaré,
Tupã moñyrongatuábo.

435. *Guaixará* — Angaipabeýmame,
oñemombeú katú !
Aujé kunuminguasú
*70 oekó aibeté
ojomĩ, oikuakú . . .

440. *Aimbirê* — Semõ jepé,
"Teõ rerobýka e,
xe angaipá tubixaguéra
amoséne" eí ñe.
Guaixará — Esendú te. Supié,
asekýi ipoxý puéra . . .

---

420. –Ó ! Isto não teria fim,
ainda que o sol entrasse !
A taba inteira é pecadora !
–Realmente, não têm discernimento.
Deveriam amaldiçoar-nos . . .

425. –Existe a confissão,
remédio senhor da cura.
As almas enfêrmas dos índios,
com ela saram de todo.
Segue-se-lhe a comunhão.

430. Depois de se arrependerem,
os índios vão se confessar
dizendo : "Quero ser bom . . ."
O padre abençoa-os,
aplacando a cólera de Deus.

435. –Como se não tivessem pecados
êles confessam !
Os rapazes
seus vícios
escondem, disfarçam . . .

440. –Absolvidos,
"Ao aproximar-se a morte,
a meus grandes pecados
renunciarei", dizem.
-Ouve. Na verdade,
desfiei as suas velhacarias . . .

446. *S. Lourenço* — Iamotareymetébo,
perekó aí aí.
Ixe najejýi ixuí,
Tupã supé uijerurébo
ipytybómo jepí.

mayegij ixui
página 131.

451. Xe resé ojerobiá,
oimoñáng ko Tupã-óka,
tekó puéra rekoabóka,
oaroánamo xe ra,
xe resé katú ojekóka.

456. *Guaixará* — Eiteñé nde rerobiá.
Ereipysyrõ jepéne,
nde po suí anoséne.
*70v Abebé ko ybytú ja.
Anoñã, arobebéne . . .

— é diferente do verso 373 da página 767.

Veja v. 742

461. Aimbiré,
jarasó, murú, taujé,
jandé roipýra moesãia.
Aimbirê — Ko xe akusú. Xe ráña . . .
Je, kobé xe poapẽ,
xe roaibukú, xe tyãia . . .

ranhãya
página 131.

veja observação na página 132.

---

446. –Odiando-os tanto,
procurais prejudicá-los.
Eu não me afastarei dêles,
suplicando a Deus
que os auxilie sempre.

451. Confiaram em mim
construindo esta capela,
extirpando velhos hábitos,
tomando-me por padroeiro,
apoiando-se em mim.

456. –Inùtilmente confiaram em ti.
Ainda que os auxilies,
eu os arrebatarei de ti.
Eu vôo como êste vento.
Correrei, voarei com êles . . .

461. Aimbirê,
vamos depressa
alegrar nossos fiéis.
–Aqui estão os meus chifrões.
Eu ranjo os dentes . . .
–Sim, aqui estão também minhas [garras,
meus longos dedos, meus dentes . . .

–V. 452 — *ko Tupã-óka* — *esta capela*, a de São Lourenço (fig. 17).

467. *Anjo* — Napeapysái, jandú,
iko tába apamonána.
Aikobéni xe, saroána,
São Sebastião yrũ,
São Lourenço pytyboána.

472. Peporeausú koríne,
pemoyrõ paí *Iesu*
ko tába pobú pobú.
Perapý tataendýne !
Fala com os santos : Peĩ, peipoá murú !

Os santos prendem os dois diabos.

477. *Guaixará* — Aujé bõ !
S. Lourenço — Aáni ! Ajemoyrõ.
Endé aé erejekuá
xe róka pobú potá.

S. Sebastião ao Aimbirê :

Nde rasẽ, ejeapirõ !
Oropysýk !
Aimbirê — Akaiguá !

---

467. –Não espereis, como de outras vêzes,
revolucionar esta aldeia.
Aqui estou eu, seu guardião,
com São Sebastião
e o padroeiro São Lourenço.

472. Pobres de vós,
irritastes o Senhor Jesus
desorganizando esta aldeia.
Queimar-vos-á o inferno !
Eia, prendei-os !

477. –Basta !
–Não ! Irritei-me.
Tu deste provas
de quereres destruir a
minha igreja.
–Grita, lamenta-te !
Eu te prendi !
–Ai !

*71 *Presos êstes dois, fala o Anjo ao Saravaia, que ficou escondido, e diz:*

483. Mbaépe ke túi opýka?
Andirá, ruãpe e?
Panamá, koipó guaikuíka?
Enerõ, kururú asýka!
Erĩ, sariguéia e!

488. Ejorí,
mbaé némbae poxý,
mborá, miaratakáka,
sebói, tamarutáka!
Saravaia — Xe poeirái, xe ropesýi!
Aujé! Teumé xe mombáka!

494. *Anjo* — Abápe nde?
Saravaia — Sarauáia,
ajurujúb upiaroéra.
Anjo — Aipó ño pipó nde réra?
Saravaia — Xe abé tajasuguáia.
Xe mañána manembuéra...

---

483. –Que está aqui deitado escondido?
Será, acaso, um morcego?
Será borboleta ou cuíca?
Vamos, cururu minguado!
Eia, gambá!

488. Vem,
peste fedorenta,
borá, maritacaca,
sangue-suga, tamarutaca!
–Destroçam-me, prendem-me!
Basta! Não me despertes!

494. –Quem és tu?
–Saravaia,
inimigo dos franceses.
–São só êsses os teus títulos?
–Sou também porco doméstico.
Fui um espião mofino...

–V. 484 — *Andirá* — *andirá*, denominação genérica dos morcegos, mamíferos da ordem *Chiropteros*. Cf. –V. 293.

–V. 485 — *Panamá* — *borboleta*, denominação genérica dos *Lepidopteros*. No norte do Brasil são designadas por "panamá" borboletas brancas e amarelas (fam. *Pierídeos*, gen. *Catopsillia* e *Eurema*), cujas migrações se fazem em bandos de milhões de indivíduos (Cf. DAB, 562).

guaikuíka — *cuíca*, marsupial de pequeno porte, espécie de rato do mato, da fam. *Didelphyideos*. O nome vulgar abrange representantes dos gêneros *Metachirus*, *Marmosa* e *Peramys*.

–V. 486 — *kururú* — *cururu*, designando o gênero *Bufo*.

–V. 487 — Cf. –V. 339.

–V. 490 — *mborá-borá* (*Trigona clavipes*, F.), abelha social preta, de pequeno porte. Não possui ferrão e fabrica o ninho em cavidades de pau.

miaratakáka — *maratacáca*, o cangambá, mustelídeo do gênero *Conepatus*, de hábitos semelhantes aos do gambá (Cf. –V. 339).

–V. 491 — *sebói* — *sangue-suga*, verme hematófago, em geral, vulgarmente designado "bichas". A espécie mais conhecida (*Hirudo medicinalis*, L.), não pertence à fauna brasileira.

tamarutáka — *tamarutaca*, crustáceo estomatópode, fam. *Squilideos*, mais ou menos semelhante à lagosta. Produz estalidos como os do bater de castanholas.

–V. 497 — *tajasuguáia* — *porco doméstico* (*Sus scrofa domestica*), em contraposição ao caitetu (*tajasú tiríka*, *Pecari tajacu tajacu*, L.) e o queixada (*tajasú pitã*, *Tayassu pecari pecari*, Link.) Cf. –V. 501.

–V. 498 — *mañána* — *espião*. Cf. –V. 229.

499. *Anjo* — Ndeiteé nde ruumusú,
abá ánga momoxyábo.
Mbaé uúma, tajasú,
oroapý korí jandú !

Saravaia — Akái ! Teumé xe rapyábo !

*71v 504. Tameéne pirá rúba
endébo, uijepymeénga . . .
Erejuséipe uí púba ?
Ereipotápe itajúba ?

Anjo — Nasendúbi nde ñeénga.

509. Nde remimimbuéra añé . . .
Umámepe nde mondá ?
Abá rókupe erekoá
tañemími anondé ?
Ereruretá, serã ?

514. *Saravaia* — Aáni, mosapý ño.
Karaibókupe uitekóbo,
xe pópe ñónte arasó.
Uiporabykyábo uixóbo . . .
Nipóri beĩ xe ajó.

---

499. –Por isso és sujo
e maculas as almas dos índios.
Bôrra, porco,
eu hoje te queimarei !
–Ai ! Não me queimes !

504. Eu darei ovas de peixe
em retribuição, a ti . . .
Gostas de farinha-puba ?
Queres dinheiro ?
–Não percebo o que dizes.

509. De certo tens esssas cousas escon-
[didas . . .
Onde roubaste tu ?
Em casa de quem estiveste
antes de te esconderes ?
Trouxeste mais cousas ?

514. –Não, sòmente estas três.
Da casa dos cristãos,
trago apenas o que tenho nas mãos.
Estive trabalhando . . .
Não há mais nada em meus bolsos.

–V. 501 — *tajasú* — *porco*, nome genérico dos *Suideos* (porcos). Cf. –V. 497.

–V. 506 — *uí púba* — *farinha puba*, também chamada "farinha d'água", feita de certo gênero de mandioca puba (o aipim), amolecida em água durante vários dias. Esta farinha distinguia-se da chamada *tína ou mixakuríba*, que se espremia com as mãos ; a puba era amassada no tipiti e peneirada (VLB, 231).

–V. 507 — Cf. –V. 415.

–V. 517 — Raramente o índio se sujeitou ao trabalho que os brancos lhe quiseram impor.

–V. 518 — *ajó* — *bolsos*, pode referir-se a bôlsa ou saco, em que Saravaia guardasse os objetos citados.

519. Yrumbuéra akoéime be.
Kauĩ repyráma ri,
aimeéng abá supé,
kauĩáia uséia e.
Opakatú amboapý.

524. *Anjo* — Jorí, terejá sekó.
Tasepý nde mondaguéra.
Saravaia — Aanuméne, asabeipó . . .
(Okaubé xe rayxó
guaibĩ, marã serã serã . . .)

*72 529. Xe rybýt, nde ñyrõ xébo,
xe rasý, xe maraá.
Kobé xe rembiaretá,
tameéne amó endébo
iakánga terejoká.

534. Ejerók moxý resé
tandererapoangatú.
Anjo — Mbípe erebasẽ xupé?
Saravaia — Aiké ñaimbyára pupé.
Angaipába aipokosú.

mbãibiarapupe

---

519. Aquêles companheiros ali têm mais.
Para comprar cauim,
dei aos índios,
que queriam beber vinho.
Tudo eu acabei.

524. –Vem, entrega o que é dêles.
Restituirei o que tiveres roubado.
–Não faças isso, eu estou bêbado . . .
(Bebe mais a minha sogra
velha, rabujenta . . .)

529. Perdoa-me, meu irmão,
tenho dôres, estou doente.
Destas minhas prêsas,
darei algumas a ti
para que lhes quebres as cabeças.

534. Toma o nome dêsses malvados
para te tornares famoso.
–Onde os encontraste?
–Entrei pelo sertão.
Apanhei de surpresa os maus.

–V. 522 — *kauiáia* — *vinho de uvas*, diferente do *kaui* indígena (cf. –V. 43).

–V. 527 — Cf. –V. 83.

–V. 533 — Quebrar a cabeça do inimigo constituía honra de guerra para o vencedor e para o vencido, permitindo àquele tomar novo nome e evitando, para êste, ser sepultado e condenado à humilhação de suportar o pêso da terra (CI, 45). O ato revestia-se de solenidade e exigia armas especiais (NB, 276 e sgs.). Cf. VV. 744-745. Cf. D 13, V. 43 e -V. 522, e E 1 a, V. 249.

539. *Anjo* — Abá raýrape uĩ? !
Saravaia — Se. Abá raýra, ipó . . .
Iysá pukú samõ,
amo yaçanguçui
amó iakánga suí,
oporakypué mondó . . .

544. Kotýpe murú amoingé,
kuñã jusái sekoápe.
Xe mañaneymeté,
nakerangái sekasápe,
xe rembiáramo memé.

Amarra-o o Anjo e diz :

549. Nde poxý potaraúb.
Teresó rõ nde ratápe,
aujérama terejúb
morausúba moñangápe.
Irõ, oropokosúb !

*72v 554. *Saravaia* — Aimbiré !
Aimbirê — Oi !
Saravaia — Xe pysyrõ jepé !
Xe pysýkko makaxéra !
Aimbirê — Xe abé ! Ijibombiruéra
Bastião xe moaujé.
Nitíbi xe abaeté puéra . . .

---

539. Filhos de índios eim?
Não sei. Filhos de índios, talvez.
Presos por longas cordas,
alguns pela cabeça,
fui-os enfileirando . . .

544. Provoquei revoltas nas casas,
lacei mulheres nos lares.
Espreitando de mansinho,
não dormi à sua procura,
para serem prêsas eternas minhas.

549. Desejaste, em vão, maldades.
Irás para o teu fogo
e ficarás eternamente
a tramar misérias.
Pronto, eu te prendi !

554. –Aimbirê !
–Oi !
–Ajuda-me !
Êste diabo me prendeu !
–Eu também. O flechado
Sebastião derrotou-me.
Acabou-se a minha arrogância
antiga . . .

–V. 556 — *macaxéra* — macaxeira, gênio da mitologia americana. Seu nome foi aplicado ao demônio, equivalendo a *añánga*. É curioso o emprêgo da acepção vulgar "malvado", "espertalhão", etc. Cf. V. 716.
–V. 558 — *Bastião* — Cf. - V. 183.

560. *Saravaia* — Akaiguá !
Ereképe, Guaixará ?
Nde rejúri xerepýka ?

Guaixará — Teté marã ejábo mã !
Rorẽ kaẽ xe po poá,
xe rapyábo, xe apypýka.

566. *Anjo* — Jiá, mosapyribé,
pekái ojepeguasúne.
Iangaturã, koyré,
Paí Tupã rausúpa ñe.
Xe remiarõ jandúne.

Faz uma prática aos ouvintes :

571. Perorý,
xe rayretá, xe ri.
Ko aikó pepysyrómo.
Ajúr ybáka suí
perokybyã rupi,
jepí ñe pepytybómo.

*73 577. Ko tába renýreme,
pe pýri ñe xe rekóu.
Ndarojái mamó xe sóu.
Tába raroánamo ñe
Jandé Jára xe moingóu.

---

560. –Pobre de mim !
Estás dormindo, Guaixará ?
Tu não me vens vingar ?
–Que absurdo estás dizendo !
Lourenço queimado amarrou-me,
para me queimar, confundir-me . . .

566. –Bem, os três juntos,
ardereis eternamente.
Somos, enfim, todos felizes,
graças ao Senhor Deus.
Estarei sempre de guarda.

571. Alegrai-vos,
filhos meus, por mim.
Aqui estou para vos proteger.
Vim do céu
para junto de vós,
a ajudar-vos sempre.

577. Iluminando esta aldeia,
junto de vós estou.
Não me afastarei daqui.
De custodiar a aldeia
encarregou-me Nosso Senhor.

–V. 564 — *Rore* — Cf. –V. 172.

582. Pejabiõ paí Tupã
karaibebé moingóu.
Aé pemopyatã,
aé ko pe sumarã
pe ánga suí imondóu.

como, da mesma forma, veja versos 399 e 372

587. também → Ojojá,
ko Jandé Jára bojá.
São Lourenço angaturáma
osarõ ñe pe retáma,
añánga reytýka pa,
peẽ te, pe mopuáma.

593. *São Sebastião* abé,
marána rerekoaroéra,
Tamũya → tamúia kyreymbaguéra,
omombáb erimbaé.
Nitibangái setambuéra.

598. Opá — Paranapukú,
Jakutínga, Moroý,
Sariguéia, Guiryrý,
Pindóba, Pariguasú,
Kurusá, Miapeý,
veja também versos 147-151
Miapeig

---

582. De cada um de vós o Senhor Deus
um anjo encarregou.
Êle vos encoraja,
êstes vossos inimigos
expulsa de vossas almas.

587. Da mesma forma,
êstes servos de Nosso Senhor.
São Lourenço virtuoso
protege a vossa terra,
esmagando todos os demônios,
mas a vós, vos elevando.

593. Também São Sebastião,
que era soldado
e os valentes tamoios
destruiu outrora.
Já nem existe sua terra.

598. Tôdas — Paranapucu,
Jacutinga, Moroí,
Sariguéia, Guiriri,
Pindoba, Pariguaçu,
Curuçá, Miapeí,

-V. 589 — Cf. Ia, XLIII, (6).

-V. 598 — *Paranapukú* — *Paranapucu*. Dois estabelecimentos franceses se haviam formado, um no continente, não longe da atual Praia do Flamengo, fundado por Bois le Comte e entregue à direção de Uruçumirim, chefe tamoio (Cf. -V. 150) ; outro na atual Ilha do Governador, sob a direção de Paranapucu. Esta aldeia foi atacada e destruída, em 1567, por Mem de Sá. Paranapucu, como Aimbirê, dirigira-se a Iperoig no intuito de matar Nóbrega e Anchieta, hospedados em casa de seu pai Pindobuçu. O têrmo vem registado "Paranapecu", "Paranapeçu", "Paranapucui", "Parnapucui".

-V. 599 — *Jakutínga* — *Jacutinga*, nome de várias localidades do Rio de Janeiro, e Espírito Santo.
Moroy — Moroí, antiga aldeia indígena, hoje subúrbio de Niterói, onde se encontra o cemitério do Maruí.

-V. 600 — *Sariguéia* — *Sariguéia*, aldeia do continente, na Baía de Guanabara (Léry, VTB, 94/95).
Guiryry — *Guiriri*. Tratar-se-á das duas pontas existentes a leste e oeste da Ilha do Cabo Frio, indicadas, respectivamente, por "Guiriri de baixo" e "Guiriri de cima"?

-V. 601 — *Pindóba* — *Pindoba*. Pode indicar várias localidades e ilhas. O argumento do auto e a distribuição dos demais topônimos (cf. fig. 19), fazem pensar no "Monte das Palmeiras", situado num dos extremos

*73v 603. Jabebirasýk tapéra —
akoéyme niporetái.
Iaujé muamaroéra,
ojoibíri seombuéra
paraná ybý ri ikoái.

608. Sausupára ajurujúba
mokába oguerú, teñé.
Jabaeté murú supé,
São Sebastião ruúba
São Lourenço pýri be.

613. Memé, tenipó, pe ánga
amotá, iporausubóka,
koára pukúi ipokóka,
imoaisóbo, imomoránga,
tekopuéra rekoabóka.

618. Méne añánga popoári,
pe ri sembiapotasápe.
Pe atõia noipotári.
Pe ánga rausukatuápe,
ombojáramo pe rári.

---

603. a tapera de Jabebiracica —
desde então não mais existem.
Derrotados os seus defensores,
lado a lado os seus cadáveres
jazem no fundo do rio.

608. Os seus amigos franceses
trouxeram, inùtilmente, fusis.
Foram para êles terríveis
as flechas de São Sebastião
ao lado de São Lourenço.

613. Para sempre, na verdade, vossas almas
êles amarão, compadecendo-se delas,
amparando-as eternamente,
aperfeiçoando-as, santificando-as,
seus velhos hábitos extirpando.

618. Amarrarão os diabos,
quando êstes vos quiserem para prêsas
Não permitirão que vos toquem.
Amando muito a vossas almas,
tomar-vos-ão como familiares.

---

da Ilha de Villegaignon, constituindo a verdadeira cidadela francesa, que foi vencida por Mem de Sá. Êsse outeiro, como o da extremidade oposta, foi demolido por ordem régia de 22-9-1761.

-V. 602 — *Kurusá* — *Curuçá*, adatação tupi do português "Cruz". Tratar-se-á da Ilha de Itacuruçá, onde havia uma aldeia tamoia, que Mem de Sá destruiu em 1566? Léry cita *Koruké* (*Corouque*) na Ilha do Governador (VTB, 94/95).

Miapey — *Miapeí*, literalmente "Rio Miapê", seria o atual Meaípe, no município de Guaraparim, no Espírito Santo?

-V. 603 — *Jabebyrasyk* — *Jabebiracica*, aldeia à margem do riacho do mesmo nome, situado nas proximidades do Pão de Açúcar (NB, I, 190). Deve ter sido junto dêle que se estabeleceram os índios de Araribóia (HCJB, I, 423). Talvez seja a aldeia indicada como "Josy-yrasik", "Joeyrasik", "Jaborasi" "Iburasi" (VTB, 225 e 267).

tapéra — *tapera*, isto é aldeia extinta. Como topônimo, poderia designar várias localidades no Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Um mapa do litoral fluminense do séc. XVI (DSB, 40/41), regista com êsse nome uma pequena ilha. Cf. E 2 b, V. 340.

-V. 608 — *Ajurujúba* — apelido dado aos franceses, cujas relações com os tamoios foram sempre muito cordiais, e a quem forneciam munição e armas, que os índios em breve aprenderam a manejar com perícia. Cf. -V. 175.

-V. 612 — A lenda não fala em São Lourenço. Cf. -VV. 35 e 172.

623. Peteumé,
pepoxýramo angiré,
tokãñẽ perekó puéra
— kaú, aguasá nembuéra,
temoéma, marã e,
joapyxába, maranduéra.

*74 629. Pesausú pe moñangára,
peimoeté paí *Iesu*,
sekó angaturangatú
pe retáma rerekoára,
São Lourenço, añé oipurú.

634. Iaseár apiabaíba
sekobé abé rapyábo.
Sosáng, tatá porarábo,
omanõ riré, torýba
rerekóbo, oputuguábo.

639. Pejeausubuká ixupé,
sausúpa, sekó potá,
ipýri be perobiá,
pererekoára abé
iñeénga mopopá.

644. Pejorí
pebáka Tupã kotý.
Pe pyá pupé serúpa,
tapesó pejekosúpa
ipotaripýra ri,
ijypýpe ñe pejúpa.

---

623. Evitai,
de hoje em diante, serdes maus,
para extinguirdes vossos velhos hábitos
— a bebida, o fétido adultério,
mentiras, brigas,
ferimentos mútuos, guerras.

629. Amai o vosso criador,
engrandecei o Senhor Jesus,
cuja lei virtuosíssima
o padroeiro de vossa terra,
São Lourenço, observou.

634. Homens maus o aprisionaram
e queimaram vivo.
Sofreu, suportando o fogo,
para ter, depois de morto,
alegria e paz.

639. Fazei-vos estimar por êle,
amando-o, acatando sua lei,
confiando mais nêle,
e de vosso padroeiro
executando as palavras.

644. Vinde
para o lado de Deus, no céu.
Trazendo-o em vosso coração,
ireis gozar
junto dos que lhe são queridos,
pousando-lhe aos pés.

Fala com os santos, convidando-os a cantar, e com isto se despedem :

650. Tiañeénga mirĩ, rañé,
ára momorangatuábo.
*74v Añánga pysýki re.
Tasasý murú supé !
Tasasẽ ojepeguábo !

ta ça çem oyeceguabo (no manuscrito)
ta s-asẽ, o-iasegũ-abo! Que eles gritem, chorando!
(Navarro)

Que eles sofram junto dos malditos!

Levam presos os diabos, os quais na última repetição da cantiga choram.

CANTIGA (5)

655. Tasorý jandé raýra
Tupã opysyronsápe !
Guaixará tosó tatápe ! . .
Guaixará tosó tatápe ! . .
Guaixará, Aimbiré, Sarauái
tosó tatápe . . .

Volta

661. Tasorýb, oikokatuábo,
tekó poxý puéra týma,
Tupã mokañemeýma,
añánga rausupeábo.
Tasorýb, oputuguábo,

---

650. Cantemos, agora, um pouco,
celebrando êste dia.
Os demônios foram prêsos.
Celebremos a façanha !
Clamemos à sua saída !

655. –Alegrem-se os nossos filhos
por Deus os ter libertado !
Guaixará vá para o inferno ! . .
Guaixará vá para o inferno ! . .
Guaixará, Aimbirê, Saravaia
vão para o inferno . . .

661. Alegrem-se, vivendo bem,
enterrando os velhos maus hábitos,
não afugentando a Deus,
e repudiando ao diabo.
Alegrem-se, em paz,

---

(5) — No ms. indica-se "*Cantiga pelo tom del Quien tiene vida enel cielo*", que seria, provàvelmente, algum hino religioso popular, sôbre o qual não possuímos dados. Cf. Ia, XLIII, 654-655.

666. Tupã opysyronsápe !
Guaixará tosó tatápe ! . .
Guaixará tosó tatápe ! . .
Guaixará, Aimbiré, Sarauái
tosó tatápe . . .

3.º ATO

*75 *Depois de São Lourenço morto nas grêlhas, o Anjo fica em sua guarda e chama os dois diabos, Aimbirê e Saravaia, que venham afogar a Décio e Valeriano, que ficaram sentados em seus tronos.*

671. *Anjo* — Aimbiré,
ejorí xe robaké !
Nde apoã, eñã, ejú ! . .
Aimbirê — Irõ be, irõ jandú !
(Xe pysýk potári be
serã ko guirá-guasú . . .)

677. *Anjo* — Nde rembiárama e,
oikobé morubixába
São Lourenço jukaré.
Tokái nde ratá pupé,
tasepý murú angaipába.

682. *Aimbirê* — Je, aipó xe moytarõ
xe rembiá sesé koríne.
Arasó murú seséne,
taipurú xe ñemoyrõ,
aujérama ñe asapýne.

---

666. por Deus os ter libertado !
Guaixará vá para o inferno ! . .
Guaixará vá para o inferno ! . .
Guaixará, Aimbirê, Saravaia
vão para o inferno . . .

671. –Aimbirê,
vem à minha presença !
Apressa-te, corre, vem !
–Pronto, pronto !
(Talvez queira me agarrar de novo
êste pássaro grande . . .)

677. –Para prêsas tuas,
aqui estão os imperadores
que mataram São Lourenço.
Queimem-se êles em teu fogo,
em castigo de seu crime !

682. –Sim, contentar-me-ei com êstes
para prêsas hoje.
Eu os levarei à fôrça,
satisfarei o meu ódio,
queimá-los-ei eternamente.

687. *Anjo* — Neĩ, taujé iajubýka !
Tosepiáki be umé
koarasý ! Neĩ, taujé
nde ratá pupé seytýka !
Peñeiñáng pabẽ sesé !

*75v 692. *Aimbirê* — Neĩ ! Tasó
aipó ñeénga mopó,
xe bojá reiñãngetábo.
Sarauái, jorí ekaguábo,
aeré korí jasó
tubixába akánga kábo.

698. *Saravaia* — Ikauĩ guasú pipo,
xe ramúia Jaguarúna ?
Eneĩ ! Tasobeỹ po !
Erĩ ! Aujeté, pakó,
ajeguák uiñemoúna . . .

703. Sekó aujepé guaitaká,
koipó guaianá raýra ?
To ! Temiminó, serã . . .
Aujebeté taupá
Jakaré-guasú pepýra !

---

687. –Eia, depressa a afogá-los !
Que não vejam mais
o sol ! Eia, depressa
a atirá-los ao teu fogo !
Reuni-vos todos contra êles !

692. –Pronto ! Irei
executar estas ordens,
reunindo os meus escravos.
Saravaia, vem beber,
pois vamos hoje
quebrar as cabeças dos chefões.

698. –Há muito cauim,
meu avô Jaguaruna ?
Eh ! Vou me embriagar !
Irra ! Na verdade,
eu me pintei de negro . . .

703. Será aquêle um guaitacá,
ou filho de guaianá ?
Ó ! Um temiminó, talvez . . .
Decerto vou devorar
o banquete do Jacaré-guaçu !

–V. 699 — *Jaguarúna* — *Jaguaruna*, literalmente "Onça-preta", poderia ser traduzido como "Cão Prêto", cf. *jaguára* (–V. 291) e *Jaguarusú* (–V. 746). Tratando-se de nome próprio, cf. –V. 77. O tratamento *xe ramúia* (meu avô) era habitual para pessoas velhas.

–V. 703 — *guaitaká* — *guaitacá*, tribo de índios ferozes, cujos ataques prejudicaram a colonização do Espírito Santo. Habitavam a região compreendida entre o Cricaré e o Cabo de São Tomé.

–V. 704 — *guaianá* — *guaianá*, nome dado a certos índios estabelecidos de Angra dos Reis a Cananéia. Mantinham constantes lutas com os tamoios, ao norte, e os carijós, ao sul (NB, 218).

–V. 705 — Cf. –V. 157.

–V. 707 — *Jakaré-guasú* — *Jacaré-guaçu*, literalmente "*jacaré-grande*", designa o *Caiman niger* (Spix), da Amazônia. Como nome próprio, deve referir-se a certo chefe tupinambá, filho de Cunhambebe e aliado dos franceses. Cf. –VV. 77 e 714.

Vê o Anjo e espanta-se dizendo :

708. To ! Añé, mbaépe ke
kanindé obý jasoára ?
Ndojabýi murú arára . . .
*76 *Aimbirê* — Karaibebé aé,
morojubýka poaitára.

713. *Saravaia* — Akó, xe jubykaroéra,
Tataurána, Tamandoá !
Xe jubýk be ñe potá !
Ndarobiári Makaxéra . . .
Asópe uiñemíma, ka !

718. *Aimbirê* — Ejorí !
Saravaia — Xe suúmo mariguĩ.
Oñarõ moxý, xe úne !
Asykyjé, aryrýi !
Esapiá te, xe mirĩ !
Xe mokõ korí jandúne.

---

708. Ó ! Quê será aquilo
semelhante a um canindé azul ?
Parece arara . . .
–É o Anjo,
que dá ordens de afogar.

713. –Aqui, meus capangas,
Tataurana, Tamanduá !
Êle quer me afogar também !
Não confio nesses diabos . . .
Vou tratar de me esconder !

718. –Vem !
–Os mariguis mordem-me.
Encarniçam-se comer-me-ão !
Tenho mêdo, estou tremendo !
Vê, sou pequenino !
Êles tragar-me-ão.

–V. 709 — *kanindé* — *canindé* (*Ara aranauna*, L.), arara de colorido azul na parte superior. Cf. –VV. 710 e 747.

–V. 710 — *arára* — *arara*, de que há várias espécies brasileiras. Parece tratar-se da *Anodorhynchus hyacinthinus* (Lathan), que se distingue por sua plumagem inteiramente azul. Os índios aproveitavam a carne dos canindés e araras, e faziam de suas penas cabo para as ingapemas. Cf. –VV. 709 e 747.

–V. 713 — *jubykaroéra* — *capangas*, indicando pessoa que presta serviços crucis (enforcar, açoitar, etc.) para receber algum prêmio (VLB, 97, "algozes").

–V. 714 — *Tataurána* — *Tataurana*, lagarta, cujo corpo é revestido de pelos muito finos e agudos, que injetam um veneno corrosivo. É conhecida por "lagarta de fogo" e "suçuarana". Tratando-se de nome próprio, poderia recordar, por exemplo, o cacique carijó que, em 1567, se apresentou ao P. Domingos Garcia, em Laguna. Reclamava contra as injustiças e insultos dos portuguêses, que haviam aprisionando Caiubi, seu irmão (HSC, 73), Cf. –VV. 77 e 707. cf. –V. 299.

Tamandoá — Denominação genérica de várias espécies à da Fam. *Mirmecophagideos*. Existem, no Brasil, três espécies, duas das quais — Tamanduá mirim e Tamanduaí — encontram-se no Norte e na Amazonia e a outra — Tamanduá-bandeira —, conhecida por sua grande cauda, coberta de pelos longos, deve ser a referida no texto.

724. *Aimbirê* — Ndoporomeéngi abá
oaýra, kuakúpa,
aémo ojubýk uká.
Saravaia — Añeté, umé serobiá.
Semoẽ ojobaúpa !

729. *Aimbirê* — Epytá ! Kaguápe ño,
nde ratangatú potá ?
Manemusú, ambuá !
Saravaia — Akaiguá ! Neĩ, tasó
nde yrúmo, taxerembiá . . .

*76v 734. Abápe jaú raéne ?
Aimbirê — *São Lourenço* rupiaroéra.
Saravaia — Akó tubixá nembuéra ?
Ajerók korí, seséne.
Tasetakatú xe réra !

739. Jiamurú ! Ipyapuéra
xe potábamo toikó.
Aimbirê — Xe korí ipyá soó.
Saravaia — Toú jandé rokipyroéra.
Sesé pabẽ tiaixoó.

---

724. –Os índios é que não entregam
os seus filhos, escondendo-os,
se os mandam afogar.
–Têm razão, se não confiam.
Êles logram-se mùtuamente.

729. –Pára ! Só porque bebeste,
queres ser tão valente ?
Moleirão, ambuá !
–Pobre de mim ! Seja, irei
contigo, para que me prendam . . .

734. Quem vamos nós comer ?
–Os que foram inimigos de São
[Lourenço.
–Aquêles repugnantes chefes ?
Hoje, com isso, mudarei de nome.
Serão muitos os meus apelidos !

739. Muito bem ! suas entranhas
serão o meu quinhão.
–Vou morder o seu coração.
–Comerão também os que ficaram em
[nossas casas.
Convidaremos todos êles.

Chama quatro companheiros, que ajudem :

744. Tataurána,
erú ke nde mosurána ! moçurana
Urubú, Jaguarusú,
ingapéma be perú !
Kaburé, jorí eñána
tobajára tiaú !

*77 *Acodem todos quatro, com suas armas, e dizem :*

750. *Tataurana* — Ko xe musuranusú. moçuranuçu
Taú korí ijybapuéra,
Jaguarusú juguéra,
iakanguéra Urubú,
Kaburé setymambuéra.

Navarro

Para que ela os cozinhe
t'o-moĩy
tomogĩ (no manuscrito está assim)

755. *Urubu* — Ko aikó,
syguepuéra tarasó
iñyambebúia abé,
xe raixó guaibĩ supé.
Oubé señaempepó,
tomojĩ xe renondé. diante de mim

---

744. Tataurana,
traze a tua muçurana !
Urubu, Jaguaruçu,
trazei também a ingapema !
Caborê, vem correndo
comer os inimigos !

750. –Aqui está a minha muçurana grossa.
Eu lhe comerei os braços,
Jaguaruçu o pescoço,
Urubu sua caveira,
Caborê as suas pernas.

755. –Aqui estou,
vou levar as suas tripas e bofes
para minha velha sogra.
Veio também a panela,
cozerão à minha vista.

–V. 744 — Cf. –V. 714.

–V. 745 — *musurána* — *muçurana*, corda grossa, de algodão, cuidadosamente tecida e reservada para os sacrifícios de guerra.

–V. 746 — *Urubú* — *Urubu* (*Coragyps atratus foetens*, Lichtenstein), ave de rapina, impròpriamente confundida com o corvo europeu (*Corvus corax*), com o qual se parece pela plumagem negra, mas de que se distingue por outros hábitos. Alimenta-se de carniça. Como nome próprio, deve referir-se a certo chefe tupinambá (JO).

Jaguarusú — *Jaguaruçu*, literalmente "Onça" ou "Cão-grande" (*Jaguár-usú*). Algumas tribos desconheciam o cão e a expressão designava outros dois animais não bem definidos (TTGB, 38/39). Cf. –V. 291.

–V. 747 — *ingapéma* — *ingapema*, clava de guerra feita de madeira rija, vermelha ou preta, de cabo longo, a extremidade oposta achatada. Quando se destinava a quebrar a cabeça de prisioneiros de guerra, pintava-se ou tecia-se de várias côres, adornando-se com penas de arara e canindé. Constituía, então, objeto sagrado. Cf. –V. 533.

–V. 748 — *Kaburé* — *Caboré*. Por caboré indica-se uma coruja pequena (Gên. *Glaucidium*), mas na Amazônia é conhecido por êsse nome um gavião pequeno — o Tentenzinho (*Falco albigularis*).

–V. 752 — Cf. –V. 746.

–V. 753 — Cf. –V. 746.

–V. 754 — Cf. –V. 748.

761. *Jaguaruçu* — Kobé ingapẽ koatiára,
tajakáng mombúk murú.
Iaputuúma taú.
Xe aguaraguasú, jaguára.
Xe jaguareté iporú !

766. *Caborê* — Kueisé ko aporapití,
ajurujúba jukábo,
uiñemoerapoangatuábo.
Tasó nde pýri, korí,
aipó tubixába guábo.

tacoane

*77v 771. *Saravaia* — Napeandúbi . . . Pejaybýk.
T'a-kûa-ne pe r-enondé — Tasoáne pe renondé
Hei de ir (passar) antes de vós pemañánamo, rañé.
Jasepeñã, jaipysýk,
iapysýk eimebé . . .

Vão todos, agachados, para Décio,
que está praticando com Valeriano.

776. *Décio* — Amigo Valeriano,
es cumplido mi deseo,
pues por arte ni rodeo
pudo escapar de mi mano
el siervo del Galileo.

781. Ni Pompeyo, ni Catón,
ni César, ni el Africano,
ningún griego ni troyano
pudieron dar conclusión
a hecho tan soberano.

---

761. Aqui está também a ingapema listrada,
para quebrar-lhes as cabeças.
Comerei os seus miolos.
Sou o guará, a onça.
Sou jaguaretê antropófago !

766. –Andei por aqui derrotando,
matando franceses,
para tornar-me famoso.
Irei a teu lado, agora,
devorar êstes chefes.

771. Não vos notaram . . . Agachai-vos.
Irei à vossa frente
antes, como vosso espia.
Ataquemo-los, prendamo-los,
antes que nos escapem . . .

–V. 764 — *aguaraguasú* — *guará* (*Canis jubatus*), a maior das espécies brasileiras da fam. *Canideos*, impròpriamente denominada "lôbo" (VLB, 278).

–V. 765 — *jaguareté* — literalmente "onça-verdadeira", designa a onça-pintada.

–V. 780 — Refere-se a São Lourenço.

*78 786. *Valeriano* — El remate, gran señor,
de esta tan grande hazaña,
fué más que vencer España.
Nunca rey, ni emperador
hizo cosa tan extraña.

791. Mas, señor, ¿quién es aquel
que allí veo tan armado
con espadas y cordel,
y con gente de tropel,
de que viene acompañado?

796. *Décio* — Es nuestro gran Dios y amigo
Júpiter, sumo Señor,
que recibió gran sabor
con el horrendo castigo
y muerte de este traidor.

801. Y quiere, por regraciar
las penas de este profano,
nuestro imperio acrecentar,
con su poderosa mano,
por la tierra y por la mar.

806. *Valeriano* — Más me temo yo que viene
a sus tormentos vengar,
*78v y a nosotros ahorcar...
¡Oh!¡ Qué mala cara tiene!
Ya yo comienzo a temblar...

811. *Décio* — ¿Ahorcar?
¿Quién me puede a mi matar,
o mover mis fundamentos?
Ni la furia de los vientos,
ni braveza de la mar,
ni todos los elementos.

817. No temas, que mi poder,
que los dioses inmortales
me quisieron conceder,
nunca se podrá vencer,
pues no hay fuerzas iguales.

-V. 806 — *Más* (adv.), ou *mas* (conj.)?

822. De mi cetro imperial
tiemblan reyes y tiranos.
Venzo todos los humanos,
casi puedo ser igual
a los dioses soberanos.

827. *Valeriano* — ¡ Oh ! ¡ Qué terrible figura !
¡ No puedo más aguardar,
que me siento ya quemar !
Vámonos, que es gran locura
tal encuentro aqui esperar.

*79 832. ¡ Ay, ay ! ¡ Qué grandes calores !
No tengo ningún sosiego.
Décio — ¡ Ay ! ¡ Qué terribles dolores !
¡ Ay ! ¡ Qué hirvientes ardores,
que me abrasan como fuego !

837. ¡ Oh pasión !
¡ Ay de mi ! que es el Plutón
que viene del Aqueronte,
ardiendo como tizón,
a llevarnos, de rondón,
al fuego del Flegetonte.

843. ¡ Oh cuitado,
que me quemo ! ¡ Aquel quemado
me quema, con gran furor !
¡ Oh mohino emperador !
Todo me veo cercado
de penas y de pavor,

849. que el diablo,
armado con su venablo,
y las furias infernales,
viene a castigar mis males.
Ya no sé lo que me hablo,
con angustias tan mortales . . .

*79v 855. *Valeriano* — ¡ Oh Decio, cruel tirano !
Ya pagas, y pagará
contigo Valeriano,
porque Lorenzo cristiano
asado nos asará.

860. *Aimbirê* — To, kasiána pikó?
Kasiána ñe serã . . .
Xe rorýb. Aujé nipó!
Kasiánamo, taikó!
Aeré tasepeñã!

865. Quiero hacerme castellano
y usar de policía
con Decio y Valeriano,
porque el español ufano
siempre guarda cortesía.

870. ¡Oh muy alta majestad!
Beso las manos, mil veces,
de vuestra gran crueldad,
pues justicia ni verdad
guardasteis, siendo jueces.

875. Soy mandado
por San Lorenzo quemado,
a llevaros a mi casa,
*80 donde sea confirmado
vuestro imperial estado
en fuego, que siempre abrasa.

881. ¡Oh qué tronos, y qué camas
os tengo ya aparejadas
en mis oscuras moradas,
de vivas y eternas llamas,
sin nunca ser apagadas!

---

860. –Ó! castelhanos?
Castelhanos, parece . . .
Alegro-me. Muito bem!
Que sejam espanhois!
Daqui a pouco os atacarei!

–V. 860 — *kasiána* — *castelhano*, adatação tupi, com dissolução do grupo *-st-* e supressão de *-lh-*.
–V. 861 — Cf. –V. 860.
–V. 863 — *kasiánamo* — *kasiána* (cf. –V. 860) + *ramo*, partícula adverbial.

886. *Valeriano* — Xe, akái ! . .
Aimbirê — ¿Vinisteis del Paraguay,
que habláis en carijó?
Todas las lenguas sé yo.
Esepeñã, Sarauái !
Ko nde momboitába, ko !

892. *Valeriano* — Aujé, xe juká jepé !
Nasetái xe angaipába . . .
Ejá, te, xe rubixába !
Saravaia — Aã ! Xe potába nde !
Nde, xe rembiapotasába !

897. *Décio* — ¡ Oh miserable de mí,
que ni basta ser tirano,
ni hablar em castellano !
¿Qué es del mando en que me vi?
¿Qué es del poder de mi mano?

*80v 902. *Aimbirê* — Iesú, gran Dios soberano,
que tú, traidor, perseguiste,
te dará suerte muy triste,
entregándote en mi mano,
a quien, malvado, serviste.

907. Pues me honraste,
y siempre me contentaste
ofendiendo a Dios eterno,
es justo que en el infierno,
palacio que tanto amaste,
no sientas mal el invierno . . .

913. Porque el odio inveterado
de tu duro corazón,
no puede ser ablandado,
si no fuere martillado
con agua del Flegetón.

---

886. -Ai de mim ! . .

890. -Avança, Saravaia !
Aqui os teus golpes, aqui !

892. -Basta, tu me matas !
Não tenho muitos pecados . . .
Prende, antes, o meu chefe !
-Não ! És tu o meu quinhão !
Tu, a minha prêsa cubiçada !

-V. 888 — *carijó* — *carijó*, a língua falada pelas tribos do mesmo nome. Cf. -V. 150.

918. *Décio* — ¡ Mirad ! ¡ Qué consolación
para quien se está quemando !
Sumos dioses, ¿para cuándo
dilatais mi salvación,
que vivo me estoy quemando ?

923. ¡ Ay, ay, qué mortal desmayo !
*81 Esculapio, ¿ no acudis ?
Iúpiter, ¿ por qué dormis ?
¿Qué es de vuestro ardiente rayo ?
¿Qué hacéis, que no venís ?

928. *Aimbirê* — ¿Qué decis ?
¿Tenéis mal de prioris ?
Háloos el pulso alterado.
¡ Es gran dolor de costado
este mal, de que morís !
¡ Habéis de ser bien sangrado !

934. Dias ha que esta sangria
se guardaba para vos,
que sangrabais noche y dia,
con obstinada porfía,
a los mártires de Dios.

939. Mucho deseo beber
vuestra sangre imperial.
No me lo tengáis a mal,
que con esto quiero ser
hombre de sangre real.

944. *Décio* — ¡ Acatad ! ¡ Qué disparate
y donoso desvario !
Échenme dentro de un río,
antes que el fuego me mate,
¡ oh dioses, en que confio !

–V. 929 — *prioris* — forma arcaica de "pleuriz". As moléstias do aparelho respiratório afetavam com freqüência os índios, habituados à vida da floresta. Dêsse e de outros males, que conheceram ao convívio dos brancos, algumas tribos conservaram dolorosa lembrança (Cf. TT, 12-13). Cf. –V. 934.

–V. 934 — *sangrias* — já adotadas pelos pajés, as sangrias foram aplicadas pelos jesuítas, em casos de pleurisia (CI, 179) disenteria sangüínea e bexigas (CI, 186, 239), à revelia, às vêzes, dos índios, que a elas atribuíam muitas mortes. Cf. AM.

*81v 949. ¿No queréis
socorrerme, o no podéis?
¡ Oh malditos fementidos,
malos y desconocidos,
que tan poco os condoléis
de quien fuisteis tan servidos !

955. Si pudiese dar un vuelo,
yo os iria a derrocar
de los tronos de ese cielo,
y sermeía gran consuelo,
en los fuegos os lanzar.

960. *Aimbirê* — Paréceme que es llegada
la hora del frenesis,
con calentura doblada,
la cual será mal curada
de los dioses, que servis.

965. Son fieros
de los bravos caballeros
que tienen lengua y no mano,
y por eso, tan ufano,
hoy quisisteis acogeros
al romance castellano.

*82 971. *Saravaia* — Eso es.
Pensaba dar, de revés,
espantables cuchillazos,
mas en fin, nuestros balazos
dieron con él al través,
con muy pocos cañonazos.

977. Mas, ¡ qué de bofetonazos
les tengo luego de dar !
Los tristes, sin descansar,
a poder de tizonazos,
como perros han de aullar.

-V. 958 — *sermeía* — construção portuguêsa.

982. *Valeriano* —

¡ Oh qué herida !
¡ Arráncame ya esta vida,
pues mi alta condición,
contra justicia y razón,
vino a ser tan abatida,
que muero como ladrón !

988. *Saravaia* —

No es otro el galardón
que yo doy a mis criados,
sino morir ahorcados,
y despues, sin remisión,
al fuego ser condenados.

*82v 993. *Décio* —

Ésa es pena doblada,
que me causa más dolor :
que yo, universal señor,
muera muerte deshonrada
de horca, como traidor.

998.

Ya si fuera peleando,
dando tajos y reveses,
piernas y brazos cortando,
como hice a los franceses,
acabara triunfando.

1003. *Aimbirê* —

Parece que estais pensando,
poderoso emperador,
cuando, con bravo furor,
matasteis, traición armando,
Felipe, vuestro señor.

1008.

Por cierto que me alegráis,
y se cumplen mis deseos,
con los desgarros que echáis,
porque el fuego, en que os quemáis,
causa tales devaneos.

1013. *Décio* —

Bien entiendo
que este fuego, en que me enciendo,
merece mi tiranía,
*83 pues con tal cruel porfía
los cristianos persiguiendo,
con fuego los destruía.

1019. Mas que yo, en mi monarquía,
acabe con tal pregón,
muriendo como ladrón,
¡ es muy terrible agonía
y doblada confusión !

1024. *Aimbirê* — ¿ Cómo ? ¿ Pedís confesión ?
Pretendéis volar sin alas.
Sí, que vuestras obras malas
merecen haber perdón.
Pedidlo a la diosa Palas . . .

1029. O a Nero,
aquel cruel carnicero
del fiel pueblo cristiano.
Aquí está Valeriano,
vuestro leal compañero.
¡ Recibidlo de su mano !

1035. *Décio* — Esos amargosos chistes
y baldones,
acrecientan mis pasiones
y dolores,
con tan crueles ardores,
como de ardientes tizones.

*83v 1041. Y con esto crecen más
estos fuegos, que padezco.
Acaba, que ya me ofrezco
en tus manos, Satanás,
y al tormento, que merezco . . .

1046. *Aimbirê* — ¡ Oh, cuánto que os agradezco
esa buena voluntad !
Yo, con liberalidad,
quiero daros gran refresco
para vuestra enfermedad,

1051. en la cueva,
donde el fuego se renueva
con ardores perennales,
donde todos vuestros males
harán sempiterna prueba
de dolores inmortales.

1057. *Décio* — ¿Qué haces, Valeriano,
buen amigo?
Al cabo, serás testigo
de mi pena,
atado con la cadena
de fuego sin fin, conmigo.

1063. *Valeriano* — ¡Enhoramala! Ya son horas...
*84 Vamos luego
de este fuego al otro fuego
eternal,
donde la llama inmortal
nunca nos dará sosiego.

1069. *Aimbirê* — ¡Sus! ¡Aína!
¡Vayan a nuestra cocina,
Sarauái!
Saravaia — Aikobé, najepeái
ixuí.
Tatapýña nojabýi.
Ojeibé murú kái...

1076. *Décio* — Xe rakubeté ko, mã!
Xe resý Lorẽ kaẽ.
Xe morubixába biã,
erĩ! xe rapý Tupã,
obojá repýka ñe!

1081. *Aimbirê* — Supié.
Erejuká potaré
São Lourenço angaturáma.
Ajú nde resé uipuáma.
Oikobé nde aroára e,
*84v xe ratá nde kaiaõáma.

1071. Saravaia!
– Aqui estou, eu não me afasto dêles.
As brasas não falham.
Ainda hoje queimarão os malditos...

1076. –Ó, eu abraso aqui!
Assa-me Lourenço queimado.
Embora eu seja um soberano,
ai! Deus abrasa-me,
vingando o seu servo!

1081. –Efetivamente.
Tu quiseste matar
o virtuoso São Lourenço.
Vim para castigar-te.
Aqui está um teu inimigo,
e meu fogo há-de queimar-te.

–V. 1077 — *Lore* — Cf. –V. 172.

Afogam-nos e entregam-nos aos quatro beleguins, e cada dois levam o seu.

1087. Pejorí,
perasó murú supí
jandé ratápe sapéka,
imongaémo, ipokéka,
saimbekatuábo, sesí,
imojýpa, imomembéka.

Ficam ambos no terreiro com as coroas dos imperadores nas cabeças, e diz Saravaia :

1093. Te ! Morapitiára ixé
angaipába sykyjéba,
morubixába jepé,
ajerók murú resé
xe réra "Kururupéba" !

1098. Ánga ja,
angaipabóra ajuká,
xe ratápe seroáne.
Apiába, guaibĩ, kuñáne,
koára pukúi, xe rembiá
serasóbo, iguábo páne.

1087. Vinde,
conduzi os malditos
para em nosso fogo queimá-los,
serem feitos em moquecas,
tostarem, assarem,
cozerem, derreterem.

1093. –Ó ! Eu, vencedor
de pecadores temíveis,
embora verdadeiro chefe,
mudam por isso
meu nome para "Cururupeba" !

1098. Como êles,
mato os que costumam pecar,
atirando-os comigo ao meu fogo.
Homens, velhas, moças,
como eternas prêsas minhas
levando, a todos devorarei.

–V. 1097 — *Kururupéba* — *Cururupeba*, literalmente "Cururu-chato" (*Kururú-péba*, cf. –V. 486), nome do principal da Ilha de Cururupeba, na Baía de Todos os Santos. Notificado por Mem de Sá de que já se não permitia a antropofagia, matou e comeu, ostensivamente, em festas, os seus escravos de guerra. Chamado à ordem, recusou-se a dar satisfações ao governador, pelo que Vasco Rodrigues Caldas foi enviado à ilha com a incumbência de conduzi-lo à fôrça. Conta o P. Manoel da Nóbrega que, conservado prêso cêrca de um ano, Cururupeba se tornou, ao cabo, bom cristão (C, 159-150). A Ilha de Cururpeba pertenceu, mais tarde, à Companhia e passou a chamar-se Ilha da Madre de Deus, conservando-se a denominação primitiva para a terra fronteira à mesma (NB, 282). No poema a Mem de Sá, Anchieta descreve Cururupeba :

Cururupeba

"*Barbarus, imbelleis animos ignauaque corda obiiciens, letumque uiris crudeles minatus*" crudele?
(RGMS, II, 846-847).

Ver De Gestis Mendi de Saa página 128 (Ano 1970)

Esta obra fala sobre Cururupeba (páginas 127-133, 258 e 262).

*85 *Tendo o corpo de São Lourenço amortalhado e pôsto na tumba, entra o Anjo, com o Temor e Amor de Deus, a despedir a obra, e no cabo acompanham o santo para a sepultura.*

1104. *Anjo* — Vendo nosso Deus benigno
vossa grande devoção
que tendes, e com razão,
a Lourenço, mártir digno
de tôda a veneração,

1109. determina, por seus rogos
e martírio singular,
a todos sempre ajudar,
para que escapeis dos fogos
em que os maus se hão de queimar.

1114. Dois fogos trazia n'alma,
com que as brasas resfriou,
e no fogo, em que se assou,
com tão gloriosa palma,
dos tiranos triunfou.

1119. Um fogo foi o Temor
do bravo fogo infernal,
e, como servo leal,
*85v por honrar a seu Senhor,
fugiu da culpa mortal.

1124. Outro foi o Amor fervente
de Jesus, que tanto amava,
que muito mais se abrasava
com êsse fervor ardente
que co'o fogo, em que se assava.

1129. Êstes o fizeram forte.
Com êstes purificado
como ouro refinado,
padeceu tão crua morte
por Iesu, seu doce amado.

1134. Êstes vos manda o Senhor
a ganhar vossa frieza,
para que vossa alma acesa
de seu fogo gastador,
fique cheia de pureza.

1139. Deixai-vos dêles queimar
como o mártir São Lourenço,
e sereis um vivo incenso
que sempre haveis de cheirar
na côrte de Deus imenso.

*86 *Temor de Deus, com seu recado :*

1144. *"Pecador,*
engulles, con gran sabor,
el pecado,
¡ Y no te ves ahogado
con tus males !
¡ Y tus heridas mortales
no sientes, desventurado !

1151. *El infierno,*
con su fuego sempiterno,
ya te espera,
si no sigues la bandera
de la cruz,
en la cual murió Jesús
para que tu muerte muera."

1158. Dios te envia este mensaje
con amor.
A mí, que soy su Temor,
me conviene
declarar lo que contiene,
porque temas al Señor.

1164. Espantado estoy de ver,
pecador, tu gran sosiego.
*86v Con tantos males hacer,
¿ cómo vives sin temer
aquel espantoso fuego?

1169. Fuego que nunca descansa,
mas siempre causa dolor,
y con su bravo furor
quita toda la esperanza
al maldito *pecador*.

1174. Pecador, ¿ cómo te entregas
a los vicios, tan sin freno?
De los cuales estás lleno,
¿ engullendo, tan a ciegas,
la culpa, con su veneno?

1179. Veneno de maldición
tragas sin ningún temor,
y sin sentir tu dolor
la carnal delectación
engulles, con gran sabor.

1184. Sabor parece el pecado,
muy más dulce que la miel,
mas el infierno cruel,
después te dará un bocado
más amargo que la hiel.

1189. Hiel beberás sin medida,
pecador desatinado,
*87 tu alma en fuego encendida.
Ésta será la salida
del deleite del pecado.

1194. Del pecado que tú amas
San Lorenzo tanto huyó,
que mil penas padeció,
y quemado en unas llamas,
por no pecar, expiró.

1199. Él la muerte no temió.
Tú no temes el pecado,
del cual te tiene ahorcado
Lucifer, que te ahogó,
¡ y no te ves ahogado !

1204. Ahogado por la mano
del diablo, se partió
Decio con Valeriano,
infiel, cruel tirano,
al fuego, que mereció.

1209. Mereció tu fe la vida,
mas con pecados mortales
la tienes casi perdida,
y tu Dios, bien sin medida,
ofendido *con tus males.*

1214. Con tus males y pecados,
tu alma de Dios ajena,
en la infernal cadena
*87v pagará, con los dañados,
por su culpa, justa pena.

1219. Pena sin fin te darán
en los fuegos infernales
tus deleites sensuales.
Tus tormentos doblarán,
y tus heridas mortales.

1224. Mortales son tus heridas.
Pecador, ¿ por qué no lloras?
¿ No ves que, con tus demoras,
todas están corrompidas,
y cada dia empeoras?

1229. Empeoras y te finas,
mas tu peligroso estado,
la priesa y grande cuidado,
con que al infierno caminas,
¿ no sientes, desventurado?

1234. ¡ Oh descuido intolerable
de tu vida !
Está tu alma hundida
en el lodo,
y tú ríeste de todo,
¡ y no sientes tu caída !

1240. ¡ Oh traidor !
que niegas tu Creador,
Dios eterno,
que se hizo niño tierno
por salvarte,
y tú quieres condenarte,
*88 *¡ y no temes el infierno !*

1247. ¡ Oh insensible !
¿No sientes aquel terrible
espanto, que causará
el juez, cuando vendrá,
con carranca muy horrible,
y la muerte te dará,

1253. y tu ánima será
sepultada en el infierno,
donde muerte no tendrá,
mas viva se quemará,
con su fuego sempiterno?

1258. ¡ Oh perdido !
Allí serás consumido,
sin nunca te consumir.
Allí vida sin vivir,
allí lloro y gran aullido,
alli muerte sin morir.

1264. Planto será tu reír,
tu comer, hambre muy fiera,
tu beber, sed sin manera,
tu sueño, nunca dormir,
*88v todo esto *ya te espera.*

1269. ¡ Oh mohino !
pues que verás, de contino,
al horrendo Lucifer,
sin nunca llegar a ver
aquel conspecto divino,
de quien tienes todo ser,

1275. acaba ya de temer
a Dios, que siempre te espera,
corriendo por su carrera,
pues no puedes suyo ser,
si no sigues la bandera.

1280. ¡ Hombre loco !
Si tu corazón ya toco,
múdense tus alegrias
en tristezas y agonías.
¡ Mira que te falta poco
para fenecer tus dias !

1286. No peques más contra aquel
que te ganó vida y luz
con su muerte tan cruel,
bebiendo vinagre y hiel,
en el árbol *de la cruz.*

1291. ¡ Oh malvado !
El murió crucificado,
*89 siendo Dios, por te salvar,
pues, ¿ qué puedes esperar,
si tú eres el culpado,
y no cesas de pecar ?

1297. Tú lo ofendes, él te ama.
Él ciega por darte luz.
Tú, malo, ¡ pisas la cruz,
aquella tan dura cama,
en la cual murió Jesús !

-V. 1289 — *vinagre* — Cf. Ia, XLIII, (10).

1302. ¡ Hombre ciego !
¿Por qué no comienzas luego
a llorar por tu pecado?
¿ y tomar por abogado
a Lorenzo, que en el fuego,
por Iesú murió quemado?

1308. Teme a Dios, juez tremendo,
en esta hora postrera,
a solo Iesú viviendo,
pues dió su vida muriendo
para que tu muerte muera.

Amor de Deus, com seu recado :

1313. *"Ama a Dios, que te creó,*
¡ hombre, de Dios muy amado !
*89v *Ama, con todo cuidado,*
a quien primero te amó.

1317. *Su propio hijo entregó*
a muerte, por te salvar.
¿Qué más te podia dar,
pues, cuánto tiene, te dió?"

1321. Por mandado del Señor,
te dije lo que has oído.
Abre todo tu sentido,
porque yo, que soy su Amor,
sea en ti bien imprimido.

Glosa e declaração
do recado

1326. Todas las cosas creadas
conocen su Creador.
Todas le tienen amor,
porque de él son conservadas
cada cual en su vigor.

1331. Pues con tanta perfección
su sapiéncia te formó
hombre capaz de razón,
¡ de todo tu corazón
*90 *ama a Dios, que te creó !*

1336. Si amas la criatura
por te parecer hermosa,
aquella vista graciosa
de la misma hermosura,
ama sobre toda cosa.

1341. De su divina lindeza
debes ser enamorado.
Sea tu ánima presa
de aquella suma beleza,
¡ hombre, de Dios muy amado !

1346. Aborrece todo el mal,
con despecho y gran desdén.
Y, pues eres racional,
abraza a Dios inmortal,
sumo, solo y todo bien.

1351. Este abismo de hartura,
que nunca será agotado,
esta fuente viva y pura,
este río de dulzura,
ama con todo cuidado.

1356. Antes que crease nada,
ya la suma majestad
te tenia vida dada,
y tu ánima abrazada
*90v con eterna caridad.

1361. Por hacerte todo suyo,
con su amor te cautivó,
y, pues todo te lo dió,
da tú todo el amor tuyo
a quien primero te amó.

1366. Dióte ánima inmortal
y capaz de Dios inmenso,
para que fueses suspenso
en él, aquel bien etenal, eternal
que es sin fin, y sin comienzo.

1371. Después que en muerte caiste,
otra vez vida te dió.
Porque salir no pudiste
de la culpa, a quien te diste,
su propio hijo entregó.

1376. Entrególo por esclavo,
quiso que fuese vendido,
para que tú, redimido
del poder del león bravo,
fueses siempre agradecido.

*91 1381. Porque tú no mueras, muere
con amor muy singular.
Pues, ¡ cuánto debes amar
a Dios, que entregarse quiere
a muerte, por te salvar !

1386. El Hijo, que el Padre dió,
su Padre te da por padre,
y su gracia te infundió,
y cuando en la cruz murió,
su madre te dió por madre.

1391. Dióte fe con esperanza,
a si mismo por manjar,
para en si te transformar
en su bienaventuranza.
¿ Qué más te podia dar?

1396. En pago de todo esto,
¡ oh dichoso pecador !
pide sólo tu amor.
Mete, pues, todo tu resto,
por ganar a tal Señor.

1401. Da tu vida por los bienes
que su muerte te ganó.
Suyo eres, tuyo no.
Dale todo cuánto tienes,
pues, cuánto tiene, te dió.

*91v

DESPEDIDA

1406. Alzad, mis hermanos, los ojos al cielo.
Vereis a Lorenzo reinando con Dios,
al rey de los reyes rogando por vos,
que estáis celebrando su fiesta en el suelo.

1410. De aqui por delante tened grande celo,
que sea Dios siempre temido y amado,
y mártir tan santo, de todos honrado.
Tendréis sus favores y dulce consuelo.

1414. Y, pues celebráis, con tanta afición,
su claro martirio, tomad mi consejo :
su vida y virtudes tened por espejo,
llamándolo siempre con gran devoción.

1418. Por sus oraciones habréis el perdón,
y del enemigo, perfecta victoria.
Después de la muerte veréis, en la gloria,
la cara divina, con clara visión.

Laus Deo

5.º ATO

*92

DANÇA, que se fêz na procissão de São Lourenço, de doze meninos (6)

1422. *1.º* —

Ko oroikó oroñemborýpa
nde ára momorangápe.
Toú, nde jeruresápe,
Tupã oré moorýpa,
opytábo oré pyápe.

1427. *2.º* —

Orojerobiá nde ri,
São Lourenço angaturáma.
Esarõ oré retáma
oré sumarã suí.

1431.

Toroitýk oré poxý,
pajé rerobiareýma,
moraséia, mbyryrýma,
karaí moñánga ndi.

1435. *3.º* —

Tupã rerobiá katú
nde pyá suí ndoíri.
Toroguerobiá, nde pýri,
jandé rubeté, *Iesu.*

1422. –Aqui estamos jubilosos
para celebrar tua festa.
Oxalá, por tuas súplicas, venha
Deus fazer-nos felizes,
ficando em nosso coração.

1427. –Nós confiamos em ti,
virtuoso São Lourenço.
Guarda a nossa terra
de nossos inimigos.

1431. Repudiemos nossos vícios,
não crendo nos pajés,
nem dançando, girando,
praticando curandeirismo.

1435. –A grande confiança em Deus
de teu coração não fugiu.
Junto de ti, confiemos
em Jesus, nosso verdadeiro pai.

---

(6) — Os meninos índios "fazem suas danças à portuguêsa", diz Anchieta (CI, 416), "com tamboris e violas, com muita graça, como se fôssem meninos portuguêses, e quando faz em estas danças põem uns diademas na cabeça, de penas de pássaros de várias côres, e desta sorte fazem também os arcos e empenam e pintam c corpo, e assim pintados e mui galantes a seu modo, fazem suas festas muito aprazíveis que dão contento e causam devoção por serem feitas por gente tão indómita e bárbara, mas pela bondade divina e diligências dos nossos feitos já homens políticos e cristãos".

1439. Oré ánga tojosú,
sekó poxý mosasãia
Nde abé, imoesãia.
Iesu yrúmo terejú.

*92v 1443. *4.º* — Tynysẽ Tupã rausúba
nde ñyáme erimbaé.
Emaẽ oré resé !
Torosausú jandé rúba,
jandé moñangareté.

veja V-722

1448. *5.º* — Eresapiá Jandé Jára,
iñeénga mopopá.
Ejorí, oré rausubá,
toroimomoráng, ko ára,
nde rekó poránga ra.

página 120 Teatro Eduardo de Almeida
imombûeirá pó!

1453. *6.º* — Supibé eremomboeirá
maraabóra, sobasápa.
Nde raýra imaraá.
Añánga rekó potá . . .
Ejorí, no, imomboeirápa !

provável erro — imõbeoirapa (ver página 176) deste livro.

1458. *7.º* — Jandé Jára mombeguábo,
teõ ereiporará.
Torepyatã, angá,
mbaé asý porarábo
Tupána resé, nde ja.

1439. Que êle purifique nossas almas,
arejando-as de males.
E que tu, encantando-a,
com Jesus venhas.

1443. –Pleno de amor de Deus
foi o teu coração outrora.
Olha por nós !
Amemos o nosso pai,
nosso verdadeiro criador.

1448. –Obedeceste a Nosso Senhor,
cumprindo suas palavras.
Vem, amor nosso,
celebraremos êste dia
imitando a tua santidade.

1453. –Com ela tu curaste
os doentes, abençoando-os.
Teus filhos estão doentes.
Querem as leis do mal . . .
Vem curá-los de novo !

1458. –Confessando a Nosso Senhor,
tu suportaste a morte.
Fortifica-nos,
para suportarmos a dor
como tu, por amor de Deus.

1463. *8.º* —

Osykyjé nde suí
añánga, nde moabaetébo.
Ejorí imosykyjébo,
toikó umé óka rupi
*93 oré ánga monguébo.

1468. *9.º* —

Tupã momburuareté,
tatá pupé nde resíri.
Opá nde reté raíri
itá tiãia pupé.

1472.

Torojaseó memé
Paí Tupã repiáka úpa.
Toúr, ko ára pupé,
oré ánga moakúpa.

1476. *10.º* —

Oryrý, nde jukaré,
Tupã sumarã reía.
Ejorí oré rekýia,
toroikó nde ypýpe ñe,
oré sumarã mondýia.

1481. *11.º* —

Nde jukasaroéra osó
okáia añánga ratápe.
Endé, Tupã rorypápe
aujérama ñe ereikó.

1485.

Nde jabé, torosausú
Paí Tupã oré ñyáme.
Toroguerekó, setáme,
nde pýri, tekó pukú.

1463. –Têm mêdo de ti
os demônios, para quem és terrível.
Vem amendrontá-los,
para que não fiquem pelas ocas
entibiando as nossas almas.

1468. –Grandes herejes
no fogo te assaram.
Sarjaram-te o corpo todo
numa grêlha de ferro.

1472. Choremos sempre
de desejo de contemplar Deus-Padre.
Venha êle, nêste dia,
inflamar a nossa alma.

1476. –Tremem, por te terem matado,
os inimigos de Deus.
Vem arrebatar-nos,
para que fiquemos a teu lado,
assustando os nossos inimigos.

1481. –Os que te mataram foram
arder no fogo infernal.
Tu, na glória de Deus
para sempre estarás.

1485. Como tu, amemos
a Deus-Padre em nossos corações.
Tenhamos, em sua terra,
junto de ti, vida longa.

1489. *12.º* —

*93v

Oré rerekoareté
nde pópe oré ánga rúi
orobiá nde resé.
Oré rausúba jepé,
oré rekobé pukúi.

Finis

1489. –Nós depositamos
em tuas mãos as nossas almas
confiantes em ti.
Ama-nos tu
durante a nossa vida.

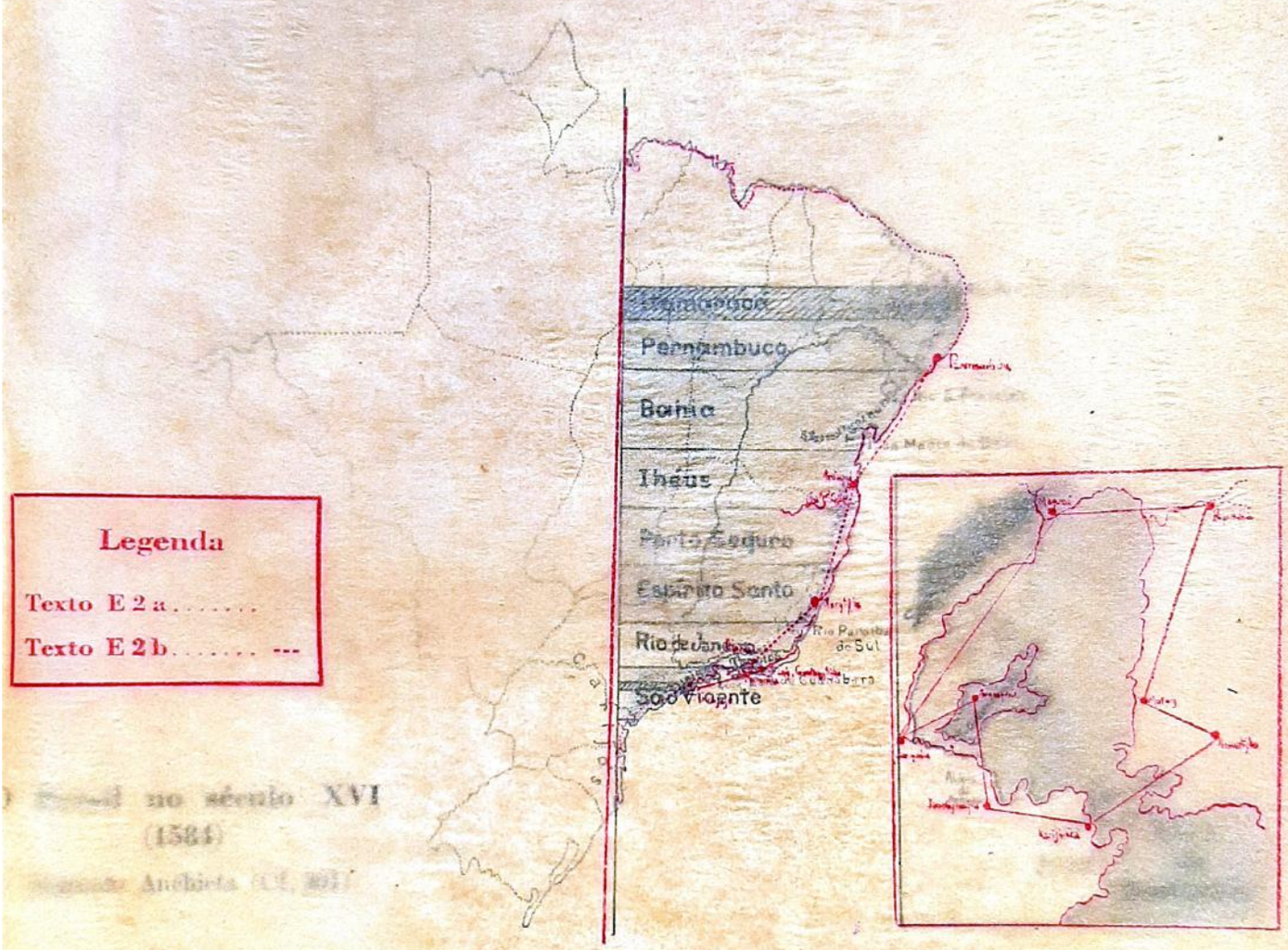


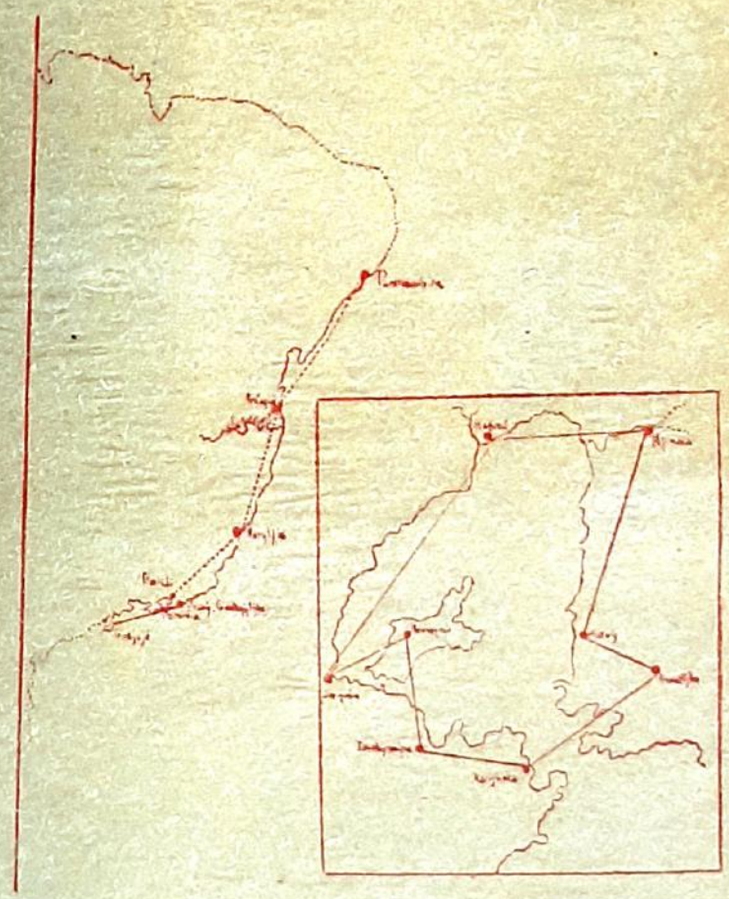
Fig. 18

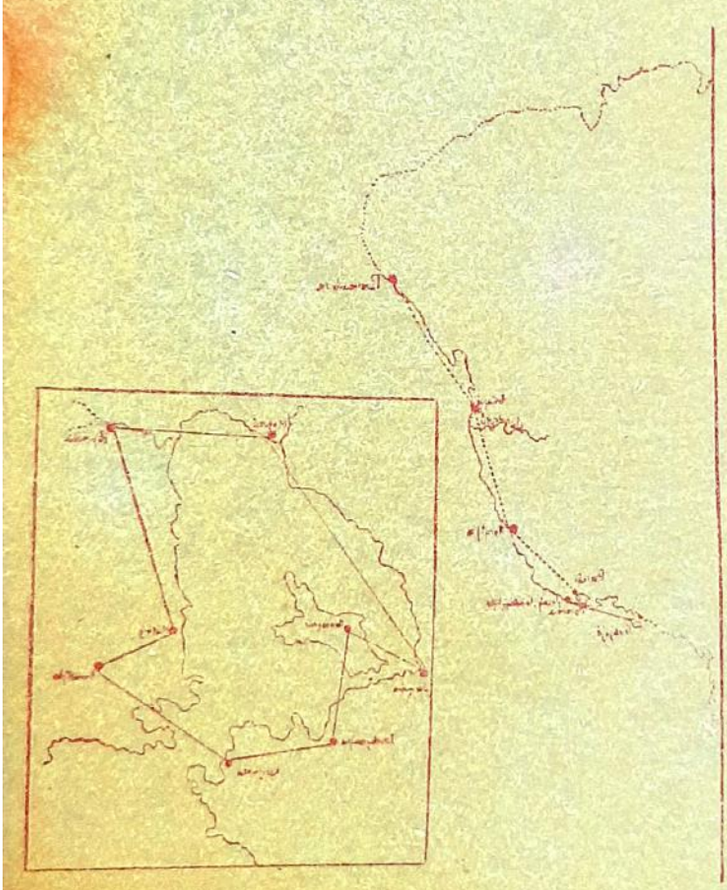
Distribuição topográfica dos textos E 2 a e E 2 b.

Legenda

Texto E 2 a .....

Texto E 2 b ..... ---





Legenda

Texto E 2 a .....

Texto E 2 b ..... ---

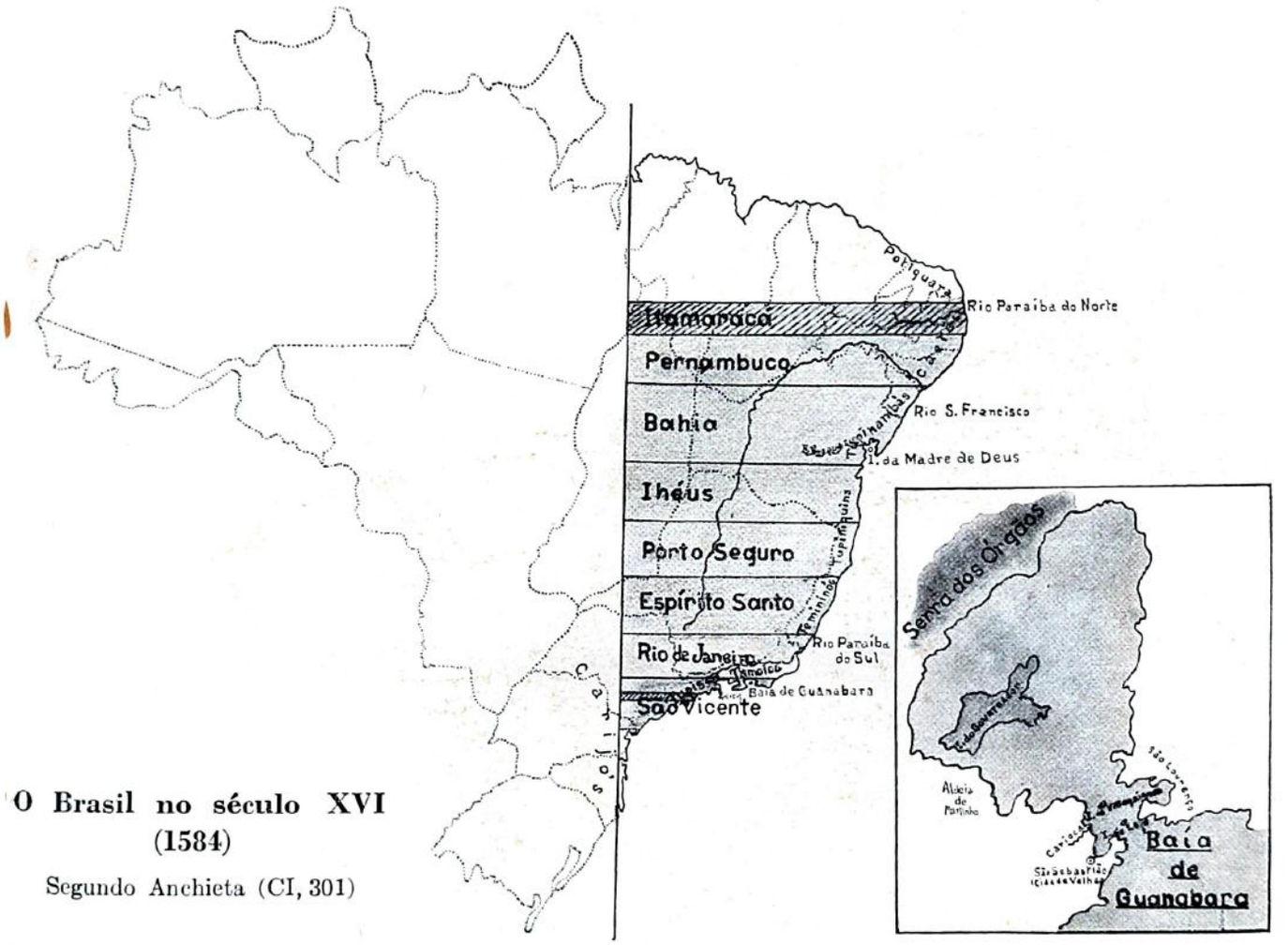


Fig. 18

Distribuição topográfica dos textos E 2 a e E 2 b.

Auto da Pregação Universal

ou

NA FESTA DO NATAL

"Na festa do Natal" é uma adaptação de "Na festa de São Lourenço", sem dúvida destinada a outro local (1), *a um público mais simples* (2), *em ocasião ligada a festividades de Natal* (3), *o que dispensa referências históricas naquele freqüentes.*

Quase inteiramente escrita em língua tupi (4), *faz parte das celebrações de uma confraria* (5). *As poucas alterações feitas limitam-se a mudanças de têrmos, supressão de personagens e uma breve parte original* (6).

Sua apresentação como peça à parte fornece, porém, novos elementos lingüísticos e o conjunto facilita a apreciação dos recursos literários e cênicos da época.

---

(1) — Cf. E 2 a, BMP 1, 13-15 e fig. 18.

(2) — Parece destinar-se a uma assistência de pescadores (cf. V. 313), não bem catequizados ainda.

(3) — VV. 404-409 e 437 e sgs.

(4) — De 496 versos, apenas 10 são em castelhano e 35 em português, cf. VV. 437 e sgs.

(5) — V. 368. Em SL, 243, o Rev. Lemos Barbosa lembra a Confraria dos Reis Magos, existente no Rio de Janeiro e fundada em 1586. Havia, porém, desde 1583, outra, no Espírito Santo (HCJB, II, 217 e TTGB, 332), já em 1584.

(6) — São originais apenas os VV. 313-340, 404-419 e 437-466. As variantes dos demais versos vêm apontadas em notas de rodapé anexas ao texto. Os números entre ( ) correspondem aos versos de E 2 a. Foram repetidas as indicações constantes de E 2 a, suprimidas no ms. de E 2 b.

PERSONAGENS — Guaixará, diabo
Aimbirê, seu criado
Anjo

TEMA — Guaixará chama Aimbirê para ajudá-lo a perverter a aldeia. O anjo os expulsa e coloca três Reis Magos no presepe. Segue-se dança típica.

ATOS — 1.º) Diálogo entre os diabos e o anjo (tupi).
2.º) Dança indígena (trilíngüe).

LÍNGUAS — Tupi, castelhana e portuguêsa.

Auto da Pregação Universal
ou

E 2 b

NA FESTA DO NATAL

I.º ATO

Entram dois diabos, que querem destruir a aldeia com pecados, aos quais resiste o Anjo da Guarda, que os expulsa.

*135 1. (21) *Guaixará* — Xe moajú marangatú,
xe moyrõetekatuábo
aipó tekó pysasú.
Abá serã oguerú,
xe retáma momoxyábo?

6. (26) Xe añó
ko tába pupé aikó
serekoáramo uitekóbo,
xe rekó rupi imoingóbo.
Kué suí asó mamó
amó tába rapekóbo.

---

1. –Molestam-me os virtuosos,
irritando-me muitíssimo
os seus novos hábitos.
Quem os terá trazido,
para prejudicar a minha terra?

6. Eu sòmente
nesta aldeia estou
como seu guardião,
fazendo-a seguir as minhas leis.
Daqui vou longe
visitar outras aldeias.

---

(1) — Iª, LIX e LX. Publicado em BMP 1, 95-123.

12. (32)

Abá, serã, xe jabé?
Ixé serobiaripýra,
xe añangusú mixýra,
Serybá'e → Guaixará serímbae,
kuépe imoerapoanimbýra.

17. (37)

Xe rekó iporangeté.
Naipotári abá seytýka,
naipotári abá imombýka.
Aipotakatú teñé
opabĩ tába mondýka.

22. (42)

Mbaé eté kaú guasú
kauĩ mojebyjebýra.
Aipó sausukatupýra.
Aipó añé jamombeú,
aipó imomorangimbýra!

*135v 27. (47)

Serapoã ko mosakára
ikauinguasúbae.
Kauĩ mboapyareté,
aé maramoñangára,
marána potá memé.

32. (52)

Moraséia e ikatú,
jeguáka, jemopiránga,
samongý, jetymanguánga,
jemoúna, petymbú,
karaí moñamoñánga . . .

---

12. Quem, como eu?
Eu sou conceituado,
sou o diabão assado,
Guaixará chamado,
por aí afamado.

17. –Meu sistema é agradável.
Não quero que seja constrangido,
nem abolido.
Pretendo
alvoroçar as tabas tôdas.

22. Boa cousa é beber
até vomitar cauim.
Isso é apreciadíssimo.
Isso se recomenda,
isso é admirável!

27. São aqui conceituados os moçacaras beberrões.
Quem bebe até esgotar-se o cauim,
êsse é valente,
ansioso por lutar.

32. –É bom dançar,
adornar-se, tingir-se de vermelho,
empenar o corpo, pintar as pernas,
fazer-se negro, fumar,
curandeirar . . .

37. (57)

Jemoyrõ, morapití,
joú, tapúia rára,
aguasá, moropotára,
mañána, syguarajý
— naipotári abá sejára.

42. (62)

Angarí
ajosúb abá kotý,
taxererobiár, guijábo. (ujabo)
Oú teñé xe peábo
"abaré" jába, korí,
Tupã rekó mombeguábo.

48. (68)

Oikobé
xe pytybõanameté,
xe pýri marã tekoára,
xe yrúnamo okáibae :
tubixakatú Aimbiré,
miausúba moangaipapára.

Chama Guaixará a Aimbirê, e diz :

*136 54. (84)

To ! Mamópe añé rekóu ?
Ereké pipó ejúpa ?
Aimbirê — Erimaé. Tába súpa,
ybytýripe xe sóu
jandé bojá rerosúpa.

---

37. De enfurecer-se, andar matando,
comer um ao outro, prender tapuias,
amancebar-se, ser desonesto,
espião, adúltero
–não quero que o gentio deixe.

42. Para isso
convivo com os índios,
induzindo-os a acreditarem em mim.
Vêm inùtilmente afastar-me
os tais "padres", agora,
apregoando a lei de Deus.

48. Aqui está
meu ajudante-mor,
meu colaborador,
queimado como eu :
o grande chefe Aimbirê,
pervertedor dos escravos.

54. Eh ! Onde está êle ?
Estavas dormindo ?
–Não. Visitando as tabas,
à serra eu fui
para estar com nossos súditos.

–V. 44 — *guijábo* — E 2 a, V. 64, *ujábo*.
–V. 53 — *miausúba* — E 2 a, V. 73, *apiába*. Faltam E 2 a, VV. 74-83.

59. (89)

Sorykatú xe repiáka,
xe ajubã, xe mombytábo,
koára pukúi okaguábo,
oporaséia, ojeguáka,
Tupã rekó momburuábo.

64. (94)

Te, xe resemõ torýba.
Sekó poxý repiakápe,
xe apysykatú sekoápe.
Opabĩ tekó aíba
mondébi katú opyápe.

69. (99) *Guaixará* —

Ndaeteé,
nde ratangatú resé
uijekóka, uijerobiá.
Jorí, esenõi, angá,
kueibõ nde remimoaujé.
Abápe eremoangaipá?

75. (105) *Aimbirê* —

Marataoáme tekoára
oguerobiá xe ñeénga.
Opá Tangarápe ndoára,
opá Paraibiguára
xe pópe oánga meénga.

---

59. Regozijaram-se ao me ver,
abraçando-me, hospedando-me,
bebendo o dia inteiro,
dançando, adornando-se,
desacatando as leis de Deus.

64. Em resumo, fiquei muito alegre.
Ao ver os seus maus costumes,
tranqüilizei-me.
Todos os vícios
êles abrigam em seu coração.

69. –Por isso mesmo,
em teu grande prestígio
eu me apóio, eu confio.
Vem, dize o nome
dos que por lá cativaste.
Corrompeste a quem?

75. –Os que moram em Marataua
acreditaram em minhas palavras.
Todos os que vivem em Tangará,
todos os paraibiguaras
entregaram em minhas mãos as suas
[almas.

-V. 77 — *Tangarápe*, E 2 a, V. 107, *ypaúme*.
-V. 81 — Os VV. 81-84, não correspondem exatamente a E 2 a, VV. 111-114.
-V. 82 — *Rerytype* — *a Reritiba*, hoje Anchieta, cidade do Espírito Santo, onde Anchieta passou os seus últimos dias. Cf. D 5, NI.

*136v 80. (110)

Kueisé, rakó, amó kañémi,
Ñeterõime osóbo ñe,
Rerytýpe amboaé.
Nasaúbi iñeguasémi,
tumbýpe xe ru meẽ . . .

85. (115)

Aeré,
opytábae resé,
abaré rekoaúbi
iké serú potañé.
Erĩ, aáni ! Amorambué.
Opá xe ñeengendúbi . . .

91. (121) *Guaixará* — Mosángape erejapó
tureými anondé ?
Aimbirê — Tapúipe guaibĩ aé
iké suí arasó.
Iapysýk pabẽ sesé.

96. (126)

Guaibĩ, rakó, iangaipá.
Ojemopajepajébo,
apiába mboemboébo,
Tupána rekó rejá,
xe ño xe mombaetébo.

---

80. Perdi alguns, é verdade,
que foram a Niterói,
outros a Reritiba.
Se não como os que escapam,
dá-me meu pai nas ancas . . .

85. Depois,
para os que ficaram,
os padres mentiras
quiseram aqui trazer.
Não vê ! Eu os impedi.
Todos ouviram as minhas palavras . . .

91. –De que recurso usaste
antes de êles chegarem ?
–Aos tapuias essas velhas
daqui levei.
Contentaram-se todos com isso.

96. As velhas são, de fato, más.
Exorcizando,
industriando os homens,
êles abandonaram as leis de Deus,
estimando a mim sòmente.

–V. 91 — *erejapó* — E 2 a, V. 121, *ereipurú*.
–V. 92 — E 2 a, V. 122, *tureymaõáma ri*.
–V. 93 — *aé* — E 2 a, V. 123, *arú*.
–V. 94 — E 2 a, V. 124 — *amõ Magueá suí*.
–V. 95 — E 2 a, V. 125 — *Aéreme aputuú*.
–V. 96 — *Guaibi* — E 2 a, V. 126, *Aé*.

101. (131)

Tapúipe poxý mborýpa,
tupotareỹ iké.
Oporaséi pysaré,
ojemopajeangaípa
tatápe osó janondé.

*137 106. (136) *Guaixará* — Erĩ, aujé.
Xe moorykatú jepé,
inã tekó mombeguábo.
Aimbirê — Ajepýk añé sesé,
ianáma katú, riré,
xe rembiáramo ipeábo . . .

112. (142)

Maéne, tupinambá
Paraguasúpe ndaroéra,
iTupã osýbae puéra,
opakatú jamombá.
Nitibangái sembiroéra . . .

Tamũya Sembyroéra

117. (152)

Opaumã tamúia sóu
okáia tatápe oúpa.
Mokoñó temiminó
Tupã-óka ri sekóu,
abaré rapiaraúpa.

---

101. Para folgarem, os cruéis tapuias
não quiseram vir aqui.
Dançaram a noite inteira,
fazendo feitiçarias
antes de irem para o inferno.

106. –Bem, basta.
Alegraste-me,
declarando tais fatos.
–Valer-me-ei disso,
depois, para seus parentes
como prêsas arrastar . . .

112. Olha, os tupinambás
que moravam em Paraguaçu,
afastados de seu Deus,
nós os perdemos a todos.
Não há já nem traço dêles . . .

117. Todos os tamoios foram
jazer queimando no inferno.
Apenas alguns temiminós
vivem junto à igreja
e desejam obedecer ao sacerdote.

–V. 114 — *iTupã* — cf. E 2 a, –V. 144.
–V. 116 — Faltam E 2 a, VV. 147-151.
–V. 119 — *temiminó* — E 2 a, V. 154, *Tupã rausúpa.*
–V. 120 — Como as aldeias de índios se constituíam, em geral, em tôrno das capelas cristãs, a expressão equivale mais ou menos a "aldeados".
Tupã-óka ri — E 2 a, V. 155, *ko tába pupé.*
–V. 121 — E 2 a, V. 156, *ojepysyrómo okúpa.*

122. (157) Ikó miausú poxý
jandé rekó ogueroyrõ . . .
Guaixará — Ejorí saánga, rõ,
toTupãñeengábi,
tokaú, tomondarõ,

127. (162) toporepeñã oikóbo,
toipurú tekó poxý,
tosó oJára suí.
Ejorí murú moingóbo
jandé ñeénga rupi !

*137v 132. (167) *Aimbirê* — Jabái xébo saánga.
Serekoára jabaeté
xe mondýia.
Guaixará — Abápa e ?
Aimbirê — Karaibebé poránga,
xe amotareymbára ñe.

137. (187) *Guaixará* — Osýi ñe moxý korí
xe repiáka rupi béne.
Aimbirê — Namoángi. Nde moaujéne.
Guaixará — Ejerobiaté xe ri !
Amondýi korí nonéne !

---

122. Êstes escravos malvados
detestam as nossas leis . . .
–Vem tentá-los, então,
para que blasfemem,
bebam, roubem,

127. vivam provocando lutas,
cometam pecados,
afastem-se de seu Senhor.
Vem induzi-los
em nossos princípios !

132. –É-me difícil tentá-los.
Seu valente guardião
amedronta-me.
–Quem ?
–O virtuoso Anjo,
que é meu inimigo.

137. –O malvado fugirá logo
que me vir.
–Não creio. Vencer-te-á.
–Confia em mim !
Causarei mêdo eu também !

–V. 122 — *Ikó miausú* — E 2 a, V. 157, *ko temiminó.*
–V. 129 — *oJára* — seu Senhor, isto é, *o* + *Jára*, cf. E 2 b, V. 114.
Tosó oJára — E 2 a, V. 144, *ko tába.*
–V. 135 — *Karaibebé* — E 2 a, V. 170, *Lourenço Santo.*
–V. 136 — E 2 a, V. 171, *Tupã pyri oikóbae.* Faltam E 2 a, VV. 172-186.
–V. 137 — E 2 a, V. 187, *Mokõibé osyi korí.*

xe ojá (no verso 192)

142. (192) *Aimbirê* —

Abatépe oikó, xe já,
Tupã tiruã momburuábo?
Ndeiteé Tupã nde peábo,
aepuéripe tatá
aujérama nde rapiábo.

147. (212) *Guaixará* —

Ekoãi moxý mboá
jandé jusána pupé!
Iánga toá taujé.
Omoñangára rejá,
robiá jandé resé.

rõ o-byá
(Navello) apegando-se, pois, a nós.

152. (238) *Aimbirê* —

Tasó korí nde rejápe
miausúba pysýka pa.
Je, tasóne, xe mondoápe.
Memé tixé, xe pyápe,
emonã tekó potá . . .

*138

157. (243)

Xe, rapixára angaipába,
miausúba xe pokuá,
sesé ñe ajekotyá . . .
Taipobú, korí, igasába.
Xe potába kauĩ ra!

---

142. Quem há, como eu,
que desafie até a Deus?
–Por isso Deus te expulsou,
e desde então o inferno
te abrasou para sempre.

147. –Vai fazer caírem êsses malvados
em nossos laços!
Suas almas cederão depressa.
Abandonando o seu criador,
confiarão em nós.

152. Hoje vou te deixar
aprisionar escravos.
–Bem, irei aonde me mandam.
Intimamente, eu sempre
desejei mesmo êsse encargo . . .

157. Eu, mau amigo,
aprisionarei os escravos,
aos quais me tinha aliado . . .
Despejarei, agora, a igaçaba.
Meu quinhão é cauinar!

–V. 146 — Faltam E 2 a, VV. 197-211.
–V. 151 — Faltam os E 2 a, VV. 217-237.
–V. 153 — *miausúba* — E 2 a, V. 239, *apiába*.
–V. 157 — E 2 a, V. 243, *Xe, rapixá Sarauáia*.
–V. 158 — *miausúba* — E 2 a, V. 244, *apiába*.
–V. 160 — E 2 a, V. 246, *Tarasó ko igaporáia*.

162. (248) *Guaixará* — Neĩ ! Teresó taujé !
Nde apoã !
Aimbirê — Añangatúne.

Fica passeando e diz

Guaixará — Tajebyjebý rañé.
Korié nde ru riré,
jamombá moxý jandúne . . .

Torna Aimbirê e diz

167. (253) *Guaixará* — Ke murú ! Rúri obébo !
Niatéy mirĩ angái !
Erejúpe Itaukái ?
Aimbirê — Eẽ. Jandé moetébo,
miausúba jemosarái.

172. (258) Nde rorý.
Tynysẽ umã kauĩ
setá ñe. Igasabusú
ojoenõi umã murú,
imboapyaõáma ri.
Guaixará — Saikatúpe ?
Aimbirê — Saikatú.

---

162. –Eh ! Vai depressa !
Súbito !
–Correrei.
–Darei uma voltinha rápida.
Quando tu voltares,
destroçaremos os maus.

167. –Ó danado ! Veio voando !
Não demorou nada !
Foste a Itaucaia ?
–Sim. Em nossa honra,
os escravos estão fazendo festas.

172. Alegra-te.
Regorgitava cauim
em quantidade. Grandes igaçabas
convocavam uns aos outros
para esgotarem.
–Estava bem forte ?
–Bem forte.

–V. 164 — *Tajebyjeby* — E 2 a, V. 250, *Jajebyjeby*.
–V. 165 — *Korié nde* — E 2 a, V. 251, *Sarauáia*.
–V. 166 — *moxy* — E 2 a, V. 252, *tába*.
–V. 168 — E 2 a, V. 254, *Irõ, niateimangái*.
–V. 169 — *Erejúpe* — cf. E 2 a, –V. 255.
Itaukái — *Itaucaia*, povoação do Estado do Rio, não longe do Cabo Frio. Admitindo-se, entretanto, que a peça fôsse representada na aldeia do Espírito Santo, na Bahia (cf. NI), seria pouco verossímil a rapidez da volta de Aimbirê. Isto leva a preferir a hipótese apresentada em BMP 1, p. 14, (46). Cf. E 2 b, V. 331.
–V. 171 — E 2 a, V. 257, *apiába ñemosarái*.

*138v 178. (264) Oñeiñangumã sesé
kunumí etá kaguára,
ko tába moangaipapára,
guaibĩ, tuímbae abé,
kuñãmukú moreymbára.

183. (269) *Guaixará* — Te, aujé katú teñé.
Tiasó, mbegué, japuáma,
tixapý moxý retáma.

Vêem o Anjo e diz

Aimbirê — Ke ! Abá rekóu añé
xe renopuapuáma !

188. (708) To ! Añé, mbaépe ke
kanindé obý jasoára ?
Ndojabýi murú arára . . .
Guaixará — Karaibebé aé
tapúia raronsára.

193. (279) *Aimbirê* — Xe reytýk koríne, mã !
Jabaeté sepiáka ixébo . . .
Guaixará — Aáni, xo ! Nde piatã !
Ejorí ! Tixepeñã,
imosykyjekyjébo.

---

178. Para isso acorriam
muitos rapazes beberrões,
que pervertem esta aldeia,
velhas e velhos,
moças que servem cauim.

183. –Bem, já é bastante.
Vamos, de mansinho, assaltá-los,
arderá a terra do mal.
–Olha lá ! Aquêle sujeito
está me ameaçando !

188. Ó ! Que será aquilo
semelhante a um canindé azul ?
Parece arara . . .
–É o Anjo
da Guarda dos tapuias.

193. –Ai, êle me esmagará !
É-me terrível mirá-lo . . .
–Irra, não ! Sê forte !
Vem ! Ataquemo-lo,
para amedrontá-lo.

–V. 188 — Os VV. 188-191 pertencem ao III° ato de E 2 a (VV. 708-712). Faltam E 2 a, VV. 274-277.
–V. 192 — E 2 a, V. 712, *morojubyka poaitára*. Cf. E 2 a, V. 278.

198. (284) Jamonguá moxý ruúba,
ixupé jajemoytyámo.

*139 *Aimbirê* — Ke ! Túri jandé nupámo !
Aryrýi, opá xe úba
jesýi, ojemoatámo . . .

Fala o Anjo com Guaixará :

203. (289) *Anjo* — Abápe nde ?
Guaixará — Guaixará kaguára, ixé,
mboitiningusú, jaguára,
moruára, moroapyára,
andirá-guasú bebé,
añánga morapitiára.

209. (295) *Anjo* — Aé pikó ?
Aimbirê — Xe jibóia, xe sokó,
xe tamuiusú Aimbiré.
Sukurijú, taguató,
tamanduá atyrabebó,
xe añánga moropé !

215 (301) *Anjo* — Mbaetépe peseká
ko xe rekoába pupé ?
Guaixará — Miausúba rausúpa ñe,
oré rapiára potá,
oré putupá sesé.

---

198. Evitaremos as perigosas flechas,
deixando-nos derrubar por êle.
–Olha ! Êle vem açoitar-nos !
Tenho mêdo, todos os meus músculos
Tremem, estão ficando duros . . .

203. –Quem és tu ?
–Sou Guaixará, o bêbado,
grande boicininga, jaguar,
antropófago, agressor,
andirá-guaçu que voa,
demônio assassino.

209. –E êle ?
–Sou jibóia, sou socó,
o grande tamoio Aimbirê.
Sucuriju, gavião,
tamanduá grenhudo,
sou demônio luminoso !

215. –Que procurais
aqui na minha morada ?
–Amando os escravos,
queremos que nos obedeçam,
preocupamo-nos por êles.

–V. 216 — *rekoába* — E 2 a, V. 302, *retáma*.
–V. 217 — *Miausúba* — E 2 a, V. 303, *Apiába*.

220. (306)

*139v *Anjo* — Ombaé nipó asé
opyá pupé sausúbi.
Abatépe, erimbaé,
pembaéramo resé,
miausúba meengaúbi?

225. (311)

Guaixará — Tupã aé,
okaraíba pupé,
iánga, seté moñángi.
Tupã? Tenipó, añé...
Sekó, te, ipoxý eté,
sekó aé niporángi.

231. (317)

Aimbirê — Iangaipá,
Tupã osausupeá,
sesé ojerobiá bebúia.
Igasápe kauĩ tujá,
aeré iamomotá,
ojojá guaibĩ rekúia...

237. (323)

Ymboapiaba
(no manuscrito)

Imboapý abá kujabá
ánga e semimotára.
Mamó ñe kañemotára,
ipyá jaiporaká,
nomoetéi omoñangára...

---

220. As suas próprias cousas a gente
ama sinceramente.
-Quem, algum dia,
para propriedade vossa,
vos entregou os escravos?

225. O próprio Deus,
em sua santidade,
modelou-lhes corpo e alma.
-Deus? Talvez...
Seus costumes, porém, são bem maus,
sua vida não é edificante.

231. Êles são pecadores,
repelem o amor de Deus
e orgulham-se disso levianamente.
-Se o cauim regorgita nas igaçabas,
então elas os tentam,
como as cuias das velhas...

237. As grandes cabaças tolhem
sua liberdade espiritual.
Dos que querem fugir para longe,
ganhamos-lhes os corações,
desrespeitam ao seu criador...

-V. 224 — *miausúba* — E 2 a, V. 310, *apiába*.
-V. 239 — E 2 a, V. 325, *Moraséia rerobiára*.

242. (328) *Anjo* — Nosaángi te, pakó,
ñemboé koára pukúi?
Osó meémo mamó?
Aimbirê — Añé. Ijurúpe, ño,
Tupã rerobiára rúi.

*140 247. (333) Ndeiteé. Opyá pupé,
ojemongetagetábo,
Tupã momburukatuábo,
"Sesapisó aúpe e,
Tupã xe repiáka? » ojábo.

252. (366) Añé, ekoá sapyá!
Kué suí tasó mosúpa
okybyñã pobupá.
Xe moañé, ko xe bojá
jeí xe repiakaúpa...

257. (369) *Anjo* — Umámbae?
Aimbirê — Miausú tuñaé,
guaibĩ, kunuminguasú,
apiába, kuñãmukú,
xe bojáramo, pabẽ
xe pópe arekó katú.

---

242. –Não se esforçam, decerto,
por rezar todos os dias?
Esquivam-se?
–Isso mesmo. Em sua bôca, apenas,
reside a confiança em Deus.

247. É sim. Ìntimamente,
resmungam,
desafiando a Deus,
"Terá Deus vista
capaz de me ver? » dizendo.

252. Vamos, retira-te logo!
Daqui irei visitar
os interiores das ocas para revolvê-los.
Tenho pressa, êstes meus súditos
há muito me desejam ver...

257. –Quais?
–Os escravos velhos,
velhas, rapazes,
homens, moças,
todos os que, submissos,
tenho sob o meu poder.

–V. 251 — Faltam E 2 a, VV. 338-365.
–V. 252 — E 2 a, V. 366, *pekoá esapyá*.
–VV. 253 e 254 — Originais.
–V. 258 — E 2 a, V. 370, *Tapijára tuímbae*.

263. (375)

Taipapáne iangaipába,
taxererobiá jepé.
Anjo — Neĩ ! Tasendú, teñé . . .
Aimbirê — Tynysẽ memé igasába.
Niapóri kauĩ resé.

268. (380)

Sabeipóra suí be,
ojoapixapixápa.
*140v *Anjo* — *Rei* morubixába ñe
oñeéng memé ixupé
senoñéna, iakakápa.

273. (385) *Aimbirê* — Oporakakáb abá ! . . .
Rey ae → Réia e, kauĩ poaitára,
miausúba soguábo pa
"Morubixá, mosakára,
(no manuscrito) teĩ ixébo !" ojabangá.

278. (390)

Ndeiteé, kunuminguasú,
morubixába osoguápe
oikébo memé kaguápe,
aépe kuñãmukú
repeñána, ipotasápe.

---

263. Enumerarei os seus vícios,
acreditarás em mim.
–Seja ! Ouvirei, mas é inútil . . .
–Estão sempre cheias as igaçabas.
Não há falta de cauim.

268. De tão ébrios,
ferem-se uns aos outros.
–O morubixaba rei
fala-lhes sempre
incriminando-os, censurando-os.

273. –Censura os índios ! . .
O próprio rei, dono da festa,
convida todos os escravos
"Morubixabas, moçacaras,
venham a mim !" exclamando.

278. Portanto, os rapazes,
a convite do morubixaba
é que se banqueteiam,
ali as moças
agredindo, à vontade.

–V. 270 — *Rei morubixába* — *principal rei*, deve referir-se ao chefe da confraria (cf. V. 368). A dos escravos, no Espírito Santo, era presidida por um rei e uma rainha (TTGB, 342). E 2 a, V. 382, *Morubixá tuímbae.*

–V. 274 — *Réia e* — E 2 a, V. 386, *Aeté.*

–V. 275 — *miausúba* — E 2 a, V. 387, *apiába.*

283. (395) *Anjo* — Emonã sekó suí
Arakajá sapekóu,
mundépe iporerasóu . . .
Aimbirê — Arakajá, te, omborý.
Ojojá marã sekóu . . .

288. (400) *Anjo* — Ojepé jombé, nipó,
iangaipáb amomeé.
Aimbirê — Namoángi . . . Setá ñe,
xe aé aporomoingó
moropotára resé.

293. (405) *Guaixará* — Jambé, toropytybóne.
Ojoaoaó guaibĩ,
*141 ojoamotareỹ,
jemoyrõ nopabixóne.
Marã ejára, omborybĩ . . .

298. (410) Iangaipá ko kenaĩ
eimoéma moñánga,
kaá mosánga raánga
oausúba oipotá rĩ —
ojemomoramoránga.

---

283. –Por isso costumam
freqüentar os aracajás,
que vão aprisionando . . .
–Os aracajás, porém, gostam disso.
Também vivem em desmandos . . .

288. –Uns aos outros, certamente,
provocam algumas vêzes.
–Não sei . . . Freqüentemente,
eu mesmo os induzo
a desonestidades.

293. –Espera, eu te ajudarei.
As velhas injuriam-se,
odeiam-se,
não cessam de maldizer.
As que se calam, consentem . . .

298. Pecam estas vagabundas
tecendo intrigas,
experimentando remédios do mato
para serem amadas
e tornarem-se belas.

–V. 296 — E 2 a, V. 408, *marã e nopykyxóne.*
–V. 300 — E 2 a, V. 412, *mosánga raá raánga.*

303. (415) *Aimbirê* — Aépe kunuminguasú
kuñã oimomosémbae,
tapuipéra potá ñe
ñaimbyára pupé katú
ojekotirúng baé?

308. (420) *Guaixará* — To ! Aipó nipapasábi,
koarasýmo oiké jepémo !
Opá tába moangaipábi !
Aimbirê — Añé, nitekokuábi.
Jandé momburú meémo . . .

313. Emaẽ, pindaytykára,
jepotasápe memé
oaguasá poxý supé,
oimojaók oembiára
ojára kupébo ñe.

*141v 318. Imondá memé, moxý,
abá igára míma ñe.
Anjo — OJára opeá itúpe e,
emonã sekóu jepí.

322. *Aimbirê* — To ! Inã jepé raé?
Xe rorý, tarasopá
xe ratápe seroá
sembiausúba resebé.

---

303. –E êsses rapazes
que perseguem mulheres,
cobiçam escravas
e pelos matos
se emboscam?

308. –Ó ! Isto não teria fim
ainda que o sol entrasse !
A taba inteira é pecadora !
–Realmente, não têm discernimento.
Deveriam amaldiçoar-nos . . .

313. Olha, os pescadores,
que desejam sempre
suas maldosas mancebas,
desviam sua própria pesca
às ocultas do patrão.

318. Roubam sempre, criminosamente,
escondendo as canoas dos índios.
–Afrontam o seu Senhor,
continuando a viver dessa forma.

322. –Ó ! É assim?
Alegro-me, arrastarei todos
a comigo caírem no inferno,
junto dos que lhes são caros.

–V. 305 — *tapuipéra*, E 2 a, V. 417, *miausúba*.
–V. 306 — E 2 a, V. 418, *karaibókupe katú*.
–V. 307 — E 2 a, V. 419, *oñeguaséma memé*.
–V. 313 — Os VV. 313-340 são originais.

326. Xe rausú pabẽ abá :
ko Paranambúk iguára,
ko Aritaguápe ndoára,
ko Iñambutĩ iguá,
ko ybyapápe soára.

331. Ajosúb Itaukáia,
ipupé ko aiputuú.
Itaóca xe rausú.
Aépe xe remimboáia,
xe ñeénga pyakatuú.

336. Jakurutú koá pupiára
xe ñeénga oimopopá.
Memé Maguarynsára,
Takuarý sobái iguára,
Tapéra xe rerobiá.

---

326. Eu gosto de todos os índios :
dos que moram em Pernambuco,
dos que moram em Aritaguá,
dos que moram em Inhambuti,
dos que moram nesta região.

331. Freqüento Itaucaia,
onde descanso.
Amo Itaoca.
Ali vivem criaturas minhas,
que acatam as minhas ordens.

336. Os naturais de Jacurutu
executam o que ordeno.
Como os habitantes de Maguari,
os de além do Taquari
e de Tapera crêem em mim.

-V. 327 — *Paranambúk* — *Pernambuco*, nome por que se designam, nos mapas antigos, a capitania, o pôrto do Rio Igaraçu e o da atual cidade de Olinda. Com o mesmo nome aparecem outras localidades e aldeiamentos.

-V. 328 — *Aritaguá* — *Aritaguá*, povoação da Bahia, no município de Ilhéus.

-V. 329 — *Iñambuty* — *Inhambuti*. Seria o atual *Inhambupe* na Bahia, indicado na cartografia antiga por Rio do Ódio, lembrança possível de algum encontro hostil? (Cf. MAB, 245).

-V. 330 — *ybyapá* — Não é provável que Anchieta referisse Ipiapaba, serra do Ceará. O mapa do carmelita Santa Teresa (SHRB, 20/21) regista uma aldeia de "ibirapaba" na Província de Itamaracá. O VLB explica *ybyapába* como um "*ralado ou sercado qualquer, e como quer*" (*sic*, VLB, 421), o que parece indicar a região limítrofe.

-V. 331 — *Itaukáia* — Cf. E 2 b, V. 169.

-V. 333 — *Itaóka* — *Itaoca*, literalmente "Casa de Pedra". Citam-se várias : uma junto ao riacho Carioca (VTB, 94/95), outra ao norte do canal de Itajuru, que liga o Cabo Frio à Lagoa de Araruama. Era um grande armazém abobadado, construído pelos franceses com pedra e cal. Por êle penetravam os navios que vinham se abastecer de pau-brasil (NB, 183). Além dessa, há uma *Itioca* ou *Casa de Pedra* ao sul do Rio Saquarema (SGRB, 66/67).

-V. 336 — *Jakurutú* — *Jacurutu*, nome antigo do Rio Prado, na Bahia. Vem indicado em diferentes autores como "Jucurucu", "Jacurucu", "Jucuru", "Juruçu", "Surucucu".

-V. 339 — *Taquari* — *Taquari*, nome dado a vários rios, entre os quais um em Pernambuco, na freguesia de Taquara, nascendo no Pôrto dos Franceses ; outro na Bahia, ao sul do Prado (Cf. E 2 b, V. 336) ; outro no Rio de Janeiro, município de Parati. Há referência, em Hans Staden, a uma aldeia aliada dos franceses e denominada *Tycoáripe* (*sic*), situada a seis léguas de Ubatuba (VH, 73).

-V. 340 — *Tapéra* — Cf. E 2 a, -V. 603.

*141a 341. (425) *Anjo* — Oikobé jemombeú,
mosánga moeirabijára.
Abá ánga maraára,
ipupé opoeiraikatú.
Sakipuéri Tupã rára.

o 2º (i) não tem no verso 428 do outro texto.

346. (430) Oangaipába moasý re,
abá sóu jemombeguábo
"Xe katú peká . . .", ojábo.
Osobasáb abaré,
Tupã moñyrongatuábo.

351. (435) *Guaixará* — Angaipabeýmame
oñemombeú katú !
Miausú kuñãmukú
oekó aibeté
ojomĩ, oikuakú . . .

356. (440) *Aimbirê* — Semõ jepé,
"Teõ rerobýka e,
xe angaipá tubixaguéra
anoséne", eí ñe . . .
Guaixará — Esendú te. Supié,
asekýi ipoxý puéra . . .

443 tem amosene

---

341. –Existe a confissão,
remédio senhor da cura.
As almas enfêrmas dos índios,
com ela saram de todo.
Segue-se-lhe a comunhão.

346. Quando seus pecados lhes causam [remorsos,
os índios vão se confessar
dizendo : "Quero ser bom . . ."
O padre abençoa-os,
aplacando a cólera de Deus.

351. –Como se não tivessem pecados
êles confessam !
As escravas moças
seus vícios
escondem, disfarçam . . .

356. –Absolvidos,
"Ao aproximar-se a morte,
a meus grandes pecados
renunciarei", dizem.
–Ouve. Na verdade,
desfiei as suas velhacarias . . .

–V. 346 — E 2 a, V. 430, *Oikó moasy riré.*
–V. 353 — E 2 a, V. 437, *Aujé kunumingnasú.*
–V. 358 — *anoséne* — E 2 a, V. 443, *amoséne.*

362. (446) *Anjo* — Iamotareymetébo,
perekó aí aí.
Ixé najejýi ixuí,
Tupã supé uijerurébo
ipytybómo jepí.

*141av 367. (451)

Tupã resé ojerobiá,
oimoñáng ko "Confraria",
tekó angaipába rejýia,
Paí *Iesus* rekó ra,
sesé ñe ojemboryrýa.

Pay Jesu reco ra

372. (456) *Guaixará* — Eiteñé serobiá.
Ereipysyrõ teñéne, — é diferente no verso
nde po suí anoséne. 457 da página 706.
Abebé ko ybytú ja.
Anoñã, arobebéne . . .

377. (461)

Aimbiré,
jarasó, murú, taujé,
jandé roipýra moesãia.
Ko xe akusú. Xe rãia . . .
Aimbirê — Je, kobé xe poapẽ,
xe roaibukú, xe tyãia . . .

xetrãya (no manuscrito)

---

362. –Odiando-os tanto,
procurais prejudicá-los.
Eu não me afastarei dêles,
suplicando a Deus
que os auxilie sempre.

367. Confiaram em Deus,
criando esta Confraria,
afastando os maus costumes,
imitando o Senhor Jesus,
a êle respeitando.

372. –Inùtilmente confiaram.
Ainda que os auxilies,
eu os arrebatarei de ti.
Eu vôo como êste vento.
Correrei, voarei com êles . . .

377. Aimbirê,
vamos depressa
alegrar nossos fiéis.
Aqui estão os meus chifrões. Eu [ranjo os dentes . . .
–Sim, aqui estão também minhas [garras,
meus longos dedos, meus dentes . . .

–V. 367 — *Tupã* — E 2 a, V. 451, *Xe*.
–V. 368 — Citam-se várias confrarias no Brasil colonial : a dos Escravos, no Espírito Santo, a do Menino Jesus, em São Vicente, etc.
Confraria — E 2 a, V. 452, *Tupã-óka*.
–V. 369 — E 2 a, V. 453, *tekó puéra rekoabóka*.
–V. 370 — E 2 a, V. 454, *oaroánamo xe ra*.
–V. 371 — E 2 a, V. 455, *xe resé katú ojekóka*.
–V. 372 — *Sembiá* — E 2 a, V. 456, *nde rerobiá*.
–V. 373 — *teñéne* — E 2 a, V. 457, *jepéne*.
–V. 380 — *rãia* — E 2 a, V. 464, *rãña*.

serobiá
serobia (no manuscrito)

383. (467) *Anjo* — Napeapysái, jandú,
peporapití potá,
peẽ aé pejekoá,
ko tába pobú pobú.
(474) Pekoá, tatápe peá !

388. (566) Jiamurú, mokoĩbé
pekái ojepeguasúne.
Iangaturã, koyré,
Paí Tupã rausúpa ñe.
Xe remiarõ jandúne.

Faz uma prática aos ouvintes :

*142 393. (571) Perorý,
xe rayretá, xe ri.
Ko aikó pepysyrómo.
Ajúr ybáka suí
perokybyñã rupi,
jepí ñé pepytybómo.

399. (577) Ko tába renýreme,
pe pýri ñe xe rekóu.
Ndarojái mamó xe sóu.
Tába raroánamo ñe
Jandé Jára xe moingóu.

---

383. –Não espereis, como de outras vêzes,
andardes matando,
atirando-vos a êles,
desorganizando esta aldeia.
Ide-vos, caí no inferno !

388. Bem, os dois juntos
ardereis eternamente.
Somos, enfim, todos felizes,
graças ao Senhor Deus.
Estarei sempre de guarda.

393. Alegrai-vos,
filhos meus, por mim.
Aqui estou para vos proteger.
Vim do céu
para junto de vós,
a ajudar-vos sempre.

399. Iluminando esta aldeia,
junto de vós estou.
Não me afastarei daqui.
De custodiar a aldeia
encarregou-me Nosso Senhor.

–V. 383 — Os VV. 384, 385 e 387 são originais. Faltam E 2 a, VV. 467-473.
–V. 386 — Faltam E 2 a, VV. 475-565.
–V. 388 — E 2 a, V. 566, *Jiá, mosapyribé.*
–V. 397 — *perokybyñã* — E 2 a, V. 575, *perokybyã.*

404. Xe abé
ajú, ko ára pupé,
mosapý Réia rerú
jasytatá supí e,
pitangī paí *Iesu*
kotýpe imoingóbo ñe.

rupie
(no manuscrito)

410. Xe ikó. Asausú pe ánga,
sarómo, iporausubóka,
ko ára pukúi ipokóka,
imoaisóbo, imomoránga,
tekó puéra rekoabóka.

mãe

415. Mãe, añánga aimondó,
satápe murú reytýka.
*142v Naipotári pe ri ixýka,
memé ñe opoapekó,
pe rarómo, pe repýka.

420. (623) Peteumé,
pepoxýramo angiré,
tokañẽ perekó puéra
— kaú, aguasá nembuéra,
temoéma, marã e,
joapyxába, maranduéra.

---

404. Eu também
venho, neste dia,
trazer os três Reis
e a estrêla erguida,
do meninozinho Jesus
colocando-os ao lado.

410. Aqui estou. Amo vossa alma,
guardando-a, tendo piedade dela,
guiando-a neste grande dia,
embelezando-a, santificando-a,
afastando-a dos velhos hábitos.

415. Olhai, expulsei os demônios,
atirando-os a seu fogo.
Não me quero afastar de vós,
estando sempre convosco,
guardando-vos, defendendo-vos.

420. Evitai,
de hoje em diante, serdes maus,
para extinguirdes vossos velhos há-
[bitos
– a bebida, o fétido adultério,
mentiras, brigas,
ferimentos mútuos, guerras.

–V. 404 — Os VV. 404-419 são originais. Faltam E 2 a, VV. 582-622
–V. 405 — *ko ára pupé — neste dia.* Cf. BMP 1, 14, (46).

–V. 410-436 — veja páginas 637 e 638 (versos 779 a 805).

426. (629)
(640)

Perobiá pe moñangára,
sausúpa, sekó potá,
ipýri be pesapyá,
abaré, pemboesára,
iñeénga mopopá. Vejo página 638.

431. (644)

Pejorí,
pebáka Tupã kotý.
Pe pyá pupé serúpa,
tapesó pejekosúpa
ipotaripýra ri,
ijypýpe ñe pejúpa.

II.º ATO

Dança (1) Dos Reys

*143 437. *1.º* —

Vimos a vos visitar,
bom menino, Deus eterno.
Vós nos queirais ajudar
para poder escapar
do grande fogo do inferno.

442. *2.º* —

Os três Reis, com devoção,
vieram a visitar-vos.
Eu também quero louvar-vos
de todo meu coração,
e sempre, Senhor, amar-vos.

---

426. Confiai em vosso criador,
amando-o, acatando sua lei,
obedecendo mais a êle,
e do sacerdote, vosso mestre,
executando as palavras.

431. Vinde,
para o lado de Deus, no céu.
Trazendo-o em vosso coração,
ireis gozar
junto dos que lhe são queridos,
pousando-lhe aos pés.

–V. 426 — *Perobiá* — E 2 a, V. 629, *Pesausú*. Faltam E 2 a, VV. 630-639.
–V. 428 — *pèsapyá* — E 2 a, V. 641, *perobyá*.
–V. 429 — E 2 a, V. 642, *pererekoára abé*.
(1) — Ia, LX. Provàvelmente executada por meninos índios, cf. E 2 a, V.º ato.
–V. 437 — Os VV. 437-496 são originais.

447. *3.º* —

Eu também venho a dançar,
pôsto que sou pecador,
mas não tenho que vos dar,
porque não quero furtar
o peixe de meu Senhor.

*143v 452. *4.º* —

Los Reyes, en este día,
os trajeron muchos dones.
Yo vengo, con alegría,
Señora Santa María,
a pedir muchos perdones.

457. *5.º* —

Ko ajú, nde robaké,
nde resé guijerobiá.
Ejorí, xe jarigué !
Taxerausúba jepé,
nde mbaéramo xe ra !

462. *6.º* —

Virgem Maria Senhora,
vosso escravo quero ser
e protesto de viver
em vosso serviço, agora
e depois, até morrer.

*144 467. *7.º* —

Aroyrõ tekopoxý,
nde rekó potakatuábo.
Jorí ! Nde rekó rupi
xe moingóbo, xe Jarī,
xe rekopoxý jukábo.

472. *8.º* —

Madre del Señor Jesús,
pues os hablo en castellano,
tenedme de vuestra mano,
para que vea su luz
en el reino soberano.

---

457. –Aqui estou, à tua frente,
confiante em ti.
Vem, ó meu Senhor !
Ama-me,
apodera-te de mim !

467. Detesto o mal,
desejo as tuas leis.
Vem ! Em teu regime
inicia-me, meu senhorzinho,
extirpando os meus vícios.

477. *9.º* —

Senhor, êstes cinco réis
são do peixe que vendi.
Não vos trago mais aqui,
porque ontem, todo o mais
dei por vinho, que bebi . . .

*144v 482. *10.º* —

Eu fui o seu companheiro,
e por mim foi enganado.
Perdoai nosso pecado,
pois que vós sois o cordeiro,
que pagais pelo culpado.

487. *11.º* —

Eu sou selvagem brasil, Brasil
e como não sei furtar,
não tenho, para vos dar,
nem moeda, nem ceitil.
Contudo, vos quero amar.

tamũya no manuscrito

492. *12.º* —

Xe ramúia, akoeimeé
xe poxýramo uitekóbo.
Koí, nde rekó resé,
ajemomotareté.
Jorí, supí xe moingóbo !

---

492. Sou tamoio, muito tempo
vivendo maldosamente.
Hoje, com tua lei,
quero tornar-me bom.
Vem, faze-me elevar-me !

E 3 BRASIL (1)

*98v 1. O Brasil que, sem justiça,
andava mui cego e torto,
vós o metereis no pôrto
se lançar de si a cobiça
que de vivo o torna morto.

6 Quae sine iustitia prauo Brasilia cursu
ibat et obliquum, caeca, tenebat iter,
nunc directa, tuae iusto moderamine uirgae,
seruabit, tuis rectis, iusque piumque uisu.

---

6. O Brasil que, sem justiça, em mau caminho
andava e, cego, mantinha rumo torto,
hoje, direito, com o contrôle de teu regime justo,
observará, com teus preceitos, o que é correto e pio.

(1) — Ia, LI.

E 4 ALIUD (1)

*98v 1. Non tribuli ficus non profert carduus uanos.
Quid mirum fructus dat bona planta bonos?
Cum sis felix, bona, nobilis, utilis arbor,
quid, nisi iustitiae, mitia poma dabis?

5. No bom fruto se declara
se a planta tem bondade.
Logo, a fruta Humanidade,
que usais com vossa vara,
mostra vossa piedade.

---

1. Nem os abrolhos, nem o cardo produz figos falsos.
Por que admirar que dê bons frutos a planta boa?
Se és árvore fecunda, boa, nobre, útil, por que não produzirás apenas os pomos dôces da justiça?

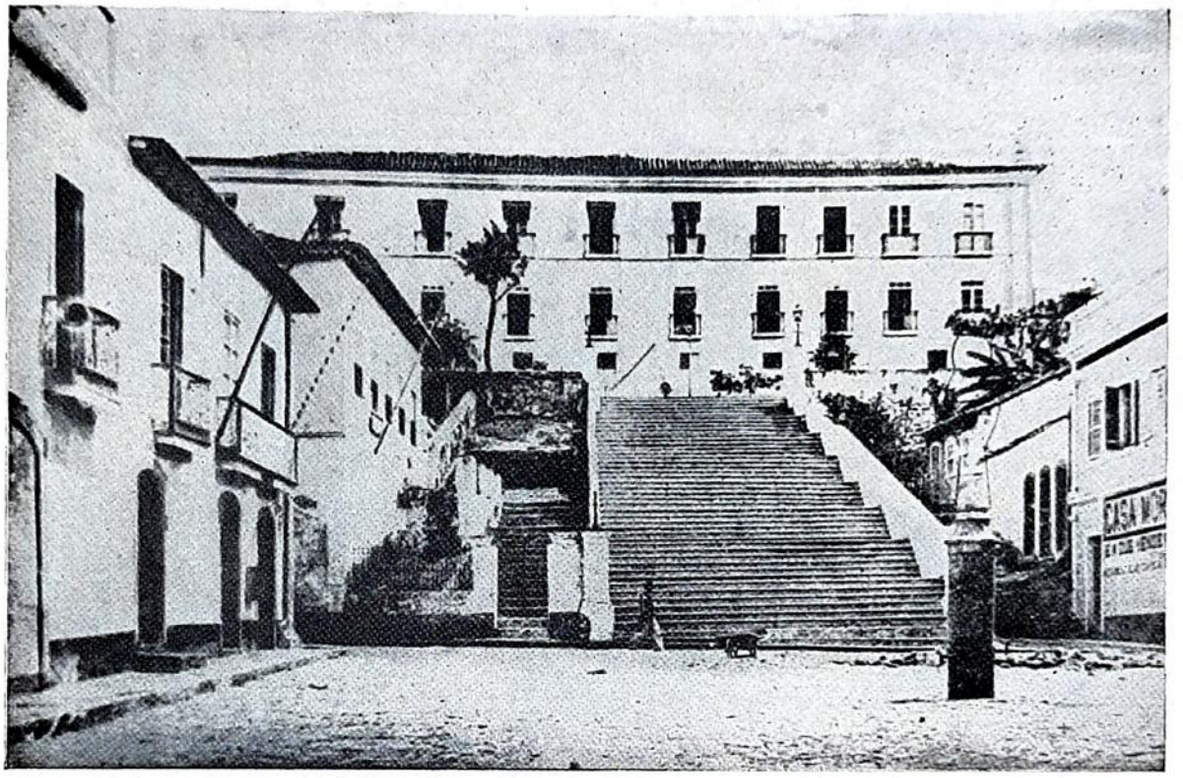
(1) — Ia, LII.

E 5

NA VILA DE VITÓRIA

(castelhano-português)

(a)



(b)

Fig. 19

O antigo Colégio dos Jesuítas (*a*), hoje Palácio do Govêrno (*b*), em Vitória, no Espírito Santo.

NA VILA DE VITORIA (1)

Depois de sobrevoar o território acidentado do Rio de Janeiro e as serras que atravessam o Estado do Espírito Santo, o avião baixa num campo amplo, um pouco triste, mas muito sereno : o campo de aviação de Vitória, capital capixaba. E o turista, que se perguntou tantas vêzes por qual razão teria Anchieta preferido a Piratininga a Capitania do Espírito Santo, julga compreender que por tenha sido aquela a terra eleita para repouso de seus dias.

A capital estende-se em tôrno da bonita baía de Vitória, na Ilha de Duarte Lemos. Diante dela, no continente, como um retrato dos séculos, avista-se a antiga capital — Vila Velha — de ruazinhas estreitas e casinholas pobres, com suas reminiscências históricas. A cavaleiro do morro, dominando o mar, o esplêndido monumento da Penha (2). Na própria capital, o curioso contraste das velhas escadarias populares nas ladeiras e as escadarias monumentais dos edifícios modernos — o Palácio do Govêrno, por exemplo, antigo Colégio dos Jesuítas, em Vitória (3).

A ala lateral do Palácio está ocupada pela Secretaria da Educação. Há tempo funcionavam ali as oficinas da Imprensa Oficial, que substituiu a velha igreja da cidade — Igreja de Santiago (4). No páteo dessa igreja conservou-se, por muitos anos, o hábito de se fazerem representações teatrais nas festividades religiosas. Consagrava o local terem estado sepultados na igreja os ossos de Anchieta (5). Explica-se, assim, que haja hoje, no interior da Secretaria da Educação de Vitória, um compartimento reservado, espécie de capela, cuidadosamente decorada a óleo, onde se conserva a lápide encontrada por ocasião de se transformar a igreja em oficina. Nela se lê :

HIC IACVIT VENE
RAB P IOSEPHVS
DE ANCHIETA SOC
I BRASILIAE APOST
ET NOVI ORB NOV
VVS THVMATVRG.
OBIIT RERITIRAE (6)
DIE IX IVN ANN.
MDXCVII (7)

---

(1) — Indicado no texto como "Vila *de* Vitória", "Vila *da* Vitória" e simplesmente "Vitória", cf. VV. 398/399, 502, 566, 1250/1251 e 458.
(2) — Fig. 7, cf. –V. 185.
(3) — Fig. 19.
(4) — Fig. 20.
(5) — Em julho de 1609 os ossos de Anchieta foram trasladados para a Bahia. Posteriormente, por breve de Urbano VIII, distribuíram-se como relíquias. Consta, porém, que por ocasião de se remover a lápide citada, foram encontrados ainda sob ela alguns ossos. Transportaram-nos dali, singelamente. Devem estar sob a atual.
(6) — *Sic.*
(7) — "Aqui jazeu o Venerável P. José de Anchieta, apóstolo da Companhia de Jesus no Brasil e novo taumaturgo do Novo Mundo. Morreu em Reritiba, no dia 9 de junho do ano de 1597." Cf. fig. 21. No Museu de Arte Religiosa, de Vitória, conservam-se dois tijolos que teriam pertencido a êsse sepulcro.

"Na Vila de Vitória" deve situar-se nesse ambiente. Terá sido representado na praça fronteira à Secretaria de Educação atual, antigo páteo da Igreja de Santiago, e datará, provàvelmente, de 1584-1586 (8).

É o mais longo auto do caderno de Anchieta. Comparável, em técnica, inspiração e estilo a "Na festa de São Lourenço" (9), *caracteriza-se, entretanto, por observações psicológicas e certos aspectos curiosos de linguagem* (10). *Relaciona-se com A2 e A7, a que se devem filiar suas origens.*

(8) — Cf. BMP 3, 12.
(9) — E 2 a.
(10) — Cf. BMP 3, 10, (1) a (25).

LOCAL — Páteo fronteiro à antiga Igreja de Santiago, em Vitória, no Espírito Santo (1).

DATA — Biênio 1584-1586.

PERSONAGENS — Satanás
Lúcifer
São Maurício
Vila de Vitória
Govêrno
Ingratidão
Embaixador do Rio da Prata
Vítor, companheiro de São Maurício
Temor de Deus
Amor de Deus
2 companheiros de São Maurício

TEMA — Vitória chora porque a vila está sob o domínio do mal e da ingratidão. Um Embaixador do Rio da Prata ameaça retirar da vila as relíquias de São Maurício.

ATOS — 1.º) Discussão entre Lúcifer e Satanás, adversários de Deus e corruptores dos homens. Tentam São Maurício, discutem, lutam com êle e são vencidos.

2.º) A Vila de Vitória chora a ingratidão de seu povo. O Govêrno aconselha obediência aos espanhóis e a Deus. Mas a Ingratidão declara-se senhora da vila. O Embaixador exige que ela seja expulsa dali, ou ficará a vila sem as relíquias, que possui. Companheiros de São Maurício expulsam a Ingratidão. O Temor e o Amor de Deus penetram na cidade, que se catequiza com seus sermões.

3.º) Carregam-se em procissão as relíquias de São Maurício.

LÍNGUAS — Castelhana e portuguêsa.

---

(1) — Fig. 20.

E 5 NA VILA DE VITÓRIA (1)

1.º ATO

*100 *Satanás a Lúcifer antes que tente a São Maurício :*

1. ¡ Mal mes y peores años
te dé Dios en el infierno !
¡ Acreciéntense tus daños
en aquellos frescos baños
de tu fuego sempiterno !

6. ¿Dónde vas,
sin llevar a Satanás,
tu leal siervo, contigo ?
¿Tienes otro tal amigo ?
¡ Que te doy a Barrabás
y con Judas te maldigo !

12. Con Mahoma y con Lutero,
con Calvino y Melantón,
¡ te cubra tal maldición,
que te quemes todo entero,
ardiendo como tizón,
Lucifer !

*100v 18. Dime, ¿ qué de tu saber ?
¿ qué es de tu pompa y estado ?
Solo, desacompañado,
¿ quieres ir a cometer
capitán tan afamado ?

(1) — Ia, LII.
–V. 1 — São Maurício era padroeiro da vila da Vitória, no Espírito Santo, onde se veneravam relíquias suas. Consideravam-no protetor contra as sêcas, cf. VV. 1393 e sgs. e A 2, V. 48.

Fig. 20

A antiga Igreja de Santiago, em Vitória, no Espírito Santo, hoje Secretaria da Educação. Nela se teria representado "Na Vila de Vitória".

23. *Lúcifer* — E como não poderei
vencer um fraco esquadrão,
pois no céu, de rondão,
tantos mil anjos levei,
e na terra, o grande Adão?

28. *Satanás* — ¡No! que ya tu fantasía
y soberbia se abajó,
en el tiempo que ayunó
el que dicen ser Mesía,
con un revés, que te dió.

33. Bien pensaste,
cuando piedras le llevaste,
darle una buena pedrada.
Mas, mohino, ¿en qué paraste?
Aullando te tornaste
con la cabeza quebrada...

*101 39. *Lúcifer* — Olha cá, tal vai de guerra!
Se nesse encontro caí,
tão grande afronta senti
que depois, em tôda a terra,
muitas batalhas venci.

44. *Satanás* — Por la ayuda que te di...
Porque siempre fuí tu espía,
y toda tu valentía
fué por me tener a mí
por tu adalid y guía.

49. En fin, nunca has de dejar
de ser soberbio y arrogante...
Si quieres ser triunfante,
yo te debo acompañar,
armado con mi montante.

54. ¿¡Si supieses lo que he hecho
en Portugal y Castilla?!
¡Es cosa de maravilla
cómo, a tuerto y a derecho,
levanto tanta rencilla!

*101v 59. Aquí hago que renieguen,
allí muevo a blasfemar,
unos hago perjurar,
a otros, que siempre jueguen
para robar y matar.

64. Mi solaz
es llamarme "Satanás",
del sumo Dios adversario,
de las almas gran corsario,
destruidor de la paz,
y de todo bien contrário.

70. Yo revuelvo brevemente
Ásia, África y Europa.
Así engullo toda gente,
como puede el fuego ardiente
tragarse cualquier estopa.

75. *Lúcifer* — Tais façanhas
farás tu nas Alemanhas,
que tuas mentiras crêem,
nas Franças e nas Espanhas.
*102 Mas no Brasil, tuas manhas
muito pouca medra têm.

81. *Satanás* — ¡ Cierto que eres tan sutil
como un asno albardado !
¡ Lindamente has atinado !
¡ Cualquier tierra del Brasil
me trago yo de un bocado !

86. Pues esta Capitanía,
llamada "Espíritu Santo",
¡ yo le doy tal batería,
que hacen, de noche y día,
pecados a cada canto !

91. Y si no,
¿ quién pudiera, sino yo,
viniendo acá, del infierno,
del verano hacer invierno ?
Pues todo se revolvió
sobre el mando y el gobierno . . .

97. ¿Tú no ves
mis engaños, mi doblez?
¿que procuro, tan de priesa,
todo mudar al revés,
*102v y de la cabeza pies,
de los pies hacer cabeza?

103. La justicia,
¿quién hace, que con codicia
vaya contra su conciencia,
y que dé mala sentencia,
con rencor y con malicia,
sin verdad y sin clemencia?

109. Pues las guerras,
que hacen por estas tierras
los que se llaman "cristianos",
a los brasiles paganos,
por mares, ríos y sierras,
¿dónde nacen? — De mis manos.

115. Lo mejor:
hago que, con gran sabor,
encomienden al diablo
al triste predicador,
mas que alleguen en su favor
a San Pedro y a San Pablo.

121. *Lúcifer* — Se não mentes, bem trabalhas.
Mas não sei quem há de crer
que tu só possas vencer,
*103 em tão diversas batalhas,
gente de tanto saber.

126. *Satanás* — ¿Qué razón?
No queda ningún rincón
que no revuelva en un punto.
La costa con el sertón,
chico y grande, todo junto
ato yo con un cordón.

132. ¡ Si me vieses cuán de presto
doy vuelta por los quintales,
llevando, como animales,
atados con un cabresto,
estos pulidos zagales !

137. Pleitos, bandos, disensiones,
yo los muevo y los sustento.
Odios, afrentas, baldones,
cuchilladas, bofetones,
todo eso yo lo invento.

142. ¿Quién hace vender el hato
por precio tan desigual?
¿Y que el mercader carnal
venda, con tan gran barato,
su alma por un real?

*103v 147. Pues si voy a las aldeas,
los blancos vanme buscar,
y para más me agradar,
piensan que es comer obleas
a los índios engañar . . .

152. Todo es revolver ollas.
La mentira es muy barata.
Con cualquier vintén de plata
no escapan pollos ni pollas,
gallina, perú ni pata.

157. ¿Quieres más?
Ningún pecado verás
por playas, fuentes y ríos,
canoas, barcos, navíos,
que no invente Satanás,
con trescientos desvaríos.

163. *Lúcifer* — Pois aqui te amam todos,
onde estiveste êstes dias?
Satanás — Allá, en las capitanías,
inventando muchos modos
para hacer mis pescarías.

–V. 151 — Alusão ao deplorável método de iludir, com promessas, os silvícolas que, enganados, eram levados a revolta e violento rancor contra os brancos.

168. Como llegué tan cansado
de muchas almas pescar,
abajo quise quedar,
*104 donde fuí muy regalado
de los del otro lugar.

173. *Lúcifer* — ¿Has oído,
por dicha, su apellido?
Satanás — Es un lugar sin pareja,
en males envejecido,
en el cual soy muy servido,
que se llama "Villa Vieja".

179. ¡Son muy grandes mis devotos
aquellos honrados viejos!
Toman muy bien mis consejos
de ser siempre cestos rotos,
y nunca mudar pellejos.

184. Allí estaba a mi placer.
Mas aquella de la Pena
me hizo de allá acoger,
porque de aquella mujer
toda mi pena se ordena.

189. Y de un vuelo,
sin poner el pie en el suelo,
me fuí a las rozas viejas,
donde tengo mil pellejas,
y me trago sin recelo,
como lobo, las ovejas.

*104v 195. Mas, como vi que querías
esta guerra cometer,
te vengo a favorecer,
porque sin mí, mal podrías
tan gran batalla vencer.

–V. 178 — *Vila Velha* — denominação da antiga Vila do Espírito Santo, em contraposição com a Vila Nova, instalada em virtude de incessantes correrias do gentio goitacá, na Ilha de Duarte Lemos, e mais conhecida por Vila da Vitória, consta que por ter sido nela obtida vitória sôbre os selvagens que, em 8-9-1551, a atacaram. Segundo o texto, a denominação proviria de Nossa Senhora da Vitória, cf. VV. 501 e sgs. e A 7, VV. 110-111.

–V. 185 — Uma das mais preciosas relíquias da cidade de Vitória é o Convento da Penha, construído no alto de um monte pedregoso. Foi fundado por Frei Pedro Palácios que, em 1558, trouxera de Espanha um painel de Nossa Senhora da Penha, abrigando-se ao pé do monte onde, ainda hoje, se venera a gruta em que, dizem, êle morou (Fig. 7). A história de Frei Palácios e seu convento está cercada de lendas milagrosas. Cardim cita, em 30 de novembro de 1583, uma romaria a esas capela (TTGB, 344).

200. *Lúcifer* — Cal'te ! Não te gabes tanto,
que se foste vencedor
dalgum fraco pecador,
contra tão insigne santo
não tens fôrça nem valor.

205. *Satanás* — ¿No te acuerdas cuando, antaño,
me hiciste mil mercedes,
porque cacé, con mis redes,
un viejo, gran ermitaño,
metido entre dos paredes ?

210. Quien tal victoria alcanzó,
¡ mira, si te ayudará !
No te vayas solo allá,
que sin mí, te juro yo
que vuelves vencido acá.

215. *Lúcifer* — Aqui tenho bons guerreiros
— a Carne e o Mundo vão — ,
que comigo vencerão,
como fortes cavaleiros,
a Maurício Capitão.

*105 220. *Satanás* — Esos dos, yo los atizo,
que sin mí pueden muy poco.
Sin mí, ningún mal se hizo,
y por tu honra te aviso :
Lucifer, ¡ no seas loco !

225. Yo de nuevo te requiero :
no confies tanto en ti,
que Mauricio es muy guerrero.
No quedes por moradero,
si lo combates sin mí.

230. *Lúcifer* — Satanás,
não te bulas ! Fica atrás,
porque quero tôda a glória
desta tão grande vitória,
como logo bem verás,
com minha imortal memória.

Fala ao Mundo e à Carne :

236. Companheiros ! Comecemos
a batalha !
Rompa-se o saio de malha
de sua fé !
A vitória nossa é,
inda que seu Deus lhe valha !

*105v *Vão a tentar aos santos,*
ficando Satanás atrás,
o qual diz :

242. ¡ Cuatro higas para vos !
Vos volveréis bien pelado,
que ese escuadrón esforzado
tiene de sua parte a Dios,
y de fe está todo armado.

Depois de combaterem ao santo,
tornam como vencidos, e rece-
be-os Satanás, dizendo :

247. Mi amo, ¿ qué priesa es esa
que traéis ?
Parece que volvéis
con la mano en la cabeça,
y que habláis con los piéis . . .

252. *Lúcifer* — Venho tão envergonhado
que estou para arrebentar.
Pois um tão fraco soldado
contra mim foi esforçado,
sem podê-lo derrubar.

–V. 244 — Várias vêzes mencionado nas poesias de Anchieta, o esquadrão de São Maurício, massacrado por ordem de Maximiano, figura com 6000 e 6666 soldados, cf. V. 1282, A 2, V. 31-32, e A 7, VV. 234 e 1137.

–V. 251 — *piéis* — **peis*, rimando com *volvéis, traéis.*

*106 257. *Satanás* — Ende, ¡ mal !
Porque no te paró tal
que quedaras sin raíces,
¿pensabas que era el real
de aquel pueblo sensual,
que pedia codornices?

263. Teníaste por león,
mas quebráronte las muelas . . .
Toma, ¡ para baladrón !
¡ Pide agora, de aguilón,
a las viejas, tus abuelas !

268. ¡ Oh, mal mes
te den, con fuego de pez !
Que yo, del primero tajo,
o del segundo revés,
diera con él a tus pies,
sin peligro ni trabajo.

274. Esta mano
es mas fuerte que el tirano
para hacer negar a Dios.
Por eso mudé mi voz :
*106v para hablarle castellano
y mostrarme más feroz . . .

280. Déjame le dar combate,
que yo le daré mal año.
O por fuerza, o por engaño,
¡ hoy le tengo de dar mate
y restaurar nuestro daño !

Vai tentar a São Maurício :

285. Maurício, ¿ crees en Dios?
Maurício — Sim, que é todo poderoso,
infinito e glorioso.
Satanás — Bien, concordamos los dos.
Eres hombre generoso.

290. Bien parece que has venido
de Tebas, la gran ciudad.
Ese Dios, en que has creído,
es Júpiter muy temido.
¡ Adora su deidad !

295. *Maurício* — Bom velhaco ! És nomeado
tirano, salteador,
sodomita, matador,
dos homens o mais malvado,
de seu pai perseguidor,

*107 300. adúltero, fementido,
peste dos gentios cegos !
Satanás, consigo : (Yo lo tengo allá en mis fuegos.
Mas, como tiene leído
las historias de los griegos . . .)

305. *Com Maurício :* Hermano, en eso va poco.
Sea Dios quien se lo fuere,
cuando el tirano viniere,
cata que no seas loco,
adora quien te dijere,

310. para que tengas riqueza,
deleites, honras y gloria.
Maurício — A verdadeira nobreza
é viver com grã pureza,
e com morte haver vitória.

315. Porque o deleite de cá
tem fim com eterna morte,
mas na mão de Deus está
o que sempre durará,
com mui gloriosa sorte.

*107v 320. *Satanás, consigo :* Ya me allega con David . . .
¡ Mal camino lleva esto !
He miedo que, muy de presto,
dará fin a nuestra lid,
llevándome todo el resto.

325. *Com Maurício :* No te digo que te entregues
sin más consideración,
sino que, en la adoración,
sólo con la boca niegues,
mas la fe en el corazón.

330. *Maurício —* Tens razão.
Porque a fé do coração
faz ao justo vida ter.
Porém, para a salvação,
a bôca, com confissão,
há também de responder.

336. *Satanás, consigo :* (Pensé que lo habia asído,
mas yo lo doy al diablo.
Acogióseme a San Pablo.
*108 Yo estoy medio enmudecido,
y no sé lo que me hablo . . .)

341. *Fala com Maurício :* Esto es cierto :
que Dios tiene el pecho abierto
para a todos perdonar.
Si lo quisieres negar,
ni por eso quedas muerto,
ni te has de condenar.

347. Para eso hay penitencia,
con que remediarás.
Después te confesarás,
y de la suma clemencia
cumplido perdón habrás.

*Maurício arranca da espada
e dá-lhe um golpe, dizendo :*

352. *Vade retro*, Satanás,
que quem quer obedecer
a Jesus, sumo saber,
nem um só pecado faz,
com que se possa ofender !

*108v 357. *Satanás, consigo :* ¡ Tomáos con el tebeo !
¡ Cómo tenía aguzada
aquella terrible espada
que, en el libro de Mateo,
su Cristo dejó guardada !

362. Mas ¡ qué fiero cuchillazo
el Mauricio me arrojó !
¡ Por poco que me llevó
el pescuezo y espinazo !
¡ Ox ! ¡ Y cómo me dolió !

Vai fugindo para Lúcifer e diz :

367. Lucifer,
¿ si me podrías valer ?
Lúcifer — Que te tem acontecido ?
Satanás — ! Oh ! ¡ Que viendo mal herido
aquel que pensé vencer,
me dejó más que vencido.

*109 373. Es el caso.
Yo hacia el campo raso,
pensándome que era griego,
y que del primer balazo,
o cualquier arcabuzazo,
lo derrocaría luego.

379. Mas, des que vino a esta villa,
hase hecho portugués,
y arrojóme un tal revés,
que me voy para Castilla.
¡ No dé conmigo al través !

384. *Lúcifer* — Nisso vieram parar
teus ferros e fantasias ?
Satanás — Si vieras sus valentias,
hubiérante de espantar
más que el Gigante Golias.

389. *Lúcifer* — Tornemos a cometê-lo !
Satanás — ¡ Ox ! ¡ Que viene San Miguel
con su espada y su broquel,
para en todo defenderlo
y colgarte de un cordel !

*109v 394. ¡ Bien llevo qué remendar
para diez o doce meses !
¡ Ox ! ¡ Qué tajos e reveses
acostumbran de arrojar
estos santos portugueses !

E acolhe-se.

2.º ATO

Entra a Vila da Vitória, passeando :

399. Como el primer padre Adán
de la culpa fué vencido,
obligado y sometido
a toda pena y afán,
el amor de Dios perdido,

404. quedó el humano sentido
inclinado a todo mal,
envuelto en lo terrenal,
dejando puesto en olvido
el gozo y bien celestial.

*110 409. El Diablo, furioso,
como se vió vencedor,
despertó más su furor,
hecho señor poderoso
del hombre, que era señor.

414. Perdió el hombre aquel valor
que del sumo Dios tenía,
y vencido, obedecía
al Diablo vencedor,
sin contraste ni porfía.

419. ¿Quién os parece que había,
que resistiese al pecado?
¿Quién era tan esforzado,
que no fuese, noche y día,
de la culpa cautivado?

424. Aquel primero bocado
a los vicios fuerza dió,
al hombre flaco dejó.
Él, desnudo y desarmado,
a ellos se sujetó.

429. Y (lo que es peor de todo),
*110v el cielo quedó cerrado,
para que el hombre, formado
de polvo, ceniza y lodo,
no fuese en él aceptado.

434. Pues siendo hecho y creado
a imagen de Dios vivo,
quiso ser preso, cautivo
de la muerte del pecado,
y de su Dios fugitivo.

439. Y aunque el Padre soberano
su Hijo nos envió,
que los cautivos libró,
con su poderosa mano,
y la victoria nos dió,

444. con todo, el hombre quedó
tan grande amigo del mal,
que quiere ser desleal
a Iesú, que lo salvó,
y a su bandera real.

449. ¡ Ay dolor !
¡ Que no hay batallador
*111 que a los vicios guerra dé !
No hay caridad ni fe,
falta el divino temor.
¡ Triste de mí ! ¿ Qué haré ?

Posta de joelhos :

455. A vos, mi Dios, lloraré,
y con suspiros del pecho
justicia demandaré.
Pues "Victoria" me nombré,
que me guardéis mi derecho.

Sentada em uma cadeira :

460. No sabe al que dolerse entristecido,
mi corazón lloroso y congojado,
viendo de todo perderse, en el pecado,
mi pueblo, de muchos vicios ya vencido.

Entra o Govêrno, passeando :

464. Suspiros entranháveis e gemidos,
que são sinais mui certos de tristeza,
combatem gravemente meus ouvidos
e pedem minha ajuda com presteza.

*111v 468. Suspeito (e com razão !) que está torvada
a gente desta terra minha amiga,
e que terá perdida a paz antiga,
por não querer de Deus ser governada.

Vitória, só consigo :

472. ¡ Llorad, sin descansar, mis tristes ojos,
mi pena, mi dolor, mi desventura !
Porque ésta es la más breve y cierta cura,
para dar refrigerio a mis enojos.

476. *Govêrno* — Onde suspiram? Quem chora?
Parece voz de donzela...
Ó! Que matrona tão bela!
Ó! Que modesta senhora!
Quero m' ir haver com ela.

E falando com ela, se assenta:

481. Senhora, vossos gemidos
me fizeram cá chegar.
Quisera vos consolar,
que não sofrem meus sentidos
deixar-vos tanto penar.

*112 486. Vosso honesto parecer,
vossa grave honestidade,
me dão mui claro a entender
que deveis princesa ser
de mui alta dinidade.

491. Dizei-me vosso apelido,
que muito saber desejo.
Não vos torve meu despejo,
porque tenho em mim entendido
que em vós há mais do que vejo.

496. *Vitória* — Gracias os hago, señor,
pues me queréis consolar.
Creo, cierto, sin dudar,
que es grande vuestro valor,
digno de se venerar.

501. Pues que lo queréis saber,
soy la "Villa de Victoria",
cuya dignidad y gloria,
pienso, ya debe de ser
venida a vuestra memoria.

506. Soy antigua en el Brasil.
Mis hijos y moradores
siempre fueron vencedores,
con esfuerzo varonil,
de los indios tragadores.

*112v 511. En mí se plantó la ley
de Dios, que todo creó.
Con su santa fe, alumbró
Iesú Cristo, sumo rey,
los brasiles, que escogió.

516. *Govêrno* — Não debalde, cá em meu peito,
e no ponto que vos vi,
grão crédito concebi,
tendo-vos um tal respeito,
qual sinto dentro de mi.

521. Mas não me tenhais a mal
perguntar-vos, sem engano
(não vos virá disto dano) :
pois que sois de Portugal,
como falais castelhano?

526. *Vitória* — Porque quiero dar su gloria
a Felipe, mi señor,
el cual siempre es vencedor,
y por él habré victoria
de todo perseguidor.

531. Yo soy suya, sin porfia,
y él es mi rey de verdad,
a quien la suma bondad
quiere dar la monarquía
de toda la cristiandad.

*113 536. *Govêrno* — Sei que por essa razão
pretendia vosso povo,
com mui leal coração,
dar-vos um título novo,
com nova governação.

541. *Vitória* — ¡ No ! Que eso fué desconcierto,
mas de buen celo causado,
queriendo, con gran cuidado,
viendo mi Señor ya muerto,
subirme a mejor estado.

–V. 527 — Felipe II de Espanha, célebre pela sua religiosidade.
–V. 539 — Alusão, talvez, a alguma pretendia mudança na época.

546. Quien quiere a su rey honrar,
debe en todo obedecer
al que rige en su lugar.
Esto sólo es acertar,
todo al es ofender.

551. *Govêrno* — Quem o contrário disser,
é dino de pena eterna,
pois Jesus nos manda ser
sujeitos, e obedecer,
como a Deus, a quem governa.

556. Não temos mais que tratar
nisto, por ser evidente,
mas seria mui contente,
se me quisesseis contar
vossas máguas, brandamente.

*113v 561. Ouvindo os vossos gemidos,
tive de vós compaixão.
Qual é, senhora, a razão
de terem vossos sentidos
tanta desconsolação?

566. *Vitória* — Pues mi nombre habéis sabido,
que soy "Villa de Victoria",
por sí se queda entendido
que ser mi pueblo vencido
es afrenta de mi gloria.

571. ¿No os parece, padre honrado,
que es muy justa mi fatiga?
¡ Pues mis hijos hacen liga
y paces con el pecado
y con la serpiente antigua !

576. La soberbia los combate,
la ira, gula y pereza,
la codicia y la torpeza
cada hora le dan mate,
con gran furor y braveza.

581. Mis hijos, sin fortaleza,
siempre se dejan vencer,
sin quererse defender,
y tienen por gentileza,
del mundo cautivos ser.

*114 586. *Govêrno* — Bem sabeis vós que nas guerras,
bem mais val o sapiente
que grande corpo de gente,
que quem vence e ganha terras
é um capitão prudente.

591. Por eu daqui ser ausente,
o vosso povo vencido,
se fôr discreto e sabido,
tenha-me sempre presente.
Tudo lhe será rendido.

596. *Vitória* — Pues dadme vuestro favor,
así os guarde el Padre Eterno.
Y por templar mi dolor,
decidme ¿quién sois, señor?
Govêrno — Sou, senhora, o bom Govêrno.

601. *Vitória* — Cierto, en viendo vuestras canas,
me puse a considerar
que podíeis gobernar
las voluntades humanas,
sin un solo punto errar.

606. *Govêrno* — Destas cãs não façais conta,
porque não basta ser velho.
*114v Bem posso tomar conselho
de mancebo, sem afronta,
e tomá-lo por espêlho.

611. Que quem tem virtude e saber,
seja de qualquer idade,
êste tal terá majestade
para poder bem reger
todo o mundo, com verdade.

616. Moço era Daniel,
mas muitos velhos venceu
em virtude, e converteu
todo o povo de Israel,
e a Susana defendeu.

621. Aquêles envelhecidos,
que falsamente acusaram
a Susana, em que pararam?
De Daniel convencidos,
enfim os apedrejaram.

626. *Vitória* — Muy bien caigo en esa cuenta,
que el saber y la virtud,
aunque sea en juventud,
siempre rigen, sin afrenta,
y son causa de salud.

*115 631. Mas, si la larga vejez
es dotada de esos dones,
por muy más fuertes razones
pueden guiar, sin doblez,
los humanos corazones.

636. Porque la experiencia larga,
con la virtud y prudencia,
siempre dan mejor sentencia:
el justo queda sin carga,
el juez, con reverencia.

641. Y, pues sois el buen "Governo",
pidoos me queráis decir
como se podrán regir,
para escapar del infierno,
mis hijos, y bien vivir.

646. *Govêrno* — Senhora, o bom regimento
nasce de lei natural.
Esta ensina o bem e o mal,
e tem pôsto o fundamento
na suma lei eternal.

651. *Vitória* — Ésa es cosa muy oscura,
que mal puedo yo entender.

*115v *Govêrno* — Bem mostrais que sois mulher . . .
Antes, tôda criatura
o pode mui bem saber !

656. O que ensina a natureza,
não sòmentes o cristão,
mas também qualquer pagão
o conhece, com clareza,
sem lhe pôr contradição.

661. Não sabe qualquer pagão
ser mau ter ódio, matar,
fornicar, adulterar? não tem no manuscrito.
Não lhe diz logo a razão,
ser mau furtar e enganar?

666. *Vitória* — Por cierto que eso negar
seria gran herejía.

Govêrno — Pois ser mau o infamar,
mentir e mexericar,
não é mais claro que o dia?

671. Se vossos filhos guardaram
essa lei tão natural,
não fizeram nenhum mal,
mas todos se governaram
com amor e paz igual.

*116 676. *Vitória* — Es justo el juez divino
en condenar a los malos,
pues que para sí regalos
buscan, y al pobre vecino
quieren siempre dar de palos.

681. *Govêrno* — Porque não dissesse o mundo
esta lei ser mui escura,
Deus, que é fundo, sem fundo,
no seu roteiro segundo
nô-la deu por escritura,

686. escrevendo, com seu dedo,
em tábuas de pederneira,
a nossa lei verdadeira.
Corra por ela, sem mêdo,
todo homem sem cegueira.

691. *Vitória* — ¡ Ojalá quisiesen todos
los mandamientos guardar !
Podrían bien gobernar
sus almas, por lindos modos,
y a los cielos aportar.

696. *Govêrno* — Porque escusa não ficasse,
quis o sumo Deus, Jesus,
*116v nascer e morrer na cruz,
para que participasse
o mundo de sua luz.

701. Êle nos comunicou
sua fé, com luz inteira,
abrindo larga carreira
co'o exemplo, que nos deixou,
para a vida verdadeira.

706. *Vitória* — Es tan grande obligación
la fe, que Dios nos ha dado,
que hacen mayor pecado
los cristianos de nación,
viviendo tã sin cuidado.

711. *Govêrno* — Mui bem haveis apontado,
porque a verdadeira fé
é govêrno descansado.
Quem quer ser bem governado,
faça nela finca-pé.

716. E não cure de doutrinas,
que inventa a maldade humana,
com opiniões peregrinas,
mas apegue-se às divinas,
que ensina a Igreja Romana.

*117 721. Ela, por Deus governada,
nos diz o que crer devemos,
e, bem obrando, esperemos
será nossa alma levada
aonde sempre a Deus gozemos.

726. *Vitória* — Quien tuviere tal Gobierno,
siempre será vencedor.
Govêrno — Queira Deus, Nosso Senhor,
que escapem do fogo eterno,
não perdendo seu amor.

731. *Vitória* — ¿Tenéis más, buen padre viejo,
algo de qué me avisar?
Govêrno — Ainda está por declarar,
segundo vosso desejo,
govêrno particular.

736. Tôda a humana criatura
guarde as regras de seu estado
— o religioso encerrado,
o sacerdote e o cura,
o solteiro e o casado,

*117v 741. o juiz, o v'reador,
ouvidor e capitão,
o meirinho e escrivão,
o escravo e o senhor,
o fidalgo e o peão.

746. Porque estas são leis humanas,
que dependem da divina.
Vitória — Cuádrame vuestra doctrina.
Las almas serían sanas,
con tan buena medicina.

751. Mas, con todo,
¿qué diréis, de este modo,
de nuestras ordenaciones,
que son causa de cuestiones,
y de caer en el lodo
los hombres, con disensiones?

–V. 721 — *aonde*, *onde.

757. *Govêrno* —

As ordenações são boas,
mas muito mal entendidas.
Por isso, são mal regidas
por elas muitas pessoas,
e perdem almas e vidas.

*118 762.

Porque o ignorante e mau
pouco cura da verdade.
Por fazer sua vontade,
vos fará da pedra pau,
inda que a Deus desagrade.

767. *Vitória* —

¡ Oh Gobierno de mi vida,
consejero sin sospecha !
Quiero ser por vos regida,
porque el alma está perdida
del hombre, que os desecha.

772.

Y pues me viene, por vos,
victoria del enemigo,
pidoos, para mi abrigo,
queráis, por amor de Dios,
quedaros aquí conmigo.

777. *Govêrno* —

Isso não, ficai embora,
que só não posso durar
nem fazer muita demora,
pois lançarão daqui fora
quem me ajuda a governar.

*118v 782.

Esperai, logo vereis
uma velha aqui chegar,
que m'ha de fazer calar,
e por aqui sabereis
qual está vosso lugar.

Ficam ambos assentados
e entra a Ingratidão.

787. *Ingratidão* — Arrenego de Calvino,
de Lutero e Lucifer !
Mofina de ti, mulher,
que não fazes, de contínuo,
senão mil caldos mexer.
Quero ver

793. se trago alguma colher
para mexer êstes caldos.
Deixai-vos adormecer
e vereis logo crescer
tantos potes e ribaldos.

Parece ser zotes (no manuscrito)

*119 798. Êles vêm-me cá trazer
ossos de martirizados.
Sim, êsses são meus cuidados.
Eu farei, quanto puder,
que não sejam estimados,

803. porque sou mãe de pecados
e não quero agradecer
quanto bem pode fazer
Deus, com todos seus criados,
e tudo deixo esquecer.

808. Virá cá o Govêrno velho
e quererá dar lições
a êstes meus cidadões,
e que tomem seu conselho
por escapar de cajões,
abusões . . .

814. As minhas ordenações
são as que regem o povo,
e tôdas minhas lições
são que, com ingratidões,
ofendam a Deus de novo.

-V. 813 — Cf. Ia, LII, (17).

819. Venha cá algum escolar
lançar-me da minha terra,
*119v com seus santinhos louvar,
que eu lhe darei tanta guerra
que o faça logo apil'dar !

Senta-se e entra um castelhano do Rio da Prata, por embaixador.

824. *Embaixador* — Grandes nuevas fueron dadas
en el grande Paraguay,
donde fueron pregonadas
muchas reliquias sagradas
de unos santos, que aquí hay.

829. Mas barrunto
que este pueblo, que está junto,
no tiene más devoción
que en cuanto dura el sermón,
y pasándose aquel punto,
luego muda el corazón,

835. y se olvida
de esta merced tan subida,
que le quiso Dios hacer
*120 en estos santos traer,
para dar salud y vida
a todo hombre y mujer.

841. Empero,
él que dijo, no erró,
que los portugueses vanos
se tienen por más que humanos.
Luego dicen : "¡ Mando yo !
¡ Que me besen pies y manos !"

847. Si allá en mi tierra estuviera
este tan rico tesoro,
¿cómo os parece que fuera?
Honrado en toda manera,
y cocido en plata y oro . . .

852. ¡ Cuán corteses, cuán ufanos,
en solemnes procesiones,
salieron los ciudadanos,
con las gorras en las manos,
para ganar mil perdones !

857. Mas en fin, ¡ viva Castilla,
con toda su cortesía !
Pues saber y policía
hay en ella, a maravilla,
y virtud en demasía.

*120v 862. *Ingratidão* — Que diz êste castelhano,
blasonador andaluz ?
Embaixador — ¡ Dios me valga ! ¡ Qué avestruz !
¡ Él me libre de tu mano,
por la Señal de la Cruz !

867. *Ingratidão* — Ferros e talhos d'espada,
disso podeis descansar.
Mas ao tempo do arrancar,
uma velha alcorcovada
basta para o espantar.

872. *Embaixador* — ¡ Ox ! ¡ Qué miedo me pusiste !
No bastará un escuadrón
para hacer lo que hiciste,
porque todo me moviste,
con tu tan fea visión.

877. ¡ Oh, válgame San Francisco !
Penséme que eras dragón,
o aquel bravo cañón,
que se llama basilisco,
o el fiero tarracón.

882. Di, ¿ quién eres ?
Que pienso que de mujeres
no nació tal fealdad . . .
Ingratidão — Mas tu, fanfarrão, que queres ?
És, por dita, algum alferes,
servo de Su Majestad ?

888. Ou és algum capitão,
que na armada cá vieste
para guardar o fogão,
e como forte varão,
pelos matos te escondeste,

893. onde nem Deus, nem o Diabo
te pudessem mais achar?
Embaixador — ¡ No cures de me afrentar
si quisieres, hoy, del rabo
de esta mi espada escapar !

898. Soy un valiente soldado
de la nao, que se quebró,
quando allá en los palos dió,
y yo solo he escapado
de la gente, que murió.

903. Y muy confiado en Dios,
y en el nombre de Jesús,
*121 con mi espada y arcabuz,
pasé por los cariyós
hasta dar en Santa Cruz.

908. De ende allí el adelantado
y los señores de minas
para acá me han enviado,
por la fama, que ha llegado,
de estas reliquias divinas.

913. No sé si en medio Perú
hallarás un tal señor
que se iguale a mi valor.
¡ Y quieres burlarte, tú,
de un tan grave embajador !

-V. 907 — *Santa Cruz* — Citam-se várias: uma, próxima de Reis Magos, atual Nova Almeida, pouco distante de Vitória ; Cardim fala da Vila de Santa Cruz, na Capitania de Pôrto Seguro, junto a um rio navegável (TTGB, 299) ; a Capitania de Itamaracá era chamada "Santa Cruz", como o pôrto em que Cabral desembarcou ; os jesuítas tinham uma "Fazenda de Santa Cruz", em territórios do Rio de Janeiro, pouco distante de São Sebastião. A referência do texto a "senhores de minas" (V. 909), indicando região de minério extrativo, leva a supor que se trate de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. Reforça essa hipótese o V. 913, onde se refere o Peru.

918. *Ingratidão* — E pois, de que te queixavas,
quando andavas passeando,
que tão bravo te mostravas,
e tantos ralhos deitavas
que me estavas espantando?

923. *Embaixador* — ¿No tengo mucha razón
de quejarme de esta gente,
que no tiene devoción,
de todo su corazón,
a mártir tan excelente?

928. ¡Ah, que todo es pleitear
y tratar noches y dias
mil peleas y porfías,
por regir y gobernar
soberbias y fantasías!

933. *Ingratidão* — Olá! Não venhais vós cá
a falar dessa maneira,
que esta gente é mui grosseira.
Olhai! Não faltará
alguma pá de forneira!

938. *Embaixador* — Mas, ¡que me maten mil veces!
Por la justicia morir...
En fin, siempre oí decir
que soberbios portugueses,
o mandar, o no vivir...

943. *Ingratidão* — Fazem bem, que todo homem,
como o mundo agora vai,
há de ser filho de pai,
se quiser ter algum nome
e sair à sua mãe...

*121v 948. Do mau leite, que lhes dou,
vem serem desconhecidos,
ingratos, descomedidos.
Eu sou a que sempre sou
mexedora d'arruídos.

953. *Embaixador* — No sin causa me espantaste
luego cuando te miré.
Dime, ¿dónde te criaste?
¿Eres Satán, y contraste
de toda la santa fe?

958. *Ingratidão* — Bem à mão!
Sou a velha Ingratidão,
que todo mundo cerquei,
tôda a terra conquistei.
Sou mais antiga que Adão,
que em Lucifer comecei.

964. O meu trato
é fazer o povo ingrato
às mercês que Deus lhe faz,
e é por ter comigo paz,
que se me vendem tão barato,
deixando seu Deus atrás.

970. *Embaixador* — De manera que ¿tú has sido
y eres causa del mal?
Yo me hallo arrepentido,
pues, como hombre atrevido,
hablé mal de Portugal.

975. Porque, en fin, son mis hermanos
mis señores portugueses,
muy católicos cristianos,
a quien yo beso las manos
y los pies muy muchas veces.

980. Mas contigo
quiero ser siempre enemigo,
y darte mil mojicones,
y lanzarte a bofetones,
con aquel dragón antiguo,
en sus profundos rincones.

986. *Ingratidão* — Olá, castelhano malo,
que vindes do Paraguai,
sabeis, ora, como vai?
Dar-vos-ei tanto de palo
que peseis de vosso pai.

*122 991. *Embaixador* — El diablo que te lleve,
¡ mala vieja regañada !
Parece que estás preñada,
y que la preñez te mueve
a hacer tanta ensalada.

996. *Ingratidão* — Ox ! Olhai, ó castelhano !
Não vês tu minha barriga ?
Essa é a que me obriga
a procurar tanto dano,
com tanta dor e fadiga.

1001. Tu não sabes que emprenhei
do formoso Lucifer,
quando quis tamanho ser
como Deus, eterno rei,
e ter supremo poder ?

1006. Depois foi meu barregão
e me tomou por amiga
o ingrato padre Adão.
Não vês se tenho razão
de ter tamanha barriga ?

1011. *Embaixador* — ¡ Malhadada !
¿ Tanto há que estás preñada,
y no acabas de parir ?
¿ Qué puede de ti salir
sino alguna sierpe hinchada,
para el mundo destruir ?

1017. *Ingratidão* — Agora me quero rir
de tua grão bobaria !
Não sabes que, cada dia
pairo, sem nunca parir,
com mui estranha alegria ?

1022. *Embaixador* — ¡ Dios del cielo !
¡ Yo juro que, en todo el suelo,
un tal monstruo no se halle !
Tú no tienes ningún talle,
más mirrada que tu abuelo,
¡ y no cabes en la calle !

1028. Pareces mora encantada,
que agora vienes de Argel,
el vientre como tonel,
y la cara ¡ tan chupada
y seca como papel !

*122v 1033. *Ingratidão* — A razão
é porque a Ingratidão
tem uma tal qualidade
que, cheia de maldição,
esgota a fonte e benção
da divina piedade.

1039. O que peca e se conhece,
e chora, como sisudo,
dêle Deus se compadece.
Mas o ingrato não merece
senão que lhe neguem tudo.

1044. *Embaixador* — Ahora te quiero oír,
si de veras me hablares.
Dime ¿qué quiere decir
que empreñas, y siempre pares,
y no acabas de parir ?

1049. *Ingratidão* — Agora vais a caminho.
Ouve, néscio castelhano !
Embaixador — ¡ Vieja, no te dé una mano !
¡ Piensas que soy algún niño ?
Ingratidão — Arre lá, que palaciano !

1054. Ouve. Saberás meu trato
e natural condição.
A primeira emprenhidão
foi de Lucifer ingrato.
A outra, do velho Adão.

1059. Cada vez que peca o mau,
é ingrato ao Criador
e a Jesus, seu redentor,
o qual, pregado em um pau,
quis morrer por seu amor.

1064. *Embaixador* — Según eso, que es tu hado,
si el malo ofende a Iesú,
como ingrato y desalmado,
cuantas veces ha pecado,
tantas veces pares tú.

*123 1069. *Ingratidão* — Sim, mas sempre hei de ficar
prenhe, sem parir de todo,
porque sempre hão de pecar
os homens, por algum modo,
enquanto o mundo durar.

1074. *Embaixador* — ¿No dicen que los pecados,
perdonados una vez,
no serán más castigados?
¿Y serán siempre olvidados
de Dios, que es justo juez?

1079. *Ingratidão* — Assim é, mas o ingrato,
que depois torna a ofender,
a mesma pena há de haver,
porque quebrou o contrato
quando quis ingrato ser.

1084. *Embaixador* — No oímos eso nosotros,
en el Rio de la Plata . . .
Ingratidão — Y aun por eso es tan barata
a maldade entre vós outros,
por ser tua gente ingrata . . .

1089. *Embaixador* — De manera
que eres ¡ grande bachillera !
¿Has deprendido, quizá,
en la ciudad de Alcalá,
de alguna hechicera,
que del reino vino acá?

–V. 1086 — Confusão de línguas. A Ingratidão fala português, não se justifica que o V. 1086 seja em castelhano. Cf. –V. 1118.

1095. *Ingratidão* — Elas aprendem de mim,
que faço grandes sermões
e lhes ensino orações,
que elas semeiam por i,
com muitas superstições.

1100. Enfim, em qualquer pecado,
eu sou sempre a dianteira.
Quem peca, mes que não queira,
me faz sempre gasalhado
ou d'uma, ou d'outra maneira.

1105. Enquanto me não lançar
fora de si todo povo,
bem podes tu perdoar,
que êle nunca há de cessar
de pecar sempre de novo !

1110. *Embaixador* — ¡ Válgame Dios soberano !
¡ Que sierpe tan ponzoñosa !
¡ Fuera de aquí, mala cosa !
*123v *Ingratidão* — Falais vós bem castelhano . . .
Embaixador — ¡ Véte, maldita raposa,

1115. que contigo
nunca el pueblo tendrá abrigo
de estos mártires de Dios !
Ingratidão — ¡ Enhoramala para vós !
Nosso amor é mui antigo.
Sem mim, ficarão mui sós . . .

1121. *Embaixador* — ¡ Juro a tal que has de salir
a poder de cuchillazos !
Que no se puede sufrir,
los portugueses vivir
enredados con tus lazos . . .

1126. *Ingratidão* — O demônio castelhano
procurar por português !
Embaixador — ¡ Cata no te dé un revés,
con esta mi fuerte mano,
que te hienda hasta los pies !

-V. 1118 — Bilíngüe. Cf. -V. 1086.

1131. *Ingratidão* — Que ralhar !
Nesta vila hei de morar
e fazê-la sempre ingrata¡
Embaixador — ¡ Pues juro de trabajar,
de estas reliquias llevar
para el Rio de la Plata !

Entra Vitória e dois companheiros de São Maurício, a favorecer ao Embaixador :

1137. *Vítor* — Hermano, ¿qué disensión
es aquesta, que tenéis?
Embaixador — Señor, ¿y vos no lo veis?
Vítor — Yo vendré, con mi escuadrón,
ayudaros, si queréis.

1142. *Embaixador* — Gran servicio
fuera para San Mauricio,
si, como buen caballero,
fueseis mi compañero,
*124 para hacer un sacrificio
a nuestro Dios verdadero.

1148. Mas, si sois de Portugal . . .
Por dicha, ¿de Castilla?
Vítor — De Mauricio y su cuadrilla,
Víctor, alférez real,
padronero de esta villa.

1153. *Embaixador* — En buen punto sois venido,
para ser mi ayudador,
que, cierto, estoy muy corrido
de una vieja haber podido
escapar de mi furor.

–V. 1137 — Vítor, um dos companheiros de São Maurício, cujo nome a história registou, já não fazia parte da legião tebana quando, em 286, ela foi massacrada. Passando casualmente pelo local, convidado pelos soldados a tomar parte no festim do saque, mostrou-se tão apavorado que despertou suspeitas de ser cristão e foi morto. Cf. V. 1159 e sgs. e A 2, (3).

–V. 1151 — Cf. –V. 1137.

1158. Si yo, con otro, lo hubiera,
con espada y con broquel,
de mis manos tal saliera,
que ya el sacristán pudiera
campanas doblar por él . . .

1163. *Vítor* — Decid, por vuestra salud,
¿quién os tiene así enojado?
Embaixador — La que es raíz del pecado,
que se llama "Ingratitud",
que el infierno ha cá enviado.

1168. *Vítor* — No me diréis ¿para qué?
Que yo, con mi compañia,
luego la castigaré.
Embaixador — Para hacer perder la fe,
que este pueblo vos tenía. . .

1173. *Vítor* — Pues ¿qué queréis que hagamos,
para contentar a Dios?
Embaixador — Ha de ser uno de dos:
o que luego nos partamos
para el Rio, yo y vos,

1178. y llevemos
las reliquias, que tenemos,
de vuestro noble escuadrón,
o que esta vieja matemos,
o siquiera, la lancemos
fuera de aquesta región.

1184. *Vítor* — ¡Mirad, hermano, vuestro celo!
Aunque lo tengo por bueno,
no penséis que es tan ajeno
de justicia, el rey del cielo,
que rige el mundo sin freno.

*124v 1189. Los hombres de vuestro Rio
merecen, por sus pecados,
ser de Dios desamparados,
y que no venga rocío
del cielo, por sus collados,

1194. porque siempre, ensangrentados,
han vivido muchos años,
haciendo tantos mil daños
a los cariyós cuitados,
con robos, muertes, engaños.

1199. El que, colgado en un palo,
murió con tanta paciencia,
aun no mudó su sentencia,
porque vuestro pueblo malo
nunca hizo penitencia.

1204. *Embaixador* — Pues ¿nunca vendrá alguna hora
para su visitación?
Vítor — Dios, de suma compasión,
en quien toda bondad mora,
sabe el tiempo del perdón.

1209. *Embaixador* — Según eso, no quisiera
agora volver allá.
Quiero me quedar acá,
contanto que vaya fuera
esta vieja, que allí está.

1214. *Ingratidão* — Vinde vós cá, bujarrão,
do meu povo me lançar!
Eu vos saberei tòrnar
tão bem, com êste bordão,
que tenhais bem que corar!

1219. *Vítor* — ¡Sus, fuera, vieja perdida!
Y no vuelvas aqui más,
que esta villa, mi querida,
quiere ser agradecida
y tener conmigo paz.

1224. *Ingratidão* — Aonde me hei d'ir? Para o Rio
do Paraguai? Ou da Prata?
Vou-me lá fazer beata...
Embaixador — Mira allá, ¡qué desvario!
¡Ésta es peor que gata!

–V. 1224 — **onde = aonde.*

1229. Yo bien sé
que se ha de quedar en pie,
*125 aunque caiga del tejado . . .
Ingratidão — Pois que cuidas, abobado?
Sempre m'há de guardar fé
êste povo, meu amado.

1235. Eis me vou, mas sem perigo,
que eu darei a volta cedo,
que êste povo é meu amigo.
Embaixador — ¡ Vaya el diablo contigo,
que me has hecho tanto miedo !

1240. *Vítor* — Hermano, quedad acá,
con mi Capitán Mauricio,
pues la vieja ya se va,
y el pueblo agradecerá
este tan gran beneficio.

1245. *Embaixador* — Así espero.
Yo quiero ser compañero
de vuestros hijos amados,
que dejaron los pecados
con corazón muy entero,
pues que sois sus abogados.

Acabam e vão-se, e o Govêrno torna a continuar sua prática com a Vila da Vitória :

1251. Já se foi a encantadora,
que nos veio a perturbar.
Bem podemos rematar
nossa prática, senhora.
Ir-vos-eis a repousar.

1256. Eu tenho dois assistentes,
filhos de Deus, meu Senhor.
Um dêles é o seu Temor,
que governa bem as gentes.
Outro é seu santo Amor.

1261. Sem êstes não pode haver
bom govêrno, nem vitória.

Vitória — Ésa es cosa notoria,
pues ellos tienen poder
para dar triunfo y gloria.

1266. Mas, ¿no habría manera
para poder ser hallados?
*125v ¿Quizá que están disfrazados
debajo de la bandera
de Mauricio y sus soldados?

1271. *Govêrno* — Lá estão bem descansados,
porque os agasalha bem
Mauricio com seus soldados,
que dêles foram levados
à glória, que agora têm.

1276. Pedi vós, com devoção,
verdadeira e grande fé,
a Mauricio Capitão,
que tomastes por patrão.

Vitória — Señor, así lo haré.

Põe-se de joelhos e diz:

1281. ¡Oh mártir, gran vencedor!
Con vuestros seis mil soldados,
alcanzad de mi Señor
que su Temor y Amor
hoy me sean otorgados.

1286. Sin ellos, mi nombre y vida
de "Victoria" vano es.
Pues, venciendo, en la niñez,
agora seré vencida
al cabo de mi vejez.

Entram o Temor e Amor
de Deus e diz o Govêrno :

1291. Ali vêm meus companheiros.
Agora, finca bordão.
Com tão grave capitão
e tão fortes cavaleiros,
vencerás todo esquadrão.

Temor de Deus fala
com o Amor, e diz :

1296. ¿A qué venimos, hermano,
a pueblo tan estragado,
del cual yo fui desterrado,
y vos, como vil gusano,
escupido y desamado?

1301. *Amor de Deus* — Venimos a socorrer
a nuestra querida Villa,
para que pueda vencer
al soberbio Lucifer,
con su infernal cuadrilla.

*126 1306. *Vitória* — ¡Oh señores,
amigos y defensores!
Vengáis mucho enhorabuena.
Temor — ¡Líbreos Dios de toda pena!
Amor — Él, con sus dulces amores,
os haga de gracia llena.

1312. *Vitória* — Señores, ¿quién os echó
de esta mi dulce morada?
Temor — La vida desconcertada
de esta gente, que vendio
la gracia de Dios, por nada.

1317. A mí, que soy su Temor,
temió de tener consigo,
no temiendo el gran castigo
que, con sempiterno ardor,
le dará su enemigo.

1322. *Amor* — Pues a mí, su Amor divino,
locamente desamó,
y el torpe amor abrazó,
con tan grande desatino,
que por él a Dios perdió.

1327. *Govêrno* — Eu, vendo-vos degradar,
também me fui acolhendo,
porque só, sem vós vivendo,
mal podia governar
povo que vive morrendo.

1332. *Vitória* — Mi pueblo bien mereció
ser de la culpa vencido,
pues de sí os desterró.
Mas agora, os pido yo,
sea por vos socorrido,

1337. pues Mauricio,
por singular beneficio
de nuestro Dios, le fué dado,
para ser de él confortado,
en su divino servicio,
y de las culpas librado.

*126v 1343. *Temor* — Vuestros ruegos justos son,
y, pues "Victoria" os nombráis,
es menester que tengáis
este tan fuerte escuadrón
de santos, con que venzáis.

1348. Ellos vencerán la muerte,
con nuestra ayuda y favor,
porque, con temor y amor
sufrieran, con pecho fuerte,
la muerte por su amor.

1353. *Amor* — Si quisiere ser librado
el pueblo de los espantos
del enemigo malvado,
trabaje, con gran cuidado,
de venerar estos santos.

1358. Al principio, con gran celo,
sus reliquias recibió,
mas, ¡ ved cuánto le duró !
Por cierto que¡ es gran duelo
ver cuán presto se cansó !

1363. Y si no, decidme vos,
los que tienen este oficio,
si vienen al sacrificio
que se hace al sumo Dios,
a honra de San Mauricio

1368. Ya se tiene por afrenta
a sus misas asistir.
El que no quiere servir,
mil invenciones inventa,
para de ellas se excluir.

1373. *Govêrno* — Por aí se pode ver
o govêrno e o consêrto
dos que morrem por reger.
Tudo é querer valer.
O demais, fique deserto !

1378. Se, para as cousas divinas,
tão grande descuido há,
nas humanas, que será
quando, nas vontades malinas,
o diabo vento dá ?

*127 1383. *Temor* — Hermana, no os espantéis,
si parece no curar
Maurício de este lugar.
Pues el pueblo, según veis,
cura poco de lo honrar.

1388. Si falta lluvia en la tierra,
y se pierde lo plantado,
es porque el pueblo y senado
hace a Dios continua guerra,
con las armas del pecado.

1393. *Govêrno* — Isso bem está provado,
porque sem condenação
e coração humilhado,
tiram o mártir sagrado
em solene procissão.

1398. Dá Deus chuva, sem tardança,
e crescem as novidades.
E, sem usar de vingança,
mil males da terra lança
e muitas enfermidades.

1403. *Temor* — Pues ¿quién defiende la tierra
de corsarios luteranos?
¿Quién amenaza los paganos
y tapuias de la sierra?
¿Quién les amarra las manos?

1408. ¡Oh furor,
de pueblo tan sin temor!
¡Oh gente desconocida,
que se deja estar caída
en ofensas del Señor,
que les da salud y vida!

1414. Si el pueblo a Dios se convierte
de todo su corazón,
sin duda, por oración
de este ejército tan fuerte,
ganará gracia y perdón.

1419. *Amor* — Conviene que nos reciba
con paces, ambos de dos,
y se espera paz de arriba,
de aquí por delante viva
en temor y amor de Dios.

1424. *Govêrno* — Se quiser ser vosso amigo,
*127v eu convosco ficarei
governando-o sem perigo.

-V. 1399 — *novidades* — a colheita, cf. A 2, V. 96.

1427. *Vitória* — Para que esto se concluya,
y con mis hijos quedéis,
conviene que les habléis.
Ruégoos, como madre suya,
que entrambos le prediquéis.

1432. *Temor* — Movido por vuestros ruegos,
yo les quiero predicar
de los infernales fuegos.
Si de todo no son ciegos,
consigo me harán quedar.

1437. Mas para darles más gusto,
comenzaré en portugués.
Vitória — Ese oficio vuestro es,
que hacéis del malo, justo.
Yo me pongo a vuestros pies.

SERMÃO DO TEMOR DE DEUS AO POVO

~Thema~

1442. *Pecador,*
feito escravo do Senhor,
se do pecado não temes,
do fogo por que não tremes?

Glosa (no manuscrito)

1446. É cousa para pasmar,
homem cego e desalmado,
como dormes descansado,
sem quereres despertar
dêsse sono do pecado !

1451. Como és tão insensível,
que não sentes o furor
da morte, que é tão terrível,
pois és homem corrutível
e cativo *pecador? !*

1456. Não sentes que vais descendo
ao inferno, de corrida?
Homem, fantasma sem vida,
não vês que vives morrendo,
pois tens a graça perdida?

1461. Ó mofino,
*128 de penas eternas digno,
pois te fazes servidor
do pecado, tão sem tino,
deixando o valor divino,
feito escravo do Senhor?

1467. Temes a dor corporal,
foges de qualquer afronta,
e daquele eterno mal
— do bravo fogo infernal —.
não fazes nenhuma conta! ? no manuscrito

1472. Se cometes o pecado
e nada te dóis, nem gemes,
teme que serás queimado,
sempre vivo e sempre assado,
se do pecado não temes.

1477. A cama, em que hás de jazer,
há de ser de fogo ardente.
Bichos que te hão de roer,
os quais nunca hão de morrer,
com bravo ranger de dente.

1482. Do furor do onipotente,
pecador, por que não temes?
Como não choras e gemes,
pois tens a forca presente?
Do fogo por que não tremes?

1487. *Vitória* — Bien parece que sois don
de Dios, el Espíritu Santo,
que, con dulce devoción,
habéis hecho tal sermón,
que a todos nos puso espanto.

1492. Pues su temor hinche todo,
plega la suma bondad
hincha todos, de verdad,
de su temor, por tal modo,
que cumplan su voluntad.

1497. *Temor* — Una parte me ha quedado
para dar fin al combate.
¿Holgaréis que la relate?
Es beneficio doblado,
acabad y dadle mate.

Temor prossegue o sermão :

*128v 1502. *¡Oh qué pena*
será estar en la cadena,
y vivir siempre muriendo,
y morir siempre viviendo!

1506. Si tratases, casa día,
un poco, en tu pensamento,
aquel infernal tormento,
tristeza sin alegria,
pesar sin ningún contento,

1511. hambre sin nunca comer,
y fuego sin luz serena,
sed terrible sin beber,
noche sin amanecer,
¡oh qué dolor¡ *¡oh qué pena!*

1516. Para siempre encarcelado
donde el Diablo te asombre,
donde maldigas el nombre
de tu Dios, que te ha creado,
y te pese de ser hombre,

1521. allí ni la Virgen Madre
jamás te podrá ser buena.
¡Oh qué intolerable pena,
perseguido de tu Padre,
será estar en tal cadena!

1526. La condenación postrera
se llama muerte sin muerte.
Será muerte, de manera
que te deje vida entera,
si te cupiere tal suerte.

1531. Porque siempre has de vivir
fuego eterno padeciendo,
y al eterno Dios no viendo,
has, por fuerza, de morir,
y vivir siempre muriendo.

1536. Mil cuentos de cuentos de años
tu tormento ha de durar.
Cuando podrías pensar
que se acaban ya tus daños,
de nuevo han de comenzar.

1541. Pues deja ya de pecar,
a tu Dios te convirtiendo,
si quieres vida ganar.
Sino, vivo te has de asar,
y morir siempre viviendo.

1546. *Govêrno* — Ouvistes, Vitória honrada,
sermão de tanto vigor?
Quem não será vencedor,
*129 se dêle fordes amada,
vivendo sempre em temor?

1551. Quereis que o divino amor
também pregue à vossa gente?
Vitória — Es cosa tan conveniente
que luego, con grande ardor,
amará al omnipotente.

1556. *Tu Señor*
cayó, vencido de amor,
sobre un palo.
Esto tuvo por regalo,
porque seas vencedor.

1561. ¡ Oh amigo pecador !
Mira bien, si tienes ojos,
que te mira el Creador,
con ojos de inmenso amor,
olvidando sus enojos.

1566. Ámalo, que el ser amado
para él es gran sabor.
Hónralo, que tu valor
consiste en ser venerado
de ti, siervo, *tu Señor.*

1571. Has de amarlo como al Padre,
que ser inmortal te dió,
y a sus pechos te crió
con amor más que de madre,
pues pecaste y te sufrió.

1576. Con su óleo ungido fué,
para luchar con fervor,
y aunque era buen luchador,
dándole amor un traspié,
cayó, vencido de amor.

1581. ¡ Oh amor, cuánto pudiste,
pues pudiste a Dios matar !
¡ Oh hombre, cuán mal supiste,
cuando tal Dios ofendiste,
tal amor a Dios pagar !

1586. Si quieres agora amar,
aunque de antes fueses malo,
luego te vendrá abrazar,
con los brazos, que estirar
por ti quiso, *sobre un palo.*

*129v 1591. Amor te piden sus llagas,
sus azotes, sus espinas.
Aunque todo te deshagas,
si no amas, nada pagas
a sus entrañas divinas.

1596. Por que ames, quiso ser
tenido por hombre malo.
La honra y vida perder,
y tal muerte padecer,
esto tuvo por regalo.

1601. Si pecas, a Dios no amas.
Ama siempre, y vencerás
Mundo, Carne y Satanás,
y, pues "cristiano" te llamas,
no te dejes vencer más.

1606. Lo que vives y has vivido,
pierdes por falta de amor.
Con amor serás unido
al que fué de amor vencido,
porque seas vencedor.

1611. *Vitória* — Ya agora estoy consolada,
y con grande confianza,
que mi pueblo hará mudanza
de la vida mal gastada,
fundada en falsa esperanza.

1616. Ya agora, el mártir Mauricio,
con su escuadrón valeroso,
habrá del divino esposo
que, en su divino servicio,
lo haga muy animoso.

Fala ao povo :

1621. Hijos mios muy amados
y mi gloria,
soy la Villa de Victoria,
vuestra madre.
Al sumo y eterno Padre
tened siempre en la memoria.

1627. Su Temor y Amor divino,
con el prudente Gobierno,
estén con vos de contino,
y siempre iréis a camino,
venciendo todo el infierno.

Fala aos três :

1632. Señores, ya bien podéis
ser aquí mis moradores . . .
*130 *Govêrno* — . . . e perpétuos defensores.
E vossos filhos vereis
ser conosco vencedores.

1637. *Vitória* — Guardemos este tesoro,
que el sumo Dios me envió,
más refinado que el oro,
con el cual, espero yo
ser libre de todo lloro.

1642. *Amor* — ¡ Enhorabuena !
¡ Venga alguna cantillena,
con suave melodía,
con que crezca el alegría
de que está vuestra alma llena,
en este solemne día !

1648. *Vitória* — ¡ Suene la harpa
con que Lucifer se carpa,
y su cuadrilla !
Niño llama la capilla
para gloria
de estos santos, que victoria
darán siempre a nuestra villa.

3.º ATO

Aqui vieram quatro, com uma tumba,
para levarem a santa cabeça.

1655. *1.º* —

Ó cabeça esmaltada
com ouro da fortaleza,
com o sangue adornada
e de martírio coroada,
linda mais que a lindeza.

1660. *2.º* —

Mártires celestiais,
ide-vos à sepultura,
que não vos será escura,
pois com nosso rei reinais
em glória, paz e doçura.

*130v 1665. *3.º* —

Ó quão doces são agora
os trabalhos padecidos
por Cristo! E quão erguidos
são aquêles que, outrora,
padeciam ser vencidos!

1670. *4.º* —

Êste é, irmãos amados,
o fim em que vão parar
aquêles que, por guardar
de nosso Deus os mandados,
se deixam martirizar.

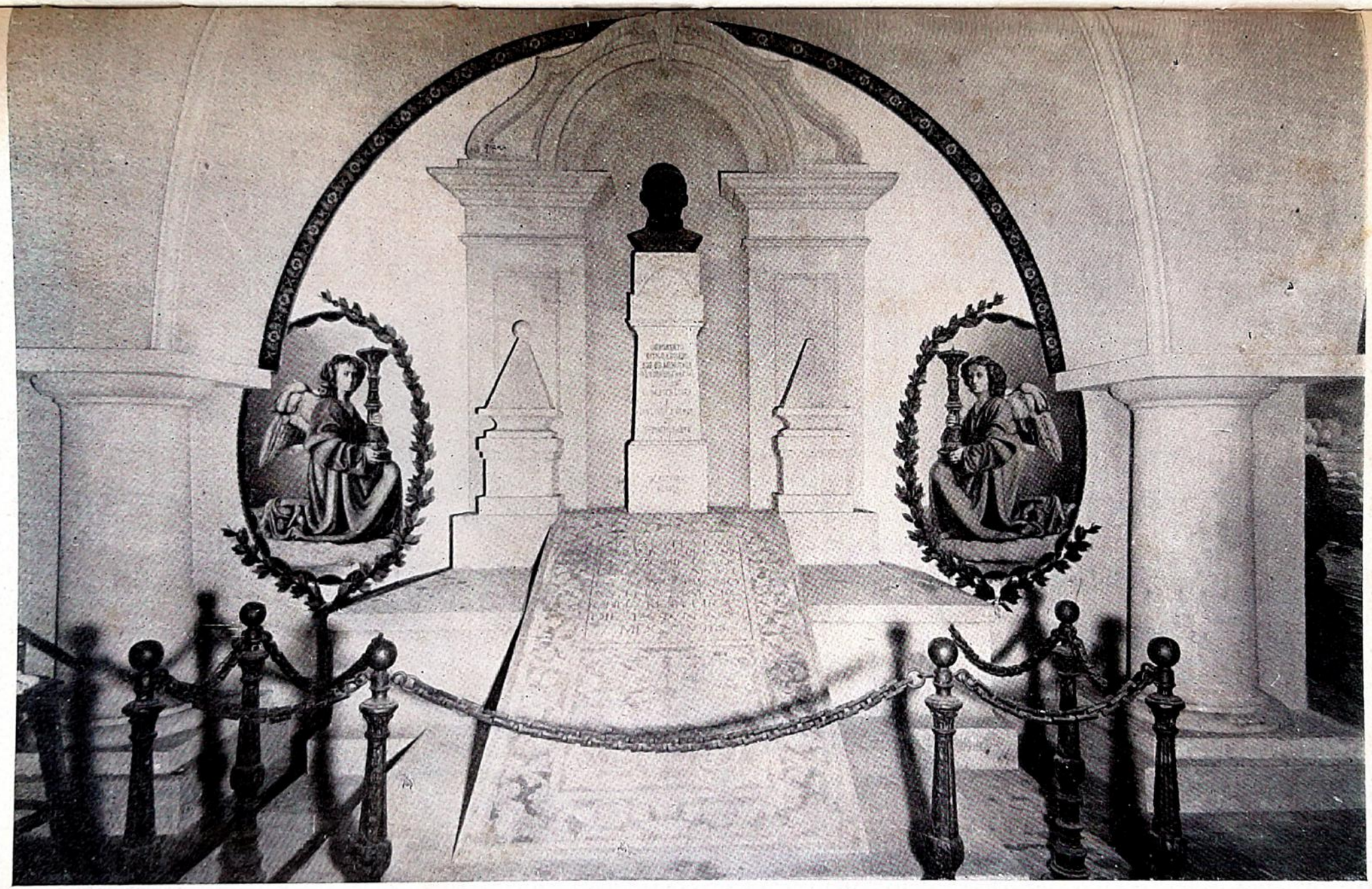


Fig. 21

A lápide de Anchieta, conservada no Palácio do Govêrno de Vitória, no Espírito Santo, em compartimento reservado e recentemente decorado.

E 6 — veja observação na página 595.

DANÇA DOS REIS (1)

*173 1. *1.º* —

Jandé Jára ariré
mamó suí Réia rúri,
serobiakatuábo ñe.
Ojetanónga ixupé
imbaérama rerúri.

6. *2.º* —

Réia, añé, ko ar, ijára
pitangĩ supé oú.
Osausubeté katú,
opyápe, omoñangára.

10. *3.º* —

Ndeiteé, miausubetá
ikó ára momoránga.
Rejýia sekó poéra ánga, veja recopoeraanga
Tupã resé ojerobiá.

veja página 324 verso 12

14. *4.º* —

Ixé sesé guiporandúpa.
Xe róka suí ajú.
Añemoesaingatú,
miausubeté rausúpa.

---

1. À procura de Nosso Senhor
vêm de longe os Reis,
seus fiéis.
Para ofertarem a êle
trazem suas prendas.

6. Na verdade, os Reis, neste dia,
a seu senhor meninozinho vêm.
Êles amam muito,
em seu coração, o seu criador.

10. Assim, os escravos
aqui estão celebrando a data.
Deixando os hábitos antigos,
agora acreditam em Deus.

14. Por isso estou recitando.
Vim de minha casa.
Estou muito alegre
e amo os escravos.

substituia? substitutiva?

(1) — Ia, LXXV. Provàvelmente substituiva da dança que figura em D 17, VV. 46-86, mas muito semelhante à dança de E 2 b, VV. 437-496.

18. *5.º* —

Xe naiupotári biã,
karaíba moabaitébo,
memé ñe moxý jandébo,
marã eỹ memoãmemoã.

22. *6.º* —

Ndaéi memé jepí,
jandé repiáka serã :
"Iporangeté kunumí
miausubambuerĩ, mã !" ?

26. *7.º* —

Como nos vêem pequeninos.
dançadores e gaiteiros,
logo dizem os malinos :
"Ó ! Que bonitos meninos
para ser nossos boieiros !"

30. *8.º* —

Taté, taté, kunumí,
nandenupãi karaíba !
Iñemoyrondoá, moxý.
Noipetéki nde atýba,
guerekó aíba ri !

*173v 36. *9.º* —

Jabaíb aipó ñeénga
taujeté tiañemboí.
Tiñyrongatú korí
jandébo pindá meénga.

40. *10.º* —

Xe Jesus angaturáma,
ixý Maria ri be,
aporaséi potá ñe,
xe ánga rekobé rama
toimeéng guijábo e.

---

18. Eu não queria vir,
temendo os brancos,
sempre maus para nós,
mesmo sem guerra traiçoeiros.

22. Não dizem tôdas as vêzes,
se nos vêem :
"Ai, que bonitos meninos
para serem escravizadozinhos ? !"

30. Cuidado, cuidado, garoto,
para que os brancos não te batam !
Êles são irritáveis, maus.
Não vão te esbofetear,
conforme é seu mau costume !

36. Essas palavras ameaçadoras
depressa se desvanecerão.
Êles hoje serão bondosos
e nos darão anzóis.

40. A meu Jesus virtuoso
e a Maria, sua mãe,
eu quero cantar,
vida eterna à minha alma
dizendo que dêem.

RESUMO

Contém textos poéticos de um caderno de Anchieta, parcialmente em autógrafo seu.

O manuscrito original pertence aos Arquivos da Companhia de Jesus. O exame dos textos e sua publicação, iniciados na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, foram concluídos na Secção de Documentação Lingüística do Museu Paulista.

O trabalho compreende duas partes distintas: na primeira, reproduzem-se os textos em edição diplomática, restituídos versos já arruinados pelo tempo, acompanhando-os, página por página, sua reprodução facsimilar. Na segunda, repetem-se os mesmos textos, distribuídos em cinco grupos: textos em português, castelhano, latim, tupi e polilíngues. Constituem peças poéticas ordenadas, modernizadas na pontuação e ortografia, completadas as suas indicações, comentadas e, tanto quanto possível localizadas no tempo e no espaço, nas suas interligações e no seu significado histórico. As partes em latim e tupi são acompanhadas de tradução portuguêsa. Ilustrações documentais seguem os textos.

Fig. 22

Anchieta — tela existente em Tenerife, sua terra natal.

P.e JOSEPH DE ANCHETA NATURAL D TENERIFE DESCENDIENTE D GUIPUZCOA APOSTOL DL BRASIL MURIO EN RERITIVA A 9 D JUNIO 1597. ETATIS 64. DESCANSA EN LA BAYA.

PUBLICAÇÕES DA SECÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO LINGÜÍSTICA

1 — *José de Anchieta* — AUTO REPRESENTADO NA FESTA DE SÃO LOURENÇO. Peça trilíngüe do séc. XVI, transcrita, comentada e traduzida, na parte tupi, por *M. de L. de Paula Martins.* 1948. São Paulo. Brasil.

2 — *C. Monteiro* — VOCABULÁRIO PORTUGUÊS-BOTOCUDO — Organização, prefácio e notas de *M. de L. de Paula Martins.* 1948. São Paulo. Brasil.

3 — *José de Anchieta* — NA VILA DE VITÓRIA E NA VISITAÇÃO DE SANTA ISABEL — Peças em castelhano e português, do séc. XVI, transcritas e comentadas por *M. de L. de Paula Martins.* 1950. São Paulo. Brasil.

COMPOSTO E IMPRESSO PELA
IND. GRÁFICA SIQUEIRA S. A., NO ANO
DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE
S. PAULO. — 1954